

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS IPORÁ



**ANAIS DO III CONGRESSO DE
EDUCAÇÃO DO CÂMPUS DE
IPORÁ**

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Haroldo Reimer - **Reitor**

Valcemia Gonçalves de Sousa Novaes - **Vice-Reitora**

Maria Olinda Barreto - **Pró-Reitora de Graduação**

Ivano Alessandro Devilla - **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Danúsia Arantes Ferreira Batista de Oliveira - **Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos**

Estudantis

Sueli Martins de Freitas Alves - **Pró-Reitora de Planejamento, Gestão e Finanças**

Marilda de Lima Oliveira Ferreira - **Diretora da Unidade Universitária de Iporá**

AGRADECIMENTOS

À direção da Unidade Universitária de Goiás;

Aos monitores

C749 Congresso de Educação da Unidade Universitária de Iporá (3.: 2013: Iporá, GO)

Anais [recurso eletrônico] / III. Congresso da Educação da Unidade Universitária de Iporá; Eliézer Pires Ferreira, Guilherme Figueira Borges, Thalitta F. De C. Peres (organizadores). - Iporá: Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Iporá, 2013.

722 p.

Modo de acesso: <<http://www.anais.ueg.br/index.php/congressoeducacaoipora/index>>

ISSN: 2238-8451

1. Educação - Eventos. 2. Pesquisas. I. Universidade Estadual do Goiás. II Unidade Universitária de Iporá. III. Título

CDU: 37(817.3)

OBS: Todos os resumos deste caderno foram elaborados por seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à comissão organizadora do evento.

APRESENTAÇÃO

As inúmeras discussões e reflexões coletivas na Unidade Universitária da UEG de Iporá culminaram na proposta de que o Congresso de Educação, em sua terceira edição, abarcasse também o Seminário de Estágio e o Encontro do Pibid. Nesse sentido, o evento proposto acontecerá no período de 28 a 30 de novembro de 2013, intitulado III Congresso de Educação, IV Seminário de Estágio e I Encontro do Pibid, sob a temática “Paradigmas da Profissão Docente”.

O evento se propõe a ser espaço de estudos, reflexões, intercâmbios, de construção de novas aprendizagens do fazer pedagógico e, conseqüentemente, da profissão docente.

Professores universitários, acadêmicos, professores da educação básica, bem como pessoas da comunidade iporaense e regional interessadas em ampliar seus conhecimentos relativos à formação docente constituirão a clientela desse evento que contará em sua programação com Palestras, Mesa de Debate, Relato de Experiências, Comunicações Coordenadas, Grupos de Trabalhos (GTs), Exposição de Posters e Apresentações Artísticas e Culturais.

Para a construção da programação do evento optou-se pela busca de aprendizagens advindas dos ensinamentos de pesquisadores de renome nacional, dos projetos de ensino, pesquisa e extensão, bem como dos projetos de estágio supervisionado e do programa institucional de bolsa de iniciação à docência-Pibid, desenvolvidos na instituição.

Ângela Maria L. Ferreira Moura

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

PROGRAMAÇÃO

> Dia 28 de novembro de 2013:

Local: Espaço Verde

- 13h às 16horas: Entrega de materiais
- 19h15min. : Apresentação cultural
- 19h30min. : Abertura
- 19h45min às 22horas:

Palestra: **“Formação de professores e condição docente”**.

Prof. Ph.D. João Valdir Alves de Souza– UFMG

> Dia 29 de novembro de 2013:

Local: UEG – UnU Iporá

- 8h30min às 11horas: **Relatos de Experiências e Comunicações Coordenadas**

Apresentações dos *Relatos de Experiências* (Subprojetos do Pibid, Projetos de Pesquisa e Extensão desenvolvidos) e *Comunicações Coordenadas* (Resumos Expandidos e Artigos do Estágio Supervisionado).

Local: UEG – UnU Iporá

- 13h 30min às 17horas: **Grupos de Trabalhos – GTs**

Temas:

01. *Tecnologias educacionais na sala de aula;*
02. *Práticas de ensino na vivência da escola campo;*
03. *Pesquisa-ação como proposta de formação;*
04. *Direitos Humanos: diversidade e multiculturalidade no processo de ensino aprendizagem;*
05. *Formação de professores: impasses e avanços;*
06. *Formação de professores: perspectivas da escola campo;*
07. *O PIBID e suas contribuições na formação docente;*
08. *Universidade e egressos: uma relação a ser fortalecida;*
09. *A constituição dos sujeitos na formação de professores.*

Local: Espaço Verde

- 19 horas : Apresentação cultural
- 19h 30min às 22horas:

Mesa de Debate: **“PET, PIBID e ESTÁGIO: alicerces para a formação docente?”**

Prof. Ms. Valter Gomes Campos - UEG

Prof. Ms. Walney José da Silva – PUC

Coordenadora da Mesa : Profª M.a Maria Olinda Barreto - UEG

> Dia 30 de novembro de 2013:

Local: Espaço Verde

- 08h às 10horas:

Palestra: **“Formação de professores: complexidade e transdisciplinaridade”** .

Profª M.a Marilza Vanessa Rosa Suano – PUC

- 10h às 11 horas: **Visitação aos Posters.**



SUMÁRIO

A CARÊNCIA MOTIVACIONAL NA IMPLEMENTAÇÃO DE NOVAS METODOLOGIAS NA PRÁTICA ESCOLAR	17
ADAPTAÇÃO DO JOGO TETRIS PARA O ENSINO DA TABELA PERÍODICA...	25
A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR E A CONTEXTUALIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA NA SALA DE AULA.....	31
A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA/FAMÍLIA: DESAFIOS DA ATUALIDADE	37
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	43
A INFLUÊNCIA DE AULAS PRÁTICAS NO PROCESSO “ENSINO APRENDIZAGEM” EM BIOLOGIA.....	49
A PADRONIZAÇÃO DE ANALOGIAS NO ENSINO DE MODELOS ATÔMICOS NOS LIVROS DE QUÍMICA PARA ENSINO MÉDIO	55
AS NECESSIDADES BÁSICAS PARA QUE O EDUCADOR PROPORCIONE AOS SEUS ALUNOS UMA FORMAÇÃO ADEQUADA ÀS EXIGÊNCIAS DO SÉCULO XXI E A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR.....	61
AS RELAÇÕES ENTRE AS VIVÊNCIAS DO COTIDIANO E O ENSINO APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA E AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A COMPREENSÃO DESTAS RELAÇÕES	67
AVALIAÇÃO DO PROJETO RECREIO DIRIGIDO POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	73
CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO SOBRE “ENSINO DE CIÊNCIAS POR INVESTIGAÇÃO”.....	81
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA RELEVÂNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO CURSO DE GEOGRAFIA.....	88
ESTÁGIO: TÉCNICA PARA O DESENVOLVIMENTO DOCENTE, ATRAVÉS DA REALIDADE (PRÁTICA)	95



INCLUSÃO ESCOLAR: LIMITES ENTRE O IDEAL E O REAL	105
LUDICIDADE: UMA PRÁTICA DE ENSINO, SENDO VIVENCIADA NAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	110
O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR DE GEOGRAFIA.....	120
OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	128
O USO DO COMPUTADOR E DA INTERNET E COMO CATALIZADORES DO CONHECIMENTO	135
PLANEJAR É PRECISO	142
UEG NO AR.....	148
A DESMOTIVAÇÃO DO PROFESSOR FRENTE À ROTINA PEDAGÓGICA.....	153
AS ANGÚSTIAS DOS PROFESSORES MEDIANTE A AUSÊNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLA.....	158
ANALFABETISMO FUNCIONAL: ENTRAVE DENTRO E FORA DA ESCOLA.	164
AS LIMITAÇÕES DO PROFESSOR FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS.....	170
AVALIAÇÃO SUBSTITUTIVA: BENEFÍCIO OU MALEFÍCIO?	175
A MÚSICA E SUA INFLUÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA.....	181
AS METODOLOGIAS DOS PCNS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E A REALIDADE VIVENCIADA EM UMA ESCOLA CAMPO DE ENSINO MÉDIO DE IPORÁ GOIÁS.....	187
FUNCIONAMENTO E APRENDIZAGEM: LINGUAGEM, LETRAMENTO E O PORTUGUÊS PARA SURDO NA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO	193
LEITURA: UM DOS GRANDES DESAFIOS DO ENSINO	199
MÚSICA E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.....	203
O PAPEL DO PROFESSOR COMO MOTIVADOR NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA	217
OS PERCURSOS TRILHADOS PELOS FUTUROS PROFESSORES.....	225
A COMPREENSÃO DO ALUNO EM RELAÇÃO ÀS ATITUDES DE VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	235
A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA.....	241



DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NO CHÃO DAS ESCOLAS: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	247
ESCOLA CAMPO	252
ESCOLA E FAMÍLIA: PARCEIRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO	258
O ENSINO DE HISTÓRIA: E A INTEGRAÇÃO COM AS MÍDIAS E TECNOLOGIAS	264
UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM 2013	273
ATUAÇÃO DO LICENCIANDO NA REALIDADE ESCOLAR: A PERSPECTIVA DO REGENTE NO ENSINO DA MATEMÁTICA	278
ATUAR PARA MELHORAR O MUNDO: RECICLAGEM E MEIO AMBIENTE	294
INDISCIPLINA EM SALA DE AULA: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO	304
AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES EM UTILIZAR AS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA	318
A PRÁTICA DE MODELAGEM: EXPERIÊNCIA COM A CONSTRUÇÃO DE MODELOS CELULARES COMESTÍVEIS	332
A SÍNTESE DE PROTEÍNAS NA CONCEPÇÃO DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA CAMPO: AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	343
A VISÃO DOS ESTAGIARIOS DO 4º ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS SOBRE ATUAÇÃO PROFESSORES DE CIÊNCIAS E O PARADIGMA DA INTERDISCIPLINARIDADE	355
ENSINO APRENDIZAGEM DE BIOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	371
ESTÁGIO E A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL	384
DANDO ASAS À GEOMETRIA	396
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AGORA? CONCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS DO 3º ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS SOBRE A FASE DE OBSERVAÇÃO DA ESCOLA-CAMPO	408
FORMANDO PROFESSORES: DIZERES, ENTENDERES, DÚVIDAS E ANGÚSTIAS DE ACADÊMICOS EM FORMAÇÃO INICIAL – O CASO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	422



IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: VIVENCIAR E REFLETIR A PRÁTICA.....	437
ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA DO EFEITO DOPPER.....	451
IMPORTÂNCIA DO USO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	468
INVESTIGAÇÃO SOBRE EXISTÊNCIA DA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS CAMPO DE ESTÁGIO, DE ACORDO COMA VISÃO DOS ESTAGIÁRIOS DO 4º ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	479
ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: REFLEXÕES E PENSAMENTOS A RESPEITO DA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA NO COTIDIANO EDUCACIONAL.....	490
O COTIDIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EDUCAÇÃO E TRANSDICIPLINARIDADE.....	499
O MUNDO MARAVILHOSO DOS FUNGOS: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA NO PIBID	511
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE MATEMÁTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL	520
PIBID: A EXPERIÊNCIA NA SALA DE AULA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA.....	537
PORQUE OS ALUNOS NÃO SE INTERESSAM PELA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA.....	551
O USO DE AULAS PRÁTICAS EM SALA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO.....	562
O USO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO SUPORTE DIDÁTICO PARA O ENSINO DOS CONCEITOS DE TEMPO ATMOSFÉRICO E CLIMA.....	575
SEXUALIDADE: QUESTÕES DE GÊNERO- UM RELATO DE EXPERIÊNCIA..	587
UM OLHAR SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE BIOLOGIA EM COLÉGIOS PÚBLICOS DE IPORÁ-GO	598
A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM.....	613
PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO ESCOLAR DA MODERNIDADE LÍQUIDA.....	625



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO COMO FATOR NECESSÁRIO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	637
A RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA ..	651
COMO TRABALHAR POESIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	661
DA TEORIA À PRÁTICA.....	669
ENQUANTO APRENDIZ: ALUNO/ESTAGIÁRIO, DOCUMENTOS, REALIDADE, UM NOVO OLHAR PARA O ENSINO	682
ENSINAR E APRENDER EM SALA DE AULA A PARTIR DA ABORDAGEM COMUNICATIVA.....	695
ESTAGIÁRIO, FRENTE À OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	705
ESTÁGIO: DIAGNÓSTICO CRÍTICO-REFLEXIVO DA ATUAÇÃO PEDAGÓGICA	716
LEITURA: UM HÁBITO A SER MOTIVADO EM SALA DE AULA	727
MÚSICA E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.....	737
OS PERCURSOS TRILHADOS PELOS FUTUROS PROFESSORES	751
A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM.....	761



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Caderno de Resumos

Expandidos



A CARÊNCIA MOTIVACIONAL NA IMPLEMENTAÇÃO DE NOVAS METODOLOGIAS NA PRÁTICA ESCOLAR

CARLINDO, Sabrina Silva¹; OLIVEIRA, Divino José Lemes de²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade e Iporá-GO

¹sabrinacarlindo@hotmail.com; ²zezinhopj@yahoo.com.br

RESUMO: A motivação educacional, de modo generalizado, consiste em uma relação direta com o nível de aprendizagem dos alunos. Assim a motivação estabelece algumas interferências no sentido de buscar fatores estimulantes que promovam um processo de ensino aprendizagem com a capacidade de modificar o comportamento e as ações das pessoas. Assim esse trabalho tem como objetivo relatar a falta de criações metodológicas inovadoras no âmbito escolar, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, sendo um estudo realizado por meio dos processos de observação e semirregência realizados no Estágio Supervisionado I do Curso de Geografia da UEG, UnU de Iporá-GO, na Escola Estadual Israel Amorim e no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima na cidade de Iporá-Goiás.

Palavras chave: Motivação, Aprendizagem, Metodologia.

INTRODUÇÃO

A partir das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado I, do Curso de Geografia da UEG, UnU de Iporá que nessa fase se limita a um trabalho de observação e semirregência, percebe-se que gradativamente as escolas do século XXI sofrem um grande problema no processo de busca de inovações metodológicas que possibilitem maior motivação por parte dos alunos, através de aulas expositivas. Essas experiências, consequentemente, permitem apresentar métodos que consigam prender a atenção e estimulem a interação e participação de forma mais significativa e generalizada das aulas aplicadas.

Entretanto, para modificação ou reformulação comportamental no ambiente escolar, a escola como um todo (alunos, professores e coordenação, enfim todo corpo docente e discente que caracterizam um centro de ensino), precisa conscientizar-se de que não estão somente ministrando aulas, ou aplicando teorias dispersas, mas sim que estão gerando o futuro de nosso país, formando cidadãos críticos, transformadores e atuantes na sociedade.



O processo de aprendizagem possui diversos fatores e possibilidades inerentes às formas de aprender e querer aprender. Ao aprender, o indivíduo estabelece de forma única, conceitos e valores que se constroem por meio de significados, experiências e interações contínuas na medida em que a transformação e as necessidades ocorrerem. Sendo assim, A aprendizagem está em constantes transformações e é preciso que se acompanhem as mudanças no conhecimento para que não se envelheça com ele. (CHALITA, 2001 p, 193.)

Dessa forma, é sempre necessário que os professores utilizem metodologias heterogêneas e inovadoras que possibilitem uma interação entre alunos, conteúdo e cotidiano. Portanto, os educadores possuem total autonomia para escolher e diversificar o método educacional aplicado.

Assim esse trabalho tem por objetivo apontar as principais falhas quanto ao aspecto motivacional dos professores em trabalhar com metodologias inovadoras e com isso caracterizar também algumas alternativas de métodos que possam melhorar a aplicabilidade dos conteúdos em sala de aula, ocasionando assim uma melhor relação de convivência entre professores e alunos. Portanto a presente pesquisa se faz presente na ramificação da geografia humana, mas especificadamente com seus objetivos na área da educação, tornando-se assim um estudo bibliográfico que poderá ser útil em futuras pesquisas a serem desenvolvidas na área.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Israel Amorim com alunos de 5º ao 8º ano do Ensino Fundamental e no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima, já com alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio. No primeiro instante foi feita uma apresentação dos acadêmicos do terceiro ano do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, UnU Iporá, ao corpo docente das escolas campo. Em um segundo momento os acadêmicos conheceram a estrutura física das escolas campo. No decorrer da realização do estágio os acadêmicos tiveram contato direto com as turmas, quando observaram o andamento de algumas aulas de geografia, e também os auxiliaram nas atividades complementares juntamente a coordenação (confeção de materiais para lembranças em datas comemorativas, como dia das mães, e também auxílios na parte decorativa na área física da escola para comemorações de datas, como festa junina e



amostra cultural), lembrando que essas etapas foram realizadas em ambas as escolas onde foi realizado o Estágio Supervisionado I.

A metodologia empregada na realização desse trabalho foi o embasamento teórico, revisões bibliográficas que abordam essa temática, fazendo uso de autores como, CHALITA (2001), RANGEL (2005), ZAGURY (2006), PIMENTA (2005 e 2006), LIMA (2006) dentre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Estágio Supervisionado tem papel fundamental na licenciatura, pois serve para se constatar se o acadêmico licenciado pode e/ou tem a capacidade de se colocar frente aos desafios da sala de aula, se o acadêmico está, necessariamente, pronto para se transformar de aluno a professor. O estágio é o eixo central na formação de professores, pois através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia. (PIMENTA e LIMA, 2004, p 103)

O Estágio Curricular Supervisionado proporciona um momento único de aproximação do acadêmico com a realidade escolar, onde o aluno, futuro professor, poderá praticar as teorias absorvidas ao longo do curso, buscando estabelecer sempre uma relação entre a teoria e a prática. Esse instante de convivência no âmbito escolar se torna o momento certo de conhecer o ambiente em que futuramente estará atuando.

De acordo com PIMENTA (2006, P, 63.) não se deve,

[...] colocar o estágio como o polo prático do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será consequente a teoria estudada no curso, que por sua vez, deverá se constituir numa reflexão partir da realidade da escola pública [...]

Nesse primeiro momento do estágio o aspecto a ser observado foi a estrutura física das escolas, que consiste numa ligação direta com a aprendizagem. A boa qualidade da área física da escola, como salas e pátio bem divididos proporcionam melhor desempenho das aulas e aplicabilidades de atividades extras sala, melhorando assim o nível de aprendizagem dos alunos.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Na escola estadual Israel Amorim, observou-se esse problema de falta de área física, pois com todas as salas super lotadas, as aulas de apoio e reforço acontecem no próprio pátio da escola por não terem salas próprias para a aplicabilidade dessas atividades. Já no colégio Osório Raimundo de Lima, eles não compartilham desse problema, pois possuem uma área física suficiente a práticas e realizações de atividades extra-salas, porém algumas das salas possuem má conservação física, mas nada que comprometa diretamente o nível de aprendizagem dos alunos.

Por tanto decorrentes a essas observações, foram verificados que os dois ambientes escolares possuem déficits em estrutura ou no não aproveitamento do espaço físico, materiais pedagógicos e tecnológicos. No entanto estabelece uma heterogeneidade na formação capacitacional do corpo docente, sendo de acordo com a especialidade do ensino, mesmo sendo duas unidades de ensino público, como representado nos dois quadros abaixo.

Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima				
Nº. de salas de aula	Quantas turmas em cada turno	Espaço de convivência	Equipamentos disponíveis que interfiram na motivação dos alunos	Formação/capacitação dos professores da escola
10	Matutino: 06	02 quadras de esporte com vestiário	04 televisores	25 professores se caracterizando assim:
	Vespertino: 06	Patil	02 retro projetores	02 mestrandos
	Noturno: 04	Saguão	03 DVD	21 pós-graduados
		Biblioteca	06 computadores	02 graduados
			06 impressoras	
			03 sons portáteis	
FONTE: informações obtidas juntamente a coordenação da instituição de ensino.				



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
 28 a 30 de novembro de 2013
 ISSN: 2238-8451

Escola Estadual Israel Amorim				
Nº. de salas de aula	Quantas turmas em cada turno	Espaço de convivência	Equipamentos disponíveis que interfiram na motivação dos alunos	Formação/capacitação dos professores da escola
09	Matutino: 09	01 quadra de esporte	02 televisores	30 professores se caracterizando assim:
	Vespertino: 09	Laboratório de informática	03 retro projetores	Todos os 30 contendo apenas graduação
		Patil	02 DVD	
		Biblioteca	22 computadores	
			02 impressoras	
			02 sons portáteis	
FONTE: informações obtidas juntamente a coordenação da instituição de ensino.				

Nesse processo a falta de estrutura e recursos pedagógicos interfere diretamente no processo de ensino aprendizagem. No qual professores e alunos se sentem desmotivados e perdem o compromisso e a vontade do aprender a aprender.

As experiências vivenciadas no estágio são muito gratificantes e importantes, pois ajudam os acadêmicos a entenderem como funciona na prática a rotina escolar, e a repensarem sobre as necessidades e dificuldades que afetam o ensino, além disso, essa fase de observação do Estágio Supervisionado I torna-se base para a segunda etapa que é o Estágio Supervisionado II, quando se realiza a regência, num contato mais direto e atuante na sala de aula.

O Estágio Curricular Supervisionado tem por objetivo colocar o futuro profissional frente a sua realidade de trabalho, que é a sala de aula, quando o acadêmico poderá presenciar a realidade e diversidade cultural que existem numa rede de ensino.



Portanto nesse ano de 2013 os acadêmicos tiveram contato direto com as duas escolas e destacaram alguns conteúdos aplicados. Na escola estadual Israel Amorim foi trabalhado com os alunos do Ensino Fundamental sobre o estado de Goiás (relevo, vegetação, clima e até mesmo a miscigenação de cultura e costumes), já no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima trabalhou-se muito sobre tipos diferentes de produtos renováveis e não renováveis, industrialização brasileira e etc. Nesses dois centros de ensino observados, nota-se um único problema que é a falta de motivação por parte dos professores em integrar novos métodos alternativos na aplicabilidade dos conteúdos e essa desmotivação pode ser cada vez mais agravada pelo desinteresse dos alunos, questões salariais e também pela carga horária de trabalho excessiva.

Segundo Zagury (2006, p.73), a disciplina em sala de aula, junto com a falta de motivação, é na atualidade uns dos maiores problemas encontrados na escola, pois o aluno é indisciplinado por que alguma coisa impede que ele queira aprender. Tanto os alunos desmotivados como indisciplinados acabam resultando em um único problema, o caos que a educação brasileira se encontra na atualidade.

Ao longo do tempo houve grandes transformações na docência de todos os centros de ensino do país, pois professores veteranos¹ na educação não conseguiram acompanhar o desenvolvimento do ensino, a adaptação de novos recursos e métodos inovadores atualizados como, por exemplo, o auxílio dos recursos tecnológicos e da própria tecnologia em si, por isso acabaram tornando-se educadores estagnados em uma mesma aplicabilidade de metodologia o que causa a desmotivação tanto dos alunos quanto dos próprios professores.

É necessário inovar e desenvolver diferentes estratégias que possam intensificar o aprendizado do aluno.

“inovar significa ter atitude aberta a mudança, baseada na reflexão crítica da própria tarefa, descobrindo novos caminhos que melhorem a qualidade de ensino e buscando a solução mais adequada a situações novas, e os recursos são facilitadores da aprendizagem, pois despertam os interesses do aluno deixando-os presentes na aula tanto fisicamente e principalmente psicologicamente”. Blanco (apud Rangel 2005, p. 307)

¹ Professores veteranos: professor que é antigo, hábil, no cargo, na profissão e/ou que é conhecedor de determinada atividade, por tê-la exercido por bastante tempo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações realizadas no desenvolvimento do Estágio Supervisionado I, conclui-se que os fatores motivacionais possibilitam estabelecer em sala de aula, uma conectividade entre professor e aluno criando expectativas no papel de ensinar, como ensinar e como aprender. Portanto é necessário conhecer os limites, necessidades, e fatores que possibilitam o prazer no processo de ensino-aprendizagem, assim incentivando e minimizando o stress e a insatisfação de alunos e professores, colaborando para que haja um ambiente harmonioso de aprendizagem.

Dessa maneira é necessário que o professor elabore suas aulas em um processo mais atraente, estimulando os caminhos que levam o aluno a querer aprender, valorizando a aprendizagem por meio dos erros para que suas aulas se tornem motivadores e desafiantes.

Portanto nesse 1º ano de observações e estudos realizados tanto em sala de aula, quanto em escolas campo, os objetivos e expectativas dos acadêmicos foram realizados (trabalho observativo e semirregencial), que foram, sem dúvidas, estudos que servirão de base a segunda fase do Estágio Curricular Supervisionado (a regência).

Portanto o esperado para a segunda parte do estagio supervisionado é que nossas experiências frente ao âmbito escolar evoluam gradativamente de forma nítida e que nós sirva como um alicerce á nossa futura carreira como profissionais da educação.

Enfim conclui-se que a motivação ou até mesmo a carência dela acontecem pelas necessidades e satisfações específicas de cada realidade. É necessário, portanto, que as metodologias elaboradas pelos educadores consigam abordar métodos que relacionem professor, aluno, conhecimento e sociedade. Nesse processo, as metodologias alternativas e métodos de interligação entre professores e alunos serão estratégias diversificadas para a realização do Estagio Supervisionado II (a regência), nessas vivências e momentos de interação direta com alunos em sala de aula nas duas escolas campo possam motivar ainda mais nessa caminhada rumo à conclusão da licenciatura em Geografia.



REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel. **Educação: a Solução está no Afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria socorro Lucena. **Estágio e docência**. 2º Ed. São Paulo. 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores** – Unidade Teoria e Prática?. São Paulo: Cortez, 2006

RANGEL, Mary. **Métodos de Ensino para a Aprendizagem e a dinamização das Aulas** São Paulo: Editora Papirus, 2005.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém**: para pais e educadores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de janeiro: Record, 2006.



ADAPTAÇÃO DO JOGO TETRIS PARA O ENSINO DA TABELA PERIÓDICA

DUARTE, Rita Ferreira¹; FERREIRA, Nadia Cristina²; BUENO, Daniele Vilela³;
GRANDE, Maxwell Ferreira⁴; ARAUJO, Kelly Rejane de Oliveira⁵; GRANDE, Eliana
Tiba Gomes⁶; FEITOSA, R. D. F.⁷; NUNES, Alécio Rodrigues⁸;

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano

Câmpus Iporá

[1ritinhaa.17@gmail.com](mailto:ritinhaa.17@gmail.com)

Resumo: A temática de inserir jogos no ensino de química é pertinente, visto que o mesmo é marcado pelo método tradicional de ensino e aprendizagem. Uma proposta que contribui para a mudança desse método de ensino é a utilização de jogos lúdicos em sala de aula. Neste sentido, é proposto o desenvolvimento de um jogo tipo Tetris, utilizando algumas famílias da tabela periódica. A perspectiva é dinamizar o processo e apresentar ferramentas que possam auxiliar o ensino de química em sala de aula. A proposta é utilizar o jogo tetris, que é bastante conhecido entre os adolescentes e jovens, no ensino da tabela periódica, já que esse conteúdo é considerado bastante difícil pelos alunos. Será feita uma adaptação no jogo Tetris onde serão afixados os símbolos da tabela periódica nas peças do jogo e elas serão encaixadas, formando assim as famílias ou grupos. Assim, os alunos com auxílio da informática, terão um motivo a mais para aprender e conhecer a tabela periódica e suas propriedades, tornando as aulas de químicas mais prazerosas e diferenciadas, proporcionando uma participação mais efetiva e, consequentemente, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativo e agradável.

Palavras-clave: Jogos; Educação; Ensino de Química.

INTRODUÇÃO

O ensino de Química é, na maioria das vezes, aplicado de forma tradicional, ou seja, através da memorização e reprodução de nomes, fórmulas e cálculos, completamente desvinculados do cotidiano e da realidade (CUNHA, 2012). Isso gera vários questionamentos por parte do aluno, tais como: Por que ele tem que estudar essa matéria? Onde ele irá usá-la? E etc. A química se torna uma disciplina monótona, desprezada, fazendo com que o aluno não se interesse pelos conteúdos estudados. (GODOI; MOISÉS; CODOGNOTO, 2010).

Uma proposta que contribui para a mudança desse ensino tradicional é a utilização de jogos lúdicos. Essa proposta tem como objetivo proporcionar um maior



envolvimento dos alunos nas aulas, em um processo interativo professor-aluno, em que as concepções dos alunos sejam contempladas (SANTOS; MICHEL, 2009). Significa que de forma divertida serão trabalhados conceitos, atividades práticas, conseguindo assim expressar suas maiores dificuldades e sua perspectiva sobre os conteúdos de química (CANESIN, *et al.*, 2012).

O ensino de Química, com auxílio dos jogos lúdicos, possibilita oportunidades que darão um novo olhar sobre a disciplina trabalhada em sala de aula, proporcionando uma maior interatividade dos alunos de modo a desenvolver suas habilidades e competências na construção do conhecimento científico e no desenvolvimento de ideias. (MACEDO, *et al.*, 2012).

O avanço da tecnologia vem possibilitando cada vez mais oportunidades para sair do ensino tradicional e mesclar com outras disciplinas, principalmente as das áreas tecnológicas, fornecendo instrumentos imprescindíveis para o ensino de ciências, pois os recursos disponibilizados pelas tecnologias são capazes de facilitar e melhorar a vida na sociedade contemporânea e de fornecer formação educacional em várias áreas e não só na química, permitindo assim, a utilização de conhecimentos e a aprendizagem através de recursos tecnológicos (SOUSA; MOITA; CARVALHO, 2011).. Os jogos digitais devem ser orientados de forma a estimular os alunos à construção do conhecimento como uma conquista, levando-os a superar limites e a enfrentar desafios. Isso permitirá o desenvolvimento de habilidades diversas (KULPA, CECHIN; FERNANDES, 2012).

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo utilizar o jogo digital Tetris no ensino e aprendizagem da tabela periódica, contribuindo de forma eficaz na aprendizagem de suas propriedades e desenvolver, com auxílio da informática, um instrumento que possa ser utilizado em sala de aula pelos professores da educação básica. Essa proposta vem de encontro com o avanço que a internet e as redes sociais têm alcançado no mundo dos



adolescentes e jovens, contribuindo com a sua formação pessoal, educacional e futuramente profissional, modificando assim o panorama da educação brasileira.

MATERIAIS E MÉTODOS

Inicialmente será desenvolvido um estudo da plataforma digital do jogo Tetris, com auxílio dos professores da área de informática do Instituto Federal Goiano – Câmpus Iporá. Em seguida será implantando na matriz do jogo, os símbolos dos elementos da tabela periódica. No jogo, cada família é representada por uma cor, o que melhora sua identificação. Portanto, na medida em que cada peça vai descendo, deverá ser encaixada formando um grupo ou família correspondente a tabela periódica. Caberá ao aluno, com auxílio do professor, encaixar cada peça em seu respectivo grupo, identificando assim que grupo pertence à peça.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O jogo Tetris da tabela periódica (Figura 01) está sendo montado. Após terminar, será inserido nas escolas para que possamos observar o comportamento dos alunos na forma de aprender o conteúdo de química, em especial, o ensino da tabela periódica.

O aluno será motivado pelo desafio de vencer os obstáculos propostos pelo jogo Tetris. Para que consiga vencer o jogo, ele precisará relembrar o conteúdo da tabela periódica ensinado pelo professor. Assim, o jogo Tetris proporcionará aos alunos uma forma agradável, divertida e motivadora de aprender e memorizar o conceito de cada elemento da tabela periódica.



Figura 01- Jogo Tetris da tabela periódica

Pelo caminho já empreendido, verificamos que o uso de jogos para o ensino de qualquer conteúdo cria novas perspectivas para que o aluno se interesse pela química. Assim o jogo Tetris permitirá que o conteúdo didático seja apresentado de modo diferenciado e o desafio de vencer os obstáculos possibilitará ao aluno à fixação dos conceitos desenvolvidos em sala de aula.

O jogo Tetris ficará pronto até julho de 2014, e em seguida será inserido nas escolas de ensino médio da cidade de Iporá como projeto piloto para finalização da pesquisa.

BARRO, M. R., FERREIRA, J. Q., & QUEIROZ, S. L. (Novembro de 2008). Blogs: Aplicação na Educação em Química. **Química Nova na Escola**.

CANESIN, F. d., LATINI, R. M., SANTOS, M. B., Coutinho, L. R., & BERNADO, A. V. (2012). As Abordagens dos Conteúdos de Química no Jogo Didático Denominado



"Jogo das Águas". **III Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente.**

CUNHA, M. B. (Maio de 2012). Jogos no Ensino de Química: Considerações Teóricas para sua Utilização em Sala de Aula. **Química Nova na Escola**, 34, 92-98.

FILHO, E. B., FIORUCCI, A. R., BENEDETT, L. P., & CRAVEIRO, J. A. (Maio de 2009). Palavras Cruzadas como Recurso Didático no Ensino de Teoria Atômica. **Química Nova na Escola**, 31.

FOCOTOLA, P. B., CASTRO, P. J., SOUZA, A. C., GRION, L. d., PEDRO, N. C., LACK, R. d., et al. (Novembro de 2012). Os Jogos Educacionais de Cartas como Estratégia de Ensino de Química. **Química Nova na Escola**, 34, 248-255.

GIORDAN, M. (Maio de 2010). O Ensino de Química em Ambientes Virtuais. **Química Nova na Escola**, 32.

GODOI, T. A., MOISÉS, H. P., & CODOGNOTO, L. (Fevereiro de 2010). Tabela Periódica- Um Super Trunfo para Alunos do Ensino Fundamental e Médio. **Química Nova na Escola**, 32.

Kulpa, C. C., CECHIN, V., & FERNANDES, R. H. (s.d.). Te-3D Tetris: Um Jogo Digital para o Ensino de Desenho Técnico na Graduação. **4º Congresso Sul Americano de Design de Interação**, 2012.

MACEDO, M. E., OLIVEIRA, P. S., SOUSA, I. d., COSTA, F. F., BEZERRA, G. S., & AGUIAR, L. O. (2012). Jogo Lúdico como Ferramenta Pedagógica no Ensino de Química. **VII CONNEPI**, Palmas, 2012.

MAIA, D. J., GAZOTTI, W. A., CANELA, M. C., & SIQUEIRA, A. E. (Maio de 2005). Um Experimento para Introduzir Conceitos de Equilíbrio Químico e Acidez no Ensino Médio. **Química Nova na Escola**.

MASSI, L., & QUEIROZ, S. L. (2011). Jogo Discursivo na Apropriação da Linguagem Científica por Alunos de Iniciação Científica em Química. **Investigação em Ensino de Ciências**, 16, 35-57.

SANTANA, E. M. (2006). A Influência de Atividades Lúdicas na Aprendizagem de Conceitos Químicos. **Universidade de São Paulo, Instituto de Física. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências.**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

SANTOS, A. P., & MICHEL, R. C. (Agosto de 2009). Vamos Jogar uma SueQuímica?
Química Nova na Escola, 31.

SOARES, M. H., OKUMURA, F., & CAVALHEIRO, É. T. (Novembro de 2003).
Proposta de um Jogo Didático para Ensino do Conceito de Equilíbrio Químico.
Química Nova na Escola.

SOUSA, R. P., MOITA, F. M., & CARVALHO, A. B. (2011). **Tecnologias Digitais na
Educação**. Campina Grande: EDUEPB.



A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR E A CONTEXTUALIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS DE MATEMÁTICA NA SALA DE AULA

OLIVEIRA, Camila Kássia Monteiro de¹, OLIVEIRA, Claudimary Moreira da Silva²

Universidade Estadual de Goiás Unidade de Iporá,

¹camila2010kassia@hotmail.com; ²clau.moreira@ueg.br

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo demonstrar a importância da contextualização dos conteúdos de matemática, visto que quando os professores trabalham conteúdos contextualizados eles estão contribuindo para a formação de cidadãos conscientes dos direitos e deveres, na compreensão dos conteúdos, e proporciona que os alunos obtenha uma visão crítica do assunto debatido. Esse trabalho pode ser realizado por meio da interdisciplinaridade, abrindo discursões mais abrangentes dos temas atuais, possibilitando trabalhar conteúdos do cotidiano de forma criativa. Dessa forma pode levar os alunos a compreender a importância da matemática em sua vida, o porquê estudar matemática, sua contribuição para a vida humana, e percebam a matemática em todos os lugares, e que ela surgiu para auxiliar o homem. Os instrumentos de pesquisa foram por meio de questionários e durante as atividades realizadas no estágio nas escolas campo. Os referenciais teóricos foram D'Ambrósio (1986) e Pimenta (2008). Espero com este trabalho contribuir para que os futuros profissionais da educação possam ver as vantagens de se trabalhar conteúdos contextualizados.

Palavras-chave: professor; formação; cotidiano.

INTRODUÇÃO

Em muitos casos o Estágio Supervisionado é pensado somente na regência na sala de aula e não demonstra sua importância em outras áreas que o professor também necessita exercer durante a formação de cidadãos críticos e conscientes. O estágio também deve ser o momento de se refletir sobre a profissão de professor e as perspectivas atuais da educação. Gadotti menciona algumas perspectivas atuais da educação.

O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores, assim como não se pode pensar num futuro sem poetas e filósofos. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marketeiros, eles são os verdadeiros "amantes da sabedoria", os filósofos de



que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem *sentido para a vida* das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mas produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. (GADOTTI, S/N,p. 6)

O pesquisador ressalta neste trecho do artigo a importância do professor na vida de todos os alunos sendo um ser mediador do conhecimento que além de todas as suas funções ele ainda tem a missão de formar cidadãos críticos e conscientes, profissionais que auxilia na construção do mundo mais humano e igualitário.

Ao futuro professor durante a sua formação é indispensável que conheça o perfil esperado para o exercício da profissão. E de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática (PPC) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade de Iporá:

O objetivo do curso é formar profissionais aptos para exercer as atividades docentes em Matemática no Ensino Fundamental e Médio, capaz de articular seu saber pedagógico e disciplinar e avançar no campo do conhecimento com atividades voltadas para pesquisa em Educação Matemática contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento da região em que se localiza. Pretende-se assim, formar o profissional competente, crítico e criativo que, ao tomar conhecimento da realidade socioeconômica e político-cultural do país, possa atuar no sentido de estar melhor preparado para o exercício da profissão e da cidadania plena. (2009. p.40)

Ao conhecer as expectativas almejadas pela sua formação o indivíduo passará a atentar, desenvolver e se preparar para atender a essas expectativas.

Este trabalho tem por objetivo relatar como o Estágio Supervisionado foi usado como momento que representa muito mais que a prática pela prática tornando as experiências vivenciadas em objetos para refletir e pesquisar sobre os desafios da docência. E assim produzir conscientização do reconhecimento da profissão e da importância da profissão e do papel do professor no contexto atual.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Durante o desenvolvimento do projeto foi realizada pesquisa de natureza qualitativa, porque foi realizada pesquisa campo e bibliográfica, em que o levantamento



teórico bibliográfico foi embasado nas referências de D’Ambrósio (1986) e Pimenta (2008) que fala da importância de ser um professor reflexivo durante seu trabalho, especificando os professores de matemática. D’ Ambrósio (1986) ainda ressalta sua preocupação com a forma que os professores estão trabalhando o ensino da matemática, se tornando presos apenas nos conteúdos que seus alunos irão estudar durante o ano sem se preocupar em demonstrar o porquê de estudar matemática e qual a sua importância, o que ela representa para a sociedade e como utilizá-la no cotidiano. E teve também embasamento na obra de Pimenta (2008), que fala da dimensão que o estágio adquiriu uma vez que deixou de ser considerada apenas atividade prática e passando a ser considerado campo de conhecimento, podendo se interagir com outros profissionais da educação, refletir suas atitudes e práticas, ainda podendo realizar pesquisas durante o estágio.

Em paralelo com a pesquisa bibliografia aconteceu por meio das atividades de Estágio Supervisionado a pesquisa in loco na escola campo na participação em oficinas, conselho de classe, eventos realizados pela escola, aulas, conversas informais, entrevistas, produção de materiais didáticos, monitorias, entre outras atividades, em que possibilitou reflexões sobre a realidade de ser professor e assim através de experiências vivenciadas no decorrer deste período, houve a observação das práticas dos professores na escola, ampliando a compreensão da realidade profissional e os desafios que estes enfrentam durante seu trabalho. Desta forma, o estágio faz parte da formação de um professor, com a finalidade de levar os alunos até a realidade profissional, possibilitando a reflexão de atitudes diante da função exercida.

Nos parágrafos a seguir será mencionado como o Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em matemática contribui sendo um momento de reflexão da prática dos professores.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA UM MOMENTO DE REFLEXÃO SOBRE A CONTEXTUALIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Durante o Estágio Supervisionado na escola campo, o estagiário teve a oportunidade de se relacionar com vários professores de diversas disciplinas, corpo docente da unidade escolar e com os alunos, sendo uma oportunidade de analisar suas atitudes e compartilhar experiências ocorridas nas escolas, constituindo assim um momento de reflexão da própria prática docente, auxiliando na formação da identidade profissional.

O professor no espaço do estágio tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito que não apenas reproduz o conhecimento, mas também pode tornar seu próprio trabalho de sala de aula em um espaço de práxis docente e de transformação humana. É na ação refletida e no redimensionamento de sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade. (PIMENTA, 2008, p.132)

Várias atividades que proporcionaram reflexão foram trabalhadas durante o Estágio Supervisionado nas escolas campo. Uma das experiências adquiridas durante o estágio foi à monitoria no reforço escolar onde foi possível incluir a matemática como parte do cotidiano para dar significado às aprendizagens dos alunos que puderam perceber que a matemática faz parte da vida. Em uma destas atividades o trabalho desenvolvido foi propor que os alunos elaborassem uma redação com o tema “Eu a escola, a matemática e o meio ambiente”. Através desta experiência se percebe nas falas dos alunos que eles reconhecem a importância da matemática, mas relacionam esta importância ao fato de acharem a disciplina difícil pelo seu uso. E não gostar de matemática é uma afirmação constante entre os alunos.

- “A matemática faz parte do meu dia a dia. na rua, na minha casa, a onde eu for e estiver.”
- “Eu não gosto da matemática, mas eu preciso dela. [...]”
- “A matemática que a gente aprende na escola não serve para nada.”
- “Eu não consigo aprender matemática, é muito difícil.”
- “Eu não consigo encontrar a matemática no meio ambiente.”

Diante da fala destes alunos se percebe claramente que eles conseguem perceber a presença da matemática escolar no cotidiano, mas encontrando dificuldades de estabelecer ligação entre o que se aprende na escola e o que se vive fora dela. Isto leva a acreditar que é necessário nas aulas o professor sempre trabalhar as atividades relacionando com a realidade do mundo. Também se percebe que existe uma contradição no conhecimento que os alunos possuem, pois ao mesmo tempo em que alunos dizem que a matemática está em todos os lugares, outros dizem que não conseguem encontra-la no dia a dia.



Como diz os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCN+), quando se aprende matemática associada com outros conhecimentos, facilita na construção da própria identidade e ajuda no desenvolvimento do indivíduo, auxiliando nas escolhas e decisões durante sua formação.

Aprender Matemática de uma forma contextualizada, integrada e relacionada a outros conhecimentos, traz em si o desenvolvimento de competências e habilidades que são essencialmente formadoras, à medida que instrumentalizam e estruturam o pensamento do aluno, capacitando-o para compreender e interpretar situações para se apropriar de linguagens específicas, argumentar, analisar e avaliar, tirar conclusões próprias, tomar decisões, generalizar e para muitas outras ações necessárias à sua formação. (BRASIL, p.152)

Ao desenvolver o Estágio Supervisionado na sala de aula, durante o reforço de matemática se percebeu uma variedade de dificuldade encontrada pelos alunos, sendo as principais, as dificuldades em compreender a disciplina, os conceitos matemáticos, dificuldade em aprender tabuada, à utilização inadequada da calculadora, o grande desinteresse e a indisciplina em sala de aula.

Essas realidades vivenciadas durante o Estágio Supervisionado contribuíram para a formação da estagiária, como: adquirir postura de professora, demonstrar confiança, preocupação com os alunos, ser criativa, buscar atividades que levem os alunos a pensar e que percebam que a matemática está no dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado contribuiu para a construção da identidade profissional, e para a compreensão da profissão. O professor da atualidade deve ser um profissional que busca sempre observar o que está ao seu meio, encontrando uma problemática e realizando uma pesquisa sobre o problema diagnosticado e ao término de sua pesquisa expor os resultados obtidos, contribuindo efetivamente para a formação dos futuros profissionais da educação e possibilitando uma reflexão de suas práticas.

A contextualização dos conteúdos matemáticos é fundamental para a construção de uma visão crítica dos alunos sobre os assuntos atuais, contribuindo para a construção de cidadãos conscientes das suas atitudes. E também para compreender de fato como a matemática pode ser usada para colaborar com a sociedade.



REFERÊNCIA

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. S/N.

CNE/CP 9/2001 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

D'AMBROSIO, Ubiratan, **Da realidade à ação**: reflexões sobre educação e matemática – São Paulo: Summus; Campinas: Ed. Da Universidade de Estadual de Campinas, 1986.

GADOTTI, Moacir, (S/N) **Perspectivas atuais da educação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso: 10 de out. de 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PPC, Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática - UEG UnU- Iporá-GO, 2009.



A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA/FAMÍLIA: DESAFIOS DA ATUALIDADE

SANTOS, Fernanda Cavalcante¹; SILVA, Flávia Damacena Sousa²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹fernanda-cavalcante18@hotmail.com; ²flavia.damacena@ueg.br

Resumo: Tanto a escola quanto a família tem responsabilidades na educação das crianças. Daí a importância de ambas trabalharem juntas sem lançar à outra o papel que é seu. Porém, nos dias atuais muitos desafios têm sido encarados por ambas as instituições devido a falta da parceria entre as mesmas. Por ser tão importante essa parceria escola/família no desenvolvimento educacional da criança, este resumo expandido pretendeu investigar, junto à teoria, quais são os papéis da família e escola na educação das crianças e os desafios encontrados por elas atualmente. Portanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando fundamentação teórica para a concretização do objetivo almejado. No alcance dos resultados, constatou-se, entre outros aspectos, que cabe a escola dar o primeiro passo na tentativa de fazer com que esta parceria entre escola e família possa ocorrer. Para isto, deve-se considerar o planejamento de encontros diferenciados entre a escola e a família de acordo com os horários disponíveis dos pais que trabalham.

Palavras chave: Família; Escola; Educação.

INTRODUÇÃO

A família e a escola são duas instituições responsáveis pelo desenvolvimento físico, intelectual, cultural, emocional e social de um indivíduo. Atualmente é imprescindível a contribuição destas duas entidades para a formação de um cidadão, afinal tanto a escola quanto a família são responsáveis pela construção da base deste futuro ser social (DESSEN E POLONIA, 2007).

Nota-se que a correria do dia-dia tem afetado o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Pais trabalham o dia todo, tornando-se ausentes na educação dos filhos. A escola se depara com crianças carentes de atenção, algumas se tornam violentas, outras desinteressadas com os estudos, não progredindo. Essas crianças, de certa forma, não tem um referencial em casa, o que as tornam sem limites desrespeitando professores e alunos (ALMEIDA, et al, 2008).



Atualmente é visível a desmotivação e cansaço dos professores. No Estágio supervisionado, cada estagiário deve participar de atividades cotidianas na escola, dentre elas o encontro coletivo. Foi durante uma participação como ouvinte em um encontro coletivo de uma escola, para cumprimento de horas do estágio supervisionado, que a autora desse trabalho observou discussões por parte do grupo gestor e professores onde discutiram sobre a questão da parceria da família com a escola na aprendizagem dos alunos. A vice-diretora comentou a deficiência nessa parceria, que não está acontecendo como deveria, o que dificulta muito o papel da escola, pois a mesma se vê sobrecarregada. Diante de tudo isso surgiu a ideia de pesquisar sobre o assunto tentando responder as seguintes questões: Qual a importância desta parceria? Quais são os desafios encontrados pela família da atualidade e pela escola? O que deve ser feito como tentativa para que a parceria entre a escola e a família ocorra de forma significativa? Para o alcance do objetivo desejado realizou-se um estudo bibliográfico sobre os papéis da escola e da família na educação das crianças, os desafios encontrados pela escola e pelas famílias da atualidade e possíveis soluções para esta problemática.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho foi averiguar um pouco mais sobre essa problemática da parceria escola/família.

METODOLOGIA

Esse estudo trata-se de um levantamento bibliográfico sobre o tema em questão. Revisão bibliográfica é um método de pesquisa que consiste no levantamento de publicações sobre o assunto em estudo, a partir desse levantamento é feita uma revisão, seleção, leitura e registro das informações relevantes (MOREIRA, 2004). Assim, este trabalho foi desenvolvido no decorrer de uma pesquisa bibliográfica de artigos científicos com embasamentos teóricos sobre o assunto, publicados a partir do ano 2000.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

PAPEL DA FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

A família como primeira instituição a qual a criança tem acesso, tem o papel de transmitir valores, crenças, ideias e significados presentes nas sociedades, participação na construção de comportamentos diante situações vividas, como: Ensinar a criança a resolver conflitos, controlar emoções, expressar diferentes sentimentos, lidar com adversidades, entre outros, (DESSEN E POLONIA, 2007). A criança precisa chegar á escola dotada de valores que são transmitidos pela família, facilitando assim, o trabalho da escola. Quando isso não acontece, o fracasso é certo, pois a escola sozinha não conseguirá transmitir os valores necessários para formação de um cidadão. A família é responsável pelos êxitos e fracassos de seus filhos na instituição escolar, por isso a importância da sua participação na escola de seus filhos (NOGUEIRA, 2006).

O papel da escola não é simplesmente fornecer conteúdos, mas participar juntamente com a família na formação cidadã e ética do indivíduo (RAMAL, 2013). O desenvolvimento do indivíduo, a preparação para a prática cidadã e para o trabalho, são deveres da escola e da família (BRASIL, 1996). Portanto, fica claro que família e escola dividem um papel essencial na educação das crianças e que as duas instituições precisam caminhar juntas nesse sentido.

DESAFIOS ENCONTRADOS PELA ESCOLA E PELAS FAMÍLIAS DA ATUALIDADE

Os pais, atualmente, estão bastante ocupados e não tem tempo de educar seus filhos como deviam, não dialogam com os filhos quando necessário, alguns são permissivos demais outros autoritários, não auxiliam seus filhos na realização dos deveres de casa passados pela a escola, não comparecem nas reuniões escolares, vivem totalmente para o trabalho profissional na esperança que a escola sozinha conseguirá



educar seus filhos (SOARES, 2010). Caso isso não aconteça como esperam, culpam a escola dos fracassos de suas crianças. Os familiares não conseguem enxergar que suas crianças precisam de disciplinas e atenção.

Diante disso a escola se depara com crianças revoltadas, desmotivadas, violentas, depressivas, carentes de atenção causando grandes transtornos na escola. A escola é uma instituição que complementa o trabalho desenvolvido pela família por isso a necessidade da parceria entre as duas para a obtenção de resultados de qualidade (ALMEIDA, et al, 2008).

A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ESCOLA/FAMÍLIA

A parceria escola/família é de suma importância para uma aprendizagem de qualidade das crianças, a presença da família na vida escolar faz a criança se sentir valorizada e motivada o que garante um bom desempenho escolar (ALMEIDA, et al, 2008).

Quando esta parceria acontece, o trabalho da escola é mais produtivo, a família é mais feliz e a sociedade é presenteada com cidadãos preparados para a vida social. Uma relação produtiva entre estas duas instituições traz benefícios tanto para a família, escola, estudantes e sociedade em geral. Quando a família realiza seus devidos papéis consequentemente a escola desempenha os seus com maior eficácia, manter essa união é garantir a formação de indivíduos capazes de serem cidadãos preparados para viverem na sociedade (CARVALHO, 2000).

TENTATIVAS PARA TORNAR POSSÍVEL ESTA PARCERIA

A escola precisa dar o primeiro passo para que esta parceria ocorra, já que é uma instituição formada de profissionais da educação. Deve encontrar meios de garantir o envolvimento da família na escola, informando-a de tudo que acontece no núcleo escolar, promovendo reuniões diferenciadas onde os familiares tenham oportunidades de opinarem sobre os métodos da escola, etc. Esses encontros devem ser programados



levando em consideração os horários disponíveis dos pais trabalhadores. Os familiares precisam conscientizar e realizarem a parte que lhes cabe (SOARES, 2010). Assim, fica evidente que o passo inicial para um bom relacionamento entre aluno, escola, família, deve ser dado pela instituição de ensino, que busca de diversas maneiras o aprimoramento dessa relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização desse estudo, pode-se dizer que a parceria escola/família na educação traz benefícios a todos, sendo assim é importante que ela ocorra de forma significativa. As duas instituições em questão são responsáveis pela educação das crianças, se trabalharem juntas terão resultados melhores. Atualmente os pais se veem na necessidade de trabalhar o dia todo para sustento da família, tornando-se ausentes na educação dos filhos. A escola sofre as consequências, deparando com crianças sem limites, isso tem causado a desmotivação de professores que não consegue lidar com esses alunos. Por ser uma instituição formada por profissionais da educação cabe a escola encontrar formas de promover esta parceria escola/família, pensando sempre nos horários disponíveis dos familiares. Entretanto faz-se necessário ressaltar que a parceria deve ser de mão dupla, cabendo também aos pais ajudarem a escola. Afinal tanto a escola e a família são responsáveis pela formação de cidadãos aptos para viverem na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, I. M. O; ALMEIDA, L. F. O; SANTOS, R. A. Interação escola-família: a grande parceria rumo à Educação.[S.l.:s.n.], 2008. Disponível em: <http://artigocientifico.tebas.kinghost.net/uploads/artc_1306337605_15.pdf>. Acesso em: 10 set. 2013.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 de maio de 2013. Disponível



em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_8.ed.pdf?sequencia=13>. Acesso em: 07 set. 2013.

CARVALHO, M. E. P. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 110, p. 143-155, julho/ 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2013.

DESSEN, M. A; POLONIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, SP, v.17, n.36, p. 21-32, Agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>> 2008>. Acesso em: 05 set. 2013.

MOREIRA, W. 2004. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **Revista Janus**, Lorena, SP, ano 1, n.1, p. 21-30, 2º semestre de 2004. Disponível em:

<http://www.nesc.ufg.br/uploads/19/original_Revisão_de_Literatura_e_desenvolvimento_científico.pdf>. Acesso em: 10 set. 2013.

NOGUEIRA, M. A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação e Realidade**, v. 31, n.02. Porto Alegre, RS, jul./dez. 2006. Disponível

em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/6850/4121>>.

Acesso em: 05 agos. 2013.

RAMAL, A. Escola: mão de obra ou educação crítica. **Revista FEUC em Foco**, nº 12, março de 2013. Disponível em: <<http://www.feuc.br/revista/index.php/2013/03/doutora-em-educacao-analisa-o-papel-da-escola/>>. Acesso em: 01 agos. 2013.

SOARES, J. M. Família e escola: parceiras no processo educacional da Criança. [S.I]: **Portal planeta educação**, 2010. Disponível em:

<<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/imagens/artigos/educacaoetecnologia/ARTIGO-FAMILIA-ESCOLA-.pdf>>. Acesso em: 10 agos.



A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ALVES, Raissi Julliet¹; SILVA, Flávia Damacena Sousa²
Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá, Iporá – GO
¹rayssi-alves17@hotmail.com; ²flavia.damacena@ueg.br

RESUMO: O Estágio Supervisionado é o momento inicial de aproximação com o ambiente escolar, nesse momento, o aluno futuro professor vivencia na prática a realidade da escola em todos seus aspectos, ele também tem a oportunidade de praticar as teorias aprendidas ao longo do curso. O aluno futuro professor precisa ter uma formação inicial sólida e muito ampla para conseguir elucidar os vários fatores que englobam a prática de ensino. O estágio pode proporcionar ao aluno futuro professor, meios de solucionar situações-problemas através de ações, reflexões e criatividade, o mesmo poderá desenvolver sua autonomia em sala de aula a partir do momento em que ele consiga resolver os problemas, enfrentar os desafios, mediante a prática das teorias já aprendidas ao longo da vivência acadêmica. Entende-se que a finalidade do estágio é conceder ao aluno futuro professor uma aproximação à realidade na qual ele vai exercer sua prática docente. Assim, o presente trabalho foi realizado com o propósito de enfatizar o quanto o estágio supervisionado é importante, significativo e enriquecedor para os alunos futuros professores, por meio de suas ações e reflexões. Com o presente trabalho fica evidente que o estágio supervisionado contribui significativamente para a formação do professor, através dele, o aluno futuro professor começa a compreender e vivenciar os desafios da prática docente.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado; Estágio nos cursos de licenciatura; Prática docente.

INTRODUÇÃO

O parecer 35/2003 traz algumas considerações e define que os arranjos de ensino podem estabelecer regras para a realização dos estágios que deverá ser concluído pelos alunos que estão devidamente matriculados no ensino médio da rede de ensino ou superior em sua jurisdição. O parágrafo único do mesmo artigo define que o referido estágio deixa claro que o estágio não estabelece união como forma de emprego, podendo assim o estagiário receber algum auxílio como bolsa de estágio, estar resguardado contra acidentes e ter a cobertura previdenciária prevista na legislação específica (PARECER, 35/2003).

Estágio Supervisionado é o momento inicial de aproximação com o ambiente escolar, nesse momento, o aluno futuro professor vivencia na prática a realidade da



escola em todos seus aspectos, ele também tem a oportunidade de praticar as teorias aprendidas ao longo do curso, e tendo em vista sempre como foco, buscar sempre uma relação e fazer a ligação entre teoria e prática (CARDOZO e PINTO, 2010).

Ao longo do estágio o aluno futuro professor vai se deparar com situações-problemas, estas situações devem ser vistas pelo estagiário como um desafio, algo que deve ser resolvido por meio de ações e reflexões. Segundo Maciel e Mendes (2010, s.p).

O estágio supervisionado na formação de professores deve possibilitar, ao aluno-professor, a articulação entre conhecimentos teóricos e práticos e o desenvolvimento de habilidades fundamentais à docência: criatividade, autonomia, tomada de decisão e sem dúvida, reflexão sobre sua atividade docente.

Nessa perspectiva o estágio pode proporcionar ao aluno futuro professor, meios de solucionar estas situações-problemas através de ações, reflexões e criatividade, o mesmo poderá desenvolver sua autonomia em sala de aula a partir do momento em que ele consiga resolver os problemas, enfrentar os desafios, mediante a prática das teorias já aprendidas ao longo da vivência acadêmica. Para Perrenoud (2002, p 47).

O estágio supervisionado deve criar um elo entre teoria e prática, elo esse que deve ser mediado por contínuas reflexões. Os alunos futuros professores devem assumir uma “postura de uma prática reflexiva que seja base de uma análise metódica, regular, instrumentalizada, serena e causadora de efeitos; essa disposição e essa competência, muitas vezes só podem ser adquiridas por meio de um treinamento intensivo e deliberadas.

Sendo assim, o presente trabalho foi realizado com o propósito de enfatizar quanto o Estágio Supervisionado é importante, significativo e enriquecedor para os alunos futuros professores, por meio de suas ações e reflexões.

METODOLOGIA

Esse trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica sobre a importância do estágio supervisionado para a formação docente. Para a realização deste, foram feitas pesquisas, em livros e artigos científicos sobre a temática, entre agosto e setembro de 2013. O trabalho fez parte do processo avaliativo do Estágio Supervisionado e da



disciplina de Orientações para a prática de ensino de Ciências, ambos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aluno futuro professor precisa ter uma formação inicial sólida e muito ampla para conseguir elucidar aos vários fatores que englobam a prática de ensino. Com a possibilidade de conhecer a realidade escolar, esse conhecimento facilitará as reflexões sobre a sua prática, assim favorecendo o desenvolvimento de uma prática criativa e transformadora através da utilização de teorias que sustentam o trabalho docente (BARROS et.al, 2011).

Entende-se que a finalidade do estágio é conceder ao aluno futuro professor uma aproximação à realidade na qual ele vai exercer sua prática docente. Essa aproximação deve acontecer de modo que, segundo Pimenta e Lima (2008, p 45) “A aproximação à realidade só tem sentido quando tem conotação, envolvimento de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas de observação, é míope”. Nesse sentido o estágio como forma somente de cumprir exigências e carga horária é estúpido e vazio sem sentindo algum, pois o estagiário que assim conduz o mesmo não será capaz de adquirir experiências, e aprendizagens significativas para quando ele estiver que atuar em sala de aula.

No estágio o aluno vai conhecer o seu futuro campo de trabalho, podendo desenvolver atividades que o possibilitem saber se realmente está apto a encarar a dura realidade da profissão docente.

Para Kulcsar (1991, p.94 e 65).

O Estágio Supervisionado deve ser considerado um instrumento fundamental no processo de formação do professor. Poderá auxiliar o aluno a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo teoria e prática.

Unir teoria e prática não é uma tarefa fácil, o aluno futuro professor deve ao longo de seu estágio e da sua futura profissão docente adquirir competências e



habilidades de acordo com sua vivência diária no âmbito escolar e com o seu alunado na sala de aula.

“As práticas devem ser nutridas pelas teorias, num processo de ir e vir, que conduz à ação-reflexão-ação, na qual teoria e prática vão se constituindo, modificando e interferindo no real” (BARREIRO e GEBRAN, 2006, p. 35 e 36). O aluno estagiário deve conduzir o seu estágio de forma que o mesmo possa possibilitar tanto experiências significativas para ele quanto para os seus alunos, podendo assim intervir na realidade e na aprendizagem de seus alunos.

Faz-se necessário que os professores orientadores de estágio atuem junto com seus alunos a essa aquisição da realidade, para se conseguir fazer análises e questionamentos críticos, à óptica de teorias (PIMENTA e LIMA 2008). E como atividade teórica da práxis docente, o estágio tem por finalidade transformar a realidade, assim “o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta sim é o objetivo da práxis” (PIMENTA, 1994 apud PIMENTA e LIMA, 2008, p. 45).

Com esse objetivo de intervir na realidade dos alunos futuros professores e dos alunos da unidade escolar, o estágio pode e deve ter uma efetiva participação de todos atuando em conjunto, escola, estagiários e coordenadores de estágio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado na formação de professores como forma somente de cumprir exigências burocratizadas não leva o estagiário a real compreensão de todo contexto no qual ele está inserido e deverá atuar. Dessa forma presume-se que o estágio deve ser muito mais que apenas o preenchimento de fichas de observação, o mesmo deve proporcionar ao aluno futuro professor possibilidades de crescimento pessoal e de experiências significativas, onde o aluno começa a vivenciar a prática docente e a partir desse momento o mesmo já poderá de certo modo saber se está apto para seguir nessa dura e tão fantástica profissão.



O estágio como parte integrante de um conjunto, de um trabalho contínuo e preciso, proporciona ao aluno começar a compreender que teoria e prática andam juntas, e por isso devem se fazer presentes no cotidiano do professor de maneira que essa união seja nutrida por contínuas reflexões sobre o que é ser professor e o quanto o seu trabalho bem exercido tem a capacidade de mudar o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRO, I.M de. F; GEBRAN. R.A. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de professores**. São Paulo, SP. Avercamp, 2006.

BARROS, J.D.S.; SILVA, M.F.P.; **A prática docente mediada pelo estágio supervisionado**. –PPGE/ME FURB. INSS 1809 v.6,n. 2,p 510-520, mai./ago.2011.

BRASIL. “**Conselho Nacional de Educação**”. Parecer CNE/CEB 35/2003, de 5 de novembro de 2003. **Normas para organização de estágio de alunos do ensino médio e da educação profissional**. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb35_03.pdf> Acesso: 3.out.2013

CARDOZO, L.P; PINTO, MG.C.S. **O Estágio curricular supervisionado e a formação docente**. In: XIX CIC (Congresso de Iniciação Científica); XII ENPOS; II Amostra Científica. 2010. Disponível em: <<http://pt.expdf.com/estagio-e-docencia-selma-garrido-pimenta-pdf.html#a1#a1>> Acesso: 22. Set.20113

MACIEL,E.M; MENDES,B.M.M. **O estágio supervisionado na formação inicial: Algumas considerações** (2010). Disponível em: <www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_08_2010.pdf> Acesso: 23. Set.2013.

KULCSAR,R. **O estágio supervisionado como atividade integradora**. In: PICONEZ,S.C.B (Coord). **A prática do ensino e o estágio supervisionado**. 15° ed.2008. Campinas, SP: Papirus,1991.

PERRENOUD,P. **A prática reflexiva no ofício do professor**. Trad. Cláudia Schilling.- Porto Alegre: Artemed Editora, 2002



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

PIMENTA, S.G; LIMA, M.S.L. **Estágio e Docência.** 3º Ed.2008. São Paulo:
Cortez,2008.



A INFLUÊNCIA DE AULAS PRÁTICAS NO PROCESSO “ENSINO APRENDIZAGEM” EM BIOLOGIA

MARQUES, Jackelyne Miranda Nascimento¹; SILVA, Flávia Damacena Sousa²
Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá, Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas

¹jack123miranda@hotmail.com ; ²flavia.damacena@ueg.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo entender como os alunos vêem as aulas práticas no ensino, bem como se tiveram as mesmas durante as aulas de Biologia e também como eles avaliam essas aulas práticas. Os alunos de dois colégios da cidade de Iporá, Goiás, foram abordados quando terminavam a visualização de uma mostra científica no ano de 2013, durante um evento ocorrido na Universidade Estadual de Goiás, UEG - Unidade de Iporá, onde foi aplicado aos mesmos questionários constituídos por 10 questões abertas. Com isso, pôde-se avaliar qual a frequência de aulas práticas que eles tiveram e quais os seus conhecimentos gerais sobre a disciplina. Reconhecendo a relevância de um ensino que vise a cultura científica dos alunos e entendendo que uma forma eficaz no ensino de biologia são as aulas práticas, percebeu-se que, a participação dos alunos na mostra científica desse evento foi positiva, pois, antes de iniciarem as observações, foram feitas perguntas à eles sobre os temas da mostra científica, e as respostas não foram convincentes. Isso reflete então, na falta de aulas práticas nas escolas.

Palavras-chave: Aulas Práticas; Biologia; Científico.

INTRODUÇÃO

A Biologia é uma ciência cheia de nomes, processos e significados, que muitas vezes geram algumas dificuldades no aprendizado dos alunos. Assim, faz-se necessário uma reflexão sobre as metodologias utilizadas para o ensino de Biologia em sala de aula, tendo em vista que essas podem facilitar muito o ensino e a aprendizagem, além de levar os alunos a um maior interesse pela disciplina. O desenvolvimento do saber científico é muito importante para os alunos, por proporcionar o entendimento do meio que os rodeia, como a natureza e o homem. Dessa forma, entende-se que o ensino de Biologia tem que despertar o raciocínio científico e não apenas o aspecto informativo (CARMO, 2008).

Uma opção importante para diversificar e amparar o ensino são as aulas práticas. Segundo Araújo (2008), as aulas práticas servem para explorar conceitos que foram retomados durante o processo de elaboração conceitual dos conteúdos e existe



uma relação entre teoria-prática, e não uma complexidade meramente cognitiva. Para uma melhor compreensão disso, é necessário lembrar que, toda teoria, enquanto abstração é também interpretação e que toda prática já é por si só interpretação.

Normalmente, o objetivo da aula prática é fazer com que o aluno se debata de frente ao fenômeno biológico, sem se quer saber o resultado, mas, muitas vezes, esse ponto importante é perdido, pois, as aulas, infelizmente são organizadas de uma maneira a fazer com que os alunos saibam detalhadamente o que irá solucionar, e não de uma forma à resolver problemas, diminuindo assim, o ponto positivo da aula prática (KRASILCHIK, 2008). Entretanto, as aulas práticas ainda tem seu valor.

Por mais que a escola seja determinada por diversos fatores externos (políticos, econômicos, sociais, culturais ou nacionais), que interferem em seu serviço educativo, a sua autonomia permite que os professores implementem nas salas de aulas várias práticas relacionadas com a teoria, beneficiando assim, os alunos (CARVALHO, 2008). Assim, é importante que os docentes entendam que as aulas práticas são um meio eficaz para ensinar e transpor os conhecimentos para a formação científica dos alunos.

OBJETIVO

Esse trabalho objetivou verificara frequência de aulas práticas nas escolas durante as aulas de Biologia, bem como os conhecimentos gerais dos alunos sobre a disciplina.

METODOLOGIA

Esse trabalho tem uma abordagem qualitativa. Para coletar os dados, utilizou-se questionários que foram aplicados a alunos do Ensino Médio de duas escolas públicas da cidade de Iporá Goiás, o Colégio Estadual Ariston Gomes da Silva e Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima, durante o Encontro de Biologia (ENBIP), e Encontro de Geografia (EGEO), evento realizado em setembro de 2013 pela UEG, Unidade de Iporá, e que contempla o curso de Ciências Biológicas e Geografia.



Os alunos foram abordados quando encerravam a participação em uma mostra científica no decorrer do evento. Durante as exposições, os alunos visualizaram e participaram de algumas mini-aulas práticas que continha experimentações nas diferentes áreas da Biologia, como por exemplo: como identificar cigarras através dos seu som; identificação de algas e sua importância ecológica, também como distinguir as fases da mitose.

A aplicação dos questionários ocorreu no término da participação dos alunos, na exposição do evento. Do total de questionários, analisou-se 5, onde estes foram escolhidos aleatoriamente. Os questionários são compostos de 10 questões abertas e visou obter os conhecimentos dos alunos na área de biologia e a frequência de aulas práticas já desenvolvidas com eles, em suas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para as análises, foi-se escolhido através de sorteio, o Colégio Estadual Ariston Gomes da Silva. Na primeira questão, 40% responderam que já **tiveram aulas práticas durante o ensino fundamental**, e 60 % responderam que não tiveram aulas práticas. Na segunda questão, 80% responderam que já **tiveram aulas práticas durante o ensino médio** e 20% responderam que não tiveram.

Sabe-se que, para o processo ensino-aprendizagem, um fator que parece estar ganhando força entre os professores, é a visão de que um educador necessita deixar de ser um mero repassador de conhecimentos, centralizando suas tarefas na condição de mediador entre os conteúdos e o educando (PRIGOL, 2008). Assim, as aulas práticas contribuem para essa mediação docente, pois levam os alunos a “colocar a mão na massa” e, portanto, aprendendo mais, sempre sobre orientação e supervisão do professor.

Já na terceira questão, 20% responderam que **avaliam as aulas práticas que já tiveram** como boa, outros 20% não responderam, os outros 60% responderam que avaliam a aula prática que já tiveram como regular. Na quarta questão, 40% responderam que **acham mais interessante aula prática** da disciplina de Biologia.



Outros 40% não responderam e 20% responderam que a aula prática da extração do DNA de morango que tiveram na disciplina de Biologia, foi a mais interessante.

Percebe-se que, a aula prática é de extrema importância em várias áreas, porém, é mais necessário ainda dentro da biologia, visto que se trata de seres vivos, e qualquer aluno considera um fator interessante o de entender na prática como funciona estes seres e todas as suas relações com o meio em que vivem, sabendo que ao estudar os seres vivos estarão também estudando o ser humano (CARVALHO, 2011).

Na quinta questão, 40% responderam que a sua **última aula prática** foi no último ano, 20% colocaram que foi no último semestre, 20% responderam que foi no último mês e 20% não responderam. Ficou demonstrado que as aulas práticas ocorrem esporadicamente e são raras. Sendo assim, na questão de aulas práticas, e experimentação em sala de aula, detectamos que o ensino público ainda é insuficiente na prática de ensino da Biologia, sendo que é tão importante para aprendizagem e assimilação de conteúdos (GONZAGA, 2012).

Na sexta questão, 20% responderam que o **laboratório de sua escola** têm o necessário para a realização de uma aula prática, 20% responderam sim, que sua escola têm laboratório e 60% colocaram que o laboratório de sua escola poderia melhorar. Os alunos demonstraram em sua maioria insatisfação com o laboratório disponível na sua escola, porém, independentemente disso, a realização das aulas práticas não deve inexistir, pois quanto mais se usar o que se tem disponível, mais o conceito de valor será agregado ao espaço. Além disso, existem sites e blogs que fornecem uma gama de possibilidades de aulas práticas de biologia, com materiais alternativos e usando poucos recursos.

Entende-se que é necessário a busca de novas práticas laboratoriais, para que auxilie alunos e professores a formar massa crítica voltada a ciência, tornando um fator extremamente necessário para a alfabetização científica tanto para os alunos quanto para os professores (VASCONCELOS, 2002).

As questões, sétima, oitava e nona, foram elaboradas à partir dos temas das experimentações contidas no evento, onde, para responder a nona questão os alunos visualizaram a divisão celular no microscópio. Sendo assim, na sétima questão, 20%



responderam que a **função dos insetos para o ecossistema** é que para os sapos eles servem como alimento. Já 40% responderam que a função dos insetos é a polinização das flores e 40% não responderam. Na oitava questão, 20% responderam a **importância ecológica das algas** é realizar fotossíntese, 40% colocaram que as algas são responsáveis por 70% do oxigênio em nosso planeta e 40% não souberam responder.

Nota-se aqui, que, obteve-se uma melhora nas respostas dos alunos após as observações no evento, pois, antes de iniciarem as observações, foram feitas perguntas à eles sobre os temas da mostra científica, e as respostas não foram convincentes. Isso reflete então, na falta de aulas práticas nas escolas.

Na nona questão, 40% responderam que as **fases da mitose** são: prófase, anáfase, metáfase e telófase, 20% não souberam responder e 40% não responderam. Já a décima questão, 20% responderam que as **exposições vistas no evento acrescentaram em seus conhecimentos**, a grande variedade de insetos que não conheciam. Já 40% colocaram que as exposições trouxeram mais conhecimentos sobre os cursos de Biologia e Geografia e sobre o mapeamento da cidade de Iporá, e 40% responderam que passaram a conhecer coisas novas. Sendo assim, percebe-se que, as mostras do evento, proporcionaram conhecimentos relevantes aos alunos, e que eles se interessam pela Biologia, mas quando são incentivados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, fica explícito a todo o conjunto escolar pedagógico, a importância de variar a metodologia de ensino, buscando várias formas de ensinar, e com uma dessas formas variadas de ensinar, propõe-se a utilização de aulas práticas, incentivando os alunos e fazendo a relação “Ensino e Aprendizagem” ocorrer de forma positiva, proporcionando a introdução de termos científicos ao cotidiano dos alunos, e ao mesmo tempo ocorrendo uma melhor assimilação dos conteúdos pelos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ARAÚJO, A. O. **O uso do tempo e das práticas epistêmicas em aulas práticas de química.** Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Educação – UFMG, Belo Horizonte - MG, 2008.

CARMO, S. do; SCHIMIN, E. S. **O ensino da Biologia através da experimentação.** Guarapuava- PR, 2008.

CARVALHO, M. C. V. de. **As práticas pedagógicas na sala de aula e a qualidade do processo ensino aprendizagem** Estudo de caso: Escola Secundária de Achada Grande. Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. 2008.

CARVALHO, P. S. de ; ARAÚJO, W. A.de; GOMES,A. M. F. **O ambiente externo e o ensino de Biologia.** Itabaiana - SE, 2011.

GONZAGA, P. da C. **A prática de ensino de Biologia em escolas públicas: perspectivas na visão de alunos e professores.** Campinas – SP, 2012.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia** / Myriam Krasilchik.- 4º ed. rev. e ampl.. 2º Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PRIGOL, S; GIANNOTTI,S. M. **A importância da utilização de práticas no processo de ensino-aprendizagem de ciências naturais enfocando a morfologia da flor.** Cascavel - PR, 2008.

VASCONCELOS, A. L. da S; COSTA, C. H. C. da; SANTANA, J.R;CECCATTO, V.M. **Importância da abordagem prática no ensino de biologia para a formação de professores (Licenciatura plena em Ciências / habilitação em biologia/química - uece) em Limoeiro do Norte – Ce.** Fortaleza – CE, 2002.



A PADRONIZAÇÃO DE ANALOGIAS NO ENSINO DE MODELOS ATÔMICOS NOS LIVROS DE QUÍMICA PARA ENSINO MÉDIO

Siqueira, T.P.¹; Nunes, A.R.²; Alves, D.A.³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Campus – Iporá
¹thaispradoquimica@gmail.com; ²aleciornunes@gmail.com; ³dylan.alves@ifgoiano.edu.br

Resumo: Analogia é um processo através do qual se identificam semelhanças entre diferentes conceitos, sendo um deles conhecido e o outro desconhecido. Portanto, são trabalhadas como um meio mais atrativo e chamativo para os alunos, que tem como propósito facilitar o processo de compreensão e de ensino dos conteúdos de química. O presente trabalho tem como objetivo verificar a padronização de analogias utilizadas por diferentes autores em livros didáticos no ensino de modelos atômicos para o ensino médio. Foram analisados cinco livros de química geral de autores diferentes. Ao analisar a teoria atômica de Dalton, apenas CARVALHO & RICARDO utilizaram analogias. Os autores atribuíram o átomo como sendo maciço e indivisível como bola de gude ou bola de bilhar. Os autores dos cinco livros analisados utilizaram uma analogia do conhecido ‘pudim de passas’ para explicar o modelo atômico de Thomson, onde se assemelha pelo fato do átomo, segundo eles, ser uma esfera carregada positivamente na qual os elétrons estão distribuídos mais ou menos uniformes. O modelo atômico de Rutherford foi assemelhado, em quatro livros didáticos diferentes, a um minúsculo sistema planetário, em que os elétrons se distribuíam ao redor do núcleo como planetas em torno do sol. Portanto, ao analisar diferentes livros, conclui-se que há uma padronização de analogias utilizadas ao explicar conceitos de modelos atômicos.

Palavras-chave: Padronização; Analogia; Modelos atômicos.

INTRODUÇÃO

O fato de um aluno chegar ao ensino médio sem ter um conhecimento básico de Química, obriga o professor a utilizar comparações que possam dar subsídios para a explanação dos novos conceitos a serem trabalhados em sala de aula.

Alguns pesquisadores defendem o uso sistemático de analogias no processo ensino aprendizagem para uma efetiva significação dos conteúdos escolares, principalmente aqueles mais abstratos, a partir das mediações simbólicas geradas pelo processo relacional entre o estranho e o familiar, entre o conhecido e o desconhecido. Todo o conhecimento que o aluno já possui será utilizado na obtenção de novos conhecimentos, ou seja, as analogias que os professores mostram servirão de ponte para a assimilação das novas informações que serão apresentadas aos alunos.



Analogia é entendida como um processo do qual se identificam semelhanças entre diferentes conceitos, sendo um deles conhecido, familiar, e o outro desconhecido (Glynn, 1991).

Segundo Duit (1991), as analogias são usadas no ensino para comunicar conceitos abstratos e novos, dado que permitem transferir o conhecimento de uma área para outra. Geralmente, as analogias fazem comparações entre um domínio conceitual desconhecido e um conhecido.

Glynn (1991) adverte que as analogias, se mal-empregadas, podem sugerir ou reforçar falsas associações e levar os alunos a desenvolverem erros conceituais. As analogias são utilizadas para aproximar modelos abstratos do mundo real do aluno. Souza, Justi e Ferreira (2006) demonstraram que nem sempre a analogia é utilizada de forma adequada, muito menos compreendida pelos alunos, pois a maioria deles:

[...] não reconhece as analogias como tal; não reconhece as principais relações analógicas existentes em cada uma delas; não identifica limitações das analogias; não percebe o papel das mesmas no ensino; não entende que elas se referem a modelos atômicos diferentes e não distingue e não caracteriza corretamente esses modelos.

Os alunos do ensino médio, ao tomarem conhecimento de analogias, criam uma imagem e o átomo deixa de ser um modelo para ser real, palpável e similar à imagem que a analogia criou.

OBJETIVO

Verificar a padronização de analogias utilizadas por diferentes autores em livros didáticos no ensino de modelos atômicos para o ensino médio.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho foi realizado por meio de leituras de livros didáticos utilizados no ensino de química para o ensino médio nas escolas públicas e privadas no estado de Goiás.



Foram analisados cinco livros didáticos de química geral de autores diferentes, e especificamente foram analisados os modelos atômicos, para uma análise da utilização ou não das analogias dos autores dos cinco livros analisados que foram: Química – Ricardo Feltre - 6.ed.- Editora Moderna, 2004; Química para o ensino médio: volume Único – Antônio de Carvalho; José Ricardo Gomes – 1. Ed. – São Paulo: IBEP, 2005; Química: Meio Ambiente, Cidadania, Tecnologia – Martha Reis – 1. Ed. – São Paulo: FTD, 2010; Química: realidade e contexto – Lembo – São Paulo: Editora ática, 2003; Química na abordagem do cotidiano – Francisco Miragaia Peruzzo (Tito); Eduardo Leite do Canto – 5. Ed. - Vol.1, Editora moderna, 2009.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao explicar a teoria atômica de Dalton, apenas CARVALHO & RICARDO (2005) utilizaram analogias. Os autores atribuíram que:

[...] o átomo é maciço e indivisível como bola de gude ou bola de bilhar.

Os autores dos cinco livros analisados utilizaram uma analogia do conhecido ‘pudim de passas’ para explicar o modelo atômico de Thomson, onde se assemelha pelo fato do átomo, segundo eles, ser uma esfera carregada positivamente na qual os elétrons estão distribuídos mais ou menos uniformes.

Após a descoberta dos elétrons, segundo Tito & Canto (2009), havia a necessidade de um novo modelo, já que estava provado que o átomo não era indivisível como sugeria o modelo de Dalton:

*[...] O átomo, segundo J. J. Thomson deveria ser formado por uma esfera de carga elétrica positiva, possuindo, em sua superfície, elétrons incrustados.
[...] esse modelo é chamado por alguns de “modelo do pudim de passas”.*

Segundo Ricardo Feltre (2004), Thomson propôs um modelo:

[...] formado por uma “pasta” positiva “recheada” pelos elétrons de carga negativa, o que garantia a neutralidade elétrica do modelo atômico (esse modelo ficou conhecido como “pudim de passas”).



Lembo (2003), ao explicar o modelo atômico de Thomson, cita o seguinte:

[...] os elétrons estariam mergulhados em uma massa homogênea e positiva, como passas em um pudim. Essa proposta foi denominada modelo atômico de Thomson.

Segundo Martha Reis (2010), o modelo atômico de Thomson explicou muitas propriedades da matéria que o modelo de Dalton não era capaz de explicar, como os fenômenos radioativos e os de natureza elétrica. O modelo atômico de Thomson ficou conhecido como “pudim de passas”, pois:

[...] o átomo é uma esfera de carga elétrica positiva, não maciça, incrustada de elétrons (negativos), de modo que sua carga elétrica total é nula.

CARVALHO & RICARDO (2005) pregou que o modelo atômico de Thomson ficou conhecido como pudim de passas, pois:

[...] o átomo seria uma esfera positiva e descontínua com cargas negativas (passas), entremeadas a cargas positivas (em igual número).

O modelo atômico de Rutherford foi assemelhado, em quatro livros didáticos diferentes, a um minúsculo sistema planetário, em que os elétrons se distribuíam ao redor do núcleo como planetas em torno do sol.

Lembo (2003) explicou que a estrutura geral do átomo segundo Rutherford teria duas partes principais, o núcleo e a eletrosfera, portanto:

[...] o modelo de Rutherford previa que o átomo teria uma organização semelhante à do sistema solar: os elétrons estariam girando ao redor do núcleo como planetas ao redor do sol.

Segundo Martha Reis (2010), a equipe de Rutherford chegou à conclusão de que o átomo não se parecia com uma esfera positiva com elétrons incrustados (como o pudim de passas):

[...] Rutherford elaborou então um modelo de átomo semelhante a um minúsculo sistema planetário, em que os elétrons se distribuíam ao redor do núcleo como planetas em torno do sol.



Tito & Canto (2009) cita o modelo atômico de Rutherford como:

[...] modelo planetário, uma vez que nele o átomo se assemelha ao sistema solar, com os elétrons girando em torno do núcleo como os planetas ao redor do sol.

Segundo Ricardo Feltre (2004), Rutherford imaginou que ao redor do núcleo estavam girando os elétrons.

[...] o átomo seria semelhante ao sistema solar: o núcleo representaria o sol. E os elétrons seriam os planetas, girando em órbitas circulares e formando a chamada eletrosfera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização das analogias no ensino de modelos atômicos tornou um hábito frequente entre os autores dos livros didáticos para o ensino médio, e vem sendo utilizado para ensinar o conceito dos modelos atômicos em nível macroscópico, tornando-os de fácil compreensão. O uso constante dessas analogias podem também trazer resultados não desejados ao aprendizado do aluno, pois, estes acabam retirando o foco da evolução dos conceitos dos modelos atômicos, dando o enfoque as analogias criadas, e a existência real dos modelos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIAS, José Ricardo Gomes; NOGUEIRA, Antonio de Carvalho. Química para o Ensino Médio - Curso Completo. São Paulo: Editora Ibep. 2 Ed- 2005.
- DUIT, R. (1991). On the Role of Analogies and Metaphors in Learning Science. Science Education. 75. 649-672.
- FELTRE, Ricardo. Química. Vol. 1 – 6. Ed. – São Paulo: Moderna, 2004.
- FONSECA, Marta Reis da. Química: meio ambiente, cidadania, tecnologia - 1.ed.- São Paulo: FTD, 2010.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Glynn, S. (1991). Explaining Science Concepts: A Teaching-with-Analogies Model. Em Glynn, S.M., Yeany, R.H. & Britton, B.K. (Eds.). *The Psychology of Learning Science*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associate, 219-240.

LEMBO, Antônio - Química Realidade e Contexto, vol. 1, 1ª edição, editora Ática, São Paulo, 2000.

PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano, 5ª Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

SOUZA, V.C.A.; JUSTI, R. e FERREIRA, P.F.M. Analogias utilizadas no ensino dos modelos atômicos de Thomson e Bohr: uma análise crítica sobre o que os alunos pensam a partir delas. *Rev. Investigações em Ensino de ciências*, v. 2, n. 1, p. 7-28, 2006.



AS NECESSIDADES BÁSICAS PARA QUE O EDUCADOR PROPORCIONE AOS SEUS ALUNOS UMA FORMAÇÃO ADEQUADA ÀS EXIGÊNCIAS DO SÉCULO XXI E A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR

BATISTA, Pedro Henrique Cassimiro Paula¹, OLIVEIRA, Claudimary Moreira Silva²
Universidade Estadual de Goiás Unidade de Iporá
¹phcpb@outlook.com; ²clau.moreira@ueg.br

Resumo: O Estágio supervisionado na formação inicial do professor é importante na medida em que prepara o mesmo para colocar em prática a teoria estudada, tornando-o apto para superar as adversidades encontradas na sala de aula. A problemática está em adequar a teoria aprendida em sala às adversidades encontradas na prática e proporcionar ao aluno uma educação mais atuante no seu dia-a-dia onde possa relacionar o conhecimento aprendido em sua vida. O objetivo do Estágio Supervisionado aqui é inserir cada vez mais cedo o professor em seu meio de atuação, ou seja, levar o futuro professor para o campo de trabalho, a escola, para que se relacione com as demais pessoas na escola e possa vir a trocar experiências. E ao mesmo tempo se relacionar com os alunos em sala de aula para que já possa saber o meio em que vai atuar e já ir se preparando para a docência. O Estágio supervisionado disponibiliza ao acadêmico uma forma interativa de percepção do seu futuro como profissional e como será seu caminho pós-formação, atuar como docente foi um desafio, mas que representou um momento importante para o reconhecimento da futura profissão.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; docência; ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O Estágio supervisionado tem como papel relacionar o estagiário no meio escolar a fim de desenvolver o olhar crítico a partir da observação do espaço em que vai atuar possibilitando aliar a teoria aprendida à prática, produzindo desta forma novos conhecimentos. Em relação a isso o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática menciona: "O estagiário deverá empreender um olhar crítico a fim de caracterizar a realidade, tendo nas situações-problema as perspectivas de suas ações, as quais, certamente, necessitarão de teorias para solucioná-las" (PPC DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA - UEG UNU IPORÁ, 2009, p.79).



Durante o estágio o futuro professor tem a oportunidade de participar mais do dia-a-dia do professor, da escola e refletir a respeito do que pode ser mudado, colocar em prática na sala aquilo que aprendeu na teoria pelo confronto entre teoria e prática produzir novos conhecimentos que se traduzir em novas ações como profissional preocupado com a formação integral dos alunos.

O Parecer do Conselho Estadual de Educação relata que:

Outro problema refere-se à organização do tempo dos estágios, geralmente curtos e pontuais: é muito diferente observar um dia de aula numa classe uma vez por semana, por exemplo, e poder acompanhar a rotina do trabalho pedagógico durante um período contínuo em que se pode ver o desenvolvimento das propostas, a dinâmica do grupo e da própria escola e outros aspectos não observáveis em estágios pontuais. Além disso, pouco adequado que a ida dos professores às escolas aconteça somente na etapa final de sua formação, pois isso não possibilita que haja tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões do trabalho de professor, nem permite um processo progressivo de aprendizado (BRASIL, CNE/CP. Parecer nº 009/2001, p. 23).

As universidades em grande parte ensinam que basta o que é ministrado nas aulas teóricas para formar um bom profissional, contudo observamos que não é assim visto que as dificuldades encontradas na docência são bem maiores e a teoria nem sempre resolve os problemas em campo.

De acordo com Pimenta e Lima, "Nas disciplinas *práticas* dos cursos de formação nas universidades em geral, a didática instrumental aí empregada gera a ilusão de que as situações de ensino são iguais e poderão ser resolvidas com técnicas" (PIMENTA & LIMA, 2004, p.10).

Esta citação nos permite reiterar a ideia de que não basta só a teoria ou só a prática, ambas tem que estar juntas para uma boa educação.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Foram feitas pesquisa qualitativa no intuito de os acadêmicos como pesquisadores, reunirem e analisarem tudo que foi trabalhado e experienciado na escola como, por exemplo: oficinas, trabalhos em laboratório de informática, aulas, conversas



informais, entrevistas, produção de materiais didáticos e quaisquer outras atividades desenvolvidas buscando analisar o que acontecia e avaliando o desenvolvimento dos alunos no decorrer de cada trabalho feito e refletindo a relação entre o que acontece nas escolas em relação as teorias estudadas em sala. A pesquisa bibliográfica foi embasada na obra de Pimenta e Lima (2004), que nos orienta de como devemos trabalhar no estágio e inclusive as adversidades encontradas em campo, como podemos observar na citação abaixo:

O exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias. Assim, o médico, o dentista necessita desenvolver habilidades específicas para operar os instrumentos próprios de seu fazer. O professor também. No entanto, as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais [...] (PIMENTA & LIMA, 2004, p.8).

O trabalho na escola campo foi desenvolvido de acordo com o estudo de documentos como o parecer 009/2001 do Conselho Nacional de Educação que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da Educação Básica, Projeto Político Pedagógico do Curso de Matemática (PPC) que define a identidade da instituição e o perfil do futuro professor e que indica caminhos para ensinar com qualidade. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e regimento escolar e Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar que define as características da escola, mostram como ela funciona e propõe diretrizes para a docência.

Um dos instrumentos de pesquisa usado e que possibilitou uma boa fonte de informação sobre o trabalho na docência foi entrevista com o professor parceiro da escola campo onde analisamos como era o ensino deste profissional. Outros instrumentos foram monitorias em oficinas de matemática, análise de aulas de professores, monitoria em sala de aula, observação da escola, de como funcionava o trabalho de inclusão. Todo esse trabalho desenvolvido a fim de fazer com que bons profissionais possam ser formados baseando - se nesses estudos.

A pesquisa realizada é uma pesquisa ação, pois o pesquisador esteve envolvido em todos os momentos que foram trabalhados na escola, que foi coletados dados, tanto



em observação quanto em oficinas ou propriamente em uma sala de aula para que posteriormente fossem analisados, estudados e melhorados de acordo com as necessidades e embasadas em documentos relacionados a escola como os anteriormente citados.

A pesquisa ação no Estágio Supervisionado coloca os estagiários a agir através da prática desta forma precisam ir a campo e relacionar tudo o que foi colhido e observado com os estudos para que fosse encontrada uma melhor forma de olhar a educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na realização das observações em sala foi possível perceber que o ensino de alguns professores ainda é inadequado para o entendimento dos alunos, algumas aulas são muito teóricas e com metodologias em que o professor passa a ser o centro do saber, onde apenas ele sabe o que é e não instiga o aluno a ser pensante e crítico tornando assim o aluno preso a uma educação onde apenas recebe o conhecimento e absorve somente que lhe foi ensinado.

Conforme D’Ambrósio:

O professor faz questão de preparar todos os problemas a serem apresentados com antecedência, consequentemente o legítimo ato de pensar é escondido do aluno, e o único a conhecer a dinâmica desse processo continua sendo o professor (D’AMBROSIO, 1993, p.36).

As monitorias e oficinas foram ministradas com estagiários utilizando materiais didáticos diversificados e assim o ato de trabalhar conteúdos até então difíceis acaba por ficar mais dinâmico entre os alunos facilitando a compreensão do conteúdo ministrado, através de aulas práticas que ocorrem em laboratórios com a construção de conhecimento que parte dos próprios alunos.

No acompanhamento do professor parceiro, percebe-se que sua avaliação é predominantemente somativa. No entanto percebe-se também que o professor trabalha questões bem elaboradas e contextualizadas em suas avaliações, tentando sempre



abordar assuntos propostos de forma mais abrangente nas questões que trabalham interpretação de gráficos, onde o aluno deve interpretar também as questões, tabelas, e problemas de raciocínio lógico onde ele utiliza temas do dia-a-dia do aluno no intuito de mostrar que a matemática que ele aprende na escola faz parte de sua vida constantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio supervisionado vem complementar a trajetória ao longo de todo o tempo da teoria estudada em sala a aliar-se da prática no meio do curso no âmbito de introduzir o acadêmico no seu meio de atuação. É embasado em leis e documentos que regem o funcionamento de todo o corpo docente para então assim passar a educação de acordo com as regras assim cumpridas. Busca que o acadêmico possa se relacionar com todos e vir a participar de tudo que acontece na escola e que cabe a ele contemplar o que lhe foi passado nas observações e instrumentos de pesquisa confrontar com as teorias estudadas e produzir novos conhecimentos.

Este trabalho possibilitou a compreensão de que não basta o ensino apenas teórico, é necessário que o professor procure uma forma mais dinâmica e atualizada de ensinar, que não predomine apenas o ensino de que o professor é o centro do saber, mas que o docente estimule o aluno a pensar. O estágio tem uma grande importância nesse sentido pois reflete na compreensão e no entendimento do acadêmico para que se torne um bom profissional que incite o educando a ser pensante e crítico.

REFERÊNCIAS

- D'AMBROSIO, Beatriz S. **Formação de Professores de Matemática para o Século XXI: o grande desafio**. Vol. 4, nº 1[10], 1993. p.35-41.
- BRASIL. parecer CNE/CP 9/2001 – Homologado, Ministério da educação Conselho Nacional de educação.70p.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** Diferentes concepções, São Paulo: Cortez, 1993,p.5-24.

PPC - Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática - UEG Unu Iporá, 2009, 218p.



AS RELAÇÕES ENTRE AS VIVÊNCIAS DO COTIDIANO E O ENSINO APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA E AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A COMPREENSÃO DESTAS RELAÇÕES

CAMPOS, Uelton Sebastiao de¹; OLIVEIRA, Claudimary Moreira Silva²

Universidade Estadual de Goiás - Unidade de Iporá

¹Uelton-sebastiao@hotmail.com; ²clau.moreira@ueg.br

RESUMO: Nos dias atuais é comum ouvir dizer que a matemática é um dos conteúdos mais difíceis de aprender. Logo que o aluno entra em contato com a matemática na escola já vem de casa uma convicção de que esta não é uma coisa simples. À partir dos relatos que os alunos ouvem eles acabam perdendo o interesse pela matemática e acaba gerando um grau maior de dificuldade na aprendizagem dos conteúdos. A partir destas conjecturas o objetivo deste trabalho é buscar respostas sobre como fazer para que os alunos se comprometam com a matemática, tendo visão de que esta faz parte do cotidiano. E analisar a importância de ensinar os conteúdos de matemática de forma contextualizada mostrando ao aluno as suas colaborações para seu dia-a-dia. Isto porque, a partir das contextualizações feitas em sala de aula os alunos podem perceber que os conteúdos estudados poderão servir de proveito na sua vida e no meio social onde ele irá atuar. As contextualizações feitas em sala de aula fazem com que o aluno veja o que o seu meio social tem em comum com os conteúdos ensinados em sala de aula e as contribuições que ganha em relação ao seu conhecimento matemático.

Palavras-chaves: aprendizagem matemática; contextualização; educação matemática.

INTRODUÇÃO

Na sociedade onde o indivíduo vive é impossível sobreviver sem a interferência da matemática, assim os conhecimentos matemáticos são fundamentais para a vida de qualquer cidadão. Pois na sociedade existe a necessidade do uso da matemática, ou seja, de fazer cálculos matemáticos em diversas situações.

Segundo Carraher e Schliemann (1997) principalmente os alunos da classe mais baixa, desde crianças trabalham em feiras ou vendem alguma mercadoria nas ruas sempre fazem contas que exigem bem mais do que algumas contas ensinadas na escola onde ele apresenta um grau de dificuldade maior quando estão em sala de aula.

Nesta perspectiva, o objetivo desta pesquisa foi analisar as vantagens que o professor teria em contextualizar os conteúdos propostos e contribuir para que o conhecimento do aluno seja preparatório para o seu cotidiano.



O esperado com esse trabalho foi contribuir para o debate entre professores, alunos e estagiários sobre a importância de haver a contextualização dos conteúdos de matemática valorizando o meio social do aluno.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é qualitativa em que os dados foram coletados e analisados de forma crítica, buscando-se aspectos subjetivos. O pesquisador está diretamente ligado ao ambiente de pesquisa onde teve a finalidade de trabalhar descrição, comparação e interpretação e levando em conta aos estágios acontecendo em mente a dificuldade de muitos alunos em relacionar a matemática com o cotidiano.

Inicialmente foi uma pesquisa bibliográfica para levantamento teórico baseada nas obras *Na vida dez, na escola zero* (1997) dos autores Terezinha Carraher, David Carraher e Ana Lúcia Schiliemann que defendem a ideia de que o professor vez deve valorizar o meio social do aluno porque talvez o aluno fora da sala de aula tenha facilidade em fazer cálculos, mas quando chega a sala de aula ele tem uma dificuldade enorme em realizar cálculos mesmo parecidos com os que ele faz fora da sala de aula. Portanto para estes pesquisadores é importante valorizar o conhecimento do aluno adquirido fora da sala de aula.

Outra obra usada para embasamento foi *Adeus professor e adeus professora* (1998) de José Carlos Libâneo em que ele defende a ideia de que a sociedade sempre está em transformação, porém o professor tem que se sentir preparado no momento em preparar o aluno para essas mudanças tecnológicas no seu dia a dia e, portanto o professor deve receber uma preparação adequada como a apropriação da comunicação e das tecnologias.

Em paralelo a pesquisa bibliográfica aconteceu à pesquisa-ação na escola campo. Pesquisa-ação porque tivemos presente no local onde realizou o estágio e que os resultados foram obtidos através de observações diretas a partir da própria experiência em sala de aula em monitorias e aulas de reforço escolar.



Os instrumentos de pesquisa usados foram à observação direta, entrevistas com alunos, produção de texto dos alunos, e desenvolvimento do projeto de intervenção na escola campo onde realizou o Estágio Supervisionado.

DISCUSSÃO DOS RESUTADOS

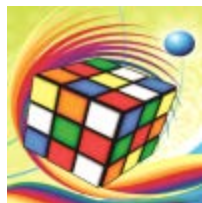
Este trabalho buscou debater e analisar a importância ter uma assimilação entre os conteúdos propostos em sala de aula com as realidades da vida do aluno fora da escola, ou seja, o educando em sala de aula deve estar facilitando o desenvolvimento de seus conteúdos através da contextualização, trazer aquilo que o aluno vê e presencia fora do âmbito escolar como recursos para o ensino aprendizagem do aluno.

Enquanto era realizado o Estágio Supervisionado na escola campo foi solicitado que os alunos fizessem uma produção de texto como o tema "A escola a matemática e outra historia mais". Este foi um instrumento para pesquisar a relação que os alunos tinham com a escola a matemática e professores.

Ao analisar as escritas ficou claro que nem todos os alunos tem uma relação favorável com a matemática, alguns disseram até ter pavor em escutar o nome. Diante do que foi escrito pelos alunos tem uma relação não muito prazerosa com a matemática e a maioria não se sentem motivados em estudar os conteúdos desta disciplina em sala de aula.

Ao fazer a leitura das produções dos alunos percebe-se que a maior parte deles tem uma tendência negativa em relação a matemática e sempre é seguido pela a pergunta por que estudar matemática e para que, onde vou usar isso na vida? Isto confirma a idéia de que grande parte dos alunos aprende a matemática sem saber para que ela serve. Uma aprendizagem sem significado que pouco contribui para a formação cidadã.

Diante das percepções foi então elaborado um projeto de intervenção que foi desenvolvido em horário alternativo com este grupo de alunos procurando estar contextualizando os conteúdos para que eles percebessem a importância da matemática na sua vida social.



Ao fazer as comparações, entre os conteúdos ensinados em sala de aula com o cotidiano dos alunos, estes podem estar aprendendo os conteúdos da matemática com mais emoção e tendo em mente para lhe será útil, pois compreende o que ele pode fazer com os cálculos matemáticos na sua vida fora da sala de aula.

Segundo Carraher, Carraher e Schiliemann (1997, p.21), "A aprendizagem de matemática na sala de aula é um momento de interação entre a matemática organizada pela comunidade científica, ou seja, a matemática formal, e a matemática como atividade humana".

No momento de ensinar matemática o professor deve assimilar o conteúdo com o que o aluno tem conhecimento adquirido no seu cotidiano. Por isso exige que o professor na sala de aula valorize o meio social do aluno. Segundo o Projeto Político do curso de matemática:

Formar profissionais conscientes do papel social da escola, para promover prática educativa que leve em conta às características dos alunos, o seu meio social e as necessidades do mundo contemporâneo. (PPC – PROJETO POLÍTICO DO CURSO DE MATEMÁTICA, 2008, p.40).

Contudo deve haver as contextualizações dentro de sala de aula para que o aluno possa perceber a importância da matemática no seu dia-a-dia.

OUTRAS PERCEPÇÕES ACERCA DO TRABALHO DO PROFESSOR

Durante atividades do Estágio Supervisionado ficou claro que muitos alunos não têm uma compreensão desejável das teorias que os livros didáticos trazem. No entanto quando percebe que há ligação do que se aprende na escola com os cálculos que ele usa em seu cotidiano ele começa a entender e reconhecer significado naquilo que lhe é ensinado relacionando o que aprende com o dia a dia conseguindo resolver os problemas matemáticos com mais facilidade.

Segundo Carraher, Carraher e Schiliemann (1997),

A aprendizagem de matemática na sala de aula é um momento de interação entre a matemática organizada pela comunidade científica, ou seja, a matemática formal, e a matemática como atividade humana. (p.21)



A maioria dos alunos tem dificuldades para aprender matemática. Alguns seriam na interpretação outros já é na aplicação dos conteúdos. Por isso o professor tem que ter clareza dos seus objetivos em relação as expectativas de aprendizagem dos alunos em relação ao conteúdo, para que todo o aluno possa entender o que se espera da aula de matemática.

Para Carraher, Carraher e Schliemann (1997) a valorização do meio social de qualquer aluno é importante no ensino da matemática nas escolas.

A contextualização dos conteúdos é importante, pois ele poderá ter a certeza de que e como irá utilizar no seu dia-a-dia. O meio social do aluno deve ser valorizado porque existe conhecimento que foram adquiridos no cotidiano do aluno que pode ser usado como ferramenta do professor ensinar e dos alunos terem um aprendizado adequado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa contribui por colocar em debate as vantagens que o professor teria em contextualizar os conteúdos proposto e contribuindo para que o conhecimento do aluno seja preparatório para o seu cotidiano. E por contribuir para o debate entre professores, alunos e estagiários sobre a importância de haver a contextualização dos conteúdos de matemática valorizando o meio social do aluno.

O estágio foi um momento muito significativo para a formação dos futuros professores. No estágio que foi possível perceber a realidade de cada ser como do aluno, da escola, dos professores, em fim de todos que compõe a escola.

Este período deu oportunidade aos acadêmicos para conhecer um pouco da prática de docente sendo um momento de experiência para adquirir conhecimento em relação à sala de aula percebendo a realidade escolar ao encontrar os desafios enfrentados pelos professores de matemática.

O estágio pode mostrar então que para ter uma educação de qualidade o educador tem que se ajustar de forma que leve o aluno a uma compreensão em relação



aos conteúdos proposto em sala de aula. E que para ensinar os conteúdos de matemática é importante que estes estejam relacionados com o cotidiano de cada educando.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática** /Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC /SEF, 1998.148 p.
- CARRAHER, Terezinha, CARRAHER, David e SCHLIEMANN, Ana Lúcia. **Na vida dez, na escola zero**. Editora Cortez. São Paulo. 1997.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor adeus professora?**. Editora Cortez. Goiânia. Janeiro 1998.
- PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e docência**. São Paulo. Cortez Editora. 2004.
- Universidade Estadual de Goiás Unidade Iporá. **PPC- Projeto Político do Curso de Matemática**. 2008.



AVALIAÇÃO DO PROJETO RECREIO DIRIGIDO POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

¹BARBOSA, Dayane Rodrigues; SILVA, Flávia Damacena Sousa²

Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá, Iporá – GO,

¹dayanerodrigues05@hotmail.com; ²flavia.damacena@ueg.br

RESUMO: É no recreio que os alunos se interagem mais, porém muitas vezes este espaço se torna um espaço de violências, o que vem aumentando gradativamente nas escolas. Isso ocorre por não ter organização e direção para as atividades e brincadeiras. O recreio dirigido proporciona ao aluno várias oportunidades além de diversão, como de adquirir conhecimento, vivência em grupos maiores, respeito aos colegas, interesse pela escola e habilidades fora da classe, diminuindo assim a violência. O presente trabalho teve como objetivo identificar a importância do recreio escolar dirigido no comportamento do aluno em relação aos colegas e professores e também avaliar suas opiniões sobre o projeto desenvolvido pelas alunas de estágio supervisionado. O projeto recreio dirigido foi aplicado em uma das escolas campo Rede Pública Estadual de ensino, do Estágio Supervisionado, na cidade de Iporá-GO. Para a realização do trabalho foi feita inicialmente uma pesquisa bibliográfica. A seguir, realizou-se uma pesquisa de campo para saber a opinião dos alunos em relação ao projeto recreio escolar dirigido. A pesquisa foi feita nas séries do 5º, 6º e 7º ano do ensino fundamental. De acordo com os dados da pesquisa, conclui-se que é indispensável a prática do recreio dirigido para os alunos, pois proporciona diversos benefícios, como um recreio sem correrias e agressões físicas. Sendo assim, faz-se necessário apresentar novas brincadeiras e jogos que deixem o recreio mais divertido e disciplinado. Percebe-se também, que o estágio supervisionado contribui muito para com a escola campo, quando desenvolve atividades diferenciadas que envolvam os alunos de forma direta.

Palavras-chaves: Recreio dirigido. Violência. Estágio supervisionado.

INTRODUÇÃO

A violência nas escolas é atualmente um fenômeno real que já faz parte dos problemas sócio-políticos do país. Trata-se de uma questão de múltiplas causas e complexidade que demanda análises e estudos mais aprofundados. A escola é uma instituição que também sofre os reflexos dos fatores de violência externos que têm gerado conflitos manifestados dentro da sala de aula, comprometendo o aprendizado e as relações interpessoais entre os alunos (ROSA, 2010).

Para Priotto e Boneti (2008) a violência escolar tem vários aspectos e pode ser denominada como:



Todos os atos ou ações de violência comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por entre a comunidade escolar e no ambiente escola.

Embora os fatores externos tenham impactos e influência sobre a violência escolar, é preciso reconhecer que dentro da própria escola existem possibilidades de lidar com as diferentes modalidades de violência e de construir culturas alternativas pela paz, adotando método e estratégias (ABRAMOVAY, AVANCINI & OLIVEIRA, sd).

É no recreio que os alunos interagem de maneira mais direta, e, muitas vezes, sem a supervisão de um profissional da escola. Trata-se de um momento em que os alunos “estão livres” para lanchar, brincar, correr e fazer “o que quiserem”, dentro das dependências da escola. Além disso, o recreio, por ter um intervalo maior entre as atividades previstas da escola, torna-se um momento passível de aumentar a incidência de atos agressivos e exclusão, uma vez que a falta de opções, de estímulos positivos e de desconhecimento sobre o universo lúdico, podem ser elementos capazes de influenciar atitudes de rebeldia (TORRES, RIBEIRO & FARIAS, 2007).

Marcellino (1990) considera o lazer, ou seja, o momento lúdico, como possibilidade privilegiada, enfatizada, para a vivência de valores que embasem mudanças, ou abram perspectivas para mudanças de ordem moral ou cultural, necessárias para a implantação de uma nova ordem social. Momentos lúdicos, de descontração, com atividades planejadas, podem ajudar as crianças e adolescentes a desenvolver a colaboração, trabalho em equipe, diálogo, organização, o que pode melhorar os relacionamentos entre elas.

As atividades de características lúdicas representam um aspecto importante na canalização das angústias que permeiam algumas fases do desenvolvimento humano, uma vez que, por meio do jogo e da recreação o indivíduo tem a possibilidade de centrar-se na emoção e no prazer, transformando emoções consideradas negativas em emoções mais positivas (LUCON & SCHWARTZ, 2007). Uma opção adotada por algumas instituições escolares tem sido a aplicação de atividades diferenciadas na hora do intervalo. Essas atividades recebem o nome de recreio dirigido.



O recreio dirigido proporciona ao aluno varias oportunidade, como de adquirir conhecimento de um maior número de assuntos, vivência em grupos maiores, respeito aos colegas, respeito pelo trabalho do colega, interesse pela escola e habilidades fora da classe, seu próprio valor e importância, dando uma nova visão sobre o mundo da criança e permite também uma intervenção intencional (TORRES, RIBEIRO & FARIAS, 2007). Trata-se de contatos e momentos diferenciados que podem ser experimentados pelas crianças, trazendo novidades que muitas vezes beneficiam a todos os atores do processo educativo, alunos, professores e gestores.

Durante o Estágio Supervisionado do 3ºano do curso de Ciências Biológicas (1ª Etapa), foi desenvolvido o Projeto “Recreio dirigido” na escola campo de Ensino Fundamental. Semanalmente, nas segundas-feiras, as alunas desenvolviam diversas atividades com os alunos e percebeu-se a satisfação tanto por esses, quanto pela gestão da escola. Assim, pensando em avaliar de maneira sistematizada a implantação do recreio dirigido por meio do estágio, o presente trabalho tem como objetivo identificar a importância do recreio escolar dirigido no comportamento do aluno em relação aos colegas e professores. E saber quais são suas opiniões sobre o projeto, se eles realmente se interessam, gostam e participam.

METODOLOGIA

O projeto recreio dirigido foi aplicado em uma das escolas campo do Estágio Supervisionado. Trata-se de uma escola da Rede Pública Estadual de ensino, na cidade de Iporá-GO, que oferece desde a Educação Infantil (E. I.) até a segunda fase do Ensino Fundamental (E.F.). Escolheu-se o período vespertino para a implantação do projeto. Nesse período, funcionam do 5º ao 9º anos do E. F. As atividades foram desenvolvidas uma vez na semana, nas segundas-feiras, pelas alunas estagiárias do curso de Ciências Biológicas, 3ºano do curso, da Universidade Estadual Goiás (UEG), Unidade Universitária de Iporá (UnU de Iporá).

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a fim de levantar um material teórico sobre o tema de estudo. A seguir, realizou-se uma pesquisa de campo para saber a



opinião dos alunos em relação ao projeto recreio escolar dirigido. A pesquisa foi feita nas séries do 5º, 6º e 7º ano do ensino fundamental, pois foi constatado que são os alunos mais participativos nas brincadeiras, interagem mais com os colegas, além disso, necessitam de muita atenção pois são crianças ativas. A abordagem da pesquisa é qualitativa, pois considera-se essa proposta a mais adequada para estudar fenômenos educacionais.

A pesquisa qualitativa é utilizada para interpretar os fenômenos estudados e as interações que estabelecem, assim possibilitando o desenvolvimento de novas compreensões dos fenômenos sociais (TERENCE & FILHO, 2006).

Os dados foram coletados através de um questionário e analisados, com base na literatura da área, para saber quais são os interesses dos alunos pelas brincadeiras propostas e as que eles gostariam que fossem aplicadas. Pretendeu-se também, identificar através deste como esta a relação entre eles, ou seja, se estão interagindo mais dentro e fora da sala de aula.

O questionário é uma ferramenta muito importante para a coleta de dados e conforme Amaro; Pávoa e Macedo (2009, p. 2) o questionário:

É um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os dados foram obtidos através de questionário para saber quais eram suas perspectivas em relação ao recreio escolar dirigido. Os dados coletados na pesquisa de campo foram analisados e indicam que a maioria dos alunos gostam do recreio de forma diferenciada, 100% responderam que acham ótimo e 22% disseram que acham bom o recreio de forma diferenciada. Como demonstra no resultado de CASTRO, (s.d.) é de grande importância a implantação do recreio dirigido nas escolas, bem como de criar



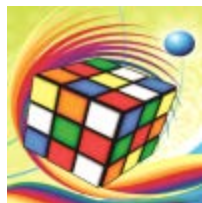
outros momentos lúdicos, pois, os alunos entendem que esses são espaços para brincadeira.

Ao questionar se eles gostam das brincadeiras realizadas no projeto recreio dirigido, todos respondem que sim por que são “divertidas e acham legal, que tem mais tempo para brincar, descansam, aprendem mais brincadeiras, fazem eles se interagir entre si, são divertidas e organizadas, educativas e é diferente do recreio comum”. Sendo assim, percebe-se que é importante que se desenvolva na escola um recreio dirigido, para proporcionar um recreio sem correrias e agressões físicas. Para isso é necessário propor brincadeira que sejam interessantes e que não apresente perigo para os estudantes. Como afirmam Lucon e Schwartz (2007) esse momento deve ser planejado para que se torne um espaço lúdico e não um espaço de violências.

Prosseguindo, foram questionados que tipos de brincadeiras eles gostariam que fossem realizadas e a maioria optaram por jogos esportivos (com 80%) como o futebol, futsal, vôlei, queimadas. Citaram também outros tipos de brincadeiras como danças, gincana, dança da cadeira (20 %).

Ao indagar que dia eles preferem, os dias que têm ou não tem o recreio dirigido, 100% respondem que preferem o dia em que tem recreio dirigido. Isso demonstra o interesse de interagir com as atividades e com os colegas, demonstrando que atividades lúdicas são interessantes para os alunos. Como afirmam Lucon e Schwartz (2007), os alunos preferem o recreio com atividades lúdicas por serem prazerosas.

Seguindo o questionário, perguntou-se sobre as atividades aplicadas contribuía para o aprendizado. Todos, ou seja, 100% responderam que acham que contribui sim para o aprendizado. Sendo estas atividades bem organizadas, planejadas e adequadas, proporcionam aprendizagem, pois estimulam a criatividade tornando a criança mais ativa e, além disso, faz com que eles aprendam a lidar com o outro colega melhorando o convívio social. Carolino (2006) afirma que as atividades recreativas envolvendo jogos contribuem para a aprendizagem e o aperfeiçoamento dos sentidos. Torres (et al, 2007) também afirma que o recreio dirigido permite o aluno a adquirir conhecimento em diversos tipos de assunto.



Na pergunta seguinte, eles avaliaram os tutores e, as estagiárias que desenvolveram o projeto. Cinquenta e seis por cento responderam ótimo e 36,5% disseram que acham bom o desenvolvimento das atividades. Isso demonstra que foi construída uma boa relação entre alunos e estagiárias.

Na décima questão, onde são questionados se as atividades contribuem para um melhor relacionamento com os colegas, todos responderam que sim, ou seja, 100% disseram que contribui para terem melhor interação. O mesmo percebeu Torres (et al, 2007) que afirmou que o recreio dirigido oferece diversos benefícios aos alunos melhorando o relacionamento entre eles reduz os atos de agressividade, melhorado o comportamento, torna-o mais sociável, além de ensiná-los a respeitar e valorizar o outro.

E por ultimo foi indagado se na opinião deles o recreio dirigido deve continuar, e 100% dos alunos responderam que sim o recreio dirigido deve sim continuar. Assim, foi notável o quanto os alunos gostam e se interessam pelas atividades, pelas brincadeiras, sendo indispensáveis para eles. Isso demonstra também, a importância da contribuição do estágio supervisionado para com a escola campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, percebe-se que um recreio não planejado abre espaço para algazarras e brigas, onde as crianças não se socializam de forma adequada durante o recreio, não criando assim um espaço onde elas possam brincar e aprender ao mesmo tempo, aumentando a agressividade e a indisciplina, tão presente na vida dos alunos. De acordo com os dados apresentados pela pesquisa, conclui-se, portanto, que seja de suma importância que se desenvolva na escola um recreio dirigido, para proporcionar um recreio sem correrias e agressões físicas. Sendo assim, faz-se necessário apresentar novas brincadeiras e jogos que deixem o recreio mais divertido e disciplinado. Conclui-se também, que o estágio supervisionado pode contribuir muito para com a escola campo, quando desenvolve atividades diferenciadas que envolvam os alunos de forma mais direta e dinâmica.



REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABRAMOVAY, M.; AVANCINI, M.; OLIVEIRA, H.A **escola, por excelência é o local dedicado à educação e à socialização da criança e do adolescente, transformou-se em cenário de agressão, autoritarismo e desrespeito mútuo. São lições que jamais poderiam estar nessa cartilha.** s.l..s.d. Disponível em<http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02>acessado em 18 de setembro de 2013.

AMARO, A.; PÓVOA, A.; MACEDO, L. **A arte de fazer questionário.** 2009. Dissertação (mestrado em química para o ensino) Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2009. Disponível em:

<<http://www.jcpaiva.net/getfile.php?cwd=ensino/cadeiras/metodol/20042005/894dc/f94c1&f=a9308>> . Acessado em 04 de outubro de 2013.

CAROLINO, H. C. **A aplicação do esporte escolar, jogos e recreação como instrumentos para minimizar e conter atitudes violentas, indisciplina e acidentes durante o recreio dos alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas do município de Fortaleza.** Fortaleza, 2006. Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância, 2006.

CASTRO, I. M. **Recreio dirigido: diversão e aprendizado para crianças dos anos iniciais do ens. Fundamental.** (Trabalho de conclusão de curso) Curso de Pós-Graduação Latu Sensu em Coordenação Pedagógica pela escola de gestores- Universidade Federal do Tocantins, s.d.

LUCON, P. N. SCHWARTZ, G. M. **As atividades lúdicas como um diferencial na diminuição da agressividade no âmbito escolar.** Artigo científico final. Departamento de Educação Física. Instituto de Biociências – UNESP – Campus de Rio Claro. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.com.br>>. Acessado em 5 de setembro de 2013

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação.** Campinas São Paulo: Papirus, 1990.

PRIOTTO, E. P; BONETI, L. W. **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola,** 2008.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

ROSA, M. J. A. **Violência no ambiente escolar: refletindo sobre conseqüências para o processo ensino aprendizagem.** In: GEPIADDE, 4. 2010, Itabaiana. **Revista fórum Identidade**, Itabaiana: V. 8, 2010.

TERENCE, A. C. F; FILHO, E. E. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais.** In: ENEGEP, 26., 2006, Fortaleza, CE. Anais de congresso. Fortaleza: s. n., 2006. P. 9

TORRES, L. M. R; RIBEIRO, L. J. S; FARIAS, M. F. **Efeito do recreio escolar dirigido no comportamento do aluno.**2007. 64 f. trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura de Educação Física) - Universidade Federal de Rondônia Porto Velho – RO 2007.



CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO SOBRE “ENSINO DE CIÊNCIAS POR INVESTIGAÇÃO”

FEITOSA, Mayara Stefany da S.M¹; SILVA, Flávia Damacena Sousa²

Universidade Estadual de Goiás - Unidade de Iporá
¹mssmfeitosa@gmail.com, ²flavia.damacena@ueg.br

Resumo: O ensino de ciências enfrenta vários problemas na atualidade e um dos mais evidenciados por alunos e professores é a ausência de diálogo entre as teorias científicas e as evidências do mundo real. Diante dos resultados positivos das recentes pesquisas em ensino de ciências por investigação fez-se necessário conhecer a concepção dos professores sobre essa modalidade didática. Essa pesquisa utilizou de questionários como instrumento de coleta de dados, sob uma proposta de análise qualitativa com questões abertas. Pesquisas apontam o potencial do ensino de ciências por investigação no estímulo à compreensão do pensamento científico. Essa perspectiva de ensino baseia-se na aproximação da “ciência dos cientistas” à ciência da escola. Constatamos que os professores tem uma concepção superficial dessa modalidade didática e que sua formação profissional não contemplou essa perspectiva de ensino-aprendizagem.

Palavras chave: Ensino de ciências por investigação; professores; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O baixo desempenho dos alunos em ciências ocasionado pela “aprendizagem” por memorização massiva de conceitos (CHASSOT, 2003; KRASILCK, 2003), reflete na precária e diminuta formação de pesquisadores no país, porém, existem experiências bem-sucedidas para melhorar a educação científica no Brasil, baseadas em atividades abertas e experimentais, com o professor como facilitador das discussões em grupo, utilizando de referências do cotidiano dos alunos e material didático capaz de estimular a construção do conhecimento, a motivação e o interesse (MARQUES, 2012).

Nessa perspectiva, voltam a emergir as ideias de John Dewey, em que a ciência, no contexto escolar, deve se constituir como um método de observação, reflexão e verificação, na qual verdades vigentes podem ser questionadas e debatidas (CUNHA, 2001). Outras iniciativas nessa perspectiva tiveram destaque, como as do educador Joseph Schwab na segunda metade do século XX, que influenciado pelas ideias de Dewey, afirmava que a ciência era constituída tanto por estruturas conceituais, quanto procedimentais, que foram historicamente construídas e revisadas, e por isso



acreditava que o ensino - aprendizagem da ciência deveria refletir esse modo de compreender os conhecimentos científicos (SÁ, 2009).

Essas propostas de aproximação entre a “ciência dos cientistas” e a “ciência da escola” tem sido foco de muitas pesquisas do campo da educação (HODSON, 1992), e hoje existem diversas propostas de ensino de ciências por investigação que são encontradas na literatura com algumas variações terminológicas e metodológicas, porém compartilham o propósito de construção do aprendizado embasados nessa aproximação da ciência praticada por cientistas (PARENTE, 2012).

Para que uma atividade seja considerada investigativa, esta deve explorar a habilidade de construir e responder questões sobre o mundo natural por meio de observações, planejamento, argumentação, tomada de decisão, formulação e teste de hipóteses, interpretação de resultados e a capacidade de construir explicações de caráter teórico balizadas pelas evidências obtidas e fomentadas por estudos de outros autores (CARVALHO, 2004.; ZULIANI, 2006.; ZULIANI e GAZOLA, 2010).

O potencial do ensino de ciências por investigação tem sido verificado no bom desempenho dos alunos em testes padronizados (GEIER et al., 2008), porém essa modalidade de ensino não tem sido aplicada devido a formação do professor e de suas crenças e práticas tradicionais (KIM et al., 2012), onde podemos ressaltar três equívocos muito comuns. O primeiro é a desnecessária vinculação entre investigação e experimentação na ciência escolar, o segundo é a vinculação automática entre ensino por investigação e atividades “abertas”, sem nenhum rigor metodológico e o terceiro diz respeito à ensinar todo o conteúdo sob abordagem investigativa, onde diversificação no ensino deve prevalecer (MUNFORD e LIMA, 2008). Acredita-se que essas crenças equivocadas e a má formação do professor impeçam a realização de aulas investigativas, pois os mesmos não foram formados sob essa perspectiva, portanto desconhecem a natureza da ciência e do conhecimento científico, o que inviabiliza a construção dessas aulas (MELVILLE et al., 2008).

OBJETIVOS



Diante do exposto, o objetivo geral desse trabalho é compreender a concepção dos professores sobre ensino de ciências por investigação considerando seu potencial para desenvolver a aprendizagem significativa, a curiosidade, o pensamento científico e a reflexão crítica sobre os resultados.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa. Seus sujeitos são professores de duas escolas estaduais em Iporá-Goiás, onde foram realizadas as etapas de observação, participação e semirregência do Estágio Supervisionado. Para a pesquisa foram utilizados questionários como instrumento de coleta de dados. Os dados foram analisados de forma analítica e reflexiva conforme Oliveira (2008).

As escolas serão identificados por letras do alfabeto “C” e “D” e os professores pela letra da sua escola seguida de um número para diferenciá-los (“C1”, “C2”, “D1” e “D2”), totalizando quatro professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os professores pesquisados já tiveram contato ou conheceram o ensino de ciências por investigação. Os trabalhos de pesquisa nos mostram que os estudantes aprendem mais sobre a ciência e desenvolvem melhor seus conhecimentos e conceitos quando participam de investigações científicas, semelhantes às feitas nos laboratórios de pesquisa (HODSON, 1992). Portanto, é fundamental que os professores de Ciências, tenham a oportunidade de conhecer, testar e avaliar a estratégia de ensinar Ciências com caráter investigativo, buscando implementar sua prática a partir do que se propõem as pesquisas mais recentes na área de ensino de Ciências.

As concepções dos professores participantes da pesquisa não divergiram muito acerca do Ensino de Ciências por investigação (ECI): C1: Não soube responder a questão e preferiu deixá-la em branco; C2: “O ensino baseia-se nas etapas do método



científico, onde os alunos vão construindo gradativamente o conhecimento.”; D1: “É um modelo parcialmente aplicado. Somos formados e continuamos recendo e transmitindo e muitas vezes as oportunidades de participação por parte dos alunos é pequena.”; D2: “Representações místicas não são ciência, para tal tem que ser comprovado.”

Em um estudo realizado por Sá (2009) a autora constatou que os tutores envolvidos em sua pesquisa inicialmente traziam algum significado para os termos investigação e ensino por investigação, e que esse último termo estava associado a algum tipo de atividade que eles já desenvolviam em sua prática docente, o que é corroborado no presente estudo pela fala do professor “D1”, que relata que o modelo é parcialmente aplicado.

Ainda segundo a autora os sentidos do ensino por investigação remeteram aos sentidos atribuídos à investigação entendida como um conjunto de práticas de referência para as quais se orienta essa abordagem de ensino. Essa caracterização do ensino de ciências por investigação é bastante comum, e foi percebido no discurso do professor “C2” e “D2” que ressalta a vinculação do ensino de ciências por investigação ao método científico e da exigência de comprovações científicas. Sá (2009) evidencia que o mito do método científico e o papel do método dentro da investigação é uma tensão comum aos professores, tutores de ciências.

Quanto a formação acadêmicas “C1” e “D2” receberam formação sobre ECI durante a graduação, sendo que “D2” especificou que obteve instrução a respeito durante Programa de Iniciação Científica do qual participou, enquanto que “C2” e “D1” nunca obtiveram nenhuma formação nesse sentido.

Os materiais didáticos segundo a maioria dos professores pesquisados não contempla a perspectiva ECI, porém C1 acredita que o livro didático contempla e esclarece a melhor forma de conduzir os conteúdos sob essa perspectiva de ensino.

Quando perguntados acerca da importância da melhor instrumentalização em ECI todos responderam considerar importante e que gostariam de receber formação complementar que subsidiasse o ensino balizado em ECI.



Dentre os motivos justificados pelo interesse em formação complementar os professores responderam: C1: “Melhora o ensino aprendizagem.”; C2: “Porquê as aulas através de ECI despertariam o interesse dos alunos e a criatividade.”; D1: “É importante conhecer novos métodos de ensino para utilizar os pontos positivos.” D2: “Informações educativas são sempre bem vindas.”

As respostas demonstraram interesse por parte dos mesmos em diversificar as formas de ensino, calcados na possibilidade da melhoria do processo educativo, da motivação, do interesse e criatividade dos alunos.

Tytler e colaboradores (2008) afirmam que a mudança para o ensino de investigação requer uma mudança significativa nas crenças de professores e o desenvolvimento de novas competências. Para isto, é necessário que recebam formação complementar e continuada adequada ao propósito de melhora do processo de ensino-aprendizagem. Existem diversos estudos que comprovam as potencialidades do ensino de ciências por investigação (VIEIRA, 2012), por isto após análise dos questionários foi possível constatar que os professores conhecem pouco sobre essa modalidade de ensino e que suas representações sobre ela são equivocadas por remeter ao método científico, e não ao processo de construção do conhecimento baseado em evidências.

Oliveira (2010) afirma que muitos programas de desenvolvimento profissional a curto prazo proporcionam informação limitada e não conseguem promover a compreensão dos professores mais profundo das investigações da sala de aula, tanto quanto eles se destinam, o que nos leva a crer que seria necessário uma formação continuada aos professores da rede pública.

CONCLUSÕES

Considerando o ensino de ciências como oportunidade para a formação cultural científica e a alfabetização científica dos alunos, é fundamental que os professores de Ciências, tenham a oportunidade de conhecer, testar e avaliar a estratégia de ensinar Ciências com caráter investigativo, buscando implementar sua prática a partir do que se propõem as pesquisas mais recentes na área de ensino de Ciências.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, A. M. P; (org)- Ensino de Ciências: unindo a pesquisa e a prática. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.
- CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- CUNHA, M. V. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. **Revista Brasileira de Educação**. N. 17, p.86-98, mai-ago 2001.
- GEIER, R., et al. (2008). Standardized test outcomes for students engaged in inquiry-based science curricula in the context of urban reform. **Journal of Research in Science Teaching**, 45(8), 922-939.
- HODSON, D. In search of a meaningful relationship: an exploration of some issues relating to integration in science and science education. **International Journal of Science Education, London**, v. 14, n. 5, p. 541-566, 1992.
- KIM, M. Teacher's reflection of inquiry teaching in finland before and during an in-service program: examination by a progress model of collaborative reflection international. **Journal of science and mathematics education**11: 359y383 Taiwan, 2013.
- MARQUES, F. Política C&T. Educação científica y Gargalo na sala de aula. **Fapesp**, 2012.
- MELVILLE, W., et al. (2008). Preservice teachers' capacity for teaching inquiry. **Journal of Science Teacher Education**, 19, 477–494.
- MUNFORD, D. LIMA, M. E. C.L. Ensinar ciências por investigação: em quê estamos de acordo? **Revista Ensaio**. V 7, n.1. 2007.
- OLIVEIRA, A. W. (2010). Improving teacher questioning in science inquiry discussions through professional development. **Journal of Research in Science Teaching**, 47(4), 422–453.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2o ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



PARENTE, A. G. L. **Práticas de investigação no ensino de ciências: percursos de formação de professores.** 2012. Tese (Doutorado em Educação para as Ciências) - Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru, 2012.

SÁ, E. F. **Discursos de professores sobre ensino de ciências por investigação:** / Eliane Ferreira de Sá. - Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2009. Tese de doutorado.

TRÓPIA, G. Um panorama da produção acadêmica sobre a prática de ensinar ciências por atividades de investigação científica no ENPEC. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009, Florianópolis. Anais do VIII ENPEC, Belo Horizonte: ABRAPEC, 2009.

TYTLER, R., et. al. (2008). Opening up pathways: Engagement in STEM across the primary–secondary school transition. Canberra, Australia: **Australian Department of Education, Employment and Workplace Relations.**

VIEIRA, F. A. C. **Ensino por Investigação e Aprendizagem Significativa Crítica: análise fenomenológica do potencial de uma proposta de ensino.** Fabiana Andrade da Costa Vieira, 2012.

ZULIANI, S. R. Q. A.; GAZOLA, R. J. C. A experimentação investigativa e a construção de conceitos: o experimento da combustão da vela. In: **Congresso Paulista de Extensão Universitária, 1; Congresso de Extensão Universitária da UNICAMP, 3, 2010. Campinas/SP. Anais...** Campinas: UNICAMP, 2010, p. 94.

ZULIANI, S. R. Q. **A Prática de Ensino de Química e Metodologia Investigativa: Uma Leitura Fenomenológica a partir da Semiótica Social.** Tese de Doutorado, São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2006.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA RELEVÂNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO CURSO DE GEOGRAFIA

LOPES, Deuseni Rodrigues¹; OLIVEIRA, Divino José Lemes de²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá GO

¹Rodrigueslopes07@outlookgoues.com; ²zezinhopj@yahoo.com.br

RESUMO: O Estágio Supervisionado de geografia é o primeiro contato entre os estagiários, a escola campo e os alunos, é por meio da observação, semirregência e regência que o acadêmico é levado a refletir sobre as práticas pedagógicas vivenciadas. Assim essas experiências vividas fazem com que os acadêmicos se tornem cidadãos críticos. Este contato com as escolas campo contribui para se lançar um novo olhar sobre o que é ser um educador e qual seu papel na sociedade. Além disso, proporciona momentos de discussões socializadas e reflexões críticas sobre o ensino e aprendizagem. As experiências do Estágio Supervisionado I tornam mais significativas as vivências ao longo dessa experiência tão importante para a formação dos futuros educadores. Esse relato tem como objetivo destacar as experiências adquiridas durante a realização desse estágio supervisionado perante a realidade escolar, e compreender o desenvolvimento profissional que as escolas campo podem oferecer aos acadêmicos. E tem por finalidade analisar a realidade escolar nos ensinos fundamental e médio da rede pública, analisando o grau de preparação do educador em relação ao ensino; Além de observar a estrutura física das duas escolas campos, e se estão aptas a receber tantos os alunos da cidade mesmo, quanto aos das zonas rurais.

Palavras chave: Estágio, Prática e Formação.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é considerado um instrumento fundamental no processo de formação do professor de geografia, ajudando o aluno a compreender e a enfrentar o mundo e contribuindo para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria e prática. O Estágio Supervisionado é uma das partes mais importantes na relação trabalho-escola, teoria-prática e pode representar de certa forma, o elo de articulação com a própria realidade escolar. Além disso, o estágio é o momento da reflexão crítica sobre o conhecimento, pois os estagiários irão colocar em prática o que foi aprendido com suas experiências e vivências na Universidade, aprendizagem essa



que irá proporcionar a construção de saberes educacionais a serem usados na prática. Segundo PIMENTA e LIMA (2001, P.33).

O Estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de , formações de profissionais, em contraposição á teoria. Não é raro ouvir, á respeito dos alunos que concluem seus cursos, referências como “teórico” que a profissão se aprende na “prática”, que certos professores e disciplinas são por demais “teóricos”. Que “na prática a teoria é outra”. No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem torna prática como referência para fundamentação teoria,ou seja carece de teoria e de prática.

O estágio caracteriza-se por sua prática nos cursos de formação profissional, mas é difícil para o aluno finalizar um curso de licenciatura, uma vez se afirma que toda teoria SÓ se aprende na prática, mas na realidade na prática a teoria é outra, ou seja, na maioria das vezes, o profissional é carente de teoria e de prática e não sabe exercer o que foi passado nas aulas de estágio.

Assim o estágio é uma das etapas de formação de futuros professores, se traduz na possibilidade de que os estagiários possam desenvolver posturas e habilidades de pesquisador e observador a partir das situações que vivenciam. É necessário que os estagiários se permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. Então a formação de professores tem como objetivo preparar o estagiário para a realização de atividades nas escolas, como profissional nas salas de aula, bem como para exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a partir dos desafios e dificuldades que a rotina do estágio nas escolas revela.

Nesse relato o tema proposto foi Estágio Supervisionado e sua relevância no Curso de Geografia, é na área humana da geografia, o tema escolhido foi de grande importância para os estagiários enquanto acadêmicos do curso de Geografia e futuros professores por retratar bem a realidade das escolas. Realizar essa primeira etapa do estágio, proporcionou colocar em prática o que foi aprendido na teoria em sala de aula. No estágio teve-se a oportunidade de adquirir conhecimento vivenciando o que o



professor sente diante de situações diversas em relação aos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Assim o objetivo desse relato é identificar as experiências adquiridas nas escolas, destacando o aprendizado e o conhecimento adquirido durante a realização desse estágio supervisionado diante da realidade da escola, também procuramos compreender o desenvolvimento profissional e compreender que as escolas podem oferecer aos acadêmicos por meio de práticas pedagógicas.

A metodologia utilizada nesse relato de experiência foi a observação, as vivências e as experiências nas escolas campo. Além da pesquisa nas escolas campo, foram feitos ainda levantamentos bibliográficos em livros, artigos e materiais trabalhados pelo orientador de estágio.

DISCUSSÃO

O Estágio Curricular Supervisionado é um campo de conhecimento muito amplo nos cursos de formação de professores, e possibilita aos acadêmicos o contato com as unidades escolares e a vivência e participação nas atividades profissionais. De acordo com Rash (1996: p. 21). “O estágio curricular não é simplesmente uma experiência prática vivida pelo aluno, mais uma oportunidade para refletir sistematizar e testar conhecimentos teóricos e ferramentas técnicas durante o curso de graduação”.

Assim o estágio tem como objetivo proporcionar aos estagiários, a vivência da realidade escolar, vendo o que o professor passa e o que ele sente, favorecendo seu desenvolvimento profissional, a compreensão do contexto escolar e as práticas a partir da observação. As observações feitas dentro e fora da sala de aula foram minuciosas e isso fez os estagiários perceber a falta de interesse dos alunos em assistir as aulas. Porém o desinteresse maior era quando o professor explicava os conteúdos e eles só queriam conversar. Observou-se na escola campo como de fato era o relacionamento professor/ aluno, porque na sala de aula sempre haviam descasos, brigas, mas fora da sala, no intervalo, os alunos se sentiam mais à vontade em estar próximos aos professores e ao grupo gestor também.



O Estágio Supervisionado de Geografia, assim como o dos demais cursos, têm a função de abrir novos horizontes para que os estagiários possam descobrir-los, por meio da vivência diária e do convívio com os docentes, coletando dados, refletindo e trazendo para o espaço de formação para que fortaleça o exercício da docência e o ensino de Geografia nos futuros profissionais, visando à prática docente.

Além do mais todos materiais utilizados, foram muito importantes para chegar até aqui, foram os materiais de estudo sobre o que é o estágio. A própria vivência dos estagiários ajudou a entender um pouco o que passam dentro de uma escola campo. Também foi apresentado para estudo “O Projeto de Estágio Supervisionado do Curso de Geografia 2013”, quando o orientador mostrou o que os estagiários deveriam fazer de acordo com o aprendido. Foram feitos estudos e reflexões a partir de artigos e livros que abordaram uma temática reflexiva como: O estágio supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor; Planejamento escolar; O educador: Além de professor, filósofo da educação e líder da transformação social; Os desafios de ser professor no século XXI; o ensino de geografia em tempos de globalização; Estágio supervisionado: Reflexão sobre uma prática; Ser professor: Uma escola de poucos; Por que publicar um artigo científico? Desta forma, foram vários os conteúdos estudados e que auxiliaram tanto na prática do Estágio como na elaboração do resumo sobre o assunto. Esses materiais pois forneceram noções básicas para o trabalho nas escolas campo sem cometer erros, foram peças - chave para se colocar na prática o que se aprendeu na teoria.

A licenciatura é fundamental para estarmos em sala de aula, pois é a licença para dar aulas. É quando se passa por todo o processo de estudos e aprendizagens, que logo serão exercidas em sala de aula, quando o licenciando colocará em prática tudo que foi estudado na teoria. Com o estágio o estagiário tem a oportunidade de desenvolver em sua aula conteúdos que permitam a vivência no contexto escolar, além de ministrar sua aula, o estagiário é levado a fazer reflexões e desenvolver atividades propostas no ambiente escolar, o que reforça a necessidade de envolvimento cada vez mais completo com a escola campo no processo de formação de professores.



Na docência o professor de ontem pode se dizer que era menos atualizado, tudo era baseado num contexto já pronto sem muitas escolhas, ou seja, padronizado; não havia conhecimento compartilhado, somente era oferecido o que havia nos livros didáticos, em resumo, tudo muito científico. Já o professor no século XXI, proporciona uma educação mais libertadora, usando uma linguagem de fácil entendimento, aplicando diversas metodologias que possibilitam ao professor buscar e usar sua criatividade para ministrar aulas. É preciso inovar a educação usando tecnologias e outras metodologias possíveis para resgatar o interesse dos alunos, instigando-os para que as aulas se tornem mais atrativas e participativas, propondo aos alunos um diálogo em que podem expor suas vivências. Isso é docência, estar sempre buscando inovações tecnológicas que permitam aos professores usarem toda criatividade para tornar as aulas mais dinâmicas e participativas por parte dos alunos.

RESULTADOS

O Estágio Supervisionado foi realizado em duas escolas campo, uma situada no centro de Iporá e trabalha com o Ensino Fundamental apenas. Apresenta boa estrutura física, nas salas de aula que são bem organizadas, com ar condicionado e carteiras confortáveis, com professores bem capacitados que fazem com que as aulas se tornem mais interessantes; e por ter somente o Ensino Fundamental aparentemente é fácil lidar com os alunos sob o controle da direção e coordenação.

O outro colégio está localizado no bairro Mato Grosso, já trabalha com o Ensino Fundamental e Médio, nela a estrutura física é deficitária tanto nas salas de aula que são superlotadas e sem climatização. Com relação aos professores percebe-se que não se empenham muito para despertar o interesse do aluno, porque acham que alguns não têm mais jeito por ser rebelde, ou por não terem domínio de sala nem de conteúdo. O colégio que foi um dos pioneiros em Iporá deixa muito a desejar na educação, mesmo com a direção e a coordenação tentando fazer o melhor, a situação já fugiu do controle há muito tempo.



Ambas as escolas trabalham com o mesmo tipo de alunos aqueles que não portam necessidades educacionais especializadas e os portadores de necessidades educacionais especializadas como portadores de síndrome de Dawn, Déficit de atenção dentre outras. Nesse estágio nas duas escolas campo foi possível vivenciar a forma pela qual o grupo gestor e os professores lidam com a escola e pela escola tentando buscar melhorias, mesmo quando acham que não tem mais jeito, correm atrás dando seu melhor pelos seus alunos. Em uma das escolas pôde-se notar nitidamente a falta de estrutura no ambiente escolar, segundo a direção devido à falta de ajuda do governo, pela demora em conseguir recursos, enquanto isso no colégio não há ventilação suficiente nas salas de aula, não se tem aparelhos suficientes e nem uma sala equipada de AEE (Atendimento Educacional Especializado). Ao contrário da primeira escola essa não tem uma boa estrutura.

Com tudo isso se conclui que para ser um bom professor primeiramente, tem-se que gostar do que faz ter domínio de conteúdo e de sala, saber transmitir e compartilhar saberes, vivenciar a realidade escolar, tentando fazer o máximo pela escola e pelos seus alunos para se ter um bom retorno como educador, sendo uma pessoa mais crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do Estágio Supervisionado, que teve como objetivo analisar e vivenciar o cotidiano escolar como um todo nas escolas campo proposto, no qual visto que na realidade, os estagiários sofrem preconceitos constantes pelos alunos no ambiente escolar a todo o momento, não só os estagiários mas também os professores regentes que estão ali na escola, sofrem com o caos provocado pelos alunos que gritam com o professor, xingam e desrespeitam, agredem verbalmente. Tudo isso desmotiva quem está começando na profissão ou mesmo aqueles que ainda estão se preparando para sê-lo. Mas o que pode ser usado em favor dos estagiários quando forem para sala de aula, é o diálogo, dinâmicas e saber ouvir os alunos e mostrar autoridade para se ter o total domínio da sala.



As experiências que a partir do estágio foram muitas das vezes frustrantes, mas ao invés de desmotivar os estagiários, fazem com que a vontade de ser professor os deixem estimada, pois, sabe-se que o sucesso ou não depende de como se ministram as aulas, o que vão usar para motivar os alunos para o que o rendimento escolar seja bom. Esse estágio mostrou como se deve agir como professores diante da sala de aula e diante das dificuldades que enfrentarão na maioria das vezes. É preciso antes de tudo não se descontrolar e mostrar quem é dono da situação com autoridade.

Os estagiários como futuros professores têm a tarefa de moldar os alunos, que são como “diamantes brutos que caem em nossas mãos e teremos o trabalho de lapidá-los com esforço até torná-los peças de grande valor”. Ou seja, trabalhando com eles para serem alguém na vida e não desistindo deles. Esse é o trabalho do estagiário, não desistir jamais dos desafios que virão, enfrentando-os até chegar ao objetivo final que é de ser um educador.

Na próxima fase do Estágio espera-se que possa ser produtivo, pois será a regência, momento em que o estagiário terá que ir para a sala de aula, para passar para aos alunos o que aprenderam ao longo desses anos na Universidade. Espera-se que os alunos possam colaborar nas aulas participando e interagindo com os estagiários, porque não é fácil, mas espera-se que com o esforço de cada um em dar o melhor de si, o período da regência será de êxito, tanto para os estagiários como para os alunos das escolas campo.

REFERÊNCIAS

- PICONES, Stela C. Bertholo e KENSKI, Vani Moreira. **A Prática de ensino e o estágio supervisionado**. Ed. Papirus 15º ed. 2001 p15-39
- LISITA, Verbena Moreira e PEIXOTO Adão José, **Formação de Professores; políticas, concepções e perspectivas**. ed alternativa, goiânia 2001 p.11-101.
- OLIVEIRA, Divino José Lemes de e LINHARES, Silvia Diniz, **Projeto Estágio supervisionado curso de geografia 2013** p.2-4.



ESTÁGIO: TÉCNICA PARA O DESENVOLVIMENTO DOCENTE, ATRAVÉS DA REALIDADE (PRÁTICA)

CORDEIRO, Eliane Monteiro da Rocha¹; OLIVEIRA, Divino José Lemes de²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade e Iporá-GO

¹elianemonteiro27@hotmail.com; ²zezinhopj@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho evidência a experiência adquirida no estágio, através do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Iporá, na perspectiva do aperfeiçoamento dos universitários na área de licenciatura conforme a realidade docente, à qual criticidade, reflexão sobre o espaço e as transformações que tem ocorrido na sociedade são destacados como fatores importantes para capacitar os acadêmicos, tornando-os aptos como educadores profissionais. Assim o estágio curricular na área da Geografia tem como objetivo principal, capacitar os estagiários, desenvolver éticas, postura profissional na área da educação e aperfeiçoamento para serem utilizados ao exercer a profissão de Licenciatura em Geografia. A pesquisa foi realizada na escola Israel de Amorim e no colégio Osório Raimundo de Lima. O método utilizado foram discussões orais com os alunos, pesquisas com leituras bibliográficas e atividades expostas em sala de aula com debates entre o professor do curso e os acadêmicos. O resultado da pesquisa foi relevante, pois gerou conhecimento para os discentes, docentes e acadêmicos.

PALAVRAS CHAVES: acadêmico, desenvolvimento e aperfeiçoamento

INTRODUÇÃO

A formação dos acadêmicos depende de um bom resultado adquirido na universidade e principalmente na disciplina de estágio, este que propõe um regimento constituído pela prática desenvolvida em instituições de educação Básica, sendo um meio de interação entre teoria e prática, pois define o perfil dos futuros profissionais da educação. Dessa forma, os acadêmicos tem a oportunidade de participar da realidade escolar observando e atuando segundo a supervisão de um profissional (professor orientador de estágio, professor regente e outros).

O estagiário deve entender a interação do ensino com a realidade, ter domínio dos recursos técnicos, conhecer o interior da escola e compartilhar os conhecimentos de forma que contribua para a formação social diante da escola e universidade. Por isso a modernidade e o avanço tecnológico na área educacional são importantes para



atualização dos profissionais docentes e o aprendizado dos alunos no âmbito escolar e social. Nesse sentido, os acadêmicos tiveram a necessidade de acompanhar a evolução do processo de comunicação em sala de aula entre discentes e docentes. A liberdade de expressão facilitou o entendimento do professor sobre a realidade do aluno, dessa forma o ensino obteve resultados positivos.

Sobre a questão da liberdade de expressão em sala de aula pensadores, como PAULO FREIRE² (2011 P.47) afirma que o uso dessa metodologia por parte do professor facilita o processo de construção de conhecimento por parte do aluno, uma vez que ao dar voz ao mesmo, permite ao discente criar possibilidades de construção do conhecimento segundo sua própria visão de mundo.

Para Paulo Freire ensinar, não é transferir conhecimento, mas sim dar condições ao aluno, de criar suas próprias conclusões, despertando sua curiosidade científica e racional. Isso indica que uma das causas para o desinteresse do aluno é a falta de atenção, liberdade para expor suas ideias em sala de aula. Pois a liberdade de expressão permite aos alunos expressarem sua criatividade e criticidade, ou seja, expor as suas próprias opiniões, e a partir dessa interação docente e discente é revelado soluções para o incentivo nos estudos e desenvolvimento dos alunos em sala de aula.

A partir de indagações sobre o aprendizado dos alunos e relação dos conteúdos geográficos sobre a realidade dos alunos e da escola surgiu o interesse na escolha do tema deste trabalho, que envolve práticas metodológicas, o uso da cartografia que indica a localidade dos bairros ou o uso da estatística que evidência as diferenças sociais econômicas, assim a realidade está presente no âmbito da geografia e na vida cotidiana dos alunos, professores e na disciplina educacional.

Muitos pesquisadores relatam sobre a reflexão da prática de ensino envolvida com a realidade. STELA C. (2008, P.15) fala da realidade que é apresentada com o acompanhamento mundial. KULCSAR (2008 P.63), diz que isto mostra a importância de

²- Para filósofos da Educação como Paulo Freire, saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção, ver Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*, São Paulo, Paz e Terra, 2011, p. 47.



considerar as transformações e a vida cotidiana envolvida na escola, que são fundamentais para um entendimento e desenvolvimento da profissão.

Diante das experiências obtidas e relatadas sobre o estágio, foi que surgiu desafios que estão presentes, o que promoveu promovendo uma reflexão sobre a profissão. Segundo os autores FERNANDES E SANTOS (2011 P.77) o que contribui para uma conscientização é uma auto-avaliação da capacidade em enfrentar e produzir, gerando o aperfeiçoamento e o crescimento profissional.

Na realidade são encontradas dificuldades na estrutura escolar, o que implica no ânimo e no incentivo dos alunos gerando comportamentos inadequados devido a falta de segurança ou de conforto, como também nas aparelhagens utilizadas, pois atualmente uma boa aula depende de recursos tecnológicos, como o projeto multimídia que em uma escola deveria obter no mínimo dois aparelhos, o que na realidade só possui apenas um equipamento áudio visual.

Enfim, as regras são postas pelo sistema e o cumprimento delas, que são fatores importantes, mas que estão defora do padrão exigido para um bom funcionamento escolar, isso tem gerado desconforto e desânimo aos educadores e aos educandos, que sempre estão na expectativa de melhorias, pois fazem parte da escola como a escola faz deles.

Dentro de uma categoria humana e social este trabalho foi gerado verificando a importância da vida social e familiar dos alunos, esses aspectos influenciam no contato com outros alunos de diferentes classes sociais e no aprendizado em sala de aula visualizando a importância do conhecimento individual de cada um.

O objetivo principal deste trabalho é evidenciar e caracterizar a relação do cotidiano dos alunos e professores na produção educacional, evidenciando os aspectos físicos da escola e a vida social, familiar.

Este trabalho foi desenvolvido com a supervisão da professora regente e os recursos utilizados na execução acadêmica como estagiário, aconteceu através de discussões orais, ou seja, diálogos com os alunos no interesse de esclarecer e entender como a realidade pessoal tem influência no aprendizado, também compesquisas e leituras bibliográficas e atividades expostas em sala de aula no exercer do estágio e na



universidade com debates entre o professor de curso com os acadêmicos e finalmente na participação envolvida na escola, o que resultaram na transformação da realidade em conteúdo de aprendizagem confirmando o vínculo entre a educação e a realidade. E a metodologia utilizada também foi determinante para aprendizagem dos alunos, o qual foi utilizado como método a interação, debates e assuntos com ensinamentos geográficos a partir da realidade.

Portanto, a escola é o contato principal na atuação inicial dos acadêmicos para o amadurecimento na perspectiva da formação de profissionais críticos e capacitados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A atuação da estagiária pode ser considerada como uma produção de conhecimentos, envolvendo a interação entre os cursos de formação de professores com o campo real e social desenvolvendo-se através da prática exercida na escola como componente curricular que valoriza a construção do ser profissional docente.

Referindo-se as edificações da identidade, conhecimento e das atitudes exigidas do futuro profissional, esclarece PIMENTA & LIMA (2008 P. 61), “O estágio como campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente”. Diante desta afirmação a formação de professores está relacionada a um bom profissional, sendo o estágio o mediador da profissão e da execução, tornando-se indispensável na caracterização da verdadeira identidade docente.

No âmbito geográfico o desenvolvimento social e espacial é indispensável ao docente para ensinar o conteúdo geográfico, pois geografia não visa apenas estudar a formação da terra, mas evidencia-se o estudo de um todo, a qual a realidade está dentro da disciplina geográfica, desta forma a geografia atua na vida dos acadêmicos e dos professores, sendo importante na execução do estágio. Conforme PHILIPPE PERRENOUD (2001 P.20), “a vida cotidiana apresenta episódios valorosos que colocam em cena indivíduos ou grupos que agem com base em saberes.” Com isso o



conhecimento diante da realidade demonstra a importância de uma interação real no ensino da geografia gerando a criticidade e o desenvolvimento para uma vida docente.

Na formação dos acadêmicos de licenciatura em geografia, o estágio tem uma ampla importância, caracterizando a prática e a teoria, pois na área da educação existem diversos diagnósticos, familiar e social que são vistos na vida dos alunos e que definem o perfil de cada um, pois diante disto surgem situações onde a experiência vivenciada no estágio é o embasamento para entender e executar ações que contribuam para um aprimoramento diante destes desafios que surgem no dia a dia, assim o estágio tem a intenção de aperfeiçoar e de capacitar o licenciando através da prática exercida e do confronto com os obstáculos no interesse de superá-los.

ANDRADE (2005 P.2) aponta que: “Com a teoria como referência, a prática como ferramenta o professor deve procurar o real que se apresenta diferente dia a dia”. Com isso superar obstáculos requer perseverança e criatividade além do conhecimento científico.

A teoria e a prática são aliadas para a formação de profissionais da educação, pois através da experiência vivenciada com a realização de projetos, pesquisas literárias, ações exercidas em sala de aula, aula de campo e o plantão pedagógico, são fatores indispensáveis para um desempenho profissional, à qual a teoria torna-se real envolvendo prática, gerando profissionais determinados e capacitados para exercer a profissão.

Exercer a profissão exige muito planejamento, métodos e profissionalismo que estejam de acordo com as mudanças encontradas através da modernização, pois os alunos e sociedade exigem que o professor esteja apto a essas transformações. A educação tem sido alvo dessas mudanças segundo, MONBEIG (1957 P.18) “convém que o ensino acompanhe as transformações do globo. Para um mundo moderno convém um ensino moderno”. Dessa forma atualizar as ideias e utilizar a tecnologia dos tempos atuais tem facilitado o envolvimento dos alunos garantindo uma interação do ensino à realidade.

Com o avanço da tecnologia e do mundo globalizado os professores tem encontrado um processo sócio econômico complexo que tem gerado cidadãos



subordinados ao sistema capitalista, onde a educação tem se tornado alvo de um sistema interessado em seu próprio poder. Com base nesses termos a formação obtem-se em um mercado de trabalho onde a profissão docente é desvalorizada. Assim, SANTOS (1999 P.03) critica o pensamento docente atual, de que é preciso formar estudantes para obter um lugar num mercado de trabalho. Com tais críticas a nova geografia contrapõe o paradigma Neo-Liberal, contribuindo para criação de novos conceitos na prática docente, que levem os alunos a construção de uma mente crítica e dialética que possam resgatar a importância do aprendizado e valorizando os profissionais da educação. Assim, o conhecimento faz parte primordial na vida do ser humano, como forma de liberdade e de crescimento.

Segundo, SANTOS (1999 P.03), Corremos o risco de ver o ensino reduzido a um simples processo de treinamento a uma instrumentalização de pessoas, daí a importância de uma formação de cidadãos críticos e de educadores que exercem a autonomia da liberdade interagindo a realidade com a educação.

RESULTADOS

Durante o estágio realizado no ano 2013, no colégio campo Osório Raimundo de Lima e Israel de Amorim, ambas localizadas na cidade de IPORÁ-GO, sendo a primeira citada como colégio de ensino fundamental-médio comportando alunos com negligências familiares, inclusão e déficit em aprendizagem, localizada próximo ao centro da cidade com uma estrutura inadequada para a quantidade de alunos e a segunda escola de ensino fundamental, localizada no centro comercial da cidade com uma estrutura razoável, tem capacidade para alunos com déficit e inclusão, sendo ambas públicas.

A disciplina de estágio realizada através das aulas ministradas na Universidade Estadual de Goiás propõe momentos para realização de debates e discussões a respeito das ações vividas na prática do estágio, desta forma os acadêmicos utilizaram bibliografias e artigos como embasamento, com a função de aprimoramento diante da prática realizada no estágio.



O contato com a escola, campo e com a comunidade de que ela faz parte são fatores de grande relevância para a formação do profissional, pois o primeiro contato revela a realidade da sala de aula, do comportamento dos alunos, da estrutura, do sistema educacional e do uso de métodos para a ministração das aulas, esclarecendo e ensinando o acadêmico.

O estágio foi dividido em observação e semi-regência, dessa forma a observação foi executada através do envolvimento no interior das escolas, na secretaria e na sala de aula. Com auxílio em sala de aula, atividades, leitura e diálogos foram administrados nessa Semi-regência um período total de 130 horas.

Colégio Israel de Amorim possui uma estrutura adequada à demanda escolar, onde as salas de aula possuem ar condicionado, sala de cinema para aulas com auxílio da multimídia, uma quadra de esportes para lazer na hora do intervalo, o que gera mais conforto aos alunos refletindo no desempenho de cada um deles. Observando o colégio Osório foi identificado que a estrutura não é agradável, a qual existe uma deficiência estrutural que implica no comportamento dos alunos e na administração das aulas, embora as condições físicas estejam difíceis para ministrar e envolver os alunos nas aulas, a professora regente utiliza estratégias de ensino para minimizar os problemas estruturais escolares e conseguiram bom rendimento dos alunos docente e estagiário.

Na observação foram distinguidas diferentes culturas e classes sociais, cujas condições familiares resultavam no agir, no falar e nas ações exercidas por cada aluno, pode-se entender que os alunos refletem sua realidade na sala de aula, sendo alguns revoltados, outros calmos, uns interessados no estudo para garantir um futuro promissor e outros sem nenhuma perspectiva do futuro, dessa maneira o comportamento de cada um é sinônimo do que é vivido na sua vida real, os que possuem uma família estável e cuidadosa são os que mais se interessam pelo estudo, já os que não têm apoio familiar possuem um caráter debilitado, assim a realidade vivida é repassada na sala de aula, intervindo no administrar das aulas, requerendo que o professor obtenha estratégias e técnicas para lidar com situações e transformá-las em crescimento educacional.

Na Semi-Regência, ao auxiliar a regente de cada escola campo, houve grande crescimento no conhecimento e com o contato direto com os alunos. A prática tornou-se



concreta, assim através da experiência, do auxílio nos conteúdos lecionados, nas atividades desenvolvidas e na correção avaliativa houve um resultado gerador de confiança e de aperfeiçoamento para o estagiário. Embora diante de tantas dificuldades encontradas no comportamento disciplinar de alguns alunos que estão relacionadas na estrutura física escolar, as aulas foram desenvolvidas revelando a importância da interação aluno-professor e sociedade, diante das diversas realidades encontradas no cotidiano de cada um.

Na realidade são encontradas dificuldades na estrutura escolar que implica no ânimo e no incentivo dos alunos gerando comportamentos inadequados devido à falta de segurança ou de conforto, como também nas aparelhagens utilizadas, pois atualmente uma boa aula depende de recursos tecnológicos, como multimídia, que em uma escola deveria obter no mínimo dois aparelhos, o que na realidade possui apenas um. Esses fatores estão fora do padrão exigido para um bom funcionamento escolar e tem gerado desconforto e desânimo aos educadores e aos educandos, que sempre estão na expectativa de melhorias pois fazem parte da escola como a escola deles.

Ao ministrar uma aula foram utilizados requisitos importantes como planejamento que é indispensável, sendo ele o modelo que direciona o professor a desempenhar uma aula que seja compensativa e organizada. Diante dessa realidade vivida em sala de aula entende-se que apenas planejamento não é o suficiente para um bom resultado, mas também a ação e o procedimento que o professor introduz ao explicar os conteúdos.

A disciplina geográfica quando ministrada traz à tona a vida dos alunos e através dos métodos utilizados nessas experiências são transformadas em ensinamentos, ou seja, o local e a comunidade do aluno são pontos estratégicos para o estudo da localização e o uso da escala, como também o estudo da diferença das classes sociais.

Os resultados obtidos no estágio foram valorosos no amadurecimento e aprimoramento para uma atuação profissional. Entende-se que, o estágio possui uma importância extrema na formação do docente ensinando que a prática e a teoria estão vinculadas. Já o discente e a escola requerem do professor: ética, técnica, desenvolvimento, conhecimento científico e ações que o prove como um profissional



capacitado e apto a enfrentar desafios da educação. Nesse sentido observa-se a seriedade e a responsabilidade em que pratica docente exige do futuro profissional(estagiário).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar do estágio de geografia oferecido pela unidade universitária de Iporá e aceito pelas escolas campo é o ponto principal para a formação dos acadêmicos em Licenciatura, pois o desenvolvimento dos acadêmicos como futuros professores depende da orientação e supervisão para esclarecer o funcionamento da escola, atividades desenvolvidas, realidade de cada aluno- professor e das técnicas utilizadas para executar a profissão.

A interação com a escola, funcionários e principalmente com os alunos nos trouxe uma visão mais aberta e significativa de como éser um profissional, despertando a curiosidade para atuar na prática docente e enfrentar os desafios que surgem no decorrer da profissão.

Percebe-se que as práticas estudantis, essas práticas se relacionam com a realidade do aluno e da família , com cotidiano e a forma de ensinar que possui um resultado significativo para os dois lados, tanto para os alunos, como para os docentes refletindo na vida e gerando conhecimento, por isso a prática torna-se mais forte no aprendizado valorizando e causando resultados positivos. Resultou em grandes experiências que somaram em um todo, onde nos abriu a visão para a realidade escolar e familiar de cada aluno e no desenvolvimento docente com respaldo acadêmico, que incentivou e apoiou para a realização das ações na área exercendo com êxito e confiança, na expectativa do crescimento profissional.

Portanto, o acadêmico deve almejar como futuro docente que o próximo estágio proporcione experiências relevantes na área do ensino de Geografia enquanto educador e acrescente mais conhecimento, tanto na teoria como na prática. É de grande relevância que, o acadêmico entenda , participe e contribua com a educação, a fim de conquistar melhores oportunidades na carreira de docência em Geografia.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- STELA, C. Bertholo Piconez. **A prática de ensino e o estágio supervisionado: A aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão.** Ed. Papirus 15ª ed. São Paulo 2008.
- KULCSAR, Rosa. **O estágio nos cursos de formação de professores.** ED. Papirus 15ª ed. São Paulo 2008.
- FERNANDES, Simone Oliveira Silva e SANTOS, Maria José da Silva. **Estágio supervisionado 2011. (Desafios e contribuições do estágio para a formação inicial do professor).** 01ª ed. Iporá – Goiás.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e terra 2011, p.47.
- PIMENTA, Selma Garrido Lima e Maria Socorro Lucelena. **Estágio e Docência (Estágio e construção da identidade profissional docente).** Ed. Cortês, 3ª ed. São Paulo 2008.
- PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.** ED. Artmed, 2ª ed. Porto Alegre 2001.
- ANDRADE, Arnon Mascarenhas de. **O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente.** Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf; acesso em 28 set.2013.
- MONBEIG, Pierre. **Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa.** In: Novos estudos da Geografia Humana Brasileira. São Paulo: DIFEL, 1957.
- SANTOS, Milton. **Os deficientes cívicos.** In: Folha de São Paulo, Mais! (São Paulo), 24/1/1999.



INCLUSÃO ESCOLAR: LIMITES ENTRE O IDEAL E O REAL

SOUSA, Priscila Batista¹; SILVA, Flávia Damacena Sousa²
Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá, Iporá – Go
¹pri-ipo@hotmail.com; ²flavia.damacena@ueg.br

Resumo: A ideia fundamental de inclusão é adaptar o sistema escolar às necessidades do aluno com deficiência, garantindo seu acesso e permanência no ensino regular. Entretanto, na maioria das vezes, tais alunos se deparam com uma realidade de falta de adaptação e de recursos necessários, além disso, o processo de inclusão enfrenta outras grandes barreiras. Objetivou-se com o presente trabalho ressaltar como ocorre o processo de inclusão escolar, buscando reflexões sobre que mudanças se fazem necessárias para a aceitação da diversidade. Como resultado pode ser observado que os principais problemas que levam a exclusão são, a não aceitação da diferença, professores se julgarem incapazes, falta de salas de apoio, falta de materiais, entre outros. Conclui-se que se fazem necessárias mudanças em todos os âmbitos educacionais para que ocorra uma real inclusão escolar.

Palavras Chaves: Deficiência; Inclusão; Diferença.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de pessoas com necessidade educacional especial é um tema que vem ganhando grande espaço em debates que apontam a necessidade de a escola atender às diferenças e valorizar a diversidade, presente na humanidade (MACIEL, 2000). O significado de inclusão está desligado da natureza de integrar, uma vez que não se diz respeito a questão de adaptar o aluno às exigências da escola e sim adaptar o sistema escolar às necessidades do aluno, buscando mudanças de perspectiva educacional, uma vez que se dirige a todos os alunos (MATURANA, 1999).

A sociedade sempre excluiu portadores de deficiência, privando-os de uma vida social habitual. Essas pessoas, sem respeito e direitos, eram impedidas de usufruírem os mesmos benefícios que os demais (DUEK, 2007). Entretanto, é necessário rever essas posturas sociais, frente a pessoas com quaisquer tipos de deficiência, pois são cidadãos e assim, precisam gozar dos mesmos direitos dos demais (SANCHES, 2006).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), é um dos inúmeros documentos que defendem o direito de todos à educação. Respalda como um dos seus objetivos, a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor,



idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, inciso IV). Ela ainda trata, no art. 205, do direito de todos à educação. Esse direito tem em vista o desenvolvimento pleno da pessoa bem como o seu preparo para a cidadania e qualificação para o trabalho. Mesmo sob a garantia da lei, a educação se depara com um impasse, uma vez que, o que se vê são programas, propostas, projetos, leis e decretos, que ficam, na maioria das vezes, só no papel (SANCHES, 2006).

Se o que se almeja é que a escola seja inclusiva, é imprescindível redefinir os planos para uma educação livre de preconceitos e que valorize as diferenças. A educação inclusiva, conforme Ferreira (2005, p. 41),

[...] não diz respeito somente às crianças com deficiência – cuja maioria no Brasil ainda permanece fora das escolas, porque nós nem tentamos aceitá-las – mas diz respeito a todas as crianças que enfrentam barreiras: barreiras de acesso à escolarização ou de acesso ao currículo, que levam ao fracasso escolar e à exclusão social.

Portanto, para o processo de inclusão, primeiramente é necessário aceitar as pessoas, deixando de dar atenção aos impedimentos e às aparências começando a considerar os potenciais e capacidades de tais pessoas. Passos fundamentais devem ser dados para mudar o quadro de exclusão, começando desde a política até as salas de aulas (SANCHES, 2006). As maiores dificuldades estão no não reconhecimento do outro como diferente e na não aceitação dessa diferença, tendo como consequência, pessoas excludentes. A inclusão envolve convivência regada pelo diálogo, pela humildade, pelo reconhecimento das próprias fragilidades (MACIEL, 2000).

Considerando os desafios e perspectivas desse tema, o presente trabalho tem como objetivo ressaltar como ocorre o processo de inclusão escolar, buscando reflexões sobre que mudanças se fazem necessárias para a aceitação da diversidade.

METODOLOGIA

Esse trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica sobre inclusão e para sua realização, foram feitas revisões em artigos, livros e revistas, realizadas junto à biblioteca e serviços de informações científicas existentes, tais como o periódico Scielo,



buscando informações relevantes sobre a inclusão escolar. Para Sampieri, Colado e Baptista (2006), revisão bibliográfica é a localização e obtenção de documentos para avaliar a disponibilidade de material que subsidiará o tema do trabalho de pesquisa. É a análise crítica, minuciosa e ampla das publicações em uma determinada área de conhecimento, conhecendo como tal assunto foi abordado em estudos anteriores. As revisões foram realizadas entre Agosto e Setembro de 2013.

Posteriormente às leituras e revisão, buscou-se relacionar a experiência, observação, e conhecimentos adquiridos durante o estágio supervisionado nas escolas campo (duas da Rede Pública Estadual) e em seguida elaborou-se um texto organizado e sistematizado sobre a inclusão, seus desafios, possibilidades e realidade atual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 1988), o ensino deve ser ministrado tendo como base o seguinte princípio, "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola" (art. 206 °, inciso I p. 34). Embora existam vários documentos garantindo o direito de educação à todos, pôde se observar que alunos com necessidades especiais são de certa forma, deixados de lado, sendo privados de um ensino de qualidade.

O problema acerca da inclusão se agrava devido a não aceitação da diferença e na resistência da comunidade escolar, principalmente professores, pois muitos julgam serem incapazes de atuar diante de tal complexidade. Acredita-se que esse sentimento de impotência seja reflexo de fragilidades no processo de formação profissional, falta de material adequado, de salas de apoio, apoio político, compromisso da sociedade, recursos financeiros e outros fatores que culminam na exclusão (FERREIRA, 2005).

Quanto a formação do professor, faz-se necessário destacar a necessidade de formação continuada, que o coloca em dia com novas perspectivas e conhecimentos necessários a sua prática (MARCELO, 1999). Além disso, é preciso reforçar a existência de professores de apoio em cada sala de aula dos Centros de Apoio



Educacional Especial (CAEEs) em cada Unidade escolar, pois estes possuem apoio educacional especial, que muito contribuirá para a continuidade dos alunos nas escolas.

Já os recursos financeiros, são necessários para a aquisição de bens e materiais necessários para trabalhar com os alunos com deficiências. Nas escolas públicas da rede estadual, o responsável por fornecer esses recursos é o Estado, porém, o que se observa é a carência de investimentos necessários (MATURANA, 1999). Cabe ressaltar que hoje, nas escolas, existem alunos com diversos tipos de necessidades, e cada qual com suas particularidades, o que presume que os recursos e materiais didáticos também devem ser diversificados.

Assim, levantou-se com esse trabalho, a urgência de unir as forças de todos os envolvidos, para ocorrer as mudanças necessárias no processo de inclusão, o que a tornará real no âmbito escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que para incluir pessoas com necessidades físicas, intelectuais, sociais e psicológicas diferenciadas, faz-se necessário mudanças e reformulações da instituição escolar como um todo, desde a formação acadêmica que aborde adequadamente a questão da deficiência em seu currículo, formação continuada, mudanças no ensino, na postura docente, implantação dos CAEEs, professores de apoio, espaço físico e didático adequados e gestão escolar e também o lidar com o alunado. Porém, não se trata de uma tarefa fácil. Para mudar a instituição, são necessários investimentos financeiros e mudanças nas mentes, aceitando a diferença e suspendendo juízos de valores como pena, repulsa e descrença. O processo de inclusão é frágil, lento e deve ser feito com o apoio dos pais e de toda comunidade escolar. Portanto, conclui-se que se fazem necessárias mudanças em todos os âmbitos educacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BRASIL, Congresso Nacional -**Constituição da República Federativa do Brasil - Brasília** - Senado Federal, 1988.

DUEK, V. P. Um olhar sobre a deficiência/diferença na escola inclusiva. **Revista Educação Especial**. Universidade Federal de Santa Maria. Nº 29, 2007. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2007/01/a3.htm>. Acesso em: 10 setembro 2013.

FERREIRA, W. B. Educação Inclusiva: será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos? **In: BRASIL, Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial. Inclusão – Revista da Educação Especial**. Ano 1 – Nº 01 – Outubro de 2005, Brasília.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. **Portadores de deficiência: a questão da inclusão social**. *São Paulo Perspec*. [online]. 2000, vol.14, n.2, pp. 51-56. ISSN 0102-8839.

MARCELO, C.G. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLADO, Carlos Fernández; e BAPTISTA, Lucio Pilar. **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 3ª ed, 2006

SANCHES, Isabel e TEODORO, António. Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Rev. Lusófona de Educação* [online]. 2006, n.8, pp. 63-83. ISSN 1645-7250.



LUDICIDADE: UMA PRÁTICA DE ENSINO, SENDO VIVÊNCIA NAS EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

SANTOS, Paula Roberta dos¹; OLIVEIRA, Claudimary Moreira Silva²

Universidade Estadual de Goiás Universitária de Iporá– Go

¹paularobertaipo@hotmail.com; ²clau.moreira@ueg.com

RESUMO: Desde a época da pré-história existem registros de brinquedos de crianças, assim certifica-se que o brincar ajuda o pensar, e a criança quando brinca ela emite uma aprendizagem da atividade aplicada, então porque não usar essa atitude basicamente natural em função da aprendizagem da matemática, estabelecendo uma distância entre a fantasia, o vulgar, como é visto o jogo por muitos. Trata-se de um tema também chamado de ludicidade, que vê no brincar uma saída para o ensino aprendizagem de matemática. Esta pesquisa procura investigar se ludicidade pode permitir que o sujeito realmente possa interagir melhor no ambiente escolar e na sala de aula e adquirir conceitos matemáticos a partir daquilo que há seu redor. Investiga também os motivos de alguns professores terem dificuldade em lidar com essa proposta de metodológica para o ensino da matemática. Assim, o objetivo é analisar valor real e significativo de materiais lúdicos na educação matemática e o papel do professor no uso destes recursos e apresentá-los como sugestão para que os professores possam experimentar e por ventura se deparar com surpresas boas perante essa prática. A respectiva pesquisa visa usar as experiências de estágio supervisionado do Curso de Licenciatura em Matemática da UEG Unidade de Iporá como objeto de pesquisa e tem embasamento teórico em (2001), Pimenta (2005), Mendes (2009) e Chateau (19870). E busca estabelecer um olhar marcante sobre métodos e estratégias que valorizem o que é produzido pelos alunos e estes compreendam o sentido da matemática concreta e contextualizada.

Palavras-chave: Ludicidade; conhecimento; jogo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de reflexões e pesquisa realizada usando as experiências de Estágio Supervisionado na Escola Campo, sobre a utilização de jogos no ensino de matemática para melhorar a aprendizagem através do estímulo ao raciocínio lógico além de contribuir para a melhoria em relações sócio-efetivas. E ainda fazer uma análise da importância do Estágio Supervisionado para a formação do futuro professor.

A matemática está presente em tudo que vivenciamos e esteve por muito tempo associado a regras e fórmulas a serem memorizadas, vínculo esse que as vezes não



agrada os estudantes, causando neles desinteresse em aprender matemática. Assim diz Mendes:

A manipulação dos jogos, como um dos elementos facilitadores da aprendizagem, desperta o interesse do aluno para o conhecimento matemático e tem se mostrado bastante eficaz quando bem orientada, embora como uma metodologia de ensino os jogos sejam limitados a usos ocasionais (MENDES, 2009, p. 51).

Para melhor entendimento do leitor, é bom esclarecer o que é ludicidade na educação matemática, consiste em atitudes do professor em incrementar suas aulas com qualquer recurso didático, ou atividade que possa proporcionar ao aluno um ambiente aplicado ao seu meio social, cujo principal objetivo é provocar o ensino-aprendizagem.

Os jogos desde muito cedo, tem importante participação na vida da criança. Por meio do contato com jogos a criança brinca e inclui seu dia-a-dia nas suas brincadeiras de forma séria e motivadora. Chateau (1987, p. 29) diz que “o jogo representa, então, para a criança o papel que o trabalho representa para o adulto”.

O jogo é conhecido como um instrumento que auxilia a criança a desenvolver habilidades, explorar ambientes e construir conhecimentos que podem servir como bagagem para a vida toda. Por ser conhecido como uma forma de aprender e ser considerado um recurso que intervém no desenvolvimento cognitivo da criança, vem sendo uma forma que a escola busca para melhorar a relação entre aluno e matemática. Assim os jogos que possuem regras ou jogos de raciocínio lógico, entre outros do tipo, tem tido uma atenção especial pelos professores, pois, quando o aluno usa estratégias para chegar num resultado favorável significa que a atividade está proporcionando uma estimulação do seu raciocínio.

Nesta pesquisa as experiências de estágios foram usadas como objeto de pesquisa para uma análise entre a teoria e prática, estabelecendo um laço entre a busca de expectativas e os resultados esperados. Teve como contribuição para formação acadêmica, onde o futuro professor tem uma formação privilegiada, por ter a oportunidade de vivenciar a docência antes mesmo de se tornar docente formalizado, além de viver essa prática antes de se graduar, o importante foi viver ela de forma correta, ou seja, estudando cada método aplicado.



Essa pesquisa envolve métodos expostos por embasamentos teóricos e apresentação de instrumentos lúdicos, que segue mais detalhes dessa metodologia no próximo subtítulo.

METODOLOGIA E MÉTODOS DE PESQUISA

A pesquisa é basicamente de cunho qualitativo, pois a partir das estratégias utilizadas pelos professores no ensino da matemática foram discutidas analiticamente experiências que envolvem profissionais do ramo educacional buscando compreender os seus olhares em relação ao ensino-aprendizagem de matemática e às dificuldades dos alunos.

Bibliograficamente fundamentada em Alves (2012) que discute a ludicidade no ensino de matemática, que trata de práticas lúdicas em sala de aula e despertam interesse, motivação aos alunos, assim investigando a evolução do brincar na sociedade humana em função da importância de aprender matemática, ainda em D'Ambrosio (1998) que reflete num ensino que substitua o já desgastado ensino-aprendizagem baseado numa relação obsoleta, abordando aspectos da cognição da natureza matemática e questões teóricas da educação, bem como as inovações na prática docente, propondo reflexões sobre a matemática.

Se trata de uma pesquisa-ação, pois é clara a intervenção do pesquisador, que além de pesquisar ele aponta questões e justificativa para a melhoria na prática docente do professor parceiro da escola campo, em que o seu papel é contribuir para a pesquisa na metodologia da escola investigada. Uma dessas justificativas é a sugestão de atividade lúdicas para melhoria na aprendizagem de matemática que se deu pelo desenvolvimento de projeto de intervenção com parceria do professor, grupo gestor e alunos.

O instrumento de pesquisa usado intervém em forma de observação direta, técnica pela qual o pesquisador busca além de ouvir, examinar fatos que desejam estudar, prática também chamada de elemento básico de investigação científica. Posteriormente, por meio de monitorias sistematicamente planejada e submetida a



verificação e controle de validade, que aconteceu por avaliações nas estratégias utilizadas pelos alunos em contato direto com as atividades lúdicas e a precisão do público alvo. E ainda, a busca de informações por meio de entrevistas, com perguntas focalizadas em ludicidade na educação matemática. Pensando nisso, em forma de oficinas evidenciadas em atividade lúdicas, é uma ação de intervenção que transpõe uma didática de ensino idealizada em métodos lúdicos de ensino de matemática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como todo pesquisador espera respostas positivas ou negativas para sua proposta, então ao decorrer da investigação foi observado o uso de métodos não eficazes no ensino de matemática, o que resultou numa proposta de intervenção direta em serviço de construção de sugestões para melhoria de ensino na Unidade Escolar que foi campo para as vivências do Estágio Supervisionado.

De acordo com as experiências propostas pelo Estágio Supervisionado, e na desenvoltura das oficinas obteve-se um favorável desempenho nas atividades que foram aplicadas com o intuito de vivenciar a teoria na prática.

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOS FUTUROS PROFESSORES

Para muitos estudantes de educação o Estágio Supervisionado é um trabalho voluntário que gera cansaço, e é desnecessário na formação do professor. Errado! Essa forma de trabalho é uma oportunidade de experiência de atuar em sala de aula, assim acarretando para o acadêmico de licenciatura uma bagagem importantíssima para a sua carreira profissional. “Além das atividades voltadas para a formação do profissional, cabe ao Estágio Supervisionado ser o momento em que essa formação esteja referenciada por valores e princípios da formação plena do homem” (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE MATEMÁTICA - PPC, 2008, p. 79).



Trata-se de uma prática que proporciona ao acadêmico de licenciatura um olhar reflexivo em relação aos problemas que encontraram no decorrer do estágio e que ele precisa que buscar estratégias para resolvê-los nos seus embasamentos teóricos. “O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria” (PIMENTA, LIMA, 2005, p. 6).

O Estágio Supervisionado atualmente está envolvido em meio a muitas novidades de ensino e em especial, na aplicação de jogos como material pedagógico, assim preparando cada vez mais o professor na atuação em sala de aula. Nesse sentido reflete Gadotti:

A virada do milênio é razão oportuna para um balanço sobre práticas e teorias que atravessaram os tempos. Falar de “perspectivas atuais da educação” é também falar, discutir, identificar o “espírito” presente no campo das ideias, dos valores e das práticas educacionais as perpassa, marcando o passado, caracterizando o presente e abrindo possibilidades para o futuro. Algumas perspectivas teóricas que orientam muitas práticas poderão desaparecer, e outras permanecerão em sua essência. (GADOTTI, s/a, p.2)

O processo de formação do professor é intensivo de todas as formas, unificando experiências de todos os tipos que possam contribuir para sua carreira profissional. Dessa forma o Estágio Supervisionado media e aponta caminhos para o acadêmico de licenciatura até o momento em que eles terão que enfrentar a sala de aula como o professor regente. Segundo o Parecer CNE/CP9/2001, p. 6:

Como toda proposta em educação, ela não parte do zero mais é fruto de um longo processo de crítica, reflexão e confronto entre diferentes concepções sobre a formação docente e suas práticas, para o qual contribuíram o pensamento acadêmico, a avaliação das políticas públicas em educação, os movimentos sociais, as experiências inovadoras em andamento em algumas Instituições de Ensino Superior.

É importante destacar a magnitude do planejamento nas realizações das atividades lúdicas, principalmente realizadas no Estágio Supervisionado, pois tudo que é planejado considerando as relevâncias de cada situação do público atingido se torna uma prática calculada e tem maior probabilidade das expectativas de ensino alcançadas. O professor que planeja um roteiro de suas aulas, propõe a si mesmo uma mudança de pensamento, ou até de linha de pesquisa para melhoria da sua metodologia em sala de aula. Fazer-se atualizado, não significa que você está velho ou imprestável para aquele



cargo, mas sim é sinal de busca de conhecimentos, de aprendizado qualificado para seus educandos. Em lógica disto, Alves pensa:

Em geral, os professores foram educados dentro de certas práticas, tendo como modelo o professor expositor e o reforço externo. A tendência é a reprodução desse modelo. Preparar o professor, refazendo sua maneira de pensar, requer esforço, paciência e pesquisa sobre a prática pedagógica daqueles que se encontram um pouco mais atualizados em novos aspectos metodológicos, ideológicos (ALVES, 2012, p.41).

Na verdade esse desafio deve ser encarado de forma serena e com muita cumplicidade, pois um bom professor deve estar atento às condições que seus alunos encontram, e assim saber compreender as necessidades de cada aluno.

AS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UEG UNIDADE DE IPORÁ - REFLETINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO JOGO, NO ENSINO APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA

Ressaltando que o Estágio Supervisionado é o primeiro contado do licenciando com a escola, ou até com seu futuro local de trabalho, assim são muitas as expectativas de aprender a ser professor. Esses sentimentos só puderam ser vividos através da experiência que o estagio proporcionou.

Ainda que professores não acreditem na utilização de objetos concretos para melhor conceituar conteúdos de matemática, o objetivo do projeto foi apresentar uma nova proposta de ensino para eles, e analisar juntamente com o professor parceiro até que ponto uma atividade lúdica pode fazer a diferença na aprendizagem dos alunos. Foi por essa etapa inicial que o licenciando começou a adquirir um olhar crítico e reflexivo da análise teórica à prática escolar, com isso o acadêmico estagiário enriquece cada vez mais a sua bagagem de conhecimento, sendo capaz de utilizar qualquer recurso de forma eficaz.

Grande é a preocupação de todos os profissionais da área da Educação Matemática, com ensino-aprendizagem da disciplina de matemática por ser uma ciência



vista de difícil entendimento. É nesse contexto que o jogo ganha um espaço como ferramenta fundamental para que aconteça a aprendizagem da matemática. Para isso é preciso fazer a escolha certa de um jogo que irá intervir na ação de aprendizagem de determinado conteúdo, e respectivamente o professor deve assumir um papel de orientador e direcionador da atividade, estabelecendo assim uma "ponte" entre o aluno e conhecimento. Assim diz Alves:

A utilização de atividades lúdicas em aulas de matemática, além dos aspectos cognitivos relevantes para a sua aplicação, não deve ignorar ou menosprezar o aspecto afetivo desencadeado pela ação do jogo, na aproximação entre jogadores, bem como na do aluno com o professor (ALVES, 2012, p28)

A intervenção do professor pelas atividades lúdicas pode estimular aos alunos a capacidade de criar, assim ele irá escolher o que fazer, e quem irá ajudar, quais objetos usar, e como expor suas ideias, e conseqüentemente ele estaria desenvolvendo sua autonomia pessoal, um aspecto importantíssimo no crescimento intelectual do aluno.

Através das entrevistas realizadas com professores de matemática o que se observou foi que há professores que não utiliza esse método de ensino por não acreditar que essa prática além de provocar o ensino aprendizagem ainda pode proporcionar ao aluno uma forma agradável de vivenciar a realidade dele em sala de aula e assim propiciar motivação em aprender matemática.

O objetivo do Projeto de Intervenção durante o Estágio Supervisionado com os alunos da 8º ano na Escola campo, foi de levar aos alunos um ambiente prazeroso, onde, por meio dos jogos, eles tivessem a oportunidade de compreender melhor a matemática, desenvolvendo o raciocínio, habilidades motoras cognitivas, e sócio-efetiva.

Durante a execução, por meio do desempenho dos alunos durante as atividades constatou-se que os jogos lúdicos são um extraordinário instrumento de motivação, uma vez que transformam o conhecimento a ser assimilado em recurso de ludicidade e em sadia competitividade. Esta atividade pode ser avaliada pelo professor nas estratégias usadas pelo aluno em cada final da partida. E até pode preparar o aluno para enfrentar dificuldades que poderá surgir em sua vida adulta, sem se abater com facilidade.



É interessante registrar que o uso de jogos não abrange apenas o universo da matemática. Ele pode ser desenvolvido em diferentes áreas de ensino, contando que seja bem elaborado e que explore o interesse, iniciativa, criatividade, senso crítico do aluno. Propiciar um ambiente lúdico estamos propondo possibilidades de futuros adolescentes saberem interagir de forma autônoma, fazendo a diferença na sociedade em que participa.

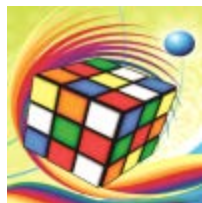
Então pelos instrumentos de pesquisa, ou seja, observação direta, monitorias, entrevistas, ações de intervenção, proporcionaram uma reflexão mais aprofundada, entrelaçando perguntas e respostas que pretendiam ser alcançadas. Houve uma percepção em que deu certo, onde ficou explícito a influencia que jogo apresentou na aprendizagem dos alunos. Além de ter propiciado uma nova bagagem de conhecimento significativo uma futura docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta fase do Estágio Supervisionado na construção de formação de um professor foi bastante inovadora e significativa, atribuindo valores ao licenciando de forma em que ele próprio foi construindo seu próprio saber e seu caráter e perfil profissional. Isto porque o Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Matemática da Unidade de Iporá se posiciona buscando capacitar o estagiário na elaboração de trabalhos científicos sobre sua formação, possibilitando-o em construir competências que colaboram para sua própria formação ao transformar até mesmo o grupo de estagiários objeto de pesquisa temática.

A partir dessas oportunidades propostas pelo Estágio propõe se torna mais fácil identificar como se realiza uma formação rumo a uma carreira profissional sólida.

Em relação ao uso de jogos como instrumentos de ensino-aprendizagem pode-se concluir, que houve melhoria no aprendizado das crianças da escola campo proporcionando a elas uma forma divertida de estudar matemática. Além da aproximação entre professor e aluno em que podemos perceber de perto as necessidades



de cada aluno. Mas, há que se lembrar que apenas o uso destes recursos não faz o milagre de resolver todos os problemas que envolve a Educação Matemática.

O Estágio Supervisionado foi o principal mediador desse trabalho, em que o suporte teórico se transformou em experiência prática. Assim o que era para muitos acadêmicos ministrar aula, se tornou mediar o conhecimento, de forma satisfatória, tanto para o aluno quanto para o professor acadêmico.

Os alunos da escola em que a respectiva pesquisa foi feita, encaram a proposta com entusiasmo, já que para eles a matemática era apenas aula de giz e quadro-negro. E esse contato com o lúdico interferiu no comportamento dos alunos em sala, aumentando o interesse pela participação efetiva nas aulas. Percebeu-se que ao realizar as atividades lúdicas os alunos se sentiam interessados, participativos, alegres e prazerosos de aprender matemática. O que levou a uma melhora no relacionamento professor-aluno que refletiu no interesse e participação até mesmo em outras aulas em que os jogos não foram usados.

Finalmente é importante considerar que a pesquisa, como qualquer outra, não é considerada como pronto e acabado, pois o mundo a cada dia está aberto a transformações e que neste momento o ensino de matemática se suscitou bem em aplicações de atividades lúdicas, pois por meio delas os alunos foram capazes de identificar aplicações matemáticas em ambientes sociáveis, e perceberam que esses ambientes foram proporcionados afim de construir seus próprios conhecimentos. Por outro lado além da aprendizagem como teórica-prática fica a sensação de ter acrescentado na vida de crianças que desconheciam a matemática aplicada em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Eva Maria Siqueira. **A ludicidade e o ensino da matemática**. Campinas- SP, 2001.109p.
- CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. Trad. Guido de Almeida. São Paulo: summus, 1987. 142p.
- D'AMBRÓSIO, U. **Educação matemática: da teoria à prática**. São Paulo: Papirus,



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

1997.

GADOTTI, Moacir, **Perspectivas atuais da educação**, 9p.

MENDES, Iran Abreu. **Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009. 208p.

Parecer CNE/CP 9/2001 –HOMOLOGADO, p.70.

PIMENTA Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena, **Estágio e docência: diferentes concepções**, 2005, p.20.

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática – UEG UnU Iporá GO, p. 208.



O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR DE GEOGRAFIA

SANTANA, Renata Martins de Almeida¹; OLIVEIRA, Divino José Lemes de²

Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-GO

¹ Martinsalmeida02@hotmail.com; ² zezinhopj@yahoo.com.br

RESUMO: O Estágio Curricular Supervisionado I (semirregência e observação) ocorre no 3º ano do curso de Geografia da UEG, UnU de Iporá-Go, tendo com objetivo preparar os acadêmicos para exercerem a função de professores licenciados na área da educação, desenvolvendo novas metodologias de ensino, objetivando ainda a preparação para regência, que é a próxima fase do estágio. O conhecimento adquirido no Estágio Curricular é um aprendizado a mais na formação acadêmica, quando oferece oportunidade para que os acadêmicos vejam a educação com outro olhar, procurando entender a realidade dos alunos e da escola, possibilitando que façam uma análise de como funciona uma escola pública no dia a dia comparando com a teoria estudada na Universidade. É importante ressaltar que as escolas necessitam de olhares diferenciados, pois as mesmas precisam de ajudas financeiras, visando um desenvolvimento melhor na qualidade educacional.

Palavras chave: Escola, Estágio, Educação

INTRODUÇÃO

No desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Geografia da UEG, UnU de Iporá-GO, foi utilizada a metodologia qualitativa com referências bibliográficas em artigos, livros, revistas. Utilizaram-se ainda entrevistas em conversas informais com os alunos, equipe gestora e funcionários o que contribuíram com dados necessários para que os estagiários pudessem conhecer a realidade da escola campo observando seus aspectos físicos e o funcionamento como um todo. O Estágio Supervisionado I foi executado em duas escolas Estaduais, sendo a A localizada no centro de Iporá e a B num bairro próximo ao centro. A escola A atende o público alvo do 1º a 9º ano do Ensino Fundamental e a escola B, que é localizada no Bairro Mato Grosso, atende o público alvo do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Essas escolas se diferem, tanto na estrutura física, recursos pedagógicos e gestão escolar.



Nesse trabalho usaram-se como base vários autores que discutem a formação de professores, enfatizando principalmente falam sobre o estágio curricular como, por exemplo, Stela C. B. Piconez, com a obra “A prática de ensino e o Estágio Supervisionado”; Gilberto Januário, na obra “O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor”; Maria Olinda Barreto (organizadora) “Experiências de estágio” e, “Os desafios e contribuições do estágio para a formação inicial do professor”, entre outros autores.

Percebe-se que o estágio curricular proporciona aos acadêmicos a visão de como é a realidade do dia a dia do professor na sala de aula. O tema foi definido a partir da convivência diária no espaço geográfico e social da escola presenciando o cotidiano dos alunos e funcionários para melhor entender a população que habita o local, o que é de extrema relevância para a sociedade, sabendo que muitos alunos encontram dificuldades para frequentar a escola.

O objetivo desse trabalho é relatar as experiências vividas nas escolas campo, analisando e caracterizando-as a partir dos estudos realizados na Universidade para assim estabelecer a relação entre a teoria estudada e a prática, percebendo que há um distanciamento entre elas, pois nem sempre a teoria corresponde à prática. O estágio torna-se então um momento único de aprendizagem. A partir dos estudos e observação os estagiários são capazes de relacionar referências teóricas utilizadas na formação com a prática vivenciada no estágio.

Assim o Estágio Curricular Supervisionado que faz parte da área da Geografia humana, retrata principalmente as questões ligadas à educação e, mostra sua relevância para a sociedade.

DISCUSSÃO

No desenvolvimento do Estágio Curricular Supervisionado I, que consiste na observação e semirregência, foi analisado o Projeto Político Pedagógico das escolas campo, (PPP) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, (LDB) e O Projeto de Estágio Curricular Supervisionado, para conhecer a estrutura física, política, pedagógica,



organização administrativa da gestão entre outros aspectos. A análise desses documentos proporcionou aos estagiários compreender o funcionamento da escola.

O Estágio Curricular Supervisionado é obrigatório no curso de Geografia sendo realizado em duas etapas a serem cumpridas nos dois últimos anos de formação para a conclusão do curso de licenciatura. O estágio é importante para a formação dos acadêmicos que optaram pela licenciatura, preparando-se para exercer a profissão de professor na área de sua formação que é a Geografia. Cavalcanti (2008. P.86) define que:

Na formação de professores de geografia, nessa estrutura, nos 3 primeiros anos predominam as disciplinas de conteúdo, com a preocupação de formar, pois o importante é aprender conteúdos de Geografia, em si mesmos, não importando a finalidade que eles passam ter. No ultimo ano, concentram-se as chamadas disciplinas do curso, que orientam a formação para o exercício profissional, preparando tecnicamente o professor para a aplicação prática de um instrumental básico do ofício de professores.

Sendo assim, o curso de licenciatura, nos primeiros dois anos, prepara os acadêmicos, mental e teoricamente, mostrando como agir na sala de aula. E quando inicia o estágio, os estagiários levam para a sala de aula os conhecimentos teóricos adquiridos na Universidade havendo um confronto da teoria com a realidade. Ainda assim o Estágio Curricular Supervisionado proporciona aos estagiários as experiências de como lidar com o imprevisto do dia a dia, preparando-os para atuar com profissionalismo na área da educação.

Ribeiro (2008.p.137) relata que;

O conhecimento retirado da vivencia na escola ou instituição é concreto, delimitado por circunstancias espaço-temporais e sócio-econômico-culturais. Por isso o estágio ultrapassa a observação da atividade docente – discente apenas e abrange toda a ação pedagógica situada. Desse modo, reafirmo, todo o conteúdo do curso de formação vê-se transformado em situação contextualizada e é abordado durante a atividade de estágio.

Portanto, o estágio é o primeiro contato com os alunos, com a gestão escolar, com seus futuros colegas de trabalho podendo assim fazer dessa experiência um



excelente desenvolvimento para a carreira profissional, com uma autonomia diferente para ensinar formando cidadãos com uma visão mais crítica perante a sociedade, a partir de sua própria formação com essa mesma visão crítica, pois somente professores críticos são capazes de transmitir essa visão a seus alunos conforme afirma Ruz (1998.p.91) que:

Esta tarefa não pode estar delegada a outras pessoas, e é assim que se possibilitará uma mudança verdadeira das atitudes por parte dos professores. Que sejam mais autônomos, que assumam riscos. Que tentem caminhos inovadores, que produzem mudanças e que desenvolvam a sua capacidade de reflexão, crítica e analítica.

Desta forma a licenciatura em geografia pode transformar o cidadão numa pessoa ativa, pensadora, crítica reflexiva e analítica e conhecedora do seu espaço geográfico podendo assim buscar os seus direitos na sociedade.

Sabe-se que na educação, ao longo do tempo, houve diversas mudanças como, por exemplo, a tecnologia na sala de aula, fazendo com que os profissionais buscassem novos conhecimentos para seu uso adequado. Mas, mesmo assim alguns profissionais insistem em não fazer uso dos novos recursos pedagógicos para melhorar sua prática em sala de aula. Os professores que não utilizam a tecnologia a seu favor seguem a tradição e não se preocupam em se adequar às novas mudanças pedagógicas com pesquisas que melhorem sua prática. Perrenoud (2002. p.13) considera [...] “O professor ou o educador um inventor, um pesquisador, um aventureiro que percorre caminhos nunca antes trilhados e que pode se perder caso não reflita de modo intenso sobre o que faz e caso não aprenda rapidamente com a experiência”. O professor pesquisador ganha novos conhecimentos e técnicas de aprendizagem na sua formação, havendo uma diferença no desenvolvimento, se comparado àquele que fica “parado no tempo”.

Com tantas mudanças ocorridas ao longo do tempo, os órgãos públicos cada vez interferem na educação como afirma Freire (2007. p.96) “O respeito que devemos como professores aos educados dificilmente se cumpre se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação”. A escola segue a grade curricular que o governo impõe a direção da escola não tem a autonomia

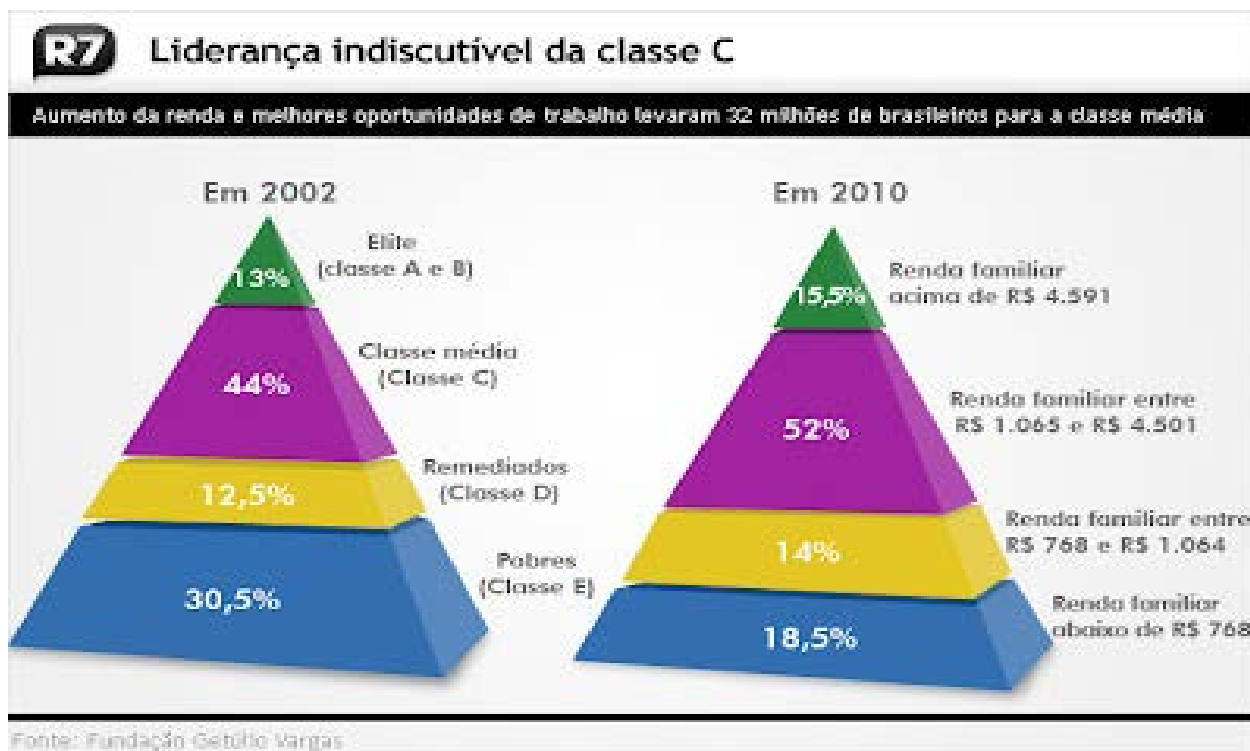


para escolher os materiais didáticos a serem trabalhados durante o ano letivo, ou seja, o governo quer ver números de pessoas alfabetizadas e não a qualidade do ensino.

RESULTADOS

No desenvolvimento do Estágio Curricular do 3º ano de Geografia foi realizada a primeira etapa denominada de Observação e Semirregência, nas duas escolas referidas como escola A e B, onde foram constatadas diferenças entre elas a começar pela a infraestrutura física, passando pela organização da gestão pedagógica e até mesmo os materiais didáticos.

Apesar das diferenças percebidas, em alguns aspectos as escolas são semelhantes como por exemplo, o público alvo que frequentam ambas as escolas são de famílias que pertencem à classe social baixa, classificadas na tabela como D e E. cuja renda não permite o acesso ao lazer, à cultura entre outros benefícios. Veja a seguir tabela referente as classes sociais do Brasil.





Fonte: Fundação Getúlio Vargas

Como mostra na tabela as classes sociais do Brasil é notável diferenças na renda familiar, onde Iporá não está ausente de tais diferenças, sendo que a maioria dos alunos das duas escolas pertence a classe social D e E tendo como renda familiar menos de dois salários mínimo mensais.

Além disso, alguns alunos chegam ao 7º ano com deficiências na leitura e escrita, isso pode ser consequência de uma alfabetização mal feita, no início da sua formação pedagógica, ou até mesmo porque começaram a estudar tarde.

Outro aspecto observado nas escolas campo é a presença de alunos portadores de necessidades especiais que necessitam de um professor de apoio o tempo todo, entretanto nota-se que esses alunos necessitam de apoio em todas as disciplinas, como por exemplo, Geografia, pois o professor não estava ao lado deles nessa aula, alegando que ajuda somente na disciplina de matemática, ciências, física, e língua portuguesa as outras disciplinas ficam a desejar, mesmo sabendo que os alunos têm dificuldades em aprender e acompanhar o desenvolvimento dos outros colegas.

Nas duas escolas observadas um dos problemas de maior importância é a falta de disciplina dos alunos, que desafiam os professores que não têm autoridade na sala de aula. Assim os alunos não fazem os seus deveres de casa, não participam da aula, levam na brincadeira, ignoram o professor quando está explicando o conteúdo. Além disso, por saberem que não podem ser reprovados os alunos não valorizam a educação, pois com a interferência do governo na educação se o aluno tiver uma nota baixa no bimestre, o professor é obrigado a aplicar outra avaliação para que ele atinja a média sugerida pela administração. Esses problemas são causados pela falta de disciplina tanto em casa quanto na escola que acaba assumindo toda a responsabilidade na educação. Porém há alunos comportados que têm interesse em estudar e ser alguém com um conhecimento superior na sua formação.

O Estágio Curricular Supervisionado proporciona aos acadêmicos uma experiência de aprendizagem e conhecimento para sua formação como professor, com uma visão crítica e analítica da real situação da escola.



CONCLUSÃO

No Estágio Supervisionado quando foi realizada a observação e semirregência nas escolas A e B, perceberam-se pontos positivos e negativos em ambas. Percebe-se assim a falta de infra-estrutura, de material pedagógico no auxílio docente e a falta de profissional na área de geografia para ministrar aulas na escola A, uma vez que o professor que atua nessa área é licenciado na área de Biologia e não havendo conhecimento geral da Geografia fica difícil ministrar aulas com qualidade.

O Estágio, nesse primeiro momento de contato com as escolas campo, mostrou uma realidade totalmente contrária ao que era esperado, pois não condizia com a teoria estudada na Universidade até o momento. Os estagiários foram muito bem recebidos nas escolas, podendo interagir com os funcionários, alunos e com o grupo gestor que foi fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem e conhecimento pedagógico da escola. Se antes conheciam a teoria, depois do estágio tem-se também prática que é totalmente diferente. Apesar disso, o estágio é indispensável nos cursos de formação de professores uma vez que prepara os acadêmicos para exercer a profissão para a qual estão se formando. É, portanto, um ponto positivo para se iniciar uma profissão com capacidade, experiência do que vai fazer ao longo da sua carreira, acreditando na educação como suporte para um futuro melhor.

Na próxima fase do estágio espera-se que os estagiários alcancem as expectativas da última fase que é a regência, quando muitos irão ministrar aulas pela primeira vez. O que se espera é que tenham desenvoltura de um professor dinâmico, sabendo utilizar as novas metodologias de ensino seu favor para ter bom êxito na sala de aula.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza; **Formação inicial e continuada em Geografia: Trabalho Pedagógico, metodologias e (re) construção do conhecimento.** Lana de Sousa Cavalcanti; Formação de Professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

da Geografia / Organizadores Beatriz Aparecida Zanatta, Vanilton Camilo de Souza.-
Goiânia: NEPEG, Editora Vieira, 2008 (Goiânia: E.V.) 180p.[et al.]

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** /
Paulo Freire.- são Paulo: Paz e Terra, 1996,(coleção Leitura).

PERRENOUD, Philippe; **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização
e razão pedagógica** / Philippe Perrenoud; trad. Cláudia Schilling.- Porto Alegre: Artmed
Editora, 2002.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri; **Educação Especial: Desafio de Garantir
Igualdade aos Diferentes**; Maria Luisa Sprovieri Ribeiro; A prática de ensino e o
estágio supervisionado / Ivanir Catarina Arantes Fazenda...[et al.]; Stela C. Bertholo
Piconez (coord.).- Campinas, SP: Papirus, 1991. (Coleção Magistério: Formação e
Trabalho Pedagógico)

RUZ, Juan Ruz; **Formação de Professores Diante de Uma Nova Atitude Formadora
e de Eixos Articuladores do Currículo**, Juan Ruz Ruz; Formação de professores /
organizadores Raquel Volpato Serbino...[ET AL.]. – são Paulo: Fundação Editora da
UNESP, 1998.-(Seminários e debates).

[HTTP://1.vp.blogspot.com/-VvCTPfsMxUA/UEXG8KvZfKI/AAAAAAAAABqQ/K82-
BTyyFQI/s1600/piramideClasseC700x488.jpg](http://1.vp.blogspot.com/-VvCTPfsMxUA/UEXG8KvZfKI/AAAAAAAAABqQ/K82-BTyyFQI/s1600/piramideClasseC700x488.jpg)



OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA E O PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM

¹SANTOS, Kelma Alice dos; ²SILVA, Flávia Damacena Sousa.

Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go

¹kelma01alice@hotmail.com; ²flavia.damacena@ueg.br

RESUMO: A indisciplina na sala de aula está se tornando um dos principais obstáculos e dificuldades no contexto escolar. Essa ocorrência vem se agravando de tal forma que nem a escola nem a família conseguem solucionar o problema. O presente trabalho tem como objetivo analisar os desafios da indisciplina e como ela afeta o processo de ensino e aprendizado dos educandos, quais são as influências familiares nesse processo e quais métodos podem contribuir para uma melhora significativa do comportamento destes para que se torne efetivo a participação dos mesmos na aula e para se estabelecer um bom relacionamento entre professor e aluno. A metodologia utilizada primeiramente foi bibliográfica e em segundo plano realizou-se uma pesquisa de campo em uma escola estadual de ensino público localizado na cidade de Iporá- GO. Através da pesquisa notamos que a indisciplina pode estar ligada a fatores internos e externos à própria escola. Isso implica também no processo de ensino e aprendizagem, por isso é preciso que a unidade escolar atue respeitando a realidade e a individualidade de cada aluno, sendo necessário que o mesmo compreenda que ele faz parte da sociedade, e como cidadãos têm direitos, mas, sobretudo, deve ter responsabilidades e deve-se comprometer aos deveres do meio social em que vive.

Palavras-chave: Indisciplina; Relação Família/Escola/ Aluno; Ensino aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Uma das indagações recorrentes a indisciplina é: qual seria o “motivo” ou o “causador” desse ato nos educando, seria a família a principal aliada ou o ambiente escolar? São questionamentos como este que nos levam a pesquisar os fatores e os desafios que os professores, família e escola possuem ao se debater com tal problemática. Não se pode atribuir responsabilidade somente a um destes elementos, é necessário buscar a entender estes motivos para tentar construir métodos diminuam a indisciplina e isso só poderá acontecer se estiverem unidos família, escola e educador. Para Vasconcellos (1996), é grande o desafio que os educadores têm encontrado em relação à indisciplina em sala de aula e na escola, esse fator não é limitado às escolas públicas, há situações em escolas particulares referentes à indisciplina muito graves, todavia com manifestações diversas. Sabemos também que não se trata de um problema apenas brasileiro, tal problema é expresso em diversos países como na França, nas escolas públicas americanas e japonesas. Esta questão tem ocupado um espaço cada vez



maior do cotidiano escolar no País. É grande também a insatisfação daí decorrente, chegando até a se constituir em causa de abandono do magistério.

Segundo Aquino (1996, p. 98), a tarefa de educar, não é responsabilidade destinada somente da escola, é tarefa da família, e que cabe ao docente repassar seus conhecimentos acumulados, ele ainda afirma que uma provável solução se encontra na relação entre professor e aluno, sendo assim, seria possível observar a forma que suas relações e vínculos se estabelecem e apontar uma provável estratégia para tornar tal relação mais tranquila, sem muito autoritarismo, mas construindo o conhecimento socialmente.

“A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois essa pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina” (KANT, 1996 p.17). É um fator crítico que dificulta o processo ensino aprendizagem e mais além, o desenvolvimento humano. “Pois a educação deve cuidar que o homem se torne prudente” (KANT, 1996 p. 27).

Um fator preocupante proveniente da indisciplina é sua má influência no processo ensino-aprendizagem. Segundo Oliveira (2005, p.21).

Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará que se nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo.

Um dos desafios encontrados na escola referente à indisciplina é a dificuldade que os alunos possuem em lidar com alguns limites impostos. Vasconcellos (1996, p.233) faz a seguinte observação: “Quebrar limite-especialmente da criança-tornou-se, pois, fundamental. É um processo social de infantilização, onde é preciso satisfazer rapidamente os desejos sob o fantasma da frustração e até mesmo do trauma”.

Observa-se cada vez mais que o comportamento do aluno no ambiente de ensino é reflexo das experiências vividas no meio familiar e social, ou seja, se ele não possui uma educação familiar baseada em limites ao chegar à escola e se deparar com os deveres ele entram em conflito.

Levando em conta que a existência da indisciplina prejudica o ensino e a aprendizagem e que este tema configura-se um eixo importantíssimo a ser debatido e estudado, esse trabalho objetivou revisar sobre o tema e também verificar a visão docente e discente sobre o tema.



METODOLOGIA:

Será realizada primeiramente uma pesquisa bibliográfica para levantamento teórico sobre o assunto.

A abordagem da pesquisa será Qualitativa. A análise qualitativa se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, mesmo porque um trabalho desta natureza não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade (FERNANDES, 1991).

O campo da pesquisa é uma escola estadual de ensino público localizado na cidade de Iporá- GO. Foi selecionado alunos da 5ª a 9ª série, professores que atuam na 2ª fase do ensino fundamental e 3 pais que possuem vínculo efetivo com a escola. A coleta de dados será feita por meio de um questionário com perguntas que visará a problemática da indisciplina seus desafios para a escola, família, e suas implicações no processo de ensino aprendizagem do aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao analisar os dados obtidos na pesquisa feita com os alunos a respeito da indisciplina obtivemos algumas respostas satisfatórias sobre o que estes entendem sobre a problemática aqui referida. Pois quando perguntamos: o que é indisciplina a maioria respondeu que é não cooperar com o professor, reagir violentamente contra os colegas e interromper a aula com conversas paralelas, assim podemos concluir que o aluno indisciplinado é aquele que não respeita as normas escolares.

Percebe-se que os alunos reproduzem, em suas falas, uma visão tradicional do que é indisciplina e que esses conceitos estão para eles, fortemente ligados ao comportamento. Sobre esta afirmação é importante ressaltar que a diretriz disciplinar adotada não deve se restringir a estabelecer um conjunto de normas que organizem o ambiente escolar apenas, deve também orientar a própria cultura daquilo que a



comunidade deseja em termos de desenvolvimento disciplinar. Afinal, a disciplina deve ser também um objetivo do processo educacional (ABUD e ROMEU, 1989).

Trata-se, portanto, de desenvolver políticas internas de dimensão preventiva, programas de formação continuada de professores, de forma a instrumentalizá-los para tratar destas questões voltadas para a indisciplina. Outra questão interessante foi quando perguntamos você acha que a indisciplina na sala de aula pode prejudicar o aprendizado da turma? Muitos alunos responderam que sim, pois o professor chama a atenção do aluno e nós não conseguimos focar na aula. Na fala dos alunos podemos perceber que, a indisciplina pode atrapalhar o desenvolvimento da aula e a aprendizagem dos alunos, como nos afirmam Silva e Neves (2004), que comportamentos indisciplinados geram grandes consequências como o alto índice de reprovação e repetência, a violência nas escolas, a desmotivação dos alunos, o desrespeito com os pais, professores e gestores, além de comprometer a qualidade e a efetivação do processo ensino-aprendizagem.

É entendida diante desta pesquisa que os alunos compreendem o que é indisciplina e suas consequências, a questão é onde está o problema? Por que os alunos mesmo compreendendo ainda agem de forma indisciplinada? O que se percebe é que apesar deste quadro de indisciplina escolar, é notória a ausência de uma cultura disciplinar preventiva nas escolas, bem como a falta de preparo adequado por parte da comunidade escolar para lidar com os distúrbios de sala de aula, onde a indisciplina facilmente se expressa e que a própria escola pode estar ensinando e reforçando. (GARCIA, 1999). Passaremos a discutir algumas questões referentes aos professores. Ao questionar os mesmos sobre: quais as principais causas da indisciplina na sala de aula e em outros espaços da escola, a maioria reponderam que tal problemática está relacionada à falta de limites, problemas familiares, ausência dos pais na vida escolar dos filhos. Ainda sobre a temática perguntamos: A quem você costuma atribuir a responsabilidade pela indisciplina do aluno? A maioria diz que a responsabilidade é do próprio aluno e dos pais. Sobre tais as questões podemos discutir que de fato é importante e essencial a relação família/escola, pois Conforme propõe Aquino (1996, p. 46), “a estruturação escolar não poderá ser pensada apartada da familiar”.



Observamos que cada vez mais os alunos vêm para as escolas sem limites, e que torna difícil ao professor tentar estabelecer uma comunicação com este aluno acostumado somente a direitos e sem deveres. Porém quando os professores responderam que a causa da indisciplina esta relacionada somente a família e ao educando, ele está retirando-se de tal problemática, ou seja, não possui a capacidade de reconhecer que ele ou a gestão escolar também possuem responsabilidades neste assunto. Enquanto os professores não buscarem compreender a importância da sua prática escolar e refletir sobre a mesma, não poderá sanar tal problemática, uma vez que é imprescindível a união da escola/família/professor e educando. Para tanto, Vasconcellos (1989, p. 73-74) assegura que é importante que haja participação e comprometimento de todos os envolvidos no processo (pais, alunos, professores, equipe pedagógica, administrativa, etc.), na elaboração das normas disciplinares no âmbito escolar, viabilizando um projeto de participação democrática de forma consciente e interativa para que os problemas relacionados à escola sejam discutidos em conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que os ambientes em que o aluno está inserido contribuem para sua formação, assim, devemos compreender que a escola e a família são fundamentais para o desenvolvimento da educação da criança, pois estes visam ensinar os valores sócios, éticos e morais e que a escola e a família devem relacionar, pois o aluno vem do seio familiar para a escola e esta se compromete em promover a educação deste educando preparando-o com conhecimentos científicos para o mercado de trabalho.

Ao estudar e pesquisar sobre a temática Indisciplina, observou-se que são muitos os estudos feitos sobre suas causas, soluções e a interferência no processo de ensino aprendizagem. Porém é importante registrar que, pelo caráter complexo que envolve as questões de indisciplina escolar, ainda há muito por se fazer em termos de pesquisas científicas. Destacamos aqui que com a pesquisa, ficou evidente que muitos alunos compreendem a indisciplina, porém a um impasse a ser resolvido como, por exemplo, investigar por que tais ações ainda são presentes.



É notório que muitos professores tendem a culpar somente a família por tal ação, e que a família muitas vezes deixa que somente a escola seja responsável para educar seus filhos. Segundo REBELO (2002) o que mais contribui para a indisciplina na escola é a prática e a resistência docente, além do currículo, a não participação dos pais na vida dos filhos e a falta de prioridade dos políticos com a educação. Entende-se, então que o problema da indisciplina é tarefa de todos: sociedade, família, escola, professor e aluno. Porém não podemos ser cegos diante disso, pois embora a tarefa seja de todos nem sempre isto acontece, temos visto, nem todos estão interessados em resolver o problema. Uma das atitudes a serem tomadas é tentarmos conscientizar a todos através de projetos e ações voltadas para a problemática da indisciplina.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Maria; ROMEU, Sonia. **A problemática da disciplina na escola: relato de experiência.** In D'ANTOLA, Arlette (ORG.) Disciplina na escola. São Paulo: E.P.U., 1989. p. 79-90.
- AQUINO, Julio Gropa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas.** 9ª ed. São Paulo: Summus, 1996; Piaget, J. Estudos Sociológicos. Rio de Janeiro: ed. Forense, 1973;
- AQUINO, J. G. **A indisciplina e a escola atual.** vol. 24. n. 2. Revista da Faculdade de educação., São Paulo, v.24, n. 2, 1998.
- GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: Uma reflexão Sobre a Dimensão Preventiva.** Artigo publicado na Revista Paranaense de Desenvolvimento, n. 95, Curitiba: 1999. P.101-108.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia.** Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.
- REBELO, Joana Nunes. **Aborrecimento dos jovens na escola.** Porto: Rés Editora, 2002.
- VASCONCELLOS, Celso S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 7.ed. São Paulo: Libertad, 1996.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

VASCONCELLOS, C. (IN)DISCIPLINA: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 13. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

SILVA M. P; NEVES I. P. **O que leva os alunos a serem (in) disciplinados? Uma análise sociológica centrada em contextos diferenciados de interação pedagógica.**

Revista de Educação: [S.I.s.n] vol.7, nº. 2, 2004. Disponível em: <http://revista.educ.fc.ul.pt/> Acesso em: 20/04/2009.



O USO DO COMPUTADOR E DA INTERNET E COMO CATALIZADORES DO CONHECIMENTO

¹MARTINS, Beatriz Souza ; ²SILVA, Flávia Damacena Sousa
Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
¹beatiz.s.martins@gmail.com, ²flavia.damacena@ueg.br

RESUMO: A sociedade está cercada pelas tecnologias de informação e comunicação (TCIs), o computador e a internet fazem parte do cotidiano de uma grande parcela da população, inclusive em sala de aula desempenhando um grande papel na aprendizagem dos alunos. Diante da importância de TCIs, esse trabalho objetivou entender algumas questões envolvidas no uso do computador e da internet como ferramenta de ensino aprendizagem, como a sua utilização e os empecilhos para seu uso. O método utilizado para o estudo foi a análise qualitativa, usando dados obtidos por meio de questionários aplicados a discentes que estão em estágio supervisionado. Os resultados mostram a grande importância que o computador e a internet no contexto escolar, assim como o seu mau uso. Outro ponto percebido é a deficiência que os docentes apresentam em sair do tradicionalismo e tentar utilizar outras práticas pedagógicas como o computador e a internet, mostrando que as principais barreiras para a implementação dessas tecnologias se dão pela falha na infraestrutura das escolas, na resistência e na falta de conhecimento por parte dos docentes.

Palavra chave: TCIs; práticas pedagógica; docente.

INTRODUÇÃO

Vive-se hoje a realidade da sociedade centrada nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Estamos a todo o momento utilizando tecnologias, seja por motivos pessoais, profissionais ou escolares. No ambiente educacional também tem sido introduzido, porém de maneira tímida, as tecnologias no ensino e em algumas realidades, também no dia a dia do aluno (FERREIRA, 2008). O uso da tecnologia de multimídia em sala de aula está se tornando cada vez mais importante para a educação. Entretanto é possível questionarmos: será que a escola tem se adaptado e aproveitado todas as possibilidades que a inserção de tecnologias pode trazer? Como o docente tem visto essas mudanças e como isso afeta no sistema de ensino aprendizagem?

Leite & Leão (2009), tratam as TIC como uma junção de ferramentas de informática e de telecomunicações, como a televisão, rádio, computador, internet e outros, tendo em comum a difusão de informação de forma rápida e



acessível; Vale ressaltar que seu uso como uma ferramenta para facilitar a aprendizagem e seu impacto na sociedade está crescendo rapidamente entre nós. Ensinando com tecnologia colocando o aluno como centro se faz uma grande junção para o aperfeiçoamento do processo de ensino e aprendizagem.

A internet foi criada para atender fins militares, mas somente com a criação da *World Wide Web* (WWW) essa ganhou o espaço no cotidiano da sociedade. Assim a internet é caracterizada como uma nova mídia a ser utilizada como fonte de informação, pesquisa e produção de conhecimentos, caracterizando assim como uma ferramenta metodológica (RAMOS & COPPOLA, 2009). A internet introduz uma gama de possibilidades, não se limitando a uma disciplina, mas possui uma pluridisciplinaridade, um sistema onde a informação está disponível e pronta a ser transformada em conhecimento (MERCADO, 2002).

Na ultima década o computador e a internet tem feito parte do cotidiano das pessoas, oferecendo novas formas de comunicação e aprendizagem, estreitando distancias e abrindo novas portas e possibilidades (FERREIRA, 2008). Ainda assim, existem alguns professores que optam por praticas pedagógicas tradicionais, montando resistência a experiências novas que as TICs, como o computador e a internet podem trazer a sala de aula (FUGIMOTO & ALTOÉ, 2009).

A escola necessita inserir o ambiente virtual e suas ferramentas em seu cotidiano como fonte de pesquisa e trabalho, o computador e a internet se forem bem utilizados oferecem uma gama de possibilidades e uma nova postura de ação pedagógica (RAMOS & COPPOLA, 2009), a escola necessita interiorizar o virtual como forma de exteriorização do meio, de forma que quebre os muros que separam o mundo, a informação do ambiente escolar.

Nesse contexto, a informação se difere do conhecimento por ser tratada como dados e fatos que se encontram em todos os lugares, sejam pela internet, TV, jornais, livros, filmes, imagens e como consequência o conhecimento se da a partir da compreensão, menção, interpretação e construção da informação (VALENTE,2010). Partindo desse pressuposto o computador e a internet formam em conjunto um celeiro de informações prontas para a gerar conhecimento.



Valente (2010, p. 24) lança o seguinte questionamento, “Se o conhecimento é produto do processamento da informação, como será possível incentivar esse processamento e como ele acontece?”, nesse momento que o docente entra se fazendo ferramenta, ponte entre a informação e o conhecimento, fortalecendo o processo de ensino aprendizagem. Reforçando assim o sentido que a tecnologia por si só não é a solução, sem o empenho do docente as tecnologias se tornam obsoletas e sem sentido na escola (FUGIMOTO &ALTOÉ, 2009; MARCHINI, 2009).

Portanto para que o ambiente de ensino aprendizagem venha ser estabelecido é necessário que haja uma relação estreita entre o docente, sua pratica e seu aluno, nesse momento que o computador e a internet contribuem para que o processo de ensino aprendizagem seja eficiente.

Assim, pensou-se em desenvolver esse trabalho, buscando responder alguns questionamentos: Como o computador e a internet são usados em sala de aula? Eles são usados corretamente? Quais são os principais empecilhos para utilização dessas ferramentas pedagógicas? Assim, esse trabalho tem como objetivo sanar esses que norteiam o uso do computador e a internet em sala de aula com base nas experiências de discentes em seu Estagio Supervisionado.

METODOLOGIA

A abordagem escolhida para análise dos dados foi a qualitativa. Nos estudos a análise quantitativa visa à mensuração de opiniões, hábitos e atitudes restritos a determinado universo a ser estudado e por meio de analises estatísticas busca-se contar e dar valores aos dados, enquanto a analise qualitativa vem para interpretar fenômenos, investigar fatos, buscando explorar o seu objeto de estudo e apresenta um interesse maior pelos processos do que pelos resultados finais (CLÁUDIA & TERENCE, 2006).

O método de coleta dos dados foi o questionário, ferramenta bastante utilizada que se constitui de uma lista de perguntas formuladas pelo pesquisador e a serem respondidas pelos sujeitos pesquisados; sendo um método rápido, de baixo orçamento e que abrange um espectro maior do objeto de estudo (BATISPTA& CUNHA, 2007). O



questionário visou assimilar a experiência e observação dos acadêmicos quanto o uso do computador e internet nas escolas campo.

O questionário foi aplicado a discentes do 3º e 4º ano do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás(UEG) – Unidade Universitária de Iporá (UnU Iporá) que estão em fase de Estagio Supervisionado. Foram escolhidos cinco alunos do 3º ano e cinco do 4º ano e feita a análise correlacionando com as condições oferecidas pelas Escolas Campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário realizado contou com perguntas objetivas e discursivas dando liberdade a diversas opiniões, porem em relação às TICs, houve um padrão em todas as respostas. A primeira questão foi a importância do papel das TICs no contexto escolar, onde todos os entrevistados dizem reconhecer a sua importância e ressaltam ainda que elas não são bem utilizadas. Ferreira (2008) apresenta o computador e a internet como ferramentas que seduzem e ao mesmo tempo amedrontam os docentes, encontrando diversas posturas a elas que vão desde a aversão ao convívio diário, outros até utilizam de forma errônea esses instrumentos.

Em relação à frequência em que o computador e a internet eram utilizados na escola campo, todos alegaram que raramente ou nunca eram utilizados. Assim a inclusão digital não está ligada apenas na instalação de equipamentos tecnológicos, mais sim em gerar um esforço, preparando professores e alunos a fim de quebrar as barreiras que impedem o uso do computador e da internet como ferramenta de aprendizagem (JUNIOR & MONDAINI, 2011).

Quando foram questionados os empecilhos para a utilização das TICs, os principais pontos relatados foram o descaso docente, onde o professor não tem interesse ou mesmo preguiça de propor aulas mais dinâmicas e que utilizem outros meios de aprendizagem, a falta de capacitação dos mesmos, e a infraestrutura da escola e a falta de recursos adequados, ressaltando que as duas escolas campo onde o Estagio acontece possuem laboratórios de informática e internet, porem em uma das escolas o laboratório



está sendo utilizado para outras funções e os computadores desligados e empilhados no canto da sala. Mas para que o computador e a internet sejam utilizados como ferramentas de ensino aprendizagem, é necessário que os docentes sejam instruídos e capacitados a explorar essas novas ferramentas, e assim diminuindo a resistência, e conseqüentemente aumentando a aceitação do novo (MAINART; SANTOS, 2010). Entretanto, nem sempre essa capacitação que deve ser constantemente reciclada acontece. Cabe ainda a escola oferecer um ambiente de qualidade, espaços e equipamentos de forma que o uso do computador e da internet sejam satisfatórios e que o alunado venha ao conhecimento (MONTEIRO & PEREIRA, 2011).

Algumas das dificuldades na inserção do computador e da internet em sala de aula se dão pela resistência dos docentes, eles em sua maioria reconhecem o valor dessas ferramentas, mas acham a sua inserção muito complicada ou até as utilizam de forma mecânica, desperdiçando o potencial das mesmas, principalmente da internet (OLIVEIRA, A. V. B. DE & OLIVEIRA, M. J. H. A. DE, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O computador e a internet são ferramentas que criam ambientes diversos e fogem do tradicional em sala de aula, permitindo ao aluno e ao professor um novo diálogo, um novo relacionamento e um novo meio de aprender. Porém o seu uso ainda enfrenta diversas dificuldades e resistências, o docente enfrenta uma carga horária estressante e um ensino meramente metódico e desmotivador, ambiente perfeito para que ele caia no obsoleto e não seja capaz de reconhecer o papel que essas mídias podem exercer.

Logo admite-se que ainda há muito a se estudar acerca da relação docente-mídias- aluno e todas as suas vertentes, para se começar a entender as dificuldades e tentar superá-las. Percebe-se que cabe aos docentes não se estagnarem no tempo, é preciso repensar e levar uma posição crítica as praticas pedagógicas utilizadas, não querendo que o computador e a internet tomem o lugar de educadores, mais sim que os docentes sejam capazes de mediar à catarse de conhecimento que o computador e a



internet têm a oferecer. Enfatiza-se assim a importância da formação continuada docente, que também deve ser oferecida pelos órgãos e autoridades públicas responsáveis pela educação pública.

REFERÊNCIAS

- BATISPTA, S. G.; CUNHA, M. B. Estudo de usuários: Visão Global dos metodos de coleta de dados. **Pespectivas em Ciências da Informação**, v. 12, n. 2, 2007.
- CLÁUDIA, A.; TERENCE, F. Abordagem quantitativa , qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. **XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE**, p. 1–9, 2006.
- FERREIRA, A. D. A. the computer in the teaching-learning process: of the resistance the seduction. **Trabalho & Educação**, v. 17, n. 2, 2008.
- FUGIMOTO, S. M. A.; ALTOÉ, A. O computador na escola: professor de educação básica e sua prática pedagógica. **Seminario de Pesquisa do PPE**, p. 1–14, 2009.
- JUNIOR, J. B. B.; MONDAINI, R. L. Formação de professores em tics: o uso do computador e da internet na prática dos docentes do colégio universitário (colun) da ufma. **Revista Científica de Educação a Distância**, v. 3, 2011.
- LEITE, B. S.; BRITO, M.; LEÃO, C. A Web 2 . 0 como ferramenta de aprendizagem no ensino de ciências. , p. 77–82, 2009.
- MAINART, D. DE A.; SANTOS, C. M. A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM. **VII Convibra Administração – Congresso Virtual Brasileiro de Administração**, 2010.
- MARCHINI, A. A. A INTERNET COMO MEIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA. **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ**, 2009.
- MERCADO, L. P. L. M. A Internet como Ambiente Auxiliar do Professor no Processo Ensino-Aprendizagem. , p. 1–3, 2002.
- MONTEIRO, V.; PEREIRA, A. A pesquisa na internet como estratégia de aprendizagem: Um estudo de caso nas aulas de ciências físico-químicas. **Revista de Educação**, v. XVIII, p. 47–63, 2011.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

OLIVEIRA, A. V. B. DE; OLIVEIRA, M. J. H. A. DE. O USO DAS MÍDIAS NA SALA DE AULA: A INTERNET COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA. **I Forum Internacional Sobre a Prática docente universitária.**, p. 399–410, 2005.

RAMOS, M.; COPPOLA, N. C. O uso do computador e da internet como ferramentas pedagógicas. ,2009.

VALENTE, J. A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador: O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. **tecnologia, currículo e projetos**, p. 23 a 31. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. .



PLANEJAR É PRECISO

SILVA, Amanda Pereira¹; CAETANO, Gabriela Tayrine Pereira²; SOUZA Letícia Dias de³; ALVES, Natalia Lopes⁴; SILVA, Paulo Fernandes Roges Souza⁵; LIMA, Marilda Ferreira de⁶

Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá, Iporá – Go

¹Amanda.biologia1@gmail.com; ²gabriela.caetano21@gmail.com; ³souzaleticia997@gmail.com;

⁴natalialopes.alves@gmail.com; ⁵paulofernandes.rss@gmail.com; ⁶marilda.lima@ueg.br

Resumo: *O presente trabalho, de abordagem qualitativa, pretende discutir e analisar o planejamento, em seus diversos aspectos, no contexto escolar, uma vez que a instituição de ensino tem um importante papel na formação e no desenvolvimento do homem. Possibilita, também, uma organização metodológica do conteúdo a ser desenvolvido pelos profissionais de educação e no desenvolver da escola como um todo. Baseado nas necessidades, parâmetros e realidade de cada instituição foi que se fez objetivo de pesquisa deste trabalho, conhecer o habitual de cada instituição das redes estaduais, municipais e privadas, frente ao planejamento escolar, percebendo assim as reações dos profissionais quanto ao hábito, obrigatório, de planejar.*

Palavras chaves: Planejamento escolar, ensino e educação

INTRODUÇÃO

A educação é um meio ou sistema onde cada indivíduo ensina ao mesmo tempo em que aprende e vice-e-versa, e nesse processo, o maior desafio é saber como intercalar essa prática de troca de saberes de diversas formas. O planejamento escolar é uma tarefa docente que abriga tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação com os objetivos propostos, quanto a sua revisão e adaptação no decorrer do processo de ensino (GAMA & FIGUEIREDO, 2003).

Partindo desse pressuposto, a escola deve ser o centro de todas as posições que cabem esse processo, visando em primeiro lugar aos profissionais da educação, a visão de que a escola não seja apenas mais um centro de reprodução de conceitos prontos, corrompidos de sua praticidade e aplicabilidade, mas um ambiente de construção e formulação significativa de conhecimento que tenha uma clara e explícita racionalidade tanto do ponto de vista social, quanto cultural (GANDIN, 1985).



Para Libâneo (1994), o aprendizado está absolutamente ligado às experiências de vida dos alunos e às exigências sociais, que no planejamento deve-se articular a atividade escolar com os problemas da realidade dos alunos.

Planejamento Escolar é o planejamento global da escola, envolvendo o processo de reflexão, de decisões sobre a organização, o funcionamento e a proposta pedagógica da instituição. "É um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social" (LIBÂNEO, 1994).

O planejar foi uma realidade que sempre acompanhou a trajetória histórica da humanidade. Não sendo diferente, no âmbito escolar, percebemos quão indispensável é a existência de um planejamento escolar sucinto, capaz de atender às necessidades educacionais e formativas do educando, podendo dar ao educador condições de refletir, decidir e organizar sua prática docente, envolvendo ações pedagógicas através de frequentes interações entre todos os membros da comunidade escolar. Ele deve ser dinâmico, algo que seja vivenciado no cotidiano da prática docente (LUCKESI, 2002). Sendo assim, o planejamento escolar tem a função de explicitar princípios, diretrizes e procedimentos do trabalho docente, expressar os vínculos entre o posicionamento filosófico, político-pedagógico e profissional, assegurar a racionalização, organização e coordenação do trabalho docente, prever objetivos, conteúdos e métodos, assegurar a unidade e a coerência do trabalho docente, atualizar o conteúdo do plano sempre que é revisto e facilitar a preparação das aulas (LIBÂNEO, 1994).

Partindo desses conceitos, o presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir de experiências práticas e pesquisas, o “real” funcionamento do planejamento escolar, tanto nas redes públicas quanto nas privadas. Uma vez que, é fato que nem sempre a realidade escolar é o que está no papel, ou vice-versa, onde os professores se veem presos a uma matriz, tendo que cumprir o que está em plataforma.

Outro aspecto de extrema importância quando a pauta é a reação quanto ao planejar, é o comportamento dos professores em relação a isso, o que eles pensam, como agem, se cumprem a risca, se se prendem ao papel, que vêm muitas vezes de



órgãos que de nada intendem de educar, enfim, conhecer os processos que envolvem Professor-Planejamento, também é objetivo deste trabalho.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram feitas as leituras de vários livros para compor os fundamentos do que é planejamento, com por exemplo: Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico, Celso Vasconcellos, Indagações, Vera Maria Candau e José Carlos Libâneo.

Esta pesquisa de fins qualitativos busca refletir as informações obtidas no ambiente em que elas acontecem, a partir da visão dos pesquisadores.

Esta análise foi feita de diversificadas formas, sendo elas: pesquisas sobre o tema, entrevistas com os responsáveis por cada instituição de ensino, com professores, através de questionários e também através de dados oriundos dos órgãos ligados a casa instituição.

Com o auxílio de entrevistas, foram exploradas três instituições de ensino de Iporá-Goiás, contemplando as três redes: Municipal, Estadual e Privada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ideia de, **Planejar é Preciso**, parte das dificuldades que são muito comumente encontradas nas escolas, falta de profissionais qualificados por diversos motivos, falta de motivação por parte de alunos e professores, discentes que não podem ser reprovados, e se aproveitam disso, escolas que não fornecem suporte físico-estrutural para um desempenho básico de trabalho, alunos com dificuldades de aprendizagens que não podem contar com professores de apoio realmente preparados para atendê-los. Enfim, são por essas e por inúmeras outras condições que a fase de um bom planejamento é fundamental para estruturação de toda a Escola.

Mas para que isso aconteça realmente, o professor necessita, cada vez mais, compreender que o planejamento é uma prática que procura ajudar a sanar problemas de



organização de conteúdos e que ele, por si próprio, não é a solução absoluta de todos os problemas que surgirão quanto à organização metodológica, tendo em vista que o planejamento é somente um passo de uma caminhada longa. Como afirma (LIBÂNEO, 1994): “O planejamento não assegura, por si só, o andamento do processo de ensino”.

De acordo com TAKADA (NOVA ESCOLA, 2009), há alguns níveis de planejamentos que serão abordados a seguir que buscam garantir um bom funcionamento do ensino e o alcance dos objetivos previstos. Dentre eles, o Planejamento Educacional, que é responsabilidade do estado, e tem duração de 10 anos. Nele é previsto o andamento geral do sistema educacional, visa diagnosticar e elaborar resolução alternativa para as devidas objeções encontradas na educação nacional.

Já o Planejamento Escolar, está presente em todas as escolas, sendo elaborado na primeira semana que antecede o início das aulas. Além de organizar o ano letivo, constitui-se no momento de integrar os novos professores ao sistema da escola, elaborar o calendário escolar, definir período das provas e atividades extraclasses, contando, para isso, com a presença de todo o corpo técnico-administrativo escolar, já que é neste momento que são definidas as prioridades para o ano letivo que se inicia, de forma conjunta com todos servidores da escola.

Planejamento Curricular, tem como finalidade orientar o professor em sala de aula e definir o currículo a ser desenvolvido durante todo o ano letivo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estabelecem uma referência deste para a elaboração das propostas curriculares dos Estados.

Planejamento de Ensino, é a especificação do planejamento curricular. É desenvolvido a partir da prática do professor, e cabe a ele definir os objetivos a serem alcançados em sala de aula com seus alunos. Devem-se prever objetivos específicos, procedimentos de avaliação e recursos a serem usados na aprendizagem.

Buscando perceber como a teoria estudada sobre planejamento, se materializa na prática das escolas, foram feitas entrevista com diretores e professores de diferentes redes de ensino e com representantes das Secretarias a qual cada instituição está jurisdicionada.



Na rede municipal, segundo os profissionais entrevistados, o plano de aula é feito semanalmente e supervisionado pelo coordenador pedagógico, verificando e garantindo seu devido cumprimento. Porém, em uma das escolas da rede municipal, foi informado que o planejamento é feito anualmente. O encargo do professor é fazer contraturno na escola e elaborar seu planejamento semanal. Cada professor dispõe de um caderno com suas aulas devidamente planejadas, seria como um planejamento informal, que o coordenador também tem acesso.

Na rede estadual o planejamento é anual e ocorre de forma coletiva, por áreas de conhecimento, durante as reuniões de planejamento no início do ano. O planejamento de aula, é feito de forma individual por cada professor, quinzenalmente sistematizado em uma planilha elaborada pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) e entregue à coordenação pedagógica que realizava correções e observações, com o objetivo de manter comunicação entre os professores tanto da mesma área do conhecimento ou de diferentes, para que haja interdisciplinaridade. O documento norteador para o planejamento do professor da rede estadual é o currículo de referência da rede estadual e o PPP.

Segundos os depoimentos, na rede particular os planos de ensino feitos pelos professores e armazenados em uma pasta pessoal de cada profissional. O planejamento docente é o planejamento e a atuação do professor no dia a dia e é importante porque mantém uma organização, uma preparação, segurança, confiança, autonomia, que se adéque a todas as situações. O plano de aula é necessário por que vincula o que será trabalhado durante todo o ano, e além disso, mesmo tendo que seguir uma organização pré-estabelecida cada plano deve se adequar a sua turma, pois há uma diversidade muito grande dentro da sala de aula, os níveis de desenvolvimento são diferenciados e a realidade também. O planejamento escolar se baseia em documentos, tais como a LDB e documentação da secretaria de educação, tal planejamento é observado e ajustado frequentemente, conforme a necessidade dos alunos, adicionando assuntos do dia-a-dia.

Entende-se que as três formas de ensino apresentam formas de planejamentos, baseados nas regras das secretarias da educação, os cumpri para garantir a eficiência e a organização no processo de ensino que todas fornece.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação com planejamento é imprescindível para a obtenção de bons resultados. O professor é responsável pela elaboração e execução do planejamento, e cabe a escola adaptar as necessidades enfrentadas em seu cotidiano. Tendo noção e tomando nota de que o planejamento não é meio ou método de salvação da escola, é preciso um trabalho em conjunto com todo o corpo escolar, e a interação com os educandos se faz indispensável.

REFERENCIAS

- GAMA, A. de S. FIGUEIREDO, S. A. de. **O planejamento no Contexto Escolar**. SP. 2003.
- GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo, Editora Edições Loyola. 1985.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo. Editora Cortez. 1994.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições**. 14º Ed. Editora Cortez, São Paulo, 2002.
- TAKADA, P. NOVA ESCOLA. **Planejamento: A Engrenagem da Boa Educação. Edição Especial**. São Paulo, n.24, Janeiro, 2009.
- VASCONCELLOS, C. S. dos. **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. Ladermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.



UEG NO AR

SOUSA, Adjair Maranhão¹

Universidade Estadual de Goiás; Unidade de Iporá-Go
adjairmaranhao@gmail.com¹

Resumo: Universidade Estadual de Goiás - UEG, unidade de Iporá, envolveu vinte e dois acadêmicos/monitores de todos os cursos da unidade universitária. Trata-se de um programa de rádio, criado em 2009, em parceria com a Rádio Educativa de Iporá, com a missão de levar aos ouvintes da emissora, as informações e debates acerca da Universidade, de acordo o pensamento de Freire (1992), que educação é comunicação; Melo (1998), a comunicação de massa é aliada no enfrentamento das crises; Silva (2010), a comunicação integra-se a sociedade moderna, e, Telesse (2009), o rádio surgiu como instrumento de educação popular. O que se pretende com este Resumo Expandido é explanar de forma breve e clara como foi desenvolvido o projeto no ano de 2012. Para tanto, nas três edições do projeto, os monitores extensionistas receberam instruções básicas e treinamentos, para que pudesse desenvolver o papel de rádio jornalistas. Semanalmente a pauta era definida em reuniões e os monitores buscavam as informações e entrevistas, para a edição dos programas. Com isso, sobre O projeto de extensão, “UEG no ar”, aprovado pelo colegiado do curso de Licenciatura em Geografia, da os resultados, percebeu-se a interdisciplinaridade entre os monitores, melhorando no ensino/aprendizagem, a equipe parceira avaliou proveitoso o projeto sinalizando para novas edições e o mais importante, a inserção da sociedade nas discussões a cerca da universidade, conforme se pretendia com a proposta inicial do projeto.

Palavra-chave: Rádio; comunicação; comunidade.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “UEG no ar” caracterizou-se como um programa de rádio, desenvolvido em parceria com a Rádio Educativa - FM, de Iporá-GO, frequência 101.5, durante o ano letivo de 2012, em sua terceira edição. Iniciou-se no ano de 2009, com o objetivo de divulgar e discutir as ações da Universidade Estadual de Goiás, dando ênfase à Unidade de Iporá.

Fazer rádio é passar a ser parte do convívio, da vida e da rotina do ouvinte. Segundo Telesse (2009), o rádio surgiu como instrumento de educação popular.

O rádio como um dos meios de comunicação de massa mais populares passou por diversas experiências e foi gradativamente conquistando seu espaço até chegar aos resultados apresentados hoje. Esse veículo de comunicação foi



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

criado com o intuito de ser educativo, a exigência capitalista o tornou comercial, os programas e os radialistas tiveram que passar de amadores à profissionais. (TELESSE, 2009, p. 06).

É preciso salientar, que a educação, não se faz e não acontece somente na sala de aula. Explorar as viabilidades e os canais de troca de informações, sempre contribuiu para implementar novas formas e novos conceitos educacionais.

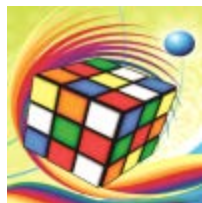
A comunicação, compreendida como troca de conhecimentos, possui uma dimensão educativa que deve ser levada em conta já que educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (FREIRE, 1992, p. 69).

O programa de rádio foi palco para debates e discussões acerca de inúmeros assuntos acadêmicos vivenciados pela Universidade Estadual de Goiás, em 2012. Para Melo (1998, p.08), a comunicação de massa é uma forte aliada no enfrentamento da crise política e econômica, influenciando no modo de pensar das pessoas.

Como se trata de projeto diferenciado, na extensão acadêmica, onde a proposta é um programa de rádio, o projeto acabou por ser uma rotina semanal. Embora, nas férias dos meses de julho e dezembro, o programa de rádio veiculou normalmente, sem interrupção. Foi preciso planejamento para que a programação ficasse gravada e pronta para ser levada ao ar.

Nos demais meses, durante o ano, o programa sempre foi apresentado ao vivo pelo professor coordenador da ação do projeto, uma exigência da própria emissora parceira, já que a fiscalização de radiofusão em Goiás exige um profissional na área do rádio no papel de apresentador.

Calabre (2004) destaca na história do rádio no Brasil a sua origem e a sua integração no dia a dia das pessoas. Desse modo, usando um espaço de meia hora semanalmente, foi possível mostrar as ações da UEG, em 2012 à comunidade de Iporá e Região. Vale ressaltar que a diretoria da Radio Educativa – FM de Iporá manifestou interesse em continuar com o projeto, por entender que além de importante para a UEG,



o programa também contempla a proposta de rádio educativa, que tem caráter de difundir e ajudar a promover a educação.

OBJETIVOS

O Projeto de Extensão “UEG no ar” teve como objetivo, trabalhar de forma radiofônica com fins de informar e inserir a participação da comunidade local nos assuntos em discussão na UEG, UnU Iporá e em resultados de estudos já concluídos e/ou em andamento que sirvam para dinamizar e proporcionar melhor qualidade de vida da comunidade. Foi um espaço de comunicação entre a Universidade e a sociedade.

METODOLOGIA

Para desenvolver o projeto, contou-se com entrevistas, informativos e bate papo, enumerando diversos assuntos que pudessem vir ao encontro do interesse da coletividade. Durante todas as semanas, foram colhidas matérias, assuntos e entrevistas que nortearam a programação de cada terça-feira, numa incessante busca de dados para se produzir o programa de rádio, produto do projeto “UEG no ar”.

Inicialmente, os acadêmicos, monitores extensionistas, foram selecionados e posteriormente treinados para a missão de buscar e gravar matérias (entrevistas) que seriam noticiadas no programa de rádio.

Durante o treinamento, os alunos puderam conhecer como se faz rádio jornalismo: a escrita, o vocabulário, a abordagem do tema, a necessidade de ser repetitivo na expressão do nome da pessoa entrevistada, uma vez que a identificação do participante se dá de forma nominal.

Na fase de desenvolvimento, os monitores aplicaram essas técnicas e por meio das reuniões, de uma escala programada e equipados com aparelhos de MP4, usados como gravador, puderam concretizar suas ações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Ao final da terceira edição do projeto, analisando suas etapas, desenvolvimento e execução, entendemos que os resultados foram positivos e satisfatórios porque o projeto proporcionou a interação dos acadêmicos com as atividades propostas para sua realização, levando o programa ao ar a cada semana, e, assim, encadeando experiências, informações e aprendizagem.

Entre os programas veiculados durante o ano de 2012, foram discutidas questões que cercaram a Unidade Universitária de Iporá, como a reestruturação dos cursos que são oferecidos na área de licenciatura e levantados outros cursos que possivelmente, em breve, poderão ser oferecidos pela Unidade, observando a realidade e a vocação regional.

Pelas ondas de rádio, a comunidade ficou sabendo da eleição para Reitor, e, que o candidato, era professor na unidade de Iporá. O programa foi importante para que o candidato único, Prof. Dr. Haroldo Reimer, lotado no curso de História da Unidade de Iporá, se dirigisse a comunidade, falando de suas propostas e ações pretendidas a cerca da Universidade e da Unidade.

O programa foi palco para exposição das ideias e planos dos candidatos ao Diretório Acadêmico, que envolveu a comunidade discente da Unidade. O processo seletivo vestibular da UEG foi amplamente divulgado pelo programa, inclusive, orientando o candidato que poderia fazer prova para qualquer unidade, sem ter que sair de sua cidade.

Ressalta-se que tudo isso ocorreu devido ao envolvimento e o interesse dos vinte e dois acadêmicos extensionistas em participar e em contribuir para a realização do projeto. Outro foco a ressaltar é a satisfação da entidade parceira, que a cada edição do projeto, manifesta-se satisfeita com o trabalho desenvolvido porque propiciou uma ligação entre rádio, educação e cultura, assim dimensionando informações e aprendizagem para a comunidade.

CONCLUSÃO



O Projeto de Extensão “UEG no ar” buscou envolver a sociedade iporaense nas discussões e debates de interesse da comunidade local, fazendo com que esta pudesse participar e se inteirar das ações desenvolvidas pela universidade, e, mais precisamente, pela Unidade Universitária de Iporá, cumprindo com o objetivo do projeto.

É de suma importância observar a participação, satisfação e interação dos monitores com os cursos oferecidos pela unidade universitária. Os acadêmicos-monitores passaram a olhar não só para a sua própria faculdade, como normalmente acontece, mas, também, passaram a inteirar-se das ações dos demais cursos.

O projeto de extensão UEG NO AR, além de inserir a comunidade local através da audição nas ações e informações a cerca da Universidade Estadual de Goiás, tornou-se um elo de comunicação eficiente interna à comunidade acadêmica, proporcionando a interdisciplinaridade entre acadêmicos e docentes.

REFERÊNCIAS

- CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- MELO, José Marques de (org.), **Comunicação na América Latina: desenvolvimento e crise**. Campinas-SP: Papirus, 1998.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.
- SILVA, Valdivino Zambeline Ribeiro. **Rádio Escola: uma proposta pedagógica da Secretaria Estadual da Educação de Goiás**. Iporá, UEG, 2010.
- TELESSE, Paulo Sérgio. **A Comunicação de Massa e a Influência da Rádio Rio Claro- AM na Sociedade Iporaense**. Iporá, UEG, 2009.



A DESMOTIVAÇÃO DO PROFESSOR FRENTE À ROTINA PEDAGÓGICA

VIEIRA, Luana Paula Sousa¹; BRAGA, Cleisa Maria Coelho²
Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
luana-paula2012@hotmail.com¹; cleisamcb@hotmail.com²

Resumo: A pesquisa desenvolvida foi realizada a partir de estudos vivenciados na rotina de estágio, sendo que foi percebida a existência de uma crise de identidade na profissão docente, e isto ocorre devido a inúmeros fatores, dentre os quais o que mais se destaca é a remuneração inadequada com a jornada de trabalho. O objetivo desta pesquisa é analisar a rotina pedagógica a partir da observação, para que seja possível identificar os fatores que estão prejudicando o desenvolvimento educacional, para tanto foram realizadas inúmeras observações em escolas da comunidade, sendo que análises serão realizadas na tentativa de solucionar o problema, que tem como principais causas: baixa remuneração, indisciplina, falta de diálogo e ainda falta de preparo profissional.

Palavras-chave: Crise; Rotina; Desenvolvimento educacional.

INTRODUÇÃO

Ser professor não é uma tarefa fácil, e devido a tantos desafios, este é um profissional, imensamente desvalorizado no mercado trabalhista, existem cada vez mais professores, que terminam um curso superior em licenciatura e não se tornam atuantes e muitos que quando atuam, não desenvolvem um bom trabalho por não possuírem um preparo adequado, e isto se torna bastante prejudicial ao cenário educacional, pois o professor é o formador de todo e qualquer profissional.

Devido à tamanha responsabilidade, pouca valorização, rotina excessivos e inúmeros outros fatores, este profissional encontra-se em crise consigo mesmo, e dessa forma surge a desmotivação, sendo esta a principal vilã e o maior desafio a ser superado frente a uma sala de aula repleta de jovens sedentos por inovações. Professores se tornam cada vez mais desmotivados e despreparados para lidarem com situações comuns do dia a dia, por conseguinte se distanciam de suas ideologias e até mesmo do compromisso de ser formador de cidadãos pensantes e críticos.

OBJETIVOS



Os objetivos desta pesquisa observatório são: analisar e problematizar os principais motivos que geram a desmotivação do professor dentro e fora da sala de aula e a partir disso buscar soluções que desenvolvam a motivação, para que a partir de tentativas direcionadas e focadas no desenvolvimento do aluno seja possível haver melhorias no cenário educacional.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho foi realizado a partir de observações feitas nas escolas campo de estágio, sendo que foi relatada e analisada a maneira de cada professor planejar e administrar suas aulas e conteúdos, desde a sua postura em relação ao domínio da matéria ministrada, ao relacionamento do mesmo com os alunos e a sua forma de conduzir, ora turmas com um grande contingente de alunos, ora uma pequena proporção dos mesmos, sendo que ainda observou-se o comportamento do professor com os demais funcionários da escola e suas considerações a respeito dos problemas existentes no sistema educacional vigente, foram realizadas leituras teóricas relativas à educação em artigos retirados da internet como “A investigação da motivação do professor: a dimensão esquecida” de Herivelto Moreiraque afirma

a qualidade de ensino e a satisfação do professor no trabalho estão intimamente ligadas e que é improvável melhorar a qualidade de ensino sem primeiro entender quais as expectativas, motivos e interesses que ainda sustentam os professores em uma profissão de constante desvalorização. (MOREIRA 2011,p 01)

E ainda a obra de Paulo Freire que muito relata sobre o processo de libertação do oprimido, e sendo que este é o primeiro passo para a motivação, ou seja, a busca pela liberdade que segundo Freire

A liberdade é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente por que não a tem. (FREIRE 1994, p 29)



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se atualmente que cada vez mais nos deparamos com professores desmotivados devido a sua cansativa rotina de trabalho, que vem se tornando o principal desafio a ser superado, para tanto se necessita de um maior investimento em profissionais qualificados nas mais diversas áreas de atuação dentro de uma unidade escolar e ainda precisa-se preparar este profissional para as mais diversas situações, a partir de então o processo educativo se tornará mais qualitativo e satisfatório.

Grandes teóricos sugerem que

O problema da motivação do professor se situa no preenchimento de necessidades de alta ordem em uma profissão onde os padrões podem ser limitados. O estabelecimento de metas em termos de resultados quantificáveis é difícil e o grau de manutenção dos procedimentos nas atividades rotineiras da escola podem ser uma verdadeira fonte de frustração. O resultado, portanto, é que a natureza do trabalho do professor em si próprio pode emergir como a principal fonte de satisfação no trabalho (TELFER e SWAN 1987, p 42)

Deve-se compreender então que “a motivação é um fenômeno complexo e se constitui um elemento essencial à própria razão de ser professor” (MOREIRA, 2011. p 07). Isto se dá porque a ausência da motivação docente gera consequências no comportamento e na motivação dos alunos para a aprendizagem. Portanto a desmotivação pode e deve ser superada, pois o professor é peça essencial para a sociedade.

A partir do estágio percebe-se que uma grande maioria dos professores se encontram cada vez mais desmotivados, muitos se tornaram desleixados em atividades simples e rotineiras como planejamento e explicação das matérias ministradas, os professores já não buscam mais realizar atividades dinâmicas para atrair a atenção dos alunos, tentando demonstrar a estes o quão importante é a disciplina que ele tenta ensinar, muitos desses professores chegam à sala de aula e simplesmente escreve no quadro negro as atividades que os alunos devem realizar, não dão nenhuma orientação e nem sequer abre o canal de diálogo com a turma que pretende ensinar, para tanto são necessárias grandes mudanças, é preciso que o professor desperte o seu senso de busca e



passee a procurar inovações para trazer mudanças tanto a sua disciplina, como a vida dos seus alunos e a comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como este trabalho se realizou por meio de observações, este ainda se encontra sujeita a mudanças, que ocorrerão de acordo com o ambiente em que for realizado. Portanto a desmotivação gera a desmotivação e o ambiente educacional necessita de profissionais que sejam motivados constantemente e que estejam dispostos a ensinar, atraindo a atenção de todos os alunos, para que os mesmos aprendam e futuramente não se tornem profissionais desmotivados, os alunos devem ajudar o professor nessa busca incessante de conhecimento, estes devem valorizá-lo como mestre, respeitando o e procurando reconhecer a sua profissão, torna-se necessário também que o sistema educacional mude e invista mais em áreas como os cursos de licenciaturas.

Sendo assim precisa-se investir em qualificação e preparo para um grande número de profissionais da área educacional, para que estes desempenhem suas funções com seriedade e determinação dando o melhor de si, trazendo mudanças perceptíveis a todos que deles dependem, e que estes sejam capazes de aprender e se tornem cidadãos críticos e pensantes da sociedade atual.

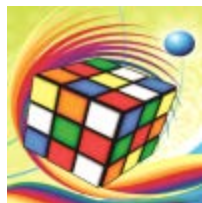
REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido.** 17ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5ª.ed. Goiânia: MF Livros, 2008
- MOREIRA, Herivelto. A investigação da motivação do professor: a dimensão esquecida.** 2011, Disponível em: revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutect/article/view/1016/608



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

TELFER, R.; SWAN. T. Teacher motivation in alternate promotion structures for NSW high schools. **The journal of Educational Administration**, v.XXIV, n.1, p.38-57, 1987.



AS ANGÚSTIAS DOS PROFESSORES MEDIANTE A AUSÊNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLA

BORGES, Núbia Garcia da Costa Cedro¹; BRAGA, Cleisa Maria Coelho²

Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
nubiagarcia7@hotmail.com¹; cleisamcb@hotmail.com²

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade ponderar sobre as angústias dos professores, a partir das etapas de observação e Semirregência do Estágio Supervisionado. Mediante notas efetuadas nas escolas-campo foi realizada uma intervenção reflexiva, que possibilitou o desenvolvimento de um diagnóstico crítico sobre as angústias dos professores frente à atuação docente, bem como do cotidiano escolar. O contato com o âmbito educacional proporcionou a preocupação dos estagiários frente a uma nova experiência, os desafios da formação profissional. Durante esse processo do estágio inúmeras intrigas poderiam ser ressaltadas, no entanto este resumo se atém a um fator bastante intrigante, a falta da participação da família na escola. Esse estudo tem por intento refletir sobre a importância de a família ser a grande parceira do processo educacional para melhores resultados da ação de ensino aprendizagem. Este estudo está pautado em referenciais como, Gokhale (1980), Vasconcelos (2006) entre outros. A integração família/escola são alicerces fortes na construção do saber.

Palavras chave: Angústias; Família; ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é uma etapa fundamental para os Cursos de Licenciatura, além de proporcionar contato com o cotidiano pedagógico. Tendo em vista sua representatividade na formação acadêmica e profissional, o estágio é referência para a aquisição de valores e princípios fundamentais para a atuação docente. Tornar-se expressamente claro que o estágio é uma espécie de capacitação para a prática docente. De acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em parceria com a Presidência da República promulga-se a Lei N° 11. 788, de 25 de Setembro de 2008, retratando novas disposições sobre o Estágio Supervisionado, constatando assim, no segundo parágrafo do referido documento que “O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.” (BRASIL, 2008).



Ao iniciar o projeto de estágio observou que a escola, por meio da sua grandeza social vai além da troca do conhecimento, socialmente aglomerado e tem por finalidade a socialização de seus educandos, tendo por incumbência preveni-los para ações futuras que representarão na sociedade, por isso, a família necessita interceder afinidades de caráter afetivo, social e cognitivo.

Neste sentido, a relevância da aproximação social está em entender a distinção educativa como aquela que aprecia a união da instituição escolar com seus professores, alunos e família, levando em conta as distinções física, social, intelectual e emocional é da mesma forma importante na construção educacional.

Segundo Gokhale (1980) A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. Assim sendo, é importante ressaltar que a vida escolar é passageira, mas os hábitos familiares permanecem por toda a vida.

O papel da família no processo ensino-aprendizagem é tão significativo quanto o do professor, no entanto este parece estar desaparecendo, as famílias “passaram a bola” para a escola. Esta transferência acarreta ao professor angústias bastante sofríveis de impotência diante do impasse educação-família-escola.

OBJETIVO

Este estudo propôs evidenciar por meio do estágio supervisionado, junto às escolas campo, a relação família/escola na ação de aprendizagem dos filhos/alunos. E, por meio deste relevante assunto apontar as angústias do professor mediante tamanha responsabilidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada é de cunho prático e teórico, através de método qualitativo. Metodologia esta que consistiu em preparação para atuação do estagiário no ambiente escolar. No que diz respeito à elaboração do estudo no âmbito escolar, obteve-



se a partir de entrevistas aos funcionários, professores, alunos e diretores, bem como de observações diversas, as quais averiguou-se quão angustiante e preocupante é a ausência da família na escola, a não participação desta com o construir educacional do filho/aluno.

Propuseram-se tais atividade/entrevistas em quatro escolas-campo que se disponibilizaram a receber os estagiários. Diante da conclusão das etapas de observação e Semirregência, apreendemos os procedimentos da escola antes da regência, deparamos com uma realidade não conhecida, uma vez que o conhecimento obtido era apenas teórico. Mediante a parte prática, a realidade apresenta-se de forma bem diferente. “Um dos primeiros impactos é o susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido” (PIMENTA e LIMA, 2008. p. 103).

Perceber as angústias de impotência do professor, diante da ausência familiar, fez com que a discussão deste tema se tornasse o assunto de discussão deste estudo, por se tratar de um fator relevante para o bom trabalho do professor.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do reconhecimento da realidade dos âmbitos educacionais, é possível fazer uma intervenção reflexiva e levantar uma discussão sobre os problemas confrontados frente às experiências vivenciadas. Durante as observações por meio das visitas às escolas campo, notamos diversos problemas enfrentados pelo corpo docente, tais como a má estrutura das Unidades Escolares, a Indisciplina, Professores consumidos pelo cansaço e insatisfeitos com as exigências do Estado, com a remuneração salarial, mas principalmente a falta de participação da família na realidade escolar dos filhos sendo esse fator a preocupação em questão. De acordo com Gokhale (1980) a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. Nesse sentido a formação da criança quando é bem sucedida no âmbito familiar servirá de suporte à sua criatividade e ao seu comportamento enquanto adulto.



Há alguns anos, têm surgido na sociedade várias mudanças referentes ao sistema capitalista que vem interferindo na estrutura da família e com isso têm acarretado vários tipos de alterações na forma tradicional da disciplina familiar. Nessa perspectiva Vasconcelos (2006, p. 79) reflete que “Neste período, como vimos a escola mudou, a família mudou e, sobretudo, a sociedade mudou”. Em virtude destas modificações, surgiram muitas dificuldades que são encontradas na educação da família, devido aos reflexos que provem da sociedade, de acordo com Cury (2003, p. 28). “Hoje, bons pais estão produzindo filhos ansiosos, alienados, autoritários, indisciplinados e angustiados”. Nesse sentido, o autor ainda destaca que além de não abraçarem um tempo para educar seus filhos a enfrentar os problemas sociais, a própria sociedade faz um papel de deseducá-los.

Segundo Aparecida e Rebelo (2003) é possível diferenciar três tipos de pais. Pais autoritários que têm dificuldades de se comunicarem com os filhos, sem demonstrarem afeto e serem bastante rígidos. Pais permissivos os que são afetuosos e procuram dialogar com os filhos, mas têm muita dificuldade no controle aos limites. E os pais democráticos que mantêm um equilíbrio no controle das ações principalmente no que conduz ao amadurecimento, independência, respeito, capacidades e sentimentos de seus filhos. Estes demonstram afetividades e procuram estimular a criticidade na criança, além disso, conseguem fazer com a criança seja disciplinada. Vasconcelos (2006, p. 79) pontua que “cada vez mais os alunos vêm para a escola com menos limites trabalhados pela família. Muitos pais chegam mesmo a passar toda responsabilidade para a escola”.

A participação da família na escola é de suma importância para o desenvolvimento educacional da criança, pois quando os pais acompanham a criança na formação escolar a mesma se sente valorizada. Nessa perspectiva Davies (1998, p.21) relata que “o envolvimento parental na vida escolar contribui para melhorar significativamente as performances sociais e acadêmicas dos alunos”. Sendo assim, um conjunto de atividades desempenhadas durante o processo realizado anula uma postura estática por meio das reflexões críticas e fazem com que os objetivos sejam alcançados, por isso a participação da família deve ser, em suma, apreciar o desenvolvimento das



atividades para que não haja nenhum tipo de conflito ou prejuízo para a escola e nem para o aprendiz.

E, sabendo desta importância suprema é que os professores buscam de muitas maneiras trazerem a família para a escola a fim de juntos formarem parcerias e alicerçarem bem o ensino-aprendizagem deste ser em construção. Porém quase todas estas tentativas são frustradas, pois a família não quer ou já não mais conseguem esse domínio sobre o filho/aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É plausível o envolvimento dos pais no âmbito escolar, procedimento esse que melhora na figura da escola e sua aproximação com a comunidade. Assim sendo, esse envolvimento tem uma visão de educação de sucesso estruturada em dois apoios fortíssimo escola/família. Na escola, a criança é motivada a aprender a aprender, mas para isso precisará ter uma base maior, uma vez que é na família que se constitui esta estabilidade, para um melhor aproveitamento no ambiente educacional.

Mesmo assim, não se devem encarar essas mudanças como problemas negativos ou sem solução. É de suma importância à instituição tomar à iniciativa de aproximação da família na escola, por meio de eventos, palestras e tantas outras atividades que venham interagir a família no ambiente escolar para que ambas consigam formar seus filho e alunos em verdadeiros críticos, empreendedores e sonhadores, para que os mesmos possam relacionar na sociedade com a finalidade de realizar seus objetivos desejados.

Embora sendo uma tarefa árdua e às vezes frustrante é necessário o comprometimento família/escola para a culminância do fazer aprender. As angústias presentes tendem a diminuir e talvez até a desaparecer quando há empenho/compromisso das partes envolvidas no processo, resultando assim em uma aprendizagem satisfatória.

REFERÊNCIAS



APARECIDA, Rosana; REBELO, Argento. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003

BRASIL, Presidência da República, Lei nº 11.788, de 25 de setembro 2008, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm (acesso em 09/10/2013).

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. **“Supervisão em serviço social: o supervisor, sua relação e seus papéis”**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CHALITA, Gabriel. Educação: **A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, professores fascinantes**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAVIES, D. (1989), **As escolas e as famílias em Portugal, realidade e perspectivas**, Lisboa, Livros Horizonte DIOGO, J. (1998).

GOKHALE, S. D. **A família desaparecerá?** In Revista Debates Sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

STELA. C.B. (org.). **A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 2º edição. Campinas, S.P, Papirus. 1994

PIMENTA, S. G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e Docência**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto Nº. 87.497 de 18 de Agosto de 1982.

VASCONCELOS, Celso. Indisciplina. **Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 16ª edição. São Paulo. 2006.



ANALFABETISMO FUNCIONAL: ENTRAVE DENTRO E FORA DA ESCOLA

SOUZA, Maiane Priscila de¹; BRAGA, Cleisa Maria Coelho²
Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
priscilamaiane1991@gmail.com¹; cleisamcb@hotmail.com²

RESUMO: O analfabetismo funcional configura-se como sendo a incapacidade parcial ou total de leitura, escrita e interpretação textual por parte de pessoas escolarizadas, problema este que não se restringe aos muros da escola e se propaga pela vida. Muitos alunos saem das escolas e adentram nas faculdades públicas e particulares com enorme deficiência em compreensão, leitura e escrita, prejudicando assim seu desenvolvimento enquanto sujeitos críticos-pensantes. O presente trabalho objetiva debater acerca dos problemas causados pelo analfabetismo funcional a vida dos discentes, dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Escola; analfabetismo funcional; aluno.

INTRODUÇÃO

Ao falar sobre a importância da leitura, Paulo Freire diz que “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989, p. 9), o mundo se compõe por palavras, a leitura das palavras está intimamente atrelada à leitura do mundo e vice-versa.

O século XXI se tornou a era da informação, segundo Gasque (2012) as novas tecnologias fizeram com que a informação fosse propagada com maior facilidade, em um curto espaço de tempo, já não é forçoso encontrá-la. Viver “é compartilhar informações entre nossos corpos eo mundo, o que possibilita dar sentido ao que percebemos à nossa volta” (GASQUE, 2012, p. 18). Em geral não se formam bons leitores e produtores de texto nas escolas brasileiras, a carência dessas habilidades causa “déficit importante na aprendizagem” (GASQUE, 2012, p. 18).

Em virtude desses fatores, formam-se alunos incapazes de interpretar informações ou de buscá-las em fontes adequadas. Indivíduos que mesmo mediante anos de escolarização não sabem interpretar adequadamente diferentes informações obtidas por meio de diferentes gêneros textuais, de forma crítica e autônoma. A questão



é que o analfabetismo funcional tende a ser um entrave para a formação educacional do sujeito, entrave este que transcende os muros da escola e torna-se um problema do dia a dia. Problema este que se configura como sendo a incapacidade parcial de leitura, escrita, interpretação textual e não verbal por parte de pessoas com certo grau de escolarização.

O analfabetismo funcional é um problema que restringe o campo de ação de seu portador, pois embora saiba como produzir frases simples, não consegue usar a leitura e a escrita em atividades triviais durante o dia a dia, sendo um entrave para seu desenvolvimento pessoal e profissional em sociedade, já que “as novas realidades do mundo do trabalho requerem trabalhadores com mais conhecimento, cultura, preparo técnico. Sendo assim, “o mercado de trabalho não aceita mais mão-de-obra não qualificada” (LIBÂNEO, 2008, p.48)

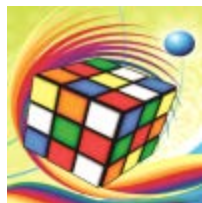
Muitos alunos saem do “ensino regular e ingressam no ensino superior com níveis baixíssimos de compreensão, leitura e escrita, prejudicando assim seu desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal” (TEIXEIRA, SOUZA, FARIAS, 2012, p. 1). O analfabeto funcional não sabe expressar com clareza suas ideias e nem possui habilidades necessárias para lidar com as informações vinculadas em diferentes mídias.

OBJETIVOS

O presente trabalho objetiva debater acerca dos problemas causados pelo analfabetismo funcional na vida dos discentes, problemas que além de dificultar o trabalho dos docentes, dificulta a produção das atividades escolares dos discentes e sua aprendizagem. E também dialogar a respeito da necessidade de se ter uma educação de qualidade como forma de combate as diferentes formas de analfabetismo.

MATERIAIS E MÉTODO

Durante o desenvolvimento das atividades propostas no decorrer do Estágio Supervisionado e durante o cumprimento de atividades extracurriculares, tivemos



contato com diferentes autores que discorrem sobre os temas analfabetismo funcional, alfabetização e letramento. Dentre tais autores, estão Paulo Freire (1989), Gasque (2012), Ribeiro (2012) e Teixeira, Souza & Farias (2012) que adotamos com o objetivo da elaboração deste projeto, além de utilizarmos dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2003).

O levantamento da problemática relacionada ao título, Analfabetismos Funcional: Entrave dentro e Fora da Escola deu-se a partir de observações nas escolas campo e durante intervenções e desenvolvimento de atividades extracurriculares. De cunho qualitativo e com estudo bibliográfico, este trabalho objetivou debater sobre o tema, e levar possível hipótese de solução para o problema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pesquisa publicada pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) faz alusão ao conceito de pessoa alfabetizada, ao dizer que o conceito usado pelo IBGE na realização de suas estatísticas considera alfabetizada

[...] pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece, [no entanto], adota-se cada vez mais o conceito de analfabeto funcional, que incluiria todas as pessoas com menos de quatro séries de estudos concluídas (INEP, 2003, p.6)

Também segundo o INEP, ao ser adotado o conceito de analfabetismo funcional, o número de pessoas ditas analfabetas salta para mais de 30 milhões de brasileiros, ao ser considerado a população de 15 anos ou mais. Isso demonstra que as políticas de atuação adotadas pelo sistema educacional não estão dando resultado.

No Brasil, na década de 70, segundo dados do INEP

o analfabetismo era de 24% no início e passou para pouco mais de 3% em 2001. Na faixa etária de 15 a 19 anos, o analfabetismo era de 24% no início da década de 70 e passou para pouco mais de 3% em 2001. Nesta mesma faixa etária, a escolaridade média subiu de quatro para seis anos de estudo. [...] Na faixa etária de 45 a 59 anos, em 2001, 17,6% eram analfabetos e tinham, em média, 5,6 anos de estudo. (INEP, 2003, p. 7)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

As informações são vinculadas em sociedade com grande rapidez, há um constante fluxo de informações, e cabe à escola ensinar o aluno lidar de forma adequada com toda essa informação de forma crítica e reflexiva. Segundo GASQUE,

Em decorrência das demandas econômicas e sociais, as fronteiras territoriais se tornam mais próximas. Esse fenômeno de maior interação entre os países e os povos designa-se globalização. O novo mundo exige mudanças na forma de pensar e agir. A formação profissional de qualidade torna-se crucial para o pretendido desenvolvimento da sociedade. (GASQUE, 2012, p.25)

Não há como uma pessoa incapaz de usar informações básicas da escrita e interpretação textual atingir plenamente objetivos impostos pela sociedade. A alfabetização possibilita uma melhor interação em sociedade, permitindo que a pessoa cresça tanto pessoal quanto profissionalmente. Durante experiência, enquanto estagiários observamos dificuldades encontradas por muitos discentes em relação à decodificação dos textos propostos, além de leitura deficiente e lenta e dificuldade de produção textual. Em algumas das séries iniciais, três a cada cinco alunos, após breve leitura não sabiam discorrer sobre o que haviam lido ou relatavam que não haviam entendido quase nada.

A escola deixou de ser espaço exclusivo de aprendizagem, novas formas de conhecimento em sociedade e é dever da escola contribuir para a formação do aluno, o “mundo exige mudanças na forma de pensar e agir. A formação profissional de qualidade torna-se crucial para o pretendido desenvolvimento da sociedade” (GASQUE, 2012, p.25), assim sendo, de acordo com Libâneo (2008) o sistema educacional deve auxiliar na formação de profissionais mais qualificados, com mais conhecimento, cultura e preparo técnico. Constatou-se durante as observações do Estágio Supervisionado que muitos discentes não estão preparados para o desenvolvimento pleno das obrigações impostas pela sociedade e nem usar todo o seu potencial “na construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores” (LIBÂNEO, 2008, p.54).

O analfabetismo funcional interfere de forma negativa em relação ao uso adequado das informações recebidas pelo aluno, tende a dificultar o acesso ao conhecimento, a escola e os professores devem propiciar condições adequadas para que



os discentes tenham acesso ao conhecimento. Libâneo (2008) opina que a informação é uma estrada que vai de encontro ao conhecimento, sendo um

instrumento de aquisição de conhecimento, mas ela precisa ser analisada e interpretada pelo conhecimento, que possibilita a filtragem e a crítica da informação, de modo que ela não exerça o domínio sobre a consciência e a ação das pessoas. (LIBÂNEO, 2008, p. 49)

Desta forma, a atuação dos professores tende a ser um fator determinante para o desenvolvimento dos alunos, pois ao ensinar ao discente a lidar com diferentes informações recebidas de forma crítica e autônoma, está combatendo o analfabetismo funcional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre o tema analfabetismo funcional, objetivamos debater acerca dos malefícios causados à vida dos discentes por esse grave problema, constatou-se que a distribuição maciça de diferentes informações vem sendo cada vez mais rápida e obtida a baixo custo, mas que, no entanto, nossos discentes, em sua maioria, não estão preparados para interpretar e analisar tais informações de forma crítica. O analfabetismo funcional interfere na capacidade do aluno de interpretar informações de diferentes gêneros, dificultando o acesso à cultura, ao conhecimento difundido em sociedade.

Cabe a escola e aos docentes instigarem e propiciarem ao aluno mecanismos que desenvolvam sua capacidade de “tomar decisões e de fazer análises globalizantes; interpretar informações de todo tipo; pensar estrategicamente; desenvolver flexibilidade mental para lidar com situações novas e inesperadas” (LIBÂNEO, 2003, p 55). Ao se configurar como um espaço natural de relações sociais, a escola tende a ser um local de troca de conhecimentos e experiências e os professores devem conduzir essa troca de saberes.

REFERÊNCIAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília : Faculdade de Ciência da Informação/ Universidade de Brasília, 2012.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Mapa do Analfabetismo no Brasil. In: [ttp://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=3590](http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?pub=3590) (acesso em 24 de outubro de 2013)

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola: teoria e prática. 5 ed. Goiânia: MF Livros, 2008.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. In: <http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a8.pdf> (Acesso em 21 de setembro de 2012).

TEIXEIRA, P. L. de F., SOUZA, M. das G., FARIAS, M. A. O Analfabetismo Funcional em Alunos Universitários In: <http://propi.iftto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/3157/3085> (Acesso em 29 de setembro de 2013).



AS LIMITAÇÕES DO PROFESSOR FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

MARTINS, Paloma Santos¹; SILVA, Divoni Marques Bueno²

Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go

¹palomamartins.s@hotmail.com; ²divoni.marques@ueg.br.

RESUMO: Este trabalho apresenta uma reflexão acerca da rejeição apresentada por alguns profissionais da educação no que tange ao uso das tecnologias em sua prática pedagógica. A maioria dos professores ainda tem limitações a esse modelo novo de educação que está surgindo a sua volta, nota-se que a resistência é grande porque não buscam por especialização nessa área, para se ter um bom rendimento com esses meios é necessário muita busca e saber onde se quer chegar através deles e a sociedade cobra cada vez mais a inserção desses novos meios tecnológicos em sala de aula, como diz Valente (1999, p.28), a sociedade cada vez mais cobra a presença das tecnologias nas escolas. O fato é que o uso dessas tecnologias pode aproximar alunos e professores, além de ser útil na exploração dos conteúdos de forma mais interativa. Para Maria Luiza Belloni, os novos meios tecnológicos ajuda os alunos a se socializarem mais, há uma maior participação e conversação dos alunos nas aulas que é utilizado tecnologia. Uma das dificuldades é a falta de infraestrutura de algumas escolas e a falta de formação de qualidade para os professores quanto ao uso dessas novas tecnologias, Roldão (1999, p.26), diz que as mudanças rápidas que ocorrem na sociedade em função das tecnologias da informação e comunicação, exigem do professor sua capacitação para o uso de tecnologias. Para que esse trabalho fosse realizado, foi feita uma pesquisa com professores onde foi aplicado questionários visando buscar o porque dessa limitação.

Palavras-chave: novas tecnologias, professor, auxílio ao ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Em plena aurora do século XXI, surgem a cada dia novidades no mercado, tanto na área comercial quanto na área escolar, e com isso surgindo também novas formas de trabalhar com o aluno em sala de aula, como lidar com o educando e prender a atenção do mesmo. Um dos meios mais utilizados no momento é o uso das novas tecnologias em sala. O uso desses novos métodos tem auxiliado bastante no ensino-aprendizado do aluno, pois as aulas nas quais o professor faz uso desse novo estilo percebe-se um rendimento maior da parte do educando e atenção do aluno durante toda a aula.



A grande descoberta do século são as novas tecnologias, um meio que tanto tem auxiliado a todos nos dias atuais, com seus avanços e com a rapidez com que surgem, tem chamado bastante atenção de todos, inclusive na área da educação.

Os jovens estão cada vez mais presos nessa grande “telha de informações” novas e chamativas fazendo-os perder o interesse por coisas monótonas, em sala de aula principalmente. Os professores foram pegos de surpresa por essa “avalanche” de informações e estão cada vez mais resistentes a esses novos métodos.

Percebe-se que as novas tecnologias vieram para contribuir para o conhecimento tanto do aluno quanto o do professor, trazendo seus benefícios e malefícios, pois o uso delas tem uma grande importância no ensino-aprendizado. Mas o professor precisa de um certo tempo e estímulo para poder se adequar a esse novo método

Os recursos tecnológicos facilitam a passagem de um modelo mecanicista que se tem hoje em dia (professor só falando, quadro e giz) para uma educação sociointeracionista. Ainda que a realização de um novo paradigma educacional dependa do projeto político-pedagógico da escola, o professor deve pensar na forma que prepara o ambiente da sala para que se torne um ambiente de ensino aprendizagem instigante que proporcione aos alunos a oportunidade de participação dessa aula com tecnologias.

OBJETIVO

Desenvolver uma pesquisa sobre as tecnologias e seu uso enquanto ferramenta pedagógica para a melhoria da qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho a ser apresentado tem como objetivo mostrar as limitações do professor frente às essas novas tecnologias, suas dificuldades e o que fazem para que não haja mais essa limitação.

MATERIAIS E MÉTODOS



Na pesquisa de campo ora apresentada, realizada em um colégio da cidade Iporá, foi observado a entrada e saída dos alunos, os recursos tecnológicos que a escola possui, foram aplicados questionários tanto aos professores quanto aos alunos visando buscar informações sobre o que pensavam sobre educação, sobre o que achavam da escola, o que precisava para melhorar a educação dos dias atuais. Após todo o processo de estágio, foi procedido aplicação de questionário direcionados aos professores buscando saber qual a opinião dos mesmos frente as essas tecnologias, quais as limitações que possuem.

Foi estudado durante os estágios vários teóricos que abordam o assunto das tecnologias em sala de aula. Para Roldão (1999, p.26), as mudanças rápidas que ocorrem na sociedade em função das tecnologias da informação e comunicação, exigem do professor sua capacitação para o uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas. Essa capacitação está ligada à natureza de sua formação inicial e continuada.

E nota-se que a sociedade cada vez mais cobra a presença das tecnologias nas escolas, Valente (1999, p.28) também endossa a cobrança da sociedade na mudança do novo paradigma educacional que exige dos cidadãos uma postura autônoma, criativa, crítica e reflexiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na pesquisa de campo realizada em um colégio da cidade Iporá, nota-se que a limitação vem de educadores com mais tempo de atuação no magistério, pois quando eles estavam em processo de formação não tiveram acesso a esse método de ensino, então não veem necessidade de aplicar em sala de aula. Quando questionados, se eles utilizam esses novos em sala e com que frequência, 50% dos professores afirmam que não, pois não tem ninguém para montar os equipamentos em sala, mas analise a seguinte situação: saber fazer o uso dessas tecnologias inclui saber tanto na hora de planejar a aula quanto na hora de montar os equipamentos. Os professores com menos tempo de atuação aproximadamente 70%, afirmam fazer mais uso das tecnologias em



sala, pois durante a sua formação acadêmica faziam uso das mesmas para apresentarem seus trabalhos quanto acadêmicos.

Professores que fazem mais uso desse novo meio de ensino em sala, notam que nos primeiros dias de uso conseguem prender bastante a atenção do aluno mais que com o passar das aulas vão perdendo o interesse. Os jovens gostam de tudo o que é novo, então cabe ao professor se atualizar e fazer um aperfeiçoamento nessa área para diversificar suas aulas e ter sempre a atenção do aluno, mas esse é o grande problema, quando questionados se buscam aperfeiçoamento 80% dos educadores disseram que não, pois a escola raramente propõe esse tipo de atividade, então cabe a ele buscar então por essa formação. Uma das grandes reclamações que houve entre os educadores da escola da cidade de Iporá foi que não se tem monitores para auxiliá-los em sala por isso tem essa resistência para utilizar esses meios eletrônico na classe, mas utilizar tecnologias não deve só ser na hora do planejamento, mas também saber montar os aparelhos e manuseá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns professores tem certa limitação de fazerem o uso de recurso de multimeios em sala por pensarem que os educandos podem não saber fazer a utilização certa desses métodos e alguns por saberem que os próprios alunos utilizam as tecnologias com mais frequência que eles, no caso os alunos possuem mais conhecimento nessa área do que o próprio professor. Está aí então a grande chave do problema, o professor tem um certo medo de ser substituído pelas tecnologias ou pelas mídias, sendo que ele deve se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar aos novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção para o conhecimento do aluno. “A educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a medida de algum tipo de meio de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os estudantes”. (BELLONI, 1999. p.54).



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, Maria Luiza. **Tic e mídia**. Santa Catarina, 1999, p. 54.

VALENTE, Antônio Manuel Dias Costa. **A aplicação e integração das novas tecnologias na escola**.

ROLDÃO, M.C. – **Gestão Curricular – Fundamentos e Práticas**. ME-DEB , 1999.



AVALIAÇÃO SUBSTITUTIVA: BENEFÍCIO OU MALEFÍCIO?

NUNES, Talianne Segóbria¹; SILVA, Divoni Marques Bueno²

Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
taliannesn@hotmail.com¹; divoni.marques@ueg.br²

Resumo: Baseado nas experiências de estágio supervisionado de Língua Inglesa (análises em sala de aula, encontro coletivo, relatórios, estudos de campo, e dentre outros.) percebeu-se a necessidade de pesquisar a respeito da “Avaliação Substitutiva”. Essa pesquisa objetiva mostrar, a partir de entrevistas realizadas com professores e alunos de uma determinada escola do município de Iporá, a visão que eles possuem sobre a avaliação substitutiva, buscando ressaltar os pontos positivos e negativos relativos a esse método avaliativo. Segundo análises realizadas, a avaliação substitutiva não beneficia em nada a educação. Esse método tende a deixar o aluno acomodado de forma que ele não preocupa-se em aprender, sente-se menos motivado para recuperar a nota, pois sabe que terá chance de recuperar a nota no final do ano e já que não bastassem tais dissabores, esse método avaliativo, acresce mais carga horária para o corpo docente, pelo fato de ter que elaborar e corrigir mais provas.

PALAVRAS-CHAVES Avaliação; recuperação; aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Dada a problemática da pesquisa, foram tomados como embasamento teórico leituras do campo da educação, fundamentadas nas obras de Luckesi, “Avaliação da aprendizagem escolar de 2001”, Celso Vasconcelos, com sua obra “Avaliação concepção dialética- libertadora do processo de avaliação escolar” de 2000 e também leituras de artigo a respeito da proposta de avaliação formativa instituída pelas subsecretarias do estado de Goiás, no ano de 2011. Foram realizadas algumas descrições nesta pesquisa sobre quais são as formas de avaliação adotadas na educação brasileira. Segundo Vasconcelos (2000), a avaliação é um método utilizado para que o professor possa verificar a qualidade de ensino e aprendizagem do aluno, em que serve como guia para tomadas de decisões do próprio profissional. Luckesi (2001) diz que a avaliação precisa ser contínua visando o desenvolvimento e amadurecimento do aluno, de modo a corrigir erros e não apenas focar em um processo de classificar o aluno em aprovado e reprovado. Os métodos avaliativos adotados para observação do desenvolvimento do aluno, segundo a proposta de avaliação formativa fundamentada por toda a rede estadual de ensino de Goiás, podem ser realizados de forma: dissertativa, no qual o



aluno discorre com suas próprias palavras sobre o assunto determinado; auto avaliativa, em que o aluno irá analisar seu próprio desenvolvimento; pesquisa, no qual é feita por meio de consulta nos materiais; Cooperativa, no qual é realizada em grupos e também o método de avaliação substitutiva, que é realizada no final do ano contendo todo o conteúdo trabalhado.

Vasconcellos (2009), em sua obra “Avaliação da Aprendizagem- Práticas de Mudança: por uma práxis transformadora”, critica a educação brasileira em relação aos métodos avaliativos adotados pelos profissionais da educação que tendem a ser um exercício classificatório e excludente, resultando num elevado índice de reprovação e num baixo nível de qualidade educacional. Deste modo, o autor busca incentivar os professores a refletirem sobre a elaboração da avaliação, de forma a adotar uma metodologia que possa avaliar o aluno como um todo e não ficarem presos aos métodos que tendem a nos reduzir. Geralmente, quando pensa-se em avaliação, pensa-se em nota, neste sentido, o objetivo e ideologia de medir a qualificação da prática escolar caem para segundo plano, pois a maior preocupação fica concentrada em atingir notas. O fato de haver reprovação desde as séries iniciais resultam em traumas relacionados à avaliação.

A avaliação educacional, em geral, e a avaliação de aprendizagem escolar, em particular, são meios e não fins, em si mesmas, estando assim delimitadas pela teoria e pela prática que as circunstancializam. Desse modo, entendemos que a avaliação não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em prática pedagógica. (LUCKESI, 1995, p. 28).

Desse modo, a avaliação não pode ser apenas vista como resultado de provas, mas deve levar em consideração os resultados de outras atividades desenvolvidas pelo aluno. Ao pensar nesta prática, a secretaria da educação do estado de Goiás criou o método da avaliação substitutiva com o objetivo de facilitar a aprendizagem dos alunos, de modo que eles consigam atingir a média com mais facilidade e consigam passar de ano. Desta forma, esse método avaliativo passou a ser implantado nas escolas estaduais da região de Goiás a partir do ano de 2010 pela Secretaria da Educação visando uma nova chance para quem não conseguir atingir a média estipulada pela unidade, de



forma ajudar o egresso para o ano posterior. Com a ideologia de diminuir o índice de repetência dentro da educação do estado de Goiás.

Neste sentido, dá-se atenção a presente temática o fato de estabelecer questionamentos sobre a qualidade do ensino do estado de Goiás, buscando pesquisar se a avaliação substitutiva é benéfica ou maléfica para a qualidade da educação do estado de Goiás. Visto que a pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com alunos e professores de uma escola pública do município de Iporá (GO).

OBJETIVOS

A presente pesquisa objetivou analisar os benefícios e malefícios do método de avaliação substitutiva, de acordo com a visão dos alunos e professores coletados por meio de entrevistas que foram realizadas na escola campo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa, realizada por meio de pesquisa bibliográfica, embasada nas obras de Luckesi (2001) e Vasconcelos (2000), assim como no artigo teórico sobre avaliação organizado pela própria subsecretaria do estado de Goiás. A pesquisa também é de cunho quantitativo, foi realizada por meio de entrevistas em forma de questionários aplicados diretamente aos professores e alunos da escola campo, do Estágio Supervisionado de Língua Inglesa, localizada na cidade de Iporá (GO). Foram selecionados 20 alunos, dentre eles, 60% pertencentes ao sexo feminino e 40% do sexo masculino. Foram entrevistados 10 professores que atuam em diferentes áreas, a fim de coletar dados para essa pesquisa. Todos os professores entrevistados atendem ao público alvo do Ensino Médio e todos os alunos entrevistados também são pertencentes a esse módulo de educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Pelo que consta nos resultados, dos 60% da quantidade de alunos do sexo feminino, 3% encaram esse método de avaliação substitutiva como uma boa oportunidade, que não é valorizada e os outros 57% dessas alunas, encaram o método como errôneo, que deixam os alunos acomodados. Dos 40% dos alunos do sexo masculino, 16% enxergam a avaliação substitutiva como um benefício que é desvalorizado, enquanto que 24% dos alunos enxergam esse método como algo desnecessário.

De acordo com os dados levantados, 19% dos alunos reconhecem que esse método avaliativo é apenas um benefício para quem pretende passar de ano e um malefício para quem pretende aprender. De todos os alunos entrevistados, 81% reconhecem que esse método avaliativo deixa o aluno mais acomodado e menos motivado, visto que podem recuperar a nota no final do ano se esforçando menos.

Alguns defendem que a ideia da avaliação substitutiva é boa, porém é aplicada de forma errada; outros acham que sem a substitutiva aumentaria a motivação do aluno.

Segundo os levantamentos de dados realizados com entrevista direcionados aos professores, consta-se que eles acreditam que a avaliação regular é utilizada para examinar o desempenho do aluno durante as aulas. _ “A avaliação substitutiva apenas permite ao aluno refazer essa avaliação, em um formato diferente, o que deixa os alunos mais acomodados, pois se torna mais fácil tirar notas e não é necessário aprender, apenas saber responder uma prova pela segunda vez, utilizando as respostas da avaliação anterior”. Dos professores entrevistados, 99% acham que a avaliação substitutiva é um malefício para a educação, pois desmotiva e deixa o aluno acomodado, de forma que ela visa na quantidade de alunos aprovados e não na qualidade de ensino. Os professores acreditam que a prova substitutiva é maléfica, porque acreditam que “o aluno deve ser preparado para viver em sociedade, e dificilmente, na sociedade em que vive, o mundo dará duas chances para todos os seus desafios”, logo pensam que é uma ideologia negativa passada ao aluno, que dificultará sua convivência.

De acordo com uma professora de Língua Portuguesa, um aspecto positivo da avaliação substitutiva, no qual pode ser percebido, é que o aluno aprenderá que existe

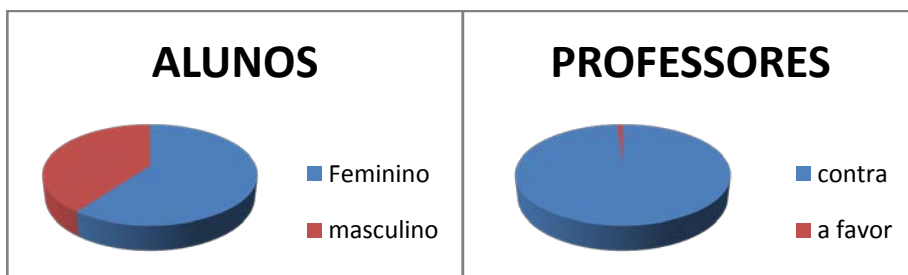


mais de uma forma de avaliação sobre um mesmo conteúdo e aprenderá que se não consegue fazer algo da primeira vez conseguirá da segunda. Além é claro, de aprender que se não conseguir cumprir suas metas, terá uma segunda chance. E negativamente, há apenas o fato de o professor dobrar sua jornada de trabalho no que condiz de elaborar, aplicar e corrigir avaliações.

Os professores acham que esse método avaliativo não é benéfico, pois o aluno deve ser preparado para viver em sociedade, mas a sociedade não está preparada para permitir uma segunda chance para os desafios de cada cidadão.

Analisando os fatos mencionados, partindo do levantamento de dados sobre a pesquisa realizada, a proposta da avaliação substitutiva não pode ser considerada como um método totalmente errôneo, por que visa dar uma chance para um bom aluno que no decorrer do ano não conseguiu atingir a média para passar de ano. Em relação aos entrevistados, 19% dos alunos e 1% dos professores enxergam a avaliação substitutiva como algo benéfico, enquanto que 81% dos alunos e 99% dos professores são contra esse método.

Para melhor representar os dados da pesquisa, realizada na escola campo de Estágio Supervisionado de Língua Inglesa, situada no município de Iporá, foram elaborados os seguintes gráficos relacionados à porcentagem de alunos e professores que são contra ou a favor do método da avaliação substitutiva.



Ao analisar os gráficos acima, o primeiro, contando da esquerda para a direita, intitulado “alunos”, constam-se que em relação aos alunos do sexo feminino, dos 60% entrevistados, 57% vão contra o método de avaliação substitutiva e somente 3% aprovam. Enquanto que 40% dos meninos que foram entrevistados, 16% são a favor e



24% desaprovam esse método. De todos os alunos entrevistados, 81% são contra o método e apenas 19% aprovam. No segundo gráfico, onde está intitulado “professores”, mostra que de todos os professores entrevistados, 99% são contra esse método avaliativo, e apenas 1% está de acordo.

Contudo, a avaliação substitutiva é um método que tende a deixar os alunos mais acomodados em relação à aprendizagem. O aluno deixa de estudar o ano todo pensando em alcançar nota no final do ano. A prova substitutiva torna-se apenas um “amparo” para tirar nota sem precisar esforçar-se.

REFERÊNCIAS

LUCKESI, Carlos Cipriano. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 2001.

SUBSECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Proposta de avaliação formativa*, Goiás: 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Avaliação: concepção dialética- libertadora do processo de avaliação escolar*, São Paulo: Libertad, 2000.



A MÚSICA E SUA INFLUÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

ABREU, Elisângela Vieira¹; SILVA; Rosângela Leonel²
Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
elisangela@live.com¹; rosangela.leonel@ueg.br²

RESUMO: Sendo a música uma ferramenta para o processo de aprendizagem que exerce grande fascinação sobre os educandos despertando o interesse destes, o presente estudo surgiu em decorrência de confirmar isto, objetivando demonstrar a influência que a música exerce sobre o comportamento dos alunos seja na sala de aula ou em todo o ambiente escolar, tendo como embasamento teórico alguns autores e as experiências vividas no Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Língua Inglesa I.

Palavras-chave: Música; Influência; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções. Está presente em todas as regiões do globo, em todas as culturas, em todas as épocas: ou seja, a música é uma linguagem universal, que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço.

Acerca disso, Barros (1973, p. 01) afirma que

A música é de todas as artes, a mais dinâmica e comunicativa. É uma arte sublime, bela, expressiva, seja nas suas manifestações populares, seja nas suas formas folclóricas, líricas ou clássicas. É a única linguagem universal que os homens possuem e entendem e ela melhora e consagra em intercâmbios artísticos, individuais ou coletivos, cada vez mais íntimos e frequentes.

Durante o período de realização do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Língua Inglesa I, mais propriamente nas etapas de observação e semirregência, muitas atividades foram desenvolvidas na escola-campo, dentre elas a participação em um projeto de música, intitulado “Ensino da Música na Escola-Campo”.



Diante da experiência vivenciada na escola-campo, foi possível observar uma diversidade no comportamento dos educandos, em alguns casos considerados até inadequados para um ambiente educacional. Desta forma, o estágio como pesquisa propiciou a abertura para este estudo, que tem como objetivo retratar a influência que a música exerce no educando, e como essa influência é refletida no educando e no ambiente escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A música de certa forma está presente em todos os momentos da vida, ou seja, vive-se rodeado de sons diariamente. Em todo o mundo e em todas as épocas, a música e o homem caminharam juntos.

A utilização da música em sala de aula tem sido bastante discutida, sabendo que a mesma tem a capacidade de sensibilizar, emocionar, excitar os reflexos sensoriais da audição correlacionados ao raciocínio nas distinções dos diferentes sons, além de despertar sensação de prazer e fixar a atenção no tempo.

Ferreira (2012, p. 17) afirma que “nunca devemos esquecer que a música é, além da arte de combinar sons, uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro, e assim devemos compreendê-la”. Essa discussão prossegue também com a vivência da prática escolar em que por meio dela é possível transmitir não somente palavras, mas também sentimentos, ideias e ideais que podem ganhar grandes repercussões didáticas se bem direcionadas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1998),

Aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano, que constantemente se modifica nessa rede em que se encontra, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música. Construindo sua competência artística nessa linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, o aluno poderá, ao conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998).



Ou seja, a música, por ter esse poder de conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, pode sim ser utilizada como alternativa didática, influenciando no interesse do aluno, pois esta aguça o interesse do aluno, que muitas vezes sem perceber se encontra totalmente envolvido no processo, uma vez que o conjunto de palavras contidas no texto da música é aproveitável em distintas temáticas como ponto de partida na construção do ensino-aprendizagem.

Em relação à música como alternativa didática, Falcetta *et al.* afirmam:

Com seu poder mágico de despertar lembranças e sentimentos, a música pode acalmar, divertir, transportar, ensinar, distrair e unir as pessoas. Essas seriam razões mais do que suficientes para sempre carregarmos um CD junto com o material didático. No caso das aulas de Língua Portuguesa, a música tem ainda a vantagem do elemento poético (...) (FALCETTA *et al.*, 2000, p. 105)

Além disso, segundo Leal (2011), o convívio do aluno no ambiente escolar associado à música vem provocar uma melhoria no humor bastante significativa, produzindo desse modo um ambiente com indivíduos mais alegres e que tendem a serem mais motivados a participar de outras atividades escolares.

Entretanto, o trabalho com a música para ter eficácia precisa ser bem planejado e direcionado, assim como qualquer outra disciplina das áreas do conhecimento. Acerca deste aspecto, afirma Menegolla & Sant’Anna (1993, p. 21), “Planejar, portanto, é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e como avaliar o que se pretende atingir.” Ou seja, um planejamento considera o recurso didático, o ambiente, o sujeito da aprendizagem, a ação do educador e a verificação dos objetivos atingidos ou não.

Outro aspecto observado, é que a indisciplina representa uma enorme dificuldade para o trabalho dos professores. E a música pode ser uma das soluções, pois psiquiatras como Cury (2003), recomendam o uso de música ambiente em sala de aula para diminuir a ansiedade das crianças e lhes favorecer o equilíbrio emocional. Evidentemente que a música escolhida deve ser adequada ao fim a que se destina, por isso retoma-se a importância de planejar estratégias de trabalho antecipadamente.

METODOLOGIA



O estudo foi realizado utilizando uma pesquisa teórico-bibliográfica, e relatórios de observações obtidas por meio do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Língua Inglesa I, a partir da vivência na escola-campo do projeto “Ensino da Música na Escola-Campo”, observando-se sempre o comportamento dos alunos durante as atividades realizadas. E como embasamento teórico contou-se com as teorias apresentadas por alguns autores, pois, conforme afirma Fazenda (2010, p. 96), “quando iniciamos uma pesquisa não nos situamos num patamar ‘zero’ de conhecimento; pelo contrário, partimos de condições já dadas, existentes, e de uma prática anterior, nossa e de outros, que gerou a necessidade da pesquisa ao problematizar-se.” Assim esse estudo teve a sequência lógica, a partir do conhecimento dos documentos norteadores para a elaboração de um projeto, orientações teóricas mediante as aulas no Campus, seguida de uma prática orientada na escola campo, sendo este um seguimento básico, culminando em uma produção científica constituída em meio a uma soma de saberes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades realizadas no Estágio Supervisionado, com o Projeto “Ensino da Música na Escola-Campo”, somente confirmaram a fascinação que a música exerce sobre o aluno, e, esta pode sim influenciar o processo ensino-aprendizagem, sendo uma estratégia a mais para a melhoria de aprendizagem e ajustes comportamentais do aluno em sala de aula e em todo ambiente escolar, considerando todas as áreas do conhecimento, levando em conta que a atividade com música pacifica e disciplina os sentidos do indivíduo.

Os educadores de todas as disciplinas podem utilizar a música durante as suas aulas, desde que previamente selecionadas, e nesse propósito fica registrada a discussão de teóricos colaboradores com a aplicação desta prática na sala de aula. Desta forma, o simples fato de ter uma música no ambiente escolar, enquanto são desenvolvidas explicações de conteúdos didáticos, já favorece em um melhor comportamento disciplinar por parte dos alunos no transcorrer da aula.



Quanto aos resultados esperados durante a realização das atividades com a música na escola-campo, alguns desafios foram enfrentados com a execução dos planejamentos, como a ausência do recurso fundamental para o que se pretendia ensinar aos alunos, sendo que o projeto foi apresentado à escola e aceito, no entanto, a escola não disponibilizava de uma estrutura adequada.

Diante das afirmativas aqui apresentadas, associadas às experiências vividas, fica explícito que a musicalização contribui diretamente no desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo do aluno. Sabendo que esta se utilizada como base curricular em diferentes disciplinas, é de extrema importância, pois garante um resgate do aluno para com o conteúdo e seu educador.

Por conseguinte, baseado na realização do projeto, pode-se concluir que o uso da música na escola provoca também um melhor relacionamento entre os alunos, facilitando trabalhos coletivos e contribuindo com a perda da timidez, favorecendo a linguagem corporal e promovendo nos alunos uma maior inserção no convívio social.

Assim, como foi por meio do Estágio Supervisionado que emergiu a base fundamental para essa tessitura, será também por meio dele, mais especificamente na formação final, que se pretende apresentar discussões e resultados mais consistentes, mediante a realização da etapa da regência em sala de aula, que oportunizará ainda, em formação, a aplicação da prática com o uso da música para favorecer a aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Armando de Carvalho. *A Música*. CEA – Cia. Editora Americana. 1973.
- CURY, Augusto. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro, Sextante, 2003.
- FAZENDA, Ivani. *Metodologia da Pesquisa Educacional*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FALCETTA, Antônio Paim, [et al.]. *Cem aulas sem tédio: sugestões práticas, dinâmicas e divertidas para o professor*. Santa Cruz: Ed. Instituto Pe. Reus, 2000.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

FERREIRA, Martins. *Como usar a música na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.
8.ed.

LEAL, Renata Cristina M. da Fonseca. *A música na educação Infantil*. Rio de Janeiro, 2011.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT’ANNA, Ilza Martins. *Porque planejar? Como planejar?* Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1993.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Arte*. Brasília, 1998.



AS METODOLOGIAS DOS PCNS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E A REALIDADE VIVENCIADA EM UMA ESCOLA CAMPO DE ENSINO MÉDIO DE IPORÁ GOIÁS

SILVA, Raquelina Abreu¹, SILVA, Divoni Marques Bueno²

Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go

¹raquelinaabreu@gmail.com; ²divoni.marques@ueg.br

RESUMO: Este estudo em forma de resumo expandido visa refletir sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio de Língua Inglesa e as metodologias aplicadas na realidade de uma escola campo de Iporá. O presente trabalho foi vivenciado em dois momentos: Pesquisa teórica dos PCNs e pesquisa vivenciada em uma escola campo de Ensino Médio em Iporá-Goiás. Através deste resumo, faz-se um questionamento sobre as metodologias aplicadas no ensino de Língua Inglesa, pois em plena era tecnológica ainda encontra-se professores gramatiqueros que não se deram conta das mudanças, em que não bastam apenas conteúdos, mas utilizar de metodologias que desenvolvam competências e habilidade nos alunos para se alcançar os efeitos que os PCNs priorizam. Os PCNs orientam que, no Ensino Médio, sejam trabalhadas as seguintes habilidades: leitura, comunicação oral e prática escrita. Com as propostas dos PCNs, observa-se que ainda há um grande desafio, pois a realidade das escolas está longe de alcançar os resultados esperados, principalmente no aspecto metodológico. Para tanto, contamos com a contribuição de autores, tais como: Maria Antonieta Alba Celani e Larsen-Freeman, entre outros que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Palavras Chaves: Métodos; PCNs; Inglês.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a metodologia de ensino da língua estrangeira (LE) na escola pública, as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Ensino Médio que estabelece relação com as sugestões propostas pelo referido documento e a realidade vivenciada dentro da sala de aula.

No ano de 2000, na edição dos PCNs, voltados ao ensino Médio, a Língua Estrangeira assumiu a função de veículo de acesso ao conhecimento para levar o aluno a comunicar-se de maneira adequada em diferentes situações. Segundo os PCNs (1998, p. 5):

Os PCNs foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a



necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras.

Servem, portanto, para garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de desfrutar do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. Segundo os PCNs (2006, p. 5), “o objetivo deste material é contribuir para o diálogo entre professor e escola sobre a prática docente”. Ou seja, tem como propósito orientar as escolas e professores sobre o que deve ser ensinado, e de que forma ensinar.

Observando a importância do Inglês para a vida profissional, social e cultural dos alunos, é de fundamental importância que as metodologias aplicadas nas escolas sejam voltadas para atender a necessidade do aluno. Segundo o PCNs, “é preciso reconsiderar de maneira geral, a concepção de ensino e, em particular a concepção de ensino de Língua Estrangeira” (1998, p. 27).

Ao se observar o ensino de línguas nas escolas, depara-se com grandes equívocos metodológicos que resultam em práticas ineficazes. Na maioria das escolas de ensino médio, a metodologia que predomina é a tradução e gramática, priorizando apenas a linguagem escrita, ficando de lado a comunicação oral.

Nesse sentido, é que se fará o confronto baseado em teorias e práticas de que são necessárias mudanças que serão capazes não só de melhorar o ensino, mas também de motivar de forma prazerosa tanto professores como os alunos nesse grande desafio de ensinar com qualidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os PCNs não definem nenhum método em especial. É necessário esclarecer que o PCN (BRASIL, 1998, p. 24) não aponta qual o melhor método ou abordagem a ser aplicado em sala de aula. Vejamos:

Quanto aos objetivos, a maioria das propostas priorizam o desenvolvimento da habilidade de compreensão escrita, mas essa opção não parece decorrer de uma análise de necessidades dos alunos, nem de uma concepção explícita da natureza da linguagem e do processo de ensino e aprendizagem de línguas,



tampouco de sua função social. Evidencia-se a falta de clareza nas contradições entre a opção priorizada e os conteúdos e atividades sugeridos. Essas contradições aparecem também no que diz respeito à abordagem escolhida. A maioria das propostas situam-se na abordagem comunicativa de ensino de línguas, mas os exercícios propostos, em geral, exploram pontos ou estruturas gramaticais descontextualizados. PCN (BRASIL, 1998, p. 24).

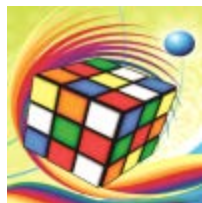
O documento como um todo afirma que o objetivo de se ensinar a língua estrangeira é desenvolver no aluno as habilidades essenciais da comunicação. Com isso, “entender-se a comunicação como ferramenta imprescindível, no mundo moderno, com vistas à formação pessoal, acadêmica ou profissional, deve ser a grande meta do ensino-aprendizagem de língua estrangeira” (OEBI, 2006).

Para Larsen-Freeman (1986), o termo *método* significa uma combinação de “princípios e técnicas”. Os princípios representam as estruturas teóricas do método e as técnicas seriam as práticas das atividades feitas em sala de aula. Os métodos podem conter princípios e técnicas em comum, porém, pode haver uma variação em como uma técnica será desenvolvida quando ela aparecer em métodos que não apresentem princípios em comum.

A utilização dos recursos tecnológicos como a internet possibilita ao professor uma infinidade de métodos para a ação educacional. Para isso, é necessário que o professor se conscientize da importância de tornar suas aulas interativas e abandonem os antigos métodos de decoreba e tradução. Celani (2009) afirma que o professor deve ligar o que acontece na sala de aula ao que acontece fora da escola, utilizando letras de músicas, rótulos de produtos, textos de jornais, estampas de camisetas, etc.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, tiveram-se como pontos norteadores: pesquisa Bibliográfica, observação de aulas assistidas de língua inglesa no ensino médio através de estágios e pesquisa de questionário de (re) conhecimento do aluno de uma escola campo. O estudo estruturou-se por meio de uma pesquisa com questionários que possibilitaram a coleta dos dados e informações necessários para a obtenção de um



perfil aproximado da realidade da escola focalizada. Para a análise dos dados obtidos junto aos participantes, tomou-se por base a análise de conteúdo e discussão do que os alunos relataram no questionário. Esta pesquisa foi realizada em uma escola campo do Ensino Médio na qual os alunos tiveram a oportunidade de responder sobre quais as dificuldades e facilidades encontradas nas aulas de Língua Inglesa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O PCN de Língua Estrangeira (Brasil, 1998) afirma a importância da inclusão da Língua Estrangeira nas escolas pelo papel social que a língua desempenha na sociedade. Daí se dá a importância de melhorar o ensino aprendizagem em Língua Estrangeira. No entanto, o que se observa é a distância que há entre os PCNs e a realidade da escola. Conforme Almeida Filho (2003), o ensino de inglês nas escolas regulares produz resultados menores do que aqueles esperados e previstos pela legislação em vigor.

O que afirma o PCN de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998, p. 21) em relação às dificuldades que as escolas brasileiras enfrentam:

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. Assim, o foco na leitura pode ser justificado pela função social das línguas estrangeiras no país e também pelos objetivos realizáveis tendo em vista as condições existentes. PCN de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998, p. 21)

O próprio documento relata as dificuldades encontradas nas salas de aula, fazendo com que os professores não tenham alternativas além dos métodos de gramáticas e traduções já que segundo os PCNs é o único método que se encaixa com a falta de recursos didáticos para professores e alunos.

As propostas dos PCN (1998, p.147-148) referentes ao ensino médio ressaltam:

A configuração de disciplina tão importante como qualquer outra do currículo, do ponto de vista da formação do indivíduo. [...] Ao figurarem



inseridas numa grande área — Linguagens, Códigos e suas Tecnologias —, as Línguas Estrangeiras Modernas assumem a sua função intrínseca que, durante muito tempo esteve camuflada: a de serem veículos fundamentais na comunicação entre os homens. PCN (1998, p.147-148).

A verdade é que nas escolas públicas a disciplina não tem a mesma importância das outras disciplinas, pois o que se constata é que os professores não são valorizados, muitos profissionais trabalham em mais de uma escola para conseguir um salário digno e com isso não dispõem de tempo para uma formação continuada. Diante da falta de recursos e capacitação profissional o professor tem que usar como recurso para as aulas apenas o livro didático e a criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo o que foi dito, a verdade é que os PCNs norteiam sugerem direcionam, mas é o professor quem decide qual o melhor método a se fazer a partir da realidade da sala de aula. Não existe método sem falhas, o ideal é que a metodologia atinja seus objetivos, que nesse caso é o ensino aprendizagem de LE. É importante ressaltar também que muitas escolas não disponibilizam de recursos para aplicar metodologias de acordo com os PCNs, seria ótimo se as teorias e práticas caminhassem juntas, daí percebe-se a importância de levar em consideração a heterogeneidade em sala de aula na hora da escolha do método pelo professor, pois haverá alunos que já possuem algum conhecimento da língua e outros que não possuem conhecimento algum da Língua Inglesa. Fica claro, então, que a atitude dos docentes diante dos desafios de escolher uma metodologia, é essencial para qualquer inovação na escola, e assim promover mudanças significativas no ensino.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna*. Brasília: MEC, 1999. pp 49-63. Acesso em 04/10/2013.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

CELANI, Maria Antonieta Alba. “*Não há uma receita no ensino da língua inglesa*”.

Revista Nova Escola, Ed. 222, maio de 2009. Acesso em 04/10/2013.

ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS BILÍNGÜES DO ESTADO DE SÃO PAULO –
OEBI. 2006. [Capturado em 26.12.06, no site: <http://www.oebi.com.br>; link: “Saiba
Mais”].

Acesso em 24/10/2013.

LARSEN -FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford:
Oxford University Press, 1986. Acesso em: 24/10/2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais:
terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF,
1998. 120 p. Acesso em 24/10/2013.



FUNCIONAMENTO E APRENDIZAGEM: LINGUAGEM, LETRAMENTO E O PORTUGUÊS PARA SURDO NA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIOSUPERVISIONADO

¹SILVA, Kérolla Aline; ²SILVA, Rosângela Leonel da; ³ROCHA, Rosane Barros
Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
kerolla@outlook.com¹; Rosangela.leonel@ueg.br²; rosanelibras2013@gmail.com³

Resumo: *Iniciei a elaboração do trabalho para o Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa I, por ser muito importante para mim, A OFICINA de LIBRAS nas escolas campo. Vi que alunos e professoras precisavam conhecer sinais básicos para melhor comunicar com pessoas com surdez, eles tiveram pouco ou nenhum contato com as pessoas com surdez. Portanto tive que preparar uma metodologia adequada para o ensino na oficina, pensou no uso de jogos com o tema “Introdução a LIBRAS (básico)”, fiz bastante uso dos classificadores para alunos aprender mais com o resultado. Ensinar e aprender, seja um conteúdo ou língua, requerem uma posição sobre o que, como e para quem se ensina no caso, na escola. Isso sabe-se a partir dos estudos que esclareceram sobre o assunto e também por meio das interações da proposta pedagógica e educativa da Prática de Ensino. Organizei e adaptei os temas (conteúdos) para garantir os saberes ampliados de todos. Vi que ensinar não é uma tarefa fácil, mas é gratificante, pois promove interação entre o professor e o aluno. Também quero explanar um pouco, sobre a aquisição da linguagem e letramento do sujeito com surdez e as dificuldades enfrentadas no dia a dia em relação à leitura e a escrita da língua portuguesa.*

Palavras - chaves: Estágio, Surdos, Ouvintes, Libras, Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Apresentado aqui os apontamentos iniciais que fundamentam a realização do Estágio Supervisionado que irá abordar sobre **FUNCIONAMENTO E APRENDIZAGEM: Linguagem, letramento e o português para surdo na escola campo de Estágio Supervisionado**. Contemplando a linha de pesquisa Práticas e Experiências Educacionais.

Será uma pesquisa justificada a partir da identidade de uma pesquisadora surda que está estagiando em duas escolas inclusivas de Ensino Fundamental e Médio, não conta com alunos surdos matriculados. Quero ter a oportunidade de proporcionar a aprendizagem da Língua de Sinais para alunos ouvintes.

Muitos alunos surdos já passaram pelas escolas campo que estou estagiando, mas percebi que professores e alunos não comunicam em LIBRAS, não comunicam comigo particularmente, sou surda, só pude realizar as atividades da Proposta de Estágio



com a presença do Intérprete, pois se eu chegar à escola sozinha não consigo a comunicação de maneira clara e objetiva.

A pesquisa terá como objetivos mostrar um pouco de teoria sobre o desenvolvimento da linguagem do aluno e do professor com foco na sua expressão no período de formação, apresentar mais teorias sobre o que aprender na escola inclusiva e não ter a experiência de uma escola com alunos com surdez. Mostrar os resultados da participação dos alunos ouvintes nas oficinas de LIBRAS ministrada por mim.

As abordagens pensam em apresentar resultados de um estudo e trabalho do Estágio Supervisionado, nas etapas de observação participativa e a semirregencia nas escolas campo inclusiva de estágio.

OBJETIVO

Promover a aprendizagem das LIBRAS na sala de aula, mediando às relações pessoais no grupo escolar, valorizando as características individuais, fortalecendo a autoestima e o respeito às diferenças linguísticas entre a língua portuguesa/ Libras.

MATERIAIS E METODOS

Conhecendo a dificuldade na comunicação entre os sujeitos surdos e ouvintes, trabalhei em sala de aula LIBRAS como L-2, com todos os alunos do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental anos finais, de uma escola e em três turmas do 1º ano do Ensino Médio, de outra escola, noturno vespertino, contribuindo com a oportunidade de acesso a LIBRAS e oferecendo aos ouvintes informações sobre a língua dos surdos “LIBRAS? Que língua é essa? (GESSER 2009, p. 9).

Este trabalho foi aplicado, para ajudar a aplicar a conversação no dia a dia dos alunos surdos e ouvintes. As angústias vêm, quando reconhecemos que os esforços “ainda” não foram suficientes para que o sujeito com surdez desenvolva-se, quando, apesar de um trabalho profissional consciente desenvolvido junto com a escola, família, e em alguns casos o resultado se apresenta precário, quando ele não consegue uma



comunicação efetiva, nem possibilita o acesso à cultura e as profissões existentes em nossa sociedade.

O caminho para se chegar aos objetivos propostos é o da ação-pedagógica, a oficina de LIBRAS que foi realizada, o da pesquisa-ação que segue o princípio do estágio enquanto produção de conhecimento, o da incorporação de uma postura de investigação, reflexão e intervenção. A ação-pedagógica, aqui, está focada no planejamento das atividades de ensino envolvendo pontos fundamentais como: o contexto dos alunos, o contexto da Língua de Sinais e o contexto da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aprovada a LDB – Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, as Unidades de Ensino são inclusivas em 1999, atendendo mais alunos com variados tipos de deficiência. Na escola há professores de apoio que trabalham adaptando as atividades e o conteúdo para esses alunos. A escola recebe recursos do governo estadual e federal para investir na educação, com projeto elaborado, pedindo o recurso e é aprovado.

Com a lei 10.436/2002 e decreto 5626/2005, as Unidades de Ensino “VA L” e “CAGS”. Sendo que a segunda Unidade já teve alunos surdos que estudaram nela. Também já houve no estado, há alguns anos, concurso para efetivar instrutores e intérpretes de LIBRAS. Na cidade de Iporá, hoje, há poucos surdos matriculados. Para cada turma que tem o sujeito surdo, existe um intérprete para aquele(s) aluno(s). Também há presença do instrutor que trabalha LIBRAS no contra turno ensinando aos alunos surdos, há instrutor também em outra instituição cujo nome é “CAEE”. E, nessa eu trabalho como Instrutora de Libras.

O colégio “CAGS” pautou-se nos aspectos legais sim, como PCNs, LDB, pois em seu currículo trabalham-se os temas transversais, ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual. Pautou-se também na LDB – Lei Nº 9394/96 diz que:

Da Educação Especial

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

§ 1º. Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º. A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

É importante a LDB. É importante também um tema da necessidade do surdo em conhecer novos temas em Língua de Sinais e ensinar e aumentar, o vocabulário da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para os alunos escola campo, os alunos ouvintes, aprendendo, tornam-se multiplicadores da Língua de Sinais, faz o papel de mediadores da relação aluno/aluno e aluno/professor.

O trabalho foi aplicado, colaborou com a conversação no dia a dia dos alunos surdos e ouvintes. Pois, quando, há um trabalho profissional consciente desenvolvido junto com a escola, família, e em alguns casos, há sucesso e em outros o resultado se apresenta precário, quando ele não consegue uma comunicação efetiva, nem possibilita o acesso à cultura e as profissões existentes em nossa sociedade.

O estágio ajudou ter os conceitos básicos por meio da Língua Brasileira de Sinais, a estrutura gramatical, vocabulário da mesma que facilitará ao acadêmico ler e interpretar sinais básicos, seja por meio de livros, apostilas ou vídeos sobre os temas estudados durante o ano letivo e se comunicar com surdo ao encontrá-lo na própria faculdade, família ou comunidade.

Prazeroso e cansativo, o estágio em Letras, mas deixou aplicar o conhecimento adquirido ao longo do curso, em sala com ouvintes e eu, acadêmica surda, ensinei sobre a minha língua.

Vale então deixar aqui as palavras de LIMA (2012, p.26) “o estágio é o entusiasmo da professora e a alegria dos alunos pelo trabalho realizado” e também (p. 27) “é onde a identidade profissional é gerada, construída e referida, pois nestes espaços é que vão ser construídos o nosso fundamento e base indelével do profissional docente”, a nossa formação só pode ser construída gradativamente, e o estágio é a formação fundamental do curso de Licenciatura Plena em Letras.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos apreendidos durante a formação em Letras foi um dos maiores ganhos. Tive muitas dificuldades sim, mas tive também crescimento.

O desafio foi imenso, não pretendo aqui nessa conclusão lamentar, pretendo, antes, pontuar o que aprendi ao longo desse estudo.

Aprendi a trabalhar em equipe, esperar o outro, sempre, conversar, resolver, trocar ideias. Aprendi a esperar o tempo do orientador, cada qual com suas dificuldades, empenhando pelo melhor.

REFERENCIAS

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais/** Organizado por Lucinda F. Brito et. al.- Brasília: SEESP, 1997. Vol. III (Série Atualidades Pedagógicas).

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Deficiência Auditiva/** Organizado por Lucinda F. Brito et. al.- Brasília: SEESP, 1997. Vol. I (Série Atualidades Pedagógicas).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas.** Brasília: MEC, 2007.



GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

SEE, [Resolução CEE Nº 07/CP \(15/12/2006\)](#)

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que Língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

PPP - Escola Estadual Ariston Gomes da Silva, 3º ano 2013.

QUADROS, Ronice Muller de, e KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira, Estudos Linguísticos**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller e PERLIN, Gladis (organizadoras). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ, Arara Azul, 2009.

STROBEL, K. Fundamentos da Educação dos Surdos.

<http://www.scribd.com/doc/4559884/Fundamentos-da-Educacao-dos-Surdos> (acessado em 17/12/2010).



LEITURA: UM DOS GRANDES DESAFIOS DO ENSINO

REZENDE, Paula Marina Xavier de¹; BRAGA, Cleisa Maria Coelho²

Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go

¹paulamarinaspfc@hotmail.com; ²cleisamcb@hotmail.com

RESUMO: *Este trabalho apresenta um estudo sobre a importância da leitura e o grande desafio que ela representa para o ensino, pois, apesar de a leitura ser um tema antigo na escola, os professores demonstram uma grande resistência em relação ao desenvolvimento do hábito desta. De maneira geral a leitura é imposta e normalmente vem acompanhada por exercícios exaustivos, sabendo que para se desenvolver a habilidade de ler é crucial que as ações sejam espontâneas, ou seja, a leitura deve ser caracterizada como uma atividade lúdica a gerar prazer. Através de experiências adquiridas em estágio constatou-se que a leitura enquanto fonte de entretenimento é capaz de aguçar no aluno o gosto pela leitura, de forma que estas, quando impostas provocam nos alunos uma fobia por livros. Ainda por meio das vivências de estágio foi possível delimitar o grande desafio que a leitura representa para o ensino, esse desafio denomina-se a compartimentalização do ensino que consiste na individualização do processo educacional. Desta forma cada professor ministra suas aulas, sem levar em conta a interdisciplinaridade e os alunos se tornam “compartimentos” incapazes de estabelecer conexões entre as disciplinas. O espaço para a leitura não deve estar restrito somente as aulas de Língua Portuguesa, pois, ela é de suma importância para o desenvolvimento das outras disciplinas, justamente por possibilitar a interpretação que vai além de palavras ou frases, por envolver a leitura de mundo que os alunos trazem consigo e no caso da produção textual a inserção de vocábulos que depende exclusivamente da leitura.*

Palavras-chave: Leitura; dificuldades e educação.

INTRODUÇÃO

Em relação à leitura pode-se dizer que antes da realização do “ato de ler” um livro é necessário que o aluno faça sua própria leitura de mundo, tendo a curiosidade de compreender algo além do que está explícito em um texto para assim desenvolver um olhar crítico sob algum aspecto. Conforme explica Paulo Freire (1994 p. 36):

Ao ir escrevendo um texto ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler veio se dando na minha experiência existencial. Primeiro, a leitura do mundo, do pequeno em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra mundo.

A leitura deve ser entendida como um procedimento dinâmico, objetivando a construção de leitores críticos, ela deve aticar no leitor o prazer de conhecer uma história, um povo, uma cultura, uma religião. Segundo Adair Francisco e Mirian Carla



(2010), é importante ressaltar que a construção de um leitor crítico, não depende exclusivamente da escola, mas cabe a ela uma parcela de responsabilidade nesse processo. Sabendo que aos professores cabe uma parcela de responsabilidade na construção do hábito da leitura, deve-se ressaltar que papel do educador no momento da leitura é conduzir os leitores pelos caminhos que possibilitarão a compreensão do texto.

Quanto ao espaço para leitura na escola é fundamental destacar que ela deve ser prática, contínua em todas as disciplinas, pois a leitura exerce grande influência no desenvolvimento das demais disciplinas. Conforme Adair Francisco e Mirian Carla (2010) a leitura intervém em todas as disciplinas, pois repercute na expressão oral e escrita do aluno, na organização formal de seu raciocínio e pensamento.

OBJETIVOS

Este trabalho busca debater alguns problemas detectados com relação ao desenvolvimento do hábito da leitura, sendo assim a relevância desse estudo consiste em auxiliar os alunos a se tornarem leitores autônomos que encontrem na leitura entretenimento, conhecimento e experiências.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho foi realizado por meio de um estudo bibliográfico no campo da leitura, sendo que serviram como base para efetuar esse estudo, os teóricos Paulo Freire, Adair Francisco, Mirian Carla e Dalla Zen. As vivências de estágio constituíram outra ferramenta para a realização desse estudo: no decorrer do estágio supervisionado constataram-se perante as leituras que tomamos dos alunos, as grandes dificuldades que eles apresentam, ora pela falta de incentivo da escola e dos demais contextos sociais, ora pelo descaso que os professores apresentam com relação à leitura.

Ainda por meio do estágio observou-se no projeto “tosco” que a leitura enquanto fonte de entretenimento é capaz de aguçar no aluno o hábito da leitura e a autonomia, ferramentas fundamentais para o bom desenvolvimento das demais disciplinas. Deve-se ressaltar que esse estudo no campo da leitura constituiu-se a partir de estudos bibliográficos, vivências de estágio e projetos de extensão. Nesse sentido pretende-se realizar o confronto entre teoria e prática. A partir desse estudo procura-se



constituir a leitura como um processo dinâmico e necessário não só na escola como também em outros contextos sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Leitura deve-se constituir como um processo dinâmico que provoque a interação entre aluno e texto. Em vivências de estágio constatou-se esse processo de interação: no “Projeto tosco” que se desenvolveu a partir de um livro baseado em experiências de um personagem propriamente tosco, cujo propósito era combater a violência entre os jovens e propor uma relação saudável entre alunos e professores. O processo de interação entre aluno e texto ocorreu no momento em que os alunos que faziam associações de suas atitudes com as atitudes do personagem tosco e consequentemente faziam a leitura de mundo do personagem buscando justificativas para o comportamento do mesmo.

Mediante a esses fatos os professores devem adotar uma posição eficaz perante a esse processo visando à criação de indivíduos autônomos e produtores de conhecimento, que vejam a leitura como fonte lúdica e com finalidade nela mesma. Conforme Aquino (2010, p.397) Raramente o ato de ler é “uma atitude cujo significado se encerre nela mesma”. Na escola, o texto só tem sentido se for acompanhada de questões de gramática ou interpretação, jamais a leitura pela leitura, pelo prazer da leitura.

Desta forma espera-se que a leitura se constitua como uma ação inovadora capaz de levar o leitor a compreender, imaginar, viajar, conhecer e a construir, deve-se deixar de lado aquela interpretação errônea de que a leitura é campo exclusivo do professor de língua portuguesa. A leitura deve ser um exercício de todos e missão da educação, pois ela é o caminho direto para o conhecimento, é algo capaz de transformar as pessoas e o mundo. É notório ressaltar que o aluno precisa se constituir de forma autônoma, ou seja, o educando tem o direito de manifestar sua avaliação pela leitura sem medo de ser punido, pois a autonomia é o fator que possibilitará ao aluno reflexões, leitura de mundo, correlação entre leitura e realidade.

“[...] a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto e (...) nesse encontro a história de ambos se modifica. Modifica-se o leitor porque acorda toda a sua existência de mundo e a coloca em confronto com a experiência do autor que ganha outra vida”. (DALLA ZEN, 1997, p. 27)



O professor é o principal agente motivador do comportamento autônomo do aluno e do desenvolvimento do hábito da leitura, desta forma o papel dos educadores é conduzir o aluno pelo caminho do conhecimento possibilitando as associações entre a leitura e o conhecimento de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, ressalta-se que o processo de construção de leitores autônomos, se dá a partir das práticas contínuas de leitura, sejam no ambiente escolar ou nos demais contextos sociais. Entretanto a leitura não pode ser compreendida como um processo que se limita a leitura de palavras ou frases, ela deve se constituir como o “ato de ler”, parafraseando Paulo Freire (1994, p.36), “ a leitura vai além do entendimento da palavra em si, pois se releva o contexto que a palavra se constitui.” Desta maneira o papel do professor no processo de construção de leitores autônomos é agir como um mediador entre os conhecimentos de mundo que o aluno traz como bagagem e a leitura.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Adair Francisco; PIMENTA, Mirian Carla Longo. Leitura e interpretação de texto. Revista Olhar Científico – Faculdades Associadas de Ariquemes – V. 01, n.2, Ago./Dez. 2010.
- DALLA ZEN, Maria Isabel. História de leitura na vida; uma abordagem, lingüística. Pedagogia e Social. Porto Alegre. Mediação. 1997.
- DUARTE, Vânia. A interpretação textual. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/redacao/a-interpretacao-textual.htm>>. Acesso em out 2013.
- _____ Importância da interpretação textual. Disponível em: <<http://www.escolakids.com/a-importancia-da-interpretacao-textual.htm>>. Acesso em out 2013.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1990.
- FREITAS, Olga. Produção Textual na Educação Escolar. Disponível em: <http://ead.ifam.edu.br/ead/images/stories/producao_textual_na_educacao_escolar_1_46.pdf>. Acesso em out 2013.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

SILVA, JIDIDIAS RODRIGUES DA. DIFICULDADES DE LEITURA E
PRODUÇÃO TEXTUAL: UM FATO REAL. DISPONÍVEL EM:
<[HTTP://WWW.PORTALEDUCACAO.COM.BR/PEDAGOGIA/ARTIGOS/30160/DI
FICULDADES-DE-LEITURA-E-PRODUCAO-TEXTUAL-UM-FATO-REAL](http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/30160/dificuldades-de-leitura-e-producao-textual-um-fato-real)>.
ACESSO EM OUT 2013.



MÚSICA E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

¹SANTOS, Jaqueliney Rodrigues; OLIVEIRA, ²Helismar Alves de Alcantara
Unidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
jaky17santos@hotmail.com¹; lindalcantara@bol.com.br²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a relação da música como facilitadora no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) em sala de aula. Para isso, faz-se necessário também o desenvolvimento das habilidades (oralidade e compreensão auditiva) além da leitura e escrita, conforme é priorizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Pode-se dizer que os estudantes de LE são bem sucedidos quando se comunicam efetivamente na língua-alvo. Porém, é perceptível a impaciência dos alunos quando o professor faz uso apenas do livro didático em sala de aula. Assim, com o objetivo de verificar se a música age como agente facilitador de aprendizagem, foram feitos vários estudos, com isso pode-se dizer que o recurso de áudio pode ser utilizado como uma ferramenta de apoio valiosa no aprendizado de uma LE. A metodologia utilizada para esse artigo foi uma pesquisa quantitativa e interpretação. A partir dessa verificação, pretende-se demonstrar um modo diferente de ensino de inglês por meio da música, pois os dados sugerem que essa metodologia desperta o interesse dos alunos pelo conteúdo aplicado. Esse estudo aponta a importância de se buscar novas formas de se ministrar aulas de LI, promovendo reflexões sobre a importância de novas metodologias no ensino de língua inglesa. Este trabalho fundamenta-se em autores como Paiva, Vilaça, Woyciechowsk que afirmam a música é um método eficaz e pode ser um instrumento facilitador do ensino aprendizagem, pois é algo universal e agrada todo tipo de público e fica a cargo do educador escolher de acordo com a faixa etária da turma letras e com elas desenvolver metodologias que desperte o interesse dos discentes e os estimulem de forma que aprendam e desenvolvam a leitura, a escrita, a pronúncia e compreensão de texto.

Palavras-chave: Música; Recurso didático; Aprendizagem

INTRODUÇÃO

Após conhecer e vivenciar a realidade das escolas campo, mais especificamente da prática metodológica dos professores de língua inglesa, constata-se que um dos maiores desafios postos aos professores dessa disciplina é o de despertar o interesse dos alunos pelo aprendizado da mesma, pois geralmente é vista pelos alunos como desnecessária e distante de suas realidades.

Nesse sentido, vários estudos foram feitos sobre o ensino aprendizagem da língua inglesa como lacunas em branco e completar as lacunas de acordo com a música apontam a música como um recurso didático rico para o professor desenvolver atividades dinâmicas e interativas, até porque a música pode desenvolver a concentração, criatividade e reduzir tensões em sala de aula, aumentando a participação,



interesse e melhoria da aprendizagem pelos alunos. Podemos, inclusive, afirmar que cantar é uma ótima estratégia para aumentar o poder de aprendizagem, pois a maioria das pessoas ao ouvir músicas em uma determinada época conseguem tempos depois lembrarem trechos da mesma. Portanto, independente do gênero musical, as atividades com músicas além de gerar o interesse e participação dos alunos, também vislumbra aprendizagens significativas.

A língua inglesa atualmente, tem ocupado um lugar de prestígio na sociedade e isto se dá em decorrência do avanço da tecnologia e da globalização, com isso aprender este idioma, dominar suas habilidades linguísticas (reading, speaking, listening, writing) faz-se necessário, pois ao fazê-los os indivíduos encontram facilidades em suas vidas cotidianas ao deparar-se com situações que exija o uso do inglês.

Paiva (2005) diz que:

o inglês é uma epidemia que contamina 750 milhões de pessoas no planeta. Essa língua sem fronteiras esta na metade de 10.000 jornais do mundo, em mais de 80% dos trabalhos científicos e nos jargões de inúmeras profissões, como a informática, a economia e a publicidade (PAIVA, 2005, p. 10).

Os PCN's a coloca como “uma espécie de língua franca que invade todos os meios de comunicação, o comércio, a ciência e a tecnologia no mundo inteiro” (BRASIL, 1998, p.49).

Diante de tais afirmações esperava-se que a língua inglesa por se tratar de um idioma presente em várias áreas da vida do brasileiro (assistir televisão, navegar na internet, em placas de lojas e entre outros.) fosse mais levada a sério, porém isto não acontece, pois a maioria das escolas reserva uma carga horária mínima para o ensino do inglês e geralmente as salas de aulas são excessivamente cheias, recebendo até 40 alunos por turma.

Somados estes dois problemas fica difícil os discentes terem um aprendizado de qualidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira relatam que as principais dificuldades encontradas para o ensino aprendizagem de Língua Inglesa são:

a falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicado à matéria no



currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente. BRASIL, 1998, p24)

Diante do exposto pode-se dizer que esses problemas só evidenciam que o ensino de LI nas escolas hoje enfrenta sérias dificuldades e que é preciso urgentemente, refletir sobre a verdadeira finalidade desse idioma e discutir sobre sua relevância, pois pude perceber que esta língua tão requisitada atualmente não seja levada muito a sério e assim torna-se mero cumprimento de currículo para os professores e apenas mais uma disciplina para os alunos. Sobre isso Anjos (2011) afirma:

o ensino de Língua Inglesa nas escolas brasileiras há muito tempo tem sido alvo de críticas, desmerecimento e desprestígio. Muito, também, tem se discutido sobre as metodologias para o ensino de LI, nas implicações, e muitas crenças têm sido levantadas quanto a isso. Inclusive a pior que poderíamos imaginar, a de que é impossível se aprender inglês nas escolas públicas. (ANJOS, 2001, p.1)

Diante do cenário em que se encontra a LI nas escolas, pode-se dizer que é preciso rever, analisar o ensino aprendizagem deste idioma nas instituições de ensino, é preciso segundo Paiva (2010, p.21) “trabalhar para desenvolver nos alunos habilidades que lhes permitam entender o inglês que os rodeia ao ligar o rádio, a televisão; ao sentar à frente do computador para pesquisar na internet ou comunicar-se com outros internautas”.

Diante o que percebi no estágio supervisionado de língua inglesa está muito defasado o ensino pois os professores sempre trabalha a mesma coisa e não muda a metodologia.

A música possibilita isto, pois esta presente em todos os momentos da vida das crianças, adolescentes e jovens, assim é preciso utiliza-lá como instrumento para que os alunos compreendam melhor e aprendam LI com mais facilidade.

A minha pesquisa está embasada no problema de que o ensino de língua inglesa está a mesma coisa e os alunos estão cansados da mesmice da sala de aula tradução de textos e decoreba. O que me levou a escolha desse tema foi a mesmice da sala de aula porque o ensino já não estava bem visto frente aos alunos. Acredita-se que



o ensino de língua inglesa é um ótimo recurso facilitador para o ensino de língua inglesa.

OBJETIVOS

O objetivo da pesquisa é refletir sobre a música como um recurso facilitador para o ensino aprendizagem de língua como uma ferramenta mediadora para o ensino de língua inglesa e despertar o interesse nesses alunos de aprender a este idioma.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na minha pesquisa foi a construção de um questionário e observação em sala. Participaram da pesquisa os dois professores da escola campo estadual e três turmas sendo elas 6º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio do período matutino, um professor da instituição municipal e uma turma do 7º ano do ensino fundamental do vespertino, foram no total de 44 alunos entrevistados.

O sexto ano possui 20 alunos matriculados, o sétimo 30 e o terceiro 28, mas no dia da pesquisa faltaram muitos alunos da escola A, em decorrência de um evento que solicitou a presença dos discentes que tocam na banda (fanfarra) da escola, desfalcando assim as turmas.

Para a escolha das séries levou-se em consideração a quantidade de alunos por sala, pois se priorizou as com maior número de alunos, o sexto e o sétimo ano do ensino fundamental pelas opiniões de alunos que estão iniciando o ensino de língua inglesa e o terceiro ano do ensino médio por já estar na etapa final, sendo assim coletadas opiniões diversas.

O questionário dos alunos foi aplicado nas três turmas selecionadas 6º, 7º ano do ensino fundamental e 3º do ensino médio, com objetivo de saber o quanto a música é importante para os adolescentes e jovens e se estes gostam quando os professores utilizam de letras em inglês nas aulas de LI.



Quando perguntados: “Você gosta de música?” 4 alunos não responderam nada, 3 não gostam de música, 19 apreciam e 25 apreciam extremamente; “Você gosta de música em inglês?” 8 não apreciam, 20 apreciam, 14 apreciam extremamente; “Gosta quando é trabalhada música em sala de aula?” 4 não apreciam, 23 Apreciam, 15 Apreciam extremamente; “Quanto tempo por dia você passa ouvindo música?” vinte um alunos responderam 2 horas, dez alunos até 4, quatro alunos 6, nove alunos mais de 6 horas; “Consegue fazer outras atividades enquanto ouve música?” 42 alunos responderam que sim e apenas 1 respondeu não; “A música influencia seu humor?” 40 alunos responderam sim, 1 respondeu que não e 2 não responderam nada; “Você procura saber o significado das músicas em inglês que gosta?” 20 alunos responderam sim e 24 não; “Você acredita que a música ajuda no aprendizado de língua inglesa?” 7 não, 2 não responderam nada e 35 acreditam que sim; “Você gosta da disciplina de língua inglesa?” 27 responderam sim, 13 não , 1 não manifestou sua opinião e 3 disseram mais ou menos;

Os dados revelam que os adolescentes gostam muito de música e passam parte de seus dias ouvindo-a, a pesquisa ainda, evidencia que a maioria dos alunos ouve canções em inglês e a metade deles sempre procuram saber a letra em português, os outros relataram que acham difícil e encontram dificuldades para entenderem as palavras.

“Não procuro saber o significado das músicas porque é difícil, há palavras que tenho dificuldades”; “Não procuro saber por que acho muito difícil”; “Não procuro saber por que é muito demorado e difícil”. (Depoimentos de alguns alunos do sexto ano)

A maioria dos entrevistados gosta quando é trabalhada músicas nas aulas de língua inglesa e acreditam que as canções ajudam no aprendizado de LI, justificaram suas respostas dizendo:

A música ajuda muito na pronúncia; A música ajuda no aprendizado de língua inglesa, se aprende inglês com a convivência diária com a língua e a musicalidade oferece isso”; “A música ajuda muito no aprendizado de língua inglesa, porque passamos o tempo todo escutando canções em inglês”; “Aprendemos mais palavras quando ouvimos músicas em inglês”; “Cantar ajuda na pronúncia”; Claro que a música ajuda no aprendizado, ela fica em



nossa cabeça e quando traduzimos algumas palavras nos ajuda, a saber, pronunciar. (Depoimentos de alguns alunos do terceiro ano do ensino médio)

O questionário dos professores foi respondido pelos dois educadores da escola “A” e pela única docente da instituição de ensino “B”, os três profissionais disseram que gostam de música e que apreciam as em inglês. Todos eles já a utilizaram em sala de aula e relatam:

Alguns gostam, outros não, porém o resultado final é proveitoso, mas depende da escolha da música e de como você a leva para a sala de aula”; “Trabalhar música em inglês em sala de aula é extremamente enriquecedor, os alunos se empenham na execução das atividades e a participação é geral, todos querem cantar, comentar a canção e no final apesar do tempo ser curto os educandos aprendem novas palavras e melhoram a pronúncia em outras”; Os alunos gostam quando trabalho música, mas aproveitam para se soltarem e fazer bagunça. (Depoimentos de professores entrevistados)

Quando questionados se a música é importante para o ensino responderam: “Sim, muito, a ela atinge todo tipo de aluno, do tímido ao mais indisciplinado”; “Sim é uma forma de fugir um pouco do cotidiano e tornar as aulas mais prazerosas e menos cansativas”; “Sim, de certa forma a música funciona como uma terapia é uma forma descontraída e atraente de ensinar/aprender”.

Foi perguntado ainda se acham que a música facilita o aprendizado da LI e se os alunos demonstram um interesse maior pelas aulas quando ela é utilizada? Responderam: “sim, todo adolescente se interessa por músicas, e se for internacional é uma boa para o interesse deles”; Claro, pois as aulas se tornam atraentes, desde que haja também a observância a faixa etária dos educandos”; Facilita sim, pois os alunos ficam mais focados na aula e se a música faz parte do cotidiano deles o resultado ainda é melhor, pois há um envolvimento maior nas atividades propostas”.

Os dados coletados só evidenciam que a música é um ótimo instrumento facilitador do ensino e aprendizagem de LI, sendo assim alguns profissionais mesmo acreditando nisso, ainda evitam utilizá-las, pois creem que os alunos aproveitam destes momentos para fazerem bagunça (“ Os alunos gostam quando é trabalhada música em sala de aula, mas fazem mais bagunça do que o normal”. Relato de uma professora da escola “A”), os que se propõem ficam satisfeitos com os resultados como foi visto nos depoimentos dos parágrafos anteriores.



Durante o trabalho tive várias conversas com os alunos o que eles mais reclamaram foram a mesma coisa nas aulas tradução e interpretação de textos essas observações foram feitas de acordo com o meu estágio e com a pesquisa campo que foi feita.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Ao longo das últimas décadas mudaram-se as concepções sobre o ensino aprendizagem de língua inglesa e deu-se em consequência da globalização que exige um ensino aprendizagem mais amplo do qual contemple não só regras gramaticais e traduções de textos.

Paiva (2010) diz:

Há alguns anos pensava-se que aprender uma língua era sinônimo de saber a gramática e o seu vocabulário. Hoje em dia, entendemos que ‘saber’ uma língua é utiliza-la adequadamente. Uma língua é usada para, entre muitas outras coisas, comunicar ideias e sentimentos, permitindo aos seus falantes participação social e cultural. (PAIVA, 2010, p. 31).

Com uma nova visão sobre o ensino aprendizagem de língua inglesa surgiram também, inúmeras metodologias que visam ensinar o aluno de forma clara este não só aprenda o conteúdo ensinado, mas o compreenda de tal forma e o leve a querer aprender mais, mas para isso este precisa ver sentido, no que faz, viver em seu cotidiano, ou seja, utilizar em seu dia a dia o objeto apresentado pelo educador, Selbach (2010), comprova esta afirmação quando diz:

é importante que o professor não procure passar ao aluno textos ou sentenças que se referem a culturas muito diferentes das vividas pelo aluno. O futebol, por exemplo, é domínio universal em diferentes culturas, mas um texto sobre um ritual pagão da Inglaterra torna-se impossível de ser bem compreendido por um aluno brasileiro, mesmo que este entenda palavras de uma festa nacional. (SELBACH, 2010, p. 24)

É preciso escolher metodologias que tragam para as aulas de Língua Inglesa um olhar crítico e diferenciado despertando o interesse destes alunos que façam parte da



realidade dos alunos, pois só assim o ensino aprendizagem será significativo e instigante, Selbach coloca também que “nada interessa tanto a uma criança ou adolescente quanto ele mesmo, e, por este motivo, o eixo central de seu interesse sempre se volta para sua vida e para as coisas que aprecia”. (SELBACH, 2010, p. 41,) entende-se que a música como o ensino aprendizagem, pois a maioria dos alunos de hoje gosta de ouvir musica e isso estimula o aluno.

Mas, será que a utilização de músicas como recurso didático no ensino de língua inglesa é garantia de melhoria da aprendizagem dos conteúdos ensinados?

Amorim e Magalhães (2008, P. 103) asseguram que a música “com o seu poder mágico de despertar lembranças e sentimentos nas pessoas”, ela pode acalmar e ensinar. E, de que em todas as culturas a música colabora para estimular o raciocínio, provocando em quem a ouve, a construção de significados sociais, pessoais e culturais.

Reconhece-se, então, que a música é uma ferramenta pedagógica de apoio ao processo ensino aprendizagem que atrai e contagia a quase todas as idades. Nesse aspecto, ela torna-se um elemento facilitador da aprendizagem de língua inglesa no ensino básico até porque os discentes do ensino fundamental e médio são constituídos de jovens adolescentes. E, nessa faixa etária que os jovens não só ouvem músicas como conhecem as bandas, cantores e clipes musicais de maior sucesso, especialmente por meio das mídias.

Muitos colocam como toque de seus celulares os hits do momento, portanto, é interessante que os professores, ao planejarem atividades com músicas, as escolham observando o “ gosto ou a realidade de seus alunos”. E, independente da metodologia utilizada pelo educador, explorar conteúdos, desenvolvendo atividades com músicas é garantia de que haverá participação nas aulas, e possibilitará novas aprendizagens.

Os professores poderão ensinar gramática, vocabulário, listening, speaking,...por meio de inúmeras atividades com músicas. Por exemplo, omissão de palavras, substituição de palavras, preenchimento de lacunas utilizando o listening, palavras cruzadas, entre outras.



Paiva (2010) também traz algumas sugestões de atividades que fogem um pouco da mesmice do cotidiano de quadro, livro didático, caneta, lápis, borracha e caderno, a autora com muita criatividade e dinamismo especifica:

publique um jornal mural, em inglês, com contribuições dos alunos; Crie com seus alunos códigos para correção das produções escritas; Peça seus alunos para desenhar algumas palavras de forma pictórica; Você pode ensinar alguns conceitos, tais como north, northeast, etc, fazendo com que os alunos usem seus corpos como mapas; Trabalhe a autoestima do aluno, fazendo com que eles, por exemplo, listem adjetivos positivos para descreve-los. (PAIVA, 2010, p.16)

Pode-se observar que são atividades simples as quais exigem poucos recursos e podem ser realizadas na própria sala de aula, isto mostra que é possível promover formas dinâmicas capazes de despertar o interesse dos alunos para a língua inglesa.

Uma pesquisa realizada com alunos do sexto ano do ensino fundamental e do terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Amorinópolis Goiás mostrou como é urgente uma mudança nas metodologias usadas e isto pode constatar claramente ao analisar algumas respostas da seguinte pergunta feita a alguns alunos: Você gosta da disciplina de Língua Inglesa? Por quê? As respostas para a mesma foi da seguinte forma: “Não, porque é muito difícil”; “Não, porque prefiro o português”; “Depende do professor e do jeito que aplica as aulas”; “Mais ou menos, porque estudamos a mesma coisa desde o primeiro ano”; “Não, mas tem que aprender”.

Percebe-se que os alunos estão cansados dos métodos diários como tradução de texto do livro didático, resolução de atividades interpretativas. Os mesmos anseiam por aulas mais dinâmicas as quais o interesse deles para a disciplina Língua Inglesa que até então não faz sentido em seus cotidianos escolares.

Pensando em metodologias novas e eficazes que agucem o interesse dos alunos, a música é um ótimo instrumento no ensino aprendizagem, isto porque faz parte da vida dos estudantes, está presente em seus cotidianos desde que acordam até na hora de dormirem.

Faria (1987) citado por Ongaro e Silva e por Faria(2007), explica que:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

a música está presente na vida de todos os seres humanos, e ela também está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar, além de despertar nos alunos o senso crítico para o que ouvem e como isso se reflete em sua vida. A escola é um espaço institucional para transmissão de conhecimentos socialmente construídos e deve se ocupar em promover a reflexão dos jovens para o que ouvem e que mensagem esta canção lhes passa ainda que não a compreenda completamente. Cabe aos professores criar situações de aprendizagem em que os alunos estejam em contato com um variado número de estilos musicais e não somente com aquelas que eles gostam. No contexto escolar a música tem a finalidade de ampliar e facilitar a aprendizagem do educando, pois ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e reflexiva. (Faria,1987,p 4)

Diante do exposto a música chama a atenção dos alunos e os deixam em expectativa sobre o que diz a letra e por isso os alunos começam a tentar decifrar a melodia e isto é positivo, pois a curiosidade faz com que conheçam novas palavras em inglês e por isso ampliam seus vocabulários. Por meio dela pode-se trabalhar as quatro habilidades comunicativas: leitura (reading), escrita (writing), fala (speaking) e compreensão (listening).

Wildgrube, Dreher E Souza (2008) diz:

dentro do aprendizado de uma língua estrangeira, se faz necessário um avanço contínuo do educando, ou seja, o aluno de uma segunda língua deve desenvolver as quatro habilidades linguísticas para ter uma formação completa no idioma (ler, ouvir, falar e escrever). Esta prática deve ser diária em sala de aula, com o auxílio do professor, e fora dela, com os amigos, com a família ou no seu trabalho. Ao priorizarmos o estudo de uma ou mais habilidades de forma isolada, pode-se atender necessidades emergenciais, porém ao aluno precisa estar esclarecido sobre a formação que está recebendo. De fato devemos propiciar um trabalho que faça com que uma habilidade remeta a outra. (Wildgrube, Dreher E Souza 2008)

Claro que não é uma tarefa fácil e os alunos não ficariam fluentes das escolas, mas haveria uma melhora significativa no ensino aprendizagem e os discentes terão uma base mais sólida ao se deparar com situações que exigem a utilização deste idioma, pois com um conhecimento básico das quatro habilidades com certeza darão certo para estes indivíduos ao precisarem da LI em sua trajetória diária . Sobre isso (BRASIL, 1998) diz que:

a aquisição de habilidades comunicativas em outras línguas representa, para o aluno, o acesso ao conhecimento em vários níveis (nas áreas turística, política, artística, comercial, etc.), favorecendo as relações pessoais. O



domínio de outro idioma permite ainda intercambio científico, por proporcionar acesso tanto à bibliografia quanto ao conhecimento científico divulgado em outras línguas. A utilização de redes de informações, como a internet, por exemplo, fica favorecida pela competência comunicativa em diferentes línguas estrangeiras. (BRASIL, 1998, p. 13).

Assim pode-se dizer que a música é um método eficaz e pode ser um instrumento facilitador do ensino aprendizagem, pois é algo universal e agrada todo tipo de público e fica a cargo do educador escolher de acordo com a faixa etária da turma letras e com elas desenvolver metodologias que desperte o interesse dos discentes e os estimulem de forma que aprendam e desenvolvam a leitura, a escrita, a pronúncia e compreensão de texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia do presente artigo surgiu durante o estágio de língua inglesa. Esta etapa possibilitou vivenciar a realidade do ensino de língua inglesa nas escolas públicas e perceber que há certo desânimo por parte dos educadores e alunos, e foi isto que estimulou a desenvolver a pesquisa tendo como principal objetivo refletir que a música é um ótimo recurso para o ensino e aprendizagem deste idioma.

No estágio utilizou-se a música para ensinar LI e percebe que os alunos gostaram muito e mostraram na participação e empenho na resolução das atividades propostas o que não é comum, pois houve-se participação em algumas aulas da professora regente e foi observado e presenciado a falta de interesse dos educando quanto ao conteúdo explicado pelos professores.

Os dados levantados na pesquisa mostraram que os alunos têm vontade de aprender LI, mas não conseguem entender os conteúdos explicados, eles chegam a escola com expectativa de aprender este idioma, podendo utilizá-lo em seu dia a dia, mas se decepcionam ao perceberem que não acontece, pois o foco das aulas, na maioria das vezes é interpretação de texto e aprender regras gramaticais, não se dá muita atenção para pronúncia e produção textual, sendo assim os alunos perdem o interesse em aprender.



A pesquisa levou-me refletir sobre o que é preciso para mudar a realidade do ensino e aprendizagem de LI, deu-me subsídio para analisar minha postura como futura educadora deste idioma e mostrou-me que métodos novos e que fazem parte da vida dos alunos, são eficazes e podem contribuir de forma positiva na aquisição desta língua.

A conclusão deste trabalho trouxe-me uma nova visão sobre o ensino de LI nas escolas públicas, antes pensava não ser possível aprender este idioma nestas instituições porque o ensino esta deixando muitos a desejar agora percebo que utilizando de metodologias certas aliadas com o compromisso do educador, o aluno pode ter êxito e concluir o Ensino Médio com um bom domínio da Língua Inglesa.

Segundo estudos realizados sobre os autores já mencionados acima podemos afirmar que o uso da música pelo professor, como estratégia de ensino, facilitará o desenvolvimento das aulas de língua inglesa e, conseqüentemente, aumentará o interesse e o envolvimento dos alunos, resultando em melhores aprendizagens. Sendo assim, cabe aos professores usar bastante criatividade para planejar atividades que despertem a atenção e o gosto dos alunos pela língua inglesa.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Vanessa; MAGALHAES, Vivian. **Cem aulas Sem Tédio: Sugestões Práticas e Divertidas para o professor de língua estrangeira.** Santa Cruz: Editora IPR, 2008.

FURLAN, de Faria Dilmara. **A influencia da musica na formação dos jovens e no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.** Disponível em <http://www.calem.ct.utfpr.edu.br/monografias/OlindaCosta.pdf> Acesso em 25 de outubro de 12 as 21:00 horas.

LOUREIRO, Alice Maria Almeida. **Ensino de musica na escola fundamental.** Campinas, SP: Papirus, 2003.

ANJOS, Flavius Almeida dos. **Qual a verdadeira finalidade do ensino da língua inglesa na escola?** Acesso em 18 de agosto de 2013, disponível em <http://www.sala.org.br/index.php/estante/textos-em-la/468-qual-a-verdadeira-finalidade-do-ensino-da-lingua-inglesa-na-escola>.



- CASTRO, André. **A música como instrumento de aprendizagem da língua inglesa no ensino fundamental**. Acesso em 19 de agosto de 2013, disponível em: http://www.neurobiologia.org/ex_2011.2/10_trabalho_AURILENE_OK_.pdf
- FERRAZ, Monica. **Ensino de Língua Inglesa com Música**. Revista eletrônica PRO-DOCÊNCIA/UEL. Edição nº 03, vol.01, jan-jun 2013.
- GOBBI, Denise. **A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua inglesa**. Acesso em 18 de agosto de 2013, disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3066>.
- MORENO, Tania Aparecida. **O Ensino Da Língua Inglesa Através Das Músicas E Das Tecnologias**. Acesso em 19 de agosto de 2013, disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-ensino-da-lingua-inglesa-atraves-das-musicas-e-das-tecnologias/66290/>
- MOTTA ,Aracelle Palma Fávaro. **O Letramento Crítico No Ensino/Aprendizagem De Língua Inglesa Sob A Perspectiva Docente**. Acesso em 17 de agosto de 2013, disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_aracelle_palma_favaro_motta.pdf
- .PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Práticas de Ensino e Aprendizagem de Inglês Com Foco na Autonomia**. Campinas, SP. 3º Edição: Pontes Editores. 2010.
- SELBACH, Simone. **Língua Estrangeira e Didática**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SILVA, Josimar Oliveira da. **Música Na Salade Aula: Uma Ferramenta No Processo De Ensino E Aprendizagem De Inglês**. Acesso em 10 de agosto de 2013, disponível em http://www.pet.ufal.br/petletras/anais_iv/artigos/artigo_8.pdf
- WOYCIECHOWSK, Élio. **MÚSICA: Uma Proposta Para O Ensino De Língua Inglesa Na Escola Pública**. Acesso em 30 de julho de 2013, disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1807-8.pdf>
- VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **O Material Didático No Ensino De Língua Estrangeira: Definições, Modalidades E Papéis**. Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/653/538>, acesso 19 de agosto de 2013.



O PAPEL DO PROFESSOR COMO MOTIVADOR NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

¹COSTA, Renata Santos; ²SILVA, Divoni Marques Bueno
Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go
¹renatasantosgoias@hotmail.com; ²divoni.marques@hotmail.com

Resumo: *Este trabalho tem como finalidade refletir sobre a motivação dos alunos para a aprendizagem de uma nova língua, uma vez que a aprendizagem é um processo pessoal, reflexivo e sistemático que depende do despertar das potencialidades do educando, de modo que o professor seja o suporte de resgate ao interessado educando para o que está sendo (re) passado. Com base em fontes bibliográficas e pesquisa de campo realizadas nas escolas campo de estágio nota-se que é preciso que o professor inove suas aulas para despertar a atenção dos alunos para o que está sendo apresentado.*

Palavra chave: Aprendizagem de Língua Inglesa; Motivação; Professor.

INTRODUÇÃO

Ser professor não é uma tarefa fácil, devido às limitações encontradas que tornam o trabalho ainda mais complexo. Questões como a falta de reconhecimento do que está sendo feito, salários abaixo do que são merecidos, condições precárias encontradas em algumas unidades escolares e o que está ficando cada vez mais frequente é a falta de motivação dos alunos.

Devido à falta de motivação dos alunos o desafio do professor é cada vez maior, principalmente para o professor de Língua Inglesa em relação ao ensino que, por se tratar de uma disciplina de difícil compreensão, os alunos se sentem desanimados a aprender.

A motivação exerce função importante como determinante de sucesso ou fracasso em qualquer situação de aprendizagem. Estarnck (2010, p.68) argumenta que “a motivação é direcionada para um norte que não se encontra com o objetivo estabelecido para a aula. Quando o resultado de uma proposta não é o que se esperava, podemos dizer que ela não motivou”.

Faz-se necessário atentar a uma breve definição (ou pré-definição) sobre o que possa ser motivação. Segundo Williams e Binden (1999, p.128) motivação é “um estado



de ativação cognitiva e emocional que produz uma decisão consciente de agir e que dá lugar a um período de esforço intelectual e/ou físico sustentado, com o fim de alcançar uma meta ou metas previamente estabelecidas”.

É nesse processo de ativação da conduta do aluno que entra em foco um dos papéis do professor como promotor e influenciador do desejo de aprender. Mas para que o papel seja satisfatório é preciso que ele esteja disposto a se engajar no processo contínuo e árduo. No caso do professor de língua estrangeira sua função é ainda mais árdua, pois é fundamental que o professor tenha domínio da língua que ensina além de manter relações que são pertinentes às necessidades dos alunos, é preciso que o professor note as necessidades dos setores da sociedade, conscientizando os alunos para a aprendizagem de uma língua, pois o mercado de trabalho busca pessoas que dominam uma língua estrangeira. A preparação profissional é importante para a formação dos alunos assim como a utilização de metodologias que venham contribuir para a motivação.

A necessidade de refletir sobre os caminhos para alcançar bons resultados vindos dos alunos, e os caminhos percorridos pelo professor no seu papel de motivador do ensino/aprendizagem da Língua Inglesa. Nosso estudo destina realizar uma breve análise sobre o papel do professor como motivador durante o ensino de língua inglesa, verificando o desempenho realizado pelo professor durante suas aulas ministradas, baseando em estudos bibliográficos e aulas assistidas em escolas campo de estágio.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo desenvolvido fundamenta-se em uma concepção de ensino/aprendizagem da Língua Inglesa e o papel do professor como motivador, para que possa tornar a aprendizagem mais prazerosa utilizando as teorias de motivação já conhecidas, como a que Moura (2007 p.756) aborda em seu texto *Motivar para aprender* – eis a questão uma experiência pedagógica na formação de professores em língua estrangeira, com abordagens sobre o papel do professor como a que diz “O professor deve desenvolver no educando o espírito de iniciativa e autoconfiança, a fim de que os



aprendizes se sintam capazes de iniciar a mediação espontaneamente, dividindo, sempre que possível essa responsabilidade com professor.”.

Uma boa aceitação da aprendizagem de Língua Inglesa depende da iniciativa que o professor tem. Suas metodologias utilizadas para o planejamento das aulas com base na realidade do aluno são formas que contribuem para estimular o aluno durante o ensino de uma língua estrangeira. Leffa (2001, p.11) em seu artigo “Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras” se refere à formação do professor de língua inglesa, com os dizeres: “A formação do professor de inglês, ou de qualquer língua que venha a se tornar multinacional, deve incluir também a preparação do professor para que ele se dê conta de que há uma diferença entre ensinar uma língua que é ou não é multinacional”. O professor deve se atentar para o ensino que ele está transmitindo aos seus alunos, a forma de transmissão fará toda a diferença durante a aprendizagem do aluno.

De acordo com Corsi (2004, p.173) em “Motivação em sala de aula” traz questionamentos a respeito de escolas e professores:

O que fazer para tornar a escola mais atraente? Como o educador pode transmitir conhecimentos de maneira mais eficaz e prazerosa, tanto para o aluno como para ele próprio? Cabe ao professor usar sua criatividade e capacidade para transmitir as informações de forma mais clara em suas aulas. Usando esta estratégia os alunos deixam de ser apenas espectadores e passam a ser participantes nas atividades.

Questionamentos como esses apresentados, são fundamentais para que o professor comece a planejar suas aulas estabelecendo métodos que favoreça os alunos, ou seja, pensar no aluno em primeiro lugar. Utilizando no planejamento estratégias que favoreça o aluno é que desperte o interesse do aluno pela aula, o professor precisa inovar suas aulas para atrair o aluno para o ensino de uma língua, para prender a atenção do aluno, de modo que não atrapalhe o restante da sala.

Estarneck (2010) acrescenta que, “se não houver interesse não haverá aprendizado independente de quem estiver ensinando.” A motivação é o pilar para um bom clima dentro da sala de aula, o professor tende motivar o aluno para que ele perceba que está conquistando algo importante que antes era uma grande barreira, e que desenvolve a capacidade de aprender do aluno.



Aprender como motivar os alunos é o grande desafio dos professores, o aperfeiçoamento do professor é muito importante durante o ensino/aprendizado, a busca do professor é primordial. Nessa perspectiva Raasch (1999) diz “O desafio para o educador é coordenar o ensino de conceitos e proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem. Neste contexto os educadores têm enfrentado o problema da ausência de motivação nos alunos para a aprendizagem”.

Diante de estudos já realizados sobre motivação, que pensamos no papel do professor na atualidade e sua difícil função de ser motivador de ensino da LI, a busca de meios e apoio para despertar o interesse do aluno para o ensino de determinada língua. A importância do professor em superar suas limitações se capacitando, aprendendo métodos para inovar de modo que tornesuas aulas mais chamativas é fundamental para que o aluno se sinta a vontade de aprender o que é transmitido pelo professor de língua.

MATERIAIS E METODOS

O presente trabalho é de cunho bibliográfico com baseamento teórico emLeffa (2001), Corsi (2004), Estarnck (2010) entre outros, realizado a partir de artigos científicos que tratam do papel do professor como articulador da motivação em sala de aula. O trabalho foi feito baseado em pesquisa bibliográfica apoiando-se em observações realizadas durante o estágio supervisionado.

Durante o estágio realizado nas escolas campo, foi possível observar algumas aulas de língua inglesa tanto no ensino fundamental e ensino médio, notando a falta de interesse de alguns alunos em relação à disciplina, com o professor fazendo mediações de forma atraente para despertar o interesse dos alunosao que está sendo (re) passado no momento. Diante de toda essa dificuldade encontrada pelo professor para atrair o aluno para sua aula é que surgiu o interesse de pesquisar sobre o papel do professor como motivador de ensino da LI.

A pesquisa foi feita a partir de observações nas escolas camposa que venha contribuir com a continuação do trabalho, observando o posicionamento do professor durante a sua jornada de aula, o empenho em motivar o aluno no ensino/aprendizagem



da LI. É fundamental para a pesquisa assistir aulas ministradas em escola campo de estágio para que possa ser notado o papel do professor como motivador dos alunos durante as aulas, de forma que venha acrescentar com o trabalho, destacando os métodos utilizados durante a motivação feita pelo professor na aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Existem diversas discussões que envolvem o ensino de Língua Inglesa, principalmente a que envolve professores e suas habilidades. Por se tratar de uma disciplina complexa, os alunos apresentam uma resistência em relação ao que está sendo passado.

Toda instituição de ensino deve refletir sobre o papel do professor e até mesmo da escola, buscando meios que sejam adequados aos alunos. Isso pode acontecer por meio de um bom planejamento e trabalho cooperativo entre educadores e alunos obtendo atitudes positivas e duradouras com relação ao ensino. Questionamentos a respeito do trabalho do professor como motivador, se fazem necessários: Quais os caminhos que o professor deve seguir para ter uma turma motivada ao ensino de Língua Inglesa? Questionamentos como esse são encontrados pelo professor durante a sua jornada de trabalho, e com o objetivo de encontrar soluções para motivar seus alunos ao aprendizado de uma nova língua.

O professor como motivador de ensino de língua estrangeira deve ter uma postura que encoraje os alunos a descobrir soluções para suas limitações, demonstrar afeto ao aluno construindo um elo de confiança entre ambos. Um caminho que é citado no texto de Corsi (2004) é trabalhar o conteúdo de forma diversificada para despertar o interesse dos alunos, mas o que se encontra nas escolas e totalmente diferente a forma com que o professor trabalha o conteúdo não é nada chamativa para o aluno, foi possível observar durante as aulas assistidas, que muitas vezes o professor não utiliza métodos para atrair o aluno para o que está sendo falado, ficando preso ao livro didático o que torna a aula entediante, fazendo com que os alunos desperte sua atenção para outras atividades em sala de aula e envolvendo os demais alunos, transformando a aula



de língua inglesa menos interessante. É Preciso exterminar a queixa muito comum entre os professores referentes a o desinteresse por parte dos alunos em aprender, a ação do professor deve conseguir dos alunos um comprometimento pessoal com sua própria aprendizagem, essa motivação depende de vários fatores, manter o aluno curioso desde o começo da aula, a organização das atividades, a interação do professor com seus alunos e a avaliação da aprendizagem são preponderantes. Esses momentos dependem da iniciativa do professor.

Se o desempenho do professor for percebido pelo educando, ao adquirir um aperfeiçoamento, então, poderá levá-la a uma boa autoestima, e também à motivação. Por outro lado, o aluno que pouco percebe as suas competências, necessita de maior estímulo externo, possui baixa autoestima e demonstra-se ansiosa, e ainda, enxerga pouca perspectiva de melhora em suas habilidades. Assim a importância de estratégias e metodologias variadas faz com que o professor desperte o interesse do aluno para aula, se o professor usar recursos que fazem a aula diferente o interesse do aluno será outro.

É inegável que um bom resultado da escola saia da iniciativa de todo o núcleo da escola juntamente com o professor. Durante as leituras realizadas fica evidente que o professor é que move o aluno a aquisição do conhecimento. Apesar de perceber que por mais que o professor se esforce ainda, a sua formação não contribui para atuar em sala de aula com metodologias para motivar os alunos. A forma de graduação que é passada aos graduandos prioriza muito a parte teórica deixando de lado a parte prática de como deve ser feito, não menosprezando o que é feito durante a formação superior mais é preciso que a prática seja mais efetiva durante a formação. Associando esse dizer ao que Raasch diz em seu texto sobre o papel do professor:

O papel do professor em sala de aula é de instigar o aluno mantê-lo curioso a aprender, e transferir conhecimentos de forma prazerosa a quem está ali para adquirir conhecimento, uma aula diferente. É preciso derrubar o paradigma de focar a aprendizagem no método de ensino e sim experimentar compreender o ato de aprender, e de como funciona o pensamento do aprendente, em cada fase de seu desenvolvimento. (Raasch 1999, p.11).

A questão da formação do professor citada acima é apenas um dos fatores que contribuem para a desmotivação do aluno, pois o professor não tem novidades em suas



aulas. A importância do professor em se renovar, buscar métodos que enriqueçam suas aulas demonstra que o professor tem uma preocupação com a aprendizagem dos alunos, mas para obter um bom resultado é preciso de auxílio da escola para se aperfeiçoar, a escola precisa oferecer serviços de qualidade para que os alunos se sintam bem e com condições para adequar ao trabalho do professor.

Por fim, verifica-se a urgência em resgatar a motivação dos alunos, enfatizando que a aprendizagem muda o ser humano, que é preciso desenvolver ações que busquem o direcionamento do professor para a resolução desse problema que tanto afeta os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato do professor com o aluno faz toda a diferença, pois a importância da mediação do professor para encorajar o aluno na busca do conhecimento, um bom incentivo por parte do professor traz bons resultados. O incentivo dado pelo professor ao aluno faz com que os alunos se sintam encorajados a aprender uma nova língua. O contato afetivo entre o professor e aluno faz com que o educado tenha confiança e se apoie ao professor para adquirir interesse a aula.

O professor deve desenvolver no educando o princípio de iniciativa e autoconfiança, a fim de que os aprendizes se sintam capazes. Quando o professor se propõe a buscar métodos que despertem o interesse do aluno para o que está sendo transmitido o sucesso chega de forma eficiente à turma. O aluno ao se sentir motivado abre caminhos para aprender.

REFERÊNCIAS

CORSI, Sueli Etienne. **Motivação em sala de aula**. AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, 2004.



ESTARNCK, Edson de Siqueira. **Motivação no ensino de língua inglesa:** uma experiência de observação em uma escola pública. Revista Semioses, Rio de Janeiro, Vol. 01, N. 07, Agosto de 2010, Semestral.

LEFFA, Vilson. J. **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras.** In: LEFFA, Vilson J. (Org.). O professor de línguas estrangeiras; construindo a profissão. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

RAASCH, Leida. **A motivação do aluno para a aprendizagem.** Diário Oficial da União. Nova Venécia, 1999.

MOURA, Vera Lúcia de Lucena, **Motivar para aprender – eis a questão. Uma experiência pedagógica na formação de professores em língua estrangeira,** Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2007. p. 754-761.



OS PERCURSOS TRILHADOS PELOS FUTUROS PROFESSORES

FERNANDES, Lorena Lira Schelle Teles¹; LACERDA, Patrícia²

Universidade Estadual de Goiás; Unidade Universitária de Iporá-Go

lorenafernandeslira@hotmail.com¹; patylac@hotmail.com²

RESUMO: A realização do estágio foi em três etapas: Observação, Semi-Regência e Regência. E estas etapas possibilitaram uma maior compreensão dos atos docentes frente às dificuldades e relacionamento envolvendo o cotidiano dos alunos, que é fator essencial para o aprendizado dos mesmos. Como algumas teorias abordam a importância do relacionamento entre cultura social e conteúdo, houve a proposta de relacionar conhecimentos prévios dos alunos, uns sofrem bullying, outros sofrem de dislexia, mesmo assim são alunos que se permitem ir além das expectativas. O presente trabalho abordou o planejamento das aulas que foram voltadas para o público alvo. Assim percebeu-se que cada público abrange uma forma de aprender diferente. Ensinar requer amor e carinho tendo em vista que os alunos são seres que possuem sentimentos e necessitam de orientação frente aos conhecimentos e descobertas que são feitas por eles. E é neste ponto e também pontuando o conhecimento de mundo de cada um é que se obtém clareza da realização de ensinar.

Palavras- chave: Dificuldades, planejamento, alunado.

INTRODUÇÃO

O Estágio do 4^a ano permite vivenciar a prática pedagógica, através das aulas ministradas pelos próprios estagiários, assim foi possível o desenvolvimento da criticidade diante das dificuldades e facilidades.

O Estágio Supervisionado de Língua Inglesa do 4^a ano teve como principal objetivo a regência dos alunos estagiários, que se deu em duas escolas campo, sendo elas: Fundamental e Ensino Médio. Cada uma das escolas em questão abrange diferenciados públicos, cada clientela apresenta suas características, que acabam por nortear os estagiários na produção de material para as devidas aulas. A importância do estágio fica explícita, pois houve um grande crescimento por parte dos estagiários, entendendo que o estágio tem a intenção de fazer elo entre escola e professor estagiário, possibilitando uma interação que irá respaldar a moldagem de crenças, proporcionando aprendizado efetivo, e enfim cumprindo assim com a carga horária de estágio requerida pela Unidade de Iporá-Go (UEG). Assim o estágio é:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Espaço onde os alunos participam de um processo de produção de conhecimentos que articula a teoria e a prática necessária para a formação acadêmica e para o desenvolvimento do seu próprio trabalho como profissional comprometido com a ação escolar (AURAS, p.151, 1997).

Entende-se que o estágio vem colaborar de forma específica para a formação do aluno/estagiário, visto que este ingressa na instituição na intenção de um primeiro momento observar e depois elaborar projetos para contribuir com a escola, desenvolvendo aulas diferenciadas e oficinas. No período de desenvolvimento das atividades, foi possível perceber uma variação sócio-cultural nos alunos, a quem é voltado o contato direto com estagiário. Notou-se em um dos colégios frequentados que a maioria das pessoas é da classe social baixa e que existe uma dificuldade muito grande para que esse aluno termine o ensino médio, fugindo então do fracasso.

É muito difícil para a criança de periferia, pois se pode pensar na bagagem que esta criança traz de casa. Mas sempre se tem escolas com criança em condição de aprender, mas não tem ambiente familiar, tem muita agressão dos pais entre si e contra os filhos. Elas não têm condições emocionais de aprender. Se for bem alimentada, se tem carinho de mãe e atenção do pai, alguém que olhe o caderninho não tem porque ser reprovada. (MEC em 1984, Reunião do Conselho de Menor do Governo do Estado de São Paulo).

Essa realidade foi encontrada nas turmas trabalhadas, isso foi constatado por meio de conversas informais com os alunos. E como se aponta os conhecimentos e angústias vividas pela criança acaba por afetar a sua vida na escola e mesmo assim durante o estágio se encontrou pessoas com vontade de concluir. Para os estagiários foi de grande experiência visto que os alunos têm problemas, dificuldades, tristezas que tomam o seu tempo, mas que mesmo assim, aos trancos e barrancos tentam concluir o ensino médio.

Ao analisar as dificuldades observadas pelo professor estagiário, o presente trabalho ancorou-se em Auras (1997) que pontua a importância do estágio para o crescimento acadêmico, Hentz (1998) falando dos conceitos e crenças que devem ser levados em conta no momento do planejamento, Galuch (2005) que demonstra o papel da escola como mediadora de conhecimentos prévios frente aos conteúdos propostos. Para essa observação o presente trabalho foi dividido em tópicos, para melhor assimilação



do difícil papel dos professores frente aos alunos. Professor este que, sabe as dificuldades vivenciadas pelos alunos tanto em casa quanto na sociedade.

ESTÁGIO: Suas faces e seus encantos.

Na regência que se deu em 2013, os alunos estagiários se encontraram frente a um desafio, sendo ele o planejamento das aulas que seriam ministradas, aulas, que foram divididas em duas turmas de alunos estagiários, tendo como suporte a presença norteadora da Professora Orientadora, que de forma pertinente colaborou com o estágio. Um dos diferenciais o qual se estava a frente era a clientela (clientela essa que tinha por dominante alunos criados por avós, tios) a constatação dessa informação foi feito por meio de rodas de conversas durante a realização das atividades. Com este desafio, o estagiário depara-se com dúvidas que foram sanadas no decorrer das orientações e das próprias aulas realizadas. Ao planejar verificou-se que de acordo com as teorias aprendidas em sala de aula, o conteúdo aplicado deveria fazer elo com as crenças, conceitos que foram pré-estabelecidos no mundo extra escolar.

Nas diferentes áreas do conhecimento, as crianças e os jovens já trazem conceitos elaborados a partir das relações que estabelecem em seu meio extra-escolar, que não podem ser ignoradas pela escola. Trata-se de lidar com esses saberes como ponto de partida e provocar o diálogo constante deles com o conhecimento das ciências e das artes, garantindo a apropriação desse conhecimento e da maneira científica de pensar (HENTZ, 1998, p.13).

Entende-se que o público da sala trazia consigo suas próprias experiências, suas angústias e isso contribuiu para o ponto inicial, uma aula ambientada de acordo com as necessidades dos alunos. Possibilitou também uma ponte entre conhecimento docente e conhecimento discente. Para que fosse possível um paralelo entre matéria e assuntos cotidianos, foi necessário um levantamento prévio das informações que os alunos traziam consigo, tarefa essa que não se mostrou tão árdua devido ao período de observação realizado em 2012, que agora na regência auxiliou sanando as dúvidas para com a clientela. Esse trabalho serviu de experiência, aprendizado junto às atividades de planejamento, que mostraram aos acadêmicos a importância do primeiro momento da



aula, que se dá na fala dos alunos, incitadas pelo professor para um apanhado geral sobre os conhecimentos prévios.

É papel da escola tomar como ponto de partida os conhecimentos prévios, com o claro objetivo de transformá-los, envolvendo-os em problematizações cujas resoluções exijam novos e, por vezes, conhecimentos mais complexos do que os iniciais. Procedimentos de ensino desta natureza favorecem a articulação entre o conteúdo que faz parte do currículo escolares o seu uso cotidiano. Possibilitam ainda a organização de um planejamento adequado às necessidades cognitivas dos alunos. (Sforni/Galuch, p. 7, 2005).

O resultado foi muito relevante, visto que houve grande interação, pois foi realizado um trabalho paralelo alunos/vivência/conteúdo, por isso os alunos se sentiam à vontade dando seus depoimentos. Durante as aulas os alunos puderam pontuar suas impressões e dúvidas. Muitas vezes assimilarem o conteúdo da escola com as vivências cotidianas.

A ESCOLA DE PERIFERIA

Quando nos referimos à escola de periferia chamamos a atenção para um local que apresenta uma problemática bem complexa e específica. Nessas escolas, o contexto social, econômico e político interfere no trabalho do professor e no processo de aprendizagem dos alunos. Nos professores, gera sentimentos de frustração, insatisfação e angústia, porque não conseguem desenvolver o que planejam, enfrentam situações imprevistas que desestabilizam o trabalho de sala de aula, entre outras coisas. Nos alunos, gera dificuldades para a sua vida escolar, pois desde cedo precisam trabalhar para ajudar no sustento da família (a criança apresenta desânimo, cansaço, apatia, dificuldades de atenção e concentração). A síntese dos diferentes modos de viver esse contexto, pelos sujeitos que o constituem, se mostra na diferença entre culturas e valores, nos conflitos entre perspectivas de vida distintas, etc.

Pelos registros feitos pelos estagiários da UEG, sobre o cotidiano escolar, pode-se notar a existência de situações que se repetem no cotidiano escolar das diferentes escolas. Entretanto, apesar de todas as escolas de periferia serem institucionalmente organizadas da mesma forma (normas, currículos, hierarquias),



existem entre elas peculiaridades. Assim, o que ocorre em uma escola é diferente do que ocorre em outra, porque cada cotidiano escolar é único e diferenciado, uma vez que cada sujeito que o compõe dota o seu espaço, as suas relações, as suas vivências de um sentido que lhe é próprio.

O PLANEJAMENTO

Frente às dificuldades de ensinar nos apegamos à arte de planejar para podermos pensar em algo que possa mudar a realidade das crianças para que as mesmas possam sonhar. O planejamento está presente em nosso dia a dia, mesmo que implícito, como o caso da pessoa que, ao levantar-se pela manhã, pensa no seu dia, no que vai acontecer ao longo dele. Como não se tem certeza do que realmente irá acontecer no passar dessas vinte e quatro horas, a pessoa obriga-se a pensar, prever, imaginar e tomar decisões, contudo, ela sempre espera tomar as decisões mais acertadas, para que sua ação alcance os objetivos esperados; mesmo não tendo consciência de que está realizando um planejamento, esta pessoa está fazendo o uso do ato de planejar. No caso do planejamento educacional são várias as definições, sendo que cada autor procura descrevê-lo sob sua própria visão.

Segundo Vasconcellos (1997, p. 11):

Entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis a fim de alcançar objetivos concreto sem prazos determinados e em etapas definidas a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.

Este tipo de definição não se caracteriza por um tipo específico de planejamento, podendo também ser compreendido como planejamento econômico, industrial ou ainda como o tipo de planejamento que o presente artigo se propõe a apresentar, ou seja, o planejamento educacional.

Para Menegola e Sant’Anna (2001, p. 25):

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque educação não é o processo, cujos resultados podem ser totalmente pré definidos, determinados



ou pré-escolhidos, como se fossem produtos de correntes de uma ação puramente mecânica e impensável. Devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem não impondo-lhe diretrizes que o alheiem. Permitindo, com isso, que a educação ajude o homem a ser criador de sua história.

Nesta definição podemos perceber que os autores preocupam-se em especificar que tipo de planejamento educacional visam, sobretudo, enfatizar o papel como formador de opiniões e acima de tudo capaz de ser o criador de sua história. Então se entende que a escola tem um importante papel na formação e no desenvolvimento do homem e, um aliado insubstituível dessa concepção de escola, é o planejamento educacional que possibilita a ela uma organização metodológica do conteúdo a ser desenvolvido pelos professores em sala de aula, baseado na necessidade e no conhecimento de mundo dos alunos, que por sua vez são os principais interessados e possivelmente os principais beneficiados com o sucesso nesse tipo de organização metodológica que visa o crescimento do homem dentro da sociedade.

OS DESAFIOS DO ENSINO FRENTE AOS PROBLEMAS DOS ALUNOS: contribuições da afetividade.

Mesmo com todo planejamento os professores ainda se encontram frente às dificuldades dos alunos, pontuando então que o afetivo de cada criança tem contato direto com seu aprendizado. E nesta perspectiva nota-se que o vínculo afetivo que o professor estabelece com o aluno em sala de aula, deve ter um caráter libertador e de confiança no cotidiano, para combater o preconceito e os rótulos comuns presentes no ambiente escolar. Assim, o vínculo afetivo estabelecido, favorece a expressão de questões pessoais entre professor e aluno. Além disso, conduz a autonomia e o sucesso na construção da aprendizagem recíproca, na formação da personalidade dos alunos em adultos seguros e confiantes de si, capazes de pensar de forma crítica o mundo que os cercam.

Muitos são os fatores que afetam a aprendizagem do aluno, principalmente quando a afetividade não faz parte de alguns momentos de sua vida cotidiana e escolar. Portanto, a afetividade é capaz de derrubar a baixa estima e rótulos comuns em sala de aula quando o aluno não aprende.



No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno.

O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização.

Os estagiários estiveram frente ao momento de planejar e quando estávamos em contato com o aluno, tivemos necessidade de mudar os planos que foram feitos inicialmente, pois as circunstâncias não abordavam o que já estava planejado, principalmente por causa da condição dos alunos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Em observação a variedade de público, nota-se que os métodos são de efetiva importância, pois dependerá deles a boa realização da aula.

Foi usado data show para que houvesse a socialização do conteúdo em paralelo com os conhecimentos prévios, o uso do data show foi de grande importância devido a facilidade de guardarmos o que vemos e assim fizemos de forma dinâmica para que os alunos ao verem as imagens fizessem uma volta e pontuassem o seu conhecimento anterior, a fim de que a aula fosse efetiva e de bom aproveitamento. O presente trabalho é um análogo entre planejamento de aulas e realidades dos alunos. Buscou-se apresentar às alunas da escola campo, algo que fosse de frente as suas necessidades: vestibular, conciliação da família com estudos, a entrada da mulher no mercado de trabalho e seu papel. Além de livros foram usados também vídeos, artigos científicos e entrevistas para que houvesse maior conhecimento do assunto que foi trabalhado.

OS RESULTADOS COMO TRABALHO DO ESTAGIÁRIO



Enquanto se para, para observa e pontuar em reflexões os benefícios que o estágio trouxe aos estagiários pode-se perceber que no resultado final das práticas pedagógicas se tem duas visões: uma é que o estágio se faz necessário para que se tenha contato com realidade da escola e dos alunos, realidade essa que se estará exposto sempre desde que esse é o campo de trabalho mais direto de um professor de Língua Portuguesa e Inglesa.

Assim, o estágio supervisionado não pode ser tomado como uma etapa em que o aluno transpõe os conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação inicial formal para a prática. Deve constituir-se como um dos momentos integrantes fundamentais do curso de formação de professores integrados ao âmbito de todos os componentes curriculares e experiências já internalizadas. Ao mesmo tempo, deve ser tomado como um momento de produção reflexiva de conhecimentos, em que a ação é problematizada e refletida no contexto presente e, após sua realização, momento este que envolve a discussão com a orientação do estágio e pares da área (BELLOCHIO e BEINEKE, 2007, p. 75).

Assim o estágio faz parte de nosso aprofundamento sobre o trabalho que será sempre efetuado. Outro ponto que foi especialmente marcante foi a luta de alunos por terem vontade de vencer de superar as barreiras impostas pela falta de dinheiro, pelos preconceitos que ainda cercam as pessoas mais pobres. Com o contato com eles notou-se que ensinar vai além de apenas decorar cartilhas, mas também é orientar para a vida.

Assim com as experiências vivenciadas no estágio percebeu-se que os professores devem estar atentos ao público que vão atender, pois isso irá interferir de maneira pertinente no resultado do trabalho árduo do mestre. Os professores estão atentos e preparados para os desafios docentes? Essas preparações se deram através dos estágios, em contato com bons professores? E assim seguem as dúvidas que somente serão sanadas na concretização da profissão, no trabalho frente às salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o Estágio Supervisionado de Língua Inglesa assume grande importância para os licenciados, visto que as matérias pertinentes do curso colocam os acadêmicos frente a inúmeras teorias. Mas o uso positivo ou negativo das mesmas, somente será observado quando os formados professores estiverem frente à sala de aula.



O estágio proporcionou esse primeiro contato com as escolas, garantindo então o conhecimento com os alunos, as realidades de cada um, os trabalhos elaborados pela escola, a responsabilidade de estar lidando com crianças, jovens e adultos. Esse primeiro contato marca o início de uma carreira que poderá se mostrar com êxito, visto que se aprendeu com pessoas dadas a educação, que procuram em seu trabalho além de passar conhecimento, auxiliar os alunos na vida social, cultural e com suas particularidades, a vida de cada um deles como única.

No estágio pôde-se pontuar inúmeros fatores como: pobreza, dificuldades de aprendizagem e outros. E esses pontos foram novos para o olhar do estagiário, as abordagens de ensino se diferenciam de inúmeras formas, pois a clientela muda e conforme ocorrem essas mudanças o tipo de assunto abordado será diferente. No planejamento do estágio, as professoras, a fim de abarcar a realidade da sala, muitas vezes elaboram atividades adequadas, isso acontece para que a aula aconteça e seja eficaz, no entretenimento do aluno, no conteúdo frente a suas necessidades.

Assim presume-se que independente de pontos negativos ou positivos o estágio na íntegra colaborou muito para o crescimento do estagiário, que se deparou pela primeira vez com a sala de aula e já constatou a importância do planejamento adequado, levando em consideração os alunos a quem a aula seria dirigida. É importante ressaltar que sem o estágio os acadêmicos não teriam a oportunidade de conhecer a vida docente frente aos obstáculos, que se tornam peças fundamentais para o crescimento do SER.

REFERÊNCIAS

AURAS, Gladys Mary Teive; **KOCH**, Zenir Maria. Estágio supervisionado: o espaço da pesquisa na formação do educador/supervisor. In: **PARANÁ**. Universidade Estadual do Pró Reitoria de Graduação, Coordenação Geral de Estágios. Estágio: aspectos éticos e legais. Curitiba: UFPR, 1997. p. 151-153.

BELLOCHIO, C. R.; **BEINEKE**, V. A Mobilização de Conhecimentos Práticos no Estágio Supervisionado: Um Estudo com Estagiários de Música da UFSM/RS e da UDESC/SC. **MÚSICA HODIE**, vol. 7, n. 2, p. 73-88, 2007.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

GALUCH, Maria Terezinha Belanda e **SFORNI**, Marta Sueli de Faria. Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. In II Segundo Congresso Internacional e VII Semana de Psicologia –Psicologia: Sociedade e Saberes em transformação, 2005, Maringá. ANAIS – II Segundo Congresso Internacional e VII Semana de Psicologia– Psicologia: Sociedade e Saberes em transformação. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2005,v.1,p.1-12.

HENTZ, Paulo. Eixos norteadores da proposta curricular. In:Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: temas multidisciplinares. Florianópolis: COGEN, 1998.

MEC em 1984, Reunião do Conselho de Menor do Governo do Estado de São Paulo

MENEGOLLA e SANT’ANA, Maximiliano e Ilza Martins. Porque Planejar? Como Planejar? Currículo e Área-Aula. 11º Ed. Editora Vozes. Petrópolis. 2001.Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de educação fundamental – Brasília. MEC/SEF, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos S: Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico Ldermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.



A COMPREENSÃO DO ALUNO EM RELAÇÃO ÀS ATITUDES DE VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

SOUZA, Franscimere Cordeiro de³; FREITAS, Madalena Dias Silva⁴

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹franscimere@gmail.com; ²maueg.puc@gamail.com.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo expor a compreensão dos alunos primeiro ano do Ensino Médio da escola campo, sobre as atitudes de violência no espaço escolar. O processo de observação foi realizado durante o Estágio Supervisionado que buscou entender a percepção desses em relação à violência que os mesmos vivenciam no colégio como, atitudes preconceituosas devido às características físicas, étnicas e sociais, que resultam em agressões verbais, simbólicas e físicas que se concretiza em ações de violência. No primeiro momento foi feito um levantamento das discussões de um autor que define o que é violência, e logo em seguida outros que apontam as causas e consequências da violência no âmbito escolar.

Palavras-chave: Violência; Estágio; Compreensão.

INTRODUÇÃO

A violência tem sido bastante discutida por diversos autores contemporâneos, sendo eles sociólogos, psiquiatras, filósofos, psicólogos etc. Não importa o lugar ou o momento, sempre aparecerão ações que ferem a integridade física e/ou mental das pessoas. A violência está presente em todos os lugares, nas famílias, nas ruas e até mesmo nas escolas. Observa-se a violência como sendo algo real em meio à sociedade, por isso é necessário definir princípios sobre violência e especificamente violência nas escolas que é o foco dessa pesquisa.

A definição de violência feita por Viana (2002) é apresentada de modo geral e será utilizada como compreensão desse conceito. Já as Autoras Pereira e Williams (2010) e Souza (2008) discutem alguns conceitos de violência nas escolas, suas causas e

³ Graduanda em História pela UEG (Universidade Estadual de Goiás) Bolsista CNPq/Capes/IF/.

⁴ Mestre em História pela PUC/GO. Professora de Estágio Supervisionado I da UEG (Universidade Estadual de Goiás) de Iporá.



consequências. Esses autores serão utilizados como fundamentação teórica do presente trabalho.

Destacam-se alguns questionamentos sobre violência, “[...] a) o que é a violência?; b) A questão da diversidade das formas de violência; [...]” (VIANA, 2002 p.111). Percebe-se que o autor expõe diversas formas de violência e suas inúmeras manifestações, sendo violência física, simbólica, sexual. Etc., ou seja, a violência pode variar dependendo do critério avaliado. Destaca-se a Violência contra a criança, contra a mulher, violência policial, violência estatal ou institucional, violência doméstica, violência revolucionária, violência reativa, violência vingativa, etc. São esses os tipos de violência realizados ou praticados pela sociedade. Constitui-se violência qualquer tipo de imposição de um sujeito ao outro que não seja da vontade do agredido.

Consideramos a violência como uma relação social. Trata-se de uma relação na qual algo é atingido por outra coisa. Assim a modificação interna de um ser não é expressão de violência, mas tão somente quando existe uma ação externa. (VIANA, 2002 p. 111-112)

Para uma definição dos conceitos de violência observa-se que qualquer modificação externa de um indivíduo provocado por outrem é uma atitude de violência. Acredita-se que a violência vai além de agressões físicas e verbais, chegando a ser violência à imposição de valores e pensamentos aos indivíduos opostos.

Essas atitudes conceituadas por Viana (2002) de violência se faz presente na escola, na medida em que ela é uma instituição social sendo um espaço carregado de relações interpessoais. Desse modo o que foi citado pelos alunos da escola campo, se relaciona com a definição do autor. Além das considerações dos alunos, foi observado durante o Estágio Supervisionado os comportamentos e atitudes de violência entre alunos e professores em ambas as escolas.

OBJETIVOS

O objetivo desse trabalho é discutir o conceito de violência dentro do espaço escolar e expor a compreensão dos alunos do primeiro ano do ensino médio da escola campo sobre as atitudes de violência. Tem-se como foco principal apresentar a violência



que os mesmos vivenciam no meio escolar, e as suas ideias em relação às consequências que a mesma traz aos alunos.

MATERIAIS E METODOS

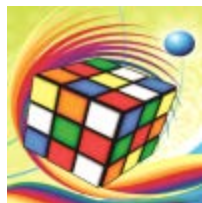
O resumo expandido tem como método a aplicação de uma redação aos alunos do primeiro ano do ensino médio da escola campo. Por meio dos textos escritos pelos alunos foi possível entender o que eles compreendem por violência escolar, como ela acontece, os motivos, as suas causas e consequências. Ao analisar a opinião dos alunos foi feita uma pesquisa bibliográfica com autores que tratam da temática, justamente para melhor fundamentar as ideias expostas pelos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir de uma análise bibliográfica destacam-se as autoras Pereira e Williams (2010) e Souza (2008). Acredita-se que dar uma única definição para o que seja violência escolar seria muito complicado, pelo fato de a violência se expressar de diversas maneiras e formas, ou seja, a violência causada na instituição escolar, ou a violência que acontecia fora do espaço escolar, mas que se iniciam na escola.

“Conhecer as múltiplas perspectivas de um fenômeno tão complexo como a violência escolar é importante, ainda que os estabelecimentos de um consenso entre todas as áreas de conhecimento que a investigue como a Psicologia, Sociologia, Antropologia, História, entre outras, seja difícil de ser alcançado. (PEREIRA E WILLIAMS, 2010 p. 46)

Observa-se que mesmo sendo algo obscuro de se definir é algo necessário, pois é a partir do que se encontra de mais comum ou mais presente entre essas ciências é que se apresentam medidas que amenizam esses atos, ou seja, é indispensável não descrever o que seja atualmente violência escolar.



Resumidamente, compreende que a violência escolar incorpora tanto a perspectiva mais explícita da violência, como agressão entre indivíduos, quanto à violência simbólica que ocorre por meio das regras, normas e hábitos culturais de uma sociedade desigual. (PEREIRA E WILLIAMS, 2010 p. 45)

De acordo com Pereira e Williams a escola é um lugar de socialização, pelo qual o aluno aprende como se portar na sociedade, é um espaço de aperfeiçoamento intelectual de cada indivíduo, por isso não deve ser um lugar repleto de violência.

A autora Souza (2008) aponta alguns comportamentos que geram a violência e as atitudes que os pais e professores devem ter em relação aos alunos. É necessário que tanto os pais quanto os educadores observem as diversas diferenciações comportamentais dos alunos, para que a partir da análise eles possam promover meios que amenizem a violência nas escolas.

[...] um olhar mais atento e observador, quanto aos comportamentos estudantis, suas manifestações e consequências no cotidiano escolar. Vítima da violência, a criança, além de reproduzi-la, pode reagir através de uma mudança brusca de comportamento. Falta de atenção, baixa auto-estima, variação de humor e agressividade são alguns sinais aos quais pais e educadores devem estar sempre atentos. (SOUZA, 2008.p.119)

Tem-se como foco estimular os educadores e os pais dos alunos a observarem e acompanharem os mesmos em sua vida estudantil, dar a atenção necessária às atividades que o filho desenvolve na escola, para que esses indivíduos não possam ser agressores ou vítimas de violência.[...] a falta de alguns fatores, como afeto, valores, e modelos positivos sociais, assim como o abandono e negligência por parte dos pais, podem contribuir para que crianças e adolescentes se tornem violentos. (MANGINI apud SOUZA, 2008, p. 121)

Ao fazer uma análise das redações dos alunos da escola campo, percebe-se que os mesmos descrevem sobre as causas e consequências da violência presenciada no colégio. Aluno (A) “Pra mim sempre vai haver violência nas escolas, pois sempre haverá alguém que será diferente das outras e essa pessoa será motivo de piada, chacota e agressão.” Acredita-se que esse aluno reconhece a violência contra diversidade. Em “[...] nossa sociedade há grupos que comumente são mais afetados por violência e violência



escolar, como termos ofensivos praticados a pessoas de etnia negra ou com menor status socioeconômico”. (PEREIRA E WILLIAMS, 2010 p. 49)

Aluno (B) “A violência verbal é amais comum das violências que ocorrem nas escolas, mas é sempre bom lembrar que esse tipo de violência ainda pode constranger um individuo e evoluindo para a violência física.” Observa-se que o aluno aponta que a violência verbal é a mais comum nas escolas. Acredita-se que ele considera a violência verbal como sendo menos grave do que a violência física, quando o ele afirma que “esse tipo de violência ainda pode constranger um individuo e *evoluindo* para a violência física.” [...] as formas psicológicas ocasionadas por ameaças, humilhações, intimidações, rejeição e desrespeito, nem sempre são percebidas e, muitas vezes, podem ser ainda mais graves. (SOUZA, 2008. p.120).

O aluno (C) reconhece a violência verbal como sendo algo sério e presente na escola ele escreve que “Toda violência é ruim, mas eu acho que a violência verbal mexe muito com o psicológico da pessoa”.

A aluna (D) reconhece que a violência prejudica o aprendizado dos alunos. Ela aponta que “A violência escolar é muito presente nos dias de hoje, as brigas que ocorrem nas escolas estão aumentando, dessa forma prejudicando o aprendizado”.

Observa-se que os alunos reconhecem os diversos tipos de violência, até mesmo a violência relacionada à diversidade, retratam que a violência é prejudicial ao aprendizado e que devem ser amenizadas em meio ao contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que a escola é um lugar carregado de relações sociais, “[...] a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar.” (PEREIRA E WILLIAMS, 2010 p. 49). Ficou entendido que a violência pode se expressar de diversas formas, ou seja, violência verbal, física, simbólica, estatal, sexual etc. Acredita-se que é necessário uma definição abrangente da violência escolar e discussões entre estudiosos sobre as causas e as consequências dessa violência na escola.



A escola é um lugar de humanização de indivíduos que estão se preparando para viverem em sociedade podendo contribuir com as suas habilidades intelectuais, ela deve ser um lugar de respeito e aceitação, ou seja, não deve ser um lugar carregado de violência.

REFERÊNCIAS

- PEREIRA, A. C. S. WILLIAMS, L. C. A. *Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente*. Ed. Temas em Psicologia, Vol. 18, 2010. Disponível em: <http://www.laprev.ufscar.br/documentos/arquivos/artigos/2010-stelko-pereira-e-williams.pdf> Acesso em: 16/10/2013.
- SOUZA, Mirian Rodrigues de. *Violência nas escolas: causas e consequências*. Ed. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação. Aparecida de Goiânia, 2008. Disponível em: <http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%84NCIA%20NAS%20ESCOLAS%20%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%84NCIAS> Acesso em: 16/10/2013.
- VIANA, Nildo. *Educação, cultura e sociedade abordagens críticas da escola*. In: *Violência e Escola*. Ed. Germinal. Goiânia-Go, 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/29844481/Educacao-Cultura-e-Sociedade-Abordagens-Criticas-da-Escola-Nildo-Viana-e-Renato-Vieira-orgs> Acesso em: 16/10/2013.



A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

ROSA, Pedro Claudio¹; MOREIRA, Maria G. de Almeida⁵

UEG – Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

radialistapedro@hotmail.com; maria.geralda@ueg.br

RESUMO: A educação é muito importante para a humanidade, pois é através dela que se alcança o progresso, seja para melhorar as relações humanas, como também para o domínio das tecnologias impostas, por uma sociedade sempre em transformação. Exigem-se cada vez mais cidadãos ousados e participativos e, para acompanhar esse desafio, professores mais capacitados. E para isso, é primordial a valorização da carreira do magistério, com professores bem formados e remunerados, motivados para conduzir as futuras gerações. Todas as pessoas, independente de raça, crença ou cor tem direito a educação, e a responsabilidade que garante essa formação com qualidade, atribui-se não somente ao estado, mas aos pais, família e a todos aqueles que acreditam que o caminho para um mundo com menos injustiças, faz-se através do processo educacional. Educação para todos, indistintamente, é garantia constitucional. O objetivo desse texto é ponderar sobre o papel da família e da escola no aprendizado dos alunos. A necessidade de superar tal situação motivada pela falta de informação foi constatada através da experiência no Estágio Supervisionado I, onde se percebeu as fragilidades e os desafios, bem como as possibilidades para a construção dessa parceria. Nortearam esse trabalho as discussões de autores como: Libâneo (2000); Alarcão (2001) e Brandão (1995).

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Família; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A partir do pressuposto de que, só a educação é capaz de propiciar uma vida melhor para todos preconizados, por grande parte das pessoas de nosso convívio social, entende-se que, os resultados educacionais devem ir além das notas obtidas pelos alunos, dos números almejados pelos governos, do emprego pretendido para quem está em sala de aula. Faz-se necessário repensar ou aperfeiçoar o modelo educacional atual, para que de fato, seja uma educação de qualidade para todos os interessados. Esse não é um desejo utópico, e mais que isso, deve ser uma luta constante de todos, para que esse direito nunca deixe de valer e que seja oferecido em sua complexidade. É um caminho de esforço, que deve ser percorrido em conjunto. Nessa tarefa todos são importantes,

⁵ Professora do Curso de História da UEG - UnU de Iporá. Orientadora do Estágio Supervisionado I.



pais, avós, professores, alunos, gestores. A contribuição de cada seguimento é imprescindível para as transformações necessárias à educação que se tem.

OBJETIVOS

Esse estudo objetiva analisar a importância da relação família e escola na educação das crianças, que essas instituições devem estimular e facilitar o ensino aprendizagem, propiciar a formação total do indivíduo. Mostrar também que, mais que uma obrigação constitucional, todo processo educacional envolve valores éticos e morais que o cidadão carregará por toda vida. Preocupar com formação das futuras gerações é cuidar para que o futuro da sociedade seja melhor.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho é baseado em leituras teóricas com análise do discurso, que nortearam a construção do texto de forma qualitativa e interpretativa; e nas observações do cotidiano escolar durante a realização do Estágio Supervisionado I. A convivência com professores e alunos no espaço escolar, o acompanhamento do dia a dia da escola - seja no acompanhamento das leituras realizadas pelos alunos (as), seja nas aulas ministradas pelo professor de História - possibilitou a formulação de diversos questionamentos, no sentido de compreender como família e escola contribuem para o aprendizado dos alunos (as). Nossa análise fundamenta-se em autores como: Libâneo (2000); Alarcão (2001) e Brandão (1995).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O resultado desse trabalho é fruto das reflexões alcançadas, a partir da experiência do Estágio Supervisionado I, realizado em escolas estaduais da cidade de Iporá, em Goiás, no ano 2013. A opção pela temática *Relação Família e Escola*, parte da constatação da necessidade de iniciativas, que visem melhorar a qualidade da educação formal e informal, fator primordial para a construção de uma sociedade mais



justa e fraterna, com cidadãos conscientes de seus deveres e direitos, o que certamente culminaria também, na diminuição da violência que impera em nosso país e nessa região Oeste de Goiás.

Libâneo ressalta a importância da escola para a melhoria das relações sociais de convivência. Para o autor

(...) a escola é uma instituição social com objetivos explícitos: o desenvolvimento das potencialidades dos alunos através de conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, valores), para constituírem-se em cidadãos participativos na sociedade em que vivem (LIBÂNEO, 2000, p. 62).

A sociedade atual enfrenta grandes e constantes desafios, que são impostos pelas transformações culturais e tecnológicas. O acesso rápido as informações, as dificuldades em lidar com o grande quantitativo destas, exigem respostas rápidas, que devem vir da sociedade em geral, mas, também da escola por ser um espaço de aprendizagem e construção de saberes.

Nesse contexto, a educação ocupa um lugar especial na vida das pessoas, e nessa tarefa de formar para cidadania, todos são verdadeiros colaboradores, cada um tem sua função, o Estado com o seu grupo gestor e políticas públicas, a família, a escola e todo o corpo administrativo, docente e discente. Mais uma vez, vale lembrar que essa é realmente uma tarefa conjunta. Para Libâneo “a luta contra a exclusão social e por uma sociedade justa, uma sociedade que inclua todos, passa pela escola e pelo trabalho dos professores” (LIBÂNEO, 2000, p. 29). Portanto, a ação do professor nesse processo é primordial e marcante, por isso, espera-se que ele tenha formação competente e necessária, para contribuir com ensino-aprendizagem. Que sua prática em sala, a avaliação continuada dessa prática, embasada no uso de diferentes metodologias e ainda, a inserção de conteúdos mais pertinentes à realidade escolar, entre tantas outras contribuições, sejam notórias na vida dos alunos. Conforme Alarcão, nesse contexto não é possível.

Conceber um professor que não se questione sobre as razões subjacentes às suas decisões educativas, que não se questione perante o insucesso de alguns alunos, que não faça dos seus planos de aula meras hipóteses de trabalho a confirmar ou infirmar no laboratório que é a sala de aula, que não leia criticamente os manuais ou as propostas didáticas que lhe são feitas, que não se



questione sobre as funções da escola e sobre se elas estão a ser realizadas (ALARCÃO 2001, p.5).

Essa responsabilidade não é somente do professor, o compromisso com a educação é também da escola e da família, porém o professor é a parte formal da escola e, portanto, o grande responsável por esse processo na vida dos alunos (as). De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96, capítulo III, art. 2005, a educação é responsabilidade da Família e do Estado. A Constituição Federal de 1988, art. 205 diz que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O Estatuto da Criança e adolescente (ECA), em seu artigo 19, diz que “toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”.

Embora seja legalmente reconhecida a importância da família na educação dos filhos, na maioria das vezes ela não cumpre com a sua função, e atribui essa ausência à falta de tempo. Brandão contesta isso, ao dizer que.

O descompromisso dos adultos para com a escola pública não é devido à falta de tempo. Muitos destes pais gastam o corpo, o tempo e o dinheiro por meses a fio nos preparos do “bloco do bairro”, ou da “escola de samba”. Eles fazem assim porque tratam a escola “do governo” como tratam as outras agências: o posto de saúde, a delegacia, a agência do bem estar social. Tratam como locais de emergência (BRANDÃO 1995, p.106).

Durante a realização do Estágio Supervisionado I, identificou-se algumas dessas situações-problemas. Acompanhando as leituras dos alunos da primeira fase do Ensino Fundamental, com idade entre 9 e 14 anos, percebeu-se diferenças no aprendizado. Ficou constatado que, os alunos com melhor desempenho foram àqueles cujos pais são mais atuantes. Do total de 22 alunos acompanhados, percebeu-se que apenas quatro (04) apresentaram bom desempenho na leitura e interpretação de texto, justamente os quatro (04) que informaram ter o acompanhamento dos pais em sua vida escolar.



Sobre os possíveis motivos da não participação dos pais na vida escolar dos filhos, identificou-se que, além dos fatores ressaltados acima por Brandão (1995), outros influenciam, dentre eles, a dificuldades com o conteúdo ministrado, não reconhecimento da importância da educação, excesso de trabalho e cansaço. No trabalho com os alunos percebeu-se ainda que, os pais não tem o hábito da leitura, alguns foram identificados pelos filhos como analfabetos, logo, não tem um acompanhamento sistemático das atividades escolares dos filhos. Estes, em sua maioria, são muito ocupados com os afazeres diários, sem tempo sequer, para o diálogo em casa, quanto menos para discutir à rotina escolar.

Com relação aos alunos mais familiarizados com a leitura, percebeu-se que pertencem a grupos familiares mais interessados, e os pais que possuem o hábito da leitura leem preferencialmente a Bíblia. Apesar de a maioria dos pais ou responsáveis que leem não conhecerem outras literaturas, além da bíblica, essa leitura os permite ajudar os filhos.

Com base nas leituras realizadas e no acompanhamento dos alunos (as), constatou-se a necessidade urgente da aproximação família e escola, tanto para cumprir a lei quanto para melhorar o ensino-aprendizagem dos alunos (as).

Durante a realização do Estágio ficou perceptível algumas iniciativas por parte da escola, para realizar essa aproximação com a família, sendo que, algumas destas apresentam resultados positivos. A escola campo do Estágio Supervisionado I, geralmente convida os pais/responsáveis, inclusive fora do horário de aula e nas reuniões agendadas para que estes possam participar da vida escolar das crianças. Outra iniciativa, por parte dos educadores, que tem contribuído para a melhoria dessa relação e do aprendizado é o projeto *Pai Professor, Mãe Professora*. O projeto incentiva os pais/responsáveis a acompanharem os filhos em casa, e como parte do acompanhamento produzem um relatório que é entregue aos professores. Outra atividade da escola que conta com a participação dos pais/responsáveis é o Conselho Escolar. A cada mês, ou se necessário outras vezes, acontece à reunião do Conselho Escolar com a participação de um bom número de pais que ajudam a escola no controle, nos gastos e na prestação de contas das verbas recebidas.



A escola tem buscado alternativas para que aconteça maior integração entre família e escola, e isso fica evidente nas ações desenvolvidas por professores e gestores da escola campo do Estágio Supervisionado I, o que tem repercutido positivamente no aprendizado.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A aproximação da família com a escola e da escola com a família é urgente. Do lado da família, percebe-se que falta interesse, querem depositar o filho na escola e recebê-lo pronto. Da parte escolar, existe o trabalho para o cumprimento das metas, preenchimento de formulários e, muitas vezes esquece-se da pessoa, a dialética para a interação não acontece. Com o avanço das tecnologias e com a secularização, as relações tornam-se mais técnicas e sem conteúdo afetivo. É preciso mudar, é preciso humanizar as relações, dar um novo norte ao mundo a partir da educação, e nesse processo a cooperação entre família e escola é fundamental.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. (2001). Professor-investigador In: Bártolo Paiva Campos (Org.), **Formação profissional de professores no ensino superior**. (Vol. 1, pp. 21-31). Porto: Porto Editora. [disponível no site: <http://www.inafop.pt/revista>] Acessado em 17 de outubro de 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 33.^a ed. – São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1988.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1990.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DF: Senado Federal, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. Goiânia: Autor, 2000.



DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NO CHÃO DAS ESCOLAS: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

BARBOSA, Wilton de Oliveira¹; FREITAS, Madalena Dias Silva²
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE DE IPORÁ

¹wilthoroliver@hotmail.com; ²maueg.puc@gmail.com

RESUMO: Levando em consideração a importância do Estágio Supervisionado na formação inicial do professor e prezando por uma educação anti-racista, o presente texto tem por objetivo discutir a questão da diversidade étnico-racial no chão das escolas. Uma proposta realizada e observada nas escolas em que se desenvolveram a prática do Estágio Supervisionado I. A presente observação foi desenvolvida com o intuito de estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças étnicas. Apesar de que discutir diversidade é estabelecer um diálogo entre pessoas negras, brancas e indígenas acima de conceitos/ideologias eurocêntricas, a nossa pesquisa está voltada ao segmento negro por estar mais presente na cidade de Iporá-Go. Situação essa em que aponta para a necessidade de repensar a estrutura, os currículos, os tempos e os espaços escolares.

Palavras-chave: Educação, Diversidade, Estágio.

INTRODUÇÃO

Levando em consideração a importância do Estágio Supervisionado I na formação inicial do professor e prezando por uma educação anti-racista, tem-se por necessidade, abordar a questão da diversidade étnico-racial vivenciadas no chão das escolas campo. Ou seja, trabalhar a diversidade nos espaços educacionais. Embora, isso signifique fazer um estudo das relações entre as pessoas negras, brancas e indígenas, pretende-se abordar a situação dos negros ou segmentos negros presente na sociedade, situação essa mais presente no Estágio Supervisionado I.

Percebe-se uma das maiores dificuldades enfrentadas pela educação é a questão da diversidade étnico-racial no espaço escolar, no chão - espaço interno - das escolas. Pois, mesmo com a criação das Leis 10.639/2003, 11.645/2008 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, os professores encontram dificuldades na realização do diálogo étnico-racial por causa do currículo tradicional. Contudo, “(...) a construção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito à diferença, e isso inclui as diferenças raciais”. (GOMES, 2001:87) Ou seja, a escola ou o professor deve e pode



trabalhar nos estabelecimentos de educação a questão das diferenças étnico-raciais propondo a garantia do direito a igualdade e a dignidade.

Todavia, as escolas públicas têm servido como reprodutoras de ideologias ou de conceitos que não garantem a prática da diversidade étnico-racial. Segundo Cavalleiro:

(...) o sistema educacional brasileiro, da mesma forma que as demais instituições sociais, estão repletas de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que gesta, em muitos momentos, um cotidiano escolar prejudicial para o desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes, em especial as consideradas negras (...). (CAVALLEIRO, 2005:68)

E de acordo com afirmação e experiência vivida por Rossato, as diferenças raciais e sociais eram reproduzidas na própria sala de aula. Pois, na escola:

Os alunos, geralmente os então chamados “cablocos”, eram discriminados pela própria professora e pelos colegas brancos. Eles eram considerados alunos “atrasados” porque com frequência apresentavam dificuldades de aprendizagem, e muito pouco ou nada era feito para ajudá-los na superação de suas dificuldades. Em contrapartida, os alunos de pele branca em geral eram considerados bons alunos e, por consequência, eram presenteados no final do ano letivo de acordo com o ranking de primeiro, segundo e terceiro lugar da classe. (ROSSATO E GESSER, 2001:19)

Assim, a questão da diversidade étnico-racial no chão das escolas tem sido experiências ocultas no sentido em que pouca coisa está sendo feita para acabar com o racismo, preconceito e a discriminação. Pois, determinados projetos políticos pedagógicos ainda contemplam a prática da negação da identidade dos alunos negros e na manutenção dos estereótipos étnicos. Portanto, diversidade étnico-racial é a garantia e a promoção do conhecimento de si mesmo, no encontro com o “outro”, com o “diferente”. Isso significa, sem dúvidas, estabelecer um diálogo entre pessoas negras, brancas e indígenas acima de conceitos/ideologias eurocêntricas. Desta feita, o presente trabalho visa abordar a questão da diversidade étnico-racial nos chão das escolas por meio de experiência vivenciada no Estágio Supervisionado I.

OBJETIVOS



Tem-se por objetivo analisar as diferenças étnico-raciais que ao longo do processo histórico foram camufladas no chão das escolas, gerando o racismo, preconceito e a discriminação. Todavia, demonstrar também, a preocupação de como estão sendo formados os professores para a diversidade étnico-racial e de como combater as desigualdades sociais pelo viés da educação.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram realizadas pesquisas às fontes bibliográficas e a observação no Estágio Supervisionado I. Nesse sentido, foram observadas as seguintes instituições de ensino público: a Escola Estadual Vereador Antônio Laurindo e o Colégio Estadual Ariston Gomes da Silva, ambas situadas no município de Iporá-Go.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pôde-se observar como suporte para o nosso trabalho a seguinte afirmação relacionada ao tema escolhido: “Educação, cidadania, etnia e raça mantém entre si uma relação complexa”. (GOMES, 2001:83) Pois, tais complexidades estão envolvidas em aspectos muito mais profundo na nossa sociedade, a começar pela suposta “democracia racial”. Segundo Cavalleiro:

Essa ideologia, embora se tenha fundamentado nos primórdios da colonização e tenha servido para proporcionar a toda sociedade brasileira o orgulho de ser visto como sociedade pacífica persiste fortemente na atualidade, mantendo os conflitos étnicos fora do palco das discussões. (CAVALLEIRO, 2003:28-29)

Então para tal afirmação podemos dizer que “todos nós sabemos que a educação é um direito social” (GOMES 2001:84) E nessa perspectiva, pode-se observar que na Escola Estadual Vereador Antônio Laurindo e no Colégio Estadual Ariston Gomes Silva, o uso dos conceitos têm sido trabalhado de forma em que a diversidade étnico-racial não seja questões ocultas. Tudo para que garanta uma melhor percepção dos alunos em apreender a viver com a “diferença” e/ou com o “outro”. Mesmo com essa realidade, ainda tem-se a dificuldade de incluir o assunto no currículo cotidiano. Porém, as escolas têm demonstrado interesse em trabalhar com a diversidade étnico-racial, sendo possível seu desenvolvimento por meio de projetos. Inclusive,



foi tema dos projetos de intervenção do Estágio Supervisionado atendendo ao pedido da escola campo. Além da prática do Estágio foi possível ampliar a observação como aluno monitor do PIBID⁶ em que a pedido da escola foi desenvolvido a temática sobre as questões indígena no Brasil. Somando-se mais uma oportunidade de observar o tema proposto do trabalho nas escolas campo.

Tais dificuldades também podem ser atribuídas a ausência de política de formação continuada de professores para atender o que é proposto nas leis. Justamente por ser uma relação complexa na sociedade atual e que boa parte dos professores está sendo “degolado” pelo sistema e posteriormente pelo currículo tradicional. Significando que, por mais que os professores tenham a vontade de buscar uma formação voltada para o assunto da diversidade étnico-racial, os mesmos estão abarrotados de compromisso da escola em que estão lotados. Por outro lado, os alunos, principalmente os alunos negros, parecem ter vergonha ou medo de serem hostilizados quando trata do assunto sobre racismo, preconceito e discriminação. Ou seja, foram notadas certas dificuldades que se tem de tocar no assunto. Se falar sobre racismo contra os negros, notamos certos desconfortos. E se é em relação ao índio, notamos o descaso. Porém, entendemos que tudo isso está ligado a ideia de dominação político-social-cultural da sociedade brasileira. Segundo Gomes:

O aprofundamento dessas questões aponta para a necessidade de repensar a estrutura, os currículos, os tempos e os espaços escolares. É preciso considerar que a escola brasileira, com sua estrutura rígida, encontra-se inadequada à população negra e pobre deste país. (GOMES, 2001:85-86)

Assim, propomos como resultados e discussões um novo olhar para a questão da diversidade étnico-racial nas escolas. Uma proposta que possa estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças alheias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência nas escolas campo foi de extrema importância para a produção desse texto, pois possibilitou compreender como as relações racistas são entendidas nesses espaços. Foi

⁶ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Subprojeto de História, UEG – IPORÁ.



possível também, entender a grande necessidade de repensar e aplicar um novo olhar sobre a educação e, principalmente sobre as pessoas negras. Uma tarefa que não é fácil, porém, não é impossível.

Desta forma, “a escola pode trabalhar conceitos de igualdade de tratamento e de oportunidades”. (FREITAS E SANTOS, 2012:110) Ou seja, prezar por uma educação igualitária e de muitas oportunidades é abrir as portas para o diálogo com o “outro”, com o “diferente”. Todavia, o diálogo étnico-racial deve ir além dos espaços escolar, deve estar presente em todas as instituições da sociedade.

Assim, o estágio proporcionou a oportunidade de conhecer e encarar a realidade das escolas públicas. O que acabou também por oferecer importantes subsídios para formação inicial do professor.

REFERÊNCIAS

- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo**. Brasília: Secad/MEC, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o tratado pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.) *Racismo e anti-racismo na educação – repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.
- ROSSATO, Cesar, GESSER, Verônica. **A experiência da branquitude diante de conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunienses**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.) *Racismo e anti-racismo na educação – repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.
- SANTOS, Isabel Aparecida. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.) *Racismo e anti-racismo na educação – repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.
- FREITAS, Madalena D. Silva, SANTOS, Camila de Melo. **Manifestações e resistências: cultura e identidade dos negros no Brasil**. In: REIMER, Haroldo. SILVEIRA, João Paulo. PROTO, Leonardo V. Parreira. (orgs) *Primeiros diálogos: uma introdução à reflexão histórica*. São Leopoldo: Oikos, 2012.



ESCOLA CAMPO

SOUSA, Valdinéia de Oliveira¹; DIAS, Madalena Freitas²

Universidade Estadual de Goiás

¹val_huelber@hotmail.com; ²maueg.puc@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é uma das ações do Estágio Supervisionado I, que visou à produção do resumo expandido, onde propôs fazer uma relação das observações realizada na escola campo, com as fundamentações teóricas dos autores, Barreto (2006), Lima (2006), Nascimento (2006), Trindade (2002) e Fernandes (2005), que discutem o ensino de História e a diversidade multirracial no espaço educacional. O mesmo teve por finalidade fazer uma reflexão sobre as representações dos negros que perpetuam na historiografia de maneira estereotipada. Partindo das experiências do Estágio Supervisionado, a proposta é mostrar a importância que o ensino de História tem para desconstruir conceitos pejorativos construído contra a população negra.

Palavras - Chave: Ensino de História; Estereótipos; Diversidade multirracial.

INTRODUÇÃO

O presente texto propõe discutir o ensino de História e a diversidade multirracial na educação, por meio de leituras teóricas e de experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado nas escolas campo. A temática decorreu após ter auxiliado os alunos do ensino fundamental da Escola Vereador Antônio Laurindo a responder o questionário preparativo para fazer leitura do livro Tosco⁷, sobre quais violências faziam parte do cotidiano do aluno, nesta foi evidenciado que a mais frequente era realizada verbalmente e destas estava incluída -às vezes de forma inconsciente da intensidade do ato- a de preconceito de cor, o que se tornava necessário que a temática racial fosse trabalhada mais frequentemente. E para esta conscientização o ensino de história tornava a principal instrumentalização do educador.

Dantado papel que a disciplina de história desenvolve na formação individual dos estudantes, partindo de conceitos que contribui com o aluno na compreensão dos sujeitos históricos, e da discussão sobre a diversidade multirracial que trabalha a pluralidade racial. A pesquisa visa mostrar a importância que ambas as

⁷ O livro Tosco é um projeto contra o bullying e a violência nas escolas proposto pela Secretaria da Educação do Estado de Goiás.



abordagens desenvolvem no processo de ensino/aprendizagem, trabalhando a desenvoltura do estudo da temática relacionado-as.

Para compreensão dos sujeitos da pesquisa nosso estudo teve como embasamentos teóricos Barreto (2006), Lima (2006) e Nascimento (2006) que trabalharam com experiências acerca do estudo racial, por meio de projetos desenvolvidos voltados para a área educacional e cidadania para jovens negros de Salvador. Outros, como Trindade (2002), que aponta a importância do espaço escolar para trabalhar a temática como fator essencial na sociedade brasileira e Fernandes (2005) que trabalha o Brasil como “culturas brasileiras” já que o país é formado por uma diversidade cultural e a importância do estudo de História para esta conscientização.

Autores como Menegolla (2012), afirma que por meio dos currículos que norteia a disciplina de História, esta tem o poder de construir representações sociais, e o professor da disciplina se torna responsável em mediar os conhecimentos que por ela são construídos. Isso pode ser constatado por Selbach: “Todo professor é, em essência, um educador, é um arquiteto do amanhã que, se recusar a ajudar o aluno na identificação de valores, estará deixando de cumprir sua razão ética ao ensinar” (SELBACH, 2010, p. 96). Sendo assim, o professor deve estar atento para contribuir com os alunos na construção dos conhecimentos históricos necessários que corresponda aos três fatores essenciais na formação que constitui o indivíduo como sua identidade individual, o pensamento político, social e econômico.

MATERIAIS E MÉTODOS

A observação de como o ensino de história trata as questões multiculturais foi desenvolvido na escola campo pelas atividades do Estágio Supervisionado I, por meio das observações nas aulas do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio na disciplina de história e com o projeto de intervenção sobre História e a diversidade cultural realizado na escola de ensino fundamental, momentos esses que



proporcionou espaço para uma análise mais conclusiva da necessidade de inserção de temas que atenda a diversidade multirracial na educação.

Além da experiência do Estágio utilizou-se estudo dos autores supracitados que analisam como as escolas têm e devem trabalhar para atender a diversidade étnica e cultural. Uma vez que as escolas precisam organizar para atender uma necessidade social, que inclusive esta na Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da História da África e da cultura Afro-brasileira visando ressignificar os conceitos sobre a sociedade brasileira que tem privilegiado as elites brancas ao longo da história da Educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência no Estágio Supervisionado I foi realizada nas Escolas Estaduais, Vereador Antônio Laurindo que atende crianças e adolescentes do ensino fundamental do 6º ao 9º ano. E o Colégio Estadual Ariston Gomes, com alunos do Ensino Fundamental e Médio do 1º ao 3º ano. O mesmo foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira uma análise da infra-estrutura das escolas, dos documentos (Projeto Político Pedagógico, Regimento Escolar, Plano de Desenvolvimento da Escola), e a segunda pelo acompanhamento dos alunos (no recreio, nas correções das atividades e em sala de aula de caráter semi-regencial⁸). A pesquisa concentrou-se na Escola Vereador Antônio Laurindo. Uma escola que atende uma clientela socialmente carente. Com certos problemas de infra-estrutura⁹. Foram notados outros problemas que caracteriza a realidade da escola como questões.

Sobre as dificuldades da escola pesquisada foram evidenciadas alguns problemas através dos diálogos com os professores, com relação aos métodos que o auxiliem nas aulas de História, que possa produzir aulas dinâmicas que proporcionem a percepção do fazer histórico na compreensão dos sujeitos históricos e seus contextos e

⁸Fase do Estágio Supervisionado que compreende as observações da escola campo, na estrutura física, documental e acompanhamento do professor(a) regente na sala de aula e correções de atividades.

⁹ Os tamanhos das salas não são eficientes para a quantidade de alunos, a biblioteca não tem sala própria, banheiros inadequados, a quadra de esporte encontra-se danificada além de outros problemas.



das influências do passado nas conjunturas contemporâneas por meio dos olhares eurocêntricos, causa esta responsável para o desenvolvimento do tema proposto.

Perante a importância que o professor desenvolve como mediador de saberes e experiências, na relação do ensino /aprendizagem, são relevantes à discussão de temas que orientaram os alunos a refletirem sobre práticas racistas, preconceituosas e discriminatórias. Dentro dessa abordagem fazem presentes às temáticas, sobre desigualdades raciais e de preconceitos de cor.

Autores como Barreto(2006), Lima(2006) e Nascimento(2006) trazem à discussão da importância de se trabalhar a diversidade cultural, e como ensino de História proporciona para esta reflexão. Dentro desta perspectiva os autores trabalham sua obra descrevendo-as através do projeto¹⁰.

Trindade (2002) afirma que nas aulas de História pode estar presentes as discussões sobre a diversidade cultural em todos os conteúdos, desse modo a temática pode ser incluída do período colonial ao Brasil contemporâneo, uma vez que essas temáticas estimulam a valorização e o respeito à diversidade, podendo desconstruir estereótipos que estão arraigados na memória social.

A historiografia também por sua vez, deixa a desejar quando se refere à temática racial, carregada de ideologias racistas e pejorativas que fazem dos sujeitos de cor ser “esquecidos” ou serem tratados de forma estereotipada. Cabe assim, a educação contribuir para ressignificar as ideologias e conceitos carregados de preconceito e discriminação contra os negros e outras “minorias”.

Fernandes (2005) ao trabalhar o multiculturalismo defende a ideia de que o Brasil deveria ser conhecido como “culturas brasileiras” já que o país se constitui por uma pluralidade cultural étnica, como o negro e o índio. O autor ainda ressalta que apesar desta formação histórica social, as escolas ainda não estão capacitadas para lidar com a temática. Contudo, o autor ainda aponta o papel que o espaço escolar representa na construção ideológica dos estudantes em relação aos seus valores, e que o ensino de História se torna a instrumentalização propícia para ser discutida e pontuada a temática, ao descrever: Somente o conhecimento da história da África e do negro poderá

¹⁰Projeto CEAfro/CEAO, da Universidade Federal da Bahia, direcionada para a educação e cidadania de jovens e adolescentes negros da cidade de Salvador.



contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro (Fernandes, 2005).

Estas concepções foram reafirmadas por meio das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado I, na observação em sala de aula de ambas as escolas campo, quando o professor trabalha, e a forma que trabalha a temática, a qual ao usar os materiais que são carregados de estereótipos como o livro didático, o professor discute a problemática frisando os pontos positivos, onde contribui no conhecimento sobre a valorização da sociedade negra. Também contribuiu para a pesquisa, o projeto de intervenção realizado na escola campo Antonio Laurindo, que propunha provocar no alunado a reflexão sobre a diversidade cultural, estimulando-os o respeito e a valorização das pluralidades culturais. Para realização dessa proposta foi trabalhado com as turmas do sexto ao nono anos, ou seja, com alunos de faixa etária aproximadamente dos dez a dezesseis anos, o filme “Kiriku e a Feiticeira”, com montagem de animação retratava uma lenda africana que tem um herói negro, o mesmo foi seguido por debates que favoreceu aos alunos uma análise crítica da mensagem do filme. Posteriormente foi realizado gincanas com perguntas e discussões acerca da temática.

Esse tipo de projeto favorece o trabalho pedagógico sobre a pluralidade racial e étnica na historiografia brasileira, uma vez que a Lei 10.639/03 reforça e se torna obrigatoriedade a discussão da cultura afro-brasileira nos currículos educacionais do ensino de história. Desta forma cabe a cada educador buscar formas de se trabalhar a temática e estar sempre aberto a novos conhecimentos, assim como ficar atentos por uma formação continuada, na finalidade de uma educação mais qualificada e conscientizada da diversidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proporcionou a compreensão que o fazer histórico está ligada a formação não apenas intelectual do alunado, mas como cidadão, ou seja, além da preparação intelectual o educador deve-se auxiliar o aluno na sua formação social, de



forma crítica e seus valores, e que a escola se torna o espaço propício para auxiliar na desconstrução dos estereótipos na educação. No desenvolver do ensaio proposto, foi relevante a essencialidade que o ensino de História tem na formação individual dos estudantes, partindo de nossa discussão de contribuir com alunos sobre os valores morais e éticos e sociológicos.

As conclusões deste estudo evidenciaram a importância do ensino de história para compreender as questões referentes à diversidade multirracial contribuindo para a formação de uma consciência crítica capaz de refletir e criar meios para coibir as práticas discriminatórias presente na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Vanda Sá. **Escola Plural e Políticas Públicas**. Escola Plural: a diversidade está na sala. 2006.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino De História E Diversidade Cultural: Desafios e possibilidades**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado em 14/10/2013.

LIMA, Maria Nazaré. **Por Que e Como Formar professores no projeto**. Escola Plural: a diversidade está na sala. 2006

NASCIMENTO, Valdecir Pedreira. **Pressupostos Básicos da Formação de Professores no Projeto**. Escola Plural: a diversidade está na sala. 2006.

TRINDADE, Rafael dos Santos Loretto. **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SELBACH, Simone. **História e Didática**. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro. 2010



ESCOLA E FAMÍLIA: PARCEIRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO

SILVA, Denise Gouveia¹; MOREIRA, M.G.de Almeida²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹denise_gouveiaa@hotmail.com; ²maria.geralda@ueg.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância da participação dos pais no processo de aprendizagem do aluno. Escola e Família devem ser parceiras, pois ambas são uma rede de apoio para a criança, devem caminhar juntas com um mesmo propósito, que é o sucesso escolar do aluno. Assim, se escola/família se preocuparem com o aprendizado do aluno, os benefícios para estes são inestimáveis. Uma vez que, a escola pode oferecer aos pais caminhos para eles estarem presentes na vida escolar de seus filhos, auxiliando no que podem. Para a produção deste trabalho foram realizadas leituras teóricas para compreender o papel da família e da escola no aprendizado dos alunos. Foi realizada, ainda, observação do cotidiano escolar, durante a realização do Estágio Supervisionado I, sendo nossa análise norteadas pelos textos lidos.

Palavras-chave: Escola; Família; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Escola e família são dois contextos fundamentais para a vida do ser humano, principalmente para a criança, pois está em fase de desenvolvimento e descobrimento do mundo. A família é o primeiro grupo com o qual a criança aprende a conviver e socializar, logo a integração entre todos os componentes da família contribui para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e conviva bem com as demais pessoas, ou seja, se existe uma boa conexão entre os sujeitos pertencentes ao núcleo familiar isso pode contribuir para que a criança tenha uma relação agradável com as demais pessoas. Já em uma família desestruturada a criança pode desenvolver um sentimento oposto e apresentar problemas de socialização e dificuldades de aprendizagem na escola. Logo, se compreende que a criança é o reflexo da sua família e das relações estabelecidas nesse núcleo familiar, seja ela tradicional ou não. Aqui usaremos o termo família para se referir não somente ao modelo tradicional de família, mas a todos os tipos que tenham como objetivo o estabelecimento de laços afetivos, a convivência e o cuidado.



Assim, é no âmbito familiar que a criança aprende a resolver conflitos, porque as figuras responsáveis paternas, maternas ou outras exercem influência sobre as crianças, suas opiniões e conceitos. Logo, a família é encarada como a matriz do desenvolvimento do ser humano, e o principal instrumento que a família pode usar com a criança é o diálogo, contribuindo com a formação de princípios éticos para serem exercidos na sociedade, (Soares, s/d p.5).

Na escola se faz necessário uma continuidade na construção destes princípios. Escola e família devem ser parceiras neste processo de educar a criança, e não uma intervir na função da outra. Isto porque de nada adianta que a instituição escolar tenha um bom planejamento educacional, se em casa a criança não tem o apoio da família para a aprendizagem, não tem um amparo, uma continuação destes aprendizados, enfatiza Dessen/Polonia (2005, p.305).

O problema da interação entre ambas não está nos pais e nem na escola, nenhum deles deve carregar esta culpa, este problema sozinho, o problema é de ambos. Os pais por sua vez não conseguem interagir com a escola, seja por falta de tempo, por não saber o que fazer e por desconhecer a importância de sua participação na escola. A escola muitas das vezes tem dificuldade em evidenciar para os pais a importância deles na escola para o aprendizado dos filhos. A escola por ser uma instituição que conta com profissionais precisa dar o primeiro passo para esta aproximação. De acordo com Vasconcelos (1989) a escola pode incentivar os pais a participarem da vida escolar efetivamente com seus conhecimentos.

A escola possui uma diversidade de atividades que em sua maioria comportam a participação de pais tais como o “(Conselho de escola, Associações de Pais e Mestres, reuniões, grupos de mães, grupos de reflexão, acompanhamento de alunos, reforço escolar, etc.)” (VASCONCELOS, 1989, p. 128). Assim os profissionais pais podem colocar suas especialidades a serviço da escola, ex.; pais médicos, professores, pedreiros, marceneiros, esportistas, artistas, psicólogos, advogados, nutricionistas, dentistas, engenheiros, eletricitas, encanadores, pintores. Assim, trazendo para a realidade da Escola Campo de Estágio, os pais sejam em quais profissões trabalharem a contribuição deles na escola sempre será bem aceita.



A partir do momento que a escola vê nos pais seus parceiros, reconhece a importância deles na escola, as chances de um bom desenvolvimento e aprendizado dos alunos são bem maiores, uma vez que, a escola pode auxiliar na formação dos pais.

De acordo com Soares (s/d p. 19) “é de suma importância a família participar do mundo escolar da criança, apesar de seus compromissos profissionais”, assim a escola pode organizar-se de forma a terem dias específicos e fixos para desenvolver atividades que envolvam os pais e ou responsáveis, onde estes possam executar atividades escolares, em reuniões ou gincanas, contribuindo assim de forma direta ou indireta, com a escola e com o aprendizado das crianças.

Famílias conscientes do seu papel estimulam em casa os filhos a criarem hábitos de leitura e escrita, reforçando o aprendizado que eles adquirem na escola. O simples gesto de sentar com os filhos e ajudá-los nas tarefas de casa faz com que, estes sintam valorizados, engrandecidos. Este gesto incentiva a criança que passa a se esforçar mais na escola, para que seus pais se sintam orgulhosos dele.

Tendo como base as reflexões sobre a importância da parceria entre escola e família no aprendizado é que analisamos as experiências adquiridas com a realização do Estágio Supervisionado I.

OBJETIVOS

O presente trabalho busca analisar a importância da participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e como uma boa interação entre pais e professores resulta no sucesso escolar da criança.

MATERIAIS E METODOS

Para a produção deste trabalho foram realizadas leituras teóricas para compreender o papel da família e da escola no aprendizado dos alunos. Foi realizada, ainda, observação do cotidiano escolar, durante a realização do Estágio Supervisionado I, sendo nossa análise norteadas pelos textos lidos.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período de realização do Estágio Supervisionado I foi feito acompanhamento das atividades desenvolvidas na escola, na primeira fase do Ensino Fundamental onde em um primeiro momento auxiliamos os professores na sala de aula, tomando leitura dos alunos, ajudando em atividades, eventos festivos, entre outros.

A partir da vivência do cotidiano da escola campo durante o Estágio percebemos que: pais e/ou responsáveis que participam da vida escolar dos filhos, acompanhando em casa; pais e/ou responsáveis que estão presentes na escola, os filhos tem bons rendimentos, aprendem mais e melhor. Tal constatação observada durante o acompanhamento direto dos alunos quando estes mesmos nos relatavam sobre a participação ou não dos pais e/ou responsáveis em suas atividades escolares. Por outro lado as crianças que não tem esse acompanhamento apresentam dificuldades de aprendizagem. Além da questão do acompanhamento dos pais, outro fator identificado durante o acompanhamento dos alunos que interfere no aprendizado está ligado a problemas domésticos, ou seja, ao núcleo familiar.

Identificamos que os alunos com problemas em casa, como pais que brigam muito, que tem algum tipo de vício, que são violentos, apresentam dificuldades de aprendizagem, de leitura e de socialização com as outras crianças, entre outros aspectos. Assim, consideramos que o aluno com dificuldades na sala de aula certamente enfrenta problemas em casa e os pais são ausentes tanto a escola como da vida escolar dos filhos em geral. Por outro lado, os alunos que contam com pais e/ou responsáveis presentes na sua vida escolar apresentam desenvoltura nas relações sociais e aprendizagem diferenciada.

Foi possível uma observação também de que, os professores estão sobrecarregados na sala de aula, essa situação se complica ainda mais em função de muitos pais não se preocupam com a vida escolar de seus filhos e considerarem que a responsabilidade de educar é toda da escola e dos professores, enquanto a real função da



escola é diferente da família, “uma vez que é papel da primeira, investir em atividades formais e informais de aprendizagem”, como mostra Dessen/Polonia (2007, p.29).

Com base nas leituras realizadas percebeu-se que na escola, os professores devem estar sempre preocupados em buscar alternativa para a participação dos pais nas atividades escolares. Porém na escola campo do Estágio no que foi possível observar a escola reconhece a importância desta parceria conforme propõe Soares (s/d), realizam atividades e ações para que os pais possam estar na escola, oferecendo horários flexíveis, fazendo com que este possa estar presente na vida escolar de seu filho, como o Projeto Pai Professor/Mãe Professora, onde os pais mensalmente enviam relatórios para escola informando o rendimento do seu filho em casa em relação aos estudos, logo, isto contribui para a interação entre pais/professores. De acordo a própria escola foi comprovado que este simples ato dos pais resulta em melhor rendimento dos alunos. No entanto, nem todos os pais estão preparados para desenvolver tal atividade, uma vez que há necessidade de um avanço neste aspecto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas da importância da participação dos pais na vida escolar de seus filhos. Os benefícios são inúmeros e o rendimento escolar é perceptível. Na escola deveria existir uma continuação dos aprendizados adquiridos em casa ambas deveriam não só dialogar, mas interagir.

Na escola campo de Estágio, foi possível observar que os pais que sempre estão na escola, os filhos têm rendimentos escolares melhores, o oposto daqueles alunos cujos pais, que por algum motivo não estão presentes, apresentando a criança dificuldades de aprendizagem e interação com os demais.

REFERÊNCIAS

CASARIN, Nelson Eliton Fonseca e RAMOS, Maria Beatriz Jacques. *Família e aprendizagem escolar*. Rev. Psicopedagogia. [online]. 2007, vol.24, n.74, PP.182-201.



Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v24n74/v24n74a09.pdf>. Acesso em: 15.08.2013.

LEITE, Eliane Gonçalves e GOMES, Haydê Morgana Gonzaga. O Papel da Família e da Escola na Aprendizagem Escolar. Anais do *Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade SENAC*. Disponível em: http://www.pe.senac.br/ascom/faculdade/edital/IIEncontro/cd/O_PAPEL_DA_FAMILIA.pdf. Acesso em: 15.08.2013.

POLONIA, Ana da Costa e DESSEN, Maria Auxiliadora. *A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano*. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em: 15.08.2013.

POLONIA, Ana da Costa e DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Rev. Psicologia Escolar e Educacional*, V. 9, N.2, PP. 303-312, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>. Acesso em: 15.08.2013.

SOARES, Jiane Martins. Família e escola: parceiras no processo educacional da criança. Disponível em: <http://planetaeducacao.com.br/portal/imagens/artigos/educacaoetecnologia/ARTIGO-FAMILIA-ESCOLA-.pdf>. Acesso em: 15.08.2013.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 7. Ed. São Paulo: Libertad, 1989.



O ENSINO DE HISTÓRIA: E A INTEGRAÇÃO COM AS MÍDIAS E TECNOLOGIAS

SOUSA, Kaique Alves de²
Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá
²kaique.historia@gmail.com

Resumo: Partindo das leituras de SANTOS (2009), LIBÂNEO (2010) e SILVA & FONSECA (2012), o presente artigo visa ressaltar a expectativa enquanto professor em formação, cursando o segundo ano de licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá, a inserir no âmbito do Estágio Supervisionado, implicado por algumas questões moduladoras: qual o papel da tecnologia na educação? Quais os desafios atuais da História enquanto disciplina, considerando as mídias e tecnologias? O desafio de integrar as novas tecnologias ao processo educacional foi vencido? E quanto ao abismo digital? Acreditamos que, ao passar por esse período, surgem os questionamentos anteriores, essenciais para o entendimento da problematização do ensino de História e sua prática no século XXI. Partindo deste pressuposto, compete ao artigo, trazer algumas perspectivas de alguns estudiosos sobre a prática do ensino no âmbito escola. Proporcionando uma reflexão das metodologias e a forma como a disciplina é trabalhada na interação com as Tecnologias da informação e comunicação (TIC), além da receptividade por parte dos alunos dos recursos digitais. Sendo que para muitos estudiosos o processo de inserção das tecnologias no meio escolar deve ser trabalhado, desmitificando muitos conceitos pressupostos. Principalmente o diálogo reflexivo para pensar nas tecnologias não como um substituto didático, mas como um recurso auxiliar didático.

Palavras-chaves: formação docente; Ensino de História, Tecnologias da Informação e Comunicação.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios a “arte de ensinar e aprender” vêm sendo desenvolvida por todo ser social. Nisso, em princípio do século XXI as técnicas desenvolvidas em aparelhos digitais vêm interferindo cada vez mais na vida do homem. Assim, neste cenário de mudanças é notável a válida reflexão sobre a prática do ensino de História, já que os modelos tradicionalistas estão sendo questionados. O professor em sua prática docente se vê na pressão de acompanhar os que estão inseridos numa sociedade digital, e mesclar em seu tradicional método de ensino recursos e ferramentas complementares para a docência em História. Todavia, como outras disciplinas também requerem que o professor tenha conhecimento e saiba utilizar as ferramentas tecnológicas, embora haja



indícios de que o uso das tecnologias de comunicação e informação (TIC) tem sido lento ou ainda não foram incorporadas às práticas pedagógicas.

Para a realização deste, foram feitas leituras de importantes textos reflexivos como: MIRZA (2005) SANTOS (2009) e DEMO (1997) da prática docente, o ensino de história, conceitos de mídias e tecnologia e o amparo que temática tem dentro das leis educacionais regentes.

É perceptível a grandeza que as tecnologias exercem e os desafios que ainda temos que superar. Sobretudo a pesquisa também proporciona um conhecimento aprofundado na prática docente e a relação professor, aluno e sociedade exterior.

JUSTIFICATIVA

Considerando as transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas, voltando para os avanços das tecnologias e os novos desafios colocados ao ensino nos seus mais diferentes aspectos, compreendemos que o ensino de história deve ser repensado e as metodologias reavaliadas e reorganizadas. Nesse sentido surgiu algumas questões: O ensino de História tem alcançado integrar-se nessa dinâmica, adequar sua prática considerando as mídias e tecnologias? Os professores estão preparados para utilizá-las de forma coerente e eficaz? As escolas estão adequando sua estrutura a essa demanda? Há aproximação ou abismo entre esse processo e o ensino de história?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No contexto atual o ensino e em Esquivel o ensino de história passa por vários desafios como, por exemplo, ensinar em uma sociedade onde as informações são produzidas e socializadas com tamanha rapidez, como o professor devera portar - se frente as rápidas transformações e os meios tradicionais de ensinar.

Historicamente o Brasil, não constituiu um sistema educacional voltado para construção do conhecimento e produções científicas. No período colonial, a educação desenvolveu - se muito pouco ficando a encargo da Igreja, especialmente da Companhia



de Jesus – os jesuítas - a principal ordem religiosa responsável pela educação. A história como disciplina autônoma, desabrochou na primeira metade do século XIX.

Por meio de um longo processo a história passou a ter a função de formar cidadãos críticos e atuantes em seu meio social. Os métodos de ensinar também sofreram alterações e, embora com várias dificuldades, houve a tentativa de implantar novas metodologias. A produção acadêmica e as publicações sobre ensino de História se expandiram, assim como muitas problematizações relevantes sobre Ensino e História, por distintos agentes e instituições, procurando responder a questões emergentes nesse campo de análise. Objetivamos, nos limites deste espaço textual, refletir criticamente sobre o lugar, o papel, os objetivos e a importância da História na educação básica, mais especificamente, no Ensino Médio.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1998) estabeleceu o que considera hoje, necessário para transmitir aos alunos nas aulas de história:

Art. 26 – Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (DEMO, 1997 p. 24)

Identificamos mediante essas leituras que o processo modernizante influenciou grandemente na preocupação das políticas públicas em aderir às tecnologias para o eixo educativo.

Nessa perspectiva, o lugar ocupado pela História, após 14 anos da implantação (LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96) e 13 anos da divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais pelo Ministério da Educação, está, intimamente, imbricado às intencionalidades educativas expressas na política educacional implementada na década de 1990, no contexto político de globalização da economia, de desenvolvimento de novas tecnologias e de consolidação da democracia no Brasil. (SILVA & FONCESA. 2010 p.17).

Sendo assim, a LDB abre espaço para consolidação de inclusão das tecnologias e mídias no âmbito educacional, na forma de obrigatoriedade do governo em investir em recursos, vista como melhorias para o ensino-aprendizado do aluno. Todavia, na contemporaneidade, a atenção está voltada para aplicabilidade de recursos que resultam no bom desempenho do aluno, não apenas um simples aspecto que irá elevar status a



uma instituição de ensino. Por isso, deve existir um comprometimento que vai além do simples domínio das tecnologias.

[...] apropriação da tecnologia como mera novidade, pois a informática está inserida no processo educacional está diretamente ligada às inovações e mudanças na educação e pressupõe a incorporação deste novo paradigma tecnológico perpassando por todas as atividades e espaços escolares sendo incorporada por todos os sujeitos que interagem neste ambiente (BRITO e PURIFICAÇÃO, 1997, p. 4).

Desse modo, a inclusão das tecnologias no âmbito escolar deve ser considerada como parte da estratégia da política educacional e uma ferramenta auxiliar de inovações pedagógicas disponível para construção de saberes, mas afinal, qual a diferença entre mídias e tecnologias? Apontaremos um breve conceito de Tecnologia:

O imaginário das pessoas cria situações em que artefatos tecnológicos adquirem vida própria com elevado nível de inteligência e se tornam salvadores do mundo ou ameaçam aniquilar toda espécie de vida. No entanto, em nosso dia-a-dia empregamos processos e usamos artefatos de forma tão natural que nem nos damos conta de que constituem distintas tecnologias há muito presentes em nossa vida, uma vez que já estão incorporados aos nossos hábitos, como é o caso dos processos empregados para cuidar da higiene e da limpeza pessoal, alimentar-se, falar ao telefone, cozer, etc. Outras tecnologias com as quais convivemos também não se fazem notar, embora se caracterizem como artefatos, tais como canetas, lápis, cadernos, talheres, etc. Outras servem de prótese para estender ou aprimorar nossos sentidos, como óculos, aparelhos de audição, instrumentos de medida e muitos outros. (ALMEIDA & MORAN, 2005. p. 40)

Além da visão conceitual de mídias segundo citado no artigo de BÉVORT & BELLONI:

[...] as mídias são importantes e sofisticados *dispositivos técnicos* de comunicação que atuam em muitas esferas da vida social, não apenas com funções efetivas de controle social (político, ideológico...), mas também gerando novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações. São, portanto, extremamente importantes na vida das novas gerações, funcionando como instituições de socialização, uma espécie de “escola paralela”, mais interessante e atrativa que a instituição escolar, na qual crianças e adolescentes não apenas aprendem coisas novas, mas também, e talvez principalmente, desenvolvem novas habilidades cognitivas, ou seja, “novos modos de aprender”, mais autônomos e colaborativos, ainda ignorados por professores e especialistas. (BÉVORT, EVELYNE; BELLONI, MARIA. P. 2009).



Ou seja, as tecnologias implicam tudo aquilo que proporciona uma praticidade sobre alguma técnica desenvolvida, enquanto que as mídias são elementos integrados nas tecnologias eletro-digitais as quais possibilitam a produção de conhecimento e reprodução de informação.

No decorrer do fluxo histórico nunca houve tanta preocupação com a esfera educacional até então, desde as últimas décadas a educação está no palco principal de embates. Dentre estas discussões é notável a preocupação com o uso e abuso das mídias e tecnologias no ensino escolar. Neste cenário de mudanças, há necessidade de repensar o papel da escola. Santos (2009) discute esta temática voltada para o discurso modernizante e a precariedade da prática:

[..] a realidade atual tem no desenvolvimento tecnológico sua marca, e as Tecnologias da Informação (TIC), símbolos emblemáticos desse atual estágio de desenvolvimento humano, influem nas relações entre as pessoas e, portanto, atingem de alguma forma a vida cotidiana de alunos e de professores e o contexto escolar como um todo. (SANTOS, 2009, p. 165).

O ensino de História contribui para a libertação do homem na contemporaneidade sobre os fatos, entendendo que cidadania não é composta de direitos concedidos pelo poder instituído, mas é concedida através de embates constantes e amplos.

Significar a aniquilação da diversidade e das singularidades dos sujeitos. Em uma sociedade de conhecimento e de aprendizagem, é preciso dotar os sujeitos sociais de competências e de habilidades para a participação na vida social, econômica e cultural, a fim de não ensejar novas formas de divisão social, mas a construção de uma sociedade democrática na forma e no conteúdo. (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2003, p.114).

O meio social está cada vez mais fixando novos recursos tecnológicos, o que tendem a expandir e ser cobrado até mesmo no sistema educacional. Conforme SANTOS (2009), esse processo se torna um desafio que chega ser cobrado, conseqüentemente necessário conhecer e direcionar posições para um bom trabalho do professor e um melhor aprendizado do aluno. Uma vez que identificamos essa dialética quando o professor em formação começa atuar.



[...] estará diante de um grupo de alunos que aguarda por conhecimento a ser construído individual e coletivamente por meio de estratégias pedagógicas que consideram o contexto e práticas sociais e que usam a tecnologia na sua vida cotidiana. (SCHLÜNZEN JUNIOR, 2009, p.)

A interação das mídias e tecnologias como recurso de ensino e aprendizado vem crescendo desde o término da década de 80, com a intenção de desenvolver usuários ativos, criativos, críticos de todas as tecnologias de informação e comunicação. Com a evolução das tecnologias está havendo uma reestruturação em toda a sociedade com seus reflexos na educação. Por isso, é preciso repensar as formas de ensino e aprendizagem. Para que a sociedade da informação seja uma sociedade plural, inclusiva e participativa, é necessário proporcionar a todos os cidadãos, as competências para saber compreender as TCIs, utilizando e produzindo conhecimento e todo tipo de mensagens por meio das mídias e tecnologias.

As “novas” tecnologias de informação e comunicação estão presentes no dia a dia da sociedade contemporânea e a escola não pode mais evitar sua presença, além disso, as políticas educacionais e os projetos do governo estão estimulando e viabilizando cada vez mais esta realidade inclusiva

Com o advento das inovações tecnológicas e meios de comunicação, nos deparamos com uma série de novas possibilidades de adquirir conhecimento. Internet, filmes, jogos de vídeo game, dentre outros. Todos trazendo outros significados e representações. O artigo se fundamenta em referências que traz algumas dessas tecnologias sendo inserido nas escolas ou até mesmo em vivências do cotidiano, o que leva a ser questionada, qual a valia desses recursos? O professor precisa saber utilizar as tecnologias em sua prática docente, não somente como recurso didático, mas como ferramenta adequada a todo o processo pedagógico? Uma das reflexões peculiares que Libâneo, Oliveira e Toschi, apontam:

[...] disponibilidade da equipe para aceitar inovações, observando o critério de mudar sem perder a identidade. Considerar, também, que elas não podem ser instauradas de modo abrupto, rígido, imposto, mas os professores devem captá-las de forma crítico-reflexiva. (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI 2003, p.303).



As tecnologias da informação e comunicação (TIC) podem transmitir capacidades e informações em curto prazo em relação à prática do professor. Porém, esse simples “clique” não proporciona o papel socializador da escola, do encontro de gerações e do aprendizado humano que se dá no convívio direto com as pessoas.

Do ponto de vista conceitual, a questão mais importante é a integração destes dispositivos técnicos aos processos educacionais e comunicacionais. Nas sociedades contemporâneas, esta integração tende a ocorrer de modo bastante desigual: ela é alta e rápida nos processos de comunicação, onde os agentes (as “mídias”) se apropriam imediatamente das novas tecnologias e as utilizam numa lógica de mercado; e tende a ser muito baixa nos processos educacionais, cujas características estruturais e institucionais dificultam mudanças e inovações pedagógicas e organizacionais, que a integração de novos dispositivos técnicos acarreta. Além desta desigualdade estrutural, é preciso ressaltar outras, igualmente importantes: o acesso e a apropriação das TIC ocorrem também de modo muito desigual, segundo as classes sociais e as regiões do planeta. (BÉVORT & BELLONI. p. 1085).

Com o surgimento de novas propostas curriculares integrando as mídias e tecnologias ao processo socioeducativo, devemos voltar à atenção para eventuais abismos digitais. Acreditamos que por mais que uma parte populacional encontra-se em contato com recursos tecnológicos no espaço educacional, há uma parte que não tem acesso ao conteúdo e recursos, consequentemente em uma dinâmica que é cobrada as TICs, o indivíduo acaba por ser de alguma forma excluído do contexto.

Contudo a pesquisa busca identificar a aplicabilidade das mídias e tecnologias no ensino de História, por parte dos profissionais da educação, se estão dispostos a experimentar novas formas de ensino. Mais adiante, conhecer as possibilidades de ensino que as tecnologias e mídias oferecem para que os alunos possam aproveitar ao máximo os caminhos dados por esses recursos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. **Integração das Tecnologias na Educação**/ Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. p. 38-45.



BÉVORT, Evelyne; BELLONI Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas.** Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. p. 1081-1102. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 27/06/13

DEMO, Pedro; **A nova LDB:Ranços e avanços.** Pedro Demo – Campinas, SP: Papirus, 1997. P. 9-28.

DORIGONI, Gilza Maria Leite; SILVA, João Carlos da.**Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço Escolar.** Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>> Acesso em 19/06/13

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João de; TOSHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas estruturas e organização**/coord. José Carlos Libâneo, – 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

LISITA, Verbena. Moreira, S.S. **Formação de professores: políticas, concepções e perspectivas.** Goiânia: Ed. Alternativa, 2001.

MARQUES, Antonio Carlos Conceição. **As tecnologias no ensino de história: uma questão de formação de professores.** Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1415-8.pdf>> Acesso em 27/06/13

MEHLECKE, Querte Teresinha Conzi; TAROUÇO, Liane Margarida Rockenbach
Ambientes de suporte para educação a distância: A mediação para aprendizagem cooperativa. Disponível em <http://penta2.ufrgs.br/edu/ciclopalestras/artigos/querte_ambientes.pdf> acessado em 25/08/2013

Seminário de estágio 2011: **Os desafios e contribuição do estágio para a formação inicial do professor.** Org. Maria Olinda Barreto – Iporá: Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá. 2012. P. 76-80.

SILVA, Marcos Antonio da. FONSECA, Selva Guimaraes. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas.** Publicado na Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 60, 2010. p. 13-33.

SOUZA, Renato João de PIRES, João Ricardo Ferreira. **Os desafios do ensino de História no Brasil.** Disponível



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

em<<http://www.funedi.edu.br/revista/files/edicoesanteriores/numero1/OsdesafiosdoensinohistorianoBrasil.pdf>> Acesso em 04/08/13.

VALTER, Soares Guimarães. **Formação e profissão docente: cenário e propostas.**

Coord. Valter Soares Guimarães – Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009.



UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM 2013

MIWA, Juliana de Sousa Ávila¹, FREITAS, Madalena Dias Silva²
Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹miwacomprometida@yahoo.com.br, ²madalenafreitasf@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho através das atividades decorrentes do Estágio Supervisionado I, por meio da observação em escolas públicas estaduais, tem como objetivo apresentar uma breve análise sobre as práticas de violência, buscando desenvolver considerações relacionadas às questões primordiais que contribuem de fato, para compreender tais atitudes. Para tanto, consultou-se os autores Abramovay (2005), Elias (2011) e Libâneo (2004), que fundamentaram como esse fenômeno ocorre na escola, visualizando a necessidade do diálogo entre alunos, comunidade, escola, família e professores para superar a problemática.

Palavras-Chave: Reflexão; Violência; Escolas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho avaliando as instâncias da vida intelecto-social que permeiam a realidade do aluno, descortina sobre uma prática, ou melhor, sobre o fenômeno da violência que se faz presente no cenário escolar.

Para tanto, com base nas ponderações dos teóricos elencados neste, Abramovay (2005), Elias (2011) e Libâneo (2004), o fenômeno da violência no espaço escolar é explicitamente condicionado pela relação de cada época e contexto que compõem uma sociedade: as desigualdades sociais, as diversidades, as heterogeneidades, que não são respeitadas devido à banalização dos valores e o respeito ao outro, podendo ser fruto de uma sociedade contemporânea que não tem primado pela igualdade entre as pessoas.

Desta forma, este texto considera que é preciso refletir sobre o fenômeno da violência no espaço escolar de acordo com as especificidades que permeia a realidade do aluno, uma vez que não se restringe somente aos conflitos entre alunos e professores, abrangendo comportamentos e situações que perpassam a instituição de ensino, cabendo aos profissionais da educação e afins, enfrentar tais situações por meio de diálogos que envolvam alunos, professores, corpo gestor e comunidade, na busca por ações esclarecedoras, preventivas e



educativas; apresentações estas que sejam “capazes de inspirar iniciativas a favor da vida, da convivência, da paz e da cidadania”. (ELIAS, 2011, p. 1)

Libâneo (2004) nos diz que cada sociedade precisa cuidar da formação dos seus indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa, nem prática educativa sem sociedade. Nesta perspectiva, o autor justifica a máxima da união entre Educação e Educador que são de cumprir com o seu papel social, abrindo caminhos para compreender e auxiliar as instâncias da vida intelecto-social e pessoal que permeiam a realidade da sociedade e consequentemente a do aluno.

OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo avaliar o fenômeno da violência no espaço escolar, com intuito de perceber as condições que levam os alunos as vias práticas deste fenômeno e suas implicações que perpassa o cotidiano das instituições de ensino.

MATERIAIS E MÉTODOS

A produção deste se deu por meio das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado I, parte que se concentram na observação que compreende a análise das escolas campo tanto no aspecto físico, documental e social que envolve o cotidiano das escolas, bem como suas práticas pedagógicas. Na busca para se conhecer a realidade do espaço escolar foi selecionado autores que tratam a temática de forma minuciosa, abrindo caminhos para compreender com firmeza as pré-condições que antecedem o problema, proporcionando amplitude de conhecimento para concretizar este texto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo ABRAMOVAY (2005), no último decênio, estudos sobre o fenômeno da violência escolar ganharam espaço expressivo nos debates educacionais, não só no Brasil, como no restante do mundo, devido à demanda das especificidades que são associadas à violência.

Para tanto, essas especificidades consiste no fato de que a violência no espaço escolar pode ser compreendida por diferentes perspectivas, por se tratar de um termo que



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

acompanha as transformações em sociedade; sobre prismas diferentes que variam de acordo com a realidade/contraste epocal, cultural, histórico e social de país para país, região para região, possuindo especificidades contextuais, exigindo cautela apreciativa tanto aos leitores, quanto aos educadores.

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais. (ABRAMOVAY, 2005:53).

Cautelosamente é importante ressaltar que o fenômeno da violência escolar também é condicionado por fatores internos e externos que permeiam as instituições de ensino. Os fatores internos condicionam a forma em que se conduz “*trata*” os alunos, como por exemplo, as divisões de idade, por série, por conteúdo e por comportamento dos mesmos, perpassando diferentes práticas pedagógicas das mais autoritárias, as mais liberais.

Já os fatores externos, perpassam o espaço social e físico da escola, na medida em que influenciam o comportamento dos alunos, como por exemplo, seus valores, suas condutas e como se relaciona com outras pessoas, repetindo na escola o comportamento construído da sociedade. Fruto dos conflitos de diferentes problemas vivenciados como, falta de estrutura familiar inerente às diversas classes sociais, e outros problemas da contemporaneidade como drogas, prostituição e marginalização, etc.

Segundo Elias (2011) estudos a partir da década de 1990, associam as vias práticas do fenômeno da violência escolar, a agressões materiais e pessoais contra o patrimônio público, agressões físicas, verbais e de imposição de valores que compõem o ambiente escolar na relação entre: professores, alunos, funcionários e corpo gestor, revelando que o fenômeno da violência escolar está condicionado há uma multiplicidade de práticas internas e externas que estão inteiramente ligadas, perpassando o universo escolar:

Um primeiro aspecto são as várias formas de violência. Pesquisas com alunos e professores, no Brasil e no mundo, alinham inúmeros tipos de violência relacionada com a escola, como: brigas, xingamentos, maledicências, racismo, autoritarismo, assassinatos, falta de respeito, perseguições, abuso sexual, porte de armas, interrupção das aulas, gangues, depredações, homofobia etc. (ELIAS, 2011:11).



Neste sentido, fica claro que as multiplicidades acima citadas, acabam deixando o cenário escolar vulnerável a práticas que condizem com a realidade social, com o meio do qual o aluno esteja inserido; daí a necessidade de se haver políticas educacionais que condizem para com a realidade na qual a instituição escolar está inserida e consequentemente de projetos pedagógicos que abram interações para com a realidade que os alunos trazem consigo para dentro de sala de aula, viabilizando debates que proporcionam de fato, o diálogo relacional entre alunos, educação e sociedade, na busca por um ensino que possa contribuir de fato, com cidadãos conscientes de suas ações.

A elaboração de um projeto de prevenção da violência escolar começa com atividades de sensibilização e formação sobre questões ligadas ao tema voltadas para alunos, familiares, funcionários, professores e representantes da comunidade local. É algo que contribui decisivamente para superar concepções apressadas e superficiais. (ELIAS, 2011: 58).

No que diz respeito ao espaço das escolas observadas, foi percebido que a violência se faz presente por meio de xingamentos, agressões físicas entre colegas, falta de respeito com o professor e colegas por meio de vocabulários agressivos, onde os professores e coordenação também recorreram a vocabulários agressivos para tentar tomar conta da situação.

Constatou-se que durante o espaço do recreio das escolas acontece a grande maioria das agressões físicas e verbais, onde as mesmas são consideradas como brincadeiras, só que os alunos se consideram vítimas e se sentiam feridos em seus direitos, acabavam revidando de acordo com as agressões sofridas; os mais velhos se consideram superiores sobre os mais novos, obrigando-os submeter as suas vontades.

Na oportunidade foi observado que o espaço escolar nem sempre é um ambiente acolhedor, onde na maioria das vezes as relações entre alunos, professores e funcionários acontece de forma conflituosa, mostrando-se carente de momentos de integração e interação entre os atores da escola.

Enfim, puderam-se observar os paradigmas que vivencia as escolas, no qual o contexto social influencia sobremaneira nas práticas de violência em seu cotidiano, necessitando do desenvolvimento de propostas objetivas que contribuam com suas problemáticas, despertando em seus alunos e comunidade o sentimento crítico-reflexivo da realidade que os rodeia, transformando-os em cidadãos participativos e ativos, conscientes de suas ações para com o próximo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões levantadas acima, é válido salientar que as atividades do Estágio Supervisionado foi fundamental para conhecer as comunidades escolares, os alunos, os professores, equipes gestoras e pedagógicas, bem como as suas realidades.

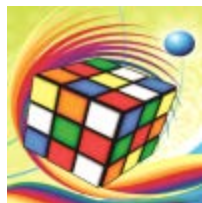
Para tanto, no que se refere aos conceitos sobre a violência escolar elencados neste, a realidade das escolas observadas¹¹, não difere das ponderações feitas Abramovay (2005), Elias (2011) e Libâneo (2004), que pelo contrário se aproximam, e que consequentemente é um fenômeno que se faz presente na realidade das escolas, nas suas mais diferentes formas, sendo acentuada pelos fatores externos, onde alguns se tornam mais frequentes do que outros, pelo devido descaso público e as diferenças socioeconômicas. Práticas estas, que se tornam mais frequentes por meio de brigas, xingamentos, racismo, falta de respeito para com os professores, funcionários e colegas de sala.

Desse modo, acredita-se que através da compreensão dessas realidades, apareçam propostas que toquem o cenário escolar, por intermédio de debates, projetos e atividades culturais, trabalhados em formas transversais, fazendo assim um processo dinâmico e contextualizados com a demanda das escolas, integrando alunos, famílias, professores e comunidades escolares.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Mirian. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2005. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf>. Acessado em: 27. Set. 2013 às 13:00 hs.
- ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência Escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. 1. ed. São Paulo: Ática Educadores, 2011.
- LIBANÊO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

¹¹Por se tratar de um assunto polêmico e não termos pedido à autorização das escolas para publicar um texto sobre a problemática abordada decidiu-se por não identificar as escolas observadas.



ATUAÇÃO DO LICENCIANDO NA REALIDADE ESCOLAR: A PERSPECTIVA DO REGENTE NO ENSINO DA MATEMÁTICA

DUARTE, Pollyana Cristina¹, PERES, Thalitta Fernandes de Carvalho²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹pollycd@hotmail.com; ²thalitta@hotmail.com

Resumo: *O Seguinte trabalho refere-se às atividades realizadas no Estágio Supervisionado, sendo no Ensino Fundamental e Médio, como requisito na graduação de licenciatura matemática no decorrer do 3º e 4º ano. O Estágio Supervisionado foi realizado no Ensino Fundamental e Médio nos anos de 2012 e 2013 em um Colégio Estadual da cidade de Iporá-GO. O foco do estudo durante o decorrer do estágio como pesquisa baseou na atuação do licenciando na realidade escolar no sentido de relatar como é a relação do estagiário na escola campo, na busca de vivenciar os detalhes da sala de aula, a fim de buscar novas metodologias no ensino da matemática. O tema de estudo foi escolhido devido estar ciente da importância do licenciando na realidade escolar, para a decisão de seguir a carreira docente ou não. Procurou-se abordar o ensino nas escolas, e como a linguagem do professor pode ser favorável ao relacionamento do professor-aluno propiciando um melhor ensino aprendizagem. E também observar como as metodologias adotadas podem obter resultados para uma aula não se tornar monótona levando aos alunos a participação e descobertas nos conteúdos a serem estudados. Buscando reforços no embasamento de D’Ambrósio (2001), Pimenta e Lima (2008), Piconez (1991) e outros, para vincular as teorias às práticas exercidas no ambiente escolar.*

Palavras-chave: *Estágio Supervisionado; Matemática; Realidade Escolar.*

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado integra como uma técnica fundamental na formação do indivíduo, além de ser um requisito básico na formação docente. O mesmo se divide em duas partes no ambiente educacional, sendo uma no Ensino Fundamental e outra no Ensino Médio. As duas são constituídas de igual importância, pois nelas o indivíduo buscará repensar em suas atitudes e estudos de forma prática para conhecimento e adaptação da realidade escolar.

Para a realização do Estágio Supervisionado de forma plausível, o licenciando deve ter como fundamento sua formação pessoal focando no ensino aprendizagem para criar sua identidade profissional através das vivências na realidade escolar. Moura



(2003, p.129) menciona que “a escola é um espaço que visa à concretização das intenções educativas”, sendo esta um ambiente preparatório para diversas etapas na educação, além de possuir um dos mais importantes objetos de estudos na área docente: o aluno.

Quando se restringe à disciplina matemática é visível um pré-conceito por maior parte dos alunos, que a vêem como difícil, essa concepção ocasiona a desmotivação e déficit no ensino aprendizagem. Assim, incumbe ao professor em fase de regência buscar novas metodologias, para inovar as aulas e torná-la mais satisfatórias. Sendo que ao buscar inovações o mesmo aprimora suas práticas e conceitos para aplicar em uma sala de aula.

Nessa perspectiva D’Ambrosio (2001) cita que um dos grandes desafios aos educadores matemáticos é tornar a Matemática interessante, isto é, atrativa; relevante, útil e atual, integrada no mundo de hoje. No sentido que o Regente procure formas de conceber e dar significado ao ensino da matemática, buscando aplicações em situações cotidianas comum, inovando suas aulas através de metodologias diferenciadas, ou mesmo baseando em linguagens simples os diversos conceitos matemáticos. Todo esse processo de gerenciamento das metodologias através do regente tem por finalidade motivar o aluno ao ensino/aprendizagem, que acarreta na concepção do mesmo ao ver a matemática como interessante e significativa.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UM PROCESSO DA FORMAÇÃO DOCENTE

O Estágio Supervisionado é fundamental para formação prática do indivíduo, nele se encontra a oportunidade de interação e aproximação com o ambiente social, além de um campo abrangente para pesquisadores em formação.

Pimenta e Lima (2008, p. 24) defendem que o Estágio é “forma de integrar o processo de formação do aluno, futuro profissional, de modo a considerar o campo de atuação como objeto de análise, de investigação e de interpretação crítica”. Dessa forma, todo o licenciando tem a escola campo como fonte de pesquisa, envolvendo todos os constituintes na educação e ainda o ambiente educacional, para refletir sobre a



realidade escolar, e como é o processo de ensino/aprendizagem ali existente. Assim, o licenciando deve focar suas aulas pensando no ‘diferente’ procurando inovar sua presença na sala de aula, para que sua atuação e análise do Estágio Supervisionado seja significativo em seu processo de aprendizagem e formação pessoal.

Durante o estágio o principal foco de pesquisa foi em observar com afinco como é a atuação dos licenciando diante a realidade escolar, a fim de, obter respostas de questionamentos sobre esse processo educativo e experimental: Como o Estágio Supervisionado favorece a concepção da identidade do licenciando? Como o Estágio Supervisionado colabora com o licenciando na integração de sua carreira docente?

De início a escola parece ser um ambiente totalmente estranho na concepção dos estagiários, após primeiro contato curiosidades vão surgindo e a aproximação permite que vivenciassem a realidade favorecendo certa liberdade de exercer o papel de um estagiário pesquisador na escola, na busca de uma aprendizagem, experiência para uma formação pessoal e conhecimento sobre a realidade escolar.

Quando o licenciando participa do ambiente escolar, começa a formar sua identidade de professor/educador, desde o primeiro contato com a sala de aula através das observações, pois nesse momento se identifica o ritmo de aprendizagem diferenciado encontrado no grupo. Assim, sala de aula se torna a principal fonte de estudo do licenciando, buscando formas de lidar com os alunos em fase de desenvolvimento pessoal e intelectual. A diversidade de alunos proporciona uma aproximação da realidade escolar, tudo que é presenciado serve como suporte para exercer a atuação docente.

Mas como exercer a profissão docente diante da sala de aula? Quando se refere à diversidade, deve-se preocupar em pensar em um todo e dar significado à realidade social de cada aluno, considerando sempre sua bagagem cultural e seu ritmo de aprendizagem, buscando reconsiderar seus conhecimentos prévios e sempre exemplificando com fatos cotidianos, e se possível interligar em uma linguagem matemática.

Em sala de aula o primeiro importante passo ao licenciando, é aprender na prática como lidar com uma turma de alunos, com seus diferentes ritmos de



aprendizagem, procurando novos métodos educacionais, para adiante adotar como prática de ensino, buscando sempre uma forma de construir conhecimento, sempre valorizando o saber acumulado de cada aluno, além de preservar e explorar sua capacidade de raciocínio lógico para desenvolver investigações matemáticas.

O espaço do estágio deveria supor uma produção de conhecimento, que através de um processo criador e recriador, já não se limitasse a pura transferência e “aplicação” de teorias ou de conteúdos. O espaço do estágio é o eixo que pode articular a integração teoria-prática entre os conteúdos da parte diversificada e do núcleo comum do curso de formação de professores e o conhecimento da realidade da sala de aula (PICONEZ, 1991, p. 22).

Seguindo essa perspectiva, o regente deve ter um novo olhar crítico diante da realidade escolar, e buscar intervir com seus conhecimentos nos métodos de ensino adotados na escola. Os cursos de licenciatura têm como intuito de promover experiências diversificadas e relacionar uma base teórica a vincular com a prática escolar. Nessa fase de estágio o licenciando ao se tornar regente deve se ater na sala de aula com vontade própria, não como condição a concluir sua graduação. Ali poderá então explorar os pontos fortes de raciocínio dos alunos, e adotar várias didáticas no ensino e por vezes utilizar uma linguagem de fácil compreensão, para a melhor assimilação do conteúdo transmitido, e como fase fundamental terá a oportunidade de atender pessoalmente cada aluno em sua maior dificuldade e explorar o máximo seu conhecimento adquirido no decorrer do estudo lógico e matemático, pois neste momento de Estágio Supervisionado o licenciando lida com um número pequeno de alunos em tempo menor que um profissional da educação (professor).

Muito desafiadora é a atuação do licenciando no ambiente escolar, pois é algo novo aos alunos e desperta muita curiosidade aos mesmos, o que leva a certeza de que ele vai ser observado e avaliado todo tempo, não só pelos professores efetivos, professor supervisor e grupo gestor, mas essencialmente pelos alunos, e cada ação do regente resultará em reflexões críticas por parte de quem os avaliam, cabendo ao mesmo adotar certas posturas ao lidar com os alunos na sala de aula. E a relação ali estabelecida com os alunos repercutirá em seu histórico como educador, suas metodologias serão sempre lembradas por aqueles que realmente aproveitaram.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

As responsabilidades de educador, ainda mais complexas, são cumpridas em circunstâncias muito especiais, sob permanente exposição a dezenas de olhares daqueles que pretendemos formar.(...) Eles nos enxergam também como alguém que está com blusa colorida e sorriso animado, calça amarrotada e olheiras ou tênis novos e expressão impaciente. Da mesma forma, a turma não vê palavras e números surgirem no quadro e se converterem em sons, mas acompanham a mão firme ou trêmula segurando o giz e o tom grave ou agudo da voz que explica (MENEZES, 2009, p. 1).

Por meio das atuações na escola, todas as ações devem ser transformadas em reflexões, e estas ocorrerão por forma escrita, que resultará na aquisição de uma possível identidade como um futuro educador, pois o que é realizado no estágio, servirá de exemplo a uma futura carreira na área da educação. Portanto é no estágio que se inicia a formação da identidade do licenciando, pois o mesmo é destinado a aprendizagens do regente no ambiente educacional. Pimenta e Lima (2008, p. 67) ressaltam que “a identidade profissional se constrói a partir das práticas, que resistem a inovações dos saberes válidos as necessidades da realidade”.

Assim, quanto mais presente e efetivo o licenciando visar seu estágio, mais experiência e prática ele obterá para sua carreira docente e ao relevar o lado efetivo o estágio será rápido e o gosto pelo ensino se acentuará durante esse período. Isso acarretará em como seu estágio foi realizado, como as metodologias foram aplicadas, de modo que foram aproveitadas pelos alunos. Gerando um grande reconhecimento ao saber que o conteúdo transmitido foi construtivo e bem aproveitado pelos alunos como um conhecimento a mais adquirido.

Ao falar de novas metodologias o licenciando deve estar aberto a novas fontes como as mídias, jogos, e outros recursos, na busca de diferenciar as aulas tradicionais de exposição no quadro e aplicar os conceitos matemáticos em objetos e situações vivenciadas pelo aluno. Instigar as investigações matemáticas e desenvolver o raciocínio lógico, Assim ele deve articular/repensar a integração da teoria-prática no decorrer do estágio visando a experiência e a aproximação da possível futura carreira docente.

Moura (2003, p. 130) disserta sobre as ações do professor ao entrar na escola e ainda cita que “o que ele realiza na escola é fruto de uma concepção sobre o que



determina como sendo o mais adequado para colocar em prática o seu projeto pessoal”, porém como ele alcança esse nível e entender o papel de um educador provém de suas pesquisas realizadas durante o processo de estágio. Por mais breve que seja esse momento na escola durante a formação docente, permite uma visão mais detalhada de como é a educação e como deve ser embasada para nossa formação pessoal.

Durante todo processo educacional desde crianças, construímos uma concepção de como é a escola, e o processo de ensino, mas quando voltamos como futuros educadores a tendência é que haja mudança na concepção de uma realidade escolar, pois assim passa-se a ter um olhar de educador focado em educar, adquirindo cada vez mais informações do que é a função de um professor a exercer perante a sala de aula. Talvez todas as concepções que estão idealizadas da ação docente sejam mudadas, porém restará a forma de que acredita em uma educação de qualidade.

Moura (2003. p. 137) entende que “a formação do professor é que este ao formar também se forma” no mesmo sentido que ao promover a educação o licenciando a concebe de forma significativa para si. Cada busca, cada atividade realizada reflete em sua experiência e concepção do que é ser um professor e como usar a educação como ferramenta para preparar os alunos para a realidade social. Sendo um processo contínuo de aprendizagem devido às mudanças que encontramos no decorrer do tempo.

METODOLOGIA

A atuação no Estágio Supervisionado foi realizado em um Colégio Estadual na cidade de Iporá-GO, sendo dividido em duas fases: observação e semirregência realizada no decorrer de 2012 e a de regência no ano de 2013, sendo elas subdivididas no Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O primeiro passo para a realização do Estágio Supervisionado se deu com a apresentação do projeto de Estágio do curso de matemática da UEG UnU de Iporá, especificando como seria desenvolvido, o tempo proposto, as ações que cada licenciando exercer na escola, no intuito de promover uma ação-reflexão resultando na escrita de trabalhos científicos e as normas para realizá-lo de forma significativa. Todas



as normas e atribuições foram explícitas no projeto de Estágio, justificando o desenvolver do Estágio com informações precisas e bem informadas aos licenciandos do curso de Matemática. Tendo como objetivo geral:

Propiciar o aprimoramento de conhecimentos e habilidades essenciais ao exercício da profissão docente, integrando teoria e prática, pesquisa e a reflexão para o ensino eficaz dos conteúdos matemáticos presentes no currículo do Ensino Fundamental e Médio (Projeto de Estágio Supervisionado, 2012 p. 4).

Esses objetivos em parte se tornou foco das pesquisas a serem realizadas durante o processo de realização do Estágio Supervisionado, focando também a formação individual na área docente. Como mencionado, as atividades do estágio ficaram divididas em duas fases. No ano de 2012 foi realizada a primeira fase que consequentemente ficou subdividida em três etapas: a de observação, monitoria e semirregência, sendo elas realizadas em grupo contendo 5 estagiários.

A etapa de observação foi rápida e precisa, nela ficou atribuída a análise dos documentos que regem a escola, sendo o Regimento escolar (2010) e o PPP (Projeto Político Pedagógico 2008). Por sequência observamos a parte física da escola campo, o corpo docente, e o grupo administrativo do colégio.

Após essas análises adentramos na sala de aula para observação da realidade escolar, no intuito de vivenciar o cotidiano para adiante desenvolver as atividades de monitoria. Sendo essa fase do estágio imprescindível para a busca de conhecimentos sobre as vivências escolares, pois consiste na presença do dia a dia dos alunos, e ainda analisar como é a situação dos mesmos em atividades, provas, trabalhos e até mesmo nas diversas situações ocorrentes na escola. Resultando na primeira escrita do relatório a transformar-se no resumo expandido, contendo a análise reflexiva do colégio, destacando suas qualidades e algumas dificuldades que a escola possui, assim como os recursos didáticos disponíveis, e o ambiente destinado aos alunos nas suas tarefas diárias.

A segunda etapa baseou nas monitorias, sendo realizada nas turmas de 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, na presença da professora efetiva A.M.O.R, onde houve



atuação como monitores nas resoluções de exercícios. Essa etapa contribuiu para dar novo olhar para o estágio, pois começou a aproximação da ação docente, pondo fim aos receios de como atuar em uma sala de aula. Além de promover a interação e aproximação com o ambiente social.

Nesse período também foi realizado atividades para auxílio da coordenação do colégio, onde os estagiários foram incumbidos à correção de provas e trabalhos, aplicação de provas. Esse processo proporcionou conhecer a realidade na escola, pois na coordenação é repassada a maioria dos problemas, principalmente os relacionados alunos-professores-pais.

A terceira etapa desenvolvida foi o ponto auge do estágio no ano de 2012, pois consistia na realização das aulas de reforço (semirregência), onde a responsabilidade foi maior, pois era um trabalho realizado em grupo e destinado aos alunos que possuíam mais dificuldades. Uma fase de grande importância na busca de obtermos experiência.

O primeiro passo foi a construção de uma apostila com conteúdos relacionados a matemática básica, envolvendo as 4 operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão), frações, potências, radicais, operações algébricas, e equação do 1º grau. Pensando em diferenciar as aulas de reforço, para o melhor aprendizado, buscamos diversificar as metodologias no decorrer das semanas.

Algumas aulas foram baseadas em exposição de conteúdos, e logo após, propostas de exercícios, porém na resolução, os alunos eram acompanhados individualmente. Essa metodologia favorecia o aluno devido focarmos em suas dúvidas, buscando explicar com clareza conforme seu ritmo de raciocínio e aprendizagem. Em outro contexto explorávamos os alunos a responder perguntas, uma vez que em coletivo alguns ficavam tímidos, ou tinham medo de serem zombados pelos seus colegas, permitindo assim uma melhor relação professor-aluno.

Nas primeiras aulas foi perceptível a dificuldade que os alunos possuíam na tabuada de multiplicação (infelizmente uma realidade encontrada em vários colégios), então fora inserido jogos como fonte de aprendizagem, aplicando o Bingo das operações, jogo simples, mas que se torna uma ferramenta útil no ensino aprendizagem. Primeiro eles mesmos construíram a tabuada, logo após deixamos que o bingo fosse construção própria, no intuito que eles mesmos buscassem os números numa forma probabilística. (Por



exemplo: $3 \times 4 = 12$ e $2 \times 6 = 12$). Nessa aula encontramos resultados positivos como esperávamos, os alunos interagiram durante todo desenvolvimento da aula e o instinto competitivo prevaleceu todo tempo, uma vez que foram prometidos prêmios para o ganhador. Boa parte da tabuada fora assimilado, que foi realçado nas aulas seguintes.

Quando fora iniciado o conteúdo sobre operações com os números racionais, buscou-se uma dinâmica diferente, utilizando papel cartão com duas cores representando os números positivos e negativos, manipulando-os para complementar a ideia dos sinais nas operações, visando o melhor entendimento. A dinâmica foi bem recebida pelos alunos, refletido na resolução dos exercícios propostos na apostila.

Para finalizar as aulas de reforço, realizam-se uma aula com o jogo CONTIG 60. O jogo consiste em efetuar as 4 operações básicas de forma lógica e rápida usando apenas o tabuleiro, 3 dados e algo para marcar os pontos como: milho, feijão.

Assim, terminara-se o estágio na escola, cumprindo todas as horas requisitadas e concluindo as aulas de monitoria, resultando na escrita do resumo expandido. Após apresentação do mesmo fora terminado o estágio no ano de 2012 ficando a expectativa da regência a se realizar no ano de 2013.

No início das aulas de metodologia do Ensino Médio no ano de 2013 já fora apresentados a proposta para realização do estágio em forma de Regência, sendo que o mesmo seria realizado individualmente conforme as normas do projeto de estágio, e ainda que:

Na fase da regência o estagiário auxiliará o professor regente nas atividades de aprendizagem e participará na organização e planejamento. E ainda deverá planejar e ministrar aulas em uma turma do Ensino Fundamental e Ensino Médio e/ou oficinas, projetos, conforme disponibilidade e necessidade da escola (Projeto de Estágio Supervisionado, 2012 p.10).

Assim, conforme o pedido da escola iniciou-se no Ensino Médio com uma oficina no contra turno para os alunos do 3ª ano. Foram montadas duas turmas, sendo uma no turno vespertino e outra no noturno, com cerca de 30 alunos inscritos em cada oficina, porém presente nas aulas tinha aproximadamente 20 alunos, registrados em folhas de frequência. Os conteúdos a serem trabalhados seriam aqueles que não haviam



sido ministrados em sala, porém são muito cobrados pelos vestibulares, sendo eles: Progressão Aritmética (PA), Progressão Geométrica (PG) e Logaritmo.

Tendo a proposta da escola foram iniciados os planejamentos para início da regência, durante as aulas de metodologia científica na UEG fora realizado em primeiro passo a escolha do tema para cada aluno, adiante fora escrito o planejamento de aula, conforme o modelo inserido na educação no ano de 2013, expondo o conteúdo de forma detalhada subdivididos em 10 aulas.

Logo após, foi realizado a elaboração de uma apostila, mas como exigido pela professora supervisora de Estágio, a apostila deveria conter exercícios de vestibulares anteriores, nos diferentes níveis de dificuldades, no intuito de preparar os alunos a desenvolver o raciocínio lógico das questões, e ir familiarizando com o estilo das questões que são aplicados em Enem e vestibulares.

Na busca de inovar as aulas a serem ministradas, foram criados slides contendo todo contexto para introduzir o conteúdo (no caso de PA – Progressão Aritmética). Nele introduzia conceitos de sequências, e exemplos para que o aluno percebesse a diferença entre uma sequência simples e uma que constituía a PA, contexto relacionado a soma de uma PA na perspectiva de GAUSS, propriedades e classificação de uma PA ou seja, todo conteúdo que seria abordado no decorrer da oficina. Buscando também dar significado do estudo da PA, no contexto histórico, apresentando os alguns grandes nomes que contribuíram no desenvolver dela, e ainda buscando representa-la no cotidiano dos alunos através de imagens, jogos e outros.

Antes de ir para à sala de aula para ministrar a oficinas, houve uma apresentação individual para a professora supervisora e toda turma, como um reforço na atuação para exercer em sala de aula, assim foram dados dicas para a futura regência e ainda houve momentos para tirar algumas dúvidas que ainda predominava para perder o receio de sala de aula. Para finalizar as aulas da regência, pensando em diferenciar a metodologia, fora buscado algo para descontrair e ao mesmo tempo reforçar a assimilação do conteúdo por partes dos alunos, elaborando assim o jogo codinome “Eu tenho... Quem tem...” o que foi bem recebido e aproveitado pelos alunos.



Ao chegar à sala de aula foram organizados os recursos didáticos, para iniciar a aula. Ao iniciar o conteúdo o primeiro passo foi verificar o que eles sabiam quando falava de sequências, ou seja, analisar seus conhecimentos prévios. Para melhorar a atuação, tinha auxílio de contextos expostos em slides, buscando de todas as formas a participação dos alunos com perguntas, na busca de identificar ou rever alguns conceitos. Assim, após a introdução do conceito de PA, chegamos à identificação da fórmula geral: $a_n = a_1 + (n-1)r$.

A metodologia adotada era que, através de explicações os alunos conseguissem usar o raciocínio lógico para chegar à fórmula geral da PA, através de uma investigação relacionando aos padrões contidos no ensino da PA. Na primeira turma de regência, uma aluna conseguiu identificar tranquilamente a fórmula, já nas outras conseguiram, mas com uma atenção e explicação mais detalhada. As aulas que se seguiram, foi a proposta para resolução de todos os exercícios da apostila, mas era fundamental seguir o ritmo dos alunos na resolução destes, permitindo que fossem realizadas em grupo, uma vez que ficaria mais fácil explicar algumas lógicas na resoluções para a turma.

Durante a resolução destes, fora assumido o papel de monitora, onde esclarecia as dúvidas e auxiliava em alguns contextos individualmente ou para o grupo, porém sempre visando que eles buscassem o raciocínio lógico e interpretativo para conseguirem resolver as atividades propostas. Conforme ia resolvendo os exercícios, retomava algumas propriedades, onde ficava mais perceptível a assimilação do conteúdo. Ao introduzir os contextos da soma de PA, os alunos já haviam se identificado com o conteúdo e conseguiram facilmente descobrir as fórmulas através da explicação, segundo a teoria de GAUSS.

A etapa até aqui desenvolvida foi do Ensino Médio ministrado nos 3^a anos. E nesse meio período já fora iniciado o planejamento da regência no Ensino Fundamental. Na busca de rever conceitos para o trabalho monográfico, fora escolhido juntamente com a professora/coordenadora de Estágio o tema sobre ‘Estatística’. Sendo designada à turma do 9^aC do turno vespertino, no qual era responsável pela disciplina de matemática a professora efetiva S. P. M, contando com aproximadamente 25 alunos.



O planejamento não foi muito diferente, tendo a elaboração de slides contendo informações básicas e conceitos de gráficos e tabelas, um contexto histórico, e representação no cotidiano. O plano de aula substituiria o da professora efetiva. Sendo ministrado 5 aulas no Ensino Fundamental, pois o conteúdo a ser exposto era breve segundo o Caderno Educacional adotado nas escolas públicas no ano de 2013. O conteúdo abordado seria de: Interpretação de gráficos e tabelas. Onde foi realizado o Plano de aula, os slides contendo noções básicas de estatísticas, pesquisa na escola, aulas no laboratório de informática na construção de gráficos.

Ao chegar à sala de aula havia olhares curiosos, havendo uma apresentação breve iniciando assim a regência no Ensino Fundamental. Entranhou-me de forma positiva a maturidade da turma que possuía interesse no desenvolver da aula sempre perguntando e participando em todas as explicações. Não houve problemas com conversas nem indisciplinas, e tudo proposto foram realizadas de forma significativa. Como a turma era de 9º ano fora visada uma linguagem simples e direta na exposição do conteúdo, na busca que os alunos tivessem interesse, participassem e assimilassem o conteúdo de forma significativa, buscando repassar uma nova perspectiva sobre a importância da estatística e sua aplicação no cotidiano.

Após a exposição do conteúdo e resolução de alguns exercícios do caderno educacional, foi proposta para turma uma aula prática e diferenciada, baseada na pesquisa usando as turmas do ensino médio como amostra populacional. Para a realização da pesquisa a sala foi dividida em 5 grupos onde cada um pensaria no tema a ser abordado. Os temas definidos foram: Gosto musical, time de futebol, disciplina preferida, gosto filmes e idade dos alunos do 3º ano. Os alunos ficaram meio receosos, porém tudo foi realizado no tempo estipulado. Após a pesquisa os alunos organizaram os dados praticamente sozinhos e montaram a tabela, faltando apenas a aula no laboratório de informática (figura 1) conforme havia planejado.



FIGURA 1: Aula no Laboratório de Informática

A aula prática no laboratório foi muito importante no olhar docente, pois a curiosidade e a facilidade ao lidar com os computadores eram plausíveis. Assim, construíram a tabela e os gráficos usando o software de planilhas eletrônicas logo após eram salvos em documento de texto. Alguns alunos optaram já por realizar no Word, conforme o conhecimento deles na área de informática. Finalizando então o estágio na escola campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através do convívio com a realidade escolar, houve uma aprendizagem significativa, pois além de conhecer boa parte do ambiente educacional, foram obtidas bastantes surpresas, e ainda houve a compreensão da responsabilidade de ser um educador, não só na sala de aula com conteúdos específicos da matemática, mas numa



forma de abordar a realidade de cada aluno, podendo conhecer vários alunos e conversar com muitos sobre sua vida e seu dia-a-dia.

Assim, como os embasamentos de D’Ambrósio (2001) sobre tornar a matemática interessante e integrada no cotidiano citada anteriormente, esse processo de Estágio Supervisionado teve por prioridade facilitar o ensino/aprendizagem do aluno, visando sempre uma linguagem fácil e clara na concepção deles no intuito que eles tivessem uma aproximação do ensino da matemática, e que quebrasse o tabu da visão da matemática como difícil. Também que a partir de metodologias diferenciadas do tradicional os alunos despertassem para a busca e descobertas de suas capacidades na preparação para as outras fases de estudo (vestibular, faculdade).

Em particularidades o estágio no ano de 2012, foi muito bom em muitos aspectos, onde todo o dia na escola era uma forma de interação e conhecimento da realidade escolar. A monitoria baseada nas aulas de reforço proporcionou uma nova perspectiva no ensino da matemática básica destinada ao Ensino Fundamental, pois a realidade na sala de aula esta em constantes mudanças, ocasionando que o educador acompanhe essas mudanças, sempre pensando no melhor ensino/aprendizagem dos alunos na escola.

No ano de 2013 o estágio foi diferenciado, devido a responsabilidade ser maior na fase de Regência,

Durante o estágio realizado no 9º ano, era comum ver alguns alunos de outras salas indignados com a seguinte situação retirados de fala deles:

A₁ Por que só eles têm uma professora diferente?

A₂ Por que você também não fez estágio com nossa sala?

A₃ Deixa eu assistir aula na outra sala?

Em partes o diferente das aulas que eles têm na escola chama atenção, o que proporcionou uma afinidade com a turma, promovendo o respeito mútuo. Um fato que me chamou atenção era que na turma do 9º ano havia um aluno hiperativo, sendo assim preciso lidar com ele, pois o mesmo buscava de todas as formas a atenção só para ele. Sendo muito participativo e inteligente.

Durante o estágio de 2012 a escola havia recebido uma aluna transferida de Portugal, muito tímida e ainda não falava o português perfeito, em conversa com ela



dizia que gostava muito da escola e do Brasil, mas que não se sentia em casa, os alunos às vezes não interagiam com ela, fazendo-a ficar tímida perante a escola, uma realidade que mudou há pouco tempo, pois no decorrer das monitorias só se via ela acompanhada com colegas. Essa realidade escolar é comum, mas observar como pesquisadora se torna mais interessante.

Boa parte dos objetivos contidos no projeto de estágio foi cumprida, sendo o um dos principais: Propiciar uma melhor visão do estudo da matemática baseando em metodologias diferenciadas do tradicional promovendo a aprendizagem a todos os alunos conforme seu ritmo e reciprocamente observar o ambiente escolar como futuro local de atuação. O resultado se encontra na pesquisa realizado na regência com os alunos (não sei se por afinidade, mas foram obtidos resultados positivos na maioria das questões). Os outros objetivos foram também cumpridos de forma significativa como: Relacionar a matemática com o cotidiano. Desenvolver raciocínio lógico na resolução de problemas de diversos graus de dificuldade, despertar a participação dos alunos, e ajuda-los a desenvolver trabalhos em grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência adquirida na escola/ensino, nesse período de estágio é válido ressaltar o quanto foi fundamental na formação para uma carreira docente, uma vez que não tinha pretensão em segui-la, porém é muito perceptível a motivação transmitida para o licenciando pelo professor supervisor. Através do convívio no ambiente escolar, o estagiário vai aos poucos conquistando respeito dos alunos nas suas relações diárias, que acabam favorecendo-o com o gosto e o prazer pelo ensino.

Através do convívio escolar teve-se a percepção do papel do professor sendo um motivador para seus alunos, aquele que sempre acreditará na educação e em seus próprios alunos, mesmo que não reconheçam seu valor. O professor atua muito além da sala de aula e exposição de conteúdo, por muitos ele é visto como reflexo de inspiração, por outros só mais um carrasco na sala de aula, porém não muda o fato que o educador visa sempre o melhor para o futuro dos que estão ali na escola.



A responsabilidade do professor se expande conforme sua crença, cada correção de prova, cada planejamento reflete em reconhecimento do próprio professor na visão dos alunos, da escola e da comunidade. Quando o educador busca uma formação própria, o mesmo se torna apto a inovar a sala de aula, buscando meios para promover a interação dos alunos e uma melhor educação a ser proporcionada aos alunos.

Quanto a prática docente exercida foi de grande importância, podendo perceber como é ser um educador, assim como interligar a teoria em questões sociais na busca de descobrir como adotar práticas que dê resultados positivos no ensino-aprendizagem, também o relacionamento com os alunos para que haja um respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Desafios da educação matemática no novo milênio.** Educação Matemática em Revista, São Paulo, v. 8, n. 11, p. 14 – 17, dez. 2001.
- MENEZES, Luiz Carlos de. **O ato de ensinar e a condição humana.** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/ato-ensinar-condicao-humana-476534.shtml>> Acesso em 26 de Out 2013.
- MOURA, Manoel Oriosvaldo de. **O educador matemático na coletividade de formação.** In TIBALLI, Eliandra F. Arantes. CHAVES, Sandramara Matias (orgs). Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares. Goiânia: DP&A, 2003. p.128-145.
- PICONEZ, Stela . C. B. **A Prática de Ensino:** e o estágio supervisionado. 15 ed. Campinas-SP: Papirus. 1991. 144p
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo, Editora Cortez, 2008. 296p
- PERES, Thalitta Fernandes de Carvalho. **Projeto de Estágio Supervisionado do Curso de Matemática.** 2013. 34p



ATUAR PARA MELHORAR O MUNDO: RECICLAGEM E MEIO AMBIENTE

AMARAL, Vanildes Alves¹; MARQUES, Marlúcia².

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá.

¹vanildesalves2011@hotmail.com; ²marlucia.marques@hotmail.com

RESUMO: *Sabemos que no mundo em que vivemos, as coisas estão cada vez mais complicadas, o mundo está pedindo socorro cada vez mais, com esse mundo globalizado, as pessoas estão se desfrutando muito da natureza sem se preocupar com o que pode ocorrer futuramente, reciclar é um ato de muito proveito aonde vão sendo reutilizados os materiais que pra muitos não tem serventia, mas pra natureza ajuda muito, não a poluindo, não a desmatando tanto, se todos fizessem um pouquinho para ajudá-la, o mundo seria muito melhor. Partindo do interior da escola, se cada professor fizesse sua parte, criando estratégias dentro da sala de aula, com seus discentes para que eles reconhecessem que isso faz parte da educação, talvez tornasse o meio ambiente mais interessante. A pesquisa tem como objetivo demonstrar a experiência vivida pelos alunos do curso de geografia da Universidade Estadual de Goiás - UnU de Iporá, durante o período do estágio supervisionado, através do projeto de intervenção pedagógica “Recli-ação: uma maneira de preservar o meio ambiente” e das aulas ministradas pela estagiária, no qual o projeto foi aplicado em salas de segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Ariston Gomes da Silva. Para isso foram feitas análises de obras de alguns autores para ter mais fundamentação teórica, foram feitas pesquisas, confecções de materiais como modelo para a realização do projeto que depois de pronto servem de enfeites para nossas casas. As atividades atribuíram resultados relevantes tudo foi feito conforme o esperado, onde os alunos participaram de forma direta na construção dos produtos recicláveis e na conscientização sobre a preservação do meio ambiente. A intenção do projeto é fazer com que os alunos entendessem bem o quanto é importante cuidar do meio em que vivem.*

Palavras-chave: reciclar, geografia, meio ambiente.

INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Supervisionado é uma atividade obrigatória em cursos de licenciatura e acredito que em qualquer outro curso. Assim, o acadêmico tem a oportunidade de entrar em contato com a realidade para a qual ele está se preparando.

Em 2012, tive a oportunidade de realizar o estágio supervisionado em três escolas com realidades distintas. As observações e a semirregência foram feitas no decorrer do 3º ano (no ensino fundamental e médio), na escola Jorcelino Alves Barbosa, no colégio Ariston Gomes da Silva, em Iporá – Goiás, e na escola Maria Raimunda Gomes do Nascimento, em Montes Claros de Goiás. Em 2013 o estágio muda



totalmente, ou seja, antes era só observação, no 4º ano começa a regência onde os estagiários colocam em prática o que aprendeu com as observações, ou seja, já começa a ministrar aulas, continuei no colegio Ariston Gomes do Nascimento onde fiz a regência do ensino médio com os alunos do primeiro ano, e o ensino fundamental realizei na escola Israel de Amorim com os alunos do 6ºano. Durante a realização desse estágio supervisionado de observação foram desenvolvidas diversas atividades nas três escolas campo, desde a observação à semi regência, visando aplicar o conhecimento adquirido com o estudo de práticas de ensino em sala de aula.

Durante a regência os resultados foram satisfatórios onde os alunos estavam interessados, um ponto positivo foi a execução do projeto de intervenção, onde vimos a necessidade de trabalhar esse tema com os alunos “ recicla-ção, uma maneira de preservar o meio ambiente”, para fazer com que os alunos entendessem o quanto é importante preservar o meio ambiente, e o quanto é preciso não poluir as cidades, assim reciclando o que para muitos isso é um meio de sobrevivência.

É muito importante trabalhar conteúdos que proporciona os alunos trazer sua vivência fora da escola isso faz com que ele se interaja e participe das aulas dando exemplos, por isso foi muito importante esse projeto que mostra a realidade que eles enfrentam a poluição dos rios, do solo, da própria cidade, e que causam problemas à saúde. É importante envolver a vida dos alunos com os conteúdos didáticos, utilizando uma prática nova de crescimento individual. Diante disto a autora Pires (2012) afirma que

Não é possível preparar alunos capazes de atuar como cidadãos, ensinando conceitos geográficos desvinculados da realidade ou que se mostrem sem significado para eles, esperando que saibam como utilizá-los posteriormente. Diante dessa realidade, apenas as mudanças realizadas nos conteúdos não contribuem para a Geografia deixar de ser tradicional.

O grande problema que se encontra nas escolas e a falta de interesse de buscar novas formas de ensinar os alunos de fazer com que as aulas tenham mais fundamentos e que eles realmente se interessem. Fazer com os alunos deixem de pensar a Geografia como aula chata só de teoria, mas também práticas onde mostrem a realidade deles.



Tive também, a oportunidade de participar de conselhos de classe, os quais me permitiram conhecer/saber o significado dessas reuniões. Nestas, se encontram pais e professores cujo objetivo é discutirem sobre a vida escolar de seus filhos, de como estão indo em cada disciplina e como são suas atitudes entre outras.

Pude presenciar momentos coletivos e percebi que são de grande importância, pois neles se discutem sobre as festividades que acontecerão na escola, preparam-se aulas e conversam sobre o andamento escolar. Essas reuniões são de grande relevância, porque são momentos em que os professores se interagem e podem, assim, tirar opiniões com os colegas de serviço para melhorar suas aulas ou mudar seus conceitos, e assim tentando buscar meios, políticas que faz realmente ter um ensino de qualidade.

As festas culturais foram ótimas. Presenciei algumas e considero que foram de muito proveito. É um momento especial, pois os alunos se interagem pra fazer apresentações, comidas, danças e brincadeiras. Isso é um salto muito grande para a aprendizagem porque com todos esses projetos, que as escolas propõe faz com que os alunos se interessem mais, saíam da rotina do dia-a-dia da escola, e os proporciona dar opiniões nas atividades que serão realizadas, pois eles próprios produzem suas atividades para apresentar nessas festividades mostrando habilidades únicas e singulares. No dia das crianças, na escola Municipal Maria Raimunda Gomes do Nascimento, em Montes Claros de Goiás, vivenciei momentos muito especiais, a alegria das crianças com a festa, as comidas, a decoração, as apresentações, foi muito bom esta inserida ali presenciando esses momentos. Em outras instituições de ensino participei do dia da páscoa. Ali, houve muitas apresentações e atrações. Participei do “Micaton” – que representa uma festa cultural – realizado no colégio Estadual Ariston Gomes da Silva. Foi muito bom ver o envolvimento dos alunos preocupados com a qualidade do evento, a carriata nas ruas da cidade, a quadrilha, as comidas, o desfile, entre outras coisas.

Ao me envolver diretamente com essas escolas nas quais estagiei, me senti muito bem acolhida e, posso dizer: realizada. Tudo foi de muito proveito para minha aprendizagem e, acredito eu que de alguma forma também contribui para o crescimento intelectual dos alunos envolvidos no estágio, assim como todo profissional com quem



me deparei. Me ajudou muito para a regência, pois já me sentia preparada para quando fosse ministrar minhas aulas no 4º ano, já conhecia o grupo gestor, a escola, os alunos, e como funcionava, como era o andamento do campo escolar ao qual eu ia me deparar. No período da regência que foi em 2013 foi tudo muito proveitoso senti segurança pra quando terminar minha faculdade onde antes o que eu não conhecia nesse período me proporcionou compreender.

A fase do estágio nos proporciona características diferenciadas, como a construção do professor de geografia. Este, por sua vez objetiva um olhar crítico sobre o espaço vivenciado na escola, pautando os três pontos importantes no campo da educação escolar.

O ensino não se resolve com um único olhar: exige constantes balanços críticos dos conhecimentos produzidos no seu campo (as técnicas, os métodos, as teorias), para deles se apropriar. (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 204)

Durante a realização do meu estágio observei que as técnicas, os métodos e as teorias, estão presentes, pois os professores utilizam de muitos meios para ensinar, nos dias de hoje já se pode contar com novas tecnologias que vem ganhando espaço cada vez mais, o uso do data show, not book, dvd, televisão, caixa de som, e muitos outros que antes não existiam, e hoje proporcionou um aprendizado mais interessante.

Num trabalho apresentado aos alunos sobre reciclagem, na escola Municipal Maria Raimunda Gomes do Nascimento, e durante a execução do projeto de intervenção no colégio Ariston, compreendi uma grande importância em se trabalhar o projeto voltado a reciclagem, pois este projeto trouxe uma abordagem voltada à teoria, técnicas e métodos para a conscientização do meio ambiente, onde foram analisadas obras de alguns autores, revistas, jornais, artigos, foram usadas técnicas onde as apresentações eram feitas na escola, depois saíram nas ruas conscientizando sobre a importância de preservar o meio ambiente, distribuindo panfletos, e por último foi feita a exposição dos objetos construídos na feira que tem na cidade na quinta-feira, onde todos participaram e puderam aprender um pouco sobre o quanto o mundo está precisando de ser mais preservado, assim possibilitando ao aluno, o exercício da



cidadania preservando o seu espaço escolar e social e, ao mesmo tempo, favorecendo uma ligação do que lhe foi ensinado no decorrer das apresentações dos trabalhos e conteúdos ministrados nas aulas de geografia sobre educação ambiental. Este conteúdo havia sido transmitido pelo grupo gestor da escola de forma simples e esclarecedora sobre os problemas globais que de alguma forma afetam a vida deles e da sociedade.

Esse tema faz-se necessário para fazer com que os alunos façam através de pequenos atos, ou seja, que se cada um preservar um pouquinho, não jogar lixo nas ruas, não desmatar, se cada um fizer sua parte, pode sim haver grandes transformações onde o mundo vai está sendo cada vez mais preservado.

Durante a regência, foi de muito proveito pois todos nos estagiários, tivemos a oportunidade de demonstrar o que tínhamos apreendido na faculdade, e assim acabando com aquele medo de enfrentar uma sala de aula, e assim vendo o estágio não como uma coisa ruim, mas sim um apoio para futuros professores, pois com essa vivência no interior nas escolas todos nós estagiários obtivemos um crescimento muito grande, e um aprendizado muito fortificante, proporcionando a cada um a vontade de ser um professor.

O projeto foi uma experiência muito satisfatória, onde os alunos compreenderam sobre a importância de preservar o meio ambiente, o meio em que ele vive, do quanto é importante pensar o que fazemos hoje para prevenir o amanhã, também a interação dos alunos com as aulas práticas, na execução dos objetos que foram confeccionados na escola, as exposições no pátio, a interação dos outros alunos na hora da amostra, o interesse de saber de onde veio, como foi feito, e assim mostrando, ensinando o quanto é importante reciclar, para preservar o mundo.

O projeto foi pensado de forma a trabalhar outros temas que a geografia também está presente, mostrando imagens de objetos que poderiam ser confeccionados com coisas que eles jogavam fora, imagens do lixo, dos lixos orgânicos que poluem o solo, os slides, figuras, textos, explicando de forma clara pra que não fique só no decoreba, pra que a disciplina não se torne chata.

O objetivo desta metodologia é fazer com que os alunos participem das aulas, de forma prática e espontânea sem que seja necessário decorar o conteúdo para fixá-lo.



MATERIAS E MÉTODOS

No meu estágio do 3º ano foram utilizados diversos materiais como: caderno, caneta, lápis, borracha, e muitos outros meios.

Ja no 4º ano também utilizei esses materiais, mas acrescentei mais um pouco, para minha regência usei muitos métodos como: gincanas utilizando a bola de repolho onde tem perguntas relacionadas a aula ministradas pra saber se houve um bom aprendizado, li muitas obras de autores, artigos pra elaboração das aulas, fiz atividades para fixar o conhecimento obtido das aulas, utilizei livros da biblioteca para complementar o conteúdo e para os alunos acompanharem, usei giz, apagador, slides para visualizarem figuras para um melhor entendimento, tive apoio do data show para mostrar imagens referente a aula, conteúdos, vídeos, e também o apoio da tela, mesa, quadro, vídeo, televisão, tudo pra fazer com que o aprendizado dos alunos se tornasse maior, e que tivessem menos dificuldade para compreender os conteúdos ministrados.

O método utilizado foi minha participação efetiva nas instituições, e a minha contribuição com as aulas que ministrei, ou seja, a minha presença nas escolas observando, vivenciando e também ajudando de alguma forma tanto os professores como todos os profissionais envolvidos no ambiente escolar, colaborando nas atividades culturais e em diversas atividades pedagógicas.

Para a execução do projeto de intervenção foi escolhido o tema recicla-ção: uma maneira de preservar o meio ambiente, pela preocupação em preservar o meio em que vivemos através de materiais recicláveis, de como o lixo vem prejudicando a natureza, através do lixo orgânico, do metal, papel, e o vidro, todos esse podem prejudicar o mundo trazendo problemas a natureza, a saúde dos seres vivos, então é de extrema importancia estudar esse tema voltado ao meio ambiente, para uma melhor explicação, para dar fundamentação foram utilizados muitos métodos, desde obras de autores como: conteúdos teóricos embasados nas obras de Brito (2000), Marodin e Moraes (2013) e Zuben (1998), muitos materiais trazidos pelos próprios alunos, tudo para tornar a aula interessante pra que os alunos se interessassem, e participassem.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Foram feitos cartazes por cada grupo de alunos passando uma mensagem de conscientização para toda a escola.

Com esses materiais foram produzidos pufs de garrafas pet, porta canetas com latas de alumínio, bolsas de caixas de sabão em pó e etc. Foram criados três grupos de alunos para colarem os cartazes nas salas e estar conscientizando, e convidando para a mostra.

Depois de tudo pronto no projeto foi organizado uma mostra no pátio do colégio para que todos pudessem ver o quanto muitos materiais que pensamos não ter valor pode ser transformado em outros novos objetos valiosíssimos.

Desta forma as figuras abaixo mostra algumas dessas amostras:



Figura 1 e 2: Participação dos alunos na divulgação do projeto

Fonte: Batista (2013)



Figura 3: Mostra das peças produzidas

Figura 4: Grupo gestor/escolar



Fonte: Batista (2013)

Fonte: Batista (2013)

Esta proposta de trabalho surgiu a partir da idéia de tornar as aulas de Geografia mais interessante, fazer com que os alunos entendessem que a Geografia vai mais além, que ela aborda muitos meios, e que através de pequenos atos podemos fazer grandes transformações, que o mundo está pedindo socorro e que somos nós que devemos ajudá-lo. É trazer a arte para dentro da Geografia e assim fazendo uma junção onde a aula se torna mais atrativa e boa. É de extrema importância realizar trabalho como este, pois, contribui para conscientização das pessoas com a saúde, higiene e a conservação da natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram alcançados, uma vez que o estágio proposto foi desenvolvido em etapas. As atividades foram cumpridas, tornando possível a execução do estágio. No ano de 2012 foi realizada a observação do estágio e a semiregência, e no ano de 2013 foi realizado a regência onde coloquei em prática os conhecimentos obtidos durante a semi regência. Deste modo, nós – os acadêmicos – tivemos a oportunidade de poder participar, vivenciar e observar as escolas campos na sua rotina, ajudando os profissionais e os alunos naquilo que fosse necessário.

O 4º ano da faculdade foi muito importante, pois me possibilitou colocar em prática aquilo que vivenciei no 3º ano no período da semiregência, principalmente o projeto de intervenção que desde o ano passado queria aplicar para os alunos e só no 4º ano é possível aplicá-lo, pois é o período da regência, esse projeto é de muita importância aos alunos, pois discute muito a questão dos problemas que vem ocorrendo no meio ambiente, o tema do trabalho é reciclagem: uma maneira de preservar o meio ambiente, onde se faz necessário discutir o quanto o mundo esta sendo destruído, o quanto a poluição é grande em todos lugares. A realização desse projeto trouxe muitos resultados, principalmente positivos pois eu aprendi um pouco mais, e os alunos também adquiriram muitos conhecimentos além do que eles já obtinham, ver a interação deles uns com outros, o entusiasmo, a alegria depois de ver o que eles próprios



produziram, foi de muita satisfação, esse projeto proporcionou muita aprendizagem a todos nós que estávamos inseridos no projeto e os demais que de alguma maneira participou.

A partir daí, compreendi que estagiar é crescer junto com os alunos, que são nosso alvo, e junto com profissionais competentes que nos auxiliaram para que futuramente possamos ser capazes de vestir a camisa e lutar por um futuro melhor. Não apenas ser mais um professor que anseia por um salário irrisório, mas que abraça a causa e ama aquilo que faz.

É assim que o estagio nos faz pensar, em mudar aquilo que não concordamos, em dar opiniões de mudanças para que o mundo não pare e sim continue cheio de mudanças, pois o mundo está cada vez mais globalizado e se pararmos ficaremos para trás, então devemos estar preparados e assim preparando os alunos para o mundo que há de vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÕES

No estágio curricular supervisionado obtive vários conhecimentos apreendidos dentro das escolas com professores, alunos, e diversos outros meios. Gostei muito de estar nesses lugares. Quem sabe um dia eu possa estar trabalhando ali. Me senti realizada e com certeza muito gratificada, pois todas as pessoas dessas intuições me receberam muito bem, de forma que fiquei muito satisfeita. As aulas que ministrei foram muito boas e a turma com que trabalhei também gostei muito, os resultados foram satisfatórios pois consegui dar as aulas e os alunos participaram e aprenderam, durante a realização do projeto também foi muito bom ver o quanto os alunos estavam interessados, preocupados com os resultados, com a amostra dos objetos que eles próprios confeccionaram, e cara de satisfação deles quando pronto os materiais, isso é de muito proveito para mim enquanto estava ensinando, eles o quanto foi especial estudar esse tema do projeto, se não conseguir mudar o mundo pelo menos já tentamos fazer alguma coisa para amenizar um pouco dos problemas. O grupo gestor são profissionais qualificados, competentes, responsáveis, e acima de tudo, agradáveis. Sempre que surgia uma necessidade nos ajudavam com alegria, nos incentivando com



palavras de ânimo e conforto. Observei que há alunos esforçados, mas que existem aqueles que não se interessam muito. Na verdade, tudo isso faz parte do contexto escolar, pois em todas elas existem esses casos.

Foi uma grande oportunidade e de extrema importância estar inserida no contexto escolar como estagiária pois estou me preparando para quando professora. A valorização da pesquisa do estágio foi de grande relevância para a conclusão do trabalho.

Após tudo feito, compreendi seguramente que “ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos, nem formar. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”. (FREIRE, 2001, p.25).

Um aprende com o outro não é porque um é desinteressado, ou porque o professor é aquele que está lá na frente que sabe mais, não o professor merece respeito, e ele está ali pra tirar dúvidas e ensinar aquilo que ele sabe, mas todos nós estamos em constante aprendizagem, muitas coisas que um não sabe houve o outro falar e aprende, e assim a educação mudando dia após dia, mas sempre buscando se aperfeiçoar.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 29 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 18. Ed. São Paulo, 2001.
- BONDUKI, Sônia. Ciências, 2º ano: **ensino fundamental**/Sônia Bonduki, Carolina Reuter Camargo. - 2.ed. - São Paulo: EBEP, 2011. il. (Brasiliense)
- PCNs. 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: **introdução aos parâmetros curriculares nacionais**/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- PIMENTA; **Anastasiou**, 2002, p. 204
- PIRES, L. M. **Ensino De Geografia: Cotidiano, Práticas E Saberes**. In: XVI ENDIPE - **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**. Morrinhos, p. 2-5., Unicamp - Campinas – 2012.



INDISCIPLINA EM SALA DE AULA: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

SILVA, Leidiane Cristina Monteiro¹; MARQUES, Marlucia²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹leidianecristina19@yahoo.com.br; ²marlucia.marques@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar a experiência obtida durante o estágio do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – UnU de Iporá, realizado no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima, através do Projeto de Intervenção “Indisciplina na Sala de Aula: Um desafio para a educação”. Onde buscou-se fazer um levantamento bibliográfico sobre as causas da indisciplina em sala de aula, bem como as formas de minimizá-la e assim utilizar a Geografia, que trata-se de uma disciplina voltada para o estudo do ambiente e das contradições econômicas e culturais da realidade, para abordar a indisciplina presenciada pelos estagiários durante suas aulas, e através da exibição do documentário “Pro Dia Nascer Feliz” levar os alunos a refletirem sobre suas atitudes e produzirem vídeos expondo os motivos que os levam a serem disciplinados. A realização deste projeto se justifica pela necessidade de levantar alternativas que visem entender os motivos geradores da indisciplina, que vem sendo um desafio enfrentado por todo o colégio, e que foi um problema encontrado pelos estagiários, impedindo-os muitas vezes de executarem todo o seu planejamento e de ministrarem aulas com maior qualidade. Além disso, esta questão também tem sido foco de discussões durante os conselhos e reuniões pedagógicas. “Podemos dizer que há indisciplina na sala de aula sempre que alguém, professor ou aluno, tenha um comportamento que não se enquadre com as normas estabelecidas, tanto na comunidade escolar como na própria sociedade” (VIEIRA, CAMACHO E CAMACHO, 2010, p. 03). Neste contexto, não se pode afirmar que a indisciplina é algo que esteja associado simplesmente ao mau comportamento do aluno, pois existem outras variáveis que afetam esta questão, inclusive a própria postura do professor e dos demais profissionais da instituição escolar. Espera-se com este projeto promover pequenas mudanças nas atitudes dos alunos e professores e assim, através do estágio contribuir para a melhoria da educação na unidade de ensino. Através da realização deste projeto, pode-se perceber que os alunos pontuam os motivos que os levam a ter atitudes indisciplinadas, e estão conscientes que precisam mudar esta postura, sendo necessário que os profissionais da educação se envolvam nesta questão e promovam ações que busquem modificar esta realidade, em prol da melhoria da educação.

Palavras-chave: Alunos; Educação; Indisciplina.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar deveria ser o local que propiciasse aprendizagem, troca de conhecimentos e que contribuísse para a formação dos estudantes enquanto cidadãos. Mas ao adentrarem em sala de aula, os professores tem se deparado com um grande



desafio, o de lidar com a indisciplina e ministrar suas aulas de forma a garantir o aprendizado dos alunos. Para o estagiário o desafio é ainda maior, pois como não está acostumado a lidar com alunos no dia a dia, e por mais que tenha o auxílio de teorias nas aulas de didática, encarar a prática e controlar a situação de indisciplina é uma tarefa árdua até para os mais experientes e conhecer os motivos que levam a indisciplina é o primeiro passo para buscar saná-la ou pelos menos minimizar a situação.

Os acadêmicos de Licenciatura de Geografia, na Universidade Estadual de Goiás Unu – Iporá ao realizarem o estágio no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima, tem se deparado constantemente com situações de indisciplina e muitas vezes acabam perdendo o domínio de sala. Este trabalho pretende identificar os fatores que contribuem para a indisciplina no ambiente escolar, incorporando a pesquisa aos alunos do 9º ano vespertino, e através do uso do documentário “Pro Dia Nascer Feliz” analisar a realidade do colégio, conduzindo-os há uma reflexão sobre seus comportamentos e posteriormente partilhando suas opiniões sobre o porquê de terem atitudes indisciplinares e como esta situação poderia ser resolvida.

Atualmente, o que se visualiza nas escolas é que não há mais uma relação de respeito entre aluno e professor, as escolas são burocráticas e pouco fazem para formarem verdadeiros cidadãos, se limitando apenas em cumprir aquilo que é proposto pelo governo, às avaliações apenas exigem que os alunos repassem para o papel o que ouviram do professor, sem, no entanto, fazerem uma reflexão sobre o que aprenderam e desenvolver sua criticidade. Os alunos de hoje, também vêem na escola o local ideal para adotarem posturas rebeldes, imorais, indisciplinares e desrespeitosas.

Porém a própria indisciplina pode ser utilizada como um tema transversal e a partir daí explicar conteúdos que estejam relacionados com as disciplinas e com o currículo proposto pelo governo, e a Geografia por ser uma ciência que estuda as relações existentes no meio, é uma das disciplinas chave para se trabalhar temas transversais tornando as aulas mais dinâmicas e proveitosas.

Cabe ao professor estimular nos alunos, mesmo em condições adversas, o ato de pensar e refletir sobre a postura que estão adotando, até porque, muitos alunos agem de forma inadequada, devido à sociedade na qual estão inseridos. “O uso dos palavrões,



os gestos agressivos, a falta de interesse pelo estudo, o não desejo de organização das informações que lhe chegam todo o dia são elementos que classificam a territorialidade da juventude transviada das últimas duas décadas”. (SILVA, 2009, p. 10). Os professores devem ser guerreiros e se prepararem cada vez mais para enfrentarem os desafios impostos pela educação.

OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo analisar os fatores que contribuem para a indisciplina no ambiente escolar, incorporando a pesquisa aos alunos do 9º ano vespertino, do Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima, em Iporá – GO, através da utilização do documentário “Pro Dia Nascer Feliz”, seguido de uma reflexão sobre o conteúdo do mesmo.

E por último levar os alunos a produzirem vídeos expondo os motivos que acreditam ser os responsáveis pela indisciplina no colégio em que estudam.

MATERIAIS E METODOS

Para fundamentar o estudo, optou-se por desenvolver uma pesquisa bibliográfica, tendo como objetivo, buscar compreender alguns conceitos a respeito do tema. E conhecer experiências de outros professores de como lidaram com a indisciplina em seu ambiente de trabalho, a exposição do documentário “Pro Dia Nascer Feliz”, seguido de uma dinâmica de reflexão, serviu como meio para que os alunos pudessem expor o que entenderam, e a produção de vídeos realizados pelos próprios estudantes auxiliou na busca por respostas dos motivos que acreditam ser responsáveis pela indisciplina no colégio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA



Um dos grandes desafios que um estagiário enfrenta ao entrar pela primeira vez em sala de aula, é conseguir lidar com a indisciplina, tão presente hoje nas instituições escolares onde os alunos tem se mostrado cada vez mais rebeldes e menos respeitosos para com os profissionais da educação, em especial o professor.

Assim torna-se necessário descobrir quais as causas destes comportamentos por parte dos alunos e buscar saná-los ou pelo menos minimizar a situação. Tornando o ambiente escolar mais agradável e propício a aprendizagem.

Como a educação é essencialmente a relação entre pessoas, o professor não pode ser apenas alguém que transmite os seus conhecimentos aos discentes, também tem de ser um amigo com quem os alunos possam contar e alguém que os incentive a criar novas coisas e a acreditar nas suas capacidades, enquanto seres humanos multifacetados. No fundo, isso também contribui para um ambiente harmonioso e eficaz para a aprendizagem. (VIEIRA, CAMACHO E CAMACHO, 2010, p. 06).

O professor era visto somente como aquele responsável em repassar conteúdos, mas hoje o papel do professor não é somente este, mas também converter esse ensino para a realidade dos alunos, ter domínio dos recursos metodológicos e conseguir repassar os conhecimentos de forma que este contribua para a formação social dos indivíduos. Além disso, a busca por novas metodologias, que proporcionem aulas mais dinâmicas pode ser um grande diferencial, capaz de prender a atenção dos alunos tornando-os mais disciplinados.

A falta de interligação entre o conteúdo ensinado e a realidade vivida pelos alunos, e precariedade de infraestrutura no ambiente escolar também podem ser considerados fatores geradores de indisciplina.

O primeiro porque os alunos quando não visualizam utilidade prática naquilo que estão aprendendo, perdem o interesse, pois se os professores não souberem trazer para a realidade os conteúdos exigidos nos componentes curriculares, a educação perde o seu foco que é ensinar para a vida. Os currículos estabelecidos nos cursos de formação Docente deixam a desejar em relação a propor disciplinas mais voltadas para a educação e em relacionar teoria e prática, promovendo um estágio que leve o licenciando a ter contato com a sala de aula e com as atribuições de um professor, onde “[...] fica bem



reduzida a parte curricular que propicia o desenvolvimento de habilidades profissionais específicas para a atuação nas escolas e nas salas de aula” (GATTI 2010, p 18). E o segundo, devido ao fato de que se o ambiente não for agradável, ele não propiciará condições para que ocorra o verdadeiro aprendizado.

Muitos alunos também possuem comportamentos indisciplinados, sendo rebeldes, respondões e mal educados, com o intuito de impor respeito, ser visto como corajoso, pois principalmente na adolescência jovens com estes comportamentos acabam chamando a atenção que buscam tanto por parte dos professores, como de seus próprios colegas.

Se os professores adotarem posturas muito autoritárias, não dando oportunidade aos alunos de exporem seus conhecimentos, cobrando e humilhando quando estes não conseguem desempenhar uma atividade, certamente também haverá a indisciplina. Porque todo ser humano quer ser respeitado e levado em consideração, por isso, é extremamente necessário dar liberdade aos alunos para contribuírem com seus conhecimentos e se tornarem diretamente responsáveis pelo processo ensino aprendizagem.

Além disso, muitos alunos pertencem a famílias desestruturadas e acabam levando os problemas familiares para a sala de aula, sem contar que os pais muitas vezes transferem para a escola a responsabilidade total de educar seus filhos, deixando para os professores uma tarefa muito difícil se não for feita em parceria com estes responsáveis.

As mudanças que ocorreram na sociedade também afetam o comportamento dos alunos, pois como hoje tanto os pais como as mães acabam trabalhando fora, possuem pouco tempo para se dedicar a seus filhos, fazendo com que eles tenham atitudes rebeldes para chamar a atenção.

Desta forma, o professor precisa conhecer bem seu aluno, e estar preparado para enfrentar estas contradições, e assim garantir um melhor relacionamento professor/aluno.



O QUE FAZER PARA MINIMIZAR A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA E O USO DA GEOGRAFIA PARA SE ABORDAR QUESTÕES VOLTADAS PARA A REALIDADE DO AMBIENTE ESCOLAR

Segundo Vasconcellos (1995) uma das dificuldades de se enfrentar a questão da indisciplina em sala de aula, é porque o educador não tem um método, ou uma ferramenta eficiente, ele tem uma série de idéias, mas não sabe por que elas não funcionam, necessitando então de se ter clareza de objetivos, analisar a situação de sua sala e assim buscar as melhores alternativas.

Dentre estas alternativas destacam-se, ministrar uma boa aula que desperte a atenção dos alunos, o professor precisa ter domínio de conteúdo e planejar bem o que será feito em sala de aula. Pois assim, este professor conseguirá ter o domínio da classe e já terá outros planos caso alguma coisa falhe, não permitindo que o foco da aula se disperse e nem que esta se torne cansativa. Esta é sem dúvida uma postura que inspira respeito nos alunos pelo docente.

Delegar funções compatíveis com a capacidade de cada estudante também é uma forma de fazê-los se sentir parte da escola, e estarem contribuindo de alguma forma para o seu próprio aprendizado.

As famílias também não estão fazendo a sua parte na educação dos jovens, o que é afirmado por Vasconcellos (1995, p. 22) “a família não está cumprindo a sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos”. Assim, é preciso que as escolas busquem parcerias com as famílias, incentivando-as a serem mais presentes na vida escolar de seus filhos, por que desta forma, eles se sentirão importantes e verão que há pessoas que se importam com eles, e que estão lutando para que tenham uma formação escolar adequada.

Porém, é preciso ter em mente que a indisciplina é um problema que não será resolvido de um dia para o outro. Pois é preciso compreender as causas deste no ambiente escolar em questão e adotar as medidas mais adequadas, buscando sempre levar em consideração a opinião dos alunos.



A Geografia é uma disciplina voltada para o estudo do ambiente e das contradições econômicas e culturais da realidade, tendo grandes possibilidades de se exemplificar seus conteúdos com o que é vivenciado na prática. Neste contexto, o ensino de Geografia deve ter como objetivo levar os alunos a terem uma compreensão do espaço geográfico e a se tornarem cidadãos aptos a atuarem em sociedade, e o professor de Geografia, independente da série escolar, deve se preocupar em fazer com que os alunos saibam bem mais que apenas descrever lugares, e sim entender as relações existentes no espaço em que vivem, bem como as transformações do meio, para assim se verem como cidadãos atuantes e agentes de mudanças.

Ainda segundo Visentini (2003), este profissional deve contribuir para desenvolver potencialidades, pois o conhecimento também é poder e serve para dominar ou combater a dominação, e mostrar que o educando pode tornar-se co-autor do saber. Trabalhar temas transversais dentro de disciplinas como a geografia, pode ser uma alternativa que desperta a atenção dos alunos em participarem das atividades propostas.

O documentário “Pro Dia Nascer Feliz”, por exemplo, pode promover uma reflexão sobre as diferenças de classes sociais, a precariedade na infraestrutura das escolas públicas e os problemas que mais afetam o ensino nestas escolas, bem como mostrar em mapas os locais onde se passam as entrevistas. Assim a aula seria mais dinâmica e promoveria discussão a cerca do conteúdo do documentário, que não foge do que é ensinado na geografia. Além disso, os alunos iriam exercer sua criticidade, e talvez se verem em determinadas situações, e repensarem suas ações dentro do ambiente escolar. E a geografia cumpriria seu papel de formar cidadãos.

Outras metodologias também podem ser utilizadas nas aulas partindo de temas transversais, que como estão presentes no dia a dia dos alunos promovem o verdadeiro aprendizado. O conhecimento não deve ser visto como algo pronto e acabado, as transformações que ocorrem no ambiente escolar também não podem ser deixadas de lado, por isso a educação necessita passar por mudanças, para oferecer um ensino de qualidade que supra as necessidades da sociedade contemporânea.



DOCUMENTÁRIO PRO DIA NASCER FELIZ E A EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL OSÓRIO RAIMUNDO DE LIMA COM O 9º ANO VESPERTINO

O documentário “Pro Dia Nascer Feliz”, mostra a realidade de escolas públicas espalhadas pelo Brasil, e uma escola particular localizada em São Paulo. Na rede pública o que se visualiza, são muitos problemas, dentre, eles a precariedade da infraestrutura, a falta de professores, alunos que vivem em ambientes desestruturados e muitas vezes ligados ao crime, drogas e até assassinatos. Na rede privada, a realidade é outra, a infraestrutura do ambiente é ótima, os alunos possuem um estilo de vida que lhes possibilita acesso à cultura e lazer, não é relatado o envolvimento dos alunos com drogas e ao mundo do crime.

Os jovens protagonistas do documentário é que narram sua própria história, o que sem dúvida comove o espectador que vê o quanto a educação do Brasil necessita ser melhorada para conseguir atingir seu papel e ser uma ponte entre os jovens e a realização de seus sonhos.

No documentário os jovens de escolas públicas, relatam que apesar de não gostarem de estudar vão a escola para conquistarem um futuro melhor. Torna-se visível que mesmo os alunos mais indisciplinados vêm na educação a porta para a conquista do mercado de trabalho e das oportunidades.

Este filme, por ser algo tão real, é capaz de fazer o espectador parar e refletir sobre uma série de assuntos, como a desigualdade, a injustiça, o descaso para com a educação, a criminalidade, a violência, entre outros fatores que a sociedade brasileira vivencia de perto. E se trabalhado em sala de aula, pode fazer com que os alunos e professores se identifiquem com algumas situações e comecem a repensar suas ações no ambiente escolar.

Durante a realização do Projeto de Intervenção “Indisciplina na Sala de Aula: Um desafio para a educação”, os alunos do 9º ano do ensino médio do turno vespertino assistiram o Documentário “Pro dia Nascer Feliz” (Conforme figura 1) e em seguida participaram de uma dinâmica onde eles comentaram trechos do filme e puderam expor



o que pensam a respeito da temática abordada, por último, os alunos foram divididos em grupos para produzirem vídeos.



Figura 1 - Alunos do 9º ano vespertino assistindo ao documentário “Pro Dia Nascer Feliz”. Foto: Leidiane Cristina Monteiro Silva 2013.

O uso desta metodologia foi uma tentativa de mostrar aos alunos um problema existente no ambiente escolar deles, que é a indisciplina, e que tem prejudicado muito o andamento das aulas, e assim buscar junto com eles desvendar os motivos da indisciplina no colégio bem como ouvi-los quanto às alternativas para eliminá-la. E assim contribuir através do estágio para a melhoria do processo ensino aprendizagem.

Durante a exibição do documentário houve várias atitudes indisciplinadas como, conversas paralelas, uso de celular e desatenção, porém as cenas mais fortes e as que mostravam alunos mais rebeldes, falando através de gírias, foram as que mais chamaram a atenção dos alunos.

No período de realização da dinâmica (Conforme figura 2) com perguntas sobre o documentário e sobre o próprio dia a dia dos alunos, eles também foram bastante indisciplinados, respondendo de forma debochada, conversando muito e não levando o trabalho a sério.

Porém alguns alunos apresentaram problemas reais da escola, como a questão de estudarem em uma sala muito quente, o que os impossibilita às vezes de prestarem atenção ao que está sendo dito pelo professor por conta do desconforto térmico, as aulas



pouco dinâmicas que são desmotivantes, a grande quantidade de conteúdos que precisam ver, onde estes acabam sendo passados de forma rápida e muitas vezes nem atingem a aprendizagem do aluno e também pontuaram que por não concordarem com as regras impostas pelo colégio, como não poderem utilizar o celular em sala de aula, acabam por não respeitá-las.



Figura 2 - Alunos do 9º ano vespertino participando da dinâmica sobre o documentário. Foto: Leidiane Cristina Monteiro Silva 2013.

Durante as entrevistas para a produção de vídeos (Conforme figura 3) os alunos responderam que indisciplina significa o mau comportamento que eles têm no ambiente escolar, como sair da sala várias vezes, conversar durante a explicação do conteúdo, uso do celular na sala, sujar a sala de aula jogando papéis e até pintando as paredes e o desrespeito ao professor através do uso de palavras ofensivas. Alguns até pontuam seus erros e suas atitudes como sendo indisciplinares, mas não se mostraram preocupados em mudar estas atitudes. Necessitando então que o colégio busque modificar ou cobrar o respeito às regras.

Como estratégias para eliminar a indisciplina, eles sugeriram ações como, colocar um filtro na sala de aula, o que diminuiria os pedidos de licença, e a verdadeira punição as atitudes indisciplinares, pois eles relataram que quando um aluno faz algo considerado errado, até mesmo praticando violência física ou verbal, ele é apenas levado para secretaria, ouve um sermão da direção e depois volta para a sala de aula se



enaltecendo por ter conseguido chamar a atenção, prejudicando a pessoa agredida, seja ela um colega ou um servidor, mas sem que nada lhe acontecesse de punição real.

Os alunos também deixaram claro que vêem na educação o caminho para o mercado de trabalho, faltando a eles a noção de que a educação tem um sentido e um papel muito maior, que é o de formar cidadãos, ou seja, pessoas que através de suas atitudes podem contribuir para gerar grandes mudanças na forma como a sociedade atual tem vivido, onde as desigualdades sociais estão tão presentes, o consumismo tem imperado e o desrespeito ao meio ambiente tem colocado em risco a própria existência da geração humana no futuro.

É preciso então buscar uma educação que possibilite noções de cidadania e que leve a juventude a querer mudar suas atitudes, e a se comprometerem mais com o ambiente escolar e com a sociedade em que estão inseridos, tendo consciência de que são eles os futuros cidadãos responsáveis pela transformação que o país tanto necessita para se tornar um lugar mais justo e propício a oferecer qualidade de vida a todos seus habitantes.



Figura 3 - Alunos do 9º ano vespertino participando da construção do documentário.
Foto: Leidiane Cristina Monteiro Silva 2013.

O pequeno documentário feito com os alunos do 9º ano vespertino foi exibido a eles e também ao 7º ano, pois estas são salas que segundo professores e gestores do Colégio Osório tem tido muitas atitudes indisciplinadas.

Durante a exibição do documentário os alunos mais uma vez tiveram mau comportamento, conversando muito, e debochando quando o colega aparecia no vídeo, mas ao término da exibição permaneceu na sala somente os alunos do 9º ano, e com a ajuda das professoras Deila Matias (professora de apoio da turma), Letícia Candido (professora de Geografia) e Marlucia Marques (professora de estágio da UEG-UnU Iporá), foi possível fazer uma grande reflexão sobre tudo o que foi mostrando no



projeto, levando os alunos a se conscientizarem de que a mudança que eles querem que aconteça no ambiente escolar para a melhoria da educação, não depende somente de maiores investimentos na infraestrutura do colégio e na realização de aulas mais dinâmicas, mas também de transformação na postura que eles tem adotado no ambiente escolar, onde passem a ser mais comprometidos com o processo ensino aprendizagem, respeitem colegas, professores, gestores e demais funcionários do colégio, e dêem continuidade a estas atitudes nos outros espaços que ocupam na sociedade.

Os alunos pela primeira vez, durante toda a execução do projeto mostraram estar dispostos a mudarem suas atitudes em prol de sua formação enquanto cidadãos e da melhoria da educação na unidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização do Projeto “Indisciplina na Sala de Aula: um desafio para a educação”, no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima, com a turma de 9º ano vespertino, foi possível perceber que o problema da indisciplina no colégio é muito grave. Mesmo quando os professores propõem aulas com o uso de metodologias diversificadas, como exibição de filmes, realização de dinâmicas, explicação dos conteúdos através de slides com conceitos e imagens para ajudar na compreensão do conteúdo, entre outros, é muito difícil conseguir atrair a atenção dos alunos e fazê-los se sentirem comprometidos com a escola e com a aprendizagem.

Foi possível observar também um desrespeito enorme as regras impostas pelo colégio, como por exemplo, o uso do celular, que mesmo sendo proibido os alunos o levam para a sala, ouvem música, atendem ligações, mandam mensagem, e até tiram fotos com estes aparelhos, no momento em que o professor está ministrando a sua aula. Além disso, quando os professores chamam a atenção dos estudantes devido a estas atitudes, eles são grosseiros e acreditam que estão com a razão.

Mostrar o documentário “Pro Dia Nascer Feliz”, até levou a um debate crítico, onde os próprios alunos pontuaram os problemas que vêm no seu ambiente escolar, bem como os motivos da indisciplina em sala de aula, mas quando citaram atitudes



indisciplinados, inicialmente falavam como se aquilo fosse alheio a eles, não percebendo que os próprios agiam da maneira mencionada durante a execução do projeto.

Porém após verem as respostas ditas por eles no documentário feito com a turma, também foi possível fazer um debate e uma reflexão sobre a situação em que o colégio se encontra, e a partir deste momento é que os alunos se conscientizaram de que realmente precisam mudar suas atitudes. Eles ouviram atentamente os conselhos ditos pelas professoras que estavam na sala e se propuseram a modificar sua postura no colégio.

Assim percebe-se que são necessárias mais ações que busquem a disciplina no ambiente escolar, além da maior cobrança e fiscalização quanto ao cumprimento às regras impostas no regimento do colégio, pois esta fiscalização é falha, deixando os alunos mais a vontade para terem atitudes indisciplinadas.

Apesar de não ter resolvido o problema da indisciplina na sala de aula, a realização de projetos como este pode abrir caminhos, para que haja mais discussões e mais ações, até mesmo por parte dos estagiários, que visem eliminar as causas da indisciplina, e através do estágio contribuir para a melhoria do processo ensino aprendizagem nas unidades de ensino.

REFERÊNCIAS

- GATTI, Bernardete A. **Formação de Professores No Brasil: Características e Problemas.** Edu. Soc. Campinas. n. 113. p. 1-25. 2010. Disponível em <[HTTP://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf)>. Acesso em: 20/08/2013.
- MAGGIE, Yvone. **Pro Dia Nascer Feliz.** Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/yvonnemaggie/2012/09/28/pro-dia-nascer-feliz/>. Acesso em: 04/09/2013.
- SILVA, Paula Junqueira da. **OS DESAFIOS DO PROFESSOR INICIANTE NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL.** In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20\(29\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20(29).pdf). Acesso em: 20/08/2013.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

VASCONCELLOS, Celso dos Santos de. **Disciplina: Construção da Disciplina e Interativa Em Sala de Aula e na Escola.** São Paulo: Libertad, 1995 .

VIEIRA, Liliana. CAMACHO , Natércia. CAMACHO, Raquel. **A Indisciplina na sala de aula.** Universidade da Madeira. Funchal, 2010. Disponível em: <http://matelandia.webatu.com/Docs/1.pdf>. Acesso em: 10/08/2013.

VESENTINI, José William. **Geografia Crítica e Ensino, in Para Onde Vai o Ensino de Geografia.** Org. Ariovaldo Umbelino de Oliveira. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2003.



AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES EM UTILIZAR AS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA

XAVIER, Karine Alves da Silva¹; PONTES, Ueslene Maria Ferreira²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹k_hsc@hotmail.com; ²ueslene.pontes@ueg.br

Resumo: Nos últimos tempos muito se tem discutido à respeito das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Muitos profissionais tem tido enormes dificuldades a cerca do domínio destas tecnologias, pois mesmo fazendo cursos de capacitação para domínio das mesmas, isto não tem sido uma tarefa fácil para os mesmos, pois a maioria dos alunos domina com mais facilidade a diversidade tecnológica do que os próprios professores. Pensando nisto, elaborou-se este trabalho com o objetivo de mostrar as dificuldades que os professores têm para utilizar as tecnologias em sala de aula. Para a realização do mesmo foram feitas pesquisas bibliográficas e pesquisas campo com alguns professores. A partir destas visitas notou-se que muitos profissionais da educação não utilizam as tecnologias por despreparo, e também por medo, pois muitos alunos dominam melhor estes recursos de que os professores. Foi possível perceber também que os professores que tem facilidade em utilizar as novas tecnologias são àqueles com menor experiência em sala de aula, já aqueles que têm mais experiências, mais tempo de serviço, muitas vezes nem utilizam estes recursos por não saberem manuseá-los. É preciso mudar esta situação. As tecnologias devem ser utilizadas por todos, pois facilitam a aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Educação; Novas Tecnologias; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Antigamente, a educação à distância era vista apenas como um complemento da educação presencial e, por isso, não era regulamentado. Entretanto, com o “aparecimento das novas tecnologias e o seu avanço significativo na sociedade, surgiu a necessidade de implantar propostas legislativas, isto é, políticas públicas e normas de diferenciação do ensino presencial com o ensino à distância” (MORAN,2008, p.55).

Atualmente fala-se muito da necessidade de se educar para os meios, isto é, educar para o uso da ferramenta própria do mundo digital. É nesse contexto que informações provenientes de diversas direções chegam a indivíduos cuja realidade não lhes permite desenvolver capacidade crítica de análise, “competência fundamental para evitar o colapso de valores importantes para o desenvolvimento da cidadania, da ética e da solidariedade” (VEIGA 2001, p.44).



As tecnologias têm uma função relevante na educação, pois auxiliam na mediação pedagógica, aumentam a interatividade entre o aluno e o professor, levando um mundo de conhecimento para dentro da sala de aula. Além da formação e qualificação dos docentes têm uma colaboração na mudança de paradigmas tradicionais em relação ao processo de ensino e aprendizagem, ou seja, elas se apresentam como uma nova maneira de ensinar e aprender.

Na rede, aprender é descobrir significados, elaborar novas sínteses e criar elos (nós e ligações) entre parte etodo, unidade e diversidade, razão e emoção, individual e global, advindos da investigação sobre dúvidas temporárias, cuja compreensão leva ao levantamento de certezas provisórias ou a novos questionamentos (FAGUNDES, 1999) relacionados com a realidade.

O homem apreende a realidade por meio de uma rede de colaboração na qual cada ser ajuda o outro a desenvolver-se, ao mesmo tempo em que também se desenvolve. Todos aprendem juntos e em colaboração. "Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1993).

O uso das tecnologias integra “novos saberes à prática educacional proporcionando” (MASETTO, 2000, p. 76) ao professor uma maior capacidade crítica de sua ação pedagógica e um leque maior de possibilidades na busca pelo interesse dos seus alunos. Sendo este um assunto que contempla os anseios da sociedade moderna, entende-se que o mesmo será de grande interesse para os profissionais da educação.

Sabe-se que “a escola é uma das organizações sociais que mais vem sendo questionada sobre como fazer uso dos recursos tecnológicos na sua proposta de educar” (ENS, 2002, p.40). O grande desafio do profissional da educação, mais do que utilizar tal ou qual recurso tecnológico, é pautar-se em princípios que privilegiam a construção do conhecimento, o aprendizado significativo, interdisciplinar e integrador do pensamento racional, estético, ético e humanista. A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e focar sua intencionalidade na aprendizagem de fato.



Ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e também o são as competências necessárias.

As tecnologias começam estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. É por isso que precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados.

É de suma relevância a realização deste trabalho porque o mesmo mostra a grande importância dos recursos tecnológicos na educação escolar, fator primordial para a extensão das metodologias de ensino. Só através de uma conscientização sobre a necessidade de implantar os recursos tecnológicos na educação é que os profissionais desta área poderão adotá-las em sua prática pedagógica.

OBJETIVOS

Mesmo ao identificar todos os benefícios das novas tecnologias na área da educação, nos deparamos com alguns problemas, pois não é sempre que as escolas ou os professores estão preparados para encarar esta nova realidade. São muitos os desafios, principalmente para os profissionais que ainda se prendem ao ensino tradicional e que são surpreendidos por alunos já “experientes” no uso das tecnologias. Sendo assim, é objetivo deste trabalho mostrar as dificuldades que os professores têm para utilizar as tecnologias em sala de aula.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a construção deste estudo foram feitas pesquisas bibliográficas para a construção do embasamento teórico mediante a visão de vários autores. Este período durou em média dois meses.



Após a construção do embasamento teórico foi feita uma pesquisa campo. Durante as visitas foram aplicados questionários aos professores a fim de averiguar a visão dos professores em relação às novas tecnologias no meio educacional.

Para tal, este trabalho será realizado da seguinte forma: no tópico 4.1, será feita uma análise de visão mais ampla sobre as tecnologias na educação. Constarão as idéias de autores que se dedicam a este assunto voltado para tecnologia que atualmente é o auge na educação. No tópico 4.2, será abordada a importância das tecnologias na sala de aula bem como as dificuldades dos professores na utilização destas. No tópico 4.3, será apresentado o resultado do questionário aplicado a alguns professores, buscando chegar a uma conclusão sobre a visão destes professores sobre as novas mídias na educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As tecnologias em sala de aula

A atual situação da educação brasileira tem sido objeto de estudo e preocupação uma vez que os alunos estão mais bem preparados para lidar com as novas tecnologias do que os professores.

Toda essa transformação tem feito o professor se sentir ameaçado pelas novas tecnologias. Para diminuir essa preocupação, as escolas devem oferecer aos professores cursos de atualização tecnológica e mostrar as vantagens do uso de computadores, vídeos e outros recursos no processo de ensino aprendizagem. A capacitação dos professores é altamente necessária porque os mesmos precisam se preparar para enfrentar uma sala de aula em que o público vem de casa com muita informação. Assim a linguagem entre os dois, professor e aluno, será mais próxima. Isso também muda a visão do aluno que passará a ver no professor um profissional que acompanha os processos evolutivos e não está às margens do progresso.

Sendo assim, o professor, ao tomar conhecimento das reais vantagens no uso da tecnologia em sala de aula, vai descobrir que sua presença é sempre fundamental. Ele, fonte de informação e saber, nunca poderá ser substituído por uma máquina. Mas



sim se utilizará da máquina como recurso rápido de armazenamento, manipulação e localização de informações. Para a construção do conhecimento do aluno atual, o professor assume o papel do mediador e orientador, que pode ser designado não somente ao professor, como também a um outro sujeito com maior conhecimento sobre o assunto desenvolvido.

Paulo Freire (1993) diz que "o educador precisa estar à altura de seu tempo", ou seja, o professor deve acompanhar as mudanças no campo da tecnologia para que possa rever sua prática pedagógica com o intuito de melhorar a educação preocupando-se mais com a efetiva aprendizagem dos alunos.

Dentro desse novo paradigma, importante é a questão da prática educativa, da postura do professor, do seu posicionamento frente às novas tecnologias em uso na educação. Essas são questões que determinam a eficácia do processo de construção do conhecimento. Processo este em que a interação entre sujeito e objeto se constitui de forma dialética, assim sendo, o aluno sujeito de seu próprio conhecimento mediado pelo professor. Pedro Demo (1998), considera que:

A aprendizagem supõe pelo menos dois componentes interligados: o primeiro é o esforço reconstrutivo pessoal do aluno; o segundo é uma ambiência humana favorável, onde se destaca o papel maiêutico do professor (1998, p.167)

O aprendiz é quem irá desenvolver seu processo de aprendizagem, mas este não é somente individual, e sim, social, o que leva a reforçar a importância da figura do professor, como mediador, para que ocorra a aprendizagem.

De acordo com os (PCN's , 2000):

As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (...) Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos (2000,p.11-12).



E a tecnologia está aí como um instrumento de amplas possibilidades. Como afirma Veiga (apud MORAN, 2007):

É preciso evoluir para se progredir, e a aplicação da informática desenvolve os assuntos com metodologia alternativa, o que muitas vezes auxilia o processo de aprendizagem. O papel então dos professores não é apenas o de transmitir informações, é o de facilitador, mediador da construção do conhecimento. Então, o computador passa a ser o 'aliado' do professor na aprendizagem, propiciando transformações no ambiente de aprender e questionando as formas de ensinar (2007, p.2).

Desta forma os profissionais da educação de hoje devem mergulhar no novo modo de aprender e ensinar, onde todos são emissores e receptores de informação, logo educador e educando constroem juntos os conhecimentos, ensinando-se mutuamente.

Assim, repensar o papel do professor nesse cenário é de grande relevância para a educação. O trabalho docente nos dias atuais demonstra a necessidade de transcender o espaço tradicional que ocupou ao longo do tempo. Agora, os dias são outros. As ferramentas são diferentes e desafiadoras.

Portanto, o novo docente deve estar apto para lidar com os desafios do campo educacional independentemente da sua área específica de atuação. Ser capaz de manusear os novos aparatos tecnológicos, produzir ideias interessantes e disseminá-las entre a comunidade estudantil, incentivá-los e orientar em suas buscas, necessidades e aspirações é uma das grandes transformações que os profissionais da educação precisam estar preparados para fazer.

As dificuldades com o uso das tecnologias em sala de aula

Refletir sobre as mídias na educação hoje é importante para que se possa compreender a relevância destas na formação de crianças, adolescentes e adultos e entender como aproveitá-la como ferramenta educacional. É por isso que este assunto é interessante para ajudar a desenvolver um olhar crítico sobre os diversos tipos de mídia.

Segundo Moran (2007):



Os alunos estão prontos para a multimídia, os professores, em geral, não. Os professores sentem cada vez mais claro o descompasso no domínio das tecnologias e, em geral, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial. Creio que muitos professores têm medo de revelar sua dificuldade diante do aluno. Por isso e pelo hábito mantêm uma estrutura repressiva, controladora, repetidora. Os professores percebem que precisam mudar, mas não sabem bem como fazê-lo e não estão preparados para experimentar com segurança. Muitas instituições também exigem mudanças dos professores sem dar-lhes condições para que eles as efetuem. Frequentemente algumas organizações introduzem computadores, conectam as escolas com a Internet e esperam que só isso melhore os problemas do ensino. Os administradores se frustram ao ver que tanto esforço e dinheiro empatados não se traduzem em mudanças significativas nas aulas e nas atitudes do corpo docente (2007,p.101-111).

Muitas instituições exigem mudanças dos professores sem dar-lhes condições para que eles as efetuem. Para Orozco Gomez (1997, p. 61), a postura que os educadores devem ter diante das mídias não é a de “jogar ou não jogar”, e sim a de serem mediadores. Para tanto, o autor afirma a necessidade uma mudança nas regras do jogo na qual o professor fará das mídias aliadas da escola, e não inimigas. Para ele,

São os professores que enfrentam diariamente seus alunos de primário e secundário, aqueles que estão sendo testemunhas das condições e dos limites da situação cultural, econômica e política na qual se tem que cumprir a função de ensinar (GOMEZ, 1997,57-68).

Entende-se assim, que os professores estão conscientes da importância das tecnologias em sala de aula, porém ainda há uma grande resistência por parte deles no seu uso. Entretanto, segundo Paulo Freire (2005), a educação sozinha não transforma o mundo, mas transforma as pessoas e, essas sim, transformam o mundo. A necessidade de formar professores autônomos comprometidos, que insiram em sua prática docente a busca constante de informação e atualização profissional para realizar um bom trabalho, é urgente.

As mídias passaram a ter uma interferência muito grande em tudo que é visível (ou invisível) na sociedade. O que nós sabemos do mundo e os significados que nós atribuímos a este mundo é, em grande parte, mediado pelas mídias. Entende-se que este pode ser um dos fatores que promovam nos professores a insegurança quanto ao que vão ensinar. Para Lemos, Carlos e Barros, (2008):



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

A mídia pode ser pensada como uma arena de disputa pela publicidade dos discursos. Trata-se de um espaço de aparência, onde o social e o cultural adquirem status de real, legítimo, público e notório. A mídia constitui, pois, uma instância de produção e reprodução cultural, que contribui para a manutenção do sistema cultural vigente e desejado pelos segmentos sociais interessados nessa manutenção, movidos por interesses privados.

Neste cenário de disputa por informar, entende-se que os profissionais advindos de formações tradicionais as quais não se tinha nos currículos nada relacionado à temática sofreram um impacto grande com a chegada das mídias na educação, principalmente com o computador. O computador tornou-se o medo, o desafio na luta em adaptar-se a nova realidade social, econômica e educacional que a escola, vivência, isto porque é uma fonte que jorra informações.

Um dos principais problemas que se pode identificar com relação às novas tecnologias é a falta de habilidade no uso dessas ferramentas – especialmente pelos professores mais velhos. Entende-se que a atitude de cada professor está relacionada à sua formação; poucos utilizam tecnologias que não aprenderam na graduação. Outra dificuldade para o professor é conseguir definir, não só como e quando usar a tecnologia, mas também, o porquê e para quê.

As dificuldades de inserção das mídias em sala de aula ao longo da história da educação e das práticas educativas estão sendo discutidas. Infelizmente, para alguns educadores estes recursos são importantes, mas “dão mais trabalho” seu uso como ferramenta pedagógica em sala de aula ou, em outros casos, a postura mais comum de alguns professores é simplesmente ignorá-las. Em casos mais assustadores, educadores utilizam-na de forma mecanizada a qual não viabiliza a verdadeira produção de novos conhecimentos que é permitida com o trabalho pedagógico a partir das mídias, especialmente da internet.

Contudo, percebe-se de acordo com Pretto (1996) que desde que usadas como fundamento do processo de ensino-aprendizagem e não como mero instrumento que as novas tecnologias podem representar uma nova forma de pensar e sentir ainda em construção, vislumbrando, assim, um papel importante na elaboração do pensamento.



Num contexto globalizado, este é o grande desafio do professor, inicialmente quebrar as barreiras de sua formação e tentar superar as dificuldades da inserção das mídias na sala de aula. Entretanto, não basta introduzir as mídias na educação apenas para acompanhar o desenvolvimento tecnológico ou usá-las como forma de passar o tempo, é necessário haver uma preparação para que os professores tenham segurança, não só em manuseá-las, mas principalmente em saber utilizá-las de modo seguro e satisfatório, transformando-as em aliadas para a aprendizagem de seus alunos.

Na visão de Guillermo Orozco Gomez (1997), um dos preconceitos presente no imaginário dos professores é pensar que os meios de comunicação, especialmente a televisão, são uma “caixa idiota” que deve ser mantida o mais longe possível da sala de aula, da escola e dos processos educativos. Sendo assim, não se discute TV na sala de aula.

Portanto, o uso educativo das mídias ganhará sentido e consistência à medida que o professor decidir incorporá-las verdadeiramente em seu processo de ensino e se questionar e questionar os outros, se informar e comunicar com os outros, se flexibilizar e personalizar as suas atividades com as tecnologias. A formação contínua em novas tecnologias deve dar especial atenção a estas problemáticas e contribuir, desse modo, para que o professor assuma novas atitudes e compromissos na sala de aula. Não dá mais para “fazer de conta” que incluiu os recursos tecnológicos em suas aulas. Faz-se necessário uma mudança de postura e de atitudes conscientes para que essas tão importantes ferramentas venham de fato contribuir para uma educação contemporânea de qualidade.

Resultados da pesquisa campo

Na intenção de obter dados que revelam a opinião dos professores a respeito das tecnologias em sala de aula aplicou-se um questionário (segue em anexo) a alguns professores de uma Instituição de Ensino.

As Escolas contam hoje com grande parte das tecnologias que mais são utilizadas no dia a dia. Tem retroprojeto, data show, sala de vídeo com TV e aparelho



de DVD, aparelho de som, tem a rádio pátio e laboratório de informática. Percebe-se que tecnologicamente os professores estão bem servidos de recursos.

Entretanto, ao se falar do laboratório de informática é possível se deparar com a questão das dificuldades que os educadores têm de planejar uma aula para o uso neste. Foi observando essa questão que propusemos a realizar uma pesquisa para conhecer a opinião dos professores sobre as mídias na educação.

Foi elaborado um questionário composto por oito perguntas referentes ao uso das tecnologias na educação, bem como suas implicações no ensino em sala de aula. Aplicou-se o mesmo à professores de diferentes formações acadêmicas e com experiências em sala de aula diferentes, isto é, alguns com longos anos de profissão e outros mais novos nesta área, (figura 1).

Ao serem questionados sobre as dificuldades em utilizar as mídias eletrônicas em suas aulas, a maioria dos professores revelou que não têm dificuldades com o manuseio das mesmas e os demais disseram que sim. Observou-se nesta questão que os que disseram ter dificuldades são os mais “experientes” na educação. Já os que disseram não ter dificuldades são os mais jovens tanto na idade quanto na profissão, pois cresceram junto com as novas tecnologias.

Entretanto, ao serem questionados sobre quais os recursos tecnológicos que mais utilizam em suas aulas a metade dos entrevistados disseram ser a internet. Os outros se dividiram entre o data-show, a TV e o DVD.

Outra questão levantada foi sobre a capacitação dos professores, ou seja, se eles já fizeram cursos para aprender a utilizar o computador. A maioria disseram que não.

Os professores foram unânimes em dizer que os alunos sentem mais interesse pelas aulas que são ministradas com algum recurso tecnológico, principalmente com o uso da internet e que estas são mais produtivas tanto para eles quanto para os alunos. Entretanto, ressaltaram que não é muito fácil fazer com que se atentem somente para o conteúdo que está sendo ministrado, mesmo que, de acordo com eles esta aula seja bem planejada. Alguns alunos insistem em “dar uma escapadinha” para visitar outros



assuntos. É neste momento que os professores precisam estar atentos para tudo que está acontecendo, não deixando que sua aula seja prejudicada.

Foi interessante observar que a maioria dos professores não sente ansiedade quanto ao futuro em relação às tecnologias. Outro fator que foi questionado foi sobre se eles (os professores) se sentem menos preparados que os alunos para lidar com as mídias e, constatou-se que a maioria dos entrevistados disse que não sentem menos preparados, porém alguns disseram que os alunos estão mais preparados para “mexer” com as tecnologias, principalmente com o computador.

Ao serem questionados se as mídias possibilitam um trabalho mais dinâmico e produtivo em todas as disciplinas a maioria dos professores disse que sim. A última pergunta do questionário, carregada de suma importância, foi se os professores acreditam que as tecnologias são importantes para um ensino de qualidade e, por unanimidade todos concordaram que sim. Os professores estão conscientes que o ensino tem se inovado e que não é possível se desfazer de seus benefícios para a educação.

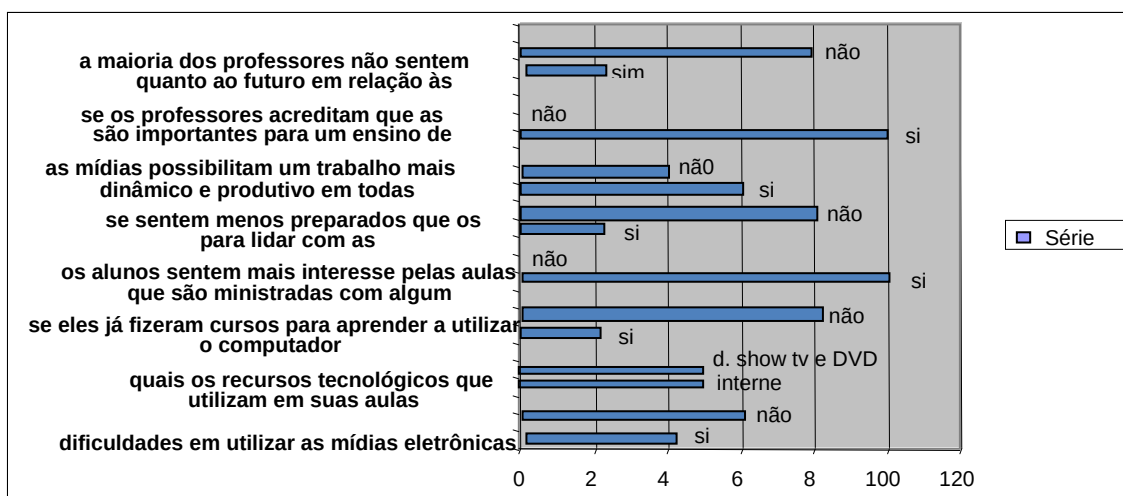


Figura 1. Levantamento dos dados do questionário aplicado a professores em uma Instituição de Ensino

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados e da pesquisa desenvolvida através dos resultados apresentados por meio do questionário em relação às dificuldades da



utilização das mídias em sala de aula, foi possível perceber que o problema crucial refere-se à falta de formações continuadas. Alguns professores não se sentem preparados para o ensino com as tecnologias e tem medo de serem substituídos pelo computador: “a máquina”.

Todo e qualquer conhecimento novo causa certo impacto, mas com o estudo, dedicação e aprendizado são superadas as dificuldades. A presença das tecnologias, principalmente do computador nas escolas, tem levado as instituições de ensino e os professores a adotarem novas posturas frente ao processo de ensino e de aprendizagem.

Nesse contexto, a questão do uso desses recursos, particularmente na sala de aula, ocupa posição central e, por isso, é importante refletir sobre as mudanças educacionais provocadas por essas tecnologias, propondo novas práticas docentes e buscando proporcionar experiências de aprendizagem significativas para os alunos.

É fundamental que os professores compreendam a importância do seu papel de educador. Jamais poderá ser substituído “pela máquina”, pois esta, sem a coordenação de um professor, não terá proveito educativo para os alunos. Nesta perspectiva as mídias não mais serão vistas com receio ou medo, mas sim como recursos pedagógicos capazes de dinamizar o processo educativo e colaborar com os alunos no processo ensino-aprendizagem.

Sendo assim, a realização deste trabalho foi de suma importância para a compreensão dos fatores que causam as dificuldades para os professores na utilização das tecnologias, pois o mesmo mostrou a grande relevância dos recursos tecnológicos na educação escolar, fator primordial para a extensão das metodologias de ensino.

Acredita-se que, só através de uma conscientização sobre a necessidade de utilizar adequadamente os recursos tecnológicos na educação é que os profissionais desta área poderão implementá-las em sua prática pedagógica, perdendo todo o medo e o receio com o uso destes veículos de informação. Para tanto, a escola deve pautar-se em princípios que privilegiam a construção do conhecimento, o aprendizado significativo, interdisciplinar e integrador do pensamento racional, estético, ético e humanista.

Portanto, a escola inovadora precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e focar sua intencionalidade na aprendizagem de fato



incorporando em seu sistema de ensino as tecnologias como fatores importantíssimos para a efetivação de um ensino de qualidade sem fixar-se apenas no ensino modelo tradicional.

REFERÊNCIAS

- ENS, Romilda Teodora; **Relação Professor, Aluno, Tecnologia: um espaço para o saber, o saber fazer, o saber conviver e o saber ser**; Colabora, Curitiba, v.1, n.1; fevereiro 2002 p. 40.
- FAGUNDES, L. C., SATO, L. S.; MAÇADA, D. L. **Aprendizes do futuro: as inovações começaram**. Cadernos Informática para a Mudança em Educação . MEC/Seed/ ProInfo, 1999. Disponível na web: <http://www.proinfo.mec.gov.br>
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- DEMO, Pedro. **Questões para Teleducção**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In MORAM, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.
- MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Papirus, 2007, p. 55, 101-111.
- _____: **A integração das tecnologias na educação**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/integracao.htm>. Acesso em 02/10/2013.
- MEC – Ministério da Educação; **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**; Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2000.
- OROZCO GOMEZ, Guillermo. **Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos**. **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: ECA/USP: Moderna, n. 10, p. 57-68, set/dez, 1997.
- FREIRE P. **Entrevista concedida à repórter Amália Rocha da TV Cultura**, em 1993, (gravada em vídeo).



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

PRETTO, Nelson. 1996. **Uma escola sem/com futuro – educação e multimídia.** Campinas: Papirus.

TV Câmara, TV pública? **As TVs legislativas na transição para a plataforma digital.**

Disponível em <[HTTP://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt_cscclaudia.](http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt_cscclaudia.pdf)

pdf> Acesso em 23 out.de 2013. LEMOS, Claudia R.F.; CARLOS, Máira de Brito; BARROS, Antonio Teixeira.

VEIGA, Marise Schmidt. **Computador e Educação? Uma ótima combinação.** In:

BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em foco.* Petrópolis - RJ, 2001. Disponível em:

<<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/ineud01.htm>>. Acesso em: 03/10/2013.



A PRÁTICA DE MODELAGEM: EXPERIÊNCIA COM A CONSTRUÇÃO DE MODELOS CELULARES COMESTÍVEIS

OLIVEIRA-NETO, José Firmino de Oliveira Neto¹; OLIVEIRA, Luciana Santos²;
MOTA, Gislene Alves³; COSTA, Jéssica Alves da⁴; SANTOS, Kelma Alice⁵; MOURA,
Susana Ferreira de⁶; PONTES, Ueslene Maria Ferreira⁷; MACCAGNAN, Douglas

Henrique Bottura⁸

Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá

¹ neto.09@hotmail.com; ² lucianasantos.o.bio@hotmail.com; ³ gislenee2009@hotmail.com;
⁴ jessica_alvescosta@hotmail.com; ⁵ kelma01alice@hotmail.com; ⁶ susana_ipora@hotmail.com;
⁷ uesleneferreira@hotmail.com; ⁸ douglas.hbm@ueg.br

Resumo: *Inúmeras dificuldades estão associadas ao ensino e aprendizagem no campo das Ciências, como os conteúdos serem muitas vezes muito abstratos e requerem uma maior imaginação dos discentes. Desta forma, para melhor compreensão dos fenômenos não basta exigir apenas a repetição ou a aplicação de uma série de conhecimentos previamente memorizados, mas, mais do que isso, a elaboração de hipóteses e investigações associadas à criatividade, à lógica e, é claro, aos conhecimentos anteriores, o que vem a culminar em algo não abstrato, como por exemplo, modelos. Dado isto, este trabalho objetiva relatar o processo de construção de modelos de células com materiais comestíveis, para promoção de conhecimento científico. O trabalho se pauta em um relato de experiências, referentes à atividade realizada no 9º ano da Escola campo do grupo PIBID/Biologia, abordando o conteúdo Célula presente no currículo da série. Foram construídos dois modelos celulares, um animal e um vegetal, com produtos alimentícios variados. A classe foi dividida em dois grupos para a realização da proposta. A atividade proporcionou um momento de aprendizagem lúdica, onde a aquisição do conhecimento se deu mediante a construção dos modelos celulares, pela socialização com os componentes dos grupos, e ainda pela exposição dos modelos produzidos para o restante da turma. A atividade se constituiu ainda como um momento propício para avaliação do conteúdo. No que concerne, aos bolsistas do PIBID referenda-se que a atividade foi um momento ímpar para a constituição da identidade dos mesmos quanto à prática docente. Conclui-se que a utilização da modelagem para o ensino de célula pode ser uma metodologia eficaz quando bem empregada pelo docente em sala de aula. A estratégia leva o discente à compreensão de conceitos referentes à célula de forma simples, consolidando uma alfabetização científica de modo lúdico e motivador.*

Palavras-chave: PIBID; técnicas de ensino; célula.

INTRODUÇÃO

O Ensino de Ciências está centrado, ao longo de seu processo de construção, nos conteúdos. Neste escopo, o livro didático é a base, mesmo ainda na atualidade, das aulas, sendo que muitas vezes a desculpa para as aulas livrescas e expositivas é a falta



de um laboratório, recursos e condições de forma geral da escola e da própria educação (MARANDINO, SELLES, FERREIRA, 2009). O planejamento, destes docentes livrescos, é feito seguindo o livro didático, empregando uma sequência muito conhecida: leitura do livro, consecutiva explicações do que foi lido e resolução de exercícios do próprio livro.

Na atual conjuntura da sociedade, não cabe à escola o oferecimento de um ensino tradicional. Se faz crucial que o mesmo se dê de forma dinâmica e contextualizada com os acontecimentos do mundo, o que motivaria o alunado, o fazendo querer e gostar de aprender. Uma das maneiras para um ensino que caminhe a margem de uma proposta tradicional, é o emprego da pesquisa (DEMO, 2007), assim pautado em um ensino investigativo que leve o alunado a criticidade e a criatividade. O aluno deve ter espaço para vivenciar o conteúdo, podendo viver o imaginário e o inesperado, descobrir o que existe além dos limites da sala de aula, do quadro de giz, dos livros didáticos e dos termos científicos propostos pelas constantes aulas de Ciências. A experiência docente tem mostrado que a escola precisa ser mais prazerosa, as aulas, então, devem ser vistas como um processo, e não apenas como um produto acabado em si mesmo.

Nessa concepção de aula, segundo Balbinot (2013), educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele que o professor considera o mais correto. Para Freire (2011, p. 24) “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” É preciso oferecer várias ferramentas para que o aluno possa escolher o que for compatível com sua visão de mundo. É preciso inovar e ousar para permitir que o discente construa seus saberes, com alegria e prazer, possibilitando a criatividade, o relacionamento e o pensar criticamente no que faz. Para isso, é preciso buscar um caminho de movimento, o sentido do próprio ato de ensinar, em que deve ocorrer construção, reconstrução, troca de experiências e descobertas.

Existem inúmeras dificuldades associadas ao ensino e aprendizagem no campo das Ciências. Lidar com aspectos abstratos e sempre conteudista, por exemplo, atribuem aos alunos à sensação de dúvida. Desta forma, para a melhor compreensão dos



fenômenos que nos cercam não basta exigir apenas a repetição ou a aplicação de uma série de conhecimentos previamente memorizados, mas, mais do que isso, incentivar a elaboração de hipóteses e investigações, associadas à criatividade, à lógica e, é claro, aos conhecimentos anteriores, o que vem a culminar em algo não abstrato, ou seja, modelos, representações de figuras biológicas.

Um modelo pode ser definido como uma representação parcial de um objeto, evento, processo ou ideia, que é produzida com propósitos específicos como, por exemplo, facilitar a visualização, fundamentar a elaboração e teste de novas ideias, e possibilitar a elaboração de explicações e previsões sobre comportamentos e propriedades do sistema modelado (GILBERT & BOULTER, 1995). Assim, um modelo não é uma cópia da realidade, muito menos a verdade em si, mas uma forma de representá-la originada a partir de interpretações pessoais desta. Os modelos estão no centro de qualquer teoria: são as principais ferramentas usadas pelos cientistas para produzir conhecimento e um dos principais produtos da ciência (NERSESSIAN, 1999).

De acordo com Coll, France e Taylor (2005), modelos e modelagem são elementos chaves da ciência e, conseqüentemente, da educação em ciências. Hestenes (1992) também considera que entender ciências e entender os modelos usados pelos cientistas e como eles são construídos e validados tem em vista que as teorias e hipóteses produzidas pela ciência não estão acabadas.

Clement (2000) destaca que o ensino fundamentado na construção de modelos pode promover um contexto em que não apenas a ciência faça sentido para os estudantes dando explicações satisfatórias, mas acima de tudo buscando desenvolver uma forma de conhecimento flexível que possa ser aplicado e transferido a diferentes situações e problemas. Vários estudos (BARAB et al, 2000; JUSTI & MAIA, 2009; VOSNIADOU, 2002) tem mostrado que a utilização de modelos, na perspectiva de promover o desenvolvimento do conhecimento, contribui de forma preponderante para o desenvolvimento de um aprendizado significativo.

O engajamento dos alunos nesse tipo de ensino tem grande potencial no sentido de contribuir para que eles aprendam de maneira mais participativa. Isto porque, no contexto desse tipo de ensino, os alunos têm a oportunidade de vivenciar aspectos



relevantes em relação à produção do conhecimento científico, de pensar sobre os propósitos da ciência, de formular questões mais críticas e pertinentes, de propor explicações/previsões e de avaliar o modelo proposto para obter informações que possam subsidiar a reformulação do mesmo. Em outras palavras, a construção de modelos é uma atividade poderosa para engajar os alunos em fazer ciência, pensar sobre ciências e desenvolver raciocínio científico e crítico (JUSTI & GILBERT, 2003).

Com base nos estudos realizados sobre modelagem e a prática pedagógica, este trabalho objetiva relatar o processo de construção de modelos de células comestíveis, mediante uma abordagem lúdica, para promoção de conhecimento científico.

OBJETIVOS

- Descrever as experiências vivenciadas durante a realização da aula;
- Mostrar que a construção de modelos pode ser uma técnica de ensino eficiente para o processo de ensino-aprendizagem;
- Evidenciar a interação como causa de aprendizagem durante a construção dos modelos.

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

CENÁRIO

O trabalho foi realizado na cidade de Iporá, Goiás, a qual é inserida na região Centro-Oeste de Goiás, localizada à 216 km da capital, Goiânia. O local de realização do mesmo foi a Escola Estadual Edmo Teixeira, a qual atende cerca de 300 alunos no Ensino Fundamental I e II.

A atividade foco de discussão deste trabalho foi realizada durante uma das atividades do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto de Ciências Biológicas da UEG UnU Iporá, na instituição escolar referida. Os alunos que



participaram da atividade pertenciam à uma das turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II.

METODOLOGIA

A abordagem empregada neste trabalho é a qualitativa, que é entendida por Oliveira (2012, p. 37) “como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Este tipo de abordagem leva o pesquisador a ter mais contato com o seu objeto de estudo, levando a obtenção de dados descritivos (NEVES, 1996), o que facilita a descrição delineada do que foi observado e vivenciado.

Por este trabalho se constituir como um relato de experiências do PIBID/Biologia o mesmo se enquadra como sendo uma pesquisa, também, descritiva, já que busca “uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada” (OLIVEIRA, 2012, p. 68). O método empregado para alcançar os objetivos descritos em tópico anterior é o estudo caso (LÜDKE & ANDRÉ, 1986).

ATIVIDADE REALIZADA: DELINEANDO O PROCESSO

Em muitos momentos o PIBID/Biologia trabalhou empregando metodologias diversas sendo que estas sempre ocorreram posteriormente às aulas ministradas pela supervisora do programa nas aulas de Ciências no Ensino Fundamental II. Foram empregadas inúmeras estratégias de ensinagem, conforme indicado por Anastasiou & Alvez (2007), tais como: jogos; mídias diversas; disputas; modelagem; dentre outras. Assim, após a aula da docente no 9º ano sobre a temática Célula, foi proposta a construção de modelos a partir de materiais comestíveis para fixação da morfologia da célula e organelas, bem como das funções de cada uma das partes que constituem a mesma, esta última através também de apresentação oral das organelas reproduzidas no modelo para os colegas de turma.



A aula ocorreu mediante a construção de modelos de células, animal e vegetal, com produtos alimentícios variados (jujubas, amendoim caramelizado, bolachas *wafer*, granulado, frutas, dentre outros tantos). Inicialmente se explicou para os discentes como ocorreria a aula, bem como a finalidade da mesma. Para confecção dos modelos a sala foi dividida em dois grupos, sendo que um construiria uma célula animal e o outro uma célula vegetal, mediante os alimentos que recebessem, os quais podiam ser iguais ou diferentes em relação aos grupos. Para a confecção o alunado também recebeu um desenho da célula que iria reproduzir. Posteriormente a confecção dos modelos, os grupos expuseram para toda a sala os modelos, explicando os alimentos que utilizaram para representar uma dada organela, bem como a função das mesmas, e ainda a diferença entre os tipos de células apresentados. A avaliação da aula se deu através do modelo celular que construíram, a exposição do mesmo para o restante da turma, e ainda a participação durante a construção do mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O modelo de aula apresentado é uma proposta que caminha a contramão da realização de uma aula meramente tradicional, bem como de um currículo extensivo (DEMO, 2007). Uma educação meramente bancária (FREIRE, 1983) não cabe para a contemporaneidade, em um mundo multifacetado, onde se adquire informações a todo instante e em qualquer instância. É necessária uma renovação das aulas, e assim a apresentação do conteúdo de forma distinta. Este trabalho não visa apresentar a modelagem como a metodologia mais eficiente, mas dispô-la como uma opção dentre as distintas técnicas de ensino presentes no campo da Biologia para melhor fixação do conteúdo por parte dos alunos.

A aprendizagem de conteúdos científicos esta muito atrelada a situações emocionais, bem como a motivação (WATTS, 2001; SENICIATO; CAVASSAN, 2008). Estes dois fatores empregados levam os discentes a querer buscar a aprendizagem. O emprego de atividades lúdicas muito motiva os discentes. Empregando a mesma abordagem da aula discutida neste trabalho, Carlan et al (2012)



encontram que os discentes que participaram de seu trabalho gostaram bastante da metodologia e ainda que gostariam de novas experiências com aulas deste tipo.

Com a realização da aula, dois modelos foram produzidos (Figura 1), tal como foi proposto para os discentes, e elucidado no último tópico do percurso metodológico da pesquisa deste trabalho. Mediante os modelos construídos percebe-se que os discentes se preocuparam em utilizar a “guloseima correta”, no entendimento dos mesmos, para construir as organelas, buscando relação entre a forma da organela celular com o doce que iria representá-la.



Figura 1 – Modelos celulares comestíveis construídos pelos alunos. A. Célula Animal. B. Célula Vegetal.

Um dos aspectos decorrentes da atividade é a socialização dos discentes, por meio dos grupos que compunham, possibilitando a aprendizagem. Sobre a relação em atividades grupais na sala de aula Anastasiou & Alves (2007, p. 83) argüem que:

“[...] as estratégias grupais constituem-se num desafio a ser reconhecido e enfrentado. Sabemos que a aprendizagem é um ato social, necessitando da mediação do outro como facilitador do processo, esse outro que estabelece a mediação entre o aluno e o objeto de estudo pode ser o professor, os colegas ou um texto, um vídeo, um caso a ser solucionado, um tema a ser debatido”.

Assim, notou-se que no decorrer da atividade, e posteriormente a mesma, que os discentes mantiveram uma boa relação durante a construção dos modelos, respeitando os colegas durante as discussões que surgiam, e ainda com os bolsistas do



PIBID/Biologia. Durante a atividade nenhuma intervenção relacionada a mau relacionamento nos grupos foi necessária. Toda interação positiva levou ao bom êxito da atividade, proporcionando aprendizagem eficaz e concisa para o alunado.

Entender e conseguir conceituar alguns aspectos de estudo da Biologia é muito complexo para os discentes, os esquemas dos livros didáticos, não se dão suficientes (ANDRADE, CUNHA, BARBOSA, 2011) para romper esta barreira existente entre o conhecimento científico e o conhecimento real para o aluno. Borges (1997) relata que em vários trabalhos aparecem inúmeras dificuldades quando da compreensão de aspectos da Biologia. No trabalho de Teixeira, Lima, Favetta (2013) os discentes apresentaram conhecimento parcial quanto ao conceito de célula, nesta perspectiva elucida-se que o uso de modelos, como colocados à cima, se constitui em uma ferramenta eficaz para que os discentes consigam desenvolver um conceito real e científico quanto à célula.

O momento final da atividade, onde houve a exposição dos modelos e apresentação dos mesmos, foi o ápice da atividade, no qual todos os discentes queriam apresentar seus modelos ao restante dos colegas de turma. Porém quando da apresentação oral, relacionada às funções e morfologia das organelas e de todas as células, os discentes não queriam de início realizá-la, mas com diálogo entre os bolsistas e os mesmos, esta tensão foi quebrada e os alunos fizeram a apresentação. Durante o processo de apresentação foi possível perceber o grau de conhecimento dos discentes, bem como avaliá-los de forma diferenciada.

Analisando a atividade, notou-se que esta pode se constituir em uma forma de avaliar. A avaliação é muitas vezes colocada como algo punitivo pelos docentes (LIMA, 2000), o que leva os discentes ao nervosismo e baixas notas, mesmo tendo adquirido aprendizagem, o que se percebe quando de uma avaliação cotidiana. Para tanto, buscar novas formas de avaliar é fundamental. A atividade propicia dois momentos de avaliação, sendo o primeiro durante a construção dos modelos, e o segundo quando da socialização dos mesmos, por meio da exposição oral.

Por fim, no que concerne, aos bolsistas referenda-se que a atividade foi um momento ímpar para a constituição da identidade dos mesmos quanto à prática docente. E ainda que a reflexão-na-ação coloca por Schön (CAMPOS & PESSOA, 2003) deve



ser parte do trabalho docente. Por meio deste processo os bolsistas conseguiram relacionar a metodologia empregada com a aprendizagem gerada, bem como refletir sobre a postura dos mesmos durante a atividade, objetivando melhorar a mesma em outras atividades.

CONCLUSÕES

Dado o exposto neste trabalho conclui-se que a utilização da modelagem para o ensino de célula pode ser uma metodologia eficaz quando bem empregada pelo docente em sala de aula. A estratégia leva o discente à compreensão de conceitos referentes à célula de forma simples, consolidando uma alfabetização científica, de modo lúdico e motivador. É parte ainda da conclusão deste trabalho que a atividade pode ser um veículo eficaz para avaliar o discente de modo diferenciado.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à CAPES por disponibilizar bolsa por meio do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID) à todos os autores desse trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, V. A.; CUNHA, K. M. C. B.; BARBOSA, J. V. “Pajitex”: una propuesta de modelo didáctico para la enseñanza de ácidos nucleicos. *Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias*, v. 8, nº 1, 2011. 115-124 p.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). *Processos de ensinagem na universidade*. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.
- BALBINOT, Margarete Cristina. *Uso de modelos, numa perspectiva lúdica, no ensino de ciências*. Rio Grande do Sul, 2013.



BARAB, S. A.; HAY, K. E.; BARNETT, M.; KEATING, T. Virtual Solar System Project: Building Understanding through Model Building. *Journal of Research in Science Teaching*, v. 37, n. 7, p. 719-756, 2000.

BORGES, E. L. Os mapas conceituais como facilitadores da aprendizagem significativa em Biologia Celular. IN: *Atas do Primeiro Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências*. Águas de Lindóia: 1997.

CLEMENT, J. Model based learning as a key research area for science education. *International Journal of Science Education*, v. 22, n. 9, p. 1041-1053, 2000.

COLL, R. K.; FRANCE, B.; TAYLOR, I. The role of models and analogies in science education: implications from research. *International Journal of Science Education*, v. 27, p. 183-198, 2005.

CAMPOS, S. PESSOA, V. I. F. Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Shön. In. GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D. PEREIRA, E. M. A. (orgs.). *Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2003. 335 p.

CARLAN, F. A.; PAGLIARINI, D. S.; SEPEL, L. M. N.; LORETO, E. L. S. O estudo da célula e a motivação. *Revista da Sbenbio*, v. 05, p. 1-9, 2012.

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. 8º ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. 130 p.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 143.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 12º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GILBERT, J.K. e BOULTER, C.J. Stretching models too far. Annual Meeting of the American Educational Research Association. *Anais...* San Francisco, 1995.

LIMA, L. M. S. Motivação em sala de aula: a mola propulsora da aprendizagem. In: SISTO, F. F.; OLIVEIRA, G. C.; FINI, L. T. D. *Leituras de Psicologia para a formação de professores*. 3ª Ed. – Bragança Paulista: Vozes, 2000. p. 148-162.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.



- MARANDINO, M; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. *Ensino de Biologia: história e práticas em diferentes espaços educativos*. São Paulo: Cortez, 2009. 215 p.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. *Cadernos de pesquisas em administração*. São Paulo, v. 1, nº 3, 2 sem., 1996. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acessado em: 09 de setembro de 2013.
- NERSESSIAN, N.J. Model-based reasoning in conceptual change. In: Magnani, L.; Nersessian, N. J. e Thagard, P. (Eds.). *Model-based reasoning in scientific discovery*. New York: Kluwer/Plenum, 1999. p. 5-22.
- OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 182 p.
- SENICIATO, T; CAVASSAN, O; Afetividade, motivação e construção de conhecimento científico nas aulas desenvolvidas em ambientes naturais. *Ciências & Cognição*, v.13 n.3, p.120-136, 2008.
- TEIXEIRA, J. M.; LIMA, B. A.; FAVETA, L. R. A. O conceito de célula investigado numa sala de aula de Ensino Médio: um Estudo de Caso. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/4mostra/pdfs/229.pdf>>. Acesso em: 09 de outubro de 2013.
- WATTS, M. Science and poetry: Passion v. prescription in school science? *Intl. j. Sci. Educ.*, v. 23, nº 2, 2001. 197-208 p.



A SÍNTESE DE PROTEÍNAS NA CONCEPÇÃO DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA CAMPO: AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

MOTA, Gislene Alves¹; PERES, Juliane Pereira de Santana²; SILVA, Flávia Damacena Sousa³

Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá

¹gislenee2009@hotmail.com; ²julianepsp@yahoo.com.br; ³flaviabio1@yahoo.com.br

Resumo: A Biologia Molecular é uma ciência que abarca vários conceitos complexos e com elevada dificuldade de aprendizado. É essencial que no ensino médio tais conceitos sejam bemfixados, e para isso é necessário que os professores de Biologia desenvolvam novas técnicas de ensino para que ocorra o aumento significativo da cognição. O objetivo deste trabalho foi caracterizar e analisar a concepção dos alunos do 1º ano do Ensino Médio acerca da Síntese de Proteínas antes e após o Estágio Supervisionado utilizando uma atividade didática denominada “Canudex”. A abordagem escolhida para este estudo de caso foi a qualitativa e o instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado aos discentes antes e após a intervenção. Ficou evidenciado a partir das respostas dos alunos que as ações desenvolvidas durante a regência possibilitaram a construção do conhecimento acerca do processo de Síntese de Proteínas, e que ações inovadoras durante as aulas de Biologia são eficazes para o processo de ensino/aprendizagem. Contudo, é necessário que o professor se aperfeiçoe constantemente acerca de metodologias pedagógicas conduzindo suas aulas de forma dinâmica.

Palavras-chave: Síntese Protéica; Modelagem; Conhecimento.

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo em um universocientífico com constantes avanços tecnológicos (FONTES, CHAPANI & SOUZA, 2013). O ambiente escolar, por sua vez, tem um papel primordial em disseminar esses conhecimentos de forma apropriada, desenvolvendo nos seus alunos a criticidade de maneira eficaz (JUSTINA E FERLA, 2006).

A clássica descoberta da estrutura de dupla hélice do Ácido Desoxirribonucléico (DNA) por Watson e Crick em 1953 (ZAHA, 2003) juntamente com o “postulado do dogma central da biologia molecular, o qual sumariza que a informação genética contida no DNA das células e dos vírus é preservada, transmitida e traduzida” (W. EDUCACIONAL, 2011) consolidou a Biologia Molecular (BM), como



uma área importante dentro das Ciências Biológicas, devendo ser fundamentalmente abordada no ambiente escolar.

O conhecimento de Genética e BM, entendida como o estudo dos genes a nível molecular (CAMARGO, INFANTE-MALACHIAS & AMABIS, 2007), fazem parte do currículo do Ensino Médio (EM), e segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNEM), no que tange ao ensino de Biologia, na parte de “Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias”,

O desenvolvimento da Genética e da Biologia Molecular, das tecnologias de manipulação do DNA e de clonagem traz à tona aspectos éticos envolvidos na produção e aplicação do conhecimento científico e tecnológico, chamando à reflexão sobre as relações entre a ciência, a tecnologia e a sociedade. Conhecer a estrutura molecular da vida, os mecanismos de perpetuação, diferenciação das espécies e diversificação intraespecífica, a importância da biodiversidade para a vida no planeta são alguns dos elementos essenciais para um posicionamento criterioso relativo ao conjunto das construções e intervenções humanas no mundo contemporâneo (BRASIL, 1999. p. 219).

Diante disso, a abordagem destes temas na sala de aula é essencial, visto que é “uma área do conhecimento que tem tido uma evolução muito rápida nos últimos anos e cada vez mais se consolida como um assunto comum do nosso cotidiano” (PAIVA, et al, 2008. p. 29). E novas tecnologias, na BM e na genética estão se multiplicando dia a dia de forma rápida e eficaz, beneficiando a população mundial (QUERUBINO & MITTMANN, 2011). Para tanto, Rosa & Loreto (2010, p. 17) afirmam que esses conhecimentos são fundamentais para que os alunos possam se situar e se posicionar no debate contemporâneo com relação às tecnologias de manipulações dos ácidos nucleicos.

No entanto os professores de Biologia enfrentam dificuldades na hora de fazer o alunado compreender e fixar conteúdos de Genética e BM (CAMPOS; BORTOLOTO; FELÍCIO, 2006), em decorrência da falta de contextualização, das dificuldades de aplicabilidade e abstração dos conceitos trabalhados nas várias áreas das Ciências Biológicas (RODRIGUES & MELLO, 2005). De acordo com Fontes, Chapani & Souza (2013, p. 48) processos biológicos como a síntese de proteínas, poderiam ser mais efetivamente compreendidos pelos alunos se fossem utilizados materiais e



atividades diversificadas para auxiliar o conteúdo presente nos livros didáticos, que geralmente se encontram “pouco atualizados (estão defasados/estão muito aquém) em relação aos temas da Nova Biologia” (XAVIER, FREIRE E MORAES, 2006, p. 284).

A utilização da técnica da Transposição Didática (YVES CHEVALLARD, 1985 apud AGRANIONIH, 2011) durante as aulas de Biologia permite ao professor decodificar conteúdos e termos cunhadoscientificamente, tornando-os acessíveis ao seu público alvo. Essa técnica é uma forma de adequação do saber aprendido na universidade a um saberque vai de acordo com a realidade da sala de aula, sempre relacionando teoria e prática. Considerando diversas limitações referentes ao ensino de BM, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) estão dispostas estratégias para que haja a transposição de conteúdos, reconhecendo a necessidade da aplicação do lúdico no processo de ensino aprendizagem, estimulando os docentes a “interpretar e utilizar modelos para explicar determinados processos biológicos, como a duplicação do DNA, a transcrição do RNA e a síntese de proteínas” (BRASIL, 2002. p. 36).

Uma das técnicas lúdicas para o ensino de Biologia é a modelagem. Ferreira e Justi (2008. p. 1) diz que “a construção e o emprego de modelos são fundamentais no processo da pesquisa científica, fazendo parte do processo natural de aquisição do conhecimento pelo ser humano”. Em concordância, Orlando e colaboradores (2009) afirmam que além da melhor visualização das estruturas envolvidas no processo biológico ensinado, os modelos didáticos possibilitam a manipulação do material, contribuindo então para sua compreensão. Neste contexto surge o Canudex, um modelo pedagógico construído a partir de canudinhos, idealizado para o ensino de Ácidos Nucléicos e alguns processos biológicos. Essa estratégia didática “trata de um modelo que pode ser aplicado em situações de ensino, que incluem temas que supõem mais que sua mera conformação estrutural” (ANDRADE et al., 2011, p.122).

Compreendendo o ensino como atividade essencial na sala de aula e a necessidade de desenvolver recursos pedagógicos que aperfeiçoem a aprendizagem, esse trabalho visou caracterizar e analisar as concepções dos alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma Escola Pública Estadual da cidade de Iporá – GO sobre a Síntese de



Proteínas antes e após uma intervenção pedagógica usando a técnica de modelagem denominada “Canudex”.

METODOLOGIA

As aulas ministradas no 1º ano do EM de uma Escola Pública Estadual da cidade de Iporá-GO durante a fase de regência foram alusivas aos conteúdos de Ácidos Nucléicos e Síntese Proteica, temas da Biologia Molecular abordados no Ensino Médio. O Plano Quinzenal utilizado durante as aulas foi pensado e desenvolvido a partir da Sequência Curricular adotada pela instituição escolar, estando de acordo com as instruções da Secretaria Estadual de Educação. O Estágio ocorreu durante o fim do mês de maio e início do mês de junho por meio de cinco aulas ministradas, abordando os seguintes tópicos: ácidos nucleicos (DNA e RNA); replicação/duplicação; transcrição e tradução, temas estes que postulam o dogma central da Biologia Molecular.

A técnica de modelagem denominada Canudex empregada durante as aulas é defendida por seus idealizadores como “uma proposta para a construção de um modelo didático tridimensional para o ensino de ácidos nucleicos (DNA e RNA), a partir de materiais de baixo custo” (ANDRADE et al., 2011).

Os modelos confeccionados pela autora deste trabalho a partir de canudinhos plásticos de quatro cores diferentes (representando as bases nitrogenadas), e um elástico com um nó entre os canudinhos (representando o fosfato) foram entregues a cada aluno para o manuseio durante a regência (figura 01). Além disso, foram utilizados outros recursos didáticos durante as aulas, tais como slides, textos informativos e figuras, procurando através destes, uma maneira diversificada de ministrar conteúdos de BM.



Figura 1: Aluna do 1º ano “B” da escola campo manuseando o modelo didático (Canudex) durante o Estágio Supervisionado. Iporá-GO, Maio de 2013.
Fonte: Gislene Alves Mota

A fase de regência do Estágio no Ensino Médio permitiu considerações sobre o ensino de Síntese de Proteínas durante as aulas de Biologia. Além disso, aplicou-se um mesmo questionário antes e após a execução da intervenção. A aplicação de questionários é “uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre tudo e qualquer dado que o pesquisador deseje” (OLIVEIRA, 2008. p.83). Em concordância, Cervo & Bervian (2002) colocam que esta é a forma mais usada para a coleta de dados, visto que possibilita medi-los com maior exatidão.

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, de cunho qualitativo. Ele consiste em um “processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (OLIVEIRA, 2008. p.41). Além disso, foram utilizados alguns dados quantitativos, que segundo Oliveira (2008) possibilita desviar-se do reducionismo.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações obtidas foram coletadas a partir do preenchimento de um questionário por 26 alunos matriculados regularmente na 1ª série “B” do Ensino Médio do período matutino de uma Escola Pública Estadual. Destes, 76% pertenciam ao sexo feminino e 24% ao masculino. A faixa etária dos mesmos variou de 14 a 19 anos, com uma idade média de 15,88 anos, sendo que todos os respondentes residiam em área urbana da cidade de Iporá. Os nomes dos participantes da pesquisa foram substituídos por termos relacionados à BM para preservar a identidade dos mesmos. As falas de alguns alunos foram incluídas neste trabalho sem quaisquer alterações, inclusive sem correções de erros ortográficos e gramaticais cometidos pelos mesmos. As respostas referentes ao primeiro questionário antes da Intervenção Pedagógica (Q1) e ao segundo após as aulas (Q2) serão apresentadas respectivamente simultaneamente para facilitar a comparação dos dados e a avaliação da intervenção.

Em Q1, quando perguntados sobre as informações que os mesmos possuíam sobre o Ácido Ribonucléico (RNA), sua relação com a síntese de proteínas e sua importância para o bom funcionamento do corpo, apenas 11% dos discentes conseguiram caracterizar a molécula como sendo constituída de fosfato, ribose, bases nitrogenadas (adenina, uracila, guanina, citosina) e cadeia simples. Falaram também que o RNA pode ser encontrado no citoplasma, mas nenhum deles conseguiu relacionar a molécula com a produção de proteínas.

Após intervir nas aulas utilizando slides, textos complementares e principalmente a modelagem constatou-se que 46% dos alunos conseguiram caracterizar com maior riqueza de detalhes e clareza o RNA e o restante dos discentes deixou a questão sem respostas.

Pode-se perceber, através das respostas aos questionários, que os alunos conseguiram absorver um conhecimento significativo durante as aulas de síntese proteica, dividida em duas etapas (processos de transcrição e tradução).



O aluno Códon descreveu todo o processo de transcrição, em concordância com ZAHA, et al (2003) que coloca que neste processo, uma das fitas do DNA atua como molde para que o pareamento de bases aconteça, após o pareamento o mRNA transcrito é liberado e dirige ao citoplasma para que haja a síntese de proteínas.

“Na transcrição ocorre à fabricação do RNA a partir de um trecho de DNA, havendo a ligação de nucleotídeos complementares através de uma enzima (se referindo a RNA polimerase). São formados três tipos de RNA utilizados durante a síntese de proteínas (mensageiro, transportador e ribossômico). Códon codificam um tipo de aminoácido que vai ser utilizado para formação de proteínas.” (Códon)

“RNA formado por nucleotídeos. Fosfato, pentose, ribose, base uracila, adenina, guanina e citosina” (Desoxirribose)

“São bases nitrogenadas, tem a uracila em vez da timina. Ele transcreve a mensagem do DNA e manda fabricar as proteínas. Importante para formação do corpo” (Ribose)

“O RNA é responsável pela formação de proteínas ele pega a informação do DNA e traduz as informações genéticas e produz as determinadas proteínas que o corpo necessita” (DNA Ligase)

“Pois o RNA é mensageiro, é como se o DNA transmitisse uma mensagem, e o RNA traduz essa mensagem em Proteínas. RNA produz proteína. (Helicase)”

Entretanto, alguns alunos ainda apresentaram dificuldades acerca da compreensão dos fenômenos genéticos que não são simples, pois incluem processos e entidades invisíveis, como exemplo as afirmações dos alunos Guanina, Timina e Aminoácido.



“O RNA tem várias proteínas que fazem o nosso corpo funcionar” (Guanina);

“RNA é uma célula que produz proteínas” (Timina)

“utilizado durante uma enzima de síntese de proteínas por mensageiro, transportador e ribossômico” (Aminoácido).

A aluna Guanina afirmou que o RNA tem proteínas, entretanto ele é o responsável pela síntese das mesmas (JUNQUEIRA & CARNEIRO, 1997). Já a discente Timina, assegurou ser o RNA um dos responsáveis pela síntese protéica, porém afirmou também que a molécula é uma célula, no entanto o RNA é um polímero de nucleotídeos, geralmente em cadeia simples e está localizado no interior da célula (ZAHA, et al. 2003, p.32).

Em outra resposta foi possível constatar as barreiras quanto ao entendimento de conceitos presentes na BM. O discente Aminoácido não conseguiu se expressar de forma clara acerca do conceito do RNA, afirmando este ser uma enzima, contudo demonstrou um entendimento acerca da função da molécula, uma vez que esta, apesar de não ser uma proteína, tem atividade catalítica. O aluno ainda evidenciou ter ampliado a cognição acerca do conteúdo, devido este ter mencionado os três tipos de RNA necessários para que se concretize a produção de proteínas.

Essas dificuldades parecem ser um desafio para professores de Biologia, afirmado por Pozo e Crespo (2009, p. 16), quando colocam que os alunos sabem fazer, “mas não entendem o que estão fazendo e, portanto, não conseguem explicá-las nem aplicá-las em novas situações”.

Dessa forma, a intervenção pedagógica utilizando modelos didáticos se mostrou significativa, uma vez que, grande parte dos alunos conseguiu descrever todo o processo de Síntese Protéica, outrora desconhecido para eles. As respostas dadas para a indagação acerca da Síntese de Proteínas se mostraram bem elaboradas e complexas, visto que se trata de um conteúdo abstrato. O resultado positivo vai de acordo com Orlando e colaboradores (2009), que afirmaram ser importante para o ensino de síntese



de proteínas a elaboração e o desenvolvimento de um material didático de apoio ao conteúdo presente nos livros, já que trabalham com aspectos e mecanismos microscópicos, empregando conceitos de alta abstração.

Contudo, é necessário promover a interdisciplinaridade entre conteúdos de BM, visto que estão dispostos no currículo separadamente. Paiva e Martins (2005) explicam que, se os conceitos não forem explicados de uma forma organizada, os estudantes talvez não sejam capazes de estabelecer uma relação entre eles. Isso mostra a importância do conhecimento acerca do processo de síntese de proteínas no 1º ano do EM, pois este facilita o entendimento do princípio da hereditariedade, estudada com maior destaque durante as aulas de genética, vistas no 3º ano do EM. Os PCNEMs asseguram que o estudo do material genético (estrutura e composição) e do processo de síntese protéica, “são fundamentais à compreensão do modo como a hereditariedade acontece” (BRASIL, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas durante a fase de regência do Estágio Supervisionado permitiram aos discentes do 1º ano do E. M conhecer e compreender o processo de síntese de proteínas e a importância deste processo para o bom funcionamento do corpo. Estas constatações foram feitas por meio da análise das respostas dos alunos, que se mostraram melhor estruturadas e completas após essa intervenção.

Dessa maneira, foi possível constatar a importância da modelagem durante as aulas de Biologia Molecular, pois esta permite transpor conteúdos com alto grau de abstração para os discentes, tornando-se uma grande aliada no ensino de determinados processos biológicos. Sendo assim, é primordial a utilização de recursos didáticos pelo professor durante as aulas de Biologia, não apenas na fase de regência do Estágio Supervisionado, mas também depois de formado, procurando atuar na sala de aula sempre com inovação e dinamismo.

REFERÊNCIAS



AGRANIONIH, N. T. *A teoria da Transposição Didática e o Processo de Didatização dos conteúdos matemáticos*. EDUCERE – Revista da Educação, Toledo-PR, vol. 1, n.1: jan./jun. 2001.

ANDRADE, V. A.; CUNHA, K. M. C. B.; BARBOSA, J. V. “*Pajitex*”: *una propuesta de modelo didáctico para la enseñanza de ácidos nucleicos*. Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias. p.115-124. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Ciências da Natureza e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. p. 201-279, 1999.

CAMARGO, S.S.; INFANTE-MALACHIAS, M. E.; AMABIS, J. M. *O Ensino de Biologia Molecular em Faculdades e Escolas Médias de São Paulo*. Revista Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular. Nº 01/2007.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi; BORTOLOTO, T.M; FELÍCIO, A.K.C. *A Produção de Jogos Didáticos para o Ensino de Ciências e Biologia: Uma Proposta para Favorecer a Aprendizagem*. São Paulo, 2002.

CERVO, A. M.; BERVIAN, P. A. *Metodologia Científica 5ª Edição* – São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORREIA, P. R.M.; DAZZANI, M; MARCONDES, M. E. R.; TORRES, B, B. *ABioquímica como ferramenta interdisciplinar*. Revista Química Nova na Escola, n. 19, p. 19-23. Maio, 2004.

FERREIRA, P. F. M.; JUSTI, R. S. *Modelagem e o “Fazer Ciência”*. QUÍMICA NOVA NA ESCOLA, Nº 28, MAIO 2008.

FONTES, G. O.; CHAPANI, D. T.; SOUZA, A. L. B. *Simulação do processo de síntese de proteínas: limites e possibilidades de uma atividade didática aplicada a alunos do ensino médio*. Experiências em Ensino de Ciências. V.8, nº 1. 2013.

JUNQUEIRA, L. C. & CARNEIRO J. *Biologia Celular e Molecular*. Guanabara Koogan. 6ª Edição. 299 p. 1997



JUSTINA, L. A. D; FERLA, M. R. *A utilização de modelos didáticos no ensino de Genética - exemplo de representação de compactação do DNA eucarioto*. ArqMudi. 10(2): 35-40. Maringá, PR 2006.

OLIVEIRA, C. L. *Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características*. Revista Travessias. 4 ed. 2009.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ORLANDO, T. C. et al. *Planejamento, montagem e aplicação de modelos didáticos para abordagem de biologia celular e molecular no Ensino Médio por graduandos de Ciências Biológicas*. Revista Brasileira de Ensino de Bioquímica e Biologia Molecular, São Paulo, v. 01, n. 09, p. 01-17, 2009. Disponível em: <http://www.ib.unicamp.br/lte/rbebbm/visualizarMaterial.php?idMaterial=535> . Acesso em: 05/10/2013 às 11h35.

PAIVA, L. R. S; MARTINEZ, E. R. M.; GAMBARINI, G. H. R.; ALVES, J. C. P. *Jogo Banco Genômico: Trabalhando Com Genes e Organismos Transgênicos, Uma prática para o Ensino de Genética*. 03.02, 29-36 (2008). Disponível em: geneticanaescola.com.br/vol-iii2-artigo-07. Acessado em 08/04/2013 às 23h57.

PAIVA, A L. B.; MARTINS, C.M.C. *Concepções prévias de alunos de terceiro ano do ensino médio a respeito de temas da área de genética*. Ensaio- Pesquisa em Educação em Ciências, v.7, número especial, 2005.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. *A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico*. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

QUERUBINO, A. L. V. G.; MITTMANN, J. *Uma proposta lúdica para o ensino de Genética e Biologia Molecular no ensino médio*. XIV Encontro Latino Americano de iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós -Graduação – Universidade do Vale do Paraíba . Paraíba, 2011. Disponível em : www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/.../RE_0250_0514_01.pdf. Acessado em 15/10/2013 às 16h36.

RODRIGUES, C. V.; MELLO, M. L. *A prática no ensino de Genética e Biologia Molecular: desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino médio*. 2005.



Disponível em: seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/2644/161. Acessado em 15/10/2013 às 10h20.

ROSA, T. N.; LORETO, E. L. S. *Utilizando o Genbank como integrador de conceitos de biologia molecular*. Genética na escola. 05.02, 17-19, 2010.

W. EDUCACIONAL. *Dogma Central da Biologia Molecular e Introdução à Bioinformática*. W Educacional Editora e Cursos Ltda. Brasília, 2011. Disponível em: http://lms.ead1.com.br/webio/Mod3921/mod_dogma_central_da_biologia_molecular_v2.pdf. Acessado em 12/07/2013 às 15h48.

XAVIER, M. C. F.; FREIRE, A. S.; MORAES, M. O. *A Nova (Moderna) Biologia e a Genética nos Livros Didáticos de Biologia no Ensino Médio*. *Ciência & Educação*. Volume 12, n. 3, p. 275-289, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n3/03.pdf>. Acessado em 14/07/2013 às 11h10.

ZAHA, A.; FERREIRA, H. B.; PASSAGLIA, L. M. P. *Biologia Molecular Básica*. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.



A VISÃO DOS ESTAGIARIOS DO 4º ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS SOBRE ATUAÇÃO PROFESSORES DE CIÊNCIAS E O PARADIGMA DA INTERDISCIPLINARIDADE

SANTOS, Cláudia Ribeiro de Lima¹; PERES, Juliana Perreira de Santana²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹claudia-ri@hotmail.com; ²julianepsp@yahoo.com.br

Resumo: A seguinte pesquisa tem como objetivo buscar junto a autores conhecedores da temática, conhecimentos metodológicos, a cerca da importância da interdisciplinaridade nas aulas de ciências. Para a discussão da pesquisa em questão, é importante esquematizar, como ponto de partida, o modo pelo qual se concebe a formação e o papel do professor de ciências nesse processo. O presente estudo apóia principalmente nas formulações da abordagem histórico-cultural sobre o desenvolvimento humano e o estatuto da linguagem na constituição do sujeito, levando em conta principalmente as formulações de conceitos às voltas da interação entre as disciplinas e através da visão dos estagiários do 4º ano do curso de ciências biológicas. É sabido que o desenvolvimento da educação tem origem nas relações sociais e transcorre na dependência das experiências de cada um na cultura, daí a importância de se ter uma boa apresentação através de variadas introduções metodológica, dentro da sala de aula. Portanto, o objetivo central da pesquisa, foi de ressaltar a importância da prática do professor de ciência, principalmente utilizando o fator interdisciplinar, através da busca bibliográfica e observações dos acadêmicos do 4º ano do curso de ciências biológicas durante o estagio supervisionado nas escolas campo, chegando-se à conclusão de que a interdisciplinaridade é imprescindível para o sucesso do ensino aprendizagem e que os acadêmicos possuem conhecimento sobre a temática em discussão.

Palavras-chave: Comunicação; Interação; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Através do tema enfocado desenvolve-se na seguinte pesquisa um estudo sobre os aspectos que são de suma importância para a interdisciplinaridade, com o objetivo também, de conhecer a verdadeira necessidade dos procedimentos e práticas voltados para um ensino que valorize o relacionamento interpessoal e a necessidade disso junto ao processo de ensino-aprendizagem. Contudo, para se entender o termo interdisciplinaridade, deve-se ter noção do que é disciplina, pois diz respeito a uma categoria organizada dentro das diversas áreas do conhecimento que as ciências



abrangem. E partir desta compreensão que o sujeito passa a entender o desenvolvimento das ciências e do pensamento humano (FORTES, 2010).

A indefinição sobre interdisciplinaridade tem origem dos equívocos sobre o conceito de disciplina”. A polêmica sobredisciplina e interdisciplinaridade permite uma abordagem pragmática em que a ação passa a ser o ponto de convergência entre o fazer e o pensar interdisciplinar. É preciso estabelecer uma relação de interação entre as disciplinas, que seriam a marca fundamental das relações interdisciplinares (FAZENDA, 1999).

O autor Vygotsky compartilha a idéia de que a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas é através dela, com ela, que o ser humano elabora conceitos sobre o mundo e sobre si mesmo. Ela é modo de interação e é nessa interação que o sujeito se constitui como pessoa. Portanto, assegurar o direito ao uso da linguagem ultrapassa as questões da comunicação ou o âmbito das propostas educacionais. Além disso, o papel dessa linguagem tem de ser vinculada ao cenário das relações cotidianas. Assim, a questão da interdisciplinaridade dentro de qualquer âmbito escolar é de suma importância, uma vez que todos dentro da escola devem falar a mesma ‘língua’, para que assim o sucesso no geral seja garantido (VYGOTSKY, 1998).

Ensinar, então, segundo uma perspectiva interdisciplinar e, portanto, tendo em vista trabalhar com objetos complexos, envolve, no mínimo, sair dos limites fixos das previsibilidades disciplinares e lançar-se nas zonas movediças das incertezas; pois é aí que reside o múltiplo e com ele o poder criador do não previsível. Sendo mister o rigor, inerente ao ensino sério e compromissado; livre, contudo, da clausura limitante da fixidez disciplinar (SILVA, et al, 2009) .

A questão da interdisciplinaridade dentro da sala de aula traz um olhar para mudanças, para adaptações de velhos hábitos, por isso faz com que voltem os olhares para si mesmos, para o trabalho de cada um, e é com esta proposta que o desejo da pesquisa nasceu, na perspectiva de oportunizar ao aluno mais acessibilidade, através do carinho e da dedicação (ALGUSTO, et al, 2007).

É preciso buscar meios para trabalhar fazendo a diferença, com a diversidade, e que isso não seja uma desvantagem, mas um ganho, na tentativa de se criar uma



sociedade mais solidária, mais igualitária e com oportunidade para todos (SANTOS, 2008).

Portanto, no ambiente escolar, é indispensável a necessidade de maior esclarecimento referente à integração e interdisciplinaridade de todos que pretendem construir uma estrutura educacional, e com a consciência efetiva de uma educação permanente. Para uma sala de aula com aulas prazerosas é necessário que o professor se capacite para isso, e isso só é possível se ele estiver sempre buscando novidades e preparando bem suas aulas, com carinho e dedicação (OLIVEIRA, 2001).

OBJETIVO

Analisar, a visão dos estagiários do 4º ano do curso de ciências Biológicas sobre atuação dos professores de ciências das Escolas campo, e o paradigma da Interdisciplinaridade na Escola Campo.

MATERIAIS E METODOS

A presente pesquisa se realizou por meio de referenciais bibliográficos e questionários aplicados aos acadêmicos do curso de ciências biológicas, a cerca de suas observações nas escolas campo, onde foi possível detectar a importância e relevância do assunto para o sucesso do processo de ensino aprendizagem e a dificuldade de efetivação da interdisciplinaridade no dia a dia na sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola no momento percorre um caminho longo em busca de meios eficazes junto ao ato, tanto de cuidar como de ensinar, através da interdisciplinaridade, garantindo assim, o desenvolvimento sociocultural, dando-lhes o direito de aprender de forma prazerosa e integral.



Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), o ensinar através da interdisciplinaridade é uma forma de permitir que tenham satisfação em estar em seu universo de descoberta, aprendendo, trocando dúvidas nos mais diversos assuntos e adquirindo cada vez mais conhecimentos, mas isso só é possível se tudo que lhes forem apresentados seja feito de forma agradável e diferenciada.

O ato de ensinar ciências acaba por ser um desafio que exige total conexão entre o saber e o conhecimento, não se esquecendo nunca dos atos éticos que são emergentes junto aos valores que formam o caráter do aluno. Assim, é necessário que cada professor faça uma tomada de consciência e perceba que a questão da interação com outros elementos de instrução para a conquista da aprendizagem é necessária para que seja permitido que o aluno obtenha controle sob os diversos aspectos cognitivos e intelectuais (BARCELOS, 2006).

No entanto, a necessidade de integrar as disciplinas escolares e de contextualizar os conteúdos tornou-se consenso entre docentes e pesquisadores em educação. O termo interdisciplinaridade está cada vez mais presente nos documentos oficiais e no vocabulário de professoras, professores e administradores escolares. Contudo, a construção de um trabalho genuinamente interdisciplinar na escola ainda encontra muitas dificuldades (ALGUSTO, 2007).

Segundo Machado (2000), essas dificuldades ajudam a explicar resultados inconsistentes nas tentativas de trabalho interdisciplinar, mesmo de docentes que se empenharam em realizar um estudo sério sobre o tema (MACHADO, 2000). Visto que estas práticas interdisciplinares na escola exigem do professor ou professora uma postura diferenciada (SANTOMÈ, 1998).

De acordo com a citação acima, para isso ser possível é necessário total envolvimento do professor utilizando uma prática participativa, dialógica e democrática. Em 1988, a Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO) determinou quatro premissas para nortear o processo de ensino aprendizagem: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a



ser, onde todas juntas permitem a interação e ao mesmo a integração de diferentes conhecimentos, tanto para o aluno, como para o professor.

No atual cenário das variáveis que necessitam fazer parte do panorama da educação junto ao ensino de ciências, incluem a interação entre professor e aluno e as outras disciplinas, compreende-se a necessidade da formação continuada progressiva, que ao longo da história educacional vem ganhando importância significativa, pois, através da gênese, da busca do auto-entendimento é que se garante a eficácia do processo de ensino-aprendizagem(SCHÖN, 1992).

A importância da formação continuada é que, ao professor lhe é dado a incumbência de possibilitar ao aluno o desenvolvimento das competências, que são de suma importância para que os mesmos busquem através do estudo os valores oriundos à sociedade, ou seja, ao passo que buscam o conhecimento como um todo, adquirem assim, o direito de fazer parte da sociedade, tendo dignidade e respeito (BARCELOS,2006).

Assim, como o aluno é parte principal do processo de ensino-aprendizagem, todos devem estar envolvidos, em equipe, não somente a unidade escolar, mas a comunidade como um todo, para que seja realizado um trabalho, onde todos, com um único intuito, o sucesso do processo, sem individualismo e sim com uma prática coletiva, pois afinal, as razões são as mesmas, e a parte interessada também é a mesma. Com isso, certamente o aprendizado coletivo, através de métodos, procedimentos diferenciados, afetividade e interação, ficará garantido, não dando margem para o insucesso (VIGOTSKY,1998).

Faz-se necessário que a equipe escolar, através de orientação da direção, esteja sempre de posse de metodologia inovada, recursos diferenciados e atrativos, pois assim é possível “prender” a atenção e o interesse do alunado como um todo. Nas escolas campo de estágio foi possível detectar essa dedicação que faz com que a aprendizagem seja viabilizada, porém na questão interdisciplinaridade, os estagiários observaram dificuldades na efetivação da interdisciplinaridade por parte dos professores. Visto que 20% dos entrevistados disseram que nas suas observações de aulas perceberam que o professor regente atuava de uma forma interdisciplinar, 20% às vezes perceberam que



os mesmos tentavam introduzir o conteúdo de forma interdisciplinar e 60% não perceberam a prática interdisciplinar na atuação dos professores regentes (**Figura 1**).

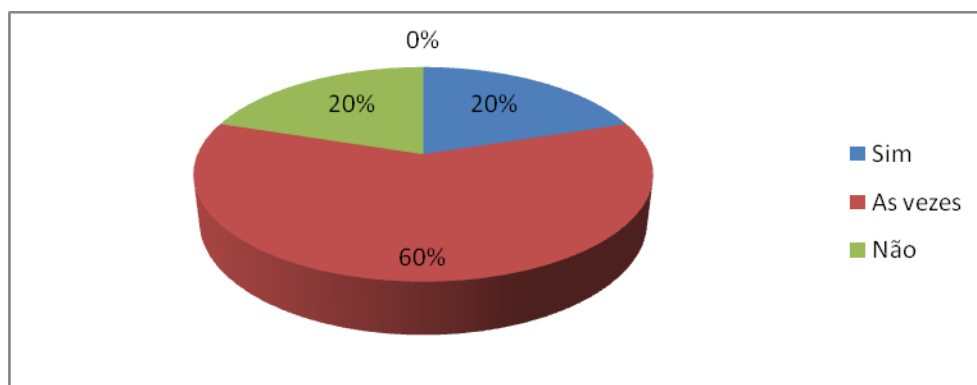


Figura 1- Referente a visão dos estagiários, acerca da atuação do professor regente e a interdisciplinaridade nas aulas de ciências.

Observando os dados acima apresentados, vem à tona a importância da formação continuada, pois através deste constante processo de formação e que o profissional da educação terá oportunidade de refletir a cerca de sua atuação pedagógica, refletindo sobre o cidadão que se deseja formar e não se limitando a um planejamento rígido, ou seja no significado do conteúdo para vida de seu aluno.

Pode-se perceber que as bases teóricas práticas, hoje em dia, não estão sob um rigoroso padrão a ser seguido, no entanto cabe aos profissionais da educação entendê-las como prática social transformadora (SILVA, 2009). Dessa forma o trabalho docente será voltado à ampliação de conhecimentos, de forma que os alunos possam interagir junto ao professor, e nesta perspectiva acontecerá a construção da aprendizagem de maneira prazerosa, na qual a experiência de vida de todos é extremamente valorizada, portanto, cabe aos educadores fazer uma análise acerca destas práticas e refletir sobre a influência educacional de cada uma, buscando a melhor forma de construir nossa identidade profissional (FORTES, 2010). E tendo em vista essa formação profissional dos futuros professores de ciências, analisou-se também a visão dos acadêmicos como futuros professores em relação a interdisciplinaridade, ou seja como o mesmo pretende propiciar a interdisciplinaridade durante suas aulas (**Figura 2**).

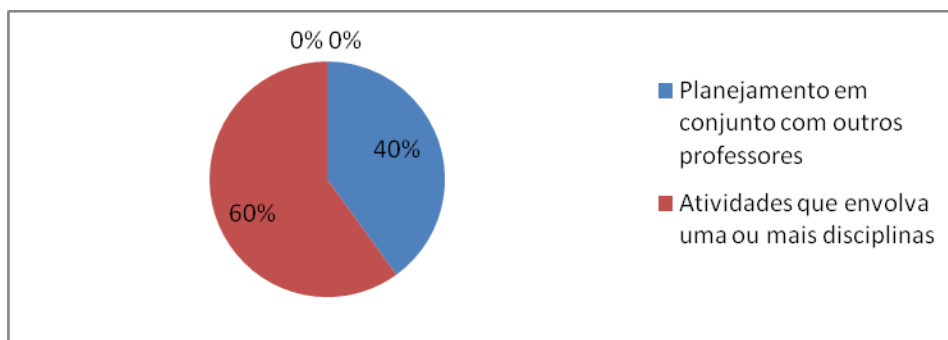


Figura-2 Referente a visão dos estagiários quanto sua atuação e a interdisciplinaridade.

No gráfico acima nota-se que os estagiários têm um conceito formado a respeito da interdisciplinaridade. Visto que 60% dos mesmos planejam atuar por meio da interdisciplinaridade, e para que isto seja possível pretendem priorizar o planejamento em conjunto com professores de outras disciplinas e 40% pretendendo propiciar o ensino interdisciplinar, por meio de atividades que envolva uma ou mais disciplinas (**Figura 2**). Contudo, se faz mister uma formação continuada, pois sabe-se que qualificação não é o fato de ir para a faculdade e se profissionalizar, conquistando o direito de licenciatura, e sim após essa graduação, buscar formação e capacitação para ser um atuante educacional(SANTOS, 2008).

Na verdade, na licenciatura só se busca permissão para ser professor, sendo o primeiro passo a ser tomado. E se a escola não tem profissional qualificado e preparado para enfrentar as barreiras que surgem em todos os âmbitos, fatalmente todo o processo de ensino-aprendizagem fica prejudicado, bem como o andamento dentro da escola (FORTES, 2010).

Também buscou-se analisar a visão dos estagiários, no que se refere ao uso da interdisciplinaridade como uma proposta que possa auxiliar aos alunos a relacionar as áreas do conhecimento e constatou-se que 95% acreditam que a interdisciplinaridade é uma proposta que permite os alunos relacionar uma área de conhecimento com outro, sendo que só 5% acredita que isso acontece às vezes (**Figura 3**).

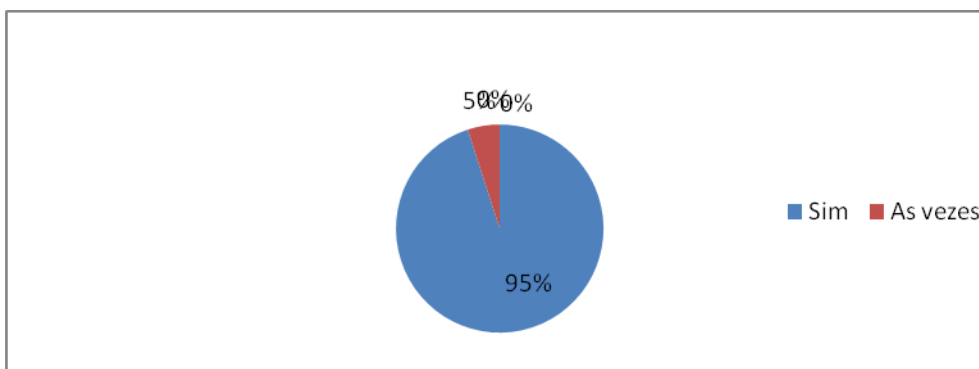


Figura -3 Referente à visão dos estagiários, acerca da interdisciplinaridade com uma proposta que possa auxiliar aos alunos relacionar as áreas do conhecimento.

Vale ressaltar que, a escola é fundamental e constitucional, e ainda, é uma necessidade social do processo educativo. Aliada às diretrizes pedagógicas, o aluno é concebido como um ser humano completo que, embora em processo de desenvolvimento, por estar buscando o saber, é, portanto, dependente do professor para seu sucesso e crescimento mediante os aspectos de ensino aprendizagem (MONROE, 1974). Ele é um ser ativo e capaz, motivado pela necessidade de ampliar seus conhecimentos e experiências e de alcançar progressivos graus de autonomia frente às condições de seu meio. O aluno, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico, pertence a uma família, que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico, e é profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca, o que lhe confere a condição de ser humano único, de indivíduo (SANTOS, 2008).

Hoje mediante a exigência do mercado de trabalho e porque não dizer da sociedade, se faz necessária a aprendizagem que complementa o currículo de forma admirável. Assim, é possível verificar que esse procedimento, o de buscar aprender permite a interação com outras culturas e também visões diferentes de mundo. Nesse sentido há projetos que embasam essa busca como no caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN - (BRASIL, 1999), que ressaltam a todo o momento a necessidade primordial do ensino nas escolas brasileiras. E destacam a importância da equipe escolar estar se aprimorando, mediante formação diferenciada e continuada, com o intuito de



possibilitar o aprendizado total, tornando os alunos aptos e competentes ao mercado de trabalho.

Competência comunicativa é a capacidade de produzir e entender frases e textos adequados na língua que está sendo aprendida, utilizando mecanismos de coerência e coesão, estratégias verbais e não-verbais para compensar falhas na comunicação. O ensino deve propiciar também entendimento e respeito aos valores da cultura de outros povos, capacitando o aluno a expandir seus conhecimentos acerca dos mais variados assuntos por meio desta língua (BRASIL, 1999, p. 49).

Junto ao contexto das instituições escolares, o ato de ensinar ciências, analisando do ponto de vista moderno, sofreu grandes modificações em relação ao passado. Verificando dados antigos e conversando, informalmente, com professores nas escolas campo, foi possível constatar que antigamente as metodologias aplicadas em sala de aula, eram mais centradas no positivismo, ou seja, aos alunos era imposto que decorassem para assim aprenderem (SCHÖN, 1992). E isso, ou mesmo, o conteúdo, não era introduzido com dinâmicas ou mesmo recursos visuais ou fônicos, era tudo às voltas da explicação expositiva, da forma que estava no livro, e o resto ficava por conta do aluno. De acordo com a metodologia aplicada em sala, os alunos se espelhavam na forma em que o professor explicava e acabavam se tornando uma espécie de “imitador”, pois era daquela forma que entendia que tinha que ser, da maneira que lhe ensinaram ele acabava seguindo como método claro e básico de ensino (SCHULTZ, 1995).

Com as transformações advindas, muitas por meio dos recursos de última geração, dentre outras exigências do mercado de trabalho, em todos os âmbitos, a interdisciplinaridade se tornou de suma importância, incluída aos processos metodológicos (SANTOS, 2008). Os professores, então, através de real necessidade de inovação metodológica, se viram até mesmo “obrigados” a estarem aprimorando suas capacidades, se capacitando de acordo com as necessidades, ou se condenariam a permanecerem no passado e acabando assim, perdendo seu espaço como profissional educacional (SILVA, 2009).

Vale a pena complementar que o ato de ensinar e aprender deve sempre desenvolver competências e habilidades a fim de que todas as partes envolvidas tomem consciência e entendam a sociedade em que fazem parte, vendo-a como um processo



permanente de reconstrução humana e compreendendo que a garantia desse espaço de socialização depende do respeito às individualidades, para que cada um construa a si próprio como agente social, alcançando o bem da coletividade (SANTOS, 2008).

Para que o professor seja uma referência exige-se uma prática participativa, dialógica e democrática. O professor também não deve se esquecer jamais que a mudança é possível. Quando o professor é flexível, amável, e analisa cada método ou abordagem, ou os benefícios que cada um deles pode trazer para os alunos e, em que situações cada um deles pode promover momentos de aprendizagem, fica fácil conceber o conhecimento. Agora quando o professor acredita na idéia de que ele está ali para dar sua aula e se o aluno aprender é decorrência de um ato, para ele tanto faz, aí certamente ele se encontra num lugar errado e com uma profissão mais errada ainda. Paiva orienta que:

O conhecimento dos métodos e abordagens pode propiciar uma reflexão e trazer para o nível consciente os pensamentos que estão por trás das ações preconizadas por eles. Isso pode e deve fazer com que os professores se dêem conta de suas suposições, seus valores e suas crenças. A partir daí, eles podem tomar decisões baseadas na reflexão e não condicionadas apenas pelas suas experiências enquanto aluno e professor (PAIVA, 2001, p.26).

Com base no exposto acima, parece interessante que o professor desenvolva a capacidade de identificar os princípios que regem os métodos e abordagens, reconheça quais desses preceitos são coerentes com as suas concepções, que devem prontamente ser questionadas, e, a partir de sua experiência e de seu conhecimento teórico, tente inferir em que situações eles podem propiciar bons resultados. Ao final, o ser humano vive num mundo que está se tornando cada vez mais interdependente, envolvendo diferentes lugares e pessoas, objetos e animais, idéias e sentimentos. Cada vez mais a população se dá conta de que ninguém tem condições de sobreviver sozinho, e que, um depende do outro.

A necessidade de que o professor leve a sério seu trabalho de mediador do saber é emergente e a interdisciplinaridade é de fundamental importância na educação e formação de todos. Schön afirma que:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

A atitude investigativa dos professores é um mergulho na prática pedagógica, no qual ele se envolve afetiva e cognitivamente, questionando as próprias crenças, propondo e experimentando alternativas. É um trabalho de levantar hipóteses, buscar dados para compreender aspectos de situações singulares ou encaminhamentos generalizáveis em sala de aula, como a constituição de boas situações de aprendizagens de alguns conteúdos específicos (SCHÖN, 1992, p. 108).

Assim, se o professor utiliza de metodologia inovada ele estará sempre apto a conquistar todos os objetivos pretendidos junto ao seu planejamento anual.

A educação desempenha um papel importante na vida de cada cidadão, pois dá a oportunidade de se ter uma preparação para a vida social, e tem por objetivo aumentar no aluno aspectos físicos, intelectuais e morais.

Pode-se dizer que, sendo apoiados constante e incondicionalmente junto ao aprendizado, todo aluno é passível dessa oportunidade de progresso na vida, basta que se depare com profissionais competentes e capazes de introduzir conteúdos através de metodologias aplicadas e inovadas que venham ao encontro da necessidade de cada um (SILVA, 2009).

É função do professor com seu compromisso e dedicação, através de aulas inovadas e atrativas, é também, romper o círculo vicioso da não aprendizagem, ainda, acabar com o tradicionalismo e as aulas metódicas, visando a aprendizagem e desenvolvimento total do aluno.

Segundo Vigotsky (1998, p. 89) “é certo que a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico e racional”. Assim entende-se que a escola deve dirigir o ensino não para etapas intelectuais já alcançadas, mas sim para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando como um incentivador de novas conquistas psicológicas.

A escola tem ou deveria ter como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança, em relação ao conteúdo, e como ponto de chegada os objetivos da aula que deve ser alcançado, ou seja, chegar ao potencial de cada um. Aqui o professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. Para isso acontecer, ele deve estar sempre em formação, aprimorando seu conhecimento e sua habilidade (VIGOTSKY, 1998).

O nível de desenvolvimento real do aluno através da interdisciplinaridade que é abordado na teoria refere-se ao que o aluno no seu nível atual, real e efetivo, ou seja, aquilo que ele consegue fazer sem ajuda de outro. Enquanto que no nível de desenvolvimento proximal são as funções que não amadureceram, mas estão em estado de aprendizagem, diz respeito às potencialidades e aos processos em longo prazo. Por conseguinte, o que ocorre é que o aprendizado progride mais rapidamente do que o desenvolvimento (SANTOS, 2008). É aí que o professor, através de sua experiência como agente mediador, por meio da linguagem e outros artifícios, material cultural entre outros, intervém e auxilia para a construção e reelaboração do conhecimento do aluno, para que haja seu desenvolvimento.



À medida que o educador vai tecendo sua prática, ele também vai refletindo e aplicando essas teorias que são valiosas para resolverem diversos males que afligem o contexto educacional. Nesse meio acontece a interação do aluno com o meio e passa a fazer desse meio um ambiente de estímulo para que o sujeito desenvolva os seus aspectos cognitivos (SILVA, 2009).

É possível observar que o desenvolvimento do aluno somente se dá após determinado nível de aprendizado. E assim, aprendizado e desenvolvimento também compõem uma rica teia dialética nos processos cognitivos e psicológicos de cada um. Segundo Barcelos:

O professor deve ser capaz de desenvolver as habilidades cognitivas de seus alunos, percebendo o seu importante papel. Em suas atividades devem estar presente as instruções fundamentais, bem como as motivações que produzem aprendizagem. É necessário que haja em sala de aula um espaço para transformação, para desenvolver o potencial dos alunos. Assim, ela deve estar aberta às diferenças e ao erro, às contradições e à colaboração mútua (BARCELOS, 2006, p. 29)

Assim, a escola almejada possui objetivos educacionais voltados a desenvolver as funções psicológicas e cognitivas de seus alunos. É necessário que esta, a partir das potencialidades do aprendiz, permita o amadurecimento intelectual, com currículo que forneça as condições necessárias para desenvolver os conceitos científicos, necessários para a aprendizagem através da interdisciplinaridade.

O papel do professor, ao apresentar aos seus alunos uma forma inovada de ensinar, é um fator positivo, no qual o aluno aprende conceitos socialmente adquiridos de experiências concretas e passarão a trabalhar com essas situações de forma consciente (MACHADO, 2000).

Se uma transformação social pode alterar o funcionamento cognitivo e pode reduzir o preconceito e conflitos sociais, então esses processos psicológicos são de natureza social. Assim, devem ser analisados e trabalhados através de fatores sociais. Esse motivo se dá devido ao fato de que os alunos quando iniciam sua vida escolar, ainda não estão de certa forma, preparados para enfrentar a correria do dia-a-dia, estão acostumados com outro tipo de vida, e por esse motivo, acabam por estranhar a nova situação (SANTOMÉ, 1998).

O professor dentro da sala de aula deve atuar de forma dinâmica e competente, para que o processo ensino-aprendizagem seja levado a todo o alunado e, assim, os objetivos traçados, propostos mediante planejamento atual, aconteçam efetivamente.



problemática de uma má apresentação de conteúdo, através de recursos metodológicos ineficazes, de certa forma aflige, devido ao fato de que, sem uma competência devida. E através de uma liderança realizada às claras e com participação de todas as partes, fatalmente, os problemas que se acarreta no dia-a-dia, se tornam mais difíceis, e, às vezes até impossíveis de serem resolvidos (FORTES, 2010).

Assim, através da interdisciplinaridade é possível despertar nos alunos o gosto pelo saber e conquista de cidadania, através de experiências antes consideradas inusitadas, mas é necessário que para isso o professor se prepare, porque a intenção é introduzir o aprendizado de uma forma prazerosa, onde o aluno tenha a oportunidade de não se cansar e possa ainda aprender através de um plano receptível satisfatoriamente e não através de um procedimento metódico e tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de muitas buscas, dúvidas e respostas, chega-se à conclusão que por algumas décadas, a interdisciplinaridade não era considerada um meio viável em relação à introdução do processo de ensino aprendizagem. Felizmente hoje a realidade é diferente acerca do conhecimento sobre interdisciplinaridade, isto pode ser percebido nos questionários aplicados aos acadêmicos, pois os mesmos conhecem bem o assunto. Visto que estão conscientes de que sua introdução é essencial, e deve estar integrada seu dia-a-dia das escolas, porém o que percebeu-se nesta pesquisa, a dificuldade de colocar em prática um ensino interdisciplinar pelos professores regentes, isto pode ser devido as dificuldades enfrentadas pelos professores na efetivação deste método. Esta dificuldade pode ser devido à carga horária extensiva, dificuldade de interação com os outros professores e falta de apoio da gestão ou comprometimento dos alunos.

São grandes os desafios que o profissional de Ciências enfrenta e a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.



Depois da realização deste estudo, pode-se dizer que aprender a importância do assunto em questão, permiti descobrir que através da interdisciplinaridade, ocorre um processo de troca, partilha, confronto e negociação, gerando momentos de equilíbrio, propiciando novas conquistas individuais e coletivas. Constatou-se também, que a ação da interação promove a aprendizagem e precisa ser respeitada, pois é fonte que permite o conhecimento. Ainda, o papel fundamental do educador na implementação da proposta pedagógica de Ciências implica que a ele deve ser dada oportunidade constante de refletir individualmente, com seus pares, dirigentes e especialistas, sobre sua prática, para que não aplique mecanicamente uma sequência de rotinas pré-estabelecidas.

Assim, afirma-se que este trabalho permitiu informações que são de extrema relevância para o processo de ensino aprendizagem, em se tratando de introduções e informações diferenciadas. Foi de grande valia a oportunidade e com certeza houve um enriquecimento enorme em todos os aspectos, tanto no social, como pessoal, e, principalmente, profissional. Ao final, chega-se à conclusão de que o estagio supervisionado foi muito importante na minha formação, pois permite colocar em pratica a teoria estudada na Universidade e amplia o significado da constituição de um profissional da área da educação, complementa a formação acadêmica e confere subsídios para uma atuação efetivamente democrática e transformadora. Diante de todo o contexto que permeia a nossa atuação profissional, esta vivência na escola mostrou-me a importância da formação continuada e do constante aprimoramento dos conhecimentos da área, das necessidades sociais, da investigação da própria prática e a busca de temas atuais, ou seja, a necessidade do professor pesquisador, pois no ambiente educacional os profissionais enfrentam grandes desafios, sendo necessário não só apresentar conteúdos aos alunos, mas apresentar possibilidades de formação profissional, preparando-os para a vida e para viver em sociedade, preparando assim cidadãos críticos e reflexivos. Contudo, faz-se mister o uso da interdisciplinaridade como uma proposta para o processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS



- AUGUSTO, T.G.S. & CALDEIRA, A.M.A. *Dificuldades para implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de ciências da natureza*. Investigações em Ensino de Ciências V12(1), pp.139-154, 2007.
- BARCELOS, Jaqueline. *Histórias de vida, história de escola: elementos para uma pedagogia da cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1999. Direito à Educação: *Subsídios para a gestão dos sistemas educacionais* – Orientações gerais e marcos legais. Brasília: MEC, Seesp, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Secretaria da Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil* – Vol. 1. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 4 ed. Campinas: Papirus, 1999.
- FORTES, Clarissa Corrêa. *INTERDISCIPLINARIDADE: ORIGEM, CONCEITO E VALOR*. Graduada em Letras - Espanhol e Respectivas Literaturas / FAMES / Santa Maria. Aluna do curso de especialização em Gestão Educacional / UFSM / Santa Maria, 2010. Disponível em: <<http://www3.mg.senac.br/NR/rdonlyres/eh3tcog37oi43nz654g3dswloqyejkbfxkjpbghejepnlzyl4r3inoxahewtpql7drvx7t5hhxkic/Interdisciplinaridade.pdf>>. Acessado 19/10/13.
- MACHADO, Nilson José. *Educação: projetos e valores*. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2000. 158p. (Ensaio Transversais).
- MONROE, Paul. *História da Educação; nova tradução e notas de Idel Becker*. 10ª ed. São Paulo: Nacional, 1974.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira. *INTERDISCIPLINARIDADE: AS PRÁTICAS POSSÍVEIS*. Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos - Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, ISSN 1809-3264, 2009. Disponível



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

em:http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/artigos/interdisciplinaridad_e_entre_teorias_e_praticas.pdf. Acessado em:19/10/13.

SANTOS, Selma Mara Nunes.*INTERTERDISCIPLINARIDADE: uma possibilidade de superação da fragmentação do saber*. Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2008.

SCHULTZ. *Um estudo de leis e normas oficiais*. Goiânia: UCG, 1995.

SCHÖN, Ezequiel L.O *ato de ensinar: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PAIVA, S. **Subjetividade objetividade:relações entre desejo e conhecimento**. São Paulo: CEVEC, 2001.

VIGOTSKY, Levi Straus; EURIA, A.R. in LEONTIEV, A.N.*Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. 6ª edição. São Paulo: Ícone, 1998.



ENSINO APRENDIZAGEM DE BIOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

OLIVEIRA, Deliana Santos¹; FEITOSA, Mayara Stefany da S. Mariano²; SOUZA, Quezia Almeida³; FREITAS, Gleicielle Costa⁴; SOUSA, Cristiano Mendes⁵; LIMA, Marilda Ferreira de⁶

Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá.

¹deliana.oliveira18@gmail.com; ²mssmfeitosa@gmail.com;
³queziaalmeida_16@hotmail.com; ⁴gleiciellefreitas@gmail.com;
⁵cristiano.smc@gmail.com; ⁶marilda.lima@ueg.br

Resumo: O processo de ensino e aprendizagem é um tema que há tempos vem sendo estudado por diversos ângulos e discutido a partir de distintas concepções (BONITO, 2005; SANTOS, 2003). Em todas as modalidades de ensino, e principalmente na educação de jovens e adultos (EJA), é necessária a utilização de conhecimentos de vida prática, para então despertar o interesse do aluno e motivá-los a prosseguirem os estudos. Dessa forma, o presente trabalho visa compreender o ensino e aprendizado de Biologia na EJA. O estudo foi realizado em um colégio público na cidade de Iporá- Goiás, em duas turmas de EJA do 1º ano do ensino médio, totalizando 13 alunos. O meio utilizado para coletar os dados foi um questionário aberto, que além de questões socioeconômicas, continha ainda questões abertas sobre o aprendizado em Biologia, tratando-se então de um estudo qualitativo. O resultado, dessa forma, é obtido através da análise dos questionários aplicados aos alunos. Constatou-se então, que são diversos os motivos que levam à evasão escolar, e também o retorno desses alunos as escolas. No ensino de Biologia, pode-se destacar a dificuldade dos alunos em relacionar a teoria desenvolvida em sala com a realidade a sua volta. Percebe-se também a dificuldade em relação a nomes científicos, quando que por sua vez o ensino é baseado na memorização de conceitos. Contudo é possível concluir que os alunos se sentem mais realizados quando dizem poder ter a chance de estudar novamente, pois veem na escola um espaço de encontro, de redefinição de projeto de vida, de contexto social.

Palavras chave: Ensino-aprendizado; Biologia; EJA.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem é um tema que vem sendo estudado há muito tempo, por diversos ângulos e discutido a partir de distintas concepções. Sabe-se que todas as abordagens teóricas buscam explicar o processo de ensino e aprendizagem, na tentativa de compreender este fenômeno educativo. Estas correntes epistemológicas englobam várias concepções divergentes, uma vez que foram criadas para satisfazer as necessidades da sociedade naquele momento histórico. Desta maneira, vê-se a



complexidade dos termos empregados. Ao analisar as expressões, entende-se que dois aspectos devem ser considerados, o de ensinar, que requer uma atividade e o aprender, que representa o sucesso de uma tarefa executada. Este segundo aspecto exige do educador em suas explicações, a clareza para que seu educando consiga conhecer o que está sendo estudado, com intuito que ele pense, relacione, compreenda e expresse suas ideias (BONITO, 2005; SANTOS, 2003).

Ensinar de fato, não é fácil! A atividade docente caracteriza-se pelo permanente desafio que os professores têm em estabelecer relações de respeito com os alunos, de forma que os métodos utilizados alcancem os objetivos, que é geralmente, o da aprendizagem em longo prazo. Com isso, entende-se que a maneira com que o professor ministra sua aula é determinante para que seus alunos participem com maior ou menor interesse, tornando a aula produtiva ou não (MAZZIONI, 2013). A aprendizagem ocorre de diferentes formas, pois o aprendiz pode escolher absorver o conteúdo de forma literal, fazendo com que sua aprendizagem se torne mecânica. Desta forma o aluno não consegue repassar o que foi aprendido se não de forma idêntica a que lhe fora transferida (TAVARES, 2005).

Em seu livro “pedagogia da autonomia”, Freire (1997) deixa clara a diferença entre dois tipos de educação: a bancária e a problematizadora. Para ele, a educação bancária consiste no processo em que o professor simplesmente deposita conhecimento no aluno, conduzindo-os a memorização mecânica. Neste método, o aprendizado é imposto ao educando, induzindo-os a crer que o professor é um ser supremo, o dono do saber. A educação bancária fundamenta-se numa prática de imposição, sem diálogo, onde manda quem sabe mais, onde o aluno é um ser inferior. Por esses motivos o conhecimento é absorvido parcialmente, tendo em vista que seu objetivo é a memorização. Já a educação problematizadora, consiste em um processo aonde o conhecimento vem através de uma relação dialógica, onde há troca de conhecimentos. O educador não é mais o “dono do saber”, e sim o que ensina e aprende ao mesmo tempo.

Existe uma relação de cumplicidade, de interação, colaboração entre os envolvidos no processo de ensino. Verifica-se, portanto, a influência que os métodos de ensino exercem sobre o interesse de aprender. Neves e Damiani (2006), em seu trabalho



de reflexão da teoria Vygotskyana, afirma que a aprendizagem não é simplesmente o acúmulo de informações, não acontece a partir de uma simples aquisição de conhecimento armazenado na memória, mas é um processo interno, ativo e interpessoal. Para Vygotsky, a educação interfere no ser em seus aspectos psicológicos e intelectuais, provocando transformações internas no indivíduo, que faz o ser biológico tornar-se um ser sócio histórico.

O ensino de ciências abrange um amplo leque de conteúdos e alternativas. Mas o ensino efetuada no ambiente escolar raramente possibilita que os alunos absorvam os conhecimentos científicos, permitindo que os mesmos apliquem este aprendizado em sua vida extraescolar (PEDRANCINI, et al, 2007). Estudos apontam que é de suma importância a experimentação nas aulas de ciências, uma vez que se torna um conhecimento concreto. Professores e alunos relatam que o uso de aulas práticas desperta um maior interesse, pois proporciona um momento lúdico e divertido, envolvendo o educando no tema em pauta. A experimentação se trata de uma aula que foge do tradicional, que prende a atenção do aluno, pois se torna mais prazerosa, agradável, e estimula o processo de aprendizagem (GIORDAN, 1999).

O ensino de ciências é desafiador em todos os níveis escolares, mas cada etapa na vida estudantil exige uma postura diferente do educador. Se os métodos utilizados no ensino de ciências na educação básica forem os mesmos usados no ensino médio, o resultado não será o mesmo. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) não é diferente. A educação para este grupo deve ser pensada e elaborada conforme as necessidades que eles apresentam, uma vez que, são pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar o ensino regular. No Brasil existem milhões de pessoas que nunca estudaram ou estudaram pouco e acabaram excluídos socialmente (COSTA e STRIEDER, 2008). E foi para assegurar os direitos destas pessoas a educação, que muitos programas foram criados. Com isso, verifica-se que as metodologias devem atender as expectativas destes alunos, fazendo com que os educandos levem este conhecimento adquirido para vida no mundo contemporâneo (PERASSOLI e CORRÊA. 2010).



Diante do exposto, o objetivo do presente trabalho, é compreender a percepção do ensino e aprendizagem de Biologia, dos alunos do ensino médio, da modalidade EJA, bem como sua relação com seu contexto socioeconômico.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa que se propõe como qualitativa. Tal escolha se deu em função do problema apresentado e dos objetivos propostos, que se caracterizam por ser uma compreensão possível sobre o “Ensino e aprendizagem de Biologia na Educação de jovens e adultos - EJA”.

O instrumento para coleta de dados foi um questionário aberto, que de acordo com Oliveira (2008) têm a função de descrever as características de uma pessoa ou de determinados grupos sociais. O questionário, além de questões socioeconômicas, continha ainda questões abertas sobre o aprendizado em Biologia.

Assim, fez parte deste estudo um colégio público na cidade de Iporá- Goiás, em duas turmas de EJA do 1º ano do ensino médio, totalizando 13 alunos. Visando preservar a identidade dos entrevistados, nomes fictícios foram utilizados para substituir os nomes reais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sujeitos da pesquisa foram 13 alunos das duas turmas do 1º ano do Ensino Médio na modalidade EJA de uma escola pública em Iporá- Goiás. Foi possível verificar que todos os pesquisados são oriundos de escolas públicas e 16% deles estão afastados da escola há mais de 10 anos e os demais de 1 à 7 anos. Destes, 54% são do sexo feminino e têm idades que variam entre 18 e 54 anos e 61,5% deles, são casados. O comércio é o local de trabalho de 38% dos alunos, enquanto 23% trabalham na indústria, 23% são autônomos, 7,7% são servidores públicos e 7,7% trabalham como recepcionistas, porém, 46% não possuem carteira de trabalho assinada, sendo que a faixa salarial dos alunos entrevistados varia entre 1 e 5 salários mínimos, sendo que



61% deles recebem de 1 a 3 salários mínimos, 31 % de 1 a 2 salários mínimos e 7,7% de 3 a 5 salários mínimos. 70% dos alunos pesquisados trabalham de 40 a 48 horas semanais.

Vários são os motivos que levam à evasão escolar, muitos alunos deixam a escola para trabalhar, porque as condições de acesso ou de segurança são precárias, porque os horários e as exigências são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir. Afastam também dos estudos porque não há vaga, não tem professor, não tem material e, sobretudo, porque não considera que a formação escolar seja assim tão relevante que justifique enfrentar toda essa gama de obstáculos à sua permanência ali (FONSECA, 2002). Nessa direção também são os motivos que levaram os alunos pesquisados a afastarem da escola, principalmente, aqueles relacionados a razões socioeconômicos, como é percebido nas suas respostas dadas sobre o ano e os motivos do afastamento da escola:

Em 1996, por motivos pessoais (Marie Curie, 37 anos, comerciante).

Em 1997, fiquei grávida e abandonei os estudos por vergonha (Rita Levi-Montalcini, 35 anos, diarista).

Em 2008 por indisponibilidade de tempo (Lamarck, 27 anos, comerciante).

Em 2011 retornei aos estudos e desisti novamente por dificuldades em aprender (Rosalind Franklin, 23 anos, servidora pública).

Parei em 2012 por problemas de saúde (Darwin, 18 anos, não informado).

Em 2008, parei porque estava grávida (Maria Mayer, 23 anos, recepcionista).

Em 1979 para trabalhar (Francis Crick, 54 anos, indústria).

Em 1996, pois reprovei três vezes no 1ºano, então desisti (Rachel Carson, 37 anos, autônoma).

Em 2011 para trabalhar (Mendel, 26 anos, comerciante).

Jogava futebol, por isso me afastei (Watson, 19 anos, indústria).

Em 2011, pois ficou difícil conciliar o casamento e os estudos (Mária Telkes, 21 anos, comerciante).

Em 2007 quando tive filho (Barbara McClintock, 23 anos, comerciante).



Os jovens e adultos que retornam à escola são, na maioria das vezes, evadidos ou excluídos dela, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. Negação até ao direito de ser jovem. As trajetórias truncadas se tornam mais perversas porque se misturam com essas trajetórias humanas e reforçam-se mutuamente. A EJA como política pública adquire uma nova configuração quando equacionada na abrangência das políticas públicas que vêm sendo exigidas por essa juventude (ARROYO, 2005).

Quando nos referimos às disciplinas em que encontraram mais facilidade de aprendizagem na sua vida escolar e quais motivos levaram a uma melhor aprendizagem nelas, encontramos nos 13 questionários, apenas quatro alunos que disseram ter facilidade em Biologia. Quando perguntados se conseguem relacionar o que estudam com o seu cotidiano, a maioria respondeu positivamente, exceto três alunos que disseram não conseguir relacionar a nada.

Na vida tudo gira em torno da ciência, pois cada experiência que vivemos tem muitas questões, os cuidados com a alimentação com o corpo etc. (Marie Curie, 37 anos, comerciante).

A ciência está em tudo em nossas vidas. (Rita Levi-Montalcini, 35 anos, diarista).

Entendo de como cuidar de planta e animais. (Lamarck, 27 anos, comerciante).

Quando assisto documentários e programas que falam de ciências não me sinto mais perdido. (Darwin, 18 anos, não informado).

Gosto de assistir CSI e consigo entender melhor o que acontece. (Maria Mayer, 23 anos, recepcionista).

Principalmente nas aulas que falamos das doenças, dos sintomas e de como tratá-las. (Francis Crick, 54 anos, indústria).

Sim, compreendo mais fácil o que vejo na TV. (Watson, 19 anos, indústria).

Entendo melhor. (Mária Telkes, 21 anos, comerciante).



Estudamos as doenças, ajuda na prevenção, aprendemos sobre vitaminas e outras coisas para a saúde. (Barbara McClintock, 23 anos, comerciante).

Estudamos as doenças podemos ajudar as pessoas e ser mais cuidadosos. (Malrice Wilkins)

Em todas as modalidades de ensino, e principalmente na EJA, é necessário a utilização de conhecimentos de vida prática, referentes à sua vivência no trabalho e na comunidade da qual fazem parte (CARRAHER, et al., 2006), pois dessa forma se desperta o interesse do aluno e os motiva à prosseguirem os estudos. Quando perguntamos sobre o que mais e menos agrada nas aulas de Biologia, obtivemos respostas variadas.

O que mais me agrada são as descobertas que envolvem o ser humano. (Marie Curie, 37 anos, comerciante).

Descobrir que tem muitas coisas que não vemos a olho nu e o que menos me agrada é a falta de oportunidade de fazer o que aprendemos. (Rita Levi-Montalcini, 35 anos, diarista).

O que mais me agrada são os estudos dos seres e o que menos me agrada são os nomes científicos. (Lamarck, 27 anos, comerciante).

Não gosto de nada pois tenho muita dificuldade com os nomes científicos. (Rosalind Franklin, 23 anos, servidora pública).

Tudo em biologia me agrada, pois acho interessante. (Darwin, 18 anos, não informado).

Gosto de tudo em biologia. (Maria Mayer, 23 anos, recepcionista).

Gosto de tudo menos parasitologia. (Francis Crick, 54 anos, indústria).

Experiências de laboratório. (Rachel Carson, 37 anos, autônoma).

Gosto do estudo do corpo humano e dos seres vivos e o que menos me agrada são os trabalhos de grupo. (Mendel, 26 anos, comerciante).



O que mais me agrada são as aulas de laboratório pois podemos ver como as coisas acontecem e o que menos me agrada são as aulas teóricas. (Watson, 19 anos, indústria).

Aulas de experiências. (Mária Telkes, 21 anos, comerciante).

Mais aulas de experiências no laboratório, pois tenho dificuldade com as figuras. (Barbara McClintock, 23 anos, comerciante).

Quando fazemos experiências no laboratório. (Malrice Wilkins).

No ensino de Ciências, podemos destacar a dificuldade do aluno em relacionar a teoria desenvolvida em sala com a realidade a sua volta. Considerando que a teoria é feita de conceitos que são abstrações da realidade (SERAFIM, 2001), podemos inferir que o aluno que não reconhece o conhecimento científico em situações do seu cotidiano, não foi capaz de compreender a teoria, pois para compreendê-la é preciso experienciá-la (FREIRE, 1997). Quanto à dificuldade com os nomes científicos, essa é uma reclamação bastante comum entre os alunos, principalmente quando o ensino é baseado na memorização dos conceitos (KRASILCHICK, 2004).

Quando perguntados sobre sugestões para melhorar o aprendizado, a importância de vivenciar, experienciar o conteúdo foi corroborada pela necessidade de mais práticas, como podemos notar em suas respostas:

Ir mais ao laboratório para ver além da imaginação. (Marie Curie, 37 anos, comerciante).

Que as pessoas tivessem mais oportunidade de estudo. (Rita Levi-Montalcini, 35 anos, diarista).

Usar mais práticas pois as aulas teóricas são muito complicadas. (Lamarck, 27 anos, comerciante).

Aulas mais livres sem nomes técnicos. (Rosalind Franklin, 23 anos, servidora pública).

Mais aulas práticas. (Darwin, 18 anos, não informado).

Não tenho sugestões, está bom assim. (Maria Mayer, 23 anos, recepcionista).

Mais aulas práticas de laboratório. (Francis Crick, 54 anos, indústria).



Preciso de mais tempo para estudar. (Rachel Carson, 37 anos, autônoma).

Mais questionários e menos trabalhos. (Mendel, 26 anos, comerciante).

Gosto como é. (Watson, 19 anos, indústria).

Não respondeu. (Mária Telkes, 21 anos, comerciante).

Mais aulas de laboratório. (Barbara McClintock, 23 anos, comerciante).

Fazer mais experiências no laboratório e trazer mais amostras pra gente ver. (Malrice Wilkins).

Quanto aos processos avaliativos, fica evidente que precisamos romper com a cultura da seletividade e da exclusão, atenuar posturas avaliativas classificatórias e evoluir para abordagens de ensino, de aprendizagem e de avaliação mais compatíveis com as necessidades dos alunos, procurando construir uma escola mais democrática e acessível a todos, comprometida com a transformação da realidade (PEREIRA e SOUZA, 2004; VASCONCELLOS, 2008). Ao investigar sobre como os alunos pesquisados gostariam de ser avaliados, obtivemos as seguintes respostas:

De acordo com minha capacidade de aprendizado. (Marie Curie, 37 anos, comerciante).

De acordo com o meu aprendizado. (Rita Levi-Montalcini, 35 anos, diarista).

De acordo com o meu aprendizado. (Lamarck, 27 anos, comerciante).

Não respondeu. (Rosalind Franklin, 23 anos, servidora pública).

De acordo com meu esforço, pois algumas pessoas não se esforçam e tiram notas boas. (Darwin, 18 anos, não informado).

Do jeito que é feito. (Maria Mayer, 23 anos, recepcionista).

Em trabalhos apresentados para a turma. (Francis Crick, 54 anos, indústria).

Do jeito que é feito. (Rachel Carson, 37 anos, autônoma).

Mais provas de marcar “X” pois assim me lembro mais facilmente as respostas. (Mendel, 26 anos, comerciante).

Pela minha participação nas aulas. (Watson, 19 anos, indústria).

Não respondeu. (Mária Telkes, 21 anos, comerciante).



Que logo após passar um conteúdo desse uma pequena prova para não acumular.
(Barbara McClintock, 23 anos, comerciante).

Na participação, nos trabalhos e na presença. (Malrice Wilkins).

Os alunos também percebem as avaliações seletivas, o que evidencia a necessidade de avaliações que considerem os processos de desenvolvimento e aprendizagem, e não somente o resultado final (DEMO, 1991). Porém, notamos na resposta de *Mendel* que o mesmo tem preferência por avaliações objetivas, as quais ele possa memorizar as respostas, o que retrata que os próprios alunos, adaptados ao tradicionalismo, tem resistência a uma educação que não seja bancária (FREIRE, 1997). Preferem a memorização e resistem às atividades que envolvam pensar criticamente e desenvolver respostas com suas “próprias palavras”, pois lhes foi negado, desde muito cedo na escola, à capacidade de pensar e construir respostas de acordo com seus conhecimentos prévios, pois só era, e ainda, é em algumas escolas, permitido o que estivesse descrito no livro didático.

São vários os motivos que levaram esses jovens e adultos a voltarem a estudar. Em geral eles veem esse retorno como uma forma de solucionarem alguns de seus problemas, como um reposicionamento social e busca de melhores colocações no mercado de trabalho. Assim, podemos constatar a grande expectativa que os sujeitos da educação de jovens e adultos têm em relação à educação que lhes será proporcionada, bem como as mudanças concretas que ocorreram em suas vidas, como eles próprios relataram:

Houveram muitas melhoras, pois me sinto melhor e mais capaz de realizar meus objetivos. (Marie Curie, 37 anos, comerciante).

Tive muitas transformações, não quero mais deixar de estudar, quero me especializar, ler mais e me realizar. (Rita Levi-Montalcini, 35 anos, diarista).

Ocorreram melhorias profissionais e financeiras. (Lamarck, 27 anos, comerciante).

Tenho mais liberdade de falar em público, pois aprendi a falar melhor e tenho mais assunto para comentar. (Rosalind Franklin, 23 anos, servidora pública).



Tenho menos tempo para família e amigos, mas não me sinto culpado por ficar parado e tenho a possibilidade de ter uma profissão melhor. (Darwin, 18 anos, não informado).

De modo geral tudo mudou pra melhor. (Maria Mayer, 23 anos, recepcionista).

Tenho aprendido muitas coisas novas, mas não tenho mais vida social. (Francis Crick, 54 anos, indústria).

Ajuda a conviver melhor em sociedade. (Rachel Carson, 37 anos, autônoma).

Sofria de depressão e ficava muito em casa, hoje venci a doença, tenho um negócio e muitos amigos. Hoje tenho facilidade em me comunicar, não sinto mais vergonha de não ter estudo. (Mendel, 26 anos, comerciante).

Sim, melhorou o convívio social. (Watson, 19 anos, indústria).

Sim, melhorou o aprendizado. (Mária Telkes, 21 anos, comerciante).

Fiquei mais sociável no trabalho e me sinto mais confiante. (Barbara McClintock, 23 anos, comerciante).

É muito puxado estudar e trabalhar, mal dá tempo para ficar com meu filho, mas estou aprendendo muito e espero poder dar um futuro melhor pra ele. (Malrice Wilkins).

Constatamos que os alunos do EJA buscam muito mais do que os saberes historicamente construídos, pois quando voltam a estudar, veem na escola um espaço de encontro, de redefinição de projeto de vida, de contexto social (SOARES, 2007). Sendo assim, estamos de acordo com as ideias de Bail (2002) em que os conteúdos a serem vistos nesse tipo de escola não podem ter o mesmo sentido dos que existem para a escola das pessoas que possuem boas condições econômicas que lhes permitem estudar sem trabalhar, precisa ser significativo e estar de acordo com os objetivos de vida desses alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação deve suprir as reais necessidades dos que demandam por essa educação, é necessário considerar todos os aspectos que envolvem cada indivíduo que retorna ao campo educativo, depois de tê-lo abandonado por motivos de força maior.



Considerando o ensino e aprendizagem de Biologia ficou evidente que é considerável o índice de indivíduos que conseguem estabelecer uma relação de aplicabilidade da ciência em questão, isso só é possível devido à característica peculiar que essa ciência ou disciplina apresenta, pois a mesma se faz de teoria e prática, assim, pois, constata-se através deste estudo que não se constrói um conhecimento sólido sem estabelecer essa relação teoria, prática e aplicabilidade. Quando se consegue aplicar a biologia em questão no dia a dia, pode-se então concluir que todas as partes que envolvem a apropriação do conhecimento são integradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, M. G. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, L.J.G.; GIOVANETTI, M.a; GOMES, N. L. Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BAIL, V. S. **Educação Matemática de Jovens e Adultos – Trabalho e Inclusão**. Editora Insular, 2002.
- BONITO, J. **O Processo de Ensino-aprendizagem**. Universidade de Évora. Portugal. 2005.
- CARRAHER, T. N.; CARRAHER, D. W.; SCHLIEMANN, A. D. **Na vida dez, na escola zero**. 14ª. ed. São Paulo, Cortez, 2006.
- COSTA, S. J. D. e STRIEDER, D. M. **O Ensino de Ciências e a Educação de Jovens e Adultos: Caminhos para a formação para a cultura científica**. 1º Simpósio Nacional de Educação. Cascavel. 2008.
- DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 1991.
- FONSECA, M.C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GIORDAN, M. **O papel da experimentação no ensino de ciências**. Revista Química nova na escola. N. 10. 1999.
- KRASILCHICK, M. **Práticas do ensino de biologia**. São Paulo: EDUSP; 2004.



MAZZIONI. S. **As estratégias utilizadas no processo de ensino e aprendizagem: Concepções de alunos e professores de ciências contábeis.** Universidade Comunitária Regional de Chapecó. 2013.

NEVES. R. A. e DAMIANI. M. F. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem.** Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul. 2006.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 2o ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PEDRANCINI. V. D. Et al. **Ensino e aprendizagem de biologia no ensino médio e a apropriação do saber científico e biotecnológico.** Universidade Estadual de Maringá. Paraná. 2007.

PERASSOLI. R. A. e CORRÉA. T. H. B.. **O processo de ensino-aprendizagem em ciências na educação do campo: Desafios e possibilidades.** UNIMEP. São Paulo. 2010.

PEREIRA, L. C.; SOUZA, N. A. Concepção e prática de avaliação: um confronto necessário no ensino médio. Estudos em Avaliação Educacional. **Revista da Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, n. 29, p. 191-208, 2004.

SANTOS. R. V. **Abordagens do Processo de Ensino e Aprendizagem.** Universidade de São Paulo. SP. 2003.

SERAFIM, M.C. A Falácia da Dicotomia Teoria-Prática. **Rev. Espaço Acadêmico**, n 7. 2001.

SOARES, L.; GIOVANETTI, M.A.G.C.; GOMES, N. L. (orgs). **Diálogos na educação de jovens e adultos.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TAVARES. R. **Aprendizagem significativa e o ensino de ciências.** Departamento de Física e Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba. 2005..

VASCONCELLOS, C. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar.** 18 ed. São Paulo: Libertad, 2008.



ESTÁGIO E A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL

FERNANDES, Fernanda Afonso Arantes¹; PONTES, Ueslene Maria Ferreira²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹fernandades@hotmail.com; ²ueslene.pontes@ueg.br

Resumo: O trabalho é resultado de observações feitas nas aulas do 7º ano do Ensino Fundamental e também da regência realizada na mesma. Contribuiu ainda para realização deste, um questionário, o qual foi aplicado à turma do 4º ano do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá (UEG – UnU Iporá). Tendo como objetivo o melhor entendimento sobre a indisciplina e como os estagiários lidaram com a mesma em suas aulas do Ensino Fundamental. Sendo assim constatou-se que a maioria dos estagiários sofreu com atos indisciplinados durante aulas. Diante disso eles concordaram que indisciplina é a infração das regras impostas pela escola ou pelo professor, e que os principais motivos dos alunos terem este tipo de comportamento pode ser a família desestruturada, também para chamar atenção ou mesmo por falta de interesse. Devido a isso percebe-se que as atitudes indisciplinadas por parte dos alunos nem sempre são responsabilidade do professor, já que a mesma é causada por vários motivos. Contudo pode-se concluir que sempre irá haver indisciplina, o que se pode fazer para melhorar, é os professores de uma maneira geral, busquem melhorar a qualidade de suas aulas, sempre motivando os alunos a se interessarem pelas aulas, diminuindo assim o índice de comportamento indisciplinado nas aulas.

Palavras-chave: Indisciplina; Estagiário; Aluno.

INTRODUÇÃO

O Minidicionário Aurélio (2001) diz que, indisciplina é definida como: “Procedimento, ato ou dito contrário à disciplina”. Sendo que o termo disciplina refere-se a: “Regime de ordem imposta ou mesmo consentida. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. Relações de subordinação do aluno ao mestre. Submissão a um regulamento. Qualquer ramo do conhecimento. Matéria de ensino”. Dessa forma entende-se por um aluno indisciplinado aquele que não segue a disciplina, que não obedece às normas pré-estabelecidas pelo professor ou pela escola, sendo assim o aluno disciplinado é aquele que obedece à disciplina, a regra que é imposta. (OLIVEIRA, 2009 p. 4058; RIBEIRO, 2010 p. 44)



Esta questão é um dos maiores desafios que a escola e os professores enfrentam em seu cotidiano, além de ser um problema que tem se agravado a cada dia (PEDRIÇA e AYRES SILVA, 2010 p. 133). A indisciplina em sala de aula é compreendida como, manifestação de um ato de perturbação da aula, de um comportamento inadequado, um sinal de desobediência, sendo entendido na visão do professor como falta de educação, de respeito pelas autoridades. Neste sentido, o professor tem a visão de que as regras são indispensáveis para a ordem e controle da turma. (REGO, 1996 p. 85; SILVA, 2003 p. 11; RIBEIRO, 2010 p. 44).

As manifestações de atos indisciplinados tem se tornado uma rotina, como por exemplo, fazer graças, conversar no momento da explicação, andar pela sala durante a aula, não prestar atenção, não fazer as atividades propostas, discussões entre alunos, comentários desagradáveis, entre outros. Tais comportamentos são considerados prejudiciais pela frequência com que acontecem e não pela real gravidade de tal comportamento. (SILVA, 2003 p. 11; OLIVEIRA, 2009 p. 4508)

A sala de aula é considerada um ambiente de aprendizagem, então precisa ser um local motivador, para que o estudante venha aprender de maneira prazerosa. (RIBEIRO, 2010, p. 49). Porém a indisciplina tem sido inserida nas aulas, Promovendo um baixo rendimento na aprendizagem. Logo, percebe-se a necessidade de o professor sempre estar utilizando técnicas, metodologias que proporcionem aos discentes melhor aproveitamento das aulas. (PEDRIÇA e AYRES DA SILVA, 2010 p. 133)

A indisciplina nas escolas é algo que gera muitos conflitos, não só na sala de aula, como também em toda a escola, e o que poderia reverter esta situação seriam avanços na gestão dos processos pedagógicos, pois o sucesso escolar está sempre relacionado a uma boa organização das aulas. Esta que se refere às metodologias utilizadas, a didática empregada, ou seja, as formas de que o professor utiliza em todos os momentos da aula. Tal gestão do professor frente a atitudes indisciplinadas vai além dos mecanismos de controle em relação ao que acontece no momento, sendo assim estas ações do professor em sala de aula precisam ser construídas para superar as situações de indisciplina. (OLIVEIRA, 2009 p. 4504-4505).



Um estudante indisciplinado é alguém que possui um comportamento que se desvia de uma norma. A indisciplina praticada pelo aluno é uma resposta à autoridade do professor, pois age de tal forma, devido não estar de acordo com as normas estabelecidas, o docente não consegue motivá-lo suficientemente, problemas familiares, ausência dos pais, falta de relacionamento interpessoal entre o educador e o educando, são muitos dos fatores determinantes que causam tal comportamento. A indisciplina é decorrente do meio em que vive, ou seja, o aluno vai viver e se comportar da maneira com a qual aprendeu a viver, sendo assim sempre tem que haver a busca da ligação entre família e escola. (PEDRIÇA e AYRES DA SILVA, 2010 p. 137)

Professores estagiários na realidade da sala de aula sentem necessidade de formação em várias áreas. Dentre elas destaca-se o controle disciplinar. Neste contexto, o professor-estagiário acaba por se sentir impotente diante da prática cotidiana da sala de aula, pois não corresponde, muitas vezes, aos modelos que foi descrito e apresentado durante a formação acadêmica, e percebem que os modelos pedagógicos ideais não se adaptam à realidade. Dessa forma, os estagiários em vez de atingirem um determinado grau de maturidade, acabam se deparando com uma inquietude. Tal situação, própria de qualquer docente principiante, nos professores em estágio são mais intensas, porque sobre eles ainda, tem a questão de estarem sendo avaliados, e por isso, por uma questão de defesa são levados a agir de acordo com as ideias dos seus avaliadores. (RIBEIRO, 2010 p. 41-42)

Certamente, constatar e vivenciar a indisciplina em sala de aula leva o professor, ao longo do seu crescimento profissional, desde a fase de estagiário, a adquirir competências de atuação que privilegiem a prevenção de tal comportamento. (RIBEIRO, 2010 p. 103).

OBJETIVOS

Este estudo se destina a verificar as causas da indisciplina em sala de aula no Ensino Fundamental e como o professor estagiário deve agir diante de atitudes indisciplinadas dos estudantes.



MATERIAIS E MÉTODOS

Para elaboração do trabalho foram realizadas leituras teóricas sobre a abordagem do tema indisciplina. Para a obtenção de resultados, foram observadas durante o mês de abril de 2013 as aulas do 7º ano do Ensino Fundamental e em seguida realizada a fase de regência também no mês de abril.

Na busca de melhores resultados foi aplicado um questionário aos estagiários da turma do 4º ano de Ciências biológicas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá (UEG UnU - Iporá) com questões que relacionam ao processo de interferência da indisciplina na regência de cada um, conhecendo suas opiniões sobre o porquê dos alunos agirem de forma indisciplinar nas aulas e qual a melhor forma de o professor atuar diante deste comportamento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a realização das observações das aulas do 7º ano no Ensino Fundamental, focou perceptível que a indisciplina está sempre presente nas aulas das mais variadas formas, como conversas paralelas, discussão entre alunos, falta de respeito pelo professor e com os colegas, desinteresse, entre outros comportamentos que não são considerados como de uma pessoa disciplinada. (REGO, 1996 p. 85; SILVA, 2003 p. 11; RIBEIRO, 2010 p. 44)

Tem sido utilizado como exemplos para definir comportamentos indisciplinados: rir, fazer os colegas rirem, balançar na cadeira, ficar distraído, não fazer as atividades, entre outros, ou seja, a maioria das situações de indisciplina em sala de aula está relacionada a tais comportamentos que prejudicam o bom andamento das aulas. (OLIVEIRA, 2009 p. 4508)

Pôde-se perceber que estas atitudes dos alunos tem dificultado a ação do professor regente, como também a do estagiário, sendo a dificuldade deste em ministrar a aula ainda maior, pois a indisciplina é ainda de forma mais acentuada, pelos



estudantes possuem uma imagem de que as aulas dos que estão em processo de estágio, são momentos de diversão em que tudo é permitido, onde eles não o respeitam, pois acham que por ser um estagiário ele não pode ter nenhuma autonomia, pois quem manda na sala é o regente, e o estagiário não pode fazer nada, ele está ali de favor. Por isso, estes se sentem de mãos atadas em relação a quais metodologias utilizar em suas aulas, visto que um trabalho em grupo, por exemplo, pode comprometer todo o bom andamento da aula.

As regras em sala de aula têm como finalidade dominar as atitudes e comportamentos pelas quais se rege uma aula, surgindo como pilar básico na construção de uma gestão de sala de aula eficaz. A implementação de normas tem como objetivo ter resultados positivos, em termos de interação professor-aluno, organizando assim as atividades em função dessas relações. O regimento também pode ter a função de prevenir problemas de indisciplina. (RIBEIRO, 2010 p. 92)

Quanto ao questionário aplicado ao 4º ano do curso de Ciências Biológicas da UEG-UnU Iporá, verificou-se que quando perguntado a eles sobre o que entendiam pelo assunto, a maioria dos questionados responderam que indisciplina é infringir regras estabelecidas pela escola e pelo professor, falta de interesse nas aulas demonstrada com conversas em momentos impróprios, falta de atenção nas aulas. Diante disso, a maioria respondeu que sofreram com tais comportamentos dos alunos durante sua regência, sendo apenas uma minoria, cerca de três acadêmicos que demonstraram não terem lidado com a falta de disciplina durante suas aulas.

A indisciplina escolar tem sido caracterizada como desinteresse, divergências e perturbações de toda maneira, sendo entendida como quebra de regras pré-estabelecidas pelo professor ou regulamento da escola, desrespeito com o outro, ou ainda, desinteresse e falta de participação do aluno. (OLIVEIRA, 2009 p. 4508)

Quando perguntado a eles sobre qual a melhor maneira do professor agir diante dos atos de indisciplina dos alunos, a maioria concordou que o professor deve agir com firmeza, autoridade, ter o controle da situação, buscando sempre atrair a atenção do aluno para a aula que deve ser dialogada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

É importante que o professor tenha autoridade, para conduzir de forma mais proveitosa possível o processo de ensino-aprendizagem. E essa autoridade, precisa ser exercida nos domínios: intelectual, ético, profissional e humano. Nessa perspectiva, o professor deve ser exigente, mas não com normas rígidas, incoerentes, mas no qual exija que os educandos participem de forma significativa da construção de seus conhecimentos. (PEDRIÇA e AYRES DA SILVA, 2010 p. 139-140)

Conforme o exposto, percebe-se que “agir com autoridade”, não significa grosseria, falta de educação com o aluno, nem humilhação; e sim saber fazer o estudante entender a importância dele na construção do seu conhecimento.

Por gestão da sala de aula entende-se o conjunto de estratégias desenvolvidas, que permitam o desenvolvimento, de forma eficaz, do processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim o conceito de gestão de uma aula, é entendido como, as estratégias que o professor utiliza para organizar suas atividades com o objetivo de aumentar o envolvimento dos alunos e de diminuir o comportamento indisciplinado, sendo fundamental a capacidade de organização e liderança do docente. A gestão da turma, exige do professor, também, uma grande capacidade de prever os comportamentos que os estudantes podem ter. Para se ter eficácia nesta gestão, o essencial é ter competência e saber-agir nas diversas situações. Exige do educador um pensamento rápido, responsável e informado. (RIBEIRO, 2010 p. 53-54)

Um regulamento disciplinar é tudo e não é nada. Os professores imaginam-se com ele a salvo de muitos problemas de disciplina, e por isso procuram torná-lo o mais completo possível. O aumento de sua extensão cresce na mesma proporção direta de sua inaplicabilidade. A questão é, todavia, meramente ilusória. Os professores partem do pressuposto de que será acatado por seus alunos, dado que foi aprovado pelos representantes, e que, desta maneira, se conformarão ao que nele estiver prescrito. Para os alunos, contudo, o regulamento não existe. O que impera na escola é a vontade dos professores e do Conselho Executivo. O regulamento será sempre mais um instrumento do seu poder discricionário. (SILVA, 2003 p. 16-17)

De acordo a afirmação, entende-se que regulamentos são criados para tentar combater a indisciplina, na maioria das vezes são apenas para apresentar aos estudantes que existe um regulamento (regras) e que se estes alunos infringirem as regras deste regulamento, poderá ser punido. Porém para o aluno, o que interessa é o que o professor



que está em sala diz, tornando o regulamento apenas um meio no qual na maioria das vezes o docente utiliza para tentar ter o controle de sua turma.

Por se lidar com crianças que estão prestes a entrar na fase da adolescência, compreende-se de certa forma a indisciplina dos alunos, pois é uma fase de descobertas, em que se testam os limites. Por isso apenas uma gestão de participação, ou seja, um professor que dialoga, tenta entender e sabe agir nas mais diversas situações é que leva um estudante a desenvolver a autodisciplina. (SILVA, 2003 p. 36)

Quanto à questão da formação do estagiário é muito importante que se trabalhe durante a formação, sempre tentando apontar a realidade dos problemas que vão enfrentar em sala de aula, nos quais está o problema da indisciplina, pois quando não trabalhado estas questões, de certa forma a competência deste futuro professor pode estar prejudicada, isto, porque ele poderá não saber agir em determinadas situações. Ribeiro aponta.

Pressupõe-se que o professor, no decorrer da sua formação, adquira e desenvolva um conjunto de conhecimentos, competências e atitudes que lhe permitam exercer a sua profissão e que lhe possibilitem o acesso a técnicas do domínio pedagógico para fazer face aos problemas que tem que enfrentar em sala de aula, entre eles os problemas disciplinares. Será que a formação proporciona o desenvolvimento dessas competências? A resposta dos investigadores é clara: existe ainda muito trabalho para desenvolver neste âmbito. E um dos aspectos mais salientes destas investigações é o fato de apontarem para a importância das medidas preventivas e para a necessária competência do professor no sentido de as saber tornar efetivas. (RIBEIRO, 2010 p. 44)

Diante da afirmação, pode-se dizer que a formação do estagiário é de grande importância, pois é com base no que ele aprende na teoria durante o período acadêmico, é que ele irá tentar aplicar durante a prática da sua regência. Mesmo que durante sua regência, se depare com situações que não poderia esperar, mas é por meio da teoria é que o estagiário terá uma noção de que decisão tomar nestas ocasiões.

Para que o estagiário tenha um bom desempenho, é preciso que o mesmo desenvolva algumas competências. A qual possui várias definições. No entanto, é importante que ele tome decisões e saiba agir, fazendo uma articulação constante entre a ação e o pensamento. Sendo assim podem ser apontadas algumas competências que um



professor estagiário precisa desenvolver para se ter um bom desempenho em sala de aula. Dentre as quais destaca-se, a segurança que é importante, porém só se adquire na prática. Portanto, a prática é considerada fundamental para a aquisição da segurança dos estagiários. Outra das que precisam ser desenvolvidas é o autodomínio e o autoconhecimento, sendo que é necessário adequar estratégias e criar um clima positivo na sala de aula. Também é de grande importância ao estagiário desenvolver a firmeza. Todas estas competências são também consideradas dificuldades, pois são perceptíveis aos olhos dos alunos sendo, por consequência, difícil manter a turma sob controle, surgindo assim casos de indisciplina na falta destas, que raramente são resolvidos pelos professores que estão em processo de estágio, mas antes pela rápida intervenção do professor regente ou coordenação da escola. (RIBEIRO, 2010 p. 97-98)

Quando questionado aos acadêmicos do 4º ano de Ciências Biológicas sobre os motivos dos alunos terem atitudes indisciplinadas nas aulas; a resposta por unanimidade foi que o principal motivo é o familiar, pois muitos estudantes estão passando por momentos difíceis, ou seja, a família está desestruturada. Mas houveram outras respostas, como por exemplo, os alunos utilizam da indisciplina para chamar a atenção, ou mesmo por falta de interesse nas aulas.

Quando se fala das causas de um aluno ser indisciplinado, não é difícil apontar alguns fatores, como o familiar; as quais são de grande relevância, pois no ambiente familiar é que os alunos aprendem em primeira instância sobre comportamentos. Em outros tempos poderiam ser apontados outros fatores como os principais destes comportamentos indisciplinados; tais como a pobreza o alcoolismo. Hoje a separação de pais, a grande permissividade dos pais para com o filho, a ausência de valores tem sido os principais fatores. Então pode se dizer que o principal problema da indisciplina hoje provém de famílias onde os limites não existem mais. (SILVA, 2003 p. 12)

A dinâmica da sociedade tem sido mudada ao longo do tempo. O perfil familiar também. Muitos são os problemas nas famílias, mas a escola, o professor precisa compreender estas mudanças, para poder então estabelecer um relacionamento direto com a família e também com o aluno. Contudo a escola e o professor também se transformaram, pois antes a escola tinha um maior valor social e, portanto um maior



apoio da família. Hoje, ao contrário, a fragmentação cultural e o desemprego, a economia baseada no capital e não na produção, a concentração de renda, a valorização do ter e não do ser, são verdades que estão presentes no contexto cotidiano. (PEDRIÇA e AYRES DA SILVA, 2010 p. 136)

A família é a base de tudo, por isso se esta estiver desestruturada, todas as ações, decisões dos integrantes desta família serão prejudicadas.

Ainda foi questionado aos estagiários do 4º ano de Ciências biológicas sobre, se o professor tem responsabilidade pelas atitudes indisciplinadas dos alunos. Nessa questão as respostas ficaram divididas, pois muitos concordam que sim, devido o professor ser o responsável por sua turma e por suas aulas, então se os estudantes estão agindo de forma indisciplinada, é pelo fato de sua aula não estar sendo motivadora, ou sua didática não estar sendo boa. Outros já concordaram que a indisciplina depende de muitos fatores, e por isso existem casos que o docente não tem a responsabilidade sobre as atitudes de seus alunos, pois o motivo está além do seu limite da sala de aula.

O problema da indisciplina angustia cada dia mais os educadores em geral e os professores em particular. A grande pergunta que está na cabeça de todos é: o que fazer? Embora esta questão seja da maior importância e deva ser respondida, entendemos que, antes, outras duas devem ser enfrentadas: o que está acontecendo? O que queremos? É comum ouvirmos o seguinte: já sabemos bem qual é o problema até porque sofremos na pele. Queremos é solução! No entanto, o que temos observado é que padecemos, mas não compreendemos o problema. (SILVA, 2003 p. 29)

Diante da afirmação, pode-se dizer que cabe ao professor, seja estagiário ou não, ter o discernimento de qual é o objetivo de suas aulas, pois se o docente entrar em sala sem uma perspectiva, sem um objetivo, sua aula não irá ser proveitosa, pois o que vem acontecendo é que os professores na angústia de cumprir regulamentos tem esquecido o real enfoque da educação que é formar cidadãos e para isso é preciso de aulas atrativas, que vão contribuir para a vida cotidiana do aluno. O que se percebe é que os alunos tem uma sensibilidade grande em relação a isso, pois percebem quando o docente não está inteiramente ali na aula dando tudo de si para contribuir na aprendizagem do dele. Então a maneira que o estudante encontra de desvendar isso ao professor é na maioria das vezes com a indisciplina, cabe então a ele entender o que o



aluno quer dizer com suas atitudes, ou seja, desenvolver uma sensibilidade em relação aos anseios de seus educandos.

A indisciplina porém, trás uma preocupação, pois gera muitas consequências, porque perturba o bom funcionamento das aulas, podendo então, prejudicar a aprendizagem dos outros alunos que não estão fazendo parte do “momento de indisciplina”. Além de que, uma turma indisciplinada provocar no professor um desgaste psicológico, não só no professor, como também pode perturbar o estado emocional dos alunos. Diante disso, turmas com estes problemas não tem um bom desempenho escolar. Esta situação leva na maioria das vezes, o professor não conseguir atingir os objetivos de suas aulas. (RIBEIRO, 2010 P. 100)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em revisões bibliográficas, como também nas observações e na regência realizada e ainda com o auxílio do questionário aplicado, pode-se dizer que a indisciplina existe simplesmente porque existe a disciplina. Diante disso, conclui-se que a indisciplina está sempre presente na sala de aula por ser um ambiente no qual são impostas muitas regras a todo o momento. Assim cabe ao professor, tanto estagiário, ou em início de carreira profissional, ou já a algum tempo na profissão, sempre buscar melhorar suas aulas, no sentido de utilizarem metodologias que venham motivar os alunos a se interessarem pelos conteúdos que são trabalhados, pois a indisciplina quase sempre é resultado da falta de interesse pela aula, pois os alunos não conseguem enxergar uma ligação dos conteúdos com seu cotidiano. Dessa forma, cabe ao professor procurar instigar este interesse no aluno, mostrando que tudo que se estuda está presente no seu dia a dia, porém de maneira implícita.

Pode-se dizer ainda que o professor tem que ser sensível à forma de comunicação do aluno, isso porque o estudante, devido à idade ou por outros fatores, utiliza da indisciplina como meio para se comunicar. Então cabe ao docente procurar uma forma de linguagem em que tanto professor-aluno, como aluno-professor vão conseguir entrar em consenso para uma melhor relação. Mesmo que sejam inevitáveis



momentos de indisciplinados, pois se está lidando com crianças, as quais são de sua própria natureza ter atitudes que fogem a regra. Diante disso, o melhor nestas situações em sala de aula, é o professor procurar desenvolver o diálogo e ter o melhor relacionamento possível com o educando.

Quanto ao professor estagiário, entende-se que, ele está em formação ainda e por isso comete alguns erros que um profissional há mais tempo na profissão não comete. Devido a isso, ele sofre mais com a indisciplina, pelo fato de que a prática da docência na realidade difere na maioria das vezes da teoria que lhes é apresentada durante sua formação acadêmica. Diante disso, o melhor é sempre tentar orientar o estagiário da melhor forma possível durante a academia, pois suas ações como profissional, depois que sair da universidade, serão o reflexo do que foi realizado durante seu estágio. Por isso se ele não for bem orientado, não saberá agir em momentos de falta de disciplina numa sala de aula.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélis Século XXI: O minidicionário de língua portuguesa**. 4. ed. Ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- OLIVEIRA, R. L. G. reflexões sobre a indisciplina escolar a partir de sua diversidade conceitual. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9. ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009. p. 4504-4505 e 4508.
- PEDRIÇA, E. H. K.; AYRES DA SILVA, J. **Indisciplina em sala de aula: Ensino Fundamental**: Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP. Pitanga. v.1. n.1, jan 2010. p. 133, 136, 137, 139-140.
- REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 85.
- RIBEIRO, M. do C. **Ver e viver a indisciplina na sala de aula**. Bragança-Portugal. 2010. p. 41-42, 44, 92, 97-98, 100.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

SILVA, L. L. **Indisciplina em sala de aula.** Rio de janeiro. Junho 2003. p. 11, 12, 16-17, 29, 36.



DANDO ASAS À GEOMETRIA

AZEVEDO, Douglas Pereira¹, PERES, Thalitta Fernandes de Carvalho²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹douglaspr_@hotmail.com; ²thalitta@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo apresenta um trabalho de construção de pipas realizado na Escola Municipal Jorcelino Alves Barbosa, em Iporá-Go, durante o Estágio Supervisionado, ação esta, de caráter obrigatório em cursos de Licenciatura, sendo um fator imprescindível para a formação docente. Este estudo tem como objetivo principal uma alternativa metodológica de ensino. Assim, a partir desta construção, almejamos ensinar a Geometria Plana para os alunos de modo que possam descobrir as formas e as representações geométricas contidas na pipa, com o intuito de tornar mais significativo o ensino da matemática na sala de aula, valorizando os saberes prévios dos alunos. As aulas se deram no contra turno com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, a luz da perspectiva Histórico-Cultural, de uma forma a valorizar os conhecimentos espontâneos e o compartilhamento de ideias, acarretando a mediação entre os próprios alunos e alunos-professor, permitindo ainda resolver problemas utilizando os conceitos mais básicos, evitando, desta forma, simplesmente decorar as fórmulas. O trabalho teve como objetivo ainda construir noções matemáticas de geometria, visto que, o conhecimento geométrico é fundamental para a formação integral do indivíduo. Além disso, este trabalho mostra que o processo de ensino e aprendizagem quando trabalhado, por meio da interdisciplinaridade, fazendo uso da construção do conhecimento baseado na realidade sem a fragmentação facilita a apropriação dos alunos do conceito. Conclui-se ainda que aulas de Matemática pautadas nos pilares da Teoria Histórico-Cultural proporcionam aos alunos a construção de saberes e o compartilhamento de ideias, visto que, os conhecimentos prévios dos alunos são levados em consideração durante as aulas.

Palavras-Chave: Ensino de Geometria; Construção de pipas; Conhecimentos Prévios.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geometria tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio é carregado de restrições por parte de professores e alunos pelo fato de ambos terem dificuldades na compreensão de conceitos e aplicações que envolvam os conteúdos estudados.

Professores têm dificuldades ao ensinar e alunos em compreender os conceitos da forma como os mesmos estão sendo ensinados, visto que, muitas vezes prevalece a simples transmissão de conteúdos no quadro embasando-se somente na resolução de exercícios contidos no livro didático.



Geralmente é ensinada partindo de fórmulas, deduções e generalizações contidas apenas no livro didático, dando pouca ênfase para a construção de conceitos juntamente com seus alunos, o que acarreta dificuldades, pois muitos dos alunos têm dificuldades com visualização de imagens em 3D e principalmente não conseguem fazer relações com objetos da realidade.

O trabalho que comumente é feito nas escolas com a geometria plana se dá por meio de dedução das fórmulas e resolução de exercícios, sendo um trabalho muito mecânico. Com isso os alunos se confundem na realização das atividades e não compreendem os conteúdos e conceitos da mesma, por apresentar uma extensa quantidade de fórmulas, além de não conseguirem fazer relação destas com a figura, os alunos então não conseguem fazer a construção do conceito.

Segundo Pavanello (2001, p. 183 *apud* BALDISSERA, p. 2, 2007) a nossa prática reside unicamente: “[...] em trabalhar as relações existentes entre as figuras, fato esse que não auxilia o aluno a progredir para um nível superior de compreensão de conceitos”, isto é, comumente ao ensinar Geometria não pautamos em um ensino que privilegia a construção de conceitos, na busca de relações, generalizações, na construção de hipóteses, conjecturas, ao contrário, fazem uso simplesmente do livro didático, apontando as fórmulas e deduções algébricas no quadro sem motivarmos os alunos a buscarem pelo conhecimento de forma autônoma ou quando necessário de forma mediada.

Baldissera (p. 2, 2007 *apud*), ainda aponta que:

Vergnaud [02] (1990) coloca que “um dos maiores problemas na educação decorre do fato que muitos professores consideram os conceitos matemáticos como objetos prontos, não percebendo que estes conceitos devem ser construídos pelos alunos... de alguma maneira os alunos devem vivenciar as mesmas dificuldades conceituais e superar os mesmos obstáculos epistemológicos encontrados pelos matemáticos... solucionando problemas, discutindo conjecturas e métodos, tonando-se conscientes de suas concepções e dificuldades, os alunos sofrem importantes mudanças em suas ideias”.

Baseando-se na concepção Histórico-Cultural de Vygotsky pautada no princípio de que o desenvolvimento do indivíduo se dá como resultado de um processo histórico-cultural. Rego (2007, p. 26) então aponta que: “a complexidade da estrutura



humana deriva do processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre história individual e social”.

De maneira geral, a Teoria nos mostra de forma clara o papel do outro em nosso desenvolvimento, a questão da mediação implícita na sala de aula bem como em todas as interações sociais e o compartilhar de ideias, acarretando a troca mútua de conhecimentos e ideias.

Considerando que os alunos, no futuro, poderão necessitar desses conteúdos em seus trabalhos, é importante que construam, enquanto em formação, conhecimento geométrico sob um olhar prático e também lúdico, o que pode ser uma “porta de entrada” para a aprendizagem da Geometria na escola, neste caso, por meio da construção de pipas, tendo este instrumento como um facilitador de aprendizagem. É dentro deste espírito que os alunos são convidados a construir as pipas, pandorgas, arraias e outras denominações mais, que esta recebe em diversas regiões de país.

A pesquisa possui teor qualitativo com estudo bibliográfico em obras de pesquisadores de Vygotsky tais como: Moysés (2009), Rego (2007), Bernardes (2010), Libâneo e Freitas (s/ano), dentre outros. A coleta das informações foi feita a partir de questionários e entrevistas como propostas por Appolinário (2011).

A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL COMO PROPOSTA EDUCACIONAL

Intrigado em entender a crise em que se encontrava a Psicologia no início do século XX, Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) apesar de ter vivido apenas 37 anos, desenvolveu estudos e concebeu que o sujeito se desenvolve através de processos de mediação social das funções psicológicas. Para Vygotsky, a crise em que a Psicologia se encontrava, só poderia ser superada por meio de um estudo da história do desenvolvimento humano.

É por meio das relações com outro, isto é, através das relações sociais é que somos capazes de nos desenvolvermos historicamente devido a apropriação que fizemos da cultura humana e conseqüentemente do que esta desenvolveu. Desta forma, para Vygotsky, a compreensão do mundo, dependeria da relação direta que temos com o



outro, pois a partir desta é que formaríamos a nossa visão de mundo. Vygotsky de maneira geral propõe que é por meio das relações com outro, isto é, através das relações sociais é que somos capazes de nos desenvolvermos historicamente devido a apropriação que fizemos da cultura humana e consequentemente do que esta desenvolveu. Desta forma, para Vygotsky, a compreensão do mundo, dependeria da relação direta que temos com o outro, pois a partir desta é que formaríamos a nossa visão de mundo. Vygotsky concebe que: “[...] à tese marxiana de que a vida em sociedade é que determina a consciência e a conduta do homem, e não o seu inverso” (BERNARDES, 2010, p.300).

Nesta questão, Oliveira (1993, p. 23 *apud* REGO, 2007, p. 41) argumenta que o objetivo dos estudos de Vygotsky e de seus seguidores em seu grupo de pesquisa era de integrar: “numa mesma perspectiva, o homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico”. Devemos entender o homem como sendo simultaneamente obra do meio e agente de transformação deste.

Nesta questão a Teoria Histórico-Cultural, também denominada de abordagem sócio-interacionista, traz em seu bojo a concepção de que todo sujeito se constitui como ser humano através das relações que estabelece com o outro. Desde quando nascemos somos dependentes do outro e entramos em um processo histórico que, de um lado, nos oferece informações sobre o mundo e visões já construídas a respeito dele, e de outro lado, nos permite a construção de uma visão subjetiva sobre o mesmo. Segundo Vygotsky (1984, p. 21 *apud* REGO, 2007, p. 38) a Teoria Histórico-Cultural tem como intuito:

Caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo.

A Teoria Histórico-Cultural valoriza o outro como papel de suma importância na construção do saber. Em se tratando de educação, a Teoria amplia seus leques de forma lúcida e bastante convincente em relação a esta ideia. Comumente imaginamos uma sala de aula, composta de alunos em carteiras enfileiradas, onde o professor é o



dono do saber e os alunos ficam ouvindo e se necessário fazendo anotações a respeito da aula e às vezes fazendo questionamentos. Todavia, a Teoria nos possibilita a conceber a sala de aula com uma visão diferente acreditando que todos devem ter o direito e a possibilidade de falar, levantar suas hipóteses, conjecturas, acarretando conclusões que ajudem o aluno a se perceber e a perceber o outro como parte integrante do processo, processo este, de construção de conhecimento.

Libâneo e Freitas (s/ano, p. 3) nos esclarecem que: “[...] a educação e o ensino se constituem como formas universais e necessárias do desenvolvimento mental, em cujo processo se liga os fatores socioculturais e as condições internas dos indivíduos”.

Outro conceito de fundamental importância oriundo por meio dos estudos de Vygotsky foi a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), em que o Vygotsky observou existirem atividades que podem ser realizadas sem a ajuda de outras pessoas, por exigirem o uso de conceitos já internalizados pelo indivíduo, ao que denominou nível de desenvolvimento real ou efetivo. Por outro lado, há algumas atividades em que necessitamos da ajuda do outro, a qual denominou de nível de desenvolvimento potencial.

O nível de desenvolvimento real ou efetivo caracteriza pelas ações que as crianças já dominam, isto é, ações estas que as mesmas já são capazes de fazer sem o auxílio de alguém mais experiente, pois elas já se apropriaram dos conceitos de referida atividade, em outras palavras, são quando os conceitos já se encontram consolidados. Rego (2007) cita que em pesquisas educacionais, comumente são consideradas somente ações deste nível como produtivas. A figura 1 abaixo representa a ZDP.

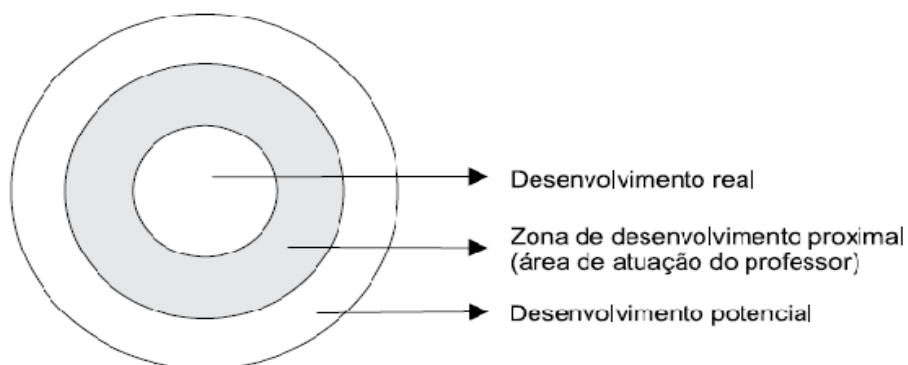




Figura 1: Esquema da ZDP

Fonte: Brasil (2006 p. 91) *apud* 2012 SILVA, p. 13)

O nível de desenvolvimento potencial é aquele em que a criança ainda necessita do auxílio, da colaboração, da ajuda do outro, sendo este muitas vezes mais experiente, pois somente através desta ajuda é que o sujeito será capaz de realizar as atividades que lhes foram dadas. Rego (2007, p. 73) afirma que: “Este nível é, para Vygotsky, bem mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que ela consegue fazer sozinha”.

De maneira geral, não podemos aprender sem estabelecermos relações com outros conceitos já existentes, daí a necessidade de reavaliarmos nossa prática, com o objetivo de pensar em atividades, situações que facilitem a compreensão do conceito. Neste caso se pensou como proposta de ensino, a construção de pipas com o objetivo de facilitar a compreensão de conceitos geométricos contidos na mesma.

A compreensão do conceito de ZDP é indispensável para atuação do docente em sala de aula, pois permite a compreensão do desenvolvimento do sujeito, identificando os conceitos que estão em formação e os já consolidados, repensando em atividades que facilitem este processo de desenvolvimento. Esta então é onde o professor e a escola devem atuar, com o objetivo de reverter e/ ou melhorar a situação.

O ENSINO DE GEOMETRIA ATUAL

Ao concluir a educação básica, espera-se que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver suas capacidades de pensar criticamente e de aplicá-las quando necessário em raciocínio lógicos, numéricos, espaciais, gráficos e outros.

D’Ambrósio, B, (1993) propõem algumas características as quais segundo ele seriam desejadas em um educador matemático para o século XXI e ainda para os que estão se formando, sendo elas:

- a) Visão do que vem a ser a Matemática;
- b) Visão do que constitui a atividade Matemática;
- c) Visão do que constitui a aprendizagem Matemática e



- d) Visão do que constitui um ambiente propício à aprendizagem Matemática.

Neste trecho a autora resume muito bem a função do professor em sala de aula, quando cita as características primordiais de um professor de matemática do século XXI. Esboça que o professor deve ter uma visão do que vem a ser e do que constitui a Matemática, isto é, a ideia de como o professor concebe a Matemática, refletirá na sua prática em sala de aula, isto é, um professor que concebe esta ciência como um estanque de cálculos, sem nenhuma conexão com a vida, transmitirá esta ideia a seus alunos, acarretando um ensino conteudista, onde o que se privilegia é somente o uso de livros didáticos.

Um professor que não reconhece que a Matemática, está presente na vida diária, certamente não compreenderá que esta coloca o conhecimento matemático a serviço da educação, concebendo somente a Matemática como um meio em que ele educa.

Agora, em se tratando do que constitui a atividade e aprendizagem matemática, bem como do ambiente propício ao ensino, devemos atentar na questão da organização do ensino, de forma a refletirmos sempre sobre o que queremos formar em nosso aluno, daí advém também a questão do planejamento.

Moysés (1997) ainda argumenta que, os conhecimentos adquiridos na escola são muito poucos aproveitados fora dela e que tampouco os conhecimentos fora dela são usados para facilitar a aprendizagem. Segundo ela há cada vez mais professores conteudistas que se esquecem de que sua prática de professor vai além de um mero professor de contas, mas sim exercem um papel de formação e participação na vida do indivíduo. Moysés (1997, p. 60) afirma que: “o saber da escola, ao que parece, anda na contramão do saber da vida”.

Considerando a importância em estudar e aprender os conceitos geométricos, já que sabemos ainda que esta relação se faz presente no dia a dia e no exercício de diversas profissões como a engenharia, a topografia, a astronomia, a arquitetura, entre outros, que exigem do profissional um pensar geométrico sob o mundo que o rodeia,



utilizando o espaço tridimensional e procurando novas formas de pensar e de comunicar-se.

Sendo assim, os conceitos geométricos constituem parte importante do currículo de Matemática no ensino Fundamental e Médio, porque, por meio deles, os alunos desenvolverem um pensamento geométrico capaz de compreender, descrever e representar, de forma organizada, o mundo em que vivem.

PRÁTICAS DO ENSINO DE GEOMETRIA NO ESTÁGIO

O trabalho envolvendo a construção de pipas como ilustrado pelas figuras abaixo, reforça a parte lúdica em sala de aula em construções geométricas, mais especificamente para o estudo dos conteúdos de geometria desenvolvidos no 6º ano do Ensino Fundamental. Nesta etapa, procurou-se aprimorar as noções de geometria, referentes a vértice, aresta, face, ponto, reta, plano e os decorrentes, retas, ângulos e suas classificações. Desenvolvendo noções quanto ao cálculo de áreas de figuras geométricas, tais como, quadrado, triângulo, retângulo, losango, figuras estas contidas no “esqueleto” da pipa.

Aos poucos são apresentadas demonstrações (geometria dedutiva). Por isso, este estudo se dá pela construção, formação de conceitos, análise e comprovação de teoremas, determinação de fórmulas, entre outros. Como se trata de uma geometria dedutiva o entendimento se dá a partir da construção e do manuseio de materiais, ou seja, ao uso de recursos auxiliares como os instrumentos tais como: régua, esquadro, compasso, transferidor, trabalhando efetivamente com o desenho geométrico.

Com a construção de pipas o aluno tem a oportunidade de estudar brincando e colocar em prática o que já foi ou está sendo desenvolvido em aula. Isto ocorre, pois ao construir as pipas, cada aluno teve a oportunidade de verificar as noções geométricas desenvolvidas e associá-las ao que estava sendo visualizado, além de auxiliarem aos colegas na construção das mesmas. A motivação e alegria dos alunos ao realizarem as atividades eram características marcantes e constantes durante as aulas.



O roteiro das aulas se deu por meio da apresentação da proposta aos alunos, bem como a discussão de como se dariam as atividades ao longo das aulas. Iniciamos com um texto-informativo que apresentava a história da pipa, bem como instruções para o uso dela ressaltando os perigos e as localidades em que se poderia ou não empinar pipas.

Para o desenvolvimento desse projeto foram organizadas algumas etapas de forma que a geometria fosse aplicada efetivamente. Nas aulas iniciais de geometria foram trabalhados conteúdos referentes às noções iniciais, tais como: ponto, reta e plano, posições entre duas retas, e o estudo dos ângulos.

Em seguida, foram realizadas explicações sobre segmentos e semirretas, relacionando varetas de pipas como se fosse parte de uma reta. Outro aspecto estudado são os ângulos que é o espaço formado por duas semirretas de mesma origem. O tamanho dos lados do ângulo, isto é, das varetas, não importa, o que diferencia um ângulo do outro é o espaço entre os seus lados. Assim, o ângulo de 90° é chamado reto. Ele é um dos mais utilizados na Geometria, porque determina as retas perpendiculares. Se o ângulo é menor que 90° e se for maior do que 90° é obtuso e o 180° é chamado ângulo raso.

Depois de pronto o “esqueleto” da pipa (figura 2), dando sequência ao estudo da noção de ângulo, sendo as varetas perpendiculares, os quatro ângulos formados têm a mesma medida (90°). O ponto de fixação da linha na pipa, em geometria é o vértice, sendo o ponto de encontro de duas semirretas. Tendo como base o vértice, trabalhamos uma propriedade útil daqui em diante: os ângulos opostos pelo vértice (OPV) que possuem os mesmos valores.

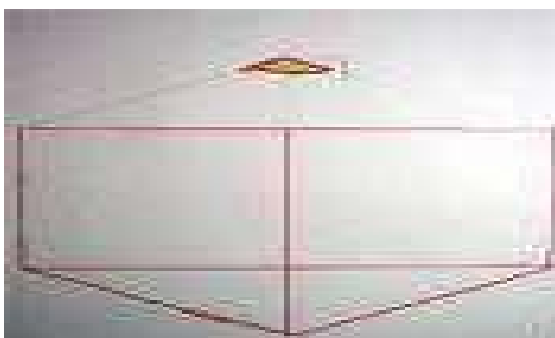




Figura 2: Representação de uma pipa

Fonte: Batista; Lutchemeyer; Chabalgoity. et. al. (2011, p. 6)

Ao colocarmos o papel na pipa, surge outro conceito de geometria, assim como o ponto e a reta, o plano. E por fim, finalizamos o trabalho com um campeonato de pipas¹², em que os alunos apresentaram suas pipas já enfeitadas e coloridas a todos os demais colegas.



Figura 3: Imagens da aula de construções das pipas

¹²Foi escolhido como local para realização do campeonato, o antigo aeroporto da cidade, local este sem fiação elétrica e bastante ampla, tendo as condições necessárias para a finalização da proposta.



A figura 3 mostra alguns momentos durante a oficina de construção das pipas, onde mesmo com a sala cheia, os alunos participaram sem transtornos, mostrando motivados e interessados nos conceitos desenvolvidos durante as aulas.

CONCLUSÕES

As aulas tiveram como intuito o incentivo pela busca do conhecimento e o gosto pela geometria, fazendo com que os alunos se sentissem envolvidos pelo trabalho e percebessem durante seu desenvolvimento que a atividade com formas geométricas podem ser agradáveis e que a Geometria está presente no dia a dia.

Para nós, fica a certeza de que o apostar em aulas diferenciadas, que explorem, como no presente caso, a visualização dos conceitos geométricos através de construções de materiais concretos, como as pipas, facilita a compreensão dos conceitos além de se tornar mais significativo para os alunos.

Segundo o professor regente da escola, o envolvimento dos alunos com as aulas práticas fez despertar o interesse pela geometria e pelo entendimento de noções antes apenas lidas e não entendidas.

‘Neste trabalho, como dito, foi realizada uma Pesquisa-Ação como proposta por Appolinário (2011) em entrevistas e questionários, com enfoque qualitativo, objetivando a construção de formas geométricas espaciais, com o constante envolvimento dos alunos da classe com a qual foi desenvolvida no projeto, bem como do professor orientador.

Nesse projeto foi observado que os alunos compreenderam com maior facilidade os conteúdos estudados quando utilizado o material concreto que os ajudou a desenvolver ideias sobre as situações propostas. Ao manipular esse material a percepção espacial dos alunos foi ampliada, haja vista que os mesmos estavam em contato direto com os objetos.

REFERÊNCIAS



APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da Ciência: Filosofia e Prática da Pesquisa**. 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011, p. 133-184.

BALDISSERA, Altair. **A geometria trabalhada a partir da construção de figuras e sólidos geométricos**. 2007, 20.p.

BATISTA, Sandra Mariani; LUTCHEMEYER, Rosélia da Rosa; CHABALGOITY, Maria da Graça. **PROJETO PIPAS: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**. 2011, 13.p.

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. **O Método de investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a pesquisa sobre o psiquismo humano**. Revista Psicologia Política, v. 10, n. 20, dez, 2010, p. 297-313.

D'AMBRÓSIO, S. Beatriz. Formação de Professores de Matemática para o Século XXI: o Grande Desafio. **Revista Pro- Posições**. v. 4, n 1[10], mar, 1993, p. 35-41.

LIBÂNEO, José Carlos; FREITAS, Raquel A. M. da M. **Vygotsky, Leontiev, Davydov- Três Aportes Teóricos para a Teoria Histórico-Cultural e suas Contribuições para a Didática**. s/ano 10p.

MOYSÉS, Lucia. **Aplicações de Vygotsky à Educação Matemática**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.176p.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 138p.

SILVA, Anna Caroline Borges da. **A Formação de Conceitos em alunos com altas habilidades**. [manuscrito]- 2012, 45p.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AGORA? CONCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS DO 3º ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS SOBRE A FASE DE OBSERVAÇÃO DA ESCOLA- CAMPO

SÁ, Marco Antonio Pereira¹; PONTES, Ueslene Maria Ferreira Pontes²
Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá
marco.a.01@hotmail.com¹; uesleneferreira@hotmail.com²

RESUMO: *Com intuito de compreender as concepções dos estagiários do 3º ano do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, UnU-Iporá, sobre o Estágio Supervisionado, especialmente para a fase de observação, aplicou-se um questionário qualitativo para dez pessoas. Neste sentido, a maioria dos pesquisados apresentaram uma visão prática-teórica sobre o Estágio Supervisionado. Em referência a fase de observação, a mesma vem contribuir com a construção de saberes e da identidade profissional, devido as contradições e, possibilidades que o espaço escolar favorece. A reflexão sobre a prática docente vem possibilitar a autonomia do professor. A fase de observação segundo a visão dos estagiários é considerado como um momento de verificação e vivência da realidade escolar, sendo que a contribuição na construção do docente estaria na obtenção de conhecimento e aprimoramento profissional, experiências, reflexão e criticidade. Apesar disso, indiretamente os mesmos visualizaram a fase de observação como um momento burocrático.*

Palavra-chave: *Estágio Supervisionado; Fase de Observação; Prática reflexiva.*

INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores tem sido amplamente discutida (GUIMARÃES, 2009, p. 21). Partindo do pressuposto da formação do professor, deve-se compreender a sua magnitude, vindo a abranger desde o político ao social. Assim sendo, há uma discussão em prol da formação de um professor-pesquisador (SANTOS, 2001 p. 22), crítico-reflexivo que atue na realidade do ensino.

Na formação de professores, o Estágio Supervisionado é de suma relevância. Portanto, deve deixar de ser somente uma exigência curricular e passar a compor um corpo de conhecimento estratégico do curso de formação (PIMENTA & LIMA, 2008, p. 55). Neste aspecto, deve constituir-se como um eixo articulador permitindo:



Desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-la em sua historicidade, identificar os seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades... (PIMENTA & LIMA, 2008, p. 55).

Assim, Pimenta e Lima (2005/2006) apresentam o estágio como um campo de conhecimento, permitindo atribuir ao mesmo um status epistemológico que vem a superar o tradicional, que emerge em uma atividade prática instrumental, ou seja, é a “prática pela prática”.

O Estágio Supervisionado deve proporcionar o engajamento na realidade, propiciando a percepção dos desafios que a carreira oferece, ou seja, refletindo sobre as responsabilidades e as possibilidades que a profissão lhe proporcionará (KUSCAR, 1991, p. 64). Partindo desse pressuposto, a observação da realidade escolar promove a reflexão da prática do estagiário, permitindo o questionamento de processo de aprendizagem (BARROS et al, 2011), assim vai sendo delineado as concepções educativas do futuro professor.

Conforme o projeto de Estágio Supervisionado do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, UnU-Iporá (2012/2013), a fase de observação da escola-campo deve ser realizado pelos acadêmicos do 3º ano, no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Assim sendo, deve-se realizar atividades concatenadas com a análise da estrutura física, política e pedagógica da escola-campo. Estas atividades são: observação das instalações; análise dos documentos da instituição, Projeto Curricular Pedagógico (PPP), plano anual, planejamento das aulas, regimento escolar, forma de avaliação, participação de eventos da instituição, bem como reuniões pedagógicas, tais como conselho de classe, trabalho coletivo, dentre outros (Projeto de Estágio Supervisionado do curso de Ciências Biológicas, 2012, p. 5-7).

Várias outras atividades devem ser efetuadas durante a fase de observação, como a observação de aula em cada série do Ensino Fundamental e Médio para vivenciar a realidade da sala de aula, e a partir de então escolher uma turma do Fundamental e Médio para o desenvolvimento do estágio de participação; analisar a relação entre professor e aluno, professor e escola; aluno escola, dentre outros (Projeto de Estágio Supervisionado do curso de Ciências Biológicas, 2012, p. 5-7).



O Estágio Supervisionado é visto sobre várias óticas, sendo comum a afirmação de que ele faz parte do curso de formação e profissionalização, devendo abarcar a teoria-prática. Outra postura que vem sendo arquitetada é a concepção do Estágio como um meio de investigação e reflexão da instituição escolar (PIMENTA & LIMA, 2008, p. 33-34, 2005/2006).

Nesta perspectiva, o presente artigo visa apresentar as concepções que os acadêmicos do 3º ano do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual, UnU - Iporá apresentam sobre o Estágio Supervisionado, especialmente sobre a fase de observação da Escola-Campo.

MATERIAIS E MÉTODOS

No intuito de compreender as concepções sobre a fase de observação do Estágio Supervisionado, foi realizada uma pesquisa qualitativa com os acadêmicos do 3º ano do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, UnU - Iporá, por meio da aplicação de um questionário aberto.

A pesquisa qualitativa considera que há uma estreita ligação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, o que não é demonstrado por números, sendo assim, a interpretação dos acontecimentos e a atribuição de diferentes significados compreendem as bases do método qualitativo (SILVA & MENEZES, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O 3º ano do Curso de Ciências Biológicas possui 14 estagiários, dos quais apenas 10 estavam presentes no momento da pesquisa, o que totalizou aproximadamente 71,42 % dos representantes. Todos os pesquisados foram mulheres, com idade entre 19 a 23 anos de idade.

Dentre os dez acadêmicos sete (70%) afirmaram que o Estágio Supervisionado é o momento de aplicar na prática a teoria obtida no espaço acadêmico, em contrapartida 3 (30%) afirmaram que o estágio é o momento preparatório (Fig. 1).

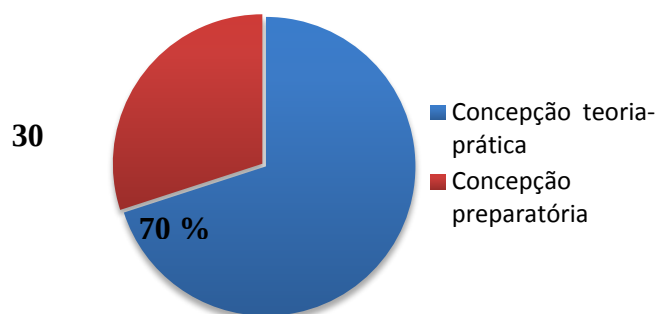


Figura 1 – Concepções apresentadas pelos estagiários do Curso de Ciências Biológicas sobre o Estágio Supervisionado, Universidade Estadual de Goiás, UnU-Iporá.

Dentre as respostas que mais se destacaram, cita-se: *“O estágio é a prática em que o acadêmico tem contato com sua área de formação; estágio é um espaço que os acadêmicos possuem para conhecer as escolas, praticar a teoria e interagir com a mesma; estágio compreende o período no qual se coloca em prática a teoria aprendida em sala de aula. Onde você tem contato com a sua futura área de trabalho”*.

Dentre os pesquisados, apenas três acadêmicos (30%) não utilizaram a forma mais comum de caracterizar o Estágio (relacionando a prática/teoria), desse modo os mesmos consideram o estágio como um momento preparatório para a construção do professor, destacando-se, como por exemplo, a resposta: *“Estágio é uma fase de preparação do acadêmico que futuramente irá exercer a sua profissão; estágio é a fase preparatória e de conhecimento da escola. Onde nos preparamos para atuar como docente.”*

Verifica-se comumente a concepção do estágio colocado a partir de uma ótica prática-teoria, sendo este o conceito mais frequente visualizado na pesquisa. Mas para se entender essa ideia é essencial compreender o que vem a ser teoria e prática. O dicionário Aurélio coloca a teoria como: 1. *Conhecimento especulativo, meramente racional*. 2. *Conjunto de princípios fundamentais de uma arte ou de uma Ciência*. 4. *Doutrina ou sistema fundado em princípios*. 4. *Hipótese ou suposição* (FERREIRA, 2001, p. 668). Para a prática o mesmo descreve: 1. *Ato ou efeito de praticar*. 2. *Uso ou exercício*. 3. *Rotina; hábito*. 4. *Saber provindo de experiência*. 5. *Aplicação da teoria*. 6. *Discurso rápido; conferência* (FERREIRA, 2001, p. 550).



Pimenta e Lima (p. 46, 2008) comentam que a compreensão de teoria e prática concatenada ao Estágio Supervisionado foi cunhada na década passada e que nos dias atuais vem ganhando espaço uma visão de pesquisa, sendo que esta deve ser percorrida a partir de projetos do curso de formação. Na mesma perspectiva de um projeto de formação é colocada por Fazenda (1991, p. 61).

A concepção de Estágio Supervisionado a partir da ótica de prática vem sendo construído historicamente. Neste sentido, o documento do Ministério da Educação (2004) relata:

O conceito de estágio supervisionado consolidou-se, historicamente, no Brasil, ligado ao conjunto das Leis Orgânicas do Ensino Profissional, definidas no período de 1942 a 1946. Os estágios supervisionados se constituíam em passarelas construídas entre a teoria e a prática no processo da formação profissional, à época, encarado como preparação para postos de trabalho, como recomendava a OIT- Organização Internacional do Trabalho.

Portanto, a ótica do Estágio está associada a profissionalização (mercado de trabalho). Uma nova postura inicia-se a emergir na década de 90, e constitui-se como o início da valorização da pesquisa (PIMENTA & LIMA, 2008, p. 46). O Estágio Supervisionado que possibilita a pesquisa cria um espaço riquíssimo para a reflexão da própria prática como futuro professor, assim vem sendo passo a passo arquitetado o que denominamos de identidade do docente. Sobre a identidade profissional Pimenta (1996, p. 13) discorre:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações, porque estão prenhes de saberes válidos às necessidades da realidade.

A reflexão da prática no processo de formação do professor contribui significativamente na possibilidade de renovação do ensino; no acúmulo de saberes e de experiências, convergindo para a preparação de uma postura política e ética; aumento da cooperação, pois o ensino ocorre no intercâmbio de experiências, bem como



proporcionando mecanismos para um trabalho mais inteligível autônomo (PERRENOUD, 2002, p. 48).

Observar detalhes constitui-se uma característica intrínseca humana. A partir da observação pode-se corporificar as experiências sociais e culturais. Neste sentido, Biaze et al. (2011) colocam que a observação está associada a aprendizagem humana, desse modo desde a infância a observação constitui-se como essencial na obtenção de visão de mundo. Acredita-se que nunca “observamos por observar”, uma vez que a observação parte de um propósito ou necessidade de conhecer. Portanto, a respeito da observação discute VIANNA (2007, p. 73): *algumas vezes “observamos” o que realmente desejamos “ver”, mas em outras situações simplesmente ignoramos ou deixamos de ver aquilo que não queremos enxergar.*

A observação da escola-campo está concatenada ao conhecimento da realidade escolar (PICONEZ, p. 27, 1991). A leitura da escola deve ir além de conhecer a estrutura física, político e das concepções pedagógicas que a instituição promove, devendo abranger o questionamento e uma análise-reflexiva aprofundada em relação a sua formação enquanto futuro professor, bem como das concepções de educação que se possui e da realidade educativa vivenciada.

Na busca de conhecer as concepções apresentadas pelos participantes da pesquisa foi perguntado sobre o que viria a consistir o momento de observação da Escola-Campo. As respostas que mais se destacaram foram: *“Consiste no momento de vivenciar o processo escolar, e o dia - a - dia da sala de aula e o processo de ensino aprendizagem do educando; o momento de aprender, e visualizar a realidade da escola-campo. Afinal, é na observação que você observa a prática destes de outros professores e confronta com suas próprias; é nesta etapa que podemos compreender o verdadeiro funcionamento da escola, quais são as regras, quais são os projetos e técnicas utilizadas pelos professores. Observa-se muito, a didática do docente em sala de aula e a perspectiva dos alunos”.*

As respostas evidenciadas pelos pesquisados sobre a concepção da fase observação foram unânimes, sendo que a ideia emergida foi a fase associada a um momento de compreensão e vivência da instituição de ensino. O momento de



observação é de suma importância, pois se constitui como o primeiro contato do futuro professor com a sua profissão, evidenciando a realidade, questionamento e as contradições educativas em um país que desvaloriza a educação. O contato do estagiário com o ambiente escolar proporciona uma aproximação significativa entre escola e universidade, o que propicia um intercâmbio de conhecimento.

A observação da escola-campo pode apresentar uma visão puramente técnica, na medida em que tende a um caráter simplesmente avaliativo, sendo verificada somente a teoria vigente, o que não leva em consideração o contexto de atuação do professor-regente (BIAZE et al., 2011). Assim sendo, a resposta mais explícita e evidente mediante a postura racional-técnica foi a de que “*É o momento que podemos descrever as condutas do docente... e comparar com as teorias estudadas nas disciplinas educativas...*”.

Em relação às dificuldades apresentadas pelos estagiários na escola-campo, 60% afirmaram não apresentar tais, enquanto que 40 % afirmaram que possuíram (Fig. 2).

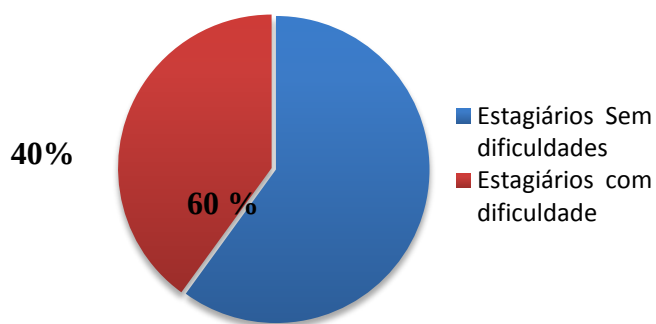


Figura 2 –Percentual de estagiário com dificuldades e sem dificuldades durante a realização da fase de observação da Escola-Campo, Universidade Estadual de Goiás, UnU-Iporá.

Em relação aos pesquisados que afirmaram não apresentar dificuldades foram postuladas respostas como, por exemplo, “*Estagiei em uma ótima escola e não senti dificuldades, pois os gestores sempre nos atenderam, quando surgiram dúvida...; não porque a fase de observação eu não estou colocando as minhas opiniões em prática.*” Entre os pesquisados que garantiram apresentar dificuldades, a que mais se



destacoufoi: *“Em assistir as aulas, as praticas do professor da aula campo me desmotivou bastante”*.

Os acadêmicos que afirmaram não apresentar dificuldades durante a fase de observação foi consenso quase unânime que a boa relação com a Escola-Campo tornou o trabalho possível. Um apresentou uma visão de que essa fase foi fácil, na medida em que não necessitou de apresentar a sua visão prática da instituição escolar. Em contraposição a esta concepção apresentada, é imprescindível afirmar que se deve apresentar uma postura reflexiva ea opinião a partir de uma forma ética e cautelosa. Se considerarmos uma visão de Estágio sem apresentar opinião sobre sua prática, torna-se uma atividade mecânica realizada por obrigação, apenas para cumprir uma exigência apresentada pelos documentos que o regulamenta. Em relação aos acadêmicos que afirmaram apresentar dificuldades durante a realização da etapa de observação, foram explicitadas respostas como, por exemplo, *“... deparei como um profissional da educação, que não reconhece a importância do estágio...; o professor regente questionou o estágio e que nós íamos lá assistimos as aulas e sem nada a contribuir...”*; *em assistir as aulas, as práticas do professor da aula campo me desmotivou bastante...; a minha maior dificuldade durante as observações foi a falta de receptividade da escola com os estagiários.*”

A carência de uma percepção sobre a verdadeira essência do Estágio, a falta do entendimento do professor-regente da turma sobre as etapas e a ausência de receptividade apresentada por alguns da Escola-Campo coloca o Estágio em uma situação delicada, o que faz com que alguns estagiários sintam-se desmotivados. Com relação ao problema da falta de receptividade da Escola-Campo, percebe-se a necessidade de um dialogo maior entre a universidade e o espaço-escolar para tentar solucionar esses tais conflitos. Muitas escolas que recebem os estagiários se sentem incomodadas, devido ao fato de que os acadêmicos rompem com a rotina do espaço escolar, ou seja, perturbam o andamento das atividades propostas pela escola (BACCON & ARRUDA, 2010). É necessário compreender que a educação passa por uma crise, principalmente pelas exigências governamentais impostas as escolas e professores que perderam a autonomia na realização de suas propostas, o que pode



inviabilizar a concretização de algum determinado projeto, em proporcionar uma atenção maior ao estagiário.

Para que o trabalho dentro da instituição se efetive faz-se necessário uma colaboração entre a escola, professor-regente e o estagiário, sendo o diálogo a melhor forma de solucionar os conflitos em questão. Provavelmente, o desconhecimento por parte do professor-regente sobre o estágio e a capacidade cooperativa pode ser o epicentro de problemáticas que surgem durante a realização da mesma. Dentre os conflitos encontrados na relação entre professor-aluno e estagiário, está a exigência do primeiro para que os estagiários participem de outras atividades na instituição escolar. Além disso, metodologias e concepções educativas emergidas na sala de aula pode constituir-se como foco para a divergência (CASALI et al., 2012). Na academia há o contato do acadêmico com várias teorias educativas, assim quando adentra ao espaço escolar, e observa as aulas do professor-regente, muitos colocam a forma do educador explicitar o conteúdo errado. Neste sentido, não se deve ter uma visão extremista quanto a formas metodológicas e o conceito educativo apresentado pelo professor, assim devemos analisar os fatos em suas perspectivas históricas: curso de formação de professores, o descaso do governo com a classe docente, as leis vigentes que norteiam a educação do país, dentre outros. Um fato deve ser analisado em suas várias vertentes, em suas condições objetivas em que se desvela a realidade.

Em uma segunda etapa da pesquisa foi questionado aos estagiários se sentiam motivados durante a etapa de observação da Escola-Campo. Cerca de oito pesquisados (80%), responderam que se sentiram motivados, apenas um afirmou que se sente obrigado e uma resposta foi seguida por uma consideração: *“Ao iniciar o estágio estava super motivada, mas ao presenciar os conflitos escolares e a forma como alguns professores tratam a gente, essa motivação é perdida no caminho e passa a ser uma obrigação no final”*. Neste sentido, Pimenta e Lima (2008, p. 33) apontam que durante o Estágio é comum a concepção, *“a prática é uma coisa a teoria é outra”*. A visão apresentada pelo pesquisado é de significativa importância, uma vez que passa a compreender a realidade do seu futuro ofício, desafios e as possibilidades que se apresentam. A este respeito Baccon & Arruda (2010, p. 515) apontam:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

...na fase de observação, de participação... o estagiário tem a possibilidade de se colocar em profunda reflexão, construindo ou desconstruindo expectativas sobre a profissão docente e sobre ser professor, a partir do contato direto com a realidade escolar.

O Estágio vem a ser um período árduo e complexo, o primeiro contato com a instituição escolar pode significar um choque de concepções educativas, o estagiário apresenta uma visão, e a Escola-Campo e o professor-regente possuem outras. Este choque de ideologia é riquíssimo, sendo que através dessas dificuldades os saberes são construídos, principalmente devido as possibilidades de reflexão que o próprio espaço escolar favorece.

A formação de professores envolve desafios e contradições proporcionados por uma visão racional-técnica da educação (PIMENTA & LIMA, 1996,2008; KASSEBOEHMER & FERREIRA,2008), estando muito presa a uma proposta de mercado, deixando em segundo plano uma formação integral e humanística. Apesar disso, o Estágio Supervisionado é de suma importância. Neste caminho, foi perguntado aos estagiários qual a importância da fase de observação para a sua formação. Dentre as ideias que foram propostas cita-se: *“Conhecimento, aprimoramento e relação entre o que realmente ocorre e o que deveria ocorrer. Portanto, após a fase de observação temos a consciências da realidade escolar na prática; Extremamente importante, afinal ao observar os erros e acertos em uma escola é importante para formar o meu caráter docente;... Conhecimento prévio de como é a escola...;... Através dele eu tive a oportunidade de conhecer e obter experiências significativas;preparação que contribui para a minha formação como professor e entender algumas normas e exercer a minha criticidade;...Vai me propiciar uma maior reflexão de minhas ações como futura professora, e me abrir a mentem para a realidade vivida.”*

Nesse sentido, os estagiários apresentaram várias opiniões a respeito da contribuição da fase de observação na formação do professor, tais como conhecimento e aprimoramento profissional, obtenção de experiências, reflexão e criticidade. Conforme já explicitado a observação constitui um ponto fundamental sobre o ato de conhecer,



assim os saberes vão sendo constituídos em sua vivência, na profunda reflexão da prática no dia-a-dia. Perronoud (2002, p. 13) vem a descrever, sobre a prática reflexiva:

Uma prática reflexiva pressupõe uma postura, uma forma de identidade, um *habitus*. Sua realidade não é medida por discurso ou por intenção, mas pelo lugar, pela natureza e pelas consequências da reflexão no exercício cotidiano da profissão, seja em situação de crise ou fracasso seja em velocidade de cruzeiro.

A reflexão ocorre a partir do momento em que se discute, compara, correlaciona a realidade da instituição escolar com o sujeito de professor que vem sendo construído pelo estagiário. Neste caminho, possibilitando uma autonomia da profissão docente, visando um professor que não venha a guiar-se por uma concepção educativa alienista manipuladora, que resguarda formas perigosas de concepções dominantes. Neste contexto, o ato de meditar vem abarcar a criticidade (PERRENOUD, 2002, p. 190) Além disso, vem arquitetar uma concepção de ensino-aprendizagem riquíssima, e que possivelmente será levada no efetivo exercer profissional.

Todas as etapas do Estágio Supervisionado são de extrema importância no delineamento do futuro professor, seja ela a fase de observação, semi - regência e regência, sendo indissociáveis. Em face à fase de observação, a mesma torna-se um momento primordial, uma vez que se constitui como o primeiro contato como futuro professor com a realidade escolar, sendo uma etapa especial.

As contradições geradas com a fase de observação tornam-se ricas para vivência do estagiário, permitindo abranger por consequência os seus conhecimentos sobre a futura profissão e os desafios que lhe serão impostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi de suma relevância, pois possibilitou apresentar várias concepções possuídas sobre Estágio Supervisionado, especialmente para a fase de observação. Apesar dos pesquisados apresentar uma visão rica sobre a temática, conclui-se a partir de uma análise detalhada dos questionários que o Estágio se constitui como uma forma burocrática da análise da estrutura da Escola-Campo. É necessário que



a fase de observação propicie uma discussão maior com os acadêmicos sobre o cenário da educação do Estado de Goiás, no intuito de romper com discursos e visões ingênuos de educação, bem como aquelas que apresentem uma tendência neoliberal.

REFERÊNCIAS

- BACCON, A. L. P.; ARRUDA, S. M. Os saberes docentes na formação inicial do professor de física: elaborando sentidos para o estágio supervisionado. *Ciência & Educação*, v. 16, n. 3, p. 507-524, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v16n3/v16n3a01.pdf>. Acesso em: 26 out. 2013.
- BARROS, J. D. S; SILVA, M. F. P.; VÁSQUEZ, S. F. A prática docente mediada pelo estágio supervisionado. *Atos de pesquisa em educação*, v. 6, n. 2, p. 510-520, 2011. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1661/1697>. Acesso em: 27 out. 2013.
- BIAZI, T. M. D.; GIMENEZ, T.; STUTZ, L. O Papel da Observação de Aulas Durante o Estágio Supervisionado de Inglês. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 14/1, p. 57-78, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/8644/pdf>. Acesso em: 26 out. 2013.
- CASALI, M. O.; MACIEL, R. B.; TOMAZI, T. G. Professores e estagiários: um conflito em Potencial. *Aedos*, n. 11 vol. 4, p. 811-830, 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/30746>. Acesso em: 26 out. 2013.
- FAZENDA, I. C. A. O papel do Estágio nos cursos de professores. In: FAZENDA, I. C. A (org). *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado*. Campinas: Papirus, 1991. p. 53-62.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o minidicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 550/668.



GUIMARÃES, W. S. *Profissão e profissionalização: disposições em relação ao ser professor*. In: GUIMARÃES, W. S (org.). *Formação e profissão docente: cenários e propostas*. Goiânia: PUC Goiás, 2009, p. 21-38.

KASSEBOEHMER, A. C.; FERREIRA, L. H. O espaço da prática de ensino e do estágio curricular nos cursos de formação de professores de química das IES públicas paulistas. *Química Nova*, vol. 31, N. 3, 2008, p. 694-699. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/qn/v31n3/a38v31n3.pdf> Acesso em: 26 out. 2013.

KUSCAR, R. O Estágio Supervisionado como atividade integradora. In: FAZENDA, I. C. A (org). *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado*. Campinas: Papirus, 1991. p. 63-69.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2004). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb35_03.pdf Acesso em: 24 de out. 2013.

PERRENOULD, F. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 232.

PICONEZ, S. C. B. A prática de ensino e o Estágio Supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática reflexiva. IN: FAZENDA, I. C. A (org). *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado*. Campinas: Papirus, 1991. p. 15-37.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poíesis* v. 3, n, 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10542/7012> Acesso em: 25 out. 2013.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e Docência*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 296.

PIMENTA, S. G. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 27-89, 1996. Disponível em: <http://revistas.usp.br/rfe/article/view/33579/36317> Acesso em: 26 out. 2013.

SANTOS, L. L. C. P. Pesquisa e Ensino. IN: LISITA, V. M. S. S.; PEIXOTO, A. J. *Formação de Professores: políticas, concepções e perspectiva*. Goiânia: Alternativa, 2001, p. 19-41.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. – 4ª ed. rev. Atual., Florianópolis: UFSC, 2005, p. 138. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_3439.pdf. Acesso em: 14 out. 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, UnU - Iporá. Projeto Estágio Supervisionado do Curso de Ciências Biológicas, 2012, p.

VIANNA, H. M. *Pesquisa em Educação: a observação*. V. 5, Brasília: Plano editora, 2003, p. 108.



FORMANDO PROFESSORES: DIZERES, ENTENDERES, DÚVIDAS E ANGÚSTIAS DE ACADÊMICOS EM FORMAÇÃO INICIAL – O CASO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

OLIVEIRA-NETO, José Firmino de¹; PERES, Juliane Pereira de Santana²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹neto.09@hotmail.com; ²julianepsp@ueg.br

RESUMO: A desvalorização da profissão docente está imbricada a mesma historicamente, assim há que se quebrar este ciclo de desvalorização por intermédio de uma formação inicial sólida e concisa. Um dos aspectos que muito contribui para o rompimento deste ciclo é o Estágio Supervisionado (ES), este que é o momento onde os futuros professores relacionam toda a teoria e prática. É através do ES que os licenciandos conseguem se perceber e construir sua identidade como professores. Para tanto objetiva-se neste trabalho entender o perfil dos licenciandos em Ciências Biológicas, turma 2013 da UEG UnU Iporá. Pretende-se ainda compreender seus anseios, dúvidas e medos anteriormente e posteriormente à regência do ES, já mais próximos de serem licenciados em Ciências Biológicas. Para justificar esta pesquisa utiliza-se a colocação de Miranda et al (2011), onde arguem que o entendimento do que perpassa a mente dos licenciandos sobre a profissão que executaram, é uma forma de colaborar com a formação inicial de docentes no Brasil, já que se proporciona um maior entendimento sobre a mesma. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, sendo o objeto de coleta de dados o questionário. Participou da pesquisa um total de 17 discentes. Os discentes pesquisados, mesmo tendo sonhado com outras profissões inicialmente, adentraram ao curso de formação de professores convictos da realidade docente e do que queriam para o seu futuro profissional. Para tanto, neste segmento, o ES foi de suma importância para a constituição da identidade docente de todos os acadêmicos, bem como possibilitou a união entre teoria, aprendida na sala de aula, e a prática, o que levou os discentes a concluírem que desejam permanecer no exercício da profissão para a qual estão sendo formados.

Palavras-chave: Formação docente; Estágio; Ciências Biológicas; Percepções.

INTRODUÇÃO

É inegável o papel dos professores em nossas vidas, foram eles os responsáveis por nos fazer conhecer o mundo através do acesso da escrita, leitura, e interpretação de ambos. Assim, o professor é o agente mediador de todas as nossas descobertas futuras (OLIVEIRA et al, 2011).

Os professores e professoras são muito falados. Personagens conhecidos de todos, estão sempre presentes nos espaços públicos e privados, ao longo dos anos, dos meses. Do dia: eles e elas amanhecem com as cidades, com as



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

vilas, surgindo nas ruas dos bairros ou caminhando pelo campo em direção à escola, nas primeiras horas da manhã. Por vezes, recompondo esperanças de dias melhores, na vida que se renova a cada alvorecer, na paisagem que desperta, esplendorosa, em cada criança, adolescente e jovem. Da noite: nestes territórios das cidades, das vilas e povoados, os professores vão chegando e saindo em direção às escolas noturnas, no avançar das horas, quando irão encontrar os jovens e adultos que lá estão, uns e outros, docentes e discentes, depois de um dia de trabalho e atividades (TEIXEIRA, 2007, p. 427).

Com toda a importância colocada à cima, a profissão docente deveria ser considerada uma profissão de grande relevância (FREITAS et al, 2012), já que é também por meio desta que se transformará a sociedade. Porém devido a aspectos da profissão, muitas vezes que nem se constituem como fatos reais, a mesma não é vista como tal e sofre assim um substancial desprezo social. Muitos jovens quando argüem que esta é a profissão que querem para seu futuro, são rechaçados e até aconselhados a pensar em outra atividade profissional.

A profissão docente vem sofrendo há alguns anos um declínio substancial, o que se observa pela entrada e saída de acadêmicos das licenciaturas no país. Em pesquisa realizada na Universidade Federal de Goiás, Unidade de Goiânia, os pesquisadores concluíram que de 2008 a 2011 houve uma baixa no número de concorrentes no vestibular para os cursos de licenciatura, bem como de Ciências Biológicas (MIRANDA et al, 2011), o que também é notório em outras instituições no Brasil.

No que concerne à formação em Ciências Biológicas, utiliza-se a frase de Baptista et al (2011, p. 01) onde coloca que:

Formar professores de Biologia qualificados é condição necessária para um país que pretende crescer, tanto socialmente, diminuindo desigualdades sociais, ampliando a participação popular e melhorando a qualidade de vida, quanto economicamente, qualificando a mão de obra.

O que muito contribui para uma desvalorização da profissão, e assim para que poucos a procurem como uma opção nos vestibulares do país, é o fato de que as instâncias do governo não se comprometem com a educação e ainda os estereótipos impregnados na mente humana por meio dos veículos de comunicação, que hora colocam a docência como sendo uma vocação, hora como uma profissão desgastante



(MIRANDA et al, 2012). Muitos alunos até adentram aos cursos de formação de professores com uma visão preconceituosa sobre a licenciatura (SÁ et al, 2012).

Quanto à valorização da profissão docente esta está historicamente imbricada nas políticas públicas de educação (LUCE, 2013). Porém as soluções para melhorar as condições não são solucionadas, em maioria pelo Governo, coloca-se que esta melhoria seria um atrativo para que mais jovens ingressassem na profissão, contribuiria ainda para melhorar a visão que a sociedade passou a ter da mesma.

Mediante todo o exposto, este trabalho objetiva entender o perfil dos licenciandos em Ciências Biológicas, turma 2013 da UEG UnU Iporá, bem como seus anseios, dúvidas e medos, anteriormente e posteriormente a regência do Estágio Supervisionado (ES), já mais próximos de serem licenciados em Ciências Biológicas. Para justificar esta pesquisa utiliza-se a colocação de Miranda et al (2011) onde arguem que o entendimento do que perpassa a mente dos licenciandos sobre a profissão que executaram, é uma forma de colaborar com a formação inicial de docentes no Brasil, já que se proporciona um maior entendimento sobre a mesma.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: O REPENSAR DOCENTE

Qualquer profissão necessita de uma formação inicial sólida, ou seja, palpável, concreta, não diferindo na docência. No campo docente “a construção de tal base se inicia durante o curso de licenciatura e tem como uma de suas principais etapas a Estágio Curricular Supervisionado” (SOARES, LIMAS, QUADROS, 2007, p. 01).

Como disposto na lei 11.788 de 25 de setembro de 2008, o ES é iniciado na segunda metade dos cursos de formação, talvez por entender-se que os discentes neste momento já compreendem melhor a profissão, além de possuírem um conhecimento maior sobre a disciplina que irá efetivamente ministrar. Assim, este é um momento de muitas dúvidas e angústias, onde há um medo do novo; medo dos alunos, dos professores, da escola campo, de não dominar a sala de aula, os conteúdos, e tantos outros que rondam o pensamento de todos os estagiários no início do mesmo, estes e



tantos outros conflitos iniciais nos levou a utilização destes termos no título deste trabalho.

O ES é o momento onde os futuros professores relacionam toda a teoria apreendida em sala de aula, em disciplinas específicas, e também as referidas como da educação, com a prática, constituindo como momento de superação entre teoria e prática (PIMENTA & LIMA, 2008). O momento gera, a estes estagiários, muitas dúvidas e angústias, não a todo o momento, mas ao menos em momento inicial, o que se dá devido aos discentes não se verem preparados para a ação docente, ou ainda por não se enxergar como professor até o momento. Contudo se faz necessário que o estagiário reflita, repense a todo o momento, sua prática enquanto professor durante o ES.

O ES pode ser considerado o clímax dos cursos, sobretudo os de licenciatura, pois:

[...] é durante o estágio, que os futuros professores irão confrontar suas crenças educacionais, desenvolvidas ao longo de sua formação, com a realidade da sala de aula, podendo desenvolver conflitos ou preocupações educacionais, especialmente em contextos que afrontem essas crenças. Ao confrontar estas crenças com a realidade da docência, estamos sujeitos ao surgimento de conflitos que se tornarão decisivos em nosso processo de amadurecimento como professores e com os quais lidaremos de forma pessoal (SOARES, LIMAS, QUADROS, 2007, p. 01).

Schaffrath (2008, p. 02) coloca que durante o ES é necessário mais que “amostras de lecionação”, dispondo que o processo formativo de um professor deve caminhar em dois vieses: 1. “Oferta de subsídios teóricos para que os alunos dos cursos de licenciaturas conheçam o universo da escola”. 2. “Aprofundamento dos conhecimentos adquiridos nos estágios tem a ver com as problemáticas levantadas nas regências”. Schaffrath defende para tanto um estágio coligado a pesquisa, entendendo que assim há uma melhor articulação entre a teoria e a prática, tão discutida quando se fala em estágio. Pimenta & Lima (2008, p. 46) também aponta a pesquisa como recurso para o estágio, colocando a mesma como “um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor”.

Se finda este tópico colocando que mesmo com a real importância do ES, o mesmo não deve ser entendido como o “salvador da pátria”, ou seja, como “a panacéia”



que resolverá todos os problemas ocorridos com os acadêmicos durante o caminho do curso (KENSKI, 1991), já que outros fatores interferem quando da formação de um futuro professor.

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi desenvolvido na cidade de Iporá, Goiás (16° 26' 31" S 51° 07' 04" W), a qual é inserida na região Oeste de Goiás, localizada à 216 km da capital, Goiânia. Este estudo foi realizado na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá.

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como sendo de abordagem qualitativa, a qual é entendida como um processo de reflexão e análise do real por meio do uso de metodologias e técnicas de coleta de dados para a devida aquisição de informações sobre o objeto que se estuda levando em conta seu processo histórico (OLIVEIRA, 2012).

O trabalho é ainda um estudo de caso devido seu objetivo. O estudo de caso se constitui no estudo de apenas um caso, este que deve ser claramente delimitado e disposto no desenrolar da escrita da pesquisa (LÜDKE & ANDRÉ, 1986). Neste trabalho o caso a ser analisado é o dos acadêmicos do 4º ano de Ciências Biológicas, no que concerne ao perfil dos mesmos, e ainda quanto ao Estágio Supervisionado, sobretudo a fase final deste, a regência.

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para interrogar os sujeitos desta pesquisa elaborou-se uma série de perguntas sobre a temática do trabalho. Segundo Laville & Dionne (1999, p. 183) “a abordagem



mais usual consiste em preparar uma série de perguntas sobre o tema visado”, assim as mesmas comporão um questionário (Apêndice I). O questionário é um instrumento que leva a obtenção de “informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador deseja registrar para atender aos objetivos de seu estudo” (OLIVEIRA, 2012, p. 83), sendo o quantitativo de questões variável. O uso desta técnica implica também em o pesquisador ter que “conquistar” seus colaboradores (sujeitos da pesquisa), para que assim se sintam motivados em participar da pesquisa (OLIVEIRA, 2012).

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos resultados desta pesquisa foi efetivada mediante o confronto com a literatura disposta no escopo inicial deste trabalho, bem como com outras que abordavam a temática deste trabalho. Em algumas questões a quantificação dos dados foi realizada para melhor compreensão das respostas.

SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes desta pesquisa se constituíram de discentes que cursam o 4º ano de Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá, os quais adentraram à mesma pelo processo seletivo de 2010. O total de discentes que responderam o questionário foi de 17.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como coloca nos sujeitos da pesquisa deste trabalho um total de 17 discentes responderam o objeto de coleta de dados deste trabalho, o fato demonstra que houve um percentual elevado de evasão, já que ao início do curso havia 40 alunos na classe.

A faixa etária destes discentes variou de 19 anos a 31 anos, a maioria dos mesmos se fazem de mulheres, talvez ainda um fato arraigado no processo histórico da educação, em tempos passados a profissão era dita como sendo feminina.



O PONTO DE PARTIDA

As perguntas iniciais do questionário (1 à 3) desta pesquisa se faziam de questões de cunho pessoal dos discentes. Os dados obtidos foram elucidados no último tópico da metodologia deste trabalho.

A pergunta de número quatro, arguia os discentes se outra profissão, além da de professor, já fez parte de seus sonhos profissionais. Entende-se que por estarem cursando o último ano de um curso de licenciatura, estes realmente queiram seguir na carreira. Um percentual de 88,23% disseram que sim. Outros 11,76 % responderam que não queriam seguir trabalhar com licenciatura, o que reflete a carreira docente como um plano B destes alunos.

Um dos pontos a serem discutidos, e que é disposto por Miranda et al (2011), é que o baixo número de discentes em cursos de licenciatura, o que se dá estes serem pouco atrativos para os discentes. Dispõem ainda que:

[...] o ingresso em um curso superior atualmente estão estritamente ligados à classe social e o poder aquisitivo do aluno. Os cursos de maior prestígio, aqueles que são os mais concorridos no vestibular, apresentam um perfil de alunos de classe média ou alta. No entanto os de menos prestígio, isto inclui as licenciaturas, é cursado por pessoas de classes menos privilegiadas (MIRANDA et al, 2011, p. 07).

O baixo interesse se torna mais nítido quando se observa o percentual de alunos por vagas nos vestibulares. Um exemplo é o vestibular na Universidade Federal de Goiás, que no ano de 2008 teve apenas 9,45% dos alunos inscritos no processo seletivo para cursos de licenciatura. A maior concorrência ficou para os cursos de Medicina (34,41 candidatos/vaga), Bacharelado em Direito (26,07 candidatos/vaga) e Administração (24,97 candidatos/vaga). Enquanto que os cursos de licenciatura foram os que obtiveram menos concorrência, como a Biologia que obteve 8,6 candidatos/vaga (MIRANDA, et al, 2011).

Entre as profissões que os discentes elucidaram que perfizeram seus sonhos estão em maioria cursos da área de saúde (66, 66%), como: Medicina, Enfermagem, e Nutrição. As demais profissões citadas constituíram um total de 33, 33%. Neste grupo



uma resposta que chamou a atenção foi a de uma acadêmica que colocou que afirmou que sonhava e ainda sonha em ser cientista. A acadêmica relatou que ainda é um de seus objetivos profissionais, já que o curso de licenciatura também lhe possibilita o exercício em pesquisa, e consequentemente para uma prática científica.

A questão de número cinco perguntava aos discentes se antes do curso de licenciatura tiveram alguma experiência ligada ao “dar aula”. Apenas 17, 64 % afirmaram que sim, citando atividades como a substituição, o exercício de ser catequista, e também o fato de ter familiares, no caso a mãe, como professora. Porém o maior percentual (82, 35%), colocaram que nunca haviam tido alguma experiência. Mesmo com este grande percentual afirmando negativamente, pode-se dizer que estão equivocados, pois todos nós já tivemos alguma vivência/experiência, já que passamos boa parte de nossas vidas no ambiente escolar, lidando com professores, e assim com a educação de uma forma geral. O fato apresentado pode ser crucial na escolha dos discentes, ponto que confirma é que muitos enveredam para cursos como Biologia, Química, Física, e outras licenciaturas, por terem tido professores que lhes despertaram para o referido campo de conhecimento durante seus anos escolares. Selles & Ferreira (2009, p. 51) colocam que:

Afirma-se, de forma recorrente, que a formação de professores é um processo contínuo, que não se encerra nos cursos universitários. Além disso, é vista como um processo que não se inicia na formação inicial, uma vez que estivemos vivendo na escola em boa parte de nossas vidas, gerando uma sensação de incompletude que inclui tanto as aprendizagens e práticas posteriores à formação inicial quanto ao período que antecede.

Continuando ainda no processo de escolha do curso de formação, a questão seis interrogava os discentes sobre o que os levou a escolher um curso de licenciatura. Nas respostas inúmeros pontos foram elencados. Alguns são: afinidade com a disciplina Biologia durante a escola básica e ser uma profissão com alto grau de empregabilidade. Sobre este aspecto Veiga & Silva (2010) salientam que mesmo com uma mudança significativa da sociedade, a profissão docente sempre será necessária. Outros pontos elencados são: a convivência com profissionais da área; o fato de a cidade de Iporá apresentar somente cursos de licenciatura gratuitos, através da UEG UnU-Iporá; dentre



outros. Assim, boa parte das respostas coloca fatores positivos quanto à escolha do curso, o que pode refletir um futuro profissional realmente engajado na profissão.

Neste escopo foi perguntado, na questão sete, sobre o que os levou a escolha do curso de Ciências Biológicas. Nas respostas quatro fatores predominaram, sendo eles: identificação com o curso; a possibilidade de um campo vasto de atuação, devido às inúmeras áreas da Biologia; influência de professores; e por considerarem como o curso sendo o melhor da Unidade de Iporá. É observado, portanto que os discentes, em maioria fizeram suas escolhas mediante a identificação com a área do conhecimento.

Contudo os discentes, quanto ao que concerne a escolha do curso de formação inicial, estão em maioria “no lugar correto”, subentendido pelo fato de apresentarem respostas positivas quanto à escolha do curso de licenciatura, e consequentemente de Ciências Biológicas, o que retrata um panorama de positivo, já que a escolha se deu de forma consciente e acertada.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: NUANCES DE UM TEMPO DE FORMAÇÃO

Inúmeros pontos desfavoráveis estão imbricados na profissão professor, tais como: “à ampliação das exigências, à diversificação do público e à formação inicial, entre outros aspectos, a docência na Educação Básica parece estar se tornando, de maneira geral, um trabalho mais cansativo e desgastante” (GUIMARÃES, 2009, p. 35). Assim, mediante este aspecto coloca-se que é papel da formação inicial, e continuada, apresentar a mesma de forma plena, e discuti-la, como nos aponta Guimarães (2004), já que para uma mudança de postura da classe é crucial um processo de reflexão, que se inicia na graduação, e, sobretudo durante o ES.

Para tanto este tópico apresenta as considerações dos discentes participantes desta pesquisa sobre o ES, caminhando em um cenário de apresentação e discussão do real. Arguidos sobre o maior medo anteriormente a regência, questão oito, os discentes relataram inúmeros pontos, os quais estão dispostos abaixo:

- Domínio do conteúdo;



- Transposição didática do conteúdo;
- Domínio da classe;
- Relação professor/aluno.

O que se percebe é que os medos iniciais estão em maioria ligados ao conteúdo, o que indica que estes acadêmicos não estão confiantes quanto ao conhecimento que adquiriram, ou mesmo que processaram, durante os quase quatro anos de graduação. Quanto ao domínio da classe, este está intimamente relacionado ao ponto anterior. Freire (2011) aponta que um dos fatores para o domínio de classe é o domínio do conteúdo, um professor que não tem conhecimento suficiente não consegue atrair e manter a sala em ordem. O domínio de classe é um tópico pouco, ou nunca, como aponta Delizoicov, Angotti, Pernambuco (2011), abordado nas aulas de Didática, o que leva à dúvida e medo, quando os discentes iniciantes vão enfrentar o universo escolar.

Na questão nove foi perguntada qual a maior dificuldade que sentiram quando da regência. A questão foi disposta para se fazer um contraponto com o medo inicial, para efetivamente compreender o que realmente se concretizou. Foram citados: domínio de classe; uso de metodologias diversas e que realmente chamassem a atenção do alunado para a aprendizagem; restringir-se as expectativas de aprendizagem; despertar o interesse do alunado; transposição do conteúdo; e ainda o controle do nervosismo. Alguns discentes colocaram que não tiveram dificuldades quando da regência. Assim, é perceptível que alguns pontos se mantiveram, porém que outros surgiram, e tantos outros medos iniciais não se colocaram como dificuldades quando em sala de aula.

O contato e as trocas estabelecidas entre o professor em formação inicial e a realidade-escolar, juntamente com o processo de ensino-aprendizagem no âmbito da escola-campo, permitem a aproximação da condição docente às situações nas quais o sujeito se torna professor. Também possibilitam o reconhecimento das partes tocantes e a (re) significação da identidade e valorização profissional do professor (ROCHA, PARANHOS, MORAES, 2010, p. 256).

Contato com a realidade, situações que circundam o universo escolar, são como disposto à cima, ímpares para a constituição de uma identidade professoral.



Assim, a questão dez perguntou aos discentes se estes, pós regência, já se consideram/se enxergam como professores. Um total de 64,70 % afirmou que sim, porém deixando evidente um processo de lapidação ainda, que ocorrerá com um processo de formação continuada e prática no próprio ambiente escolar. A alternativa não foi disposta por 23,52%. Uma das respostas sintetiza as justificativas apresentadas: *Não me vejo como docente, porque professor designa um profissional completo, e ainda há muito a ser construído para que eu me torne um professor no pleno significado do termo.* O restante, 11,76 %, colocaram que estão ainda no caminho, não se sentem preparados e nem totalmente a mercê. Assim, as colocações à cima referidas pelos acadêmicos pesquisados corroboram em regra com o colocado por Andrade (2007 apud Selles & Ferreira, 2009) que colocam que o processo de formação do professor é inacabado, como tudo em nossas vidas.

As questões que se seguiram abordavam os docentes sobre se os mesmos permaneceram na docência, e em que quais níveis pretendem lecionar, bem como se almejam um processo de formação continuada. Todos, 100%, querem continuar na profissão, sendo que os níveis de atuação variaram (Ensino Fundamental II: 52,94%; Ensino Médio: 82,35 %, e Ensino Superior: 64,70%). Foram considerados quantas vezes a alternativa foi referida, já que se podiam marcar mais de uma alternativa, e até mesmo todas.

Para o processo continuado de formação, 94,11% desejam continuar estudando; 5,88% não responderam. Referenda-se sobre este aspecto que a formação continuada deve ser parte integral da ação docente. Freire (2011) coloca que um profissional se torna velho quando não consegue acompanhar os avanços do mundo, o que não deve ocorrer. Somente um processo continuado de estudos colocará o docente como novo, pois não o tornará velho por estar entendendo, e, sobretudo, sabendo lidar com as novas informações.

Configura-se ainda neste escopo da pesquisa o papel do ES como o “mentor” de uma prática reflexiva sobre a ação realizada na sala de aula por parte do acadêmico, agora professor. Perrenoud (2002, p. 17), citando Altet (1994, 1996), argúi que “a orientação para a prática reflexiva poderia propor uma forma original de aliar objetivos



ambiciosos e de considerar a realidade”. Durante este processo inicial há que dispor uma base teórica sólida, para “equipar o olhar e a reflexão sobre a realidade” (PERRENOUD, 2002, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se este trabalho colocando que os discentes pesquisados, mesmo tendo sonhado com outras profissões inicialmente, adentraram ao curso de formação de professores convictos da realidade docente, e do que queriam para o seu futuro profissional. Neste segmento o ES foi de suma importância para a constituição da identidade docente de todos os acadêmicos, bem como possibilitou a união entre teoria, aprendida na sala de aula, e a prática, o que levou aos discentes a concluírem que desejam permanecer no exercício da profissão para a qual estão sendo formados.

O ES positivo também modifica a compreensão dos discentes sobre o que vem a ser formação, e ainda questões ligadas à profissionalização docente, o que altera, mesmo que para um grupo diminuto, a compreensão de aspectos da Educação. Os entendimentos dos docentes sobre os aspectos colocados são refletidos nos planos de aula do docente, na sua postura em sala de aula, e na forma como enxerga e busca melhorias para a educação. Assim, tal como na pesquisa de Romano & Pontes (2012), os discentes se mostraram conscientes do papel do ES.

Para tanto, este trabalho possibilitou alcançar o seu objetivo principal, de entender e caracterizar o perfil dos licenciandos em Ciências Biológicas, turma 2013 da UEG UnU Iporá, bem como seus anseios, dúvidas e medos anteriormente a regência do ES, e depois já mais próximos de serem licenciados em Ciências Biológicas.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, L. V.; OLIVEIRA, T. C. AMORIM, R.; FREITAS, B. S. P.; PARANHOS, R. D.; GUIMARÃES, S. S. A formação de professores na legislação brasileira: as



ideias que contribuem com o (re) pensar da educação. *Anais Eletrônicos do XXVI Congresso de Educação do Sudoeste Goiano*, 2011.

BRASIL. *Presidência da República*. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

FREITAS, B. S. P.; MIRANTA, M. H. G.; SILVA, K. M. A.; PARANHOS, R. D.; GUIMARÃES, S. S. M. As concepções de formação para os acadêmicos de licenciatura em Ciências Biológicas e a construção da identidade profissional. *Revista da SBEnBio/ Associação Brasileira de Ensino de Biologia*. v. 5. São Carlos, SP: SBEnBio, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143 p.

GUIMARÃES, V. S. Profissão e profissionalização docente: disposições em relação ao ser professor. In: GUIMARÃES, V. S. (org.). *Formação e profissão docente: cenários e propostas*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009. 222 p.

LAVILLE, C. & DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 340.

LUCE, M. B. *Valorização da profissão docente: substantivada ou adjetivada?*. In: <[http://www.ufrgs.br/faced/mbluce/Valoriza%C3%A7%C3%A3o%20da%20profissao%20do%20cente.pdf](http://www.ufrgs.br/faced/mbluce/Valoriza%C3%A7%C3%A3o%20da%20profissao%20do%20do%20cente.pdf)>. Acessado em: 31 de março de 2013.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 99.

KENSKI, V. M. A vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: *A prática de ensino e o estágio supervisionado/ Ivani Catarina Arantes Fazenda... [et al.]; Stela C. Bertholo Piconez (coord.). – Campinas, SP: Papirus, 1991. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)*. p. 139.

MIRANDA, M. H. G.; FREITAS, B. S. P., SILVA, K. M. A.; PARANHOS, R. D.; GUIMARÃES, S. S. M. Professor: Quem sou eu? *Revista da SBENBIO*, vol. 5, 2012. p. 1-9.



MIRANDA, M. H. G.; JESUS, L. R.; PARANHOS, R. D.; GUIMARÃES, S. S. M. Professor: Procura-se! *Anais Eletrônicos do XXVI Congresso de Educação do Sudoeste Goiano*, 2011.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, T. C.; MIRANDA, M. H. G.; OLIVEIRA, I. G.; PARANHOS, R. D.; GUIMARÃES, S. S. M. A procura pela licenciatura em Ciências Biológicas na UFG – Onde estão os candidatos a professores?. *Anais do II Encontro Nacional das Licenciaturas e I Seminário Nacional do PIBID*, 2011.

PIMENTA, S. G. & LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 296.

PERRENOUD, P. *A prática reflexiva no ofício do professor: Profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. 232 p.

ROCHA, T. L.; PARANHOS, R. D.; MORAES, F. A. Estágio supervisionado na Licenciatura em Ciências Biológicas: relato de experiências do estágio e do projeto de intervenção sobre relações de gênero e música. *Polyphonia*, v. 21, nº 01, 2010. 255- 268 p.

ROMANO, C. A. & PONTES, U. M. F. Aprática da regência durante o estágio supervisionado: uma questão metodológica da formação de profissionais do ensino de Ciências. *Revista da SBEnBio/ Associação Brasileira de Ensino de Biologia*. v. 5. São Carlos, SP: SBEnBio, 2012.

SÁ, S. L.; FREITAS, E. L.; LIMA, L. O. B.; BARBOSA, M. V. C.; CANABARRO, P. H. O.; GASTAL, M. L. A.; AVANZI, M. R. Formação docente: Melhor com o PIBID?. *Revista da SBEnBio/ Associação Brasileira de Ensino de Biologia*. v. 5. São Carlos, SP: SBEnBio, 2012.

SCHAFFRATH, M. A. S. Estágio e Pesquisa. Ou sobre como olhar a prática e transformá-la em mote de pesquisa. *Revista Científica/FAP*, v. 2, 2008. p. 51-58.

SOARES, R. T. C.; LIMA, M. E. C. C.; QUADROS, A. L. Importância e dificuldades do estágio curricular obrigatório. *Anais da 25ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química – SBQ*, 2007.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

TEIXEIRA, I. A. C. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 99, maio/ago. 2007. p. 426-443.

VEIGA, I.P.A; SILVA, E.F. (orgs.). *A escola mudou*. Que mude a formação de professores!. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 2010.



IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: VIVENCIAR E REFLETIR A PRÁTICA

COSTA, Jéssica Alves¹; PERES, Juliane Pereira de Santana²

Universidade Estadual De Goiás

Unidade de Iporá

¹jessica_alvescosta@hotmail.com; ²julianepsp@yahoo.com.br

RESUMO: O Estágio Supervisionado em Ensino é obrigatório nos cursos de Licenciatura, sendo de suma importância para o futuro professor. Os estágios propiciam o contato com a realidade escolar, e com os alunos. É principalmente no período em que realiza o estágio na escola campo que o graduando inicia a construção de sua identidade. Neste trabalho tem o objetivo de avaliar a percepção de graduandos do 4º ano em Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás- UnU Iporá sobre o Estágio Supervisionado. Utilizou para a coleta de dados questionários abertos e fechados a respeito do estágio vivenciado durante a semi-regência e regência. Os discentes entrevistados consideram o Estágio Supervisionado de grande importância para o futuro profissional, pois os permitem vivenciar experiências e aplicar a união da teoria/prática.

Palavra-chaves: Estágio Supervisionado, Formação profissional, Prática docente.

INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura nos proporciona vários desafios, e até mesmo ao imaginarmos que temos que entrar em contato com os alunos na escola, vem uma certa insegurança, medo de não conseguirmos dominar a sala de aula, e da grande responsabilidade de fazer a escolha correta dos métodos educativos, além disso, um grande temor de não conseguirmos desenvolver um trabalho de qualidade na classe (JANUARIO, 2008).

O Estágio Supervisionado é obrigatório no curso de Licenciatura de Ciências Biológicas, tendo como objetivo principal em preparar os discentes para sua atuação no mercado de trabalho como professor e auxiliar a enfrentar dificuldades que ocorre durante a vida profissional (SANTOS, et al., 2012). O Estágio Supervisionado é de suma relevância para a formação do acadêmico no curso de Licenciatura, pois permite a possibilidade conhecer a realidade em que a escola se encontra e até mesmo realizar na prática o que aprendeu durante o curso de graduação ou seja da a oportunidade do acadêmico refletir sobre seus conhecimentos adquiridos durante o curso de formação



(LOPES e LUCENA, 2006). Inclusive proporciona a integração das disciplinas que compõem o currículo acadêmico (SILVEIRA e ALMEIDA, 2009).

O estágio permite que os graduando reflitam sobre a possibilidade de novos caminhos e ao aperfeiçoamento dos instrumentos teóricos e metodologias na escola (PEREIRA, 2010). E este, também auxilia ao aluno estagiário entender o ambiente escolar, as políticas educacionais, além de permitir de conhecer os sujeitos com quais participará dos processos de ensino aprendizagem e gerar novos conhecimentos (KRUG et al., 2008).

Segundo Pimenta e Lima (2008), “o estágio apresenta como um eixo central dos conhecimentos nos cursos de formação de professores e possibilita que sejam trabalhados aspectos específicos ao exercício do profissional docente”. O estágio Supervisionado é uma oportunidade de aprimoramento profissional, proporcionando a ligação entre a universidade, escola e a comunidade, além disso, possibilita uma reflexão sobre a realidade do ambiente escolar (KATIELLI e TEXEIRA, 2012).

O estágio possibilita a passagem de aluno para professor, pois esse momento permite o aluno se descobrir o que é realmente ser professor, como também, torna-se um momento do graduando vivenciar experiências, conhecendo melhor a sua área de atuação profissional (SOUZA et al., 2007). A experiência possibilita que os estagiários possam produzir atitudes profissionais, como também, proporciona a troca de experiências entre acadêmicos e a escola, contribuindo para uma melhor aprendizagem, mas ainda sendo, capaz de transformar e criar idéias para seu futuro profissional (LOPES e LUCENA, 2006).

O estágio favorece experiências que são capazes de participar na construção de saberes, diante dos desafios da prática pedagógica, bem como, o estagiário aprende a ser professor diante do cotidiano escolar (MARCIEL, 2012). Nesse momento, o aluno pode fazer a ligação entre a teoria e prática, diante da realidade em que o aluno se encontra (ULIANA, 2009).

Para a formação docente é necessário o contato direto no ambiente escolar, a partir da interação entre a teoria e prática, que contribui para a reflexão quanto educando. Essa formação permite o graduando conheça sua área de trabalho, refletindo



na sua prática e permitindo a busca de novos conhecimentos (FILHO, 2010). Os professores e os formadores adquiram seu saber profissional em campo, na ação, por seus próprios meios, através de sua experiência. A formação prática, que lhes fez adquirir “o conhecimento do que é preciso do que é preciso fazer e de como fazê-lo (PAQUAY et al., 2001). A reflexão atualmente, é um dos conceitos mais utilizados nas tendências e propostas de formação de professores para referir à atuação dos profissionais em sala de aula (BARREIRO e GEBRAN, 2006).

O Estágio Supervisionado permite que o estagiário desenvolva sua ação reflexiva, visando uma educação de boa qualidade, e compreendendo o papel do professor, esse momento propicia ao estagiário refletir sobre sua ação de construção e reconstrução da aprendizagem enquanto educando (SOUZA et al., 2007). O estágio é um universo de conhecimentos e eixo curricular central dos cursos de formação de professores que possibilita a abordagem de aspectos indispensáveis à construção da identidade dos saberes e das postulas específicas ao exercício da docência (PIMENTA e LIMA, 2008).

Na prática pedagógica proporciona uma ação reflexiva no Estágio Supervisionado, tendo propósito de favorecer um conhecimento da realidade profissional a partir da problematização, do estudo e análise, contribuindo para o processo de ensino aprendizagem (ARAÚJO e SOBRINHO, 2013). A finalidade do estágio é de proporcionar ao aluno uma aproximação à realidade no qual atuará, caminhado para a reflexão a partir dessa realidade (PIMENTA e LIMA, 2008).

O objetivo do trabalho é levar a público a importância do Estágio Supervisionado no processo de formação do profissional docente, verificando a percepção dos discentes do 4º ano de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás- UnU Iporá, a respeito do Estágio Supervisionado, comparando com suas experiências vivenciadas durante o estágio.

METODOLOGIA



A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual de Goiás-UnU Iporá, com graduandos do 4º ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. No qual foram aplicados questionários com questões objetivas e abertas. O questionário proposto visou conhecer a percepção de graduandos do curso de Ciências Biológicas a respeito do Estágio Supervisionado em ensino de Ciências.

PROCEDIMENTO DA PESQUISA

Participaram do trabalho 19 discentes, que estão matriculados na disciplina de Estágio Supervisionado, no semestre de 2013. Esse número corresponde a 95% do total de alunos matriculados na disciplina. Após a coleta dos dados foi feita a análise dos resultados, com base nos autores que fundamentam o estudo. Os dados foram analisados através da estatística descritiva, qualitativa e quantitativas (MARTINS, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados a partir dos questionários aplicados destacam a percepções dos graduandos a respeito do Estágio Supervisionado no ensino Ciências Biológicas.

Na figura 1, refere-se sobre a possibilidade de interligar a teoria e a prática no Estágio Supervisionado. Através dos questionários, obtivemos resultados bem satisfatórios, apresentando cerca de 85% dos estagiários disseram conseguir aplicar a junção entre a teoria e prática durante o estágio, 10% não conseguem e 5% realizam essa prática parcialmente.

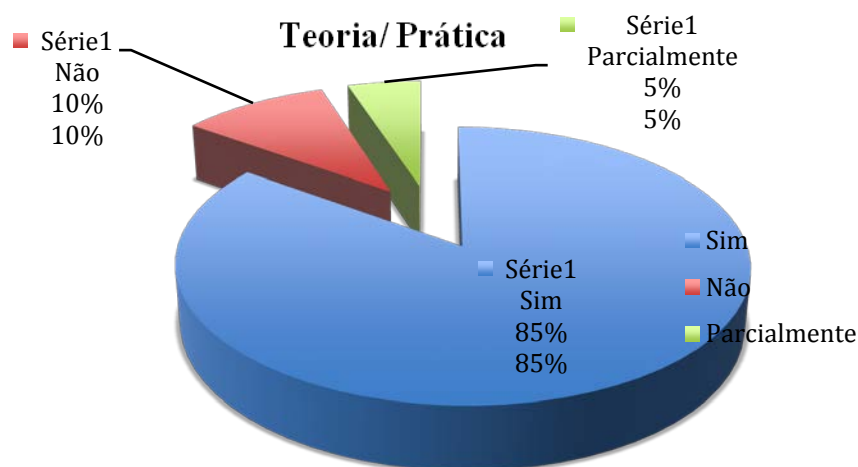


Figura 1. O período do Estágio Supervisionado o graduando consegue aplicar a junção da teoria/prática na escola campo.

Algumas das respostas ilustram a visão dos discentes:

“Pois, é por meio da teoria estudada que o profissional se embasa para sua atuação na sala de aula.”

“O estágio é o momento propício para realizar essa conexão entre a teoria e a prática.”

Então, a junção entre teoria/prática é de suma importância, pois é na prática que os alunos aplicam todos os seus conhecimentos adquiridos pela teoria (SOUZA et al., 2007). Compreende-se que é importante em fazer a ligação entre a teoria e prática na formação do professor, sendo, o Estágio Supervisionado elemento importante nessa junção. O estágio estabelece uma perspectiva que visa à superação da divisão entre teoria/prática, é compreendido como uma ação (ARAUJO, 2012). O Estágio Supervisionado produz uma ponte entre o acadêmico e a realidade de uma sala de aula, fazendo um paralelo entre teoria e prática. A teoria deve interligar com a prática, e que seja indubitavelmente condizente com a realidade vivida na sala de aula. Dessa forma, pode-se afirmar que teoria e prática não podem ser separadas (LEMES et al., 2011). Por isso, estágio não é somente uma etapa burocrática a ser cumprida, mas também uma



metodologia que permite superar a fragmentação entre a teoria e a prática, à medida que pressupõe uma atitude investigativa, envolvendo reflexão e intervenção (OLIVEIRA, 2013).

As informações relatadas pelos alunos da disciplina de estágio curricular Supervisionado foram relevantes para uma análise crítica da importância atribuída ao estágio (figura 2).

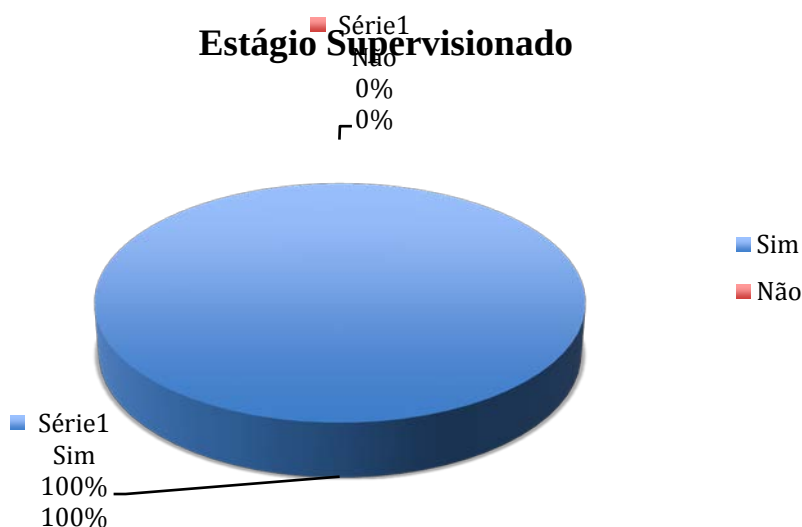


Figura 2. A semi-regência ajuda na formação do futuro profissional.

Através dos questionários aplicados obtivemos que, 100% dos estagiários relatam que a semi-regência e regência, ajuda na formação do futuro profissional, no qual a maioria destacam que através do estágio o acadêmico tem seu primeiro contato com a realidade escolar e com o aluno, assim o acadêmico tem uma noção de sua futura área profissional.

Todos os estagiários que participaram da pesquisa acredita que o Estágio Supervisionado é bem útil e produtivo, principalmente por terem a oportunidade de conhecer a escola em todos seus aspectos e vivenciar a realidade do que é ser professor. Percebe-se que os graduandos compreendem a importância do estágio na Licenciatura.

A regência e semi- regência constitui-se numa das etapas fundamentais da formação de professores. Trata-se de um momento no qual, o estagiário vivencia todas as ações a serem executadas, por ocasião de sua inserção no mundo profissional



(MARINELLI, 2013). Possibilitando o contato com as diferentes dimensões da formação, desde as concepções antes da prática, vivenciando o confronto com a realidade profissional (CUSTODIO, 2013). O desenvolvimento do Estágio Supervisionado proporciona ao graduando conhecer a realidade da escola, bem como permite que o estagiário tenha sua primeira experiência, onde enfrenta grandes desafios dos saberes (SANTOS, 2012).

O Estágio Supervisionado é relevante para a formação do perfil do futuro professor, pois caso não realize o estágio de forma construtiva, não poderá atuar como docente na escola, em vista disso, será despreparado para atuar na área, devido às lacunas em sua formação (AZEVEDO, 2013).

Assim, deve-se atribuir valor e significado ao Estágio Supervisionado, considerando não um simples cumprimento de horas formais exigidas pela legislação, e sim um lugar por excelência para que o futuro professor faça a reflexão sobre sua formação e sua ação, e dessa forma possa aprofundar conhecimentos e compreender o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade (BARREIRO e GEBRAN, 2006).

Em relação à influência do Estágio Supervisionado na escolha da área de atuação profissional, 79% dos alunos responderam que este influencia na escolha de sua profissão, porém 21% relatam que não influencia (figura 3).

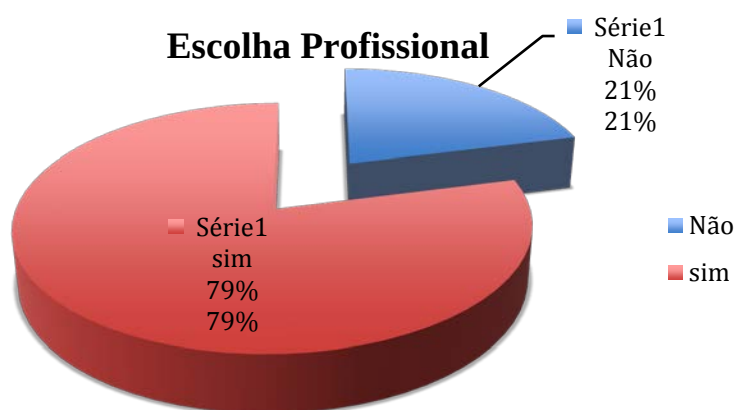


Figura 4. O Estágio Supervisionado auxilia na escolha da área de atuação do futuro profissional.



A maioria dos discentes dizem que o Estágio Supervisionado é uma ótima oportunidade para saber se realmente querem atuar como docente, devido conhecer a realidade do ambiente escolar, é experimentar o que é realmente ser professor. Os 21% dos estagiários relatam que o Estágio Supervisionado não ajuda na escolha das áreas de atuação (figura 3), pois o curso já é licenciatura é prepara somente para atuar como docente, no qual as outras áreas de estudo não são abrangentes.

O Estágio Supervisionado desenvolve a criatividade do graduando, independência e responsabilidade, além disso, oferece oportunidade para fazer sua escolha profissional e bem como, é uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal (KATIELI e TEXEIRA, 2012). Essa construção da identidade se dá no processo de observar, dialogar, principalmente vivenciar o espaço escolar, com suas conquistas e seus fracassos (SILVA et al., 2013). O Estágio Supervisionado proporciona a reflexão sobre sua atuação como professor, bem como permite que o graduando construa sua identidade como professor (PELOZO, 2007; ZANCUL, 2011).

Quanto à preparação do profissional a partir do Estágio Supervisionado a figura 4, mostra que 68% dos estagiários dizem que o estágio realmente prepara para futuros professores e 32% dizem que não ocorre preparação para futuros docentes.



Figura 5. O Estágio Supervisionado realmente prepara os discentes para atuar como professor.



O estágio Supervisionado é de grande relevância para o processo de formação docente, visto que, nesse momento ocorre a reflexão sobre as teorias estudadas, onde o graduando aproxima essas teorias a partir da realidade escolar. E até mesmo nessas experiências vividas durante o estágio, o acadêmico poder transformar seus saberes e aprendizagens. Visto que esse contato direto com o ambiente escolar, permite pontos positivos da atuação como professor e também mostra suas deficiências (FIGUEIREDO e OLIVEIRA, 2012).

O Estágio Supervisionado baseia-se em um treinamento que possibilita aos estudantes vivenciarem o que aprenderam durante a graduação. Os cursos de Licenciatura devem relacionar teoria e prática de forma interdisciplinar, sendo que os componentes curriculares não podem ser isolados. Por isso, o Estágio Supervisionado é considerado um elo entre o conhecimento construído durante a vida acadêmica e a experiência real, que os discentes terão em sala de aula quando profissionais (FILHO, 2010).

Cerca de 32% alunos entrevistados responderam o Estágio Supervisionado não ajuda totalmente na preparação como profissional da área docente:

“O estágio é sempre uma oportunidade para conhecermos a profissão, desenvolvendo a prática pedagógica, mas não é suficiente para formar um professor totalmente preparado, pois o estágio é de curto tempo. Mas ganhamos experiências.

Foi observado com a pesquisa, que os alunos estagiários da Unidade Universitária de Iporá precisam de uma carga horária maior no âmbito escolar, pra que por fim adquira a prática docente e qualidade profissional, saindo assim, da universidade para o mercado de trabalho com melhor preparo.

O Estágio Supervisionado não prepara o acadêmico totalmente para a atuação na área profissional, mas esse momento serve de alicerce para a docência, como também mostra a função do professor, o que é realmente ser professor, evidência a realidade da escola e dos professores (KRUG et al., 2008).



De acordo com Castoldi e Polinarski (2009), o estágio tem como papel de proporcionar aos licenciados o primeiro contato com a sala de aula, atuando como professor. Embora o estágio constitua um importante espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção profissional, é no efetivo exercício do magistério que a profissão docente vai ser de fato aprendida (ZANCUL, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões expostas, compreende-se que o Estágio Supervisionado atua de forma incisiva na prática pedagógica do professor, além disso, é uma oportunidade para os graduando conhecerem sua área profissional. O Estágio Supervisionado tem como o principal objetivo de inserir o futuro professor na sala de aula, entrando em contato com a escola e possibilita o conhecimento da realidade que a escola está inserida. E durante esse período o aluno pode colocar em prática seu conhecimento que adquiriu durante a graduação, onde possui o auxílio do professor orientador. E até mesmo através do estágio o aluno constrói sua própria identidade, onde se torna o momento de tomada de decisão a respeito de seguir ou não a carreira de professor.

Percebe-se que o estágio pode contribuir para uma formação inicial que permite a integração entre conhecimentos teóricos e práticos, promovendo a prática como processo investigativo e desenvolve, no aluno-professor, uma postura reflexiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Raimundo Dutra; *Formação docente: futuros professores aprendendo a ensinar no estágio supervisionado*. Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.
- ARAUJO, Raimundo Dutra e SOBRINHO, José Augusto de Carvalho Mendes; *Estágio supervisionado: espaço de formação e fomentação da prática pedagógica do professor*. p. 1-12. Disponível em:



<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/20_Raimundo%20Dutra%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acessado em: 21 de Outubro de 2013.

AZEVEDO, Douglas Pereira; *Estágio supervisionado - o uso do erro e da motivação como ferramentas pedagógicas*. Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino. 2013. Disponível em:

<<http://vedipe.blessdesign.com.br/pdf/gt05/co%20grafica/Douglas%20Pereira%20Azevedo.PDF>>. Acessado em: 23 de Outubro de 2013.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas e GEBRAN, Raimunda Abou Gebran; *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores*. São Paulo, Avercamp, Editora, 2006.

CASTOLDI, R.; POLINARSKI, C.A.; *Considerações sobre estágio supervisionado por alunos licenciandos em Ciências Biológicas*. In: VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, 2009. Anais do VII ENPEC, Belo Horizonte: ABRAPEC, 2009.

CUSTODIO, Gisele dos Santos; *A Importância do Estágio na Formação do Professor de Ciências*. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – EACH – USP. Disponível em: <http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=tee&cod=_aimportanciadoestagionaf_1>. Acessado em: 15 de Novembro de 2013.

FILHO, A. P. O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente. *Revista P@rtes*. 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/estagiosupervisionado.asp>. Acessado em: 17 de Outubro de 2013.

FIGUEIREDO, Katherine Medeiros; OLIVEIRA, Claudimary Moreira Silva; *O estágio supervisionado como busca de uma postura metodológica reflexiva e investigadora e a construção da identidade profissional do futuro docente*. II Congresso de Educação – UEG/UnU Iporá. p. 34- 40, 2012.

JANUARIO, Gilberto. O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor. In: *Seminário de história e investigações de/em aulas de*



matemática, 2, 2008, Campinas. Anais: II SHIAM. Campinas: GdS/FE-Unicamp, v. único. p. 1-8, 2008.

KATIELLI, Bernardy e TEXEIRA, Dierce Maria; *Importância do estágio supervisionado para a formação de professores*. Ciências Reflexividade e (In) Incertezas. 2012.

KRUG, Hugo Norberto et al.; *Estágio Curricular supervisionado em Educação Física: significado e importância sob a ótica dos acadêmicos do curso de licenciatura*. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física (GEPEF/UFSM);apresentado no XXVII Simpósio Nacional de Educação Física, Pelotas – RS, 2008.

LEMES, Camilla de Menezes; *A teoria e a prática na formação de professores:desafioe dilemas*. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática deEnsino, 2011.

LOPES, Aldaci e LUCENA, Tatiane; Curso Normal Superior anos iniciais do ensino fundamenta. 1ª edição, Faculdade de Tecnologia. Educação a distância. *Revista Nossa História*, 2006.

MARCIEL, Emanoela Moreira; *O estágio supervisionado na formação docente: espaço de desafios, possibilidades e aprendizagens de futuros professores*. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

MARINELLI, Vera Lúcia; *Os estágios de regência e a formação do professor de línguas estrangeiras*. Faculdade de Educação da USP. Disponível em: < http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/106_Vera_Lucia_MARINELLI.pdf>. Acessado em:14 de Novembro de 2013.

MARTINS, Gilberto de Andrade; *Estatística Geral e Aplicada*. Editora Atlas S.A, 3 Ed., São Paulo, 2009.

SANTOS, Maria Luciete dos Santos et al.; *Prática docente: percepções de bolsistas do pibid de ciências biológicas da facedi acerca das primeiras vivências na disciplina de estágio supervisionado*. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, UNICAMP – Campinas, 2012.

SILVEIRA; Jussara Maria Viana e ALMEIDA, Maria Claudice Rocha; *Diretrizes dos Estágios Supervisionados dos Cursos de Licenciaturas em Matemática*. Letras, História



e Geografia da Faculdade José Augusto Vieira. Faculdade José Augusto Vieira – Lagarto, SE : 2009.

SILVA, Regisnei Aparecido de Oliveira; PIOCHON, Elci Ferreira Mendes; MORAIS, Susigreicy Pires de; *Estágio curricular supervisionado em biologia: Vivenciar e refletir a prática*. Disponível em:

<http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/uploads/248/original_Regisnei_Aparecido_de_Oliveira_Silva_e_outros.pdf>. Acessado em: 21 de Outubro de 2013.

SOUZA, Jânua Coely; BONELA, Luciane Aparecida; ALEXANDRE, Henrique de Paula; A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de educação física: uma visão docente e discente. *Revista Digital de Educação Física* – Ipatinga: Unileste-MG - v.2 - n.2, 2007.

OLIVEIRA, Jéssica Hiroko de; *A prática de estágio como campo de pesquisa: incursões teóricas sobre família, identidades e juventudes a partir dos relatos dos alunos*. Disponível:

<<http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/GT4%20Artigo%20Jessica%20Kiroko%20A%20pratica%20do%20estagio.pdf>>. Acessado em: 22 de Outubro de 2013.

PAQUAY, et al.; *Formando Professores Profissionais. Quais estratégias? Quais competências?*. 2ª Ed. rev. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PELOZO, Rita de Cássia Borguetti; Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão. *Revista científica eletrônica de pedagogia*. Ano V – Número 10, Periódicos Semestral, 2007.

PEREIRA, Cardoso Luciana; *O estágio curricular supervisionado e a formação docente*. XII ENPOS, Mostra Científica. 2010. Disponível em:

<http://www.ufpel.edu.br/cic/2010/cd/pdf/CH/CH_00759.pdf>. Acessado em: 22 de Outubro de 2013.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2008.

ULIANA, Edna Regina; *Estágio supervisionado: uma oportunidade de reflexão das práticas na formação inicial de professores de Ciências*. IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro e Psicopedagogia, PUCPR, 2009.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

ZANCUL, Mariana de Senzi; O estágio supervisionado em ensino segundo a percepção de licenciandos em Ciências Biológicas. *Rev. Simbio-Logias*, v.4, n.6, 2011.



ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA DO EFEITO DOPPLER

MARTINS, Tyago Campos¹; PERES, Thalitta Fernandes de Carvalho²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade Iporá

¹tgtyagotg@hotmail.com; ²thalitta@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem a finalidade de verificar o processo de ensino e aprendizagem de funções através da transposição didática. Esse trabalho retrata uma atividade do Estágio Supervisionado onde foi realizada a transposição do conteúdo efeito Doppler. Este efeito é um conhecimento que envolve saberes de Música, Matemática, Física, Biologia e Astronomia. As aulas aconteceram no 1º ano do Ensino Médio em um Colégio Estadual no interior do Estado de Goiás. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde foram utilizados questionários e entrevista como instrumentos de pesquisa. No decorrer das aulas foram utilizados diversos recursos metodológicos, como vídeos, laboratório de informática, músicas e o instrumento de sopro clarinet Bb. Constatou-se que o uso de metodologias diferenciadas eleva a motivação dos alunos, e que a transposição didática impulsiona o aprendizado de matemática, visto que, estabelece novas relações entre a matemática e o mundo, possibilitando uma expressiva contextualização dos conteúdos.

Palavras Chaves: Ensino de Matemática; Efeito Doppler; Transposição Didática.

INTRODUÇÃO

O efeito Doppler representa uma fonte de onda em movimento, que modifica o tamanho do comprimento de onda e também faz com que a frequência mude. Como a luz e o som são considerados ondas, ocorrem mudança da coloração de uma fonte de luz e mudança de tom numa fonte sonora. Este efeito foi estudado e descrito por Johann Christian Andreas Doppler (1803-1853) em 1842 (ROGUIN, 2002, DOPPLER, 1842).

Um efeito com mais de 170 anos já foi muito estudado e utilizado, principalmente, em alguns aparelhos como radares (HAMANN, 2011; MASSAMBANI, 2009) e sonares (BRASIL, 2002), na medicina (ALMEIDA JUNIOR et al, 2012; BARBERATO; PECOITS FILHO, 2010; BARROS et al. 2003; CARVALHO; CHAMMAS; CERRI, 2008; FRANCISCO; ZUGAIB, 2008; NASTRI; MARTINS; LENHARTE, 2011; SANTOS; AMARAL; TACON, 2012; SCHMIDT et al. 2000; TORRES et al. 2007), está presente também na vida de alguns animais quando utilizam



a ecolocalização (REIS et al. 2011; SICK, 1997) e foi utilizado no estudo do universo (HETEM; PEREIRA; OLIVEIRA, 2000).

Burke (2003) e alguns teóricos expõem que o ensino Matemática necessita de algumas reformas, e dentre essas eles apontam que as aulas muitas vezes são mecânicas e não tão atrativas. Diante dessa perspectiva, qual deve ser o papel do professor? Qual a melhor forma de ensinar? Qual deve ser o papel do ensino de matemática, ou da escola neste contexto?

Uma solução proposta por Almeida (2011) tem sido a utilização de conteúdos com maior relação ao cotidiano do aluno, como o uso de temas transversais. Assim, o objetivo deste trabalho foi evidenciar os efeitos na aprendizagem de funções, utilizando de estratégias metodológicas contextualizadas, ou seja, transpondo os conteúdos matemáticos ao dia-a-dia dos alunos.

DA TEORIA A PRÁTICA

Para a preparação do plano de aula, foi necessário primeiramente, o estudo do que é transposição didática e como colocá-la em prática. De acordo com Almeida (2011), o processo de transposição indica outra situação ao conteúdo estudado, a fim de dar sentidos e maiores percepções ao contexto social no qual o indivíduo está inserido. Assim,

O conceito de *transposição didática* também aparece intimamente ligado à ideia de *contextualização*, e ajuda a compreender a dinâmica de produção e circulação dos saberes que chegarão e circularão os saberes que chegarão à escola e entrarão em nossas salas de aula. É na dinâmica de contextualização/descontextualização que o aluno constrói conhecimento com significado, nisso se identificando com as situações que lhe são apresentadas, seja em seu contexto escolar, seja no exercício de sua plena cidadania. [...] Em outras palavras, a contextualização aparece não como uma forma de “ilustrar” o enunciado de um problema, mas como uma maneira de dar sentido ao conhecimento matemático na escola. (BRASIL, 2008, p. 83, grifo do autor).

Com a contextualização dos conceitos matemáticos, o ensino fica mais atrativo e interessante aos alunos e a transposição didática colabora para esse fim. Segundo



Almeida (2011) existem alguns passos numa transposição didática, que são: ouvir as impressões dos alunos acerca do conteúdo que será transposto; aproveitar o que foi dito pelos alunos e mostrar o conteúdo; criar um espaço de diálogo; mostrar todos os aspectos do conteúdo e esclarecer eventuais dúvidas. Este método considera o que aluno já sabe, baseia-se na participação do educando.

Logo, nota-se que a transposição didática tem algumas semelhanças com outras teorias, como a Histórico-Cultural de Vygotsky e Aprendizagem Significativa de Ausubel. Segundo Vygotsky (apud REGO, 2007) a criança tem um saber que o meio lhe fornece e assim com o apoio desse saber é possível construir novos, por isso é importante transpor. “Vygotsky identifica dois níveis de desenvolvimento: um se refere às conquistas já efetivadas, que ele chama de nível de desenvolvimento real ou efetivo, e o outro, o nível de desenvolvimento potencial, que se relaciona às capacidades em vias de serem construídas [...]” (REGO, 2007, p. 72). Assim, nessa situação o papel do professor é criar uma interação entre o conhecimento conquistado e os novos, que serão adquiridos por meio da interação destes.

Ausubel (apud KLEIN; COSTA, 2011, p. 47) também acredita nestas concepções, para ele o professor deve:

Diagnosticar o que o aluno já sabe, isto é, saber distinguir entre o que é importante, relevante para a aprendizagem e aquilo que o aluno já tem disponível na sua estrutura cognitiva; ensinar através de recursos e princípios que auxiliem o aluno a assimilar a matéria e organizem a sua própria área de conhecimento, pela aquisição de significados claros, estáveis e transferíveis.

Ausubel (MOREIRA, 1999, p.155 apud KLEIN; COSTA, 2011, p. 48) ao retratar as concepções que os alunos já possuem, diz que:

[...] a principal função de um organizador prévio é a de servir de ponte entre o que o aluno já sabe e o que ele deve saber, a fim de que o material possa ser aprendido de forma mais significativa, ou seja, organizadores prévios são uteis para facilitar a aprendizagem na medida em que eles funcionam como “pontes cognitivas”.

Tendo como base esses autores foi possível trabalhar em sala a partir dos conceitos prévios dos alunos, estimulando-os constantemente à participação, evitando a



ideia de que o professor é o detentor do conhecimento. O processo tradicional de ensino, onde os conteúdos são mecânicos e isolados, têm trazido inúmeros pontos negativos na aprendizagem dos alunos. E “a consequência mais desastrosa de tal fato talvez seja a total passividade com que os alunos se colocam perante qualquer aula, esperando que o professor lhes “explique” o que devem “compreender” e lhes diga como “fazer”.” (CARVALHO, 1994 p. 17). Por isso, é importante trabalhar com a transposição didática, pois é um método que utiliza contextos intimamente ligados ao cotidiano do aluno, onde a partir dos conhecimentos prévios formam-se novos.

RELATO DAS AÇÕES

Depois do planejamento das aulas iniciaram-se as ações na escola. Na primeira e última aula foi aplicado um questionário para extrair informações e verificar os resultados de uma transposição didática. Logo após a aplicação do questionário foi dado a seguinte atividade:

Situação-Problema: Um casal resolve realizar uma viagem ao Rio de Janeiro. Para isso separa os valores referentes ao combustível e ao pedágio, o que representa R\$ 75, 00. A hospedagem, com diária completa (café da manhã, almoço e jantar), sai por R\$ 130, 00. Quanto custará essa viagem? (p.110 do livro didático)

Primeiro foi perguntado quanto o casal gastaria se eles ficassem 1 dia. Sendo y o preço pago pelo casal tem-se:

$$y = 75 + 130 = 205$$

Se for 2 dias seria:

$$y = 75 + 2 \cdot 130 = 75 + 260 = 335$$

Se for 3 dias seria:

$$y = 75 + 3 \cdot 130 = 75 + 390 = 465$$

Logo, é possível notar um padrão matemático e estabelecer uma função matemática. Considerando x dias temos:



$$y = 75 + 130x$$

A partir desse exemplo mostrou-se o que representa os coeficientes de uma função afim, que pode ter um elemento variável e outro fixo, o valor fixo é R\$ 75,00 e o variável é R\$ 130,00 que muda com a quantidade de dias. Desse modo, os alunos puderam construir novos exemplos a partir do conhecimento adquirido.

Após mostrar as aplicações da função em duas situações (numa circunferência e na temperatura), foi apresentado um vídeo, de 7 minutos e 24 segundos disponível no link <http://www.youtube.com/watch?v=371visl-56k>. O vídeo conceituou o efeito Doppler, e mostrou algumas aplicações na medicina em exames para verificação da doença do AVC, doença renal, doença de chagas, câncer de mama, pois é usado em ultrassonografias e ecocardiogramas. Também é utilizado pelos animais através da ecolocalização: morcegos, algumas baleias, golfinhos e pelo pássaro do petróleo. Os radares e sonares utilizam o efeito Doppler para o cálculo da velocidade dos veículos e mapeamento do oceano.

Tendo discutido tantas aplicações do efeito Doppler, o pesquisador mostrou a representação do mesmo por uma função afim. Durante essa etapa, os alunos ficaram curiosos e participaram da aula com motivação.

Após esclarecer as dúvidas por meio da correção dos exercícios propostos, foi realizada uma atividade na qual os alunos necessitavam utilizar os computadores do laboratório de informática da escola. Eles utilizaram uma Planilha Eletrônica para perceber as mudanças que ocorrem ao variar os coeficientes angular e linear, disponível no portal do professor por meio do link <http://materialguilherme.webnode.com.br/news/planilha%20para%20estudo%20da%20fun%C3%A7%C3%A3o%20afim%20%28ms%20excel%202007%29/>>. O interessante dessa atividade foi a facilidade que os alunos tiveram de verificar o que acontece com o gráfico de uma função afim ao mudar os coeficientes. Na figura 1 mostra os gráficos feitos pelos alunos.

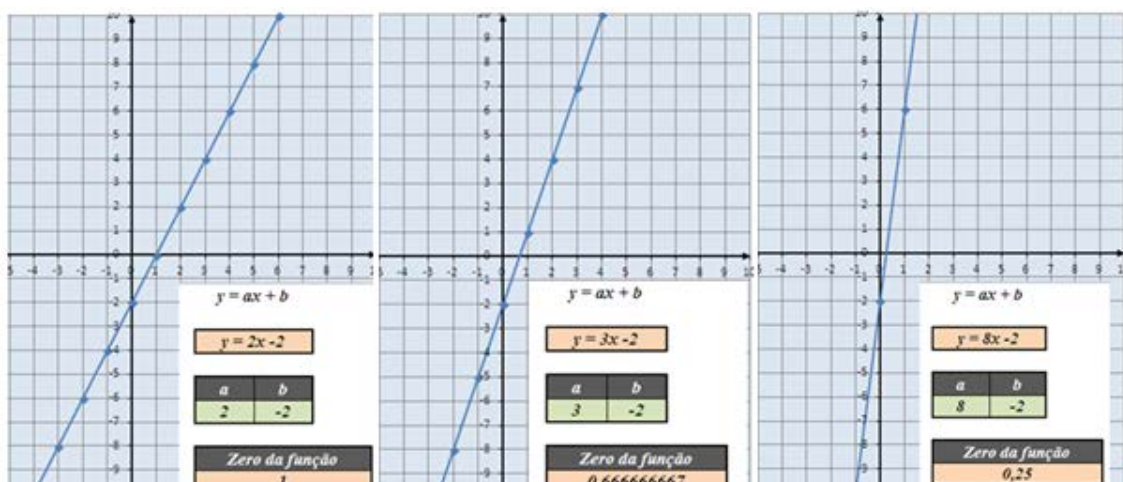


Figura 2: Gráficos com coeficientes angulares iguais a 2, 3 e 8.

Alguns rapidamente perceberam que a mudança do valor do coeficiente angular influenciava na inclinação da reta sobre o eixo das ordenadas, por isso que este coeficiente recebe este nome, porque determina o ângulo de inclinação da reta. Ao variar o coeficiente linear constataram outro fato:

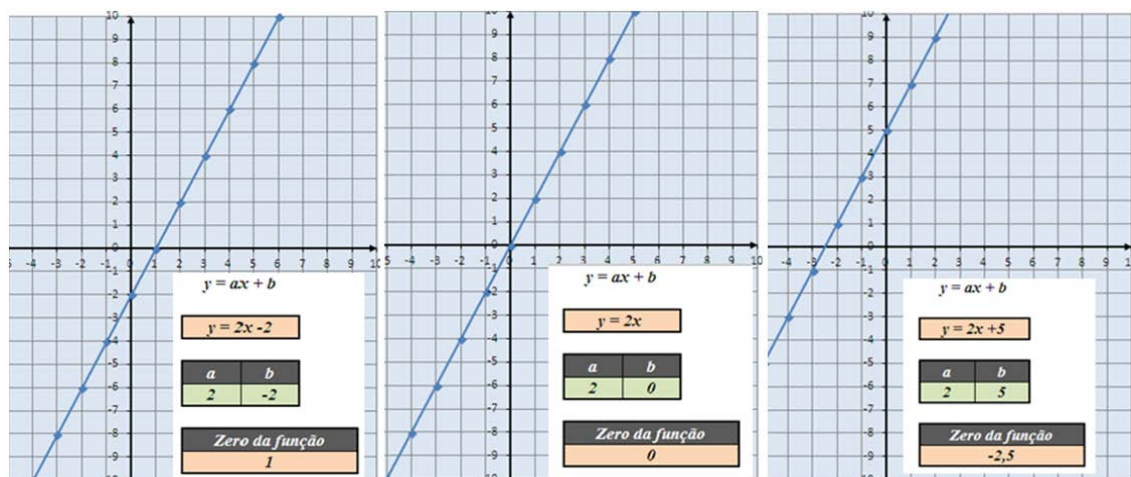


Figura 3: Gráficos de coeficiente linear igual a 2, 0 e 5

Os alunos notaram a partir da mediação do pesquisador que o coeficiente linear representa o número onde a reta intercepta o eixo das ordenadas. O intuito dessa aula foi propiciar condições para que os alunos tirassem suas próprias conclusões, construindo assim seu conhecimento.

Depois de identificar os passos para a construção de gráficos, os alunos fizeram alguns exercícios. Em seguida, realizaram uma atividade que usava os conceitos do



efeito Doppler. Como os alunos necessitavam entender o que é frequência foi passado um vídeo disponível em (<http://www.youtube.com/watch?v=UP-faD5r1bM>) que lhes chamou bastante atenção. A turma foi dividida em três grupos e foi dado o seguinte problema.

Problema 1: Qual dos grupos no seu veículo apresentará um melhor efeito Doppler para um observador parado, sendo que o 1º grupo está dirigindo um fusquinha velho que viaja numa velocidade de 10 km/h a 20 km/h e o 2º grupo tem um carro comum que anda numa velocidade entre 80 km/h a 90 km/h e o 3º grupo viaja numa Ferrari a uma velocidade de 120 km/h a 150 km/h. Se todos os veículos estão tocando uma mesma música, qual veículo proporcionará uma boa percepção do efeito, considerando a velocidade do som de 343 m/s?

Todos os grupos tinha que fazer pelo menos três gráficos, pois ao finalizarem teriam que entregar aos outros grupos e cada um teria o gráfico do fusquinha (figura 3), do carro comum (figura 4) e da Ferrari (figura 5), e assim poderiam analisar os três gráficos e dizer qual seria o melhor. Os pontos que deveriam ser substituídos na função deveriam ser de acordo com as frequências musicais.

1. Eles tinham que converter a velocidade e substituir na equação do efeito Doppler

$$f' = f \left(\frac{v}{v - v_s} \right).$$

2. Depois substituíram as variáveis da forma que se assemelha a uma função afim linear, que é da forma $f(x) = a \cdot x$ sendo a uma constante. A velocidade v do som no ar foi dada, a velocidade da fonte v_s foi escolhida por eles dentro do intervalo

dado. Logo esta parte $\left(\frac{v}{v - v_s} \right)$ será uma constante e ao comparar com a função

linear será o valor a , e a f' e f são variáveis dependentes entre si. Ao substituir uma frequência f na equação encontra-se outra frequência f' , assim $f = x$ e $f' = f(x)$.

3. Depois de terminarem foi feita uma análise dos gráficos.

Seguindo os passos temos para um fusca a 10 km/h:



$$v_s = \frac{10}{3,6}$$

$$f' = f \left(\frac{343}{343 - \frac{10}{3,6}} \right), \text{ logo se conclui que:}$$

$$f(x) = 1,008164598x$$

Seguindo os mesmos passos, para um carro a uma velocidade de 80 km/h é válida a seguinte função afim:

$$f(x) = 1,069276065x$$

Para uma Ferrari a 150 km/h será:

$$f(x) = 1,138274336x$$

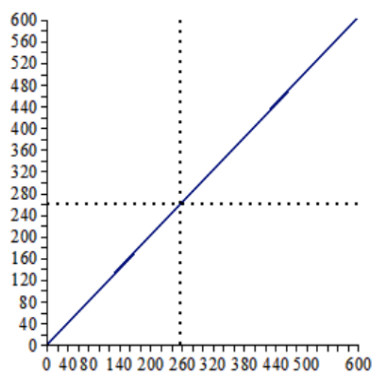


Figura 4: Representação das funções do fusca a 10 km/h

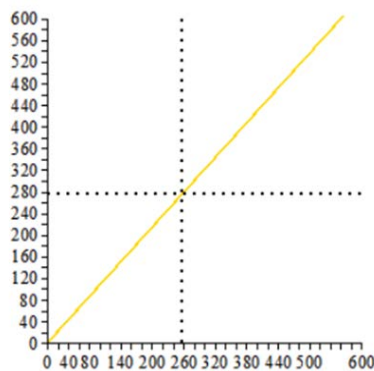


Figura 5: Representação das funções de um carro a 80 km/h

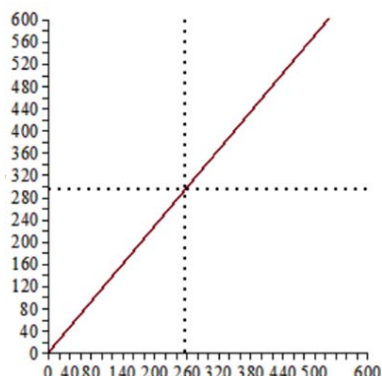


Figura 6: Representação das funções de uma Ferrari a 150 km/h

O estagiário explicou que quando a função é do tipo $y = x$, neste caso x e y são frequências, não ocorre o efeito Doppler, este só acontece se as frequências forem diferentes. Então, quanto mais um gráfico se assemelha a uma função identidade menor será a percepção do efeito, note que no primeiro gráfico os valores da frequência percebida são aproximadamente iguais, mas nos outros há uma diferença um pouco maior e no último maior ainda. Assim, conclui-se que o veículo que apresenta uma melhor percepção do efeito Doppler é o de maior velocidade, pois se distingue da função identidade. Assim, este efeito está relacionado com a velocidade.

Ao finalizar as aulas um questionário foi aplicado aos dezesseis alunos. Verificou-se que 73% das pessoas que consideraram importante estudar Matemática, conseguiram perceber que a usavam no seu dia-a-dia, após as aulas ministradas subiu para 80%. Ninguém conhecia algo sobre o efeito Doppler e nem conhecia nenhuma relação dele com a Matemática, após as aulas responderam que a Matemática se relacionava com o efeito Doppler através dos cálculos, do conteúdo de função afim, do som e da música.

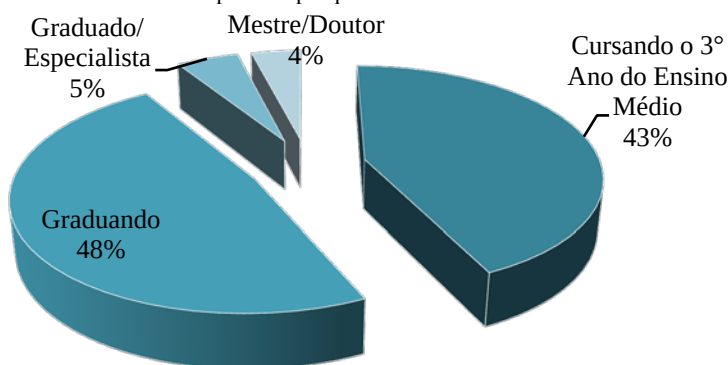
O interessante da transposição didática é mostrar que escola não são só quadro e giz, limitado no espaço de sala de aula, mas os cálculos são usados para descobrir os sons emitidos por uma fonte sonora em movimento, o som e a música são Matemática.

UM MUNDO SEM ESCOLA



Com intuito de não ficar somente com os dados coletados na escola foi realizada uma pesquisa com cem pessoas que estavam cursando ou já haviam cursado o 3º Ano do Ensino Médio, pois segundo a grade curricular já haviam estudado ondulatória na disciplina de física do 2º ano no Ensino Médio. O gráfico 1 mostra a representação do grau de escolaridade das pessoas pesquisadas:

Gráfico 1: Grau de escolaridade das pessoas pesquisadas

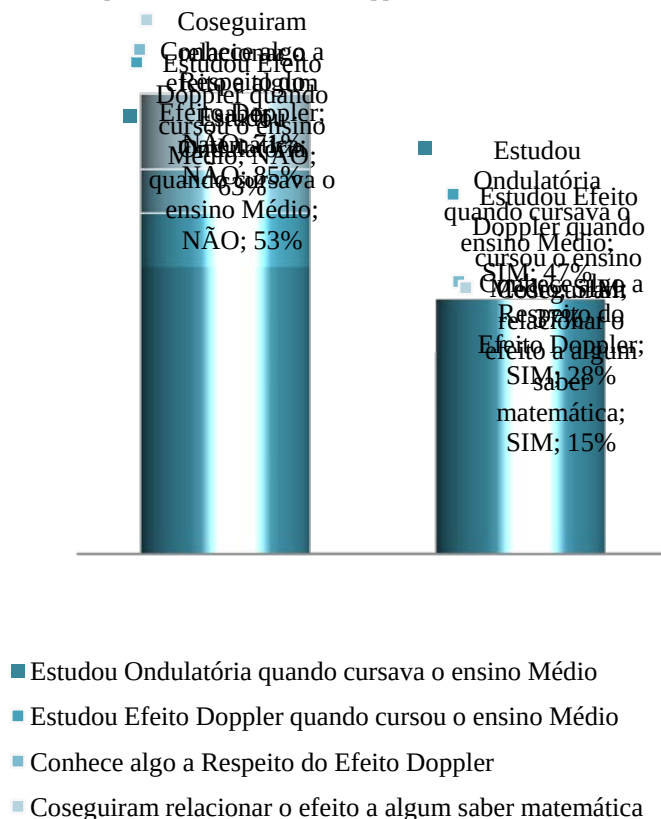


Foi uma pesquisa heterogênea com a participação de pessoas de diferentes lugares: Anápolis, Cidade de Goiás, Goiânia, Inhumas, Iporá, Itaberaí, Itapuranga, Leopoldo de Bulhões, Mossâmedes, Morrinhos, Santa Helena de Goiás e São Luís de Montes Belos. A coleta de dados se deu em algumas salas de um Colégio Estadual do interior de Goiás, em um evento do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), no Encontro Goiano de Educação Matemática (EnGEM) e com alguns docentes e discentes da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Infelizmente muitas pessoas nunca ouviram falar do efeito Doppler (como mostra o gráfico 2), e a transposição didática oportuniza seu estudo de forma mais atrativa. O fato de mostrar relações matemáticas com o efeito Doppler, valoriza o saber matemático e na pesquisa muitos estabeleceram interessantes relações matemáticas ao efeito Doppler, como: ângulos, geometria, som, função afim, cálculo da variação do som e da distância, equações matemáticas, enfim ao analisar um efeito físico cotidiano é possível perceber n situações que envolvem conceitos matemáticos.



Gráfico 2: Conhecimento das pessoas acerca do efeito Doppler



De acordo com Ausubel (apud KLEIN; COSTA, 2011) a construção de conhecimentos se dá por meio dos conhecimentos prévios. A escola tem sido um local onde esses conhecimentos prévios tornam-se conhecimentos científicos. Assim, como no efeito Doppler, que antes era usado somente para compreensão do universo, hoje é usado na medicina em várias áreas.

No entanto alguns não estão satisfeitos com a escola e consideram que deve ocorrer uma mudança no ensino.

Todo mundo vive se queixando da escola. Pais, professores e alunos reclamam que ela não está funcionando como devia e que as coisas não podem continuar desse jeito. Mas cada um pensa que o culpado desse mau funcionamento são sempre os outros. [...] cada um tem uma parte de razão mas ninguém consegue se entender nem chegar à raiz do problema. (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1982, p. 11).
O ensino vai mal e precisa sofrer uma revolução – não basta apenas mais uma das chamadas “reformas”. [...] Aliás, essa não é uma ideia totalmente nova. Ela vem sendo defendida por muitos educadores já faz um bom tempo, especialmente no ensino básico. (BURKE, 2003, p. 7).



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Parece ser um fato bastante generalizado: professores, alunos, pais e autoridades não vivem muito satisfeitos com o ensino escolar. [...] Em resumo, a maior parte das escolas está apenas conseguindo desagradar a muita gente e ensina muito pouca coisa realmente relevante aos seus alunos. (BURKE, 2003, p. 13-14).

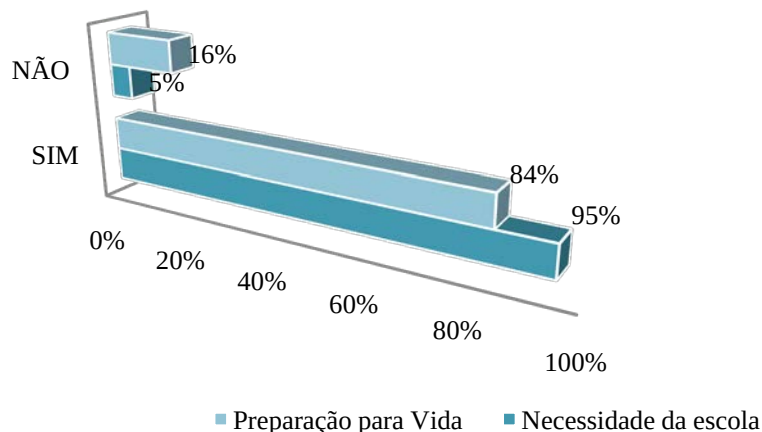
Muitos defendem essa ideia, dizendo que deve ocorrer uma mudança no ensino. Vários autores tem criticado o ensino escolar e muitas vezes faz com que ocorram questionamentos, a saber, se ela é importante. Muitas vezes ela tem sido conceituada como um lugar onde as crianças recebem informações fúteis, que não se relacionam com sua vida cotidiana.

As crianças simplesmente não entendem a maior parte das coisas que a escola ensina nem sabem por que devem aprender tais coisas e não outras. A professora fala, fala, fala e os alunos escutam, cada um sentado no seu canto, sem saber muito bem por quê. Os exercícios são, quase sempre, feitos em torno de problemas que não existem na vida real. (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1982, p. 66).

Desses conflitos surgem as perguntas: Se a escola tem ensinado mal os conteúdos, faria diferença se a escola não existisse? Qual seria sua significância? Quais as necessidades da existência da escola? Mas afinal o que as pessoas pensam da escola? O gráfico 3 mostra essa situação.



Gráfico3: A necessidade da escola



A escola educa para a vida e a Matemática também, pois toda ela se relaciona com algo que existe. Os conteúdos de Matemática que são ensinados na escola tem alguma importância para a humanidade.

A matemática é importante e foi usada historicamente para melhorar as condições de vida das pessoas (IMENES; LELLIS, 1999) com o passar do tempo ela evoluiu e transformou todo o mundo. A Matemática foi e sempre será importante para a humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma aula diferenciada, onde os conceitos são contextualizados exerce uma forte influência no aluno. Essas aulas instigam a participação dos alunos na construção do conhecimento. Não se estuda por estudar, a matemática não foi simplesmente inventada para ser difícil e reprovar muitos na escola, seus conhecimentos tem fundamentos e aplicações.

O ensino de Matemática tem proporcionado ótimos resultados em sua aplicação cotidiana, como foi visto sobre o efeito Doppler. Assim, a escola deve ser um local onde a busca por conhecimentos seja prazerosa e atrativa, em que os conteúdos estudados tenham significância para os alunos, respondendo-lhes seus constantes questionamentos sobre o porquê estudá-la.



Nesse sentido o papel do professor é mostrar em alguns momentos por meio da transposição didática que a Matemática é uma ciência presente no cotidiano, como foi verificado nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Transposição didática**: por onde começar? 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 71p.

ALMEIDA JUNIOR, Gustavo Luiz Gouvêa de. et al. Avaliação Hemodinâmica na Insuficiência Cardíaca: Papel do Exame Físico e dos Métodos Não Invasivos. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, Rio Grande do Sul, v. 91, n. 1, p. e15-e21, 2012. Disponível em: <<http://www.arquivosonline.com.br/2012/9801/pdf/9801020.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da Ciência**: Filosofia e Prática da Pesquisa. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 226p.

BARBERATO, Silvio Henrique; PECOITS FILHO, Roberto. Alterações Ecocardiográficas em Pacientes com Insuficiência Renal Crônica em Programa de Hemodiálise. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, Curitiba, v. 94, n. 1, p. 140-146, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abc/v94n1/21.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

BARROS, Márcio Vinícius Lins. et al. Doppler Tissular na Avaliação da Função Sistólica na Doença de Chagas. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 80, n.1, p. 31-35, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abc/v80n1/14374.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

BRASIL. Marinha do Brasil. MIGUENS, Altineu Pires. Outros Sistemas e Técnicas Modernas De Navegação. In:_____. **Navegação – A ciência e a Arte**. Niterói, RJ: Diretoria de Hidrografia e Navegação. 2002. 3 v. Cap. 38, p. 1409-1442. Disponível em: <<https://www.mar.mil.br/dhn/bhmn/download/cap-38.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2013.



BURKE, Thomas Joseph. **O Professor revolucionário**: da Pré-escola à Universidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 110p.

CARVALHO, Cibele Figueira; CHAMMAS, Maria Cristina; CERRI, Giovanni Guido. Princípios físicos do Doppler em Ultra-sonografia. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 38, n.3, p.872-879, mai.-jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cr/v38n3/a47v38n3.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2013.

DOPPLER, Johann Christian Andreas. **Ueber das farbige Licht der Doppelsterne und einiger anderer Gestirne des Himmels**. Praga: 1842. 18p.

FRANCISCO, Rossana Pulcineli Vieira; ZUGAIB, Marcelo. Análise Crítica da Dopplervelocimetria para Avaliação da Vitalidade Fetal. **Revista Brasileira Ginecologia e Obstetrícia**, v. 30, n. 4, p.163-166, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v30n4/01.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

HALLIDAY, David. RESNICK, Robert; WALKER, Jearl. Ondas – II. In:_____. **Fundamentos de Física**: gravitação, ondas e termodinâmica. 8. ed. Tradução e revisão técnica Ronaldo Sérgio de Biasi. Rio de Janeiro: LTC, 2009. 2 v. p. 149-181.

HAMANN, Renan. **Como funcionam os Radares de Trânsito [infográfico]**: Entenda o complexo processo que existe nos equipamentos de medição de velocidade utilizados nas grandes vias urbanas. 2011. 6p. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/infografico/10350-como-funcionam-os-radares-de-transito-infografico-.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

HETEM, Jane Gregorio; PEREIRA, Vera Jatenco; OLIVEIRA, Claudia Mendes de. **Fundamentos de Astronomia**. 2000. 218p.

KLEIN, Marjúnia Edita Zimmer; COSTA, Sayonara Salvador Cabral da. Investigando as Concepções Prévias dos Alunos do Segundo Ano do Ensino Médio e seus Desempenhos em alguns Conceitos do Campo Conceitual da Trigonometria. **Bolema**, Rio Claro, SP, v. 24, n. 38, p. 43-73, 2011.

MASSAMBANI, Oswaldo. **Fundamentos do Radar**. 2009. Cap. 3. Disponível em: <<http://www.dca.iag.usp.br/www/material/omassamb/radar/Fundamentos%20do%20Radar%20-%20Cap%EDtulo%203%20-%20Prof.%20Massambani.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2013.



NASTRI, Carolina Oliveira; MARTINS, Wellington de Paula; LENHARTE, Rodrigo de Jesus. Ultrassonografia no Rastreamento do Câncer de Mama. **FEMINA**, v. 39, n. 2, p.97-102, fev. 2011. Disponível em: <http://www.febrasgo.org.br/arquivos/femina/Femina2011/fevereiro/Femina_v39n2_97-102.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2013.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 138p.

REIS, Nelio Roberto dos. et al. **Mamíferos do Brasil**. 2. ed. Londrina: 2011. 439p. Disponível em: <http://www.sbeq.org/Mamiferos_do_Brasil_2ed.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2013.

ROGUIN, Ariel. Christian Johann Doppler: the man behind the effect. **The British Journal of Radiology**. Israel, p. 615-619, jul. 2002. Disponível em: <<http://bjr.birjournals.org/content/75/895/615.full.pdf+html>>. Acesso em: 6 dez. 2012.

SANTOS, Hugo Campos Oliveira; AMARAL, Waldemar Naves do; TACON, Kelly Cristina Borges. A história da Ultrassonografia no Brasil e no Mundo. **FDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 17, n. 167, abr. de 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd167/a-historia-da-ultrassonografia.htm>>. Acesso em: 6 jan. 2013.

SCHMIDT, André. et al. Quantificação de Regurgitações Valvares pela Doppler Ecocardiografia em Cores. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, Ribeirão Preto, v. 74, n. 3, p.263-272, 2000. Disponível em: <<http://publicacoes.cardiol.br/abc/2000/7403/74030008.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2013.

SERWAY, Raymond. BEICHNER, Robert. Wave Motion. In:_____. **Physics For Scientists and Engineers**. 5. ed. Harcourt College Publishers, 2000a, p. 490-518.

_____. Sound Waves. In:_____. **Physics For Scientists and Engineers**. 5. ed. Harcourt College Publishers, 2000b, p. 519-544.

SERWAY, Raymond A.; JEWETT JUNIOR, John W. Ondas Mecânicas. In:_____. **Princípios de Física: Movimento Ondulatório e Termodinâmica**. Trad. Leonardo Freire de Mello, Tânia M. V. Freire de Mello; Revisão Técnica André Koch Torres Assis. São Paulo: Cengage Learning, 2009. 2 v. p. 440-475.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

SICK, Helmut. **Ornitologia Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 912p.

TORRES, Felipe Soares. et al. Medida da espessura das camadas íntima e média das artérias carótidas para avaliação do risco cardiovascular. **Revista Brasileira de Hipertensão**, v. 14, n. 3, p. 167-171, 2007. Disponível em: <http://departamentos.cardiol.br/dha/revista/14-3/09_medida.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013.



IMPORTÂNCIA DO USO DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

LIMA, Haynara Livia Borges Ferreira¹, PERES, Juliane Pereira de Santana²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade Universitária de Iporá

¹haynara.livia@hotmail.com; ²julianepsp@yahoo.com.br

RESUMO: A sociedade está inserida numa época onde a todo o momento há informação das mais diversas e dos mais diversos tipos, e essas informações são distribuídas através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), também chamada de mídias, e o uso dessas mídias vem sendo cada vez mais comum e importante para a melhoria da qualificação dos alunos, bem como dos demais profissionais, nesse sentido surgiu o interesse em conhecer se o uso das TICs ocorre e como, em uma determinada escola da cidade de Iporá, Goiás. Para a obtenção dos dados foram realizadas observações durante o período do Estágio na escola campo e também o questionário com questões abertas e fechadas, que foi aplicado aos professores de diferentes disciplinas. Como resultado pode constatar que o uso das tecnologias na Escola campo de estágio era muito pouco e quando existente tinha caráter ineficaz, porém percebe-se que através desses recursos tecnológicos o aprendizado fica mais estimulante e interessante, já que proporciona uma prática educativa mais dinâmica e diferenciada. O projetor de imagem, a televisão e o vídeo, foram colocados como os mais utilizados pelos poucos que fazem o uso desses recursos, e também ficou evidente o escasso uso da internet, que é uma das ferramentas mais importante na atualidade. Inúmeras explicações podem ser atribuídas para os resultados encontrados, tais como má qualificação dos profissionais, resistência ao uso e mesmo uma dificuldade natural em acompanhar a evolução das TICs. Com isso, sugere-se que ocorra um trabalho para a melhor qualificação dos profissionais que estão se formando, e também os que já se formaram, para isso é de extrema necessidade refletir sobre a prática docente nesse contexto tecnológico contemporâneo.

Palavras Chaves: Tecnologias; Aprendizagem; Dificuldades.

INTRODUÇÃO

Vivencia-se um período de transformações generalizadas no mundo e especificadamente no Brasil, no sistema educacional, pois este sistema tem alterado a sua dinâmica de modo articulado com o conjunto dessas mudanças. Estas modificações tem se dado principalmente devido aos avanços tecnológicos dos sistemas eletrônicos de comunicação e informação (OLIVEIRA FILHO, 2013).

A sociedade contemporânea encontra-se fortemente influenciada pela presença da tecnologia, onde praticamente todos os campos da ação humana estão envolvidos com mediadores informáticos ou telemáticos que interferem nas relações humanas,



levam as pessoas a imergir no mundo virtual e transformam sua visão de homem e de mundo (MACEDO&FOLTRAN, 2012).

Assim a presença das mídias no cotidiano é um fato inegável, e de forma inevitável vem modificando as formas de pensar e agir na sociedade. Tal presença está aos poucos sendo considerada também no contexto escolar a partir do uso de mídias na sala de aula (RIBEIRO & SILVA, 2011). Dorigoni & Silva (2012, p. 3) considera que o “avanço tecnológico se colocou presentes em todos os setores da vida social, e na educação não poderia ser diferente, pois o impacto desse avanço se efetiva como processo social atingindo todas as instituições”.

As tecnologias possuem inúmeras definições (PEREIRA & FREITAS, 2011), no entanto para este estudo foi utilizado a definição dada por Kensky (2003, p.18), onde define o termo tecnologia como sendo “O conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade”.

E dentro desse conjunto de conhecimento dos recursos tecnológicos, estão alguns segmentos mais específicos, como as Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs), que contribuem para a difusão de informações em todo o mundo. Os sites, o computador, a televisão, a revista e a internet são exemplos de tecnologias que facilitam a comunicação e a propagação de informações. Esses veículos são também chamados de mídias. Segundo Santos & Silva (2013, p. 3) diz que “as mídias acrescentam qualidade tanto nas aulas ministradas quanto na pesquisa e levantamento bibliográfico para o preparo destas”.

Freire (1996, p.23) afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Assim Freire (1996) também expõe que ensinar não é apenas passar o conteúdo, mas proporcionar possibilidades para que aconteça sua construção. Entende-se dessa forma que o professor necessita de recursos que possibilite esse desenvolvimento do conhecimento, e as tecnologias vem trazendo diversas alternativas para o meio educacional.

Nesse sentido, o uso das (TICs) por professores em escolas seria uma ferramenta que iria contribuir para uma maior eficácia no processo de ensino-



aprendizagem dos alunos (BERIMBAU&FRANCISCATO, 2011). Porém segundo Barbosa & Moura (2004), os resultados obtidos até agora com a introdução de TIC nas escolas têm sido muito aquém dos investimentos realizados e abaixo das expectativas mais realistas.

Dorigoni & Silva (2012, p.8) afirmam que:

Para efetivar a aplicação das tecnologias de informação e comunicação na escola, após a constatação de sua importância e necessidade, é preciso criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua integração à educação evitando o deslumbramento ou o uso indiscriminado da tecnologia por si e em si. É imprescindível considerar seu uso pedagógico em detrimento das virtualidades técnicas, fugindo do discurso ideológico da indústria cultural.

Para Marandino et al (2009, p. 172) as mídias “penetram a escola de forma pacífica ou às vezes promovendo rupturas, exigindo novos espaços, nova formação dos profissionais, novas relações entre pessoas e destas com o conhecimento” assim provocando transformações em diversos aspectos da cultura escolar. Dessa forma compreende-se que o professor, muitas vezes não possui conhecimentos, embasamentos didáticos e metodológicos no uso das tecnologias no processo educacional.

As novas tecnologias e a mediação do processo ensino-aprendizagem na escola é uma temática que suscita uma série de reflexões e consequentes ações nas pessoas envolvidas com a tarefa educativa, na tentativa de buscar caminhos que ampliem a qualidade do ensino e da aprendizagem. Esse tema no leva a pensar na transformação do espaço-tempo educativo num campo de onde emergem atividades curriculares que articulem os conteúdos às ações, o saber ao viver. (OLIVEIRA FILHO, 2013, p. 2).

Assim observando esse cenário no ensino, onde as mídias estão sendo inseridas, surgiu o interesse de realizar o presente estudo a respeito das Tecnologias da Comunicação e da Informação na determinada Escola campo de Estágio da cidade de Iporá, Goiás, onde se objetivou conhecer e analisar na escola em questão, se ocorre o uso das TICs e como isso ocorre.

OBJETIVO GERAL



Conhecer se ocorre o uso das tecnologias e como elas são utilizadas na escola campo de estágio da cidade de Iporá-GO.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização do trabalho foi abordada uma pesquisa qualitativa, pois está proporciona uma análise mais ampla do processo de ensino. Para a obtenção dos dados, foram realizadas observações durante o estágio e também foi utilizado o questionário com questões abertas e fechadas, estes foram aplicados para professores da escola campo (pública) de estágio no período matutino.

Cervo & Bervian (2002, p. 48) afirmam que o questionário “é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja”, e também se tem respostas rápidas e com exatidão (MARCONI & LAKATOS, 2009). Em relação a observação, Marconi & Lakatos (2009, p. 192) diz que “é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram dessa pesquisa os professores da escola campo de estágio, que ministram diferentes disciplinas, como por exemplo, de Geografia, Biologia, Artes, História entre outras, sendo a maioria do sexo feminino.

Tendo por base a definição de TIC adotada para esse trabalho, observou-se que uma pequena fração do número de professores adotava em sua prática o uso das TICs, e quando o uso ocorria, era de forma errônea ou mesmo pouco eficaz o que demonstra certa estranheza pelas TIC por parte dos professores. Almenara (2011, p.13) diz “que os profissionais da educação ainda oferecem resistência ao uso dessas tecnologias em suas aulas, muitas vezes por insegurança na utilização desses recursos”.



Uma possível explicação também para esse fato talvez possa ser encontrado em Jordão (2009), onde classifica as pessoas em dois grupos, a de *Nativos Digitais* que remete aqueles alunos que nasceram e estão inseridos em um mundo digital, uma geração que acompanha naturalmente o ritmo das novas tecnologias, e a de *Imigrantes Digitais*, no qual estão inseridos os professores, e remete aquelas pessoas de uma geração passada que não nasceram nesse mundo digital, e portanto, estão em geral, tentando acompanhar a evolução das tecnologias.

A grande maioria dos professores é da época do quadro negro, giz e do livro didático, assim o que acaba acontecendo é uma reprodução do ensino “ensino o que aprendi, com o método que aprendi” sem o movimento dialético que é necessário no processo do ensino, nesse contexto o que esse processo gera é o desinteresse dos *nativos digitais*, uma vez que esses buscam algo diferente e atraente a todo o momento.

Porém inúmeros impedimentos existem para que possa ocorrer uma alfabetização digital dos alunos, um dos mais frequentes e comuns apontados pela maioria dos autores, é o fato de que as TICs oferecem também inúmeras formas de distração, tirando assim também a concentração do aluno sobre algum assunto, ou também tendo uma informação que não é confiável (MERCADANTE, 2010). Desse modo o que é apontado como importante na educação na era digital, é ensinar o aluno a lidar com essas distrações de forma que possa ter maior eficiência no uso das TICs.

Em relação aos professores quando questionados se participam de cursos de capacitação para o uso das Tecnologias da Comunicação e da Informação (TICs), 50% responderam que sim e 50% que não.

Dessa forma, percebe-se que a maioria dos professores não participa de cursos de capacitação para a utilização dos recursos postos pelas tecnologias, isso muitas vezes reflete na forma de usar essas TICs, pois não se tem domínio para manusear esses artefatos, o que acaba dificultando o trabalho do professor com as tecnologias. Porém isso não significa que os docentes não querem se capacitar, pode ser que os cursos são poucos oferecidos para eles ou porque a carga horária é muito grande e não sobra pouco tempo, pois mesmo aqueles que já fizeram cursos podem se sentir com dificuldades ou inseguros na utilização das mídias se não atualizam constantemente. Assim os



professores não conseguem fazer uma mediação entre os alunos e as mídias, para uma aprendizagem mais significativa.

Notou-se nas observações que é necessário que os professores obtenham qualificações para a utilização das TICs no âmbito escolar, para que ocorra e facilite a compreensão dos conteúdos propostos dentro da sala de aula. Ferrari & Carniatto (2009) informam para que as mídias educacionais sejam utilizadas de forma inovadora na educação, é indispensável à capacitação constante dos docentes no domínio técnico e pedagógico de seus instrumentos.

Com relação aos recursos tecnológicos mais utilizados na sala de aula pelos poucos que usam, foram citados o projetor de imagem, a televisão e o vídeo, pois estes também são os mais disponíveis na escola campo. A televisão e o vídeo são tecnologias que possibilitam trabalharem com filmes, documentários, vídeos produzidos e até mesmo reportagens, porém percebe-se que esses recursos estão ficando ultrapassados se pensarmos em uma dimensão global, pois as evoluções de certos equipamentos são constantes.

Notou-se que a internet, uma ferramenta que tem transformado as áreas do conhecimento tem sido pouco usada, segundo Magalhães & Oliveira (2013) a introdução da internet na educação é uma alternativa capaz de auxiliar para transpor os desafios, porque oferece aos alunos o acesso a meios, conhecimentos e linguagens que os conectam ao mundo contemporâneo e, dessa maneira, propiciando o desenvolvimento amplo de seus potenciais como pessoas, trabalhadores e cidadãos.

O uso da Internet, seja na sala de aula ou como ferramenta de apoio ao aluno, pode proporcionar o melhoramento do ensino e da aprendizagem. A Internet oportuniza desenvolver a própria aprendizagem baseado na construção do conhecimento, compartilhando suas descobertas. (PEREIRA & FREITAS, 2011, p.10).

Observou-se que o computador é utilizado, mas pouco aproveitado, já que possuem inúmeras maneiras de aplicação. Peixoto & Araújo (2012, p.257) explicam que o “computador é tomado como um recurso pedagógico que pode melhorar a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem, o aluno é visto como construtor de conhecimento e o professor como mediador entre o aluno, o computador e o saber”.



As TICs mais modernas, como o computador e internet, poderia assim ajudar a solucionar inúmeros problemas decorrentes da falta de informação, já que através dele pode-se verificar e procurar rapidamente a informação que deseja.

Porém a introdução das mídias na sala de aula pressupõe um planejamento de como utilizar de forma correta as TICs para tornar mais fácil o processo educativo na escola, buscando um ensino-aprendizagem significativo e a melhoria dos índices de desempenho do sistema escolar como um todo, onde os recursos tecnológicos sejam empregadas de forma eficiente e adequada (PEREIRA & FREITAS, 2011). Thomazi & Asinelli (2009) salienta que o planejamento é um dos aspectos importantes da prática escolar para o desenvolver das atividades pedagógicas, sendo assim é relevante organizar e sistematizar as ações.

Desse modo, para que as tecnologias, suas estéticas e linguagens sejam inseridas no cotidiano da escola enquanto um processo de ensino, é necessário desenvolver princípios e métodos. “É preciso que sejam desenvolvidos instrumentos conceituais mídias-educativas em relação a todas as mídias” (TUFTE & CHRISTENSEN, 2009, p.103)

A respeito da percepção que os docentes têm das tecnologias na educação, afirmaram que elas são importantes, porque auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, porém alguns ressaltaram que precisam ser de maneira inteligente ou correta. Ficou perceptível que alguns professores têm consciência que as mídias precisam ser usadas de forma adequada, mas poucos têm formação suficiente para sua utilização, aí também pode estar à explicação para poucos fazerem o uso dessas ferramentas.

Outro aspecto explicitado pelos docentes foi à estrutura física da escola e a necessidade de disponibilizar mais tecnologias, pois é necessário uma estrutura adequada para que se possa manusear esses equipamentos e também é preciso oferecer mídias mais atuais.

Assim é interessante ser levado em consideração se a escola tem estrutura coerente para o uso das mídias, porque não basta apenas ter essas ferramentas, é necessário um planejamento (LIMA, 2011). Toda escola deveria ter uma estrutura



apropriada para essas tecnologias, pois elas estão presentes no cotidiano dos alunos, tendo dessa maneira um forte apelo na sociedade, e se a escola conseguir trazer essas mídias de forma pedagógica pode fazer bem ao ensino. Pois isso também é uma forma de produzir nova informação e disponibilizá-la através das mesmas TICs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho possibilitou observar que as TICs são essenciais na atualidade, visto que estamos inseridos numa era tecnológica onde é de extrema relevância nos diversos campos das ciências e do Mercado de trabalho. Através desses recursos tecnológicos o aprendizado fica mais estimulante e interessante, já que proporciona uma prática educativa mais dinâmica e diferenciada.

Além disso, foi possível constatar que o domínio das TICs pelos professores, no colégio observado, era inadequado, sendo então muitas vezes de forma ineficaz. E visto que estamos em uma época onde saber usar as TICs é bastante essencial, e é um dos fatores que propiciam uma melhor qualificação do aluno, uma vez que mostra e demonstra o conteúdo trabalhado de forma que apenas o quadro e o giz não conseguem, atingindo assim um maior número de aluno e com maior qualidade.

Então, é possível ver que o caminho para a inclusão das TICs no ambiente escolar ainda é muito prematuro, pois ainda há uma série de ações a serem tomadas e também esbarra em muitos momentos nas qualificações de recursos humanos para o uso eficaz das mesmas, no entanto é necessário ter essa aplicação nas escolas, para que a mesma não fique defasada e desatualizada, perdendo assim cada vez mais a atratividade para com os alunos, então uma maior reflexão para buscar a inclusão das TICs faz-se necessário, assim como Paulo Freire disse “a mudança é difícil mais não é impossível”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- ALMENARA, D. F. *O trabalho com projetos: (RE) construindo a prática pedagógica através da integração das mídias*. Revista eletrônica multisaberes, 2ºed. 2011. Disponível em: <<http://www.multisaberes.com.br>>, Acesso em: 8 de abril de 2012.
- BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G.; BARBOSA, A. F. *Inclusão das tecnologias de informação e comunicação na educação através de projetos*. Anais do Congresso Anual de Tecnologia da Informação, São Paulo – SP 2004. v. 1. p. 1-13.
- BERIMBAU, M. L. F. *Domínio e uso das tecnologias de apoio à comunicação e aprendizagem a crianças e jovens com necessidades educativas especiais, pelos professores da educação especial*, Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação, Lisboa, Portugal, 2011.
- DORIGONI, G. M. L. & SILVA, J. C. *Mídia e educação e o uso de novas tecnologias no trabalho escolar: Da reflexão para a prática pedagógica*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-4.pdf>> Acesso em: 03 outubro de 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERRARI, I. S. & CARNIATTO, I. *Ciência e Tecnologia: o elo articulador da práxis educativa*. 2009.
- FRANCISCATO, Fabio Teixeira. *Mídias no contexto escolar: investigação sobre o uso das mídias na sala de aula presencial*, Rio Grande do Sul, 2011.
- JORDÃO, T. C. *A formação do professor para a educação em um mundo digital*. In: *Salto para o futuro*. Tecnologias digitais na educação. Brasília, 2009. p. 9-16.
- KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas. Papirus, 2003.
- LIMA, E. L. *O uso pedagógico de mídias na escola: O UCA (um computador por aluno) na escola Magda Ivana, em Jaciara*. Revista científica eletrônica de ciências sociais aplicadas da eduvale. Publicação científica da Faculdade de Ciências Sociais aplicadas do Vale de São Lourenço-Jaciara/MT. Ano IV, Número 06, novembro de 2011. Periodicidade Semestral- ISSN 1806-6283.



MACEDO, T. E.; FOLTRAN, E. P. *As tecnologias da informação e comunicação como ferramenta de enriquecimento para a educação*. disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/61-4.pdf>> Acesso em: 25 de outubro de 2012.

MAGALHÃES, L. H. & OLIVEIRA, M. C. *Internet como instrumento de ensino-aprendizagem*. Falcudade de Ciências Econômicas Viana Júnior, 2013.

MERCADANTE, M. R. *Fontes de pesquisa utilizadas pelos alunos do ensino fundamental ciclo I: Um enfoque na internet*. Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA FILHO, V. H. *As novas tecnologias e a mediação do processo ensino-aprendizagem na escola*. Disponível em: <www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/.../GT_17_03_2010.pdf> . Acesso em: 04 de fevereiro 2013.

PEIXOTO, J. & ARAÚJO, C. H. S. *Tecnologia e educação: Algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo*. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 253-268, jan.-mar. 2012. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 21 de janeiro 2013.

PEREIRA, B. T. & FREITAS, M. C. D. *O uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica da escola*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf>> Acesso em: 28 de janeiro 2013.

RIBEIRO, D. F.; SILVA, E. M. *O que dizem professores do ensino fundamental sobre o uso de mídias na sala?* Sorocaba , São Paulo, 2011.

SANTOS, B. A. B. & SILVA, F. D. S. *Mídias no ensino de Biologia: Dinâmica da utilização pelos professores de Biologia do ensino médio de Iporá-GO*. V EDIPE, Disponível em: <<http://vedipe.blessdesign.com.br/index.php?pg=resumo.2013>> Acesso em: 28 de janeiro 2013.

THOMAZI, A. R. G. & ASINELLI, T. M. T. *Prática docente: considerações sobre o planejamento das atividades pedagógicas*. Educar, Curitiba, n. 35, p. 181-195, 2009.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

TUFTE, B. & CHRISTENSEN, O. *Mídia-Educação – entre a teoria e a prática*.
Perspectiva, Florianópolis, v. 27, n. 1, 97-118, jan./jun.2009. Disponível em:
<<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2013.



INVESTIGAÇÃO SOBRE EXISTÊNCIA DA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS CAMPO DE ESTÁGIO, DE ACORDO COMA VISÃO DOS ESTAGIÁRIOS DO 4º ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TOMIATTO, Morgana Silva¹; PERES, Juliane Pereira de Santana²
Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá

¹ morgana_silva_tomiatto@hotmail.com; ² julianepsp@yahoo.com.br

RESUMO: A educação ambiental é um processo pelo qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, sendo um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis do ensino e modalidades do processo educativo, sendo a mesma descrita no currículo, em que se é abordada a transversalidade, o papel da escola e do professor, conforme os Parâmetros Curriculares. No presente trabalho foram realizados levantamentos referentes à existência da prática de educação ambiental nas escolas campo de estágio, de acordo com a visão dos estagiários do 4º ano do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, da Unidade Universitária de Iporá – GO, onde foi possível perceber que na maioria das escolas campo de estágio não acontece a prática da educação ambiental, o que priva o alunado de apresentar uma postura correta diante de um problema tanto da escola quanto da sociedade.

Palavras chaves: Educação Ambiental, Escola, Formação de Cidadãos.

INTRODUÇÃO

No Brasil, desde o século XVII, há registro de Leis estabelecidas sobre a proteção do meio ambiente. Conforme o passar dos anos, essas Leis foram evoluindo e estendendo-se no conceito de meio ambiente que de início ficava limitado à proteção da fauna e flora brasileira. Na época presente, o conceito de meio ambiente não está restrito à natureza e ao ser humano, podendo ser dividido em duas partes: meio ambiente natural e construído (ROCCO, 2002). Embora seja possível dividir esse conceito, não podemos esquecer que, hoje, estas partes estão em contínua relação, visto que, o ser humano é um ser social e natural. Partindo desse princípio, a Lei n. 6.938/81, especificamente, no Artigo 3º, destaca que meio ambiente é “o conjunto de condições, leis, influências e integrações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (VEMAQA, 2000, p. 20).



No mundo, a partir da década de 70 foram realizados encontros em alguns países, inclusive no Brasil, para tratar as questões ambientais em um enfoque global. Em 1972, ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente: Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente, onde surgiram os princípios básicos para inserir e guiar os povos do mundo na preservação e na melhoria do meio ambiente. O princípio 19 refere-se à educação em assuntos ambientais, para as gerações jovens, para os adultos e dá ênfase especial aos menos favorecidos, ressaltando que proteção e melhoria do meio ambiente em sua plena dimensão humana são de responsabilidade dos indivíduos, empresas e comunidades (VEMAQA, 2000).

A realidade do planeta levou vários países a criar leis que dessem um enfoque maior aos problemas ambientais visando minimizar as agressões ambientais existentes tanto na esfera natural quanto na social. Perante essa realidade, o artigo 225 da Constituição Brasileira, ressalta que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as atuais e futuras gerações, dizendo que para a efetividade desse direito, compete ao poder público, requerera prática da educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente (ROCCO, 2002, p. 36-37).

Em consonância com a Constituição, a Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, traz algumas afirmações ao longo de seus artigos, assim como educação ambiental como sendo os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, sendo essa educação ambiental considerada um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis do ensino e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal (ROCCO, 2002, p. 225).

Diante dessas afirmações, pode-se compreender que a Educação Ambiental é abrangente, pois percorre diversas instituições governamentais e não governamentais



que propagam a defesa do meio ambiente. Entre essas instituições temos a escola, avaliada como a instituição educacional mais importante da atualidade, delegando a ela o dever de fazer valer seu papel dentro da sociedade, buscando através do manuseio de diversos componentes educacionais, formar o estudante para a vida em sociedade. Sendo então a Educação Ambiental um componente essencial e permanente da educação nacional, pois ela na escola pretende contribuir para a qualidade do meio ambiente, ou seja, qualidade de vida, e para isso é indispensável que a escola desenvolva a Educação Ambiental desde a Educação Infantil, visto que, o artigo 10 da Lei 9.795/99 expõe que ela “será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidade do ensino formal” (ROCCO, 2002, p. 228). Sabe-se que a Educação Ambiental na escola é fundamental para a formação do cidadão, por trazer à luz as múltiplas e complexas relações envolvendo inúmeros aspectos essenciais à vida em sociedade, entretanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais, referem-se ao Meio Ambiente como Tema Transversal, por conter alguns critérios não considerados relevantes e dentre eles se encontram o fornecimento da compreensão da realidade e a participação social, onde os alunos possam desenvolver a capacidade de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva (BRASIL, 2001 a).

Sendo que os temas transversais trabalhados de forma contínua e integradora, possibilitam ao estudante desenvolver as capacidades vitais para se situar no mundo como ser natural, histórico e social, visto que a principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global (BRASIL, 2001 b, p.29).

É dentro do espaço da escola que ocorre discussões e o aprendizado de vários temas da atualidade de suma importância na formação do cidadão, sendo assim, surge à necessidade de temas “urgentes e complexos” nos quais os professores têm que lidar diariamente com questões voltadas a o meio ambiente (VIRGENS, 2011, p.5).



Visto que a educação tem o objetivo de formar cidadãos capazes de realizar a leitura do mundo e analisar os problemas de modo geral, cabe então à escola criar condições para que aconteça a aprendizagem voltada para a educação ambiental, pois não pode a escola e os professores ficarem alheios as problemáticas do planeta que deixam em risco a vida. Assim a educação ambiental na escola é uma necessidade social e cultural, pois cria nos alunos uma visão de respeito sobre o meio ambiente. O papel da escola então junto a educação ambiental é formar personalidades que busquem a vida e coloquem a frente à preservação do meio ambiente para assim manter a qualidade de vida (VIRGENS, 2011, p.1).

OBJETIVO

O presente artigo tem por objetivo analisar a existência da prática de educação ambiental nas escolas campo de estágio, de acordo com a visão dos estagiários do 4º ano do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, da Unidade Universitária de Iporá – GO.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, buscando levantar as opiniões, as crenças, e o significado das coisas nas palavras dos participantes da pesquisa. A pesquisa qualitativa não é generalizável, mas exploratória, no sentido de buscar conhecimento para uma questão sobre a qual as informações disponíveis são insuficientes mostrando as opiniões, as atitudes e os hábitos de pequenos grupos, selecionados de acordo com perfis determinados (VIEIRA, 2009).

O instrumento escolhido para a coleta dos dados foi o questionário, que segundo Vieira (2009, p.15),

é um instrumento constituído por uma série de questões sobre determinado tema. O questionário é apresentado aos participantes da pesquisa, chamados respondentes, para que respondam questões e entreguem o questionário



preenchido ao entrevistador, que pode ser ou não o pesquisador principal. As respostas são transformadas em estatísticas.

Fizeram parte do estudo 19 acadêmicos do 4º ano do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá – GO, no ano letivo de 2013, sendo que cada acadêmico realizou seu estágio de regência em duas escolas campo.

A análise dos dados obtidos terá o intuito de constatar a existência da prática de educação ambiental, nas escolas campo de estágio e de demonstrar a importância de se trabalhar a Educação Ambiental na Escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados segue mediante a apresentação de gráficos, sobre os dados obtidos no questionário, seguidos ou antecedidos de comentários e discussões a cerca do tema abordado.

Dos acadêmicos participantes da pesquisa observa-se que 79% são do sexo feminino e 21% do sexo masculino, sendo que a maioria dos participantes 43% possui a idade de 21 anos.

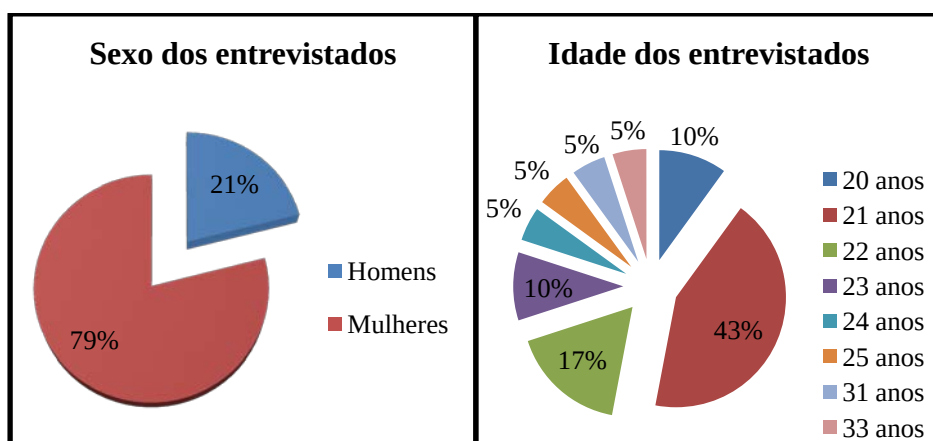


Figura 1. Sexo e idade dos entrevistados.



Foi perguntado aos acadêmicos em quais escolas campo desenvolveu se o estágio de regência, e 53% disse ter realizado seu estágio nas escolas 1 e 2, e 47% nas escolas 3 e 4.

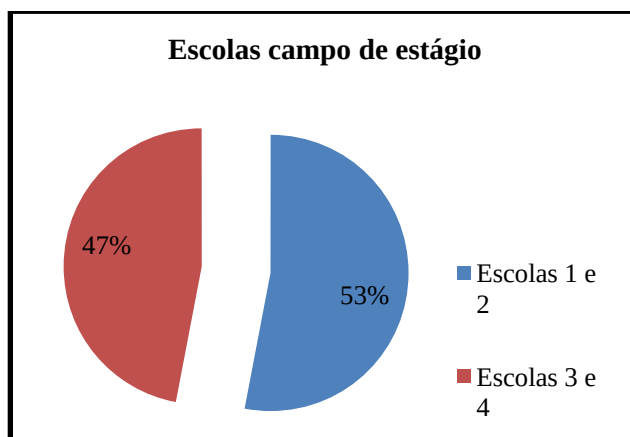


Figura 2. Escolas campo de estágio

O estágio é uma oportunidade que todo estudante tem de vivenciar na prática o que está aprendendo na teoria, onde o mesmo tem a capacidade de estimular sua visão crítica para compreender como tomar decisões em seu campo de trabalho permitindo se identificar com as atividades que irá desenvolver quando já profissional (COMISSÃO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL, 2013).

Segundo Oliveira (2005, p.64):

O estágio curricular é essencial na formação de identidade docente de qualquer aluno de licenciatura. É fundamental pelo fato de propiciar ao aluno um momento específico de aprendizagem, de reflexão com sua prática profissional. Possibilita uma visão crítica da dinâmica das relações existentes no campo institucional, enquanto processo efervescente, criativo e real.

Após saber, em quais escolas os acadêmicos realizavam seu estágio, foi perguntado a eles se nas suas escolas campo de estágio acontecia à prática da educação ambiental, observou-se então que 100% dos acadêmicos das escolas 1 e 2 disseram não ter conhecimento de nenhuma ação relacionada a prática da educação ambiental nas escolas, em relação aos alunos das escolas campo 3 e 4, 34% disseram que as escolas não desenvolvem nenhuma prática relacionada a educação ambiental, e 66% disseram



que as escolas desenvolvem diversas práticas relacionadas a educação ambiental como projetos, palestras, manifestações, aula campo e coleta de lixo.

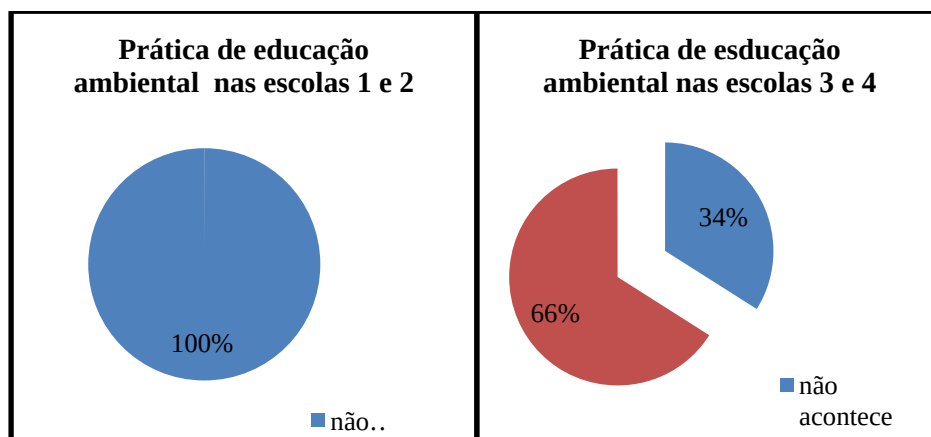


Figura 3. Prática de educação ambiental nas escolas.

A Educação Ambiental surge da necessidade de integrar uma educação de caráter interdisciplinar, voltada para os problemas atuais e urgentes que preparasse a população para viver e se desenvolver em um mundo interdependente e em harmonia com as leis da natureza e que aborde de forma global a busca das soluções (DIAS, 1998).

A Educação Ambiental na escola deve sensibilizar os alunos na busca por valores, auxiliando a análise crítica dos princípios que levam a destruição dos recursos naturais e das espécies. Tendo a consciência de que a natureza não é uma fonte inesgotável de recursos e com isso evitar o desperdício desses recursos. Esse processo de sensibilização deve fomentar iniciativas para solucionar esses problemas de tão alto escalão. Sendo assim, a escola é o espaço social, e o lugar onde o aluno é conduzido para as ações ambientais corretas, pois quando se encontrar fora deste ambiente o aluno será capaz de por em prática os comportamentos ambientais corretos contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis com o meio aonde vivem (EFFTING, 2007).

A EA no contexto escolar vem sendo recomendada há algum tempo por especialistas e através de documentos formulados nas grandes conferências que discutem a temática ambiental em nível global. É na escola, que oficialmente se assume o compromisso com a formação dos cidadãos, que



devemos tentar despertar um caráter crítico, participativo e autônomo dos sujeitos, aproveitando o ambiente de diversidade para levantar questões socioambientais. Porém, esta é uma busca difícil e cheia de contradições (ALMEIDA, 2011, p.14).

Para que aconteça a prática efetiva da educação ambiental, todo o ambiente escolar deve se mobilizar, para criar momentos educativos onde se consiga envolver o aluno na temática, para que isso ocorra é de suma importância os momentos de descontração onde o aluno aprende brincando e interagindo, como palestras, projetos, aulas campo e outros, onde o professor deve ser o mediador, pois cada professor conhece a maneira com que melhor seu aluno aprende.

O envolvimento do professor e gestão escolar através de suas práticas pedagógicas para a efetivação dos conceitos sobre a Educação Ambiental e de fundamental importância. Loureiro (2002), afirma: “Se devemos mudar pela educação, a primeira coisa que precisamos fazer é capacitar o professor, que é o principal agente dessa mudança”.

A ação do professor é fundamental, porque é ele quem vai proporcionar aos alunos as condições necessárias à mudança de comportamento que se espera deles para que se tornem cidadãos conscientes da importância das suas atitudes em relação à preservação da natureza e de atuarem como multiplicadores no ambiente em que vivem (SANTOS, 2007, p.19).

Portanto de forma contrária a educação tradicional, a educação ambiental deve ser uma educação voltada para a ação-reflexiva, coletiva para que com isso a realidade socioambiental ultrapasse as barreiras da escola, sendo uma educação política que se volte para a intervenção social que é um ambiente educativo, pois contribui para transformar as ações da sociedade, pois essa é, assim como disse Paulo Freire (1992): “Uma Pedagogia da Esperança, capaz de construir utopias como sendo o inédito viável dos que acreditam e lutam individualmente e coletivamente pela possibilidade de um mundo melhor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Contudo, cabe à escola e ao professor direcionar o conhecimento para o estudo do meio, não reproduzindo as informações, mas levantando questionamentos sobre as questões ambientais, com a pretensão de abrir os olhos dos estudantes para se perceberem como cidadãos que carecem de novos conhecimentos para fazerem escolhas, as quais possam avaliar como sendo adequadas as suas necessidades individuais e coletivas, ou seja, à sua vida.

Dentro do estudo realizado observa-se que na maioria das escolas campo de estágio a Educação Ambiental não é trabalhada com os alunos, e na escola que trabalha a temática, essa prática ainda acontece, raramente, o que é preocupante visto que a escola deve cobrar uma postura dos alunos de preservação do meio onde vivem. Claro que estas cobranças devem ser fundamentadas nas práticas ambientais corretas, que também devem ser praticadas pela escola.

É importante lembrar, que é necessário a escola estar sempre buscando alternativas para se trabalhar a educação ambiental enfatizando o desenvolvimento de novas atitudes onde ocorra a interação entre os professores e alunos para melhor efetivar-se a prática da educação ambiental no contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Adriana Seabra Vasconcelos. *A Inclusão da Educação Ambiental nas Escolas Públicas do Estado de Goiás: O Caso dos Praecs*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2011.124 f. Disponível em: <http://mestrado.prppg.ufg.br/uploads/97/original_Disserta%C3%A7%C3%A3o___Adriana_Seabra.pdf?1354551296>. Acesso em: 17. Out. 2013, p. 124.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais: Ética*. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001 a, p. 38.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente: Saúde*. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001 b, p. 53.



COMISSÃO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL. Conselho Regional de Nutricionistas

– 3ª Região. Disponível

em:<http://www.crn3.org.br/area_academica/doc_pos_graduacao/EST%C3%81GIO.pdf

f>. Acesso em: 17. Out. 2013, p. 2.

DIAS, Genebaldo F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 5. ed. São Paulo: Gaia, 1988, p.98.

EFFTING, Tânia Regina. *Educação Ambiental nas Escolas Públicas: Realidade e Desafios*. Marechal Cândido Rondon 2007. Disponível

em:<[http://ipcp.org.br/storage/EA/Aprendizagem%20-](http://ipcp.org.br/storage/EA/Aprendizagem%20-%20Escolas%20e%20Ecopedagogia/EA%20nas%20escolas%20p%20Fablicas_%20realidade%20e%20desafios.pdf)

[%20Escolas%20e%20Ecopedagogia/EA%20nas%20escolas%20p%20Fablicas_%20realidade%20e%20desafios.pdf](http://ipcp.org.br/storage/EA/Aprendizagem%20-%20Escolas%20e%20Ecopedagogia/EA%20nas%20escolas%20p%20Fablicas_%20realidade%20e%20desafios.pdf)>. Acesso em: 17. Out. 2013, p.90.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.245.

LOUREIRO, Carlos Frederico. *A educação Ambiental dá frutos*. SENAC Educação Ambiental, Rio de Janeiro, ano 11, n.1, jan/mar. 2002, p.35.

OLIVEIRA, Marilda de Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs). *A formação do professor e o ensino das artes visuais*. Santa Maria, ed. UFMS, 2005, p.232.

ROCCO, Rogério (org.). *Legislação Brasileira do Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 283.

SANTOS, Elaine Teresinha Azevedo dos. *Educação Ambiental na Escola: Conscientização da Necessidade de Proteção da Camada de Ozônio*. Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Santa Maria requisito para obtenção do grau de

Especialista em Educação Ambiental. 2007.Santa Maria, RS, Brasil. Disponível em:<<http://jararaca.ufsm.br/websites/unidadedeapoio/download/elaine07.pdf>. Acesso em: 12. Out. 2013, p.53.

VEMAQA: Vara Especializada do Meio Ambiente de Questões Agrárias. *Legislação ambiental brasileira*. 3. ed. Manaus: 2000, não paginado.

VIEIRA, Sonia. *Como Elaborar Questionários*. São Paulo : Editora Atlas, 2009, p.176.

VIRGENS, Rute de Almeida. *A educação ambiental no ambiente escolar*. 2011. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em Biologia a Distância). Universidade de



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Brasília-UNB,

Lusiânia.

Disponível

em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/1753/1/2011_RutedeAlmeidaVirgens.pdf>.

Acesso em: 17. Out. 2013, p. 26.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: REFLEXÕES E PENSAMENTOS A RESPEITO DA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA NO COTIDIANO EDUCACIONAL

MOURA, Derick Martins Borges de¹; OLIVEIRA, Divino José Lemes de²
Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá-GO

¹derickmartins@hotmail.com; ²zezinhopj@yahoo.com.br

RESUMO: O texto a seguir mostra os principais acontecimentos, entendimentos, reflexões e pensamentos surgidos a partir da vivência do estágio supervisionado I, ocorrido em duas instituições públicas de ensino básico na cidade de Iporá-GO. O estágio supervisionado I foi constituído de observação no ambiente educacional, (escolas campo) e teve como culminações os pensamentos e reflexões a respeito do atual sistema educacional brasileiro, bem como entendimentos do funcionamento do sistema, e também algumas proposições para o auxílio na mudança, em benefício da educação, pois com novos pensamentos e concepções, surgirão as transformações, e será possível melhorar a realidade existente nas instituições de ensino público no Brasil.

Palavras Chaves: Pensamentos; Estágio; Educação.

INTRODUÇÃO

Nessa abordagem será mostrado as atividades e experiências ocorridas durante o período do estágio supervisionado I, que perfaz 200 horas/aula e contou com discussões teóricas em sala de aula e estágio prático nas escolas campo: Escola Estadual Israel Amorim (5ºano ao 9ºano do ensino fundamental) e Colégio Osório Raimundo de Lima (1º, 2º e 3º ano do ensino médio).

O papel fundamental de um licenciando em geografia é o de fazer observação, descrição, análise e síntese, e o estágio supervisionado I pode proporcionar esses pressupostos para que os estagiários possam ingressar no mundo da docência com a visão geográfica adquirida em sala de aula, e as experiências vividas no estágio. As experiências adquiridas no estágio contribuem para o entendimento do que é a docência, a importância da educação como mecanismo de transformação da realidade e o panorama atual do sistema educacional público brasileiro. As observações feitas a partir das horas cumpridas no ambiente educacional das escolas campo pode proporcionar



uma visão crítico/reflexiva nos estagiários, pois há um contato direto com o cotidiano educacional de instituições de ensino públicas.

Com a inserção no ambiente educacional os estagiários tem um contato com a realidade vivida nas instituições educacionais públicas, conhecendo as mesmas, e podendo pensar e refletir sobre essa realidade, e posteriormente programar possíveis mudanças para melhoria do ensino educacional.

Como tema central desse texto, os pensamentos e reflexões a respeito da licenciatura em geografia no cotidiano educacional, teve origem a partir da presença nas salas de aula das escolas campo, podendo ser visualizado a realidade das mesmas, e assim, culminando na proposição do tema.

Objetivou-se este trabalho para compartilhar as experiências adquiridas no estágio supervisionado I, e poder contribuir para o conhecimento dos leitores, a realidade vivida nesse ambiente, e suas repercussões.

De acordo com o trabalho de estágio de SILVA, (2012) foi possível vivenciar experiências que permitiram refletir sobre o professor que queremos ser e na maneira como fomos ensinados, e como nossos professores foram tradicionalistas e em como queríamos ser diferente deles, como queríamos que não houvesse obrigatoriedade da aula, mas sim interesse, interação, intimidade e discussões.

Os métodos utilizados no estágio supervisionado I foram a observação presencial dos acontecimentos que ocorrem com normalidade no cotidiano educacional das escolas campo, pois nessa fase não deve haver intervenção dos estagiários, e sim participação nas atividades educacionais para compreensão do mecanismo atual das escolas campo. As reflexões e pensamentos surgidos nessa primeira fase do estágio supervisionado I foram muitas, como proposições para ajudar na melhoria da qualidade do ensino/aprendizagem, e ideias que podem contribuir para o auxílio de novas técnicas e metodologias que facilitem o entendimento e a compreensão dos alunos na matéria de geografia, tanto na área humana quanto nas áreas, social, política, econômica cultural, e física.

DISCUSSÃO TEÓRICA



Segundo BARRETO (2012), o projeto de estágio da Unidade Universitária de Iporá cumpre a carga horária mínima de 400 horas/aula no que estabelece a legislação vigente, sendo 200h no terceiro ano e 200 no quarto ano do curso. A proposta é que no primeiro ano de estágio os estagiários vivenciem o cotidiano da escola e das salas de aula, principalmente por meio da observação, monitoria e desenvolvendo atividades solicitadas pelo grupo gestor e /ou professor regente. Portanto, são propiciadas as condições para que os estagiários realmente conheçam a realidade da escola em todos seus aspectos: físico, administrativo, pedagógico e de gestão. O resultado desse trabalho é apresentado em forma de resumo expandido, relatando experiências significativas no processo de formação inicial para a docência. Dessa forma o estagiário pode sintetizar todo o aprendizado adquirido na fase do estágio supervisionado I, e documentar esse passo fundamental em sua formação acadêmica docente.

O estágio supervisionado I, no curso de geografia, contou com o acompanhamento do professor orientador na Unidade Universitária de Iporá, que faz o intercâmbio entre a universidade e a escola campo, acompanhando e auxiliando nos estudos teórico/metodológico em sala de aula, e também dos professores supervisores das escolas campo, que foram os pontos de referência, nas escolas campo, para nos espelharmos e refletirmos sobre as questões educacionais.

Os trabalhos desenvolvidos no estágio supervisionado I foram a sequência normal do cotidiano educacional das escolas campo, pois nessa parte do estágio não deve haver intervenção do estagiário, e sim a observação da realidade as escolas campo, como: as aulas presenciais, que são as partes mais expressivas da vida docente, as reuniões e conselhos, que são as partes político administrativa do meio educacional, os planejamentos escolares, que formam as metodologias de ações para alcançar os resultados esperados, as aulas práticas, que colocam em prática as teorias vistas em sala de aula.

O estágio supervisionado I é importante para os acadêmicos licenciandos, pois os inserem na vida docente e educacional, no cotidiano das escolas públicas, e os fazem



pensar e refletir sobre o panorama atual, e proporem mudanças que visam melhorar a realidade.

Um grande desafio com o qual o aluno de um curso de licenciatura tem de lidar é unir prática e teoria. Se esse problema não for solucionado ou pelo menos reduzido durante a vida acadêmica do educando, essa dificuldade se refletirá na sua prática como professor.

Não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma (FÁVERO, 1992, p.65).

Um bom professor se faz a partir da prática e das experiências que são adquiridas com o contato com a realidade de uma instituição, pois com essas experiências ele terá de pensar e refletir para propor soluções com melhores métodos, e formas de fazer com que haja um melhor ensino e conseqüentemente uma melhor aprendizagem dos alunos.

De acordo com MAFUANI (2011), a experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano.

Segundo BIANCHI et al. (2005), o Estágio Supervisionado é uma experiência em que o aluno mostra sua criatividade, independência e caráter. Essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional corresponde com sua aptidão técnica. Esta atividade é oferecida nos cursos de licenciatura a partir da segunda metade dos mesmos, quando o graduando já se encontra inserido nas discussões acadêmicas para a formação docente e ela é apenas temporária. É nesse momento que os alunos podem compreender e relacionar melhor os conteúdos teóricos vistos em sala de aula, e poder pensar maneiras de aplicá-los da melhor forma que encontrarem.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Conforme TAKAHASHI (2002), os cursos de licenciatura habilita seu titular a ser professor em escolas de Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. As Universidades Federais do Brasil oferecem licenciaturas nas áreas de Pedagogia, Letras, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Psicologia, Artes, Educação Física, Matemática, Ciências Naturais, Biologia, Química, Física e Informática. O licenciado, assim como o bacharel, pode ser professor em universidades, na categoria de professor auxiliar, mas a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação dificulta tal atividade uma vez que priorizam docentes com Mestrado, Doutorado, Pós Doutorado ou Livre Docência.

Para concluir a graduação de licenciatura em geografia é necessário realizar com êxito o estágio supervisionado, sendo que o mesmo, no curso de licenciatura em geografia da unidade universitária da UEG em Iporá-GO, foi realizado no Colégio Estadual Osório Raimundo De Lima. O colégio funciona nos três períodos, matutino, vespertino e noturno, e tem sua clientela, na grande maioria, formada por alunos residentes na periferia e de condições econômicas baixas. E a Escola Estadual Israel Amorim, que atualmente está com mais de 500 alunos nos turnos matutino e vespertino, e a escola é Inclusiva e atende alunos de 1ª e 2ª fase do Ensino Fundamental. Por ser situada no centro da cidade tem sua clientela oriunda de diversos bairros, e formada por diversas classes sociais, em grande maioria de renda média a baixa.

A imagem a seguir, mostra alunos e alguns professores na fachada da Escola Estadual Israel Amorim, onde ocorreu parte do estágio supervisionado I.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451



Imagem 1: Escola Estadual Israel Amorim. **Fonte:** <http://escolaisrael.blogspot.com.br/>

A Escola Estadual Israel Amorim tem uma forte ligação histórica com a cidade de Iporá, pois é bastante antiga e leva em seu nome o nome do primeiro prefeito eleito do município de Iporá.

Na tabela a seguir podemos observar a evolução e as metas projetadas do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

Tabela 1: Índice de desenvolvimento da educação básica – IDEB - 8ª série/9º ano das escolas campo.

	Ideb Observado				Metas Projetadas							
	Ideb Observado				Metas Projetadas							
Escola ↕	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
ESCOLA ESTADUAL ISRAEL AMORIM		3.4	3.8	4.4		3.5	3.7	4.0	4.4	4.6	4.9	5.1
Escola ↕	2005	2007	2009	2011	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
COLEGIO ESTADUAL OSÓRIO RAIMUNDO DE LIMA	2.9	3.1	2.6	2.9	2.9	3.1	3.3	3.7	4.1	4.4	4.7	4.9



Fonte:<http://portal.inep.gov.br/>

A tabela acima mostra a evolução das notas das provas do IDEB (índice de desenvolvimento da educação básica) bem como as metas projetadas a serem atingidas pelas escolas. No caso da Escola Estadual Israel Amorim, a melhor nota foi a do ano de 2011, enquanto que no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima, a melhor nota foi a do ano de 2007, e nos anos posteriores a instituição não conseguiu atingir suas metas projetadas.

Pose-se observar durante o período do estágio supervisionado I, a notória vontade dos professores e dos profissionais da educação, da instituição conseguir alcançar e/ou ultrapassar as metas projetadas pelo IDEB. Porém a reflexão que me surgiu foi que não se podem comprovar com os números estatísticos do IDEB, itens como a qualidade do ensino, o ambiente de trabalho, a cooperação mútua, a aprendizagem efetivamente útil para se viver melhor, a qualidade de estrutura física das instituições, as condições de trabalho, etc.

No período do estágio supervisionado I podem ser observados alguns aspectos negativos, como a desmotivação de alguns professores com a docência devido as más condições de trabalho e os baixos salários, porém mesmo assim eles cumprem seu papel fundamental para o aprendizado dos alunos. Os professores deveriam ser mais valorizados e ser investido em sua formação profissional, pois eles são os principais agentes na transformação da realidade da educação e consequentemente dos alunos. Foi visto também as más condições na infraestrutura física das escolas campo e nos recursos tecnológicos que são poucos e obsoletos. Os recursos físicos tem um papel importante no auxílio de metodologias que facilitam o entendimento e compreensão dos alunos. Deveria ser mais investido em recursos físicos e tecnológicos para aumentar a capacidade de disseminação do conhecimento.

Alguns pontos positivos foram possibilitados com o estágio supervisionado I como a contribuição para a formação do estagiário licenciando, a visão da possibilidade de intervenção para contribuir com a mudança em benefício da educação, o reconhecimento de alguns alunos com o empenho dos professores em ajudá-los a modificação de suas realidades para algo melhor, a interação harmoniosa dos colegas



professores em prol da educação, e para os estagiários tem-se uma motivação para aprofundar nos conhecimentos do curso de geografia nos seus diversos conteúdos, desde a área humana até a área física, podendo empenhar mais em acumular saberes.

CONCLUSÕES

Com a vivência no período do estágio supervisionado I, pode-se concluir que o estágio supervisionado I contribui para os entendimentos do licenciando a respeito da realidade educacional brasileira e o funcionamento do sistema educacional brasileiro, sendo de extrema importância tais entendimentos para os estagiários dos cursos de licenciatura. O estágio supervisionado proporcionou um contato direto com a prática docente em instituições públicas, podendo ser refletido as questões que tangem a melhoria da educação no Brasil.

De um modo geral, pode-se observar que a realidade educacional das escolas campo não são as mais desejáveis, porém com a vivência do estágio supervisionado I, surgiram vários pensamentos e reflexões de como poder ajudar para melhorá-las, partindo do princípio de que para ensinar é preciso primeiro saber, e por isso deve haver um contínuo estudo nos conteúdos do curso de geografia.

Para mim como estagiário e para minha formação como futuro professor, o estágio supervisionado I contribuiu no sentido de modificar minha visão do que vem a ser um educador, e da sua importância para a sociedade, pois através da educação podemos modificar nossas vidas para melhor, termos maior qualidade de vida, e vivermos em harmonia com o meio.

Quanto a próxima fase do estágio, o estágio supervisionado II, que engloba, regência e projeto de intervenção, espero que contribua como o estágio supervisionado I contribuiu, e que acrescente ainda mais experiências cotidianas com a prática educacional, fazendo com que surjam novos pensamentos e novas reflexões para poder melhorar ainda mais meu entendimento, compreensão e posterior ações que ajudem melhorar o ensino educacional da educação básica e pública no Brasil.



REFERÊNCIAS

- BIANCHI, A. C. M., et al. Orientações para o Estágio em Licenciatura. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BARRETO, M. O. Introdução. In: Experiência de estágio 2011: Os desafios e contribuição do estágio para a formação inicial do professor, Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá. Iporá, 2012, Pg 08-11, ISSN: 2316-8455.
- SILVA, W. K. L.; SOUSA, A. M. de. A prática do estágio: as vivências e aprendizagens de ser um educador. In: Experiências de estágio 2011: Os desafios e contribuições do estágio para a formação inicial do professor. Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá. Iporá, 2012, Pg 62-67, ISSN: 2316-8455.
- MAFUANI, F. Estágio e sua importância para a formação do universitário. Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>. Acesso em: 03 out. 2013.
- Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>, Acesso em 03 out. 2013.
- TAKAHASHI, L. T. Graduação em matemática. 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/matematica/licenciatura/>, Acesso em 31 out. 2013. Acesso em 03 out. 2013.



O COTIDIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EDUCAÇÃO E TRANSDICIPLINARIDADE

BATISTA, Daiane Ferreira¹; MARQUES, MarluCIA²
Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá
daiane-fb@hotmail.com¹; marluCIA.marques@yahoo.com.br²

RESUMO: O campo educacional tem passado por um período de provações com a necessidade de modificações e atualizações por parte dos profissionais da educação, que precisam dedicar-se ainda mais para conseguir chamar a atenção do aluno para o conteúdo, criando novas estratégias de ensino, visando a transdisciplinaridade para evidenciar a presença da geografia em seu cotidiano. Diante disso o presente trabalho tem como objetivo demonstrar a experiência do Estágio Supervisionado do 3º e 4º ano vivenciadas pelos alunos do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - UnU de Iporá, durante o período do Estágio Supervisionado, por meio das aulas ministradas na fase da regência e também no projeto de intervenção pedagógica “Recli-ação: uma maneira de preservar o meio ambiente” aplicado em salas de segundo ano do Ensino Médio, do Colégio Ariston Gomes da Silva, na cidade de Iporá/GO. Para isso foi feito um levantamento bibliográfico sobre a importância da transdisciplinaridade dos conteúdos geográficos em sala de aula, bem como novas estratégias metodológicas que despertem o interesse por parte dos alunos, com aulas expositivas que se relacionam com o cotidiano desses e a exposição dos resultados alcançados na execução do projeto realizado. As atividades atribuíram resultados relevantes, quando os alunos participaram de forma direta na construção dos produtos recicláveis como pufs, porta canetas, bolsas, criados a partir de materiais considerados lixo, dando novas formas e possibilitando atribuir valor econômico visando à conscientização sobre a preservação do meio ambiente. A escolha desta metodologia utilizada foi devido à necessidade de interação dos alunos com o conteúdo sobre preservação ambiental relacionando-os com o seu dia-a-dia, resultando na participação integral na proposta didática pedagógica com aulas práticas e visuais.

Palavra chave: Educação; Geografia; Transdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Pensando na importância do meio ambiente para o desenvolvimento da vida no planeta, os alunos do curso de Geografia da UEG – Unidade Universitária de Iporá, por meio do Estágio Supervisionado, desenvolveram trabalhos relacionados aos conteúdos didáticos pedagógicos da matriz curricular em aulas de regência e o projeto de intervenção pedagógica com temas que possibilitaram a conscientização sobre a necessidade da preservação ambiental e sua relação com o cotidiano das pessoas. Na fase de observação e semirregência os acadêmicos perceberam que os alunos da escola campo demonstravam pouco interesse pelos conteúdos de geografia, diante disso surgiu



a necessidade da alteração na metodologia aplicada, utilizando estratégias metodológicas transdisciplinares, apresentando a relação que os conteúdos geográficos expressam no cotidiano do aluno.

O Estágio Supervisionado possibilita aos acadêmicos vivenciar a realidade das escolas familiarizando-se com as atividades do corpo docente. Além disso, permite ao estagiário o aprimoramento do conhecimento teórico adquirido durante o curso, trabalhando com novas metodologias, como transdisciplinarizar os conteúdos, o que proporcionam resultados benéficos no aprendizado dos alunos das escolas trabalhadas.

O período da regência e semiregencia oferecidos para os acadêmicos de licenciatura viabilizam uma preparação inicial para o campo de trabalho, construindo juntamente com os professores novas metodologias de ensino para resultados precisos no processo de ensino aprendizagem entre o aluno e professor. As práticas escolhidas no estágio foram analisadas e aprovadas pelas professoras orientadoras da UEG e pelos professores supervisores das escolas.

A experiência conquistada pelos acadêmicos por meio do estágio proporciona inúmeros benefícios para a sua vida profissional, como experiência na organização das aulas e a relação que ocorre entre professor e aluno. É notável perceber que o espaço escolar se torna social envolvendo toda a comunidade e os aspectos cotidianos das pessoas. Para tornar esse ambiente mais atrativo para os alunos, depende do esforço e dedicação dos professores ao trabalhar os conteúdos necessários de forma que os estimulem a participar com interesse. Se há uma negação por parte do aluno em realizar determinada atividade é necessário analisar o motivo para que haja possíveis mudanças teóricas e metodológicas em sua aplicação, de forma que os alunos se tornem mais motivados para a aprendizagem.

A falta de estímulo dos alunos diante dos conteúdos geográficos, traz a necessidade da criação de estratégias transdisciplinares para desenvolver o conteúdo levando em conta a interação do tema trabalhado com a realidade dos alunos. Desta forma justifica-se o tema deste trabalho a necessidade dos acadêmicos em obter conhecimento pela prática pedagógica no período da semiregencia e regência para que consiga perceber as carências educacionais dos alunos e buscar novas maneiras de



trabalhar os temas geográficos como transdisciplinarizar conteúdos para que haja melhor fixação. Sendo utilizados recursos áudio visuais apresentações de vídeos explicativos sobre a preservação ambiental e maneiras de reutilizar o lixo, criando objetos reciclados, como proposta para o projeto de intervenção pedagógica. A princípio é necessário fazer uma abordagem sobre o assunto observando a bagagem teórica que os alunos possuíam sobre o tema para depois aprofundar no conteúdo até alcançar os objetivos da matriz curricular.

Para realização do projeto de intervenção do Estágio Supervisionado, os estagiários optaram por realizá-lo no Colégio de Ensino Médio Ariston Gomes da Silva, o critério utilizado na escolha foi devido a serie escolhida para trabalhar sendo alunos do 2º ano. A temática escolhida foi a preservação do meio ambiente por práticas de reciclagem e foi aplicado nas turmas de 2º ano do turno vespertino. Foram ministrados conteúdos teóricos embasados nas obras de Marodin e Moraes (2013, 2-4p.) e Zuben (1998, 54.), que tratavam da criação de materiais reciclados confeccionados pelos alunos a partir de objetos considerados lixo, mitigando assim, o pensamento crítico e a conscientização das pessoas de suas responsabilidades éticas diante do espaço ambiental. A metodologia buscou atingir os objetivos da proposta inicial do trabalho fazendo com que os alunos participassem das aulas e também do projeto de intervenção, de forma descontraída e espontânea sem que fosse necessário decorar o conteúdo para aprendê-lo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Estágio Supervisionado proporciona a oportunidade de conhecimento da área de trabalho do futuro professor, as dificuldades que serão encontradas e os benefícios de saber ensinar, dando uma visão da realidade profissional. Neste contexto Pimenta e Lima (2005, 2p.) discorre “O estágio é o eixo central na formação dos professores, pois através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia.”

As crianças e jovens que se frequentam as escolas atualmente, são introduzidos no novo modelo de mundo globalizado, e há a necessidade do



acompanhamento por parte dos professores diante das novas tecnologias, para que o aluno se interesse pelo conteúdo. Há professores que ainda não adotaram uma forma moderna de ensinar como a utilização de recursos de mídia para diversificar a metodologia, com isso o aluno se desinteressa pelos assuntos propostos e acaba não conseguindo atingir a média esperada pela escola. Cabe ao professor se familiarizar com novas práticas de ensino, com maneiras divertidas que fixam a atenção dos alunos para a aula. Por outro lado, os alunos trazem consigo uma grande bagagem de conhecimento prévio sobre diversos assuntos e a geografia consiste em temas vividos pelas pessoas, sendo assim os alunos conseguem exemplificar experiências que já viveram, interagindo com a aula e contribuindo com os demais colegas da sala.

Guimarães (2007, 45-66p), afirmam que os professores ainda mantêm suas metodologias de ensino com formas tradicionais de repassar os conteúdos utilizando apenas os livros didáticos, tanto no nível Fundamental quanto no Médio, mas com a demanda educacional exigindo renovação, os profissionais da educação apresentam mudanças perceptíveis, reforçando a utilização de novas metodologias que interagem com o cotidiano dos alunos, trabalhando os conteúdos de forma transdisciplinar

Essa nova maneira de ensinar conteúdos geográficos colabora para a formação de indivíduos críticos, pois, ajuda os alunos a ter opinião própria e não aceitar todos os conceitos já existentes sem fazer uma leitura crítica do assunto.

Relacionar a vida dos alunos com os conteúdos didáticos traz conhecimentos reais de seu cotidiano, utilizando uma prática nova de crescimento individual. Diante disto Pires (2012, 2p.) afirma que

Não é possível preparar alunos capazes de atuar como cidadãos, ensinando conceitos geográficos desvinculados da realidade ou que se mostrem sem significado para eles, esperando que saibam como utilizá-los posteriormente. Diante dessa realidade, apenas as mudanças realizadas nos conteúdos não contribuem para a Geografia deixar de ser tradicional (PIRES 2012, 2p.).

O problema maior encontrado nas escolas não é o conteúdo em si, mas sim a maneira de trabalhar a teoria geográfica no repassar do conteúdo para o aluno podendo torná-la tradicional ou crítica ocasionando interação do tema com sua vida.



Uma das justificativas utilizadas pelos professores em não optarem pela criação de novas formas de ensino, continuando a atuar de forma tradicional, está relacionada ao piso salarial que recebem, mas o bom educador deve sair do comodismo atual para conseguir atingir as regras da sociedade de ensino moderno.

O professor tem a função de levar o aluno a expor as concepções sobre o tema trabalhado, e mostrar a importância de aprender sobre aquele dado conteúdo. Pires (2012, 5p) destaca que

Um dos principais objetivos reservados ao ensino de Geografia consiste, antes de tudo, em dotar o aluno da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento, possibilitando-lhe o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, que propiciem uma aprendizagem para a vida (PIRES, 2012, 5p.).

Essas particularidades são essenciais para ocorrer o processo de ensino/aprendizagem, pois o aluno deve interessar-se pelo assunto e o professor ser capaz de transmitir o conteúdo. Codo e Gazzotti (2000, p. 50) dizem “Através de um contato tácito, onde o professor se propõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender”.

Sendo assim cabe à escola propor aborda a dicotomia do campo dos saberes teóricos para a prática vivida. Geográfica torna-se interessante ao trabalhar temas que visam à solução de problemas do cenário atual, principalmente os transmitidos pelas redes de telecomunicações ou mesmo gera a reflexão de aspectos passados.

Partindo dessa visão percebe-se a necessidade de englobar outros ramos disciplinares para atingir os resultados esperados. Ao trabalhar o espaço geográfico, uma das maneiras que os estagiários encontraram para realizar a regência foi transdisciplinarizar os conteúdos, em que se realiza uma comunicação entre as ciências, ou seja, ocorre um vínculo de parceria entre das matérias. Fialho (2013, 42.) explica esta importância metodológica

[...] a transdisciplinaridade significa uma forma de evolução em relação à abordagem interdisciplinar, pois eleger como preocupação algo que vai além da compreensão da dinâmica das transformações ambientais, através do conhecimento das interações entre os elementos presentes na paisagem. (FIALHO, 2013, 42.)



Desta forma permitiria uma conversa direta entre os professores das várias disciplinas para a resolução de um só problema, ocasionado a aproximação entre as áreas educacionais e até mesmo dos alunos, a fim de conquistar a emancipação que permite o surgimento de novas maneiras de comunicação. Percebe-se que é impossível enxergar a geografia sem a matemática ou a história e etc. por isso a importância do trabalho em equipe, para facilitar a compreensão dos alunos e a formação de cidadãos mais críticos.

As alterações provocadas pelo homem diante do meio ambiente relacionadas com sua degradação trazem a necessidade de estudos que tratam de esclarecer sobre o tema, expondo como podem ser realizadas práticas que minimizem este processo. Assim no projeto aplicado pelos estagiários foram utilizadas bibliografias que apontaram os principais desafios encontrados para amenizar as modificações causadas pelo homem diante da natureza e as possíveis formas que podem ser aplicadas por atitudes simples que acarretam grandes benefícios para a sociedade. São perspectivas que devem ser estimuladas pelos professores para que os alunos não fiquem apenas com a leitura didática em sala de aula, mas que os estudos resultem em ações que mudem o quadro de conscientização em prol da natureza, diante disto Guimarães (1995, 28.) afirma sobre Educação Ambiental

É transformadora de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de uma nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas ser humano/sociedade/natureza objetivando o equilíbrio local e global, como forma de obtenção da melhoria da qualidade de todos os níveis de vida (GUIMARÃES, 1995, 28p).

Assim é possível trabalhar na escola temas que relacionem a geografia com a realidade em que os alunos vivem e a questão ambiental em que “[...] as experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem” (CALLAI, 1986, 136p). Se o aluno vivencia experiências que expressam danos ao meio ambiente em seu cotidiano, é possível instigar alteração na postura diante das atitudes sobre preservação ambiental de forma criativa e estimuladora.



A partir desses conceitos, foi aplicado um projeto em que os alunos conseguiram não apenas a conscientização sobre a temática ambiental, mas também repassaram essa nova visão para os demais alunos da escola. Assim o tema geográfico trabalhado com os alunos despertou a curiosidade e o interesse, trazendo bons resultados na exposição do projeto.

METODOLOGIA

Na primeira e segunda fase do Estágio Supervisionado, os estagiários apenas observaram a rotina da escola e dos professores, participando das atividades diárias e auxiliando nas propostas de trabalho. Já na terceira fase, a responsabilidade aumenta, pois, o desenvolvimento dos conteúdos curriculares fica sob a responsabilidade dos estagiários.

A base teórica da geografia acumulada durante o período de estudos na Universidade, a utilização dos materiais didáticos pedagógicos oferecidos pela escola campo e as fontes de pesquisas atuais voltadas para a mídia, foram os suportes para o planejamento das aulas ministradas no período da regência. Os recursos áudio-visuais, e a transdisciplinaridade dos conteúdos proporcionaram aulas mais práticas ampliando o foco pedagógico. Em relação ao emprego de novos recursos didáticos pedagógicos em sala de aula melhorar o envolvimento despertando o interesse dos alunos para a matéria Callai (2006, 42p.) afirma “filmes, vídeos, clips musicais, músicas, artigos de revistas, jornais, podem nos levar aos conteúdos da disciplina, exigindo-se do professor apenas que tenha os referenciais teóricos e metodológicos da sua ciência”.

Após a exposição do conteúdo por meio de slides contendo inúmeras imagens, gráficos, tabelas, mapas, e os vídeos, os alunos responderam algumas questões referentes à temática apresentada, em seguida, foi realizado um debate com todos os alunos para comentar as respostas descritas. Desta forma foi percebida a compreensão do conteúdo, diante da exposição das idéias.

Ao aplicar essa metodologia de ensino, tornou-se mais fácil a interação dos alunos com o professor, pois, conseguiram reconhecer pelas imagens semelhanças dos



conteúdos aplicados em sua região, em que o aluno percebe que a geografia está inclusa em todos os detalhes de uma cidade por exemplo. Isso os instiga a pensar, criar, lembrar, reconhecer elementos que estão presentes em seu dia-a-dia e passam despercebidos por não serem tratados de maneira criativa e objetiva. Gauthier (1998, 204p.) mostrar em sua obra alguns meios que possibilitam o aluno interagir mais com os conteúdos, visando um desempenho satisfatório

Adaptar a tarefa aos interesses dos alunos; incluir um pouco de variedade e de novidade; permitir que os alunos escolham ou tomem decisões de modo autônomo; fornecer aos alunos ocasiões para responder ativamente; fornecer retroação imediata às respostas dos alunos; permitir que os alunos criem um produto acabado; incluir um pouco de fantasia e elementos de estimulação; incorporar às aulas situações lúdicas; prever objetivos de alto nível e questões divergentes e fornecer aos alunos ocasiões para interagir com outros. (GAUTHIER, 1998, 204.)

Após as palestras os estagiários auxiliaram os alunos na criação de produtos a partir dos objetos recicláveis que levaram para a sala. Foram criadas pufs de garrafas pet, luminárias de copos plásticos e colheres, porta canetas com latas de alumínio, bolsas de caixas de sabão em pó e etc. cada grupo de aluno era responsável na criação de um cartaz retratando a conscientização ambiental das pessoas. Esses cartazes foram espalhados pelas demais salas de aula e pátios da escola. No final de todas as criações recicladas, foi organizada no pátio da escola uma mostra com a exposição dos trabalhos feitos pelos alunos, quando todos observaram e se surpreenderam com a quantidade de objetos que podem ser criados a partir do que se considera lixo.

Os estagiários escolheram alguns alunos das salas onde foi aplicado o projeto para falar sobre o tema, colar cartazes de conscientização ambiental e convidar os demais alunos da escola a participar da mostra, conforme as figuras 1 e 2.



Figura 1 e 2: Participação dos alunos na divulgação do projeto
Foto: Daiane Ferreira 2013.

Durante a mostra os professores e gestores da escola juntamente com as demais salas de aula puderam analisar os objetos confeccionados a partir do lixo reciclável, trago pelos alunos e pelos estagiários. A exposição foi feita em mesas e no chão do pátio da escola onde os alunos regentes do projeto explicaram como foram criadas as peças e a importância da reutilização de materiais recicláveis para o meio ambiente, conforme as figuras 3 e 4.



Figura 3: Grupo gestor/escolar no reconhecimento do trabalho. Foto: Daiane Ferreira 2013. **Figura 4:** Mostra das peças produzidas. Foto: Daiane Ferreira 2013.

A proposta de trabalho surgiu a partir da idéia de trasdisciplinarizar a matéria de artes com as temáticas geográficas na produção dos objetos. Percebe-se que é de extrema importância realizar trabalho como esse, pois, além da contribuição pedagógica, melhora a concentração, o interesse pela aula e pelo ensino além de



contribuir para a conscientização das pessoas com a saúde, higiene e a conservação da natureza.

A primeira fase do Estágio Supervisionado oferece ao acadêmico o contato inicial com as escolas-campo no 3º ano realizado na Escola Estadual Jorcelino Alves Barbosa e no 4º ano no colégio Ariston Gomes da Silva, permitindo realizar a observação. Já na fase da semirregência é possível auxiliar a escola nos aspectos gerais e em sala de aula. No entanto, é na fase da regência que o acadêmico assume total responsabilidade no domínio de sala de aula e também do conteúdo a ser aplicado sendo o momento em que passa de aluno a professor regente da turma, sendo na transmissão do conteúdo de forma precisa e clara, sendo necessárias formas dinâmicas e atrativas na metodologia utilizada.

As atividades foram acompanhadas pelos professores orientadores do estágio e pelos professores regentes das escolas, envolvendo o corpo docente no decorrer dos trabalhos realizados pelos estagiários. De início, as aulas já formuladas e também o projeto de intervenção foram apresentados aos professores, para que pudessem dar sugestões para melhor formulação teórica dos conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos constatou-se que a escola deve tornar-se um ambiente agravável, que estimula a curiosidade e a criatividade dos alunos, com atividades que proporcionam mudanças nos planejamentos dos professores mesmo que deparem com situações de desinteresse e falta de compromisso. O principal papel do professor é preparar cidadãos que consigam construir uma nova realidade e dela participar de forma crítica.

Autor como Assmann (2003, 23p), afirma que o ambiente educacional deve significar para o aluno um lugar gostoso de estar, agradável, atrativo, que propicie desejo de permanecer e contribuir com as atividades. Para que isso ocorra é necessário seguir o que Kaercher (2007, 32p) destaca afirmando “nós, professores, precisamos de imaginação e da fantasia”. O trabalho realizado pelos estagiários teve como objetivo



interdisciplinarizar os conteúdos, lançando novos desafios aos alunos os quais eles não estavam acostumados, criando novas práticas metodológicas cotidianas, prendendo a atenção tornando as aulas mais atraentes e motivadoras, não ignorando o foco geográfico o teor teórico do conteúdo.

O Estágio Supervisionado pode oferecer subsídios teóricos metodológicos importantes na formação acadêmica dos estagiários, possibilitando a experiência do reconhecimento do espaço de trabalho e a convivência com os benefícios e dificuldades que serão encontrados. A escolha da metodologia aplicada em sala de aula e no projeto de intervenção ofereceu um leque de possibilidades educacionais, retirando formas de interdisciplinarizar os conteúdos, incluindo matérias como artes, por exemplo, o que foi aplicado no projeto de intervenção. Hoje a criação de maneiras diferentes em aplicar conteúdos geográficos é facilitada, pois, as novas tecnologias oferecem diversos ramos possibilitando trazer os conteúdos didáticos para o cotidiano do aluno.

Concluindo observa-se que o Estágio Supervisionado juntamente obras de diversos autores que citam a importância de trabalhar conteúdos transdisciplinares e temas sobre o meio ambiente, criando condições para que este aluno torne construtor de sua criticidade. São reflexões que mostram o quanto o trabalho do professor é importante, como o de transportar os conteúdos curriculares para a vida do estudante, de forma que ele vivencie o seu cotidiano nas matérias escolares, trazendo a geografia para a realidade vivida por eles e interpretada pelos estudos geográficos.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 7ª ed - Petrópolis/RJ: Vozes, 2003, 23p.
- CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino?**. São Paulo: Terra Livre, 1986, 136p.
- CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. IN: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006, 42p.



- CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. **Trabalho e afetividade**. In: CODO, W. (Org.). Educação: carinho e trabalho. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, 50p.
- FIALHO, E. S; **O meio ambiente: o discurso geográfico rumo a transdisciplinaridade**. Departamento de Artes e Humanidades - Geografia Universidade Federal de Viçosa (UFV) Campus Universitário – Viçosa – MG. Revista Ponto de Vista – Vol.4. 42p.
- GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí (RS): UNIJUÍ, 1998, 204p.
- GUIMARÃES, I. **Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos**. In: Terra Livre. Presidente Prudente. Ano 23, v. 1, n. 28, p. 45-66. Jan-Jun/2007.
- GUIMARÃES, Mauro. **A Dimensão Ambiental na Educação**. 8 ed. Campinas, SP. Papirus, 1995, 28p.
- KAERCHER, Nestor. André. **Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço**. In: Neves, Iara Conceição Bitencourt. Souza, Jusamara Vieira. Schäffer, Neiva Otero. Guedes, Paulo Coimbra. Klusener, Renita (Orgs). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, 32p.
- MARODIN, V. S, MORAIS, G. A. **Educação Ambiental com os temas geradores lixo e água e a confecção de papel**. 2004. 2-4 p. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte – Set. de 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrext/Educa/Educa62.pdf>>. Acesso: 20/07/2013.
- PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2º Edição. São Paulo. Revista Poiesis - Volume 3, 2 p. 2005/2006.
- PIRES, L. M. **Ensino De Geografia: Cotidiano, Práticas E Saberes**. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Morrinhos, 2-5p. Unicamp - Campinas – 2012.
- ZUBEN, F. V. **Meio Ambiente, Cidadania e Educação**. Departamento de Multimeios. Unicamp. São Paulo, Tetra Pak Ltda. 1998. 54p.



O MUNDO MARAVILHOSO DOS FUNGOS: EXPERIÊNCIAS DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA NO PIBID

MOTA, Gislene Alves¹; COSTA, Jéssica Alves da; OLIVEIRA-NETO, José Firmino de;
OLIVEIRA, Luciana Santos; SANTOS, Kelma Alice; MOURA, Susana Ferreira de;
PONTES, Ueslene Maria Ferreira; MACCAGNAN, Douglas Henrique Bottura

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹gislene2009@hotmail.com

Resumo: *Ultrapassando a visão tradicional de educação, no Ensino de Ciências é primordial o emprego de recursos pedagógicos que auxiliem no processo de aprendizagem. Assim, este trabalho visa relatar as experiências obtidas durante a realização da oficina “O mundo maravilhoso dos fungos”, mediante a utilização da modelagem e da experimentação como metodologias de ensino que propiciam uma metodologia de ensino para uma aprendizagem eficaz. A pesquisa de caráter qualitativo pretende descrever as nuances da oficina, que foi dividida em três momentos utilizando técnicas distintas (aula expositiva, aula prática e modelagem). O uso destas metodologias permitiu compreender a relevância da mesma para uma prática docente diferenciada, possibilitando elevar significativamente a percepção do público alvo, os alunos.*

Palavras-chave: *Metodologia; Aulas Práticas; Modelagem; Micologia.*

Introdução

No ensino educacional alguns docentes ainda utilizam o modelo tradicional, onde as informações são transmitidas dos professores para os alunos, e esse método de ensino não gera um aprendizado significativo para os discentes, pois os alunos não interagem com os professores e os conhecimentos transmitidos pelos professores não assimilados pelos alunos, ou seja, se faz o uso somente da memorização dos conteúdos, diante disso, não ocorre a aprendizagem (ROQUI et al., 2013).

O ensino tradicional deixou várias sequelas, assim se faz necessário a utilização de novas metodologias de ensino para auxiliar o professor na transmissão de conhecimentos, como a utilização de recursos didáticos, como por exemplo: a utilização de vídeos, televisão, aula práticas, modelagem, jogos, aula campo e dentre outros (SILVA et al., 2012). Dessa forma, no momento em que se utiliza um recurso didático, desperta-se no aluno a motivação para a participação, e desenvolve uma maior



capacidade de observação, aproximação para a realidade e permite a fixação da aprendizagem (SANTOS, 2011). Segundo Araújo (2011) a experimentação para o ensino de Ciências e Biologia é de grande importância para a construção do saber científico e compreensão do mundo em que vivemos, pois é necessário que o saber científico seja construído de forma correta e gratificante, onde o aluno possa ser desafiado a explorar, desenvolver, avaliar seus próprios pensamentos e interligar o educando da sua realidade de vida (ARAÚJO, 2011).

No Ensino de Ciência é necessário envolver o conhecimento científico e o senso comum, pois assim o aluno percebe a significância dos conteúdos trabalhados pelo professor, uma vez que a disciplina de Ciências encontra-se interligada com a Ciência experimental, de comprovação científica, articulada a pressupostos, teóricos, onde a realização de experimentos é utilizada como uma estratégia didática para o ensino aprendizagem (BUENO & KOVALICZN, 2013).

O experimento na escola é de suma importância para o ambiente escolar, pois esse método de ensino facilita a melhor absorção dos conteúdos e auxilia o professor a interligar a teoria e prática, porém a atividade experimental deve ser desenvolvida sob a orientação do professor, a partir de questões investigativas, que envolvem aspectos da vida dos alunos e que se constituam em problemas reais e desafiadores, no qual deve oferecer condições para que os alunos possam levantar e testar suas hipóteses e suposições sobre os fenômenos científicos que ocorrem em seu entorno (BUENO & KOVALICZN, 2013).

As aulas práticas também é uma metodologia de grande importância, onde os educandos geram hipóteses e ideias aprendidas no cotidiano escolar e essa metodologia desperta o interesse do aluno, bem como se espera que o discente construa um conhecimento significativo e não o de memorização (CARMO & SCHIMIN, 2013; KRASILCHIK, 1983).

As atividades práticas no ambiente escolar pelos professores provocam a intensa participação dos alunos, além disso, amplia as possibilidades de aprendizado e as vivências experimentais podem ajudar a compreender o estudo da Biologia (MARASINI, 2010). Bem como, é fornecida aos educandos a possibilidade de enfrentar



resultados imprevistos, oportunizando-lhes desafiar sua imaginação e raciocínio (ROSSASI e POLINARSKI, 2013).

Diante de algumas dificuldades que a escola enfrenta, sendo a escassez de material biológico e infraestrutura, alguns exemplos, se faz necessário a utilização de materiais didático-pedagógicos alternativos. A partir da utilização de materiais de baixo custo, facilmente adquiridos, é possível desenvolver aulas mais atraentes e motivadoras nas quais os alunos são envolvidos na construção de seu conhecimento. Os modelos didáticos correspondem a um sistema figurativo que reproduz a realidade do aluno, facilitando o aprendizado e despertando o interesse dos alunos.

No Ensino de Ciências, deve-se valorizar o material didático, a imagem, a simulação e o jogo são relevantes para o ensino das crianças. A imagem, sobretudo em movimento, serve como divisor de tipos de materiais didáticos, em relação a formas e conteúdos. A imagem que acrescenta significados para o aluno, que ajuda a esclarecer um conceito, contribui para o desenvolvimento de habilidades intelectuais, mas que, também, provoca, instiga, faz pensar (UNIVESP, 2013).

Uma metodologia que pode ser empregada a baixo custo é a modelagem com materiais alternativos, sucatas, dentre outros materiais de custo reduzido e de fácil acesso pelo professor, como a massinha de modelar. A modelagem proporciona aos alunos o despertar o aprendizado, utilizando os modelos na sala aula, em oficinas ou feiras científicas (BEZARRA & BRITO, 2013; FERREIRA, 2006). O processo de modelagem pode contribuir na construção do conhecimento, auxiliando os alunos a entender de forma mais clara o conteúdo, promovendo um entendimento que vai além da memorização de fatos (FERREIRA, 2006).

Dado o exposto este trabalho tem com objetivo relatar as experiências obtidas durante a realização da oficina “O mundo maravilhoso dos fungos”, mediante a utilização da modelagem e da experimentação como metodologias de ensino que propiciam um ensino e uma aprendizagem eficaz.

MATERIAIS E MÉTODOS



O trabalho pretende relatar as experiências da realização de uma oficina, intitulada “O mundo maravilhoso dos fungos”, em uma Escola de Ensino Fundamental II, na cidade de Iporá, Goiás. A atividade se deu mediante atuação do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID) subprojeto de Ciências Biológicas, durante o Período de Intensificação da Aprendizagem (PIA), o qual ocorreu em todas as escolas do estado. A atividade foi realizada com alunos que já haviam alcançado média na disciplina de Ciências e não necessitava de reforço, assim o grupo se fazia heterogêneo, o que ampliou as discussões.

A oficina se constituiu de três momentos distintos, sendo eles: 1. Aula dialogada sobre a temática (Fungos); 2. Aula prática, temática fermentação; e 3. Construção de modelos de indivíduos do Reino Fungi.

O primeiro momento desta oficina partiu de uma pergunta, O que são os fungos? Os discentes, à medida da exposição e diálogo, recebiam pistas das características dos indivíduos do grupo, o que lhes permitiu caracterizá-los, bem como distingui-los de outros Reinos, como o animal e o vegetal. Para diversificar a exposição do conteúdo, e para tanto dinamizar a oficina, em segundo momento, foi realizada uma aula prática para elucidar o processo de fermentação, realizada por fungos unicelulares, como as leveduras. A terceira parte se constituiu no uso da modelagem, onde os discentes puderam reproduzir, em massa de modelar, exemplos de espécimes do Reino estudado durante toda a oficina. A produção dos modelos objetivou a fixação das características morfológicas do grupo, bem como a fixação do nome das mesmas, para construção de conhecimento científico.

Dado o exposto este trabalho se pauta em uma pesquisa de cunho qualitativo (OLIVEIRA, 2012), descritivo, já que através de contato íntimo e direto com o objeto de estudo pretende descrever, de modo crítico e reflexivo, as nuances desta oficina.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O desenvolvimento da oficina referente ao Reino Fungi possibilitou abordar práticas pedagógicas diferenciadas, fundamentais para promoção do processo de ensino



e aprendizagem. A introdução da oficina se deu mediante uma pergunta: “Quem são os fungos?”, a mesma permitiu aguçar a curiosidade dos alunos à cerca do assunto trabalhado uma vez que os mesmos participaram de forma significativa durante a exposição do conteúdo. Assim a indagação inicial os motivou para uma busca, a descoberta dos fungos, o entendimento do novo. Esse resultado positivo caminha de acordo com Correia e Pereira (2010) que aponta que a curiosidade natural dos alunos pode ser explorada pelo professor como forma de estimular um pensamento mais reflexivo.

Após a exposição do conteúdo de maneira descontraída, os discentes realizaram uma atividade prática simulando a fermentação, estes tiveram a oportunidade de visualizar todo o processo, além de retirarem dúvidas sobre o assunto. Os alunos conseguiram compreender como ocorre a fermentação, relacionando-a com o Reino Fungi, uma vez que esta é provocada por organismos fúngicos unicelulares. As aulas práticas são relevantes e segundo Amabis e Martho (1998) são atividades que simulam determinados processos permitindo a reflexão sobre os princípios biológicos, estimulando a aprendizagem.

Segundo Krasilchik (1983) a aplicação das aulas práticas possui algumas funções, para tanto no que concerne à mesma, a atividade alcançou alguns dos pontos elencados pela autora, pois conseguiu despertar o interesse do alunado, envolvê-los, bem como proporcionar a compreensão do fenômeno reproduzido.

No momento final da oficina, foi empregada a técnica de modelagem, para a construção de fungos a partir de massa de modelar (figura 01). Os discentes utilizaram a criatividade e fizeram diversos organismos representando a variedade do Reino Fúngico. Em suma, todos os alunos participaram da atividade, sendo que, grande parte, produziu mais de um modelo. O uso correto da modelagem durante as aulas de Ciências é norteador, e “é fundamental no processo da pesquisa científica, fazendo parte do processo natural de aquisição do conhecimento pelo ser humano” (FERREIRA E JUSTI, 2008. p. 1).

A construção de modelos permitiu aos discentes elevar a cognição acerca de estruturas morfológicas dos fungos e outras características particulares, e ainda uma



interação entre os alunos, que trabalharam juntos para utilização dos materiais. Cardona, (2007) afirma que estes recursos pedagógicos estimulam a socialização e faz com que o estudante se sinta ator do próprio aprendizado, proporcionando o prazer da descoberta e do trabalho em grupo.

Contudo, constatou-se que os três momentos da oficina proporcionaram juntos uma sistematização mais elaborada do conhecimento, conquistada a partir de diferentes recursos. Essas evidências foram confirmadas a partir da participação dos alunos durante todas as atividades propostas. “Em uma sala de aula ludicamente inspirada, o professor renuncia à centralização, e reconhece a importância do aluno ser ativo em situações de ensino, sendo sujeito de sua aprendizagem; estimulando constantemente a criatividade” (FTC – EAD, 1998. p. 59).





Figura 7: Organismos fúngicos construídos, a partir de massa de modelar, por alunos da Escola Estadual Edmo Teixeira. Iporá, 2013. A. Aluno manuseando o modelo. B, C e D. Modelos de fungos confeccionados na oficina.

Quanto aos modelos reproduzidos pelos discentes, a predominância se deu por representarem fungos multicelulares como os elucidados acima na figura 1. Em maioria as reproduções se fizeram de fungos da espécie *Amanita muscaria*, mesmo a oficina tendo apresentado diferentes espécies, com morfologias e colorações distintas, talvez o fato se dê pela contínua aparição dos mesmos em desenhos animados, livros de histórias infantis, e mesmo por ser um fungo venenoso.

Foi notório que os bolsistas do PIBID/Biologia a partir da utilização destas técnicas de ensino conduziram a oficina com mais dinamismo, apropriando-se então de uma prática diferenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas durante a oficina possibilitaram aos alunos ampliar sua cognição a respeito do Reino Fungi, percebendo a relevância de recursos de ensinagem diferenciados durante as aulas de Ciências e apresentando eficácia quando trabalhados conjuntamente.

As técnicas aplicadas, tais como, aula expositiva, aula prática e modelagem, permitiram aos autores deste trabalho o aprimoramento da sua prática docente, bem como uma experiência significativa frente à sala de aula. Entretanto, é necessário que os bolsistas PIBID/Biologia estejam em constante aperfeiçoamento acerca de metodologias de ensino, construindo a partir de então sua identidade professoral, incorporando cotidianamente diferentes materiais de auxílio teórico e didático.

Assim, este estudo abre precedentes, a nível local, para o desenvolvimento de estudos com enfoque na relevância de técnicas de ensino durante as aulas de Ciências.

Agradecimentos



Agradecimento à CAPES, ao Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID), a Universidade Estadual de Goiás e a escola onde o trabalho foi realizado.

Referências

- AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. *Temas de Biologia: propostas para desenvolver em sala de aula*. n. 07, São Paulo, Moderna, 1998. Disponível em: <http://www.moderna.com.br/moderna/didaticos/em/biologia/temasbio/atividades/TB07.pdf>. Acessado em 20/10/2013 às 12h45.
- ARAÚJO, D. H. S. *A importância da Experimentação no Ensino de Biologia*. Brasília, 2011.
- BESERRA, J. G. S. e BRITO, C. H.; *Modelagem didática tridimensional de artrópodes, como método para ensino de ciências e biologia*. R. Bras. de Ensino de C&T, 2013.
- BUENO, R. S. M. e KOVALICN, R. A.; *O ensino de Ciências e a atividade experimentais*. Ponta Grossa (PR), 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/23-4.pdf>. Acessado em: 20/10/2013 às 17h20.
- CARDONA, T. S. *Modelos pedagógicos e novas tecnologias: jogos e imagens*. Terceiro colóquio Internacional sobre epistemologia e pedagogia das ciências. 2007. Disponível em: <http://www.dctc.puc-rio.br/prof.com.ciencia/CIEPAC/2007/TaniaSilveiraJogoseImagens.pdf>. Acessado em 18/10/13 às 18h10.
- CARMO, S.; SCHIMIN, E.S.; *O ensino da biologia através da experimentação*. 2013. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1085-4.pdf>. Acessado em 20/10/2013 às 12h30.
- FERREIRA, P. F. M.; *Modelagem e suas contribuições para o ensino de Ciências: Uma análise no estudo do equilíbrio Químico*. Belo Horizonte, 2006.
- FERREIRA, P. F. M.; JUSTI, R. S. *Modelagem e o “Fazer Ciência”*. QUÍMICA NOVA NA ESCOLA, N° 28, MAIO 2008.



FTC – EaD. *Licenciatura em Biologia: Estratégias de Ensino/ Aprendizagem em Biologia*. Faculdade de Tecnologia e Ciências - Ensino a Distância. 1ª edição. 1998

KRASILCHIK, M. *Prática de Ensino de Biologia*. Editora Harper e Row do Brasil Ltda. São Paulo, 1983.

MARASINI, A. B. *A utilização de recursos didático-pedagógicos no ensino de Biologia*. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <
<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35273/000781693.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 20 de Outubro de 2013.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 182 p.

RONQUI, L.; SOUZA, M. R.; FREITAS, F. J. C.; *A importância das atividades práticas a área da biologia*.

ROSSASI, L. B. e POLINARSKI, C. A. *Uma perspectiva a partir da prática docente*. 2013. Disponível em: <
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/491-4.pdf>>. Acessado em: 20 de Outubro de 2013.

SANTOS, L. C. *Experiência com a utilização dos recursos didáticos nas aulas de Ciências do 7º ano na escola Estadual Profº Arício Fortes*. São Cristovão, Brasil. 2011.

SILVA, M. A. S.; SOARES, I. R.; SANTOS, M. N. B.; *Utilização de Recursos Didáticos no processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais em turmas de 8º e 9º anos de uma Escola Pública de Teresina no Piauí*. VII CONNEPI, 2012.



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE MATEMÁTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

NETO, Luziano Moreira Leite¹; PERES, Thalitta Fernandes de Carvalho²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹Luziano_MLN@hotmail.com; ²thalitta.peres@ueg.br

RESUMO: Este trabalho faz parte de uma pesquisa que foi aplicada no Estágio Supervisionado fase Regência que ocorreu no mês de maio de 2013. Tendo visto o grande problema no aprendizado de geometria por parte dos alunos, principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental, buscou-se uma alternativa onde fosse possível o melhor entendimento desse ramo da matemática. A Teoria Histórico-Cultural criada por Vygotsky (2007) tem suporte teórico suficiente para aprofundar as pesquisas sobre o Teorema de Pitágoras, para facilitar a construção de seus conceitos em nível de Ensino Fundamental. Desta forma foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa com o 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de Iporá-GO, junto com o Estágio Supervisionado II fase Regência, visando à formação de conceitos. Assim, foram utilizados o experimento didático, questionários, Plano de Ensino Experimental e Avaliação diagnóstica. Com este trabalho percebe-se que a Teoria Histórico-Cultural tem suporte teórico suficiente que pode ser usada para melhoria do ensino-aprendizado matemático.

Palavras chaves: Formação de conceitos; Ensino de Geometria; Teoria Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

A matemática atualmente é uma das matérias mais importantes para o desenvolvimento físico e psicológico do ser humano, pois com ela podemos estudar e entender o mundo a nossa volta, como calcular áreas, volumes, fazer casas, prédios, pontes, e etc. Ela nos proporciona vários meios de estudos e criações em nossa sociedade impulsionando assim o desenvolvimento. Como afirma Dante (2000, p.11):

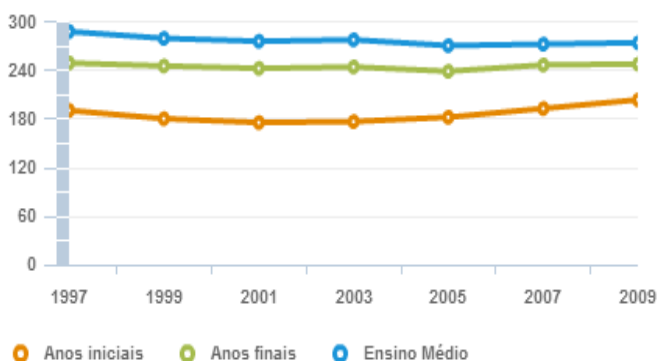
A matemática é uma das mais importantes ferramentas da sociedade moderna. Apropriar-se dos conceitos e procedimentos matemáticos básicos contribui para a formação do futuro cidadão, que se engajará no mundo do trabalho, das relações sociais, culturais e políticas. Para exercer plenamente a cidadania é preciso saber contar, comparar, medir, calcular, resolver problemas, argumentar logicamente, conhecer formas geométricas e organizar, analisar e interpretar criticamente informações.



No entanto o ensino dessa disciplina está passando por dificuldades, como mostra uma pesquisa realizada por Maria Helena Guimarães de Castro, pesquisadora da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e ex-secretária de Educação de São Paulo no governo José Serra (PSDB). Com o título, “Ideb: Resultado é bom, mas matemática precisa de intervenção, diz Maria Helena Guimarães de Castro” (Figura 1).

Matemática

Desempenho série histórica Saeb/Prova Brasil



Fonte: Inep/MEC

Figura 1: Desempenho série histórica Saeb/prova Brasil

<http://educacao.uol.com.br/noticias/2010/07/01/ideb-resultado-e-bom-mas-matematica-precisa-de-intervencao-diz-maria-helena-guimaraes-de-castro.htm>

Desta forma, percebe-se que o ensino atual das escolas não está suprimindo as necessidades dos alunos, gerando assim, um desinteresse e o não aprendizado das disciplinas. E quando falamos em geometria os resultados são mais alarmantes. Segundo Almouloud e Mello (2000, p. 1):

Um dos problemas enfrentados pelo sistema de ensino brasileiro refere-se ao baixo desempenho dos alunos do Ensino Fundamental, em Matemática. As recentes avaliações feitas pelo SAEB/MEC pela Secretaria de Educação de São Paulo evidenciam que esse desempenho torna-se ainda mais baixo quando o tema abordado é a Geometria.

Sabemos que o Ensino Fundamental é a base para o Ensino Médio e Superior. Assim, se o aluno não consegue uma boa formação nesta etapa, é bem provável que terá



problemas de aprendizagem nos anos posteriores. Agora, como a geometria sendo concreta, é ao mesmo tempo abstrata para o aluno? Como fazer a criança enxergar a geometria ao seu redor? É nesta faixa etária que os alunos possuem uma curiosidade natural para a compreensão do que a cerca, o que acarreta mais motivação no processo de ensino e aprendizagem. Como afirma Berlinghoff e Gouvêa (2010, p. 1) “muitos estudantes, especialmente nas primeiras séries, têm uma curiosidade natural sobre de onde vieram as coisas”.

Infelizmente, a escola não tem conseguido motivar os alunos ao estudo, enfrentando um enorme desinteresse por parte dos mesmos, pois não compreendem o porquê estudar matemática. Outro fato importante, é que estudantes são mecanizados a fórmulas decoradas e não compreendem a construção dos conceitos, principalmente na geometria, onde enxergam apenas fórmulas e fórmulas, não relacionando com seu cotidiano.

Fazendo um recorte da Geometria, este trabalho trata da formação dos conceitos do Teorema de Pitágoras, e seu ensino atual, com base na Teoria Histórico-Cultural. Para Berlinghoff e Gouvêa (2010) se perguntarmos a um aluno do Ensino Médio o que diz o Teorema de Pitágoras, a resposta será a expressão algébrica “ $a^2 + b^2 = c^2$ ”. E se pergunta novamente sobre os significados dessas letras, a pessoa lembrará que representa os lados do triângulo retângulo. E se quanto mais questiona-lo, falará da hipotenusa e não saberá o que essa palavra significa. Sempre haverá um olhar vazio sobre o assunto. Resumindo, a maioria dos alunos só aprende como utilizar a fórmula do Teorema de Pitágoras, o ensino atual do mesmo não se preocupa em apresentar a construção desse conceito tão utilizado em todas as áreas.

Pensado nisso, o que será dialogado nesse estudo é a seguinte problemática: O que a Teoria Histórico-Cultural poderia ajudar no ensino da geometria, especificamente do Teorema de Pitágoras? Acredita-se que a Teoria Histórico-Cultural tem embasamento suficiente para responder essa indagação.

MATERIAIS E METODOS



O presente trabalho foi pautado em uma pesquisa qualitativa de acordo com Bogdan&Biklen (1994), apropriando da pesquisa bibliográfica e pesquisa campo. Firmado na Teoria Histórico-Cultural para a possível solução da problemática, o Teorema de Pitágoras foi o objeto de estudo em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Desta forma, o trabalho foi desenvolvido em três momentos:

No primeiro momento foram realizadas as pesquisas bibliográficas sobre a Teoria Histórico-Cultural e o Teorema de Pitágoras, para a elaboração de um plano de ensino pautado na construção dos conceitos geométricos. Desta forma, foi necessário entender a construção histórica dos conceitos geométricos através de Eves (2004) e Mendes (2006).

No segundo momento foi analisado como está sendo ensinado o Teorema de Pitágoras em uma escola específica da rede pública na cidade de Iporá-Go. Para isso foi utilizado observação, questionários, plano de Ensino Experimental pautado na formação de conceitos e Avaliação Diagnostica como instrumentos de pesquisa para a aproximação dos objetos de estudo da escola. Logo após, iniciou a fase de Regência do Estágio Supervisionado II, onde ocorreu a execução do plano de ensino como forma de pesquisa participante e o estagiário desenvolveu as ações de aprendizagem, juntamente como professor titular e com os 25 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Joaquim Alves Leite.

No terceiro momento aconteceu a análise de todos os dados da pesquisa para a verificação da problemática inicial.

PRIMEIROS PASSOS PARA A COMPREENSÃO E ARTICULAÇÃO DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

A observação em sala de aula foi realizada no período matutino no dia 23/03/12, com o professor Regente Rogério Roberto Silva Ribeiro¹³ nesse mesmo dia aconteceu o primeiro contato do estagiário com a escola campo e onde se iniciou o Estágio Supervisionado I, nessa fase foi estudado o Regimento Escolar, o Projeto

¹³O nome da escola, bem como de todos os sujeitos da pesquisa é fictício.



Político Pedagógico, espaço físico da escola e o estagiário conheceu a equipe gestora da escola campo juntamente com o professor de matemática. Além disso, foi nessa fase que o estagiário iniciou a pesquisa onde foi realizada a observação que permitiu ao mesmo conhecer a realidade da sala de aula, o que permitiu fazer algumas anotações sobre erros, acertos e problemas enfrentados pelos professores e alunos. O estagiário auxiliou os alunos na resolução de exercícios passados pelo professor tirando dúvidas sobre o conteúdo, percebendo que alguns alunos têm dificuldades na disciplina, já outros têm facilidades e alguns estavam desinteressados. No Estágio Supervisionado I o estagiário ministrou projetos de xadrez e reforço de matemática. O que possibilitou ao mesmo conhecer e se aproximar dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, para facilitar a aplicação da pesquisa.

No mês de janeiro começou o levantamento bibliográfico que se estendeu até o mês de julho de 2013. A primeira medida tomada foi o estudo e aprendizado da Teoria Histórico-Cultural, onde foram analisados os livros de Rego (2007), Moysés (1997), Veer e Valsiner (1996), Vygotsky (2007). Através dessas obras pode-se compreender a teoria e fazer algumas relações com o Teorema de Pitágoras, onde se utilizou das obras de Mlodinow (2004), Strathern (1998) e Berlinghoff e Gouvêa (2010).

Dessa forma, foi elaborado um plano de ensino pautado na construção dos conceitos geométricos, com o objetivo de oportunizar o entendimento do Teorema de Pitágoras através da formação de seus conceitos. O plano de ensino foi feito pelo estagiário nos meses de Março e Abril para ser executado em 10 aulas de 50 minutos no mês de Maio as aulas foram cedidas pelo professor para a realização do Estágio Supervisionado II fase Regência. A pesquisa campo foi antecipada pelo fato do conteúdo estar presente no 2º bimestre do Currículo Referência da Rede de Educação de Goiás.

O Plano de Ensino experimental tem os seguintes objetivos específicos:

- Revisar outros conteúdos necessários para resolução do Teorema de Pitágoras;
- Conhecer e identificar a nomenclatura dos lados do triângulo retângulo;



- Conhecer a história de Pitágoras para compreensão da construção de seus conceitos;
- Deduzir a fórmula do Teorema de Pitágoras;
- Empregar a expressão literal do Teorema de Pitágoras;
- Aplicar o Teorema de Pitágoras em outras figuras geométricas;
- Reconhecer a importância da utilização do Teorema de Pitágoras.

Tentando suprir essas necessidades todas as atividades foram desenvolvidas buscando cada objetivo acima. Além desse plano foi criado um questionário para pesquisa, como o intuito de conhecer melhor os alunos, ou seja, como eles mesmos se viam dentro da escola. Os questionários continham 20 perguntas sobre os alunos na escola, como o professor ministrava suas aulas, e como era seu meio social.

A pesquisa campo foi realizada na única sala de 9º ano do turno matutino do Ensino Fundamental da Escola Municipal Joaquim Alves Leite. Durante as observações pode-se constatar que ela é bem conservada, os funcionários são bem unidos e a maioria dos professores são formados e concursados em sua área de ensino específico.

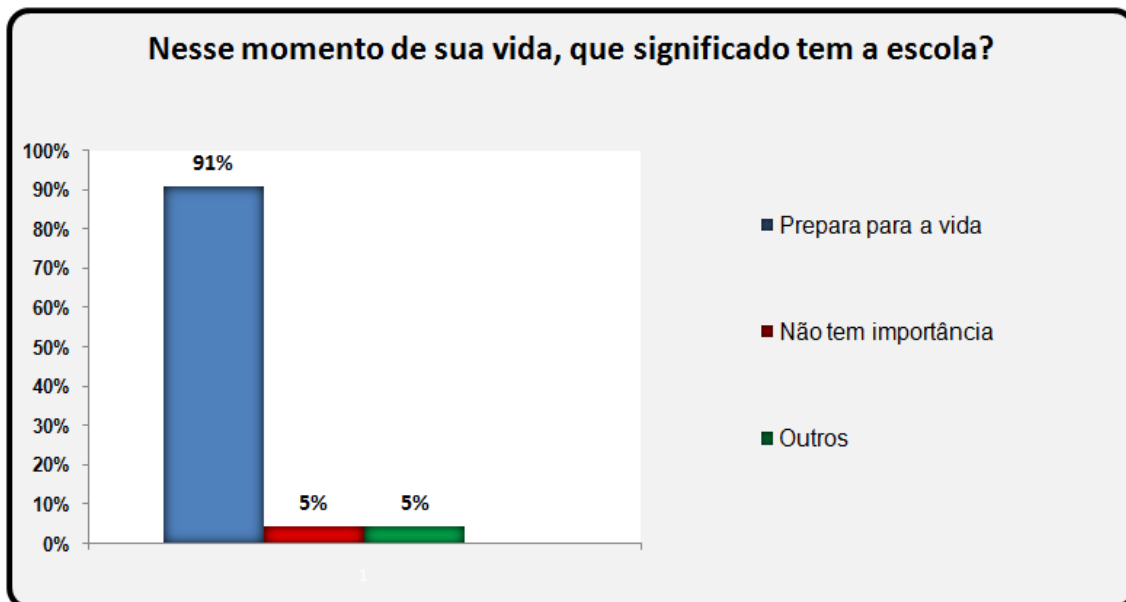
Dessa maneira, são cinco aulas de matemática por semana, realizadas segunda-feira no primeiro horário (7h às 7h50min) e último horário (10h35min às 11h25min), na terça-feira os dois últimos horários (9h45min às 10h35min) e (10h35min às 11h25min), e uma aula na sexta-feira no penúltimo horário (9h45min às 10h35min).

E para conhecer melhor a realidade dos alunos fora e dentro da escola foi aplicado um questionário de 20 perguntas. E no mesmo havia perguntas que ajudaria a ver como eles se viam dentro da escola, mais precisamente dentro da sala de aula. Dos 25 alunos da sala do 9º A, 22 responderam o questionário, através das respostas pode-se constatar que a maioria dos alunos é de classe social baixa, mostrando a necessidade de se ter um ensino público de qualidade.

O maior problema enfrentado pela sala é o desinteresse pode-se constatar pelas observações. No entanto as maiorias dos alunos estão cientes da importância da escola em suas vidas como mostra as respostas que estão dispostas no gráfico 1 abaixo:



Gráfico 1: Respostas dos alunos nos questionários



Fonte: o próprio autor

O ensino do professor é bom, como se percebe pelas respostas dos alunos, mas o mesmo não passa atividades relacionadas com o cotidiano e não apresenta o desenvolvimento no contexto histórico do conteúdo. “A utilização da construção histórica permite ao aluno a visualização de como apropriamos tais avanços na matemática e uma maior compreensão de como esses conhecimentos transformaram as suas próprias culturas (PERES, 2010, p.53)”.

Dessa forma, depois de analisar e observar os alunos percebe-se que eles apresentam potencial para aprender os conteúdos matemáticos, no entanto o desinteresse e a falta de novidades é o maior problema enfrentado pela sala. Pensando nisso foi apresentado a Teoria Histórico-Cultural para colaborar com a solução desses problemas e o resultado será apresentado no desenvolvimento do Estágio Supervisionado II.

A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II



Os princípios da Teoria Histórico-Cultural enfocados pelo estagiário foram a formação de conceitos, dividido por Vygotsky (2007) em conceitos espontâneos que são os conhecimentos próprios dos alunos a cerca de determinado objeto e conceitos científicos que são os conceitos mais elaborados e sistematizados formados com a ajuda de outras pessoas mais experientes ou que já conhecem sobre o objeto.

A distância entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos é conceituada por Vygotsky de Zona de desenvolvimento proximal (ZDP), ou seja, é tudo que a criança tem potencial de aprender, apenas esperando o mediador para essa transição de conceitos espontâneos para científicos.

No dia 3 de maio de 2013, o estagiário foi apresentado à sala como professor regente afim da realização da pesquisa, como já estava programado. No primeiro momento foi passado o questionário para os alunos responderem antes de iniciar o plano de ensino experimental. Assim, o início da proposta se deu com uma aula de revisão sobre alguns conceitos prévios que eles deveriam lembrar para internalizar os conceitos do Teorema de Pitágoras, como propriedades dos triângulos retângulos, ângulos, potenciação e radiciação. Foi passado algumas atividades que os ajudariam lembrar os conceitos prévios necessários, e através dessas atividades, pode-se perceber que os alunos aprenderam esses conteúdos.

A figura 2 mostra o momento em que estava sendo entregue os questionários para a turma. Foi o primeiro contato com a sala como estagiário regente para realização da pesquisa.



Figura 2: Entrega dos questionários ao 9º A

No dia 07 de maio de 2013 o estagiário começou o segundo momento do plano de ensino, a introdução do conteúdo do Teorema de Pitágoras. Iniciou-se essa aula com um desafio que pedia para achar a hipotenusa do triângulo retângulo, pois isso ajudaria os alunos a investigar e procurar soluções para essa atividade. No entanto como os alunos não tinham conhecimento do Teorema de Pitágoras começaram as perguntas de como resolver.

Então o estagiário contou a história de Pitágoras e eles ficaram muito curiosos, mas como a Teoria Histórico-Cultural enfatiza temos que apenas instigar os alunos a despertar o interesse pelo conteúdo para que eles mesmos formem seus próprios conceitos, e desta maneira, os internalize. Perguntas foram feitas: Como? Por quê? Qual?

Além disso, Berlinghoff e Gouvêa (2010) afirmam que na história há certos elementos que nos fazem lembrar a existência de pessoas reais por trás das criações dos teoremas e fórmulas matemáticas, dessa maneira alguém teve que deduzir essas fórmulas. Assim, a história quando é bem contada pode ser um instrumento utilizado pelo professor para levar o aluno a conhecer melhor as fórmulas matemáticas.

Nesse mesmo dia o estagiário desenvolveu uma atividade do plano de ensino experimental, onde os alunos tinham que descobrir a expressão algébrica do Teorema de Pitágoras “ $a^2 + b^2 = c^2$ ”. Foi dividido os alunos em grupos de 5 pessoas, pois segundo



Rego (2007) o trabalho em grupo é uma forma essencial, pois a criança que conhece um pouco sobre o objeto de estudo ou tem facilidade no aprendizado, pode ensinar a outra pessoa do grupo que não entendeu e não tem a mesma facilidade no aprendizado. E cada grupoteria que fazer a figura 3 indicada abaixo:

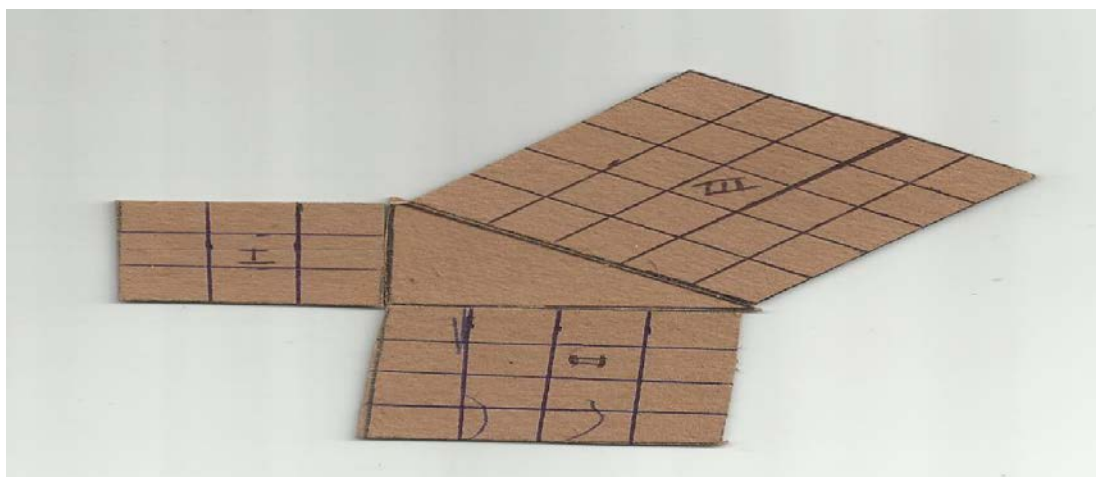


Figura 3: Demonstração prática do Teorema de Pitágoras

Depois da construção na cartolina eles começaram a analisar as propriedades dos quadrados e triângulo. Alguns alunos dos grupos passaram perto de descobrir, mas ainda precisavam de ajuda do estagiário. Então, foi passada a mesma imagem no quadro, e o estagiário questionando os alunos, levou-os a relembrar algumas propriedades dos quadrados e fórmulas de como calcular área de um quadrado. Com o intuito de questioná-los, até que achassem a relação do Teorema de Pitágoras.

Foi pedido que analisassem as áreas e Renato já havia dito que as somas dos quadradinhos menores eram iguais à área do quadradinho maior. Percebeu-se que eles tinham formados seus próprios conceitos os conceitos espontâneos e criado a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal). Segundo Vygotsky (2007) é a distância entre os conceitos espontâneos formados por tudo que os alunos aprendem sozinhos. E os conceitos científicos que são formados por tudo que o aluno aprende com a ajuda de outra pessoa mais experiente. Era necessário agora que eles passassem desse conceito espontâneo para um conceito científico, mais elaborado. E foi desenhada a figura



geométrica formada pelos quadrados e triângulos para ajudá-los na dedução da fórmula (figura 4).



Figura 4 - Imagem dos grupos na dedução da expressão do Teorema de Pitágoras

Tendo visto que eles tinham aprendido o sentido da fórmula o estagiário continuou a indagá-los para que eles consigam chegar à expressão algébrica do Teorema de Pitágoras. Os alunos ficaram meio assustados no começo, mas logo o estagiário fez perguntas como: Qual o lado menor do triângulo que foi escrito no quadro? E o lado médio? E o lado maior?

E nesse jogo de perguntas e respostas, o primeiro aluno a dizer a expressão algébrica do Teorema de Pitágoras foi Rodrigo:

Rodrigo: estagiário então é só somarmos b ao quadrado mais c ao quadrado é igual à “a” ao quadrado.

No entanto alguns alunos ficaram com dúvidas sobre como aplicar essa expressão nas atividades, mas através das respostas das mesmas ficou evidente que eles tinham aprendido a ideia central de somar a área dos quadrados menores para obter a área do quadrado maior.

No dia 10 de maio de 2013 foi lembrada a expressão algébrica do Teorema de Pitágoras e o estagiário passou algumas atividades relacionadas ao cotidiano, esses



exercícios os ajudariam a utilizar a expressão. Então foi pedido que sentassem em dupla para resolver os exercícios, fixando melhor o Teorema de Pitágoras e mostrando onde utilizamos o mesmo no cotidiano. As duplas ficaram desta maneira:

Dupla 1: Aline e Cleber

Dupla 2: Daiane e Silvia

Dupla 3: Danilo e Diogo

Dupla 4: Rayssa e Valéria

Dupla 5: Gaciele e Fátima

Dupla 6: Rodrigo e Renato

Dupla 7: Alana e Sérgio

Dupla 8: Dalva e Tayná

Dupla 9: Eliana e Douglas

As atividades do terceiro momento eram todas contextualizadas com exceção do número 1. Foi pedido que sentassem em dupla para aprenderem a trabalhar em grupo, além disso, aprenderiam também com seus próprios colegas que ajudaria em caso de dúvidas. O estagiário combinou com todos que quem terminasse primeiro de responder todos os exercícios ajudaria o outro colega que estava tendo dificuldade, pois como diz Vygotsky (2007) uma criança no seu desenvolvimento pode internalizar conceitos com a ajuda de um adulto ou através de uma criança que já tenha aprendido determinado conceito.

As aulas do dia 13/05/2013 foram destinadas a continuação das resoluções dos exercícios, pois não haviam terminado nas aulas anteriores. Desta maneira, Rodrigo tinha entendido bem o conteúdo e logo começou a responder as atividades sendo o primeiro a terminar, então foi pedido a ele que ajudasse os demais colegas a entender o conteúdo. Pois como afirma Rego (2007) a criança no seu desenvolvimento ela pode aprender, com outra criança que já tenha internalizado esse conhecimento. (Figura 5).



Figura 5 – Alunos Ajudando Outros na Resolução de Exercícios

No dia 15 de maio de 2013 o estagiário tirou algumas dúvidas sobre exercícios da apostila. Como a atividade da figura 6 de uma porteira:



Figura 6: Atividade das tábuas de uma porteira

A atividade pedia para achar a altura da porteira. Assim, foi perguntado a eles: Qual figura geométrica a porteira está formando? Todos responderam triângulo retângulo. Mas ninguém se lembrava da diagonal que mais nos interessava. Então, foi aconselhado a desenhar a figura geométrica no caderno, para retirar o triângulo. Muitos



entenderam o sentido da atividade, mas alguns ainda precisavam de acompanhamento do estagiário.

No dia 14 de maio de 2013 foi passada uma avaliação diagnóstica para verificar como foi o aprendizado individualmente. Pelas notas pode-se perceber que todos saíram bem, a maioria acertou as 3 questões que a avaliação propunha. As duas questões que foram passadas como bônus tinham um nível de dificuldade maior, mas alguns acertaram.

Essa avaliação tinha o intuito de ver como foi o aprendizado dos alunos perante o conteúdo apresentado com base na Teoria Histórico-Cultural. De uma forma geral, todos saíram muito bem, mesmo alguns alunos que tiveram dificuldades durante as aulas.

A nota alcançada pelos alunos na avaliação diagnóstica mostra que a Teoria Histórico-Cultural impulsionou o aprendizado, melhorando assim, o principal problema enfrentado pelo 9º ano da Escola Municipal Joaquim Alves Leite que é a falta de interesse por parte dos alunos.

PRINCIPAIS DESAFIOS NA APLICAÇÃO DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

O primeiro desafio encontrado pelo pesquisador foi na elaboração do plano de ensino experimental sobre como criar um plano pautado na formação de conceitos. O primeiro passo foi a leitura das referências citadas ao longo do trabalho, logo após, fazer atividades que os alunos conseguiriam assimilar e formar seus próprios conceitos. No entanto com a ajuda dos livros de Rego (2007) e Moysés (1997) pode-se tirar alguns exemplos de como criar atividades para esse fim.

O segundo ponto foi na aplicação do questionário, pois de início os alunos ficaram meio apreensivos com medo de serem identificados e o professor ficar sabendo das respostas de cada um. No entanto com a explicação do pesquisador os alunos entenderam a proposta do questionário e foi pedido bastante sinceridade por parte de cada aluno integrante da sala. Houve dúvidas diante de algumas perguntas que estavam



no questionário, como na que perguntava se eles tinham facilidade em aprender os conteúdos de geometria, alguns alunos não sabiam o que era geometria, mas com a ajuda do pesquisador todas as dúvidas foram sanadas com sucesso.

O terceiro ponto foi durante a aplicação do plano de ensino nas 10 aulas de regência cedidas pelo professor para realizar a pesquisa campo. De início foi a primeira pesquisa que o pesquisador realizou, na primeira aula sobre revisão sentiu-se o desinteresse por parte dos alunos, pois eles estavam resolvendo as atividades com facilidade e por conta disso houve algumas conversas paralelas.

No segundo dia houve poucas conversas paralelas, pois as atividades sobre o Teorema de Pitágoras que foram passadas como desafio, estava fazendo com que eles pensassem como resolvê-las. Foi dado um tempo para a resolução do desafio e quando eles perceberam que não conseguiam resolvê-las, pois o pesquisador ainda não tinha explicado sobre o Teorema, as perguntas sobre como resolver começaram. No entanto isso durou pouco tempo, pois logo se iniciou o segundo momento, a explicação sobre o Teorema de Pitágoras.

Durante a explanação do teorema os alunos foram participativos, mas na hora da resolução das atividades alguns tiveram dúvidas sobre como resolver algumas questões relacionadas com o cotidiano. Alguns alunos ficavam conversando e atrapalhando os outros a responderem as atividades, pois a quantidade de alunos na sala não deixava que o pesquisador tirasse todas as dúvidas ao mesmo tempo. Esse problema foi solucionado quando o pesquisador dividiu a sala em grupos para resolverem as atividades. E na medida em que foram terminando as atividades, para que esse problema não se repetisse, foi pedido aos alunos que terminassem primeiro, para ajudar os demais na resolução das atividades da apostila.

O quarto desafio encontrado pelo pesquisador foi na análise dos dados obtidos através da pesquisa campo. Como organizar todas as ideias e dados para formar um texto? A solução foi a leitura de outras pesquisas, encontradas na internet e textos passados na orientação que deram suporte ao pesquisador para organizar a redação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente trabalho apresentou uma forma de ensino que possibilita aos professores, ensinar seus alunos, para que dessa forma possa haver o melhor rendimento dos mesmos. Essas aulas ministradas através da Teoria Histórico-Cultural mostrou que os alunos conseguem um melhor rendimento, quando eles mesmos investigam e formam seus próprios conceitos. Então, o professor tem que agir como mediador desses conceitos.

Esse trabalho contribuiu para o ensino da Geometria, pois ele pode servir como fonte de pesquisa para professores que buscam uma melhor qualidade de ensino. Nos dias atuais apresentar novas formas de ensino que sejam aceitas pelos alunos é um desafio muito grande. Por isso são realizadas discussões entre os profissionais da educação, pois através das mesmas podem-se trocar ideias e aprender da mesma forma com pessoas mais experientes sobre como ter um ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALMOULOUD, Saddo Ag; MELO, Elizabeth Gervazoni Silva. **Iniciação à demonstração aprendendo conceitos geométricos**. Trabalho apresentado na ANPED 2000.

BERLINGHOFF, William P. e GOUVÊA, Fernando G. **A Matemática Através dos Tempos**: um guia fácil e prático para professores e entusiastas. Trad. Elza Gomide e Helena Castro. –2.ed. São Paulo: Blucher, 2010. p. 01-148.

BOGDAN, Robert & BIKLEN. Nove questões freqüentes sobre a investigação Qualitativa. In: **Investigação Qualitativa em Educação**: uma Introdução à Introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de Castro. **Ideb**: Resultado é bom, mas matemática precisa de intervenção. Disponível em:

<<http://educacao.uol.com.br/noticias/2010/07/01/ideb-resultado-e-bom-mas-matematica-precisa-de-intervencao-diz-maria-helena-guimaraes-de-castro.htm>>

[Acessado em: 05 de nov. de 2012.](#)



DANTE, L. R. **Matemática: Contexto & Aplicações**.v. 1. São Paulo: Ática. 2000.

EVES, Howard. **Introdução à história da matemática**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.p. 94-115.

MENDES, Iran Abreu. **A História como um agente de cognição na educação matemática**. Porto Alegre: Sulina, 2006. 182 p.

MLODINOW, Leonard. **A janela de Euclides: a história da geometria; das linhas paralelas ao hiperespaço**. Trad. Enésio E. de Almeida Filho. - São Paulo: Geração Editorial, 2004.p. 09-47.

MOYSÉS, Lucia. **Aplicação de Vygotsky à Educação Matemática**. São Paulo: Papiros, 1997. 176 p.

PERES, Thalitta Fernandes Carvalho. **Volume de sólidos Geométricos – Um experimento baseado na teoria desenvolvimental**. 2010. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontífica Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2007. 138 p.

VEER, René van der; VALSINER, Jaan. **Vygotsky uma síntese**. 5.ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2006.p. 203 – 281.

STRATHERN, Paul. **Pitágoras e seu teorema em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 74 p.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. In: COLE, Michael... [et al.] (Orgs.). Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7.ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.p.182.



PIBID: A EXPERIÊNCIA NA SALA DE AULA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

AZEVEDO, Douglas Pereira Azevedo¹, DUARTE, Pollyana Cristina², PERES, Thalitta Fernandes de Carvalho³, LEMES, Núbia Cristina dos Santos⁴

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá.

¹douglaspr_@hotmail.com; ²pollycd@hotmail.com; ³thalitta@hotmail.com; ⁴ncslemes@yahoo.com.br

RESUMO: *Este trabalho apresenta reflexões e análises de experiências vivenciadas de acadêmicos do Curso de Licenciatura em Matemática, como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Neste artigo será demonstrado como a participação no PIBID influenciou e influencia na formação acadêmica. Este programa busca promover a construção de uma articulação entre o ensino superior e o básico por meio da contemplação de ações didáticas. Em face desse projeto institucional surge também o Subprojeto de Matemática, “Geometria: a arte de construir”, visando uma ressignificação do ensino de Matemática no ensino médio e fundamental, de forma a propiciar a ampliação das competências de visão espacial dos discentes desse nível de escolaridade. O objetivo deste trabalho é refletir acerca das possibilidades de formação ao estarmos inseridos nas escolas, durante a participação como bolsistas do PIBID. Assim temos como questão norteadora apresentada e discutida ao longo deste trabalho a de que: Como o PIBID influencia e ao mesmo tempo propicia aos licenciandos um espaço de formação inicial de qualidade acarretando assim profissionais pesquisadores de sua prática? Conclui-se que a participação no PIBID contribuiu significativamente na formação profissional e pessoal, destacando que a construção e produção dos saberes durante o período vão além das experiências aqui destacadas, visto que, um professor ainda é formado por várias outras características.*

Palavras-chave: *PIBID; Cotidiano Escolar; Impactos na Formação Docente.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar experiências e reflexões oriundas das práticas de acadêmicos ao participarem do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – os conhecimentos adquiridos durante essa atuação e, o quão significativo esse fato se torna ao influenciar diretamente a formação inicial do professor de Matemática.



Neste sentido, o objeto do estudo desse artigo consiste nas contribuições do Projeto PIBID para a formação de estudantes dos cursos de Licenciatura e uma possibilidade de formação continuada aos professores supervisores das escolas campos de atuação do referido projeto.

Enquanto formação para o exercício da docência, o Programa Institucional de Iniciação a Docência - PIBID é uma possibilidade para os acadêmicos que estão em formação à iniciação à docência nas escolas vivenciando e conhecendo as realidades e embates educacionais existentes na educação.

Ao sermos apresentados na escola-campo, percebemos que o espaço em que estávamos sendo inseridos era bastante crítico e tinha a presença de muitos problemas de indisciplina. No entanto, a escola (grupo gestor, professor supervisor e alunos) mostrou-se bastante receptiva e curiosa pelo projeto. Mesmo com todas as dificuldades iniciais enfrentadas como falta de salas, ou de ambientes mais limpos e organizados que facilitassem a motivação dos alunos para os estudos, tentamos aproveitar o ambiente que tínhamos, propondo ações e estratégias criativas e lúdicas para que os alunos não se desmotivassem.

D’Ambrósio (1993) propõe algumas características as quais segundo ele seriam desejadas em um educador matemático para o século XXI e ainda para os que estão se formando, sendo elas: visão do que vem a ser a Matemática; visão do que constitui a atividade Matemática; visão do que constitui a aprendizagem Matemática e visão do que constitui um ambiente propício à aprendizagem Matemática.

Neste sentido, deve a Universidade oferecer possibilidades para que seus alunos consigam obter estas competências e habilidades, visto que, a mesma é um espaço de formação inigualável e indispensável para a conquista e construção da identidade profissional do docente.

A escola em que trabalhamos se encontra em um bairro carente da cidade, atendendo jovens desta região. Percebemos que os alunos tinham mais dificuldades sociais e econômicas. A escola contextualiza-se por apresentar alunos rebeldes, com necessidade de afeto, “brigões”, com ausência de pessoas importantes da família, como



pai, mãe ou responsável, informações estas conseguidas pelo diálogo com a escola e o contato direto com os alunos.

No decorrer do projeto ficamos mais próximos dos alunos e eles nos conheceram melhor, o que facilitou na questão do respeito, da convivência, da amizade, do carinho e da aprendizagem dos alunos. Os alunos tinham bastante confiança no nosso trabalho, pois conseguiam expressar suas dúvidas, desejos e anseios quanto às diversas ações realizadas na escola.

Wiebusch e Ramos (p. 6, 2012 *apud* MARCHESI; MARTIN, 2003, p. 111) apontam que:

Os sentimentos de afeto entre o professor e seus alunos contribuem para criar uma atitude positiva em relação à aprendizagem. Os bons professores procuram comunicar entusiasmo e carinho para seus alunos. A paciência, a perseverança, o apoio à auto-estima dos alunos e o senso de humor são outras das características apontadas nas várias intervenções que estão presentes quando existe uma relação de respeito e empatia com os estudantes.

O nosso trabalho se deu inicialmente por meio de atividades de monitorias em sala de aula, acompanhando as aulas do professor supervisor da escola-campo, fazendo isto, com o intuito de que os alunos pudessem se acostumar conosco no ambiente escolar deles e que percebessem que estávamos ali com o intuito de colaborar na aprendizagem deles.

Durante estas ações, foi notável que ao auxiliarmos os alunos na resolução de exercícios, também estávamos em aprendizagem, pois diferente do que se pensa, o ato de ensinar possibilita aprendizagem para ambas as partes, professor-aluno, neste sentido precisam ser consideradas como companheiros de trabalho se ocupando na troca de ideias para juntos chegarem à aprendizagem.

Neste sentido, Freire (1996, p. 12) pontua que:

não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam não se reduzem a condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Nesta argumentação, o autor corrobora com a nossa ideia, mostrando esta interligação entre os alunos e professores, em nosso caso, aluno-professor-bolsistas,



triângulo este, que se unem em prol de uma aprendizagem mútua, pois ensinamos aos alunos, mas também aprendemos muito com eles.

Nesta questão, Silva; Lima e Paiva (2012, p. 9 *apud* PIMENTA 2007. p. 18) argumentam que:

[...] espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazer docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano.

O PIBID visa criar essa relação entre a universidade e escola pública, propiciando aos licenciandos o contato direto com a realidade local dando espaço. Assim, para despertar autonomia nos alunos, com o intuito que estes pensem e reflitam ações para a melhoria da realidade e dos problemas constatados.

PIBID E UNIVERSIDADE COMO POSSIBILITADORES DE FORMAÇÃO

A precariedade da formação de professores negligenciada pelos governantes implica em deficiências que o professor da rede pública de ensino tem e por diversas questões não conseguiram ainda suprir tais dificuldades, refletindo suas angústias em seus alunos. Silva; Chagas e Alves nos apontam que:

[...] a licenciatura, enquanto não for vista como formadora de professores, não melhorará. A formação do professor afeta diretamente o desempenho do aluno. O pensamento, então, que deve estar presente desde o início do curso numa sala de aula, destinada à licenciatura, é que ali está um professor ensinando a ser professor, o que na realidade não tem acontecido (s/ano, p. 2).

A grande quantidade de alunos em sala de aula e a exaustiva carga horária docente desqualificaram não só o professor, mas tiraram do mesmo oportunidades de tempo para que este pudesse se qualificar (formação continuada), mas também o aluno quando perde, por parte do professor, a oportunidade de ser tratado e reconhecido como indivíduo que carrega dentro de si dificuldades e anseios tragos de suas ações no dia a dia, além de perceber os alunos como indivíduos dotados de capacidade intelectual



criadora, capazes de construir uma motivação interior para aprender. Esse é o cenário que um professor recém-saído da universidade vai encontrar em sua estrada profissional.

Sendo um curso de Licenciatura, o mesmo deve propiciar aos acadêmicos, uma relação teoria-prática, com o objetivo de formar docentes habilitados para atuarem na educação básica no ensino superior.

Segundo Silva, Chagas e Alves (s/ano, p. 2):

Assim, a docência no Brasil vive uma situação bastante delicada. Por um lado tem a função não só de ensinar, mas de ser também uma espécie de salvador de alunos em situação de risco social e de referência para a comunidade; por outro convive com a histórica desqualificação de seu trabalho pelas sucessivas assessorias pedagógicas, que periodicamente proclamam uma nova proposta pedagógica que desqualifica todo o trabalho feito até então.

É nesta relação entre teoria e prática que percebemos algumas fragilidades do curso, legitimando teorias apreendidas na universidade, daí a necessidade do acadêmico estar diariamente no ambiente escolar. É na prática que se consolida o aprender da docência, somente a teoria estudada não faz professores, precisamos, tanto da teoria, quanto da prática.

Contudo, este momento só é feito nos últimos semestres do curso. Daí, reforçamos a presença do PIBID nas Universidades colaborando na formação de professores, além de facilitar assim a atuação dos mesmos durante o momento de estágios. O PIBID de maneira geral vem contribuir tanto na formação do docente caracterizando o professor como mediador de conhecimento além de valorizar a pesquisa e produção científica, tendo a sala de aula como espaço de pesquisa e construção do saber.

Frequentemente, em cursos de Licenciatura, os acadêmicos só são levados a atitude de pesquisa somente durante o Estágio e nos trabalhos de conclusão de curso, todavia os mesmos sendo bolsistas do PIBID, são levados a esta atitude mais cedo, pela exigência no cumprimento de relatórios, artigos e resumos expandidos, facilitando assim todo o processo de formação docente.



Por isso, é de suma importância que o PIBID possa atender preferencialmente alunos das séries iniciais dos cursos de licenciatura, com o intuito de mantê-los motivados e impulsionarem a continuidade dos mesmos durante o curso, visto que, a desistência de alunos nos primeiros semestres de faculdade são muito altas, por não conseguirem acompanhar e compreender bem a proposta do curso. Além de ser uma das formas de valorizar a formação do docente e consequentemente motivar alunos a ingressarem nos cursos de Licenciatura. E ainda, de facilitar o desenvolvimento destes alunos em trabalhos e pesquisas futuras, abrindo um leque de formação e incentivo em pesquisas.

As experiências no projeto proporcionaram um maior conhecimento, a respeito da didática e conseguimos assim enriquecer os debates em sala de aula, compartilhando com os colegas as nossas experiências, dúvidas, angústias e alegrias que tivemos durante o projeto.

POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO CONTINUADA

A prática pedagógica docente precisa ser repensada e atualizada. O docente necessita conscientizar-se de que, no atual mundo globalizado, a produção desconhecimento tem aumentando, assim como as pesquisas nas diversas áreas tem expandido seus objetos e estas mudanças acabam por implicarem no âmbito educacional, onde cada vez mais o professor precisa estar informado e qualificado para garantir seu espaço na escola diversificando suas metodologias de ensino.

Silva; Lima e Paiva acrescentam que:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar estatuto ao saber da experiência (2012, p. 6 *apud* NÓVOA, 1997, p. 25).

O estudante de licenciatura aprende no contato com a escola, observando e contribuindo com o trabalho da sala de aula; o professor supervisor, da escola pública,



tem de planejar com esse aluno, estudar novas formas de trabalhar e expor o conteúdo, buscar apoio no professor coordenador de área, que é o professor da Universidade. Trata-se de um trabalho coletivo e desafiador, onde todos precisam trabalhar integrados e todos têm muito que aprender e contribuir, unidos num só objetivo.

É nesse sentido, que Silva; Lima e Paiva refletem que (2012, p. 4 *apud* TARDIF, 2005, p. 48) mencionam que “para os professores, os saberes adquiridos através da experiência profissional constituem os fundamentos de sua competência”.

O professor reflexivo deva estar em permanente diálogo com a realidade. Este diálogo é que induz ao agir criativo, que combina o conhecimento científico de sua matéria e conhecimento de metodologias e estratégias de ensino que facilitem a aprendizagem de seus alunos. Ao mesmo tempo em que nós formandos contribuimos para a formação continuada das professoras-supervisoras do programa em atuação na Escola esta também serão nossas co-formadoras.

Nesta perspectiva, Zeulli et. al (2012, p. 8) afirmam que:

Nas palavras de Severino, “A teoria, separada da prática, seria puramente contemplativa e, como tal, ineficaz sobre o real; a prática, desprovida da significação teórica, seria pura operação mecânica, atividade cega.” (2002, p. 46), o que nos demonstra que ao transitar pelas duas vertentes – prática e teoria – o sujeito coletivo produz e socializa sua condição de homem como um ente de relações, ampliando seu lugar de conhecimentos e de expansão de um homem histórico-social.

Sendo assim, a formação é construída num processo de interação porquanto, a ideia de experiência mobiliza ações dialogadas, onde construímos e reconstruímos a nossa identidade profissional. As teorias apreendidas na Universidade são muito ricas, nos proporcionando embasamento teórico para leituras e reflexões de nossa prática, contudo além da teoria, o futuro docente necessita de experiências, experiências estas construídas ao longo do seu percurso de vida na profissão.

Assim, Silva; Lima e Paiva acrescentam que:

Quando se pensa em educação, se pensa anteriormente na formação docente, que é a exigência premente que se estabelece para o exercício do magistério. Por isso, é preciso compreender que uma formação profissional adequada ao desenvolvimento dos saberes docentes, à valorização profissional e à



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

qualificação é requisito que o pedagogo precisará utilizar no exercício das atividades diárias, uma vez que este enfrentará desafios e dificuldades no contexto heterogêneo da sala de aula (2 012, p. 2).

Neste sentido, concordamos com o pressuposto de que não existe o professor ideal e muito menos o professor pronto, pois este a cada dia, a cada nova situação enfrentada, se forma e se reafirma sua postura e sua identidade de docente.

Assim, considerando a formação de professores como um processo que se consolida na prática, Franco; Bordigon (2012, p. 2 *apud* SCHÖN, 1992) pontuam que:

[...]é também responsabilidade da universidade, alargar o objeto de reflexão, para transpor os limites, bem como para analisar as contradições existentes no cotidiano escolar. É a capacidade de se inserir no seu tempo.

É justamente essa a oportunidade dada pelo PIBID, têm contribuído para a nossa formação, na medida em que, propicia atividades ricas em experiência, como: realização de oficinas, projetos, atividades que possibilitam superar as dificuldades de Matemática. Tudo isso, são desafios que servem para enriquecer e lapidar a formação do graduando, porque fornecerão um conjunto de saberes que nos levarão a uma profissionalização mais qualificada e diferente das que nossos professores tiveram e da que os nossos colegas que não são pibidianos tiveram.

Silva; Lima e Paiva advogam que:

O futuro profissional somente poderá construir seu saber-fazer, a partir de seu próprio fazer. A aquisição da experiência do formando acontecerá ao passo em que é inserido em práticas pedagógicas, de modo que, proporcione-lhes o desenvolvimento e prazer pela docência. É fundamental desde cedo à pesquisa sobre a atividade docente e sobre as questões que transcendem no espaço escolar (2012, p.7).

Muitas das respostas a inquietações dos licenciandos durante a graduação não são respondidas pelas teorias, contudo a experiência, e o contato direto no ambiente escolar propiciam respostas para muitos dilemas no cerne educativo.

METODOLOGIA



Além da sala de aula, destacamos que nós pibidianos participamos de outras atividades na escola e na comunidade, tais como organização e participação de eventos como feira de ciências, reforço no contra turno, projetos interdisciplinares, reuniões de conselhos de classe, festas na escola, apoio pedagógico, planejamento.

A relação do Professor Supervisor com nós licenciandos, desde o princípio, foi de muito respeito e colaboração. Foram momentos de muita troca de experiências e conhecimentos que contribuíram para o crescimento pessoal e profissional de ambos.

Vale destacar ainda participação, de toda a equipe, na submissão de trabalhos científicos em Congressos e Seminários, divulgando ações desenvolvidas na escola, com o intuito de levar os alunos a se motivarem para a iniciação à pesquisa; a elaboração de materiais para aulas prática se seminários também foram valiosos.

O subprojeto de Matemática tem por objetivo potencializar a formação inicial de professores de Matemática, dando uma atenção especial ao ensino de Geometria, que por décadas viu-se abandonado, pela carência da formação de professores no uso de metodologias de ensino, por meio de ações, experiências metodológicas e práticas inovadoras.

PIBID: CONEXÕES ENTRE OS SABERES...

Como instituição eminentemente social e científica, a Universidade deve ser comprometida com a difusão dos conhecimentos produzidos na mesma, seus avanços. Outrora, a discussão centrava-se em torno do distanciamento das universidades e a educação básica.

E para reforçar esta difusão, alargando a parceria entre esta e as escolas de Educação Básica, o PIBID vem a contribuir neste processo, como projeto de cunho formativo de docentes por meio de vivências em escolas da rede pública de educação.

Conforme consta no site da unidade financiadora do projeto, os objetivos do PIBID contemplam:

- a) incentivar a formação de professores para a educação básica, especialmente para o Ensino Médio;



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

- b) valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente;
- c) promover a melhoria da qualidade da educação básica;
- d) promover a articulação integrada da Educação Superior do sistema federal com a Educação Básica do sistema público, em proveito de uma sólida formação docente inicial;
- e) elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas das instituições federais de educação superior;
- f) estimular a integração da Educação Superior com a Educação Básica no Ensino Fundamental e Médio, de modo a estabelecer projetos de cooperação que elevem a qualidade do ensino nas escolas da rede pública;
- g) fomentar experiências metodológicas e práticas docentes de caráter inovador, que utilizem recursos de tecnologia da informação e da comunicação, e que se orientem para a superação de problemas identificados no processo ensino-aprendizagem;
- h) valorizar o espaço da escola pública como campo de experiência para a construção do conhecimento na formação de professores para a educação básica;
- i) proporcionar aos futuros professores participação em ações, experiências metodológicas e práticas docentes inovadoras, articuladas com a realidade local da escola (CAPES, 2011).

Considera-se, então, que a conquista do saber não se dá exclusivamente através das fórmulas acadêmicas, mas, também e principalmente, no âmago das relações sociais.

O verdadeiro educador faz das áreas específicas às quais esteja lotado seja uma ponte para o desenvolvimento e transformação de si própria e de seus alunos por meio da troca de experiências e informações conseguidas principalmente no âmbito educacional. Isso é o que difere estes profissionais dos bacharéis nas referidas áreas, pois estes fazem uso das áreas específicas priorizando conteúdos formais e uma prática voltada à formação de novos pesquisadores nestas áreas.

Ubiratan D’Ambrósio (2009, p. 77) pontua que:

Ao conceituar educação como uma estratégia da sociedade para facilitar que cada indivíduo atinja o seu potencial e para estimular que cada indivíduo a colaborar com outros em ações comuns na busca do bem comum, estou reconhecendo que a missão de educadores é levar essa estratégia ao máximo. Como educadores de uma certa disciplina, usamos essa disciplina como um instrumento para cumprir essa missão.

De maneira geral, devemos pensar no educador como um mediador de conhecimento, pois a função dele em sala de aula é mostrar os caminhos e se necessário



acompanhá-lo nesta triagem com o objetivo de levá-lo à aprendizagem. Freire (2002, p. 12) também aponta que: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Devemos, pois respeitar e valorizar os saberes que nossos alunos trazem de casa.

O educador matemático muitas vezes é conhecido como matemático, todavia há uma grande diferença entre as duas denominações, pois quando falamos no profissional matemático, queremos dizer que este “[...] tende a promover a educação *para* a matemática, priorizando conteúdos formais e uma prática voltada à formação de novos pesquisadores em matemática” (FIORENTINI; LORENZATO, 2009, p. 3) (grifo do autor).

Entretanto, o educador matemático, coloca o conhecimento matemático a serviço da educação, concebendo a Matemática como um meio em que ele educa. Assim, o educador matemático “[...] tenta promover uma educação *pela* matemática [...] sem estabelecer uma dicotomia entre elas.” (FIORENTINI; LORENZATO, 2009, p. 3-4) (grifo do autor). Em suma, fica claro a questão que citamos que a matemática como ciência está sujeita a diversas contribuições, tanto no seu âmbito conceitual quanto educacional.

Neste bojo, Demo (1996, p. 30) afirma que:

A maioria dos professores de matemática não tem idéia de pesquisa e formulação própria, até porque foram literalmente treinados a dominar conteúdos sem qualquer questionamento reconstrutivo. O que fazem com alunos é apenas extensão do que fizeram com eles. Muitos seriam capazes de reconstruir o raciocínio completo implicado, por mais abstrato que fosse. Mas como isto não foi a tônica do processo formativo, acomodam-se e desconhecem a resistência do aluno. Preferem reprova-lo.

Faz-se necessário então que o professor da educação básica se torne também pesquisador em ação constante, e que seus questionamentos vão de acordo com a sua prática, tendo como base esta, na busca de soluções em prol da mesma. Além disso, os pesquisadores que não estão na educação básica também as fazem, porém com um caráter mais literário, científico.



Segundo Pavanello (s/ano, *apud* Miorim; Miguel; Fiorentini, p. 32, 1993) o maior problema do ensino de Matemática provém da forma como este foi inserido no sistema de ensino, caracterizado por uma falta de “consciência crítica”, pois:

Até a década de 30, as deficiências eram devidas ao fato de inexistirem no Brasil “cursos destinados a formação de professores secundários. Após a década de 30, as deficiências existem devido a estrutura das licenciaturas em matemática, que, desde sua criação, vêm favorecendo o tratamento dos diferentes ramos do conhecimento matemático como compartimentos, estanques”.

O autor mostra por meio deste trecho que a concepção do ensino de Matemática que temos hoje, é advinda da formação de nossos professores, o primeiro curso destinado a professores de Matemática no Brasil, surgiu em 1934 ofertado pela Universidade de São Paulo. A precariedade de formação de muitos dos professores de Matemática iniciantes contribuiu na forma de pensarmos e idealizarmos no que temos atualmente como modelo de educação matemática.

Além disso, o PIBID busca não somente a melhor formação dos professores e licenciandos, mas também uma contribuição aos alunos das escolas contempladas com o projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar presente e ao mesmo tempo conviver dentro de um cotidiano escolar, exige uma boa relação grupal. O grupo de profissionais que constitui a escola, os professores, alunos e funcionários precisam trabalhar como membros de um grupo social. A responsabilidade da educação de um aluno, não é somente do professor da sala de aula, mas também dos membros que a constituem.

Participar desse projeto está sendo uma ótima experiência, estar em contato com a escola, com os alunos faz crescer como pessoas e como acadêmicos em formação, tanto para a vida profissional, quanto pessoal. Diante do que já foi exposto, podemos concluir que o PIBID tem oferecido à oportunidade de inserirmos ainda na condição de alunos (futuros docentes) em uma real situação de ensino de Matemática, o



que normalmente só ocorre nos últimos períodos do curso de Licenciaturas em Matemática.

Assim sendo, as políticas públicas reconheceu a importância que a formação inicial e continuada do professor tem para o ensino básico e que a melhoria dessa educação depende da adequada formação que os licenciados terão em seu processo de formação docente. Assim, inegavelmente a Universidade exerce um papel de suma importância no processo de formação de futuros docentes. E o PIBID vem contribuir neste processo de formação, dando suporte as carências e dificuldades que a licenciatura apresenta na tarefa de cumprir sua função.

Por fim, pode-se considerar, conforme todos os relatos mencionados que há diferença entre a formação dos estudantes que participam do PIBID e a formação daqueles que não participam por isso sua importância. Diante do exposto, sem dúvidas, o PIBID é e está se tornando cada vez mais sólido, atuante e reconhecido dentro das Universidades como um programa que veio para somar, de forma positiva, contribuindo para a melhoria da qualidade da formação dos futuros professores que atuarão na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

- CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em 20 out, 2013.
- D'AMBRÓSIO, S. Beatriz. Formação de Professores de Matemática para o Século XXI: o Grande Desafio. **Revista Pro- Posições**. v. 4, n 1[10], mar, 1993, p. 35-41.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 1. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005. p. 1-53.
- FRANCO, Maria Estela Dal Pai; BORDIGNON, Luciane Spanhol. **Qualidade na formação de professores: bolsa de iniciação à docência (pibid) como estratégia institucional**. 2012, 14p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. Paz e Terra, SP: 1996. 54p.



FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sérgio. **Investigação em educação matemática:** pressupostos teóricos. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 1-56.

MIORIM, Maria Ângela; MIGUEL, Antônio; FIORENTINI, Dario. Ressonâncias e Dissonâncias do movimento pendular entre álgebra e geometria no currículo escolar brasileiro. **Revista Zetetiké**. Ano I, n. 1, 1993, p. 19- 39.

SILVA, Juliete Guedes; CHAGAS, Leandro Marcelo Cassimiro das, ALVES, Maria da Penha Casado. PIBID: **A experiência da sala de aula na formação inicial de professores**. s/ano, 10p.

SILVA, Milena Celândia Rodrigues; LIMA, Francisco Mateus Alexandre e PAIVA, Rita dos Impossíveis Dutra. **Professores em formação:** a contribuição do pibid para o graduando em pedagogia. 2012, 12p.

WIEBUSCH, Andressa; RAMOS, Nara Vieira. **As repercussões do pibid na formação inicial de professores**. 2012, 15p.

ZEULLI, Elizandra. et. al. **O Pibid e a formação inicial dos professores da UFTM:** diferentes experiências entre seus atores. 2012, 13p.



PORQUE OS ALUNOS NÃO SE INTERESSAM PELA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

CLAUDIO, Danilla Bernardes¹; MARQUES, Marlucia²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹danillabernades@hotmail.com; ²marlucia.marques@yahoo.com.br

RESUMO : *este estudo tem como proposta principal destacar a prática pedagógica do ensino de geografia na escola estadual (a) e municipal (b), chamando a atenção dos educadores para a importância das transformações ocorridas no decorrer da história da educação até os dias atuais. Ao verificar a situação da geografia atual o professor terá noção de como estar modificando suas práticas pedagógicas em sala de aula, voltando-se para realidade dos alunos, motivando-os a participar do processo ensino-aprendizado levando conteúdos que estimulem o interesse desses alunos pela geografia em sua realidade. Para tanto, realiza-se a análise da prática pedagógicas buscando relacionar o desinteresse dos alunos na de cidade iporá-go. A prática docente dos professores de geografia aqui discutida é pautada nas concepções dos alunos em relação à disciplina, foram feitas análises quantitativas e bibliográficas, tendo como suporte teórico alguns autores como Homero, Cavalcante, entre outros. Os resultados previstos com essa pesquisa visam entender por que os alunos não gostam de estudar geografia. Espera-se, que este estudo possa auxiliar na construção de novas metodologias para ministrar as aulas de geografia e melhorar o desenvolvimento e interesse desses alunos em relação a disciplina.*

Palavras-chave: *Prática docente; Ensino de Geografia; Metodologia.*

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como finalidade verificar e analisar o desinteresse dos alunos no processo de ensino-aprendizado, considerando o ensino de geografia em Iporá nas escolas A e B, mostrando de forma geral a importância de estudar geografia, não se esquecendo das mudanças ocorridas ao longo das transformações desta ciência.

Busca-se através desta pesquisa, que influencia o educador em sua vida profissional, mostrando-lhe a real importância de trabalhar com a geografia inserindo na vida cotidiana do aluno, baseando-se no fato que a sociedade tem grande influência sobre o espaço em que se vive e que são agentes construtores em sua realidade.

Se a geografia estiver separada dos problemas, é natural que os alunos não se sintam motivados por ela. O professor deve perceber que ensinar geografia deve desenvolver no aluno suas habilidades e interesses, não se preocupando apenas em memorizar dados e informações sobre o mundo, ou ficar preso em livros didáticos, mas



trazer dados vistos em sala de aula à sua realidade, instigando-o a pensar sobre os problemas de onde vivem.

Ao realizar essa pesquisa foi percebido que em sua maioria os alunos não se interessam em estudar Geografia pela forma que o professores ministram as aulas. O estudo de geografia assim como outras disciplinas, está inserido em um sistema educacional muito tradicional o que dificulta o trabalho do profissional da educação.

O objetivo dessa pesquisa é reconhecer as prováveis causas pelo desinteresse desses alunos pela disciplina de Geografia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para que toda pesquisa tenha um bom resultado é necessário usar metodologias que possam auxiliar o pesquisador.

Os métodos utilizados dessa pesquisa são de caracteres subjetivos, bibliográficos, leituras de artigos, qualitativa, que refere à forma de entender a natureza de um fenômeno social, a realidade vivida pela sociedade, ou seja, pelos alunos, e entrevistas com os alunos nas escolas A e B. Foram realizados questionários que comprovou que os alunos não gostam de geografia, ao perguntar se gostavam das aulas não inibiram em falar que não por que as aulas são chatas e didáticas, confirmando o desinteresse dos alunos pela disciplina de Geografia, questionando as metodologias usadas em sala de aula pelos professores.

Muitas vezes o aluno não percebe ou não tem conexão entre o saber escolar geográfico com o saber cotidiano. A educação geográfica carece de estratégias de ensino que produzam contextualização, facilitando a compreensão dos conceitos dos conteúdos programáticos ensinados em sala de aula.

O saber escolar está ligado à atividade de construir e reconstruir significados geográficos assimiláveis pelo aluno, fazendo uso da razão, do raciocínio normalizado, organizando o conhecimento numa sequencia compreensível, tendo por objetivo a manutenção da cultura, como decorrência da manutenção da sociedade a aproximação



da realidade dos alunos facilita e desperta o interesse dessas crianças, quando os professores aproxima a realidade do aluno com a escola facilita muito seu aprendizado.

De uma maneira geral, o professor da disciplina de Geografia e das disciplinas correlatas tem sido cada vez mais forçado a repensar suas práticas pedagógicas, renovando as formas de contextualização para motivar o aluno a ter interesse pelo estudo, trazendo-os para sala de aula e fazendo com que desperte o interesse desses por estudar e pela disciplina de Geografia, e aproximar a sala de aula do cotidiano do aluno é uma ação importante, conforme registro de CASTROGIOVANNI (2001, p.11,12)

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasia, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto viver em busca de seus interesses. As ciências, passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em processo constante de transformação/(re)construção. O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões.

O autor cita que, as escolas em geral precisam de uma aproximação entre os alunos, professores, administradores e os demais, para melhor se relacionar uns com outros, e usar o mundo contemporâneo ao seu favor, cada vez mais fica evidente que a realidade dos alunos e seu aprendizado dependem muito da ligação do mundo moderno com a realidade da escola. Freire (1987) nos afirma que o professor deve saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria construção ou produção.

A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

O desenvolvimento das ciências em geral e da Geografia em particular acelerou-se nos séculos XVIII e XIX, em consequência do capitalismo. O capitalismo comercial provocaria, a partir do século XV, grande expansão das navegações e, como consequência, o descobrimento dos novos continentes e ilhas, fazendo com que se



intensificasse o comércio entre os povos que viviam em condições naturais, e em organizações sociais mais diversas. A Europa, que possuía o núcleo de civilização mais dinâmica e tinha maior controle da tecnologia, estendeu a sua influencia econômica e política por toda a superfície da terra.

A Geografia se tornou uma ciência autônoma recentemente, na segunda metade do século XIX. Naturalmente, o conhecimento empírico do seu espaço foi feito pelo homem dia após dia, pois; sempre soube que reconhecer o ambiente ao seu redor é fundamental para sua sobrevivência. O homem utilizou inúmeras vezes de conhecimentos geográficos sem ter noção de estar praticando Geografia. Levou milhares de anos, para sistematizar esses conhecimentos, e ainda há pouco mais de cem anos conseguiu sistematizar esses conhecimentos em uma ciência chamada Geografia. O homem sempre fez e faz seu espaço dia após dia e nem por isso pensa estar fazendo Geografia. E jamais se propõe a pensar sobre o espaço em que habita.

A Geografia durante muitos anos possuía uma divisão consensual e que até hoje perdura: para os leigos uma Geografia descritiva e sem ligação com temas polêmicos, e para os estudiosos o inverso. Para as pessoas das camadas populares era um saber desinteressado e inútil, assim ela foi sendo construída. Para que permanecesse ao alcance apenas dos detentores do poder, foi sendo institucionalizada uma Geografia de cunho meramente descritivo e de cultura geral desinteressada e com ênfase nas paisagens naturais. Isso para que a classe popular não tivesse compreensão do espaço ao seu redor e começasse a procurar e provocar mudanças. Cavalcanti (1998, p. 58) cita que:

Quando o professor defronta-se com a realidade da Geografia escolar reflete sobre ela, pode distinguir dos tipos de práticas, uma que é instituída, tradicional; outra que são praticas alternativas, que já é realidade em muitos casos. De um lado, uma pratica marcada por mecanismos conhecidos de antemão: a reprodução de conteúdos, a consideração de conteúdos como inquestionáveis, acabados, o formalismo, o verbalismo, a memorização. De outro, algumas experiências e alguns encaminhamentos que começam a ganhar consistência, fundamentos, em muitos casos, em visões construtivas de ensino.



As metodologias usadas nas aulas de Geografia em sua maioria são teoria muito didáticas deixando as aulas monótonas com isso aumenta o desinteresse desses alunos pela disciplina, os professores deixam a desejar em sala de aula, sabe-se que as falhas são muitas e é caracterizada por um sistema educacional burocrático e exigente na área da educação os livros didáticos passaram a ser a bíblia dos professores em sala de aula. Segundo Cavalcanti (2002, p. 53):

Todo começo parece uma redescoberta: somos e o que fazemos? Alunos e professores trabalham juntos, uns organizam lições, outros tentam desenvolvê-las. Assim, a escola conduz a cada período letivo, seus alunos e professores, a fim de que realizem tarefas de aprender e ensinar.

Para melhor entender a realidade da escola é necessário interação entre alunos e professores, levando sempre em consideração a realidade de cada um, assim todos podem ensinar e todos podem aprender.

O ENSINO- APRENDIZADO DE

E a escola que é a grande responsabilidade no processo de conscientização e /ou não conscientização que desenvolve em todas Geografia a disciplina que tem um papel singular nessas questões conscientizar as crianças em desenvolver as habilidades na área do meio ambiente e responsabilidades das escolas, cabe a elas a tarefa de ensinar os conceitos elementares da Geografia, econômica, política, social, antropológicas, ciências humanas naturais biológicas geomorfológicas climatológicas astronomia, entre diversas outras ciências que se engloba na geografia.

O estudo das diferentes correntes do pensamento geográfico influenciou intensamente a Geografia escolar comunicar até os dias de hoje um elemento significativo nos métodos de ensino nas escolas.

A Geografia, enquanto ciência apresenta uma história particular, pois se constituiu, primeiramente, como saber escolar. Esteve voltada para organizar as informações sobre o mundo para, posteriormente, se tornar alvo de uma investigação científica (OLIVEIRA, 2003, p. 33).



Apesar da criação de leis e teorias, pode se afirmar que estas propostas não têm só capacidade de alcançar seus objetivos na sua totalidade mas de levar uma ciência mas histórica diante da realidade dos alunos. Em sala de aula os alunos ainda apresentam pouco interesse pelas aulas, isso porque a qualidade da aula não atingiu um nível eficaz, e os alunos, em sua maioria, querem apenas ser aprovados nas disciplinas.

O desinteresse dos alunos pelas aulas de Geografia tem despertado varias reflexões sobre a prática pedagógica. Muitas críticas têm sido feita por professores e pesquisadores em geral, mostrando que a forma como os conteúdos são trabalhados em sala de aula não estimulam o aprendizado, isso porque os professores não fazem uma ligação da realidade escolar com a realidade cotidiana desses alunos, o que provoca um desinteresse maior entre eles.

Os conteúdos muitas vezes, estão alheios à realidade dos alunos, não param para pensar sobre suas experiências pessoais, por isso não tem sentido em suas vidas.

Não é por acaso, que a maioria de nós se lembra das aulas de Geografia como algo extremamente chata e desinteressante, porque a única qualidade que se exigia do aluno era uma boa capacidade de memorizar, e infelizmente não é o que realmente a disciplina de Geografia tem para repassar, pois sua riqueza e múltiplas funções são indispensáveis para o enriquecimento do aprendizado, nos dias atuais. Observei as mesmas falhas de 10 anos atrás.

A metodologia não acompanhou as mudanças, permaneceu estática e com isso os alunos reclamam que a disciplina de Geografia tem sido muito decoreba, chata, monótona e cansativa, então me pergunto de quem é a falha.

Na pesquisa realizada sobre o ensino de Geografia nas escolas A e B, ficou claro que a disciplina de Geografia, não é a favorita da maioria dos alunos. O sistema de educação tem muitas falhas e muitos responsáveis, professores, alunos, administradores e governo não da para apontar o verdadeiro causador pelas falhas na área da educação. Alunos e professores têm sido vitimas desse processo, a Geografia que se ensina e aprende não tem motivado, foi perdendo a sua verdadeira essência, aquilo que deve ser discutir sobre a realidade presente na sociedade.



A escola no contexto atual encontra-se desmotivada, os professores sobrecarregados, porque para ter um salário mais digno precisa ir ao máximo em sua carga horária, comprometendo na maioria das vezes seu bom desempenho em sala de aula. O governo não está preocupado com o conhecimento que o aluno pode ou não adquirir, está preocupado apenas em alcançar os índices almejados, os quais elevam seu status diante da sociedade, que na grande maioria desconhece a realidade imposta para alcançar esse índice, analisando somente o resultado dos dados divulgados, conceituando como positivo os resultados alcançados na educação.

A parcela de responsabilidade apresenta principalmente pela falta de compromisso dos pais em não impor autoridade na educação dos filhos deixando-os a vontade, sem limites e sem compromisso nenhum com os estudos, isso é percebido dentro da sala de aula, o aluno que é educado com limites, que respeita os pais, seu desempenho é positivo, já aqueles que não são educados, que não respeitam os pais, pouco resolve metodologias diversificadas e criativas.

Bem, diante desse julgamento de culpas sobre as dificuldades que decorrem dentro do processo ensino aprendizagem, posso sugerir que as intervenções e práticas pedagógicas que possa amenizar esta falta de interesse e compromisso dos alunos em relação aos estudos principalmente na disciplina de Geografia é a atuação do professor em sala de aula.

Vou refletir sem pretensão nenhuma de generalizar esse ou aquele profissional, sei que todos graduados sabem da importância da disciplina dentro do currículo, conforme CASTROGIOVANNI (2001: p. 12) que ressalta com clareza essa importância:

Ensinar Geografia não pode ser um ato mecânico, resumido ao ato de informar, no qual o professor propõe atividades e o aluno realiza. Tem que ser um ato muito mais complexo, no qual a discussão, o debate, a reflexão sejam estimulados constantemente, contribuindo assim, para a construção das competências sócio-político-culturais.

Os professores têm que atualizar suas metodologias fazendo com que esses alunos se interessem em aprender e fazer uma relação entre a realidade do aluno na sala



de aula, tanto na vida escolar como social, assim a Geografia poderá deixar de uma disciplina tão chata e ter realmente o valor que ela de enquadra, rica, diversificada, ampla, social, objetiva, multiescolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao observar as aulas de alguns professores percebi que existe uma preocupação em cumprir o Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás, deixando o professor na maioria das vezes de “calça curta”, pois precisa acelerar a exposição dos conteúdos, mesmo sem a assimilação dos mesmos pelos alunos.

Infelizmente o ensino está fatigado, desmotivado, mecânico a nova proposta de educação para Goiás, não obtêm bons resultados, principalmente pelas imposições feitas educadores que estão seguindo ao pé da letra.

Ultimamente, nem os estudantes estão recebendo uma homenagem especial em comemoração ao seu dia, porque a escola não pode parar, porque o conteúdo deixará de ser ministrado, como se os alunos não aprendessem estando participando dessas atividades.

Onde fica a formação social, cultural? Percebi que o profissional da educação está desmotivado.

Mesmo diante desse contexto, nas aulas que observei percebi grande esforço dos professores no desempenho de sua função, apesar de observar certo distanciamento dos alunos em relação às aulas.

Às vezes apáticos, às vezes sem interesse, os professores fizeram pouco uso de material didático- pedagógico, (apesar de terem diversos recursos disponíveis nas escolas observadas) alegando que os alunos mesmo quando utilizados metodologias diferenciadas, ou explorando recursos diferentes, pouco mudam sua postura.

O desinteresse dos alunos pela disciplina de Geografia no geral, tem sofrido fortes críticas feitas por professores e pesquisadores, sendo a principal causa por essa falta de interesse a metodologia utilizada pelos professores e principalmente o distanciamento dos conteúdos da vida dos alunos.

Segundo Callai (1999, p. 58)



A Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorreram são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento. [...] O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a Geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma Geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico.

Esse ponto que o autor destaca tem uma relevância, o ensino metodológico não devem ficar preso em livros didáticos, mas levar a realidade do aluno para sala de aula para que seu entendimento seja de um significado maior, fazendo isso motivará esses alunos a transformar e se interessar em estudar Geografia, tornando-se cidadão crítico, pensante e conscientes e cientes que eles são os maiores transformadores da realidade de onde vivem, de sua escola, bairro onde mora e da sua cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com realização dessa pesquisa percebo a Geografia como prática de ensino ainda passa por vários problemas, considerando a falta de interesse dos alunos e a falta de incentivo por parte dos professores, incentivos estes que está falho, muitas vezes pela falta de recursos e os baixos salários, fazendo com que os professores muitas vezes fiquem acarretados de trabalho, não tendo disposição de estar inovando em suas aulas, onde tornam rotineiras as aulas e acabam ficando uma aula chata e sem aproveitamento pelos alunos.

Precisa-se pensar em metodologias que aproximem à disciplina de Geografia a vida contemporânea dos alunos.

O conteúdo deve ser abordado de forma que tenha significado e curiosidade para que eles se interessem em estudar essa disciplina. Sendo assim, é importante que as ações dos professores possam renovar a imagem construída, de modo a obter dos alunos julgamentos positivos, em relação ao estudo desta disciplina.

Portanto com esse estudo feito focando o olhar dos alunos sobre o desinteresse dos mesmos pelo ensino da disciplina de Geografia, está vinculada principalmente a



forma como os conteúdos são explorados em sala de aula e que os mesmos devam ser mais atraente, dinâmico, comprometido com a transformação social, levando sempre em consideração a forma fundamental, as participações dos alunos na construção de um saber geográfico escolar coerente com a realidade em que vive.

Para que realmente se tenha alunos que interessem pela disciplina de Geografia e entenda sua complexidade e riqueza é necessário que o professor olhe de uma forma especial para sua profissão e seus a fazer pedagógico.

Estamos inseridos em uma sociedade que passa por transformações diariamente e sendo a Geografia uma disciplina que tem como objetivo reconhecer a organização do espaço geográfico e suas múltiplas relações.

A Geografia nas escolas tem a finalidade de formação de modo de pensar geográfico por parte dos alunos o ensino da Geografia tem objetivo de trabalhar a educação geográfica na escola, que consiste em levar aos alunos a conscientização de espacialidade das coisas em seu redor, levarem a conscientização dos fenômenos que eles vivenciam diretamente no meio social ou escolar.

No geral os professores têm um discurso crítico, mas sua prática não condiz com seus discursos, tem que usar metodologias que aproximam a realidade da sala de aula com a realidade cotidiana desses alunos. Ensinar a Geografia com transparência, é ter a certeza que esses alunos terão uma visão transformadora de uma sociedade mais digna, consciente e eficaz sabendo o verdadeiro significado é importância dessa disciplina os alunos podem ter uma visão diferenciada quando alguém questionar sobre o ensino de Geografia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luci I. de O. e outros. **Espaço em construção**. Belo Horizonte : LÊ, 1990, 4 volume
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Historia da educação**. São Paulo. ed. Moderna. 1996.
- CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **Escola e Construção do Conhecimento**, São Paulo 1998.



- CASTROGIOVANNI, Francisco. **Ensino de Geografia e suas Práticas Pedagógicas**. Porto Alegre Ed. Cortez e Moraes. 2001, p 11-12.
- CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise**. In 1999, p. 58
- FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: O cotidiano do professor**. Rio de Janeiro. Ed. Autores Associados. 1987.
- CORREIA, Roberto L. **Região e organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1986.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. Campinas : Papirus ,1989
<[HTTP://Amaliageografia.blogspot.com.br](http://Amaliageografia.blogspot.com.br)>/.2009/02/PCN-Objetivo-de-geografia.hotmil.
- OLIVEIRA, Ariovaldo, Umbelino. **Educação e Ensino de Geografia na Realidade brasileira**. São Paulo, 2003.
- VYGOTSKY, Leo. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984
- WETTSTEIN, Germán. **O que se deveria ensinar hoje em geografia**. São Paulo, 2003.



O USO DE AULAS PRÁTICAS EM SALA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO

GOMES¹, Tatiane Silva; PERES², Juliane Pereira de Santana
Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá
tatifernandasg@gmail.com¹;julianepesp@yahoo.com.br²

Resumo: *Faz-se importante que tenham em sala de aula, possibilidades de aprendizagem, que venha facilitar o processo ensino/aprendizagem. As aulas práticas é um meio em que o professor pode utilizar para melhorar a forma com que os alunos aprendam, fazendo com que aulas que seriam de pouco interesse dos alunos se tornem mais chamativa, fazendo com que os alunos possam compreender o conteúdo de forma mais clara. Assim, as aulas práticas, servem como o despertar da atenção dos alunos para compreender melhor cada conteúdo, acontecendo então as aulas práticas os alunos irão entender de forma real como cada assunto é realmente. Principalmente na exposição das aulas de Ciências e de Biologia, faz-se necessário a inserção de aulas práticas, pois assim os alunos poderão verificar pessoalmente como acontece certo tipo de conteúdo, podendo visualizar como aquele determinado assunto que antes fora exposto apenas com palavras, poderá se tornar mais compreensível. Sendo que, com a utilização das aulas práticas nas escolas, é possível com que os vários ramos, que são estudados dentre das áreas biológicas, sejam mais compreendidos, fazendo com que o aluno reconheça que o conteúdo diz respeito a algo que é real. Um pequeno número de atividades interessantes e desafiadoras para o aluno já serão o suficiente para suprir as necessidades básicas na formação de crianças e jovens, permitindo-os relacionar os fatos às soluções de problemas, dando-lhes oportunidades de identificar questões para sua própria formação de investigação. Durante minha experiência de regência como professora estagiária, pude observar que no ensino fundamental, onde tive a oportunidade de realizar as aulas práticas, a realização destas puderam trazer aos alunos uma melhor compreensão, na forma de absorção do conteúdo, tornando assim as aulas mais produtivas na construção de aprendizagem dos alunos.*

Palavras Chaves: *Atividades práticas; ensino-aprendizado; Educação.*

INTRODUÇÃO

O ensino de Ciências Biológicas deve-se atentar a levar o aluno a uma reflexão crítica, sobre os meios de construção do conhecimento científico-tecnológico, bem como este determinado assunto irá refletir na sociedade. Desta forma o professor não deve se limitar apenas a exposição oral dos conteúdos, também deve levar em consideração aos meios com que o aluno irá absorver melhor o conteúdo e também favorecer a construção do conhecimento dos alunos através de atividades práticas,



fazendo com que os alunos se atentem a forma interdisciplinar da ciência (SILVA & LANDIM, 2012).

KRASILCHIK (2008) afirma que dentre as formas de didáticas existentes as mais indicadas são as aulas práticas e os projetos. Sendo esses métodos, são os que proporcionam uma melhor oportunidade para a construção científica dos alunos. E como objetivo desses métodos está o de desenvolver e manter o interesse dos alunos, fazendo com que os estudantes se envolvam em investigações científicas, desenvolvam a capacidade de resolver problemas, compreendam conceitos básicos, e desenvolvam habilidades. Para a realização de aulas práticas deve-se levar em conta o conhecimento que o aluno traz consigo, já que a ficção do conteúdo através das aulas práticas necessita de um conhecimento prévio, para que essa forma de ensino venha apenas a reforçar aquilo que antes já fora exposto, levando o estudante a combinar ação e reflexão (ROSITO, 2003; SILVA & ZANON, 2000).

O modelo de ensino/aprendizagem tradicional, é o mais utilizado por educadores nas escolas da rede de ensino. Segundo Carraher (1985), esse modelo de educação trata-se da educação como um conjunto de informação que são passadas dos professores para os alunos, sem que haja um verdadeiro aprendizado, apenas como forma de lançar o conteúdo escolar. Não atentando-se para a absorção dos conhecimentos por parte dos alunos, tendo esses apenas um papel de ouvintes. Assim quando acontece apenas um comprimento do planejamento escolar sem se atentar ao conhecimento por parte dos alunos, o que foi expostos poderá ser esquecido facilmente, em pouco espaço de tempo.

Fracalanza et al, (1986) Propõe-se que seja feita uma substituição das aulas verbais por atividades experimentais, assim o professor se desligará ao seguimento restrito ao conteúdo dos livros didáticos. Onde a experimentação não é apenas importante para as aulas por que diferenciam as aulas, mas sim pelo fato de proporcionar ao aluno despertar para o entendimento dos fenômenos. A experimentação é importante para o ensino não só porque dinamiza as aulas, mas porque ela oportuniza ao aluno vivenciar o “insight”, a descoberta, o click mental que leva ao entendimento dos fenômenos (THOMAZ, 2000; ROSA et al., 2007).



Assim é importante que o professor faça uma análise sobre sua forma de ensinar. Sendo que o professor deve por si só refletir sua metodologia e procurar melhorar segundo as necessidades do aluno fazendo com que cada aluno possa entender o significado do aprender (BELOTTI & FARIA, 2010).

Para Moreira&Diniz, (2003), a experimentação nas aulas de biologia é de grande importância, devendo assim, ser inquestionável. Já que, a própria matéria de ciências dá possibilidades para o desenvolvimento de aulas práticas, desta forma é importante ressaltar que se trata de experimentos que acontecem naturalmente no meio em que vivemos, logo, os recursos utilizados para as aulas práticas podem ser encontrados na própria natureza. Onde tem-se uma boa experimentação, pelo fato de os alunos terem contato com o material biológico, e as transformações que ocorrem naturalmente, o que resulta em um melhoramento nos trabalhos em equipe, levando ao maior envolvimento e a participação a fundo nas aulas (LEPIENSKI & PINHO, 2013). Desta forma as aulas práticas podem estabelecer um firmamento nas aulas expositivas orais, podendo o aluno nas aulas práticas, verificar se a sua compreensão diante das aulas orais, é de acordo com as práticas. Fazendo desta maneira um reforço ou uma correção do que antes o aluno aprendeu (POSSOBON et al, 2003).

Em minha experiência de estágio, tive a oportunidade de trabalhar aulas práticas durante a regência no ensino fundamental. Durante a exposição das aulas práticas, o conteúdo de respiração celular pode ser compreendido de forma mais simples e assim fazer com que um conteúdo detalhado ficasse mais acessível ao conhecimento dos alunos. Também foi proposto o conteúdo das organelas, tendo um grande aproveitamento em relação à fixação do conteúdo quando aconteceu a aula prática. Com as aulas práticas pude observar que foi facilitado o processo de ensino e aprendizagem.

OBJETIVO GERAL

Diante de uma ferramenta tão crucial no ensino de Ciências, este trabalho objetivou-se em fazer um levantamento bibliográfico que demonstra a importância das aulas práticas para a aprendizagem do aluno. Diante do estudo das aulas práticas



vivenciadas, sugerir ao professor um melhor aproveitamento das aulas tornando-as práticas, desta forma, proporcionar uma melhor aprendizagem, visando à construção da aprendizagem do conhecimento científico pelo aluno.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Ressaltar a importância de aulas práticas para o conhecimento do aluno;
- Incentivar o uso de aulas práticas com alunos do ensino fundamental e alunos do ensino médio;
- Sugerir o quão importante são as aulas práticas para a construção de novos conhecimentos;
- Proporcionar ao professor, através da leitura deste, o entendimento de quanto o uso das aulas práticas pode trazer benefícios para o bom rendimento escolar.
- Reconhecer a relevância da aula prática em sala de aula, através da minha experiência no estágio.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada busca bibliográfica em que os trabalhos encontrados, puderam me auxiliar na construção deste artigo. Foram selecionados artigos, livros, dissertações e teses sobre o uso de aulas práticas em sala como instrumento de aprendizado. O critério empregado para seleção dos artigos foi a leitura de seus respectivos resumos, escolhendo aqueles que abordavam aspectos relevantes em relação ao emprego de aulas práticas no ensino para alunos do ensino fundamental e do ensino médio. Essa busca bibliográfica a respeito de como as aulas práticas podem ser importantes na formação dos alunos, foi realizado nas bases de dados do Portal Capes, Scielo e Lilacs.

A estratégia de busca dos artigos foi baseada nos termos chaves: aulas práticas para aluno de ensino fundamental e ensino médio, aulas práticas como instrumento de aprendizado e inovação no ensino.



Também usei como estratégia para a realização deste trabalho, a minha experiência na fase de regência no ensino fundamental. Onde pude trabalhar a aula prática em dois momentos, o primeiro, quando ministrei aulas sobre a respiração celular, que foi possível fazer como que os alunos associassem o conteúdo de forma correta. De forma que usei fermento biológico num copo tampado de papel PVC, demonstrando como acontece a fermentação celular.

E o segundo momento, foi quando foi proposto os tipos de organelas e suas localidades, o qual foi sobre uma torta, usando jujubas, uma célula da escolha deles, em que em grupos de três pessoas eles escolhiam um tipo de jujuba que mais se assemelhava a organela e colocava em sua respectiva localidade. E depois explicavam a função que aquela organela desempenhava na célula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Castelo (1985, p. 3) a escola já não deve apenas promover apenas o ganho de conhecimento para o aluno, mas sim ensinar ao aluno como adquirir o máximo de conhecimento em menos tempo, ensinando a cada aluno como ter um raciocínio lógico e eficiente. Este que este autor afirma que:

Sendo assim, os alunos devem ir à escola para adquirir habilidades que os capacitem a absorver os conhecimentos de que necessitarem, e que os tornem aptos a utilizar esses conhecimentos da maneira mais proveitosa: a habilidade da leitura, do raciocínio matemático, do planejamento e da avaliação de objetivos etc. Desse modo, estaremos formando indivíduos abertos à realidade, capazes de reformular constantemente os conhecimentos adquiridos, atualizando-se sempre que perceberem a necessidade disso. Nossos alunos estarão conscientes de que a ciência progride, as verdades de hoje não serão as verdades de amanhã, mas eles poderão sempre, a qualquer momento, tomar posse das novas verdades instauradas pelo progresso, graças às habilidades adquiridas na escola(Castelo 1985, p. 3)

No ensino de ciências e de biologia onde se tem a oportunidade de o aluno ter um contato físico direto com o material biológico, e é super importante para o desenvolvimento da atividade cerebral. Contudo, o ensino de ciências e de biologia se torna limitado diante do modelo de ensino utilizado nas redes publicas de ensino. Os



professores inovadores que determinam algum tipo de mudança no método de ensino estão sujeitos a fracassar diante das dificuldades encontradas pelo seu trajeto na caminhada pela melhora da educação. Pois, fazer algo que é diferente da forma tradicional de ensino é um verdadeiro desafio, pois durante muito tempo os professores se acomodaram na forma de ensinar, o que torna esse tradicionalismo em um cansaço na forma de ensino tradicional (LEPIENSKI&PINHO, 2013).

A teoria e a sua reflexão não existem separadas do plano objetivo, também ligado diretamente a prática e sua utilidade para a prática. Assim, quando não acontece a vivencialização do conteúdo escolar, este estudo fica sem um resultado de representação teórica, não possibilitando o aparecimento de novos pensamentos, o que acrescenta uma facilitação no processo de ensino aprendizagem (VIEIRA PINTO, 1969, apud PIMENTA, 1995).

Para Carvalho (2006), ensino e aprendizagem se encontram bastante interligados, representando uma via de mão dupla que é complementar uma a outra. O qual é e sempre foi, o principal objetivo da Didática. O aluno tem maior capacidade de fixar o conteúdo quando é possível adquirir o conhecimento de forma com que ele veja, de forma próxima quando e como acontece, sendo ainda melhor se for possível que eles mesmos, com a ajuda do professor, possam realizar a aula prática.

As aulas práticas devem fazer com que os alunos se interessem ao conteúdo, e proporcionar que estes se vejam numa situação de verdadeira investigação. Desta forma o aluno ficará propício ao questionamento para sua melhor compreensão ao conteúdo que fora exposto (DELIZOICOV & ANGOTTI, 2000). Durante uma atividade prática, o professor deve levar o aluno ao estímulo da compreensão do conteúdo, bem como incentivar e criar estratégias de ensino através das aulas práticas que fará com que o aluno venha a gostar e entender de forma clara o conteúdo, de forma que é de grande relevância quando a aula prática parte da realidade do cotidiano dos alunos. Como é o caso da botânica, em que as plantas podem ser estudadas mostrando para o aluno o quão importante as plantas são no nosso planeta, tanto para os humanos como para os outros animais e também para outros vegetais. Demonstrando o quanto as plantas são importantes para a alimentação e também como forma de ornamentação, dentre as



várias outras possibilidades e também as outras formas de importância, sendo algo que não só se imagina onde possa existir, e sim que eles estão vendo onde pode ocorrer. (PESSOA, 2001).

Segundo PILETTI (2001), a aula prática deve levar o aluno a estimular sua própria visão da forma conceitual dos conteúdos, desta forma o aluno que ouve, vê e tem a oportunidade de praticar, irá desempenhar um papel como um agente modificador do mundo em que vive, pois poderá associar teoria e prática de forma simplificada, mas com grande capacidade cognitiva de desenrolar aquele determinado conteúdo de forma a transmitir até mesmo aos colegas como é na realidade. O se diz quanto a execução de uma aula prática, pode-se ser inviabilizada pela falta de equipamentos adequados para a realização de uma boa aula prática sem ter uma infra-estrutura, e até mesmo por falta de tempo para a organização de uma aula prática, o que acontece com muitos professores da rede pública de ensino. Sendo que, a maioria das salas de aula na rede pública tem salas com um grande número de alunos, e com uma carga horária curta, impossibilitando uma boa qualidade de aprendizagem (RONQUI et al, 2008).

A educação deveria ser mais do que uma simples repetição, deveria ser então, um meio de libertação do aluno para que este possa produzir aquilo que se escuta na sala de aula. E as aulas práticas permitem esse melhor desempenho por parte tanto dos professores, como para os alunos, já que nas aulas práticas os alunos poderão comprovar aquilo que conseguiu absorver durante as aulas expositivas, e o professor então comprovar, se sua metodologia fora ou não capaz de atingir o nível máximo de conhecimento adquirido pelos alunos. Contudo, o conhecimento é adquirido sob as condições sociais vigentes, já que se torna certo que ninguém se educa sozinho, tornando-se uma comunhão de conhecimentos. Em que a resolução de uma educação problematizadora, é o de observar que o problema existe, e depois desenvolver ações para que aconteça um melhoramento. (FREIRE, 2005 p. 79).

Nessa mesma reflexão, BIZZO (2000) afirma que as aulas práticas ajudam a um melhoramento no processo de ensino-aprendizagem, já que diante das dificuldades de ensino-aprendizagem nota-se diretamente a dificuldade que o aluno encontra para a absorção dos conteúdos em sala de aula. Desta forma o professor deve desenvolver



habilidades de ensino voltado a aula prática, no intuito de fazer com que os conteúdos que antes era dado como um conteúdo complexo, seja agora simplificado, para uma melhor compreensão, e assim uma construção de um novo conhecimento, ou ainda um aperfeiçoamento do conhecimento antes já existente. Uma vez que o acompanhamento da aprendizagem passa pela observação das dificuldades e progressos dos alunos em sala. No ensino de ciências e de biologia, a experimentação é uma atividade fundamental, desde que as práticas estejam seriamente ligadas à teoria, já que para o aluno se desenvolver na realização da aula prática, o professor em sala já deverá ter feito a exposição oral em sala de aula (PRIGOL & GIANNOTTI, 2008).

“A finalidade crucial de uma aula de laboratório é permitir que o aluno raciocine e realize as diversas etapas de uma investigação científica”, conforme LIMA et al., (1999), a experimentação inter-relaciona os objetos de conhecimento e seu aprendizado, unindo desta forma a teoria e prática. Em que o ensino deve proporcionar aos alunos uma oportunidade de ter ação própria, fazendo com que estes possam ter um bom desempenho cognitivo. Para que a mente do aluno possa compreender melhor, se faz de suma importância que o professor induza o aluno a raciocinar como ele está inserido na sociedade, bem como o papel que este desempenha nela, podendo acontecer essa estratégia por meio de aulas práticas voltadas a sua organização social (MOREIRA, 1999).

As atividades práticas fazem-se necessárias para que os alunos sejam verdadeiros atores, no confronto com suas próprias dúvidas, em que poderão chegar a conclusões e a aplicação correta dos conhecimentos por eles adquiridos (LAKATOS, 2001).

Além destas vantagens fundamentais, LUNETTA (1992) afirma que as aulas práticas podem ajudar no desenvolvimento e na familiarização de conceitos científicos, permitindo que os estudantes possam gerar soluções para os problemas já existentes ao seu redor. Esse processo torna-se importante porque os alunos deparam, na maioria das vezes com dificuldades na assimilação dos conteúdos, sendo que tais mudanças podem estar relacionadas à ausência de atividades práticas nas aulas de ciências e de biologia, e também à incompetência ou despreparo por parte dos professores (PRIGOL & GIANNOTTI, 2008). Nesse sentido, BELOTTI & FARIA



(2010) apontam à necessidade de que o professor desenvolver uma metodologia que seja capaz de refletir sobre a realidade dos alunos, já que desta forma os alunos se interessaram mais, pois será algo que diz respeito ao cotidiano dos alunos, tornando o aprendizado significativo para cada um.

O estímulo e o desenvolvimento da Educação Científica se fazem necessários porque induz o aluno a entender melhor o percurso do homem na sua história evolutiva, bem como as transformações que ocorrerão na natureza e também na evolução da ciência. O ensino de ciências e de biologia para Silva, (2007), “deve despertar o raciocínio científico e não ser apenas informativo”. Porém, o aspecto formativo das atividades práticas experimentais tem sido na maioria das vezes apenas feito para constar no diário que fora realizado, portanto não basta apenas fazer por fazer, é importante que a realização das aulas práticas aconteça com responsabilidade na transmissão do saber. Podendo atingir com as aulas práticas um nível de considerável de conhecimento (SILVA & ZANON, 2000). “Em suma, diálogo e discussão assumem um papel importante e as atividades experimentais combinam, intensamente, ação e reflexão” (SILVA & ZANON, 2000; ROSITO, 2003). As aulas práticas detêm o poder de despertar, o interesse científico dos alunos, já que é uma diferenciação no método de ensino. Fazendo com que os alunos possam se dar conta que eles são capazes de descobrir uma situação de investigação, e a partir desta descoberta, possa desenvolver habilidades que antes era desconhecido até mesmo pelos próprios alunos. Portanto, as aulas práticas devem ser planejadas levando em consideração fatores como o real acontecimento, para que assim não haja desencontros de informações científicas favorecendo o processo de ensino-aprendizagem (DELIZOICOV & ANGOTTI, 2000).

Durante minha regência no ensino fundamental, quando ministrei aulas sobre a respiração celular, que foi possível fazer como que os alunos associassem o conteúdo de forma correta. De forma que quando usei o fermento biológico num copo tampado de papel PVC, demonstrando como acontece a fermentação celular, os alunos puderam visualizar de forma clara que a fermentação celular pode ser bem compreendida de forma simples, onde eles se mostraram entendidos do assunto a partir daquele



experimento, fazendo questionamentos para o esclarecimento do decorrer do experimento.

De forma com que todos os alunos demonstraram que quando foi proposto os tipos de organelas e suas localidades, alguns alunos tiveram dificuldade de entender o conteúdo, logo ao ser pedido a eles que fosse feito sobre uma torta, usando jujubas, uma célula da escolha deles, pude notar a grande vontade de participação dos alunos. Sendo que todos os alunos se fizeram entendidos do conteúdo, onde grupos de três pessoas escolheram um tipo de jujuba para representar cada organela, tendo que expor de maneira simples aos colegas qual era as funções das respectivas organelas. E ao término da montagem da célula eles demonstraram que realmente compreenderam o conteúdo depois de terem participado da aula prática, pois ao término foram feitas perguntas relacionadas ao conteúdo e eles responderam de forma correta o questionamento realizado, sendo que antes da prática, quando questionados poucos sabiam responder de forma correta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi observado durante a execução deste trabalho, através da revisão bibliográfica, foi possível verificar que os alunos sempre têm uma grande necessidade de inserção de aulas práticas no cotidiano escolar, pois estas além tirá-los da rotina de todos os dias trabalharem apenas com o lápis/caderno e quadro/giz, também irá fazer como que os alunos esclareçam conteúdos que julgavam estar fora do campo visual dos alunos, sendo algo que é comum em seu dia a dia, mas que eles nunca haviam tido a oportunidade de fazer esta ligação, por falta até mesmo, de aulas práticas. Quando é levada para sala de aula uma proposta de aulas práticas, eles logo se interessam, pois é algo novo e diferenciado para os alunos. E proporcionando assim, um bom desenvolvimento desse conteúdo como prática curricular.

Um aspecto muito importante é as condições relacionadas a esta prática, seja de espaço, ou de praticidade. Planejamento das aulas, o envolvimento de todo o grupo gestor escolar, pois implica numa reformulação de aulas, já que as aulas práticas são



super importantes nas aulas de ciências e de biologia, mas podendo também ser trabalhadas em todas as outras disciplinas. Contando que as aulas têm um tempo determinado de realização, e para que seja feita uma aula prática que vá alcançar os níveis mais elevados de conhecimento para os alunos, é preciso que este tempo seja um pouco maior, ou então seja mais bem aproveitado. Por outro lado também têm algumas aulas práticas que podem ser feitas em sala de aula mesmo, tendo um tempo de duração bem pequeno, as quais também fazem surgir ótimos resultados.

No que diz respeito ao planejamento das aulas, é importante que o professor esteja sempre interessado e entusiasmado a fazer com que suas aulas não sejam cansativas de assistir, e que pelo contrário, que os alunos tenham prazer em assisti-las. Trazendo em todas as aulas um chamativo, por mais simples que seja já terá a capacidade de promover um grandioso processo de aprendizagem, e sendo assim, o aluno realmente compreenderá como os fatos acontecem, não ficando apenas na imaginação de como devem ser. Durante todo este estudo e vivência com o assunto, ficou evidente que as aulas práticas despertam o interesse do aluno, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Ajudando também o professor na transmissão de conhecimentos aos alunos.

REFERÊNCIAS

- BELOTTI, S. H. A.; FARIA, M. A. *Relação professor-aluno. Saberes da educação*, V.1 ,n. 1, p. 01-12, 2010.
- BIZZO, N. *Ciências: fácil ou difícil?* São Paulo: Ática, 2000.
- CARRAHER, D. W. et all. *Caminhos e descaminhos no ensino de Ciências. Ciência e Cultura*. São Paulo, junho de 1985.
- CARVALHO, A.M.P. *Critérios Estruturantes para o Ensino de das Ciências*. In: CARVALHO, A. M. P de (org). *Ensino de Ciências: Unindo Pesquisa e Prática*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.
- DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J.A. *Metodologia do Ensino de Ciências*. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.



JACOB, P. L.; BARBOSA, F. DE, O. MEDEIROS, Z. M. D. DE; PEREIRA, M. G.; Lucena, *Formação de conceitos científicos em biologia através de atividades teórico-práticas* Centro de Ciências Exatas e da Natureza/Departamento de Sistemática e Ecologia/Probex. 2013.

KRASILCHIK, M. *O professor e o Currículo das Ciências*. EPU/Edusp, 1987. *Prática de ensino de Biologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

LAKATOS, E. M. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 2001.

LEPIENSKI, L.M.; PINHO, K.E.P. *Recursos didáticos no ensino de Biologia e Ciências*. Disponível em:

[http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/4002.pdf?](http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/4002.pdf?PHPSESSID=2009071511113042)

Acesso em: 21 de outubro de 2013.

LIMA, M. E. E. C.; JÚNIOR, O. G. A.; BRAGA, S. A. M. *Aprender Ciências – um mundo de materiais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999. 78p.

LUNETTA, V. N. *Atividades práticas no ensino da ciência*. *Revista Portuguesa de Educação*, v.2, n.1, p.81-90, 1992.

MOREIRA, M. A.; *A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget*. In: MOREIRA, M. A. *Teorias de Aprendizagem*. São Paulo: EPU. 1999. p.95-107.

MOREIRA, M.L.; DINIZ, R.E.S. *O laboratório de Biologia no Ensino Médio: infraestrutura e outros aspectos relevantes*. In: *Universidade Estadual Paulista – Pró-Reitoria de Graduação. (Org.). Núcleos de Ensino*. São Paulo: Editora da UNESP, v. 1, p. 295-305, 2003.

PESSOA, O, F; *Os Caminhos da Vida*. São Paulo: Scipione, 2001.

PIMENTA, S. G. *O Estágio na Forma de Professora. Unidade Teoria e Prática?* São Paulo: Cortez, 1995.

PILETTI, N; *Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental*. 26 ed. São Paulo: Ática, 2001.

PRIGOL, S.; GIANNOTTI, S. M. *A importância da utilização de práticas no processo de ensino-aprendizagem de ciências naturais enfocando a morfologia da flor*. *Simpósio Nacional de Educação – XX Semana da Pedagogia*, 2008.



RONQUI, L.; SOUZA, M. R. DE.; FREITAS, F. J. C. de.; *A importância das atividades práticas a área da biologia*, 2008.

ROSA, C. W. DA; ROSA, A. B. DA; PECATTI, C. *Atividades experimentais nas séries iniciais: relato de uma investigação. Revista Eletrônica de Ensino de Ciências* v. 6, n. 2, p. 263-274, 2007.

ROSITO, B.A. *O ensino de Ciências e a experimentação. In: MORAES, R. Construtivismo e Ensino de Ciências: Reflexões Epistemológicas e Metodológicas*. 2 ed. Porto Alegre: Editora Edipucrs, p.195-208, 2003.

SILVA, L. H. DE A.; ZANON, L.B. *A experimentação no ensino de Ciências. In: SCHNETZLER, R. P.; ARAGÃO, R. M. R. Ensino de Ciências: Fundamentos e Abordagens. Piracicaba: Capes/Unimep. P. 182, 2000.*

SILVA, T. S. & LANDIM, M. F. *Aulas práticas no ensino de biologia: análise da sua utilização em escolas no município de lagarto/se*. São Cristovão, Sergipe. 2012.

SILVA, R. *O ensino de Ciências na 5ª série através da experimentação. Ciência & Cognição*, v. 10, 2007.

THOMAZ, M. F. *A experimentação e a formação de professores de ciências: uma reflexão. Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v.17, n.3, p.360-369, 2000.



O USO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO SUPORTE DIDÁTICO PARA O ENSINO DOS CONCEITOS DE TEMPO ATMOSFÉRICO E CLIMA

¹ALVES, Washington Silva
Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá
¹washiipora@hotmail.com

Resumo: Destacar os elementos climáticos e diferenciá-los do tempo atmosférico é uma dificuldade encontrada pelos alunos do ensino fundamental e médio, até mesmo de acadêmicos dos cursos de licenciatura em Geografia e pela maioria da população de nossa sociedade. No entanto este trabalho tem por objetivo demonstrar a futuros professores de Geografia uma forma didática que contextualiza a teoria e a prática no ensino dos conceitos de clima e tempo atmosférico. Neste sentido foi desenvolvida uma atividade com os monitores do projeto de extensão intitulado "A climatologia vai à escola", do curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Iporá, a qual consiste na construção de equipamentos meteorológicos utilizando materiais recicláveis. A atividade foi desenvolvida em três etapas onde a primeira consistiu na leitura de bibliografias relacionadas à temática e a segunda na confecção de um pluviômetro utilizando garrafas pet e cano PVC e de uma biruta feita a partir de tecido TNT, arame e um pedaço de bambu usado para afixá-la. Também foi utilizado um termômetro de mercúrio (encontrado em farmácia ou em lojas especializadas em artigos hospitalares) fixado em uma haste de madeira para coletar dados de temperatura do ar. A terceira etapa consistiu na instalação dos equipamentos, dando origem a uma mini estação meteorológica. Ficou evidenciado que a construção de equipamentos meteorológicos artesanais se constitui uma ferramenta didática para o ensino dos conteúdos de climatologia nas escolas.

Palavras-Chave: Clima; Ensino; Cotidiano

INTRODUÇÃO

Os elementos climáticos, chuvas, temperatura, umidade, ventos, massas de ar, etc. estão intimamente ligados ao cotidiano de nossa sociedade, pois influenciam diretamente nas atividades humanas, agropecuárias, lazer e gestão territorial.

A mídia de um modo geral dia a dia tem trazido notícias sobre a previsão do tempo atmosférico mostrando em que regiões vão chover, quais terão temperatura mais elevada, qual estará mais seca etc. Esses fatos demonstram quanto o tempo atmosférico e os elementos climáticos estão associados ao cotidiano de nossa sociedade.



Os estudos dos fenômenos relacionados com o comportamento da atmosfera são orientados no sentido da compreensão de sua extensão (espaço), duração (tempo), intensidade e sua frequência.

No entanto para a OMM (Organização Mundial de Meteorologia) o clima é o estado médio da atmosfera caracterizado pela temperatura, umidade, vento, chuva, pressão, radiação solar etc, em um período de no mínimo trinta anos (30) de observação (SILVA, 2012).

A definição de clima desenvolvida por Julius Hann aponta que o clima é o conjunto de fenômenos meteorológicos que caracterizam o estado médio da atmosfera em um ponto da superfície terrestre, porém sob a concepção de Max Sorre o clima passa a ser definido como o ambiente atmosférico constituído pela série de estados da atmosfera sobre um lugar em sua sucessão habitual. (SANT'ANNA NETO, 2004).

Baseando nas duas definições o fato é que no Brasil a climatologia dinâmica proposta por Max Sorre direcionou as pesquisas em climatologia a partir das contribuições de Carlos Augusto Figueiredo Monteiro com sua aplicação de ritmo climático, cuja centralidade seria as sucessões dos estados de tempo (FERREIRA, 2012).

Portanto, as abordagens dos estudos em climatologia se diferenciam dos estudos realizados pela meteorologia, pois de acordo com Ferreira (2012, p. 767):

O estudo do clima sob uma concepção geografia possui uma conotação antropocêntrica, possuindo, portanto uma singularidade em relação à meteorologia, procurando estabelecer assim uma relação sociedade-natureza por integrar as diferentes esferas terrestres visando uma compreensão da organização do espaço, possuindo no estudo do clima um vetor de grande relevância nas análises espaciais.

No contexto escolar, os conteúdos e conceitos inerentes ao clima e ao tempo atmosférico são trabalhados na disciplina de Geografia e Ciências. Esses conteúdos têm sido repassados aos alunos através de aulas expositivas, que acabam se tornando desgastantes e desinteressantes.

Conforme afirma Castilho et. al. (2010, p. 236) "O ensino de climatologia é uma tarefa desafiadora tanto para o professor quanto ao aprendizado dos educandos,



pois o clima é abordado de forma abstrata, ou seja, as margens que teorizam a questão são pouco tácteis o que dificulta a compreensão e aumenta o risco de desinteresse em sala de aula".

As aulas práticas são encaradas como mecanismos fundamentais para diminuir o desinteresse dos alunos, pois fazem a interlocução entre a teoria e a prática. Para Sousa et. al. (2005) o aprendizado de climatologia geográfica aplicada flui melhor através de aulas práticas, pois permite contextualizar a teoria aprendida dentro da sala de aula com o cotidiano dos alunos.

De acordo com Monteiro (2009, p. 02):

[...] No estudo do clima, esses procedimentos são essenciais, devido à dificuldade de esclarecer ao aluno pontos importantes sobre este assunto e ainda associá-los a outros aspectos, sendo necessário criar ferramentas capazes de trazer para a sala de aula mais estratégias dinâmicas, levando o aluno a ser um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem, o qual vai descobrir novas possibilidades de análise, observando e compreendendo a dinâmica climática, em suas várias escalas.

Portanto, cabe ao professor a busca por novos métodos a serem executados para a melhor compreensão por parte dos alunos.

O uso de materiais recicláveis na confecção de material pedagógico é uma ferramenta interessante e de fácil acesso.

Para o ensino da climatologia geográfica o uso de materiais recicláveis auxilia na construção de aparelhos meteorológicos como pluviômetros, birutas, anemômetros e termômetros que são utilizados para coletar dados meteorológicos.

Os dados coletados podem ser levados e trabalhados com os alunos dentro da sala de aula. Fato demonstrado por Souza et. al (2005), Ferreti (2010) e Castilho (2010).

Ao aplicar esse processo o aluno tem a possibilidade de compreender de forma prática as teorias vivenciadas dentro da sala de aula, tornando assim o ensino mais pragmático e contextualizado.

De acordo com as proposições citadas anteriormente foi realizado uma oficina como os acadêmicos envolvidos na ação de extensão proposta pelo curso de Geografia da UEG - UnU Iporá, intitulada "A climatologia vai a escola", para a construção e



equipamentos meteorológicos a partir de materiais recicláveis, demonstrado uma maneira didática para o ensino dos conceitos de clima e tempo atmosférico a qual associa a teoria e a prática.

OBJETIVOS

Demonstrar afuturos professores de Geografia uma forma didática que contextualiza a teoria e a prática no ensino dos conceitos de clima e tempo atmosférico.

METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho está embasada nas propostas apresentadas por Souza et. al. (2005), Ferreti (2010), Junior e Malysz (2010) e foi dividida em três etapas.

1ª Etapa: Conhecimento teórico

Antes de construir os equipamentos, foi realizada uma aula expositiva na qual foram expostos os conceitos de tempo e clima.

Em seguida foram mostrados, aos futuros professores, os instrumentos profissionais que são utilizados para mensuração dos elementos climáticos como: Pluviômetro (chuva), Termômetro (temperatura), Anemômetro (velocidade do vento), Biruta (direção do vento) e Barômetro (pressão atmosférica).

2ª Etapa: Construção dos equipamentos

Nesta etapa os professores foram instruídos para a confecção dos equipamentos meteorológicos utilizando materiais recicláveis.

Pluviômetro



É um instrumento utilizado para medir a quantidade de chuva. Para construí-lo, basta possuir os seguintes materiais: Garrafa plástica de 2 litros, Cano PVC com 100 mm de diâmetro e 50 cm de comprimento, Tesoura, Fita adesiva, Uma jarra ou um copo graduado (daqueles que são usados como copos de medida).

Lembre-se o copo tem que possuir uma mediada em (ml). Para fixar o pluviômetro necessita-se de uma haste de madeira com comprimento de 2,10 m e arame liso.

Inicialmente temos que cortar a garrafa para obter um funil, para isso basta medir 20 cm a partir da boca da garrafa, faça uma marca e corte com uma tesoura. Em seguida encaixe o funil com o gargalo para baixo no pedaço de cano PVC, após encaixá-lo deve fixar o pluviômetro construído na haste de madeira utilizando um arame liso.

Depois fixe a haste de madeira no chão, em um lugar aberto, que não seja embaixo de árvores, ou em um lugar onde possa ter uma construção ou algo que venha impedir parcialmente a água da chuva entrar no pluviômetro.

Fixe a haste no solo de maneira que o pluviômetro fique cerca de 1,5 m do solo. Depois determine um horário padrão para a coleta da água acumulada no pluviômetro e despeje-a no copo graduado para saber a quantidade de água em (ml).

Porém agora necessita transformar a quantidade de água coleta no pluviômetro em milímetros de chuva, medida padrão adotada para medir a quantidade de chuva, mas como calcular isso? Bom, veja o procedimento abaixo e siga como exemplo.

1. Procedimento para medir em (mm) a quantidade de chuva.

- ❖ O uso do cano PVC é para facilitar os cálculos veja só: Um tubo de PVC de 100 mm possui um diâmetro de 10 cm. No entanto agora precisamos calcular a área da boca de captação do pluviômetro (no caso do tubo de PVC), para isso se faz uso da seguinte equação:

Lembre-se que o valor de π é 3,14.



$$Ac = \frac{\pi \cdot d^2}{4}$$

- ❖ Meça a quantidade de água encontrada dentro de seu pluviômetro utilizando o copo graduado em seguida divida o valor encontrado pelo valor da área de captação do pluviômetro.

2. Exemplo do calculo:

- ❖ Supondo que a área de captação da boca do pluviômetro é de 78,5 cm² e que a quantidade de água armazenada no pluviômetro foi de 180 ml.
- ❖ Ficaria assim:

$$180 \text{ ml} / 78,5 = 2,29 \text{ mm de chuva}$$

O valor encontrado (2,2 mm), nos mostra que choveu o equivalente a pouco mais de dois litros e meio de água por metro quadrado do solo. Lembre-se que cada milímetro de chuva corresponde a 1 litro de chuva por metro quadrado.

Biruta

A biruta é um aparelho que serve para mensurar a direção do vento, portanto para a sua confecção foi utilizado um metro quadrado de tecido TNT, arame liso, tesoura, barbante, agulha e um bambu com 5 m de comprimento.

Inicialmente deverá unir os dois extremos do tecido em diagonal, utilizando uma agulha e um pedaço de barbante, para formar um cone dando aspecto de um coador de café. Em seguida deverá fixar um pedaço de arame na boca do cone para mantê-la aberta. Depois deverá fixá-la na ponta do bambu, o qual deverá ser fixado no solo.

A mensuração da direção do vento deverá ser realizada com o auxílio de uma cruz de madeira (fixada na base do bambu) onde as suas extremidades serão usadas para definir os pontos cardeais (norte, sul, leste e oeste).



Termômetro

O termômetro é o aparelho utilizado para medir a temperatura do ar, neste caso não fabricado um termômetro devido a sua complexidade.

No entanto será utilizado um termômetro mercúrio que pode ser adquirido em farmácias ou em lojas de artigos hospitalares.

O mesmo deverá ser fixado em uma haste de madeira com a ajuda de uma fita adesiva transparente e em seguida deve ser colocado em um lugar onde os raios solares não o atinjam diretamente.

3ª Etapa: Instalação dos equipamentos e coleta dos dados

Por fim, após confeccionar os equipamentos os mesmos deverão ser instalados em um espaço aberto.

É necessário elaborar uma planilha para anotação dos dados que deverão ser coletados diariamente, sempre no mesmo horário, e após coletados serão levados para a sala de aula, e representados em forma de gráficos, para melhor compreensão do ritmo dos elementos observados.

Essa parte abre espaço para um momento de interdisciplinaridade, pois o professor de matemática pode auxiliar na construção dos gráficos.

RESULTADOS

A primeira etapa foi realizada através de rodas de debate, juntamente com todos os monitores do projeto de extensão. Foram debatidos textos de livros e artigos relacionados às formas didáticas de trabalhar os conteúdos da climatologia geográfica.

Posteriormente houve uma participação direta dos monitores na confecção dos aparelhos(Figura 1).



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451



Figura 1- Grupo de monitores confeccionando equipamentos
Fonte: Alves (2013)

Os monitores foram divididos em três grupos e cada grupo construiu seus equipamentos: Biruta, Pluviômetro e o termômetro (Figura 2, 3, 4 e 5).



Figura 2A - Equipamentos construídos e 2B - Pluviômetro
Fonte: Alves (2013)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451



Figura 3 - Biruta
Fonte: Alves (2013)



Figura 4 - Pluviômetros
Fonte: Alves (2013)



Figura 5 - Termômetro
Fonte: Alves (2013)

Após a construção dos equipamentos, os mesmos foram testados. Vale ressaltar que devido à ausência de chuva na região, durante o período em que foi realizada a oficina não foi possível testar o pluviômetro em campo.

Porém a biruta e o termômetro foram testados normalmente e exemplificado a forma de coleta e de anotação dos dados na planilha.

Os monitores elaboraram um material didático a ser utilizado em palestras que serão ministradas em duas escolas públicas da cidade de Iporá-GO que recebem a ação de extensão do projeto "A climatologia vai à escola". O objetivo das palestras é discutir a relação dos seguintes elementos climáticos (temperatura, umidade, chuva e ventos) para a sociedade, destacando a importância de monitorá-los.

Nessa palestra também será apresentado os aparelhos convencionais que são responsáveis por fazer a coleta de dados desses elementos climáticos nas estações meteorológicas.

Além das palestras os monitores estarão realizando na escola esta proposição didática contida neste trabalho. Sendo assim por meio de uma oficina irão confeccionar os equipamentos meteorológicos juntamente com os alunos do ensino fundamental e médio.



Foi realizada uma breve consulta, cujo objetivo consistia em verificar a compreensão dos alunos das duas escolas em relação os conceitos de tempo e clima. Os resultados demonstraram que entre 80 alunos pesquisados distribuídos entre ensino médio e fundamental apenas cerca de 8% souberam diferenciar com dificuldade os conceitos de tempo e clima. Esses dados demonstraram que o conhecimento adquirido pelos alunos frente aos conceitos questionados é pouco relevante.

Isso justifica claramente a importância de ações como essa, aproximando o conhecimento científico produzido na universidade ao ensino realizado nas escolas. Sendo como uma ferramenta usada para estimular práticas didáticas que contextualizam a teoria e a prática proporcionando uma melhor forma de aprendizado.

CONCLUSÃO

Ficou evidenciado que mesmo utilizando um método didático alguns dos futuros professores tiveram dificuldades para entender os conceitos de tempo atmosférico e clima, mas a maioria conseguiu absorver a idéia a qual será colocada em prática nas ações de extensão do projeto citadino.

Espera-se que através da aplicação desse método didático, para com os alunos do ensino fundamental e médio das escolas públicas de Iporá-GO, possa promover o entendimento dos conceitos de clima e de tempo atmosféricos, ou pelo menos tornar o ensino da climatologia geográfica mais dinâmico.

REFERENCIAS

CASTILHO, U. M.; COELHO, M. G. dos A.; PEREIRA, P. H. V.; NEVES, P. D. M. **Clima e tempo atmosférico: experiência de prática de ensino em geografia por meio de projeto de ensino.** In: II Simpósio paranaense de Estudos Climáticos e XIX Semana de Geografia. Maringá-PR, 20 a 24 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.dge.uem.br/gavich/downloads/semana10/6-3.pdf>>. Acesso em: 05 Jun. 2013.



FERREIRA, J. S. Climatologia: aportes teóricos, metodológicos e técnicos. **Revista Geonorte**. Manaus-AM. 2012, n. 05, p. 766 - 773. 2012. Disponível em: <http://cipgeo.iesa.ufg.br/uploads/195/original_TEORIA_E_METODO_EM_CLIMATOLOGIA.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2013.

FERRETI, E. R. **Geografia em ação: práticas em Geografia**. Curitiba-PR, Aymara 2010.

JUNIOR, P. F.; MALYSZ, S. T. **Observação sensível do tempo atmosférico: uma ferramenta para o ensino de climatologia**. In: II Simpósio paranaense de Estudos Climáticos e XIX Semana de Geografia. Maringá-PR, 20 a 24 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.dge.uem.br/gavich/downloads/semana10/6-1.pdf>>. Acesso em: 22 Mar. 2012.

MONTEIRO, J. B.; FARIAS, J. F., ZANELA, M. E. **O uso dos recursos didáticos com base nas tecnologias de informação e comunicação no ensino da climatologia**. In: ENCONTRO DE GEOGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 11, 2009. Resumo... Montevideo, Uruguai, 2009. Disponível em: <<http://egal12009.easyplanners.info>>. Acesso em: 05 Jun. 2013.

RIBEIRO, A. G. As escalas do clima. **Boletim de Geografia Teórica**. v. 23 n. 45-46, 1993.

SANT' ANNA NETO, J. L. **História da climatologia no Brasil: gênese e paradigmas do clima como fenômeno geográfico**. Florianópolis: Departamento de Geociência da UFSC, 2004.

SILVA, A. A. de M. A. de. Reflexões sobre o conceito de clima e alterações climáticas: uma relação de equívoco. **Revista Geonorte**, v. 2, p. 1048 - 1061. Manaus-AM, 2012.

SOUSA, R. R. et al. **Estação meteorológica como ferramenta para o ensino fundamental e médio na cidade de Jataí-GO**. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 8. Ed., Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro. 2005. 1 CD-ROM.



SEXUALIDADE: QUESTÕES DE GÊNERO- UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

SANTOS, Beatriz Aparecida Batista dos¹; PERES, Juliane Pereira de Santana²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade Universitária de Iporá

¹beatrizsantos-ipo@hotmail.com ²julianepsp@yahoo.com.br

RESUMO: O Estágio Supervisionado é parte integrante dos cursos de licenciatura, pois o aluno de graduação necessita do contato e de experiências com a realidade que se encontra na profissão docente. Essa vivência com a escola campo é uma maneira de o acadêmico adquirir os conhecimentos práticos aliado a teoria, de modo que estejam sempre juntas. Esse estágio proporciona a realização de projetos de intervenção que visa contribuir com a formação não só do graduando, mas também dos estudantes. Projetos sobre sexualidade e questões gênero vêm sendo desenvolvidos nas escolas, devido a necessidade de discutir este tema com os alunos. Sendo assim o objetivo desse trabalho foi analisar a importância do estágio supervisionado e contribuir para a criação de um espaço de reflexão e discussão sobre sexualidade e questões de gênero. O presente trabalho teve uma abordagem qualitativa, sendo usada a técnica da observação, os sujeitos dessa pesquisa foram os alunos dos 8º anos de uma escola pública. O projeto de intervenção pedagógica foi realizado em forma de oficina, esta foi organizada em etapas. Assim foi perceptível que a maior parte dos alunos distingue totalmente o que é ser homem e mulher e utilizam estereótipos para caracterizar ambos os gêneros, percebeu-se também que os julgamentos não são feitos de maneira igual nas relações de gênero, e que ainda se tem bastante preconceito. Somente quando se coloca a temática (Sexualidade/ Questões de Gênero) é que se tem a dimensão da discriminação, do machismo e do preconceito ainda arraigado na sociedade como um todo, percebido neste trabalho através desta microcultura que constitui a escola. Os preconceitos sobre as questões de gênero levam a pouca disseminação, discussão, e reflexão do tema no ambiente escolar. Análises críticas precisam ser trabalhadas com maior frequência nas instituições escolares, para assim constituir indivíduos críticos, responsáveis e que possam, e queiram, atuar na sociedade de maneira coerente, defendendo a igualdade para ambos os gêneros, já que ninguém é igual, as diferenças nos constituem. Quanto o processo de formação o mesmo proporciona experiências significativas, possibilitando a formação não só profissional, mas também como ser social, cultural e participante ativo da comunidade.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Projeto de intervenção; Questões de gênero.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é obrigatório nos cursos de licenciatura, pois o aluno de graduação necessita do contato e de experiências com a realidade que se encontra na profissão docente, e o estágio também proporciona o início da formação da sua identidade como futuro professor. Essa vivência com a escola campo é uma maneira do



acadêmico adquirir os conhecimentos práticos aliados a teoria, de modo que estejam sempre juntas. Assim como diz Toniazzi (2013, p.73) que a “teoria e a prática são duas faces que se complementam”.

Freire (1996) salienta que a teoria deve direcionar a prática dos professores, e defende que a educação não é neutra, mas uma educação comprometida com o desenvolvimento do alunado, seja nos aspectos educacionais, como nos culturais e políticos.

Segundo Pimenta & Lima (2008, p. 68) “o estágio como campo de conhecimentos e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente”, sendo assim um espaço de formação contínua.

De acordo com Rosa et al (2012 p.678) o estágio se coloca “como um processo fundamental na formação do aluno estagiário, pois é a forma de fazer a transição de aluno para professor”. Através do estágio são realizados projetos e atividades voltadas para a realidade da escola, pois o papel da educação de acordo com Freire (1996) não é apenas transmitir conteúdo, mas também é formar sujeitos críticos capazes de intervir na realidade social.

No estágio abrem-se portas para uma análise e reflexão que possibilita a realização de projetos de intervenção, de acordo com o cotidiano vivenciado na instituição escolar (PIMENTA & LIMA, 2008) estes desenvolvidos com a finalidade de contribuir com a escola e consequentemente na formação dos estudantes.

Projetos sobre sexualidade e gênero vêm sendo desenvolvidos nas escolas, devido a necessidade de discutir e refletir este tema com os alunos, posto que o início da atividade sexual tem sido cada vez mais precoce e o índice de adolescentes grávidas tem aumentado. “A escola é influenciada pelos modos de pensar e de se relacionar na sociedade, ao mesmo tempo em que os influencia, contribuindo para suas transformações”.(Livro de conteúdo, 2009, p.32).

No currículo do estado de Goiás referente ao Ensino Fundamental têm-se conteúdos que aborda a educação sexual, visto a necessidade de trabalhar esse assunto



na escola, pois atualmente ainda existem alguns “tabus” a serem desfeitos, mesmo sendo a sexualidade um dos aspectos central do indivíduo durante toda a sua vida, pois abrange questões como orientação sexual, identidades, relações de gênero, erotismo, prazer e reprodução. Contudo, o tema sexualidade e questões de gênero são trabalhados de forma superficial sem que os educandos realmente tenham consciência das suas atitudes.

O caderno da Secretária de Educação continuada, alfabetização e diversidade 4 (SECAD) diz que:

É muito recente a inclusão das questões de gênero, identidade de gênero e orientação sexual na educação brasileira a partir de uma perspectiva de valorização da igualdade de gênero e de promoção de uma cultura de respeito e reconhecimento da diversidade sexual. Uma perspectiva que coloca sob suspeita as concepções curriculares hegemônicas e visa a transformar rotinas escolares, e a problematizar lógicas reprodutoras de desigualdades e opressão (SECAD, 2007, p.11)

Domingues (2009, p.01) diz “Mesmo a família sabendo que ela é a primeira responsável pela educação sexual das crianças, vem delegando para a escola este ensinamento.” A maioria dos pais não dialogam abertamente com seus filhos sobre sexualidade e gênero, o que pode ser um “erro”, considerando a realidade atual, onde a bastante influência da mídia e dos meios de comunicação. De acordo com Louro (2008) a formação do gênero e da sexualidade se constrói no decorrer de toda a vida, sendo então a família a primeira instituição nessa construção.

Em relação conceito de gênero Praun (2011, p. 57) coloca que “implica um conceito de relação, uma vez que o universo das mulheres está inserido no universo dos homens e vice-versa”, sendo assim o gênero aconteceria apenas nas relações. Finco (2003, p. 91) prediz que o conceito de gênero “implica conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais e seus significados. Compreender como são produzidas, pelas culturas e sociedades, as diferenças nas relações entre homens e mulheres”, sendo assim considerado um conceito complexo, onde diversos autores delegam definições diferentes.

Observando a relevância que o estágio tem na formação docente, e a grande necessidade de se realizar projetos de intervenção que possam contribuir para mudanças



na sociedade, criando espaços de discussões e reflexões, devido a realidade social vivenciada pelos alunos, justifica-se o desenvolvimento deste trabalho, que teve como objetivo analisar a importância do estágio supervisionado e contribuir para a criação de um espaço de reflexão e discussão sobre sexualidade e questões de gênero.

OBJETIVOS

GERAL

Analisar a importância do estágio supervisionado e contribuir para a criação de um espaço de reflexão e discussão sobre sexualidade e questões de gênero.

ESPECÍFICOS

Analisar a relevância da ocorrência do estágio supervisionado;
Conhecer e analisar as concepções dos alunos sobre as questões de gênero, mitos referente ao masculino/feminino;

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

METODOLOGIA

O trabalho teve uma abordagem qualitativa, sendo usada a técnica da observação. Para Marconi & Lakatos (2009, p.192) essa observação “é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”. Para Ludke & André (1986) a observação proporciona um contato direto do pesquisador com o objeto pesquisado, e que lhe possibilita variadas vantagens, haja vista estar no loco do problema.

PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA



O projeto de intervenção é parte integrante do Estágio Supervisionado, sendo que o tema do mesmo foi proposto pela escola campo devido à necessidade percebida pelos professores e demais profissionais.

O projeto foi realizado em forma de oficinas, assim buscou-se realizar algo que fosse diferente e interessante para os alunos, e que assim contribuísse com a formação dos mesmos. Dado estes aspectos e realizada a divisão de grupos de trabalho dentro da turma de Estágio Supervisionado do curso de Ciências Biológicas o grupo resolveu trabalhar com músicas, para discutir sexualidade abordando as questões de gênero. Assim, o tema foi trabalhado em uma escola pública de Ensino Fundamental I e II, com os alunos dos 8º anos, no período matutino.

A escolha do tema foi baseada na pouca relevância que ele tem no contexto escolar, apesar de ser um tema pertinente e importante de se trabalhar com os estudantes, visto a dimensão dessa temática na sociedade. Durante o desenvolver da oficina foram feitas anotações para melhor análise posteriormente.

Inicialmente ocorreu uma discussão, com a participação dos alunos, sobre como o homem e a mulher eram vistos no passado, a evolução da mulher no século XXI, o papel do homem na sociedade e como ambos se situam atualmente, as discussões levaram ao início de uma interação entre estagiários-alunos, e alunos-aluno, bem como proporcionou o despertar para a temática da oficina. A segunda etapa foi realizada juntamente com toda a sala uma análise de três músicas, onde se observou qual era o estilo musical, quem cantava e como era exposto nas mesmas o homem e a mulher.

Na terceira etapa da oficina ocorreu uma dinâmica, que foi o cerne da oficina, onde se fez uso de letras de músicas, que os alunos haviam levado para a escola de acordo com sua afinidade, estas tinham sido solicitadas aos mesmos em semana anterior a realização da oficina. Nessa dinâmica a sala foi dividida de acordo com o gênero musical de cada letra, assim foram formados cerca de quatro grupos, sendo dois deles sertanejo, um caracterizado como romântico e outro universitário, um de rock e outro de funk. Após a formação foram realizadas as análises das letras das músicas em cada grupo.



Na quarta etapa, e última, foram feitos cartazes de acordo com as análises, com desenhos, figuras e frases representando o estilo musical de cada grupo, ao término ocorreu a socialização dos grupos com os demais colegas, ao final os cartazes foram expostos na sala de aula para que as outras classes pudessem visualizar o produto final da oficina. Para possibilitar a interação dos alunos visitantes, oriundos das demais classes o quadro foi dividido em duas partes, em uma foram pregadas frases de algumas músicas para que o visitante deixasse sua análise sobre ela, e na outra foi colocado nomes de artistas para que também pudessem escrever o que achavam de cada um em relação as questões de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos estudantes que participaram da oficina mais de 50% eram alunos do sexo masculino, sendo a idade dos participantes em média de 12 a 13 anos.

Na discussão inicial foi colocado o modo de se vestir, a questão da escolha de cores para distinção de masculino (M) e feminino (F), e o porquê homem acha que tem mais direitos do que as mulheres ou vice e versa. Assim observou-se que os alunos distinguiram totalmente os aspectos de ambos os sexos, tendo o homem que se vestir de modo tradicional, não usando roupas muito coladas e chamativas, pois se isso acontecesse seria chamado de “gay”. A mulher não pode se vestir de modo parecido com o homem, se não poderia ser chamada de “mulher macho”, lésbica, entre outras denominações tantas que foram enumeradas pelos estudantes. Os discentes em suas falas colocaram que a cor rosa é para mulheres e que o azul para os homens e ainda que as brincadeiras da infância devam ser distintas em relação ao sexo das crianças, enquanto a menina brinca de boneca e casinha, o menino deve se ater a brincadeiras como lutinha, carrinho e/ou de futebol.

No que concerne aos tipos de músicas que foram analisadas, o que mais prevaleceu entre os estudantes foi o estilo sertanejo, um dos fatores que referenda este grande número de músicas no estilo, é o fato dos discentes estarem lotados na região Centro-Oeste e esta ser predominante nesta região do país.



O sertanejo foi dividido em dois grupos devido ao quantitativo de músicas para o gênero, sendo assim ficou sertanejo universitário e romântico. O grupo do sertanejouniversitário explicou que as letras das músicas transmitem uma visão do homem “pegador” e “safado” e da mulher interesseira, além de demonstrar que ambos os gêneros não querem nenhum tipo de compromisso. O sertanejo romântico traduz uma um visão mais doce e sensível, retrata um homem mais carinhoso e atencioso, porém com algumas decepções amorosas provocadas pela companheira, e coloca a mulher como mais compreensiva e apaixonada. Nesse estilo a maioria dos estudantes percebeu que o gênero feminino é apresentado como culpado das separações, pois o sertanejo é interpretado principalmente pelo gênero masculino. O cantor sertanejo que mais se destacou foi Luan Santana, o fato é justificado a diversos fatores, como a idade do cantor, a sua postura enquanto músico, dentre outros.

O rock foi colocado pelos estudantes com um estilo “doidão” e com um predomínio masculino, algumas letras foram consideradas bem “pesadas”. Os estudantes perceberam que muitas vezes as letras das músicas rebaixam a mulher, fator relacionado ao fato de os homens serem os que mais cantam esse estilo musical. O grupo foi o que menos obteve integrantes

No que concerne ao Funk, os alunos justificaram que há presença no mesmo de ambos os gêneros como intérpretes das canções, porém a maior parte das músicas ainda é interpretada pelo homem, discutiu-se que tem letras de músicas que as vezes é composta por uma frase ou apenas uma ou duas palavras. Tanto o gênero (F) quanto (M) gostam desse estilo, mesmo com algumas alunas tendo vergonha de admitir, por medo do que as pessoas vão pensar, pois neste estilo o modo de se vestir das meninas é bastante criticado, geralmente são roupas curtas e sensuais, onde muitas vezes pode despertar de modo prematuro a sexualidade nos adolescentes. Alguns estudantes colocaram que as meninas que se vestem desse modo são chamadas de “piriquetes”.

Em geral as composições do funk são bastante expressivas em relação a sexualidade, sendo a mulher considerada um objeto sexual. Notou-se que é expressa uma desvalorização da mulher, e em algumas letras são tratadas como “cachorra” e o homem é colocado como “dominador”, que pode tudo.



Percebeu-se que a maioria dos estudantes apresenta preconceito ao analisar a forma como a mulher é apresentada nas letras. De acordo com o Livro de conteúdo (2009) os homens ainda se veem como superiores, e em diversos contextos sociais e culturais são várias as formas que demonstram essa superioridade. Altmann (2007, p.336) também coloca que “ter relações sexuais com várias pessoas não serve como mesmo critério de classificação masculino e feminino. Ao homem, isso não lhe imprime a mesma identidade como o faz em relação à mulher”, assim o homem é considerado o “pegador” e a mulher “galinha”, este fator foi referendado inúmeras vezes pelos estudantes participante da oficina.

Os alunos consideraram que as nuances de distinção, ou mesmo de igualdade, se apresentam em todos os estilos musicais, e também que a música é uma forma diferente e interessante de analisar estas relações, já que a mesma é parte do cotidiano de todos. De acordo com Rocha et al (2010) a música proporciona um espaço lúdico para o ensino, motivando os discentes, e assim os levando a buscar o aprendizado.

Um fator que chamou a atenção foi a não presença de outros tantos estilos musicais na oficina, um exemplo, é o gospel, que vem ganhando espaço na sociedade atual, devido a expansão da religião no país. O mesmo é interpretado por músicos de ambos os gêneros, assim a distinção entre os sexos é pouco referendada na mesma. Outro fator é o fato de as músicas no estilo se propõem a discussões diferentes, que não as ligadas a questões amorosas.

Evidenciou-se ainda na oficina que os alunos tiveram algumas dificuldades para realizar essas análises e reflexões sobre as questões de gênero, alguns tinham dúvidas sobre como detectar o que estava no contexto da música. Para sanar um pouco este ponto fraco as discussões foram mediadas pelos estagiários. Um determinante que leva a dificuldade na análise é o aspecto de não trabalharem na sala de aula com interpretação, e que o tema é pouco discutido no meio social, mesmo com sua ampla magnitude e importância, esse resultado corrobora com Rocha et al (2010) que trabalhou com músicas nas relações de gênero.

As discussões desta temática levaram a evidenciar o quanto ainda preconceitos e discriminações estão presentes no homem, e que a escola é um ambiente que propicia



essa discussão, pois nela se tem uma convivência constante com diversas pessoas, com estilos e percepções heterogêneas, porém isso não tira a responsabilidade da família em educar seus filhos para um mundo de respeito ao próximo, as diferenças. As questões de gênero devem ser trabalhadas desde crianças, pois assim o aluno cresce sabendo respeitar as diferenças, não só na escola, mas em todas as esferas da sociedade.

Na parte final da oficina quando ocorreu a socialização com as demais salas houve grande participação dos alunos, estes se demonstraram interessados e surpresos com as questões apontadas nas músicas quanto ao gênero. Os visitantes deixaram suas percepções, que foram similares com as discutidas em sala. A cultura da sociedade ainda é construída com preconceito. Sobre o assunto Freire (1996, p.36) diz que “a prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”.

As relações de gênero estão presentes a todo instante, e em todas as esferas da sociedade, seja na escola ou em qualquer outra instituição. Para tanto, a escola não pode e nem deve ficar inerte as discussões referentes a temática.

Portanto, a oficina realizada por meio de um projeto de intervenção pedagógica como uma das etapas do Estágio Supervisionado de Ciências Biológicas, foi de grande relevância, visto que, os alunos foram levados a pensar e refletir sobre as questões de gênero nas músicas que escolheram, julgando serem estas as preferidas deles, podendo assim criar percepções diferentes, com mais responsabilidade e respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio proporciona experiênciassignificativas, pois possibilita a formação não só profissional, mas também como ser social, cultural e participante da sociedade.

A sexualidade é um tema que vem preocupando a sociedade, visto que, as relações sexuais acontecem cada vez mais cedo, o que gera fatores diversos, como a gravidez indesejada e as doenças sexualmente transmissíveis, assim estas questões necessitam serem trabalhadas na escola. Dessa forma é preciso que a formação do



professor contemple esse processo de ensino, para lidar com estas situações recorrentes no ambiente escolar.

A oficina proporcionou momentos de análise, reflexão e ação a futuros docentes e alunos, posteriormente a mesma, todos possuem mais conhecimento, o que modifica a forma dos mesmos perceberem o mundo que os circunda. Compreendeu-se que todos são diferentes, mas ao mesmo tempo iguais, seja nos direitos ou deveres, e ainda que as diferenças devem ser respeitadas, que se aprenda a não julgar as pessoas pela aparência ou classe social, e que as desigualdades sejam superadas, pois ninguém é melhor ou pior que o outro. Portanto, o ser humano pode e deve ser um agente de transformação educacional, social, política e cultural, contribuindo para uma sociedade mais igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. *Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições*. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto/2007.
- DOMINGUES, G. J. *A Educação sexual escolar, a influência da televisão e as possibilidades de diálogo com a família*. Londrina, 2009.
- FINCO, D. *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil*. Pro-Posições, v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003. 89-101p.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Gênero e Diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.
- Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD 4) Brasília – DF Maio de 2007.
- LOURO, G. L. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- PIMENTA, S. G & LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. 3ºed. São Paulo: Cortez, 2008.
- PRAUN, A. G. *Sexualidade, gênero e suas relações de poder*. Revista Húmus - ISSN: 2236-4358 Jan/Fev/Mar/Abr. 2011. 55-65p.
- ROCHA, T. L; PARANHOS, R. D; MORAES, F. A. *Estágio supervisionado na Licenciatura em Ciências Biológicas: relato de experiência do estágio e do projeto de intervenção sobre relações de gênero e música*. Polyphonia, v. 21/1, jan./jun. 2010.
- ROSA, J. K. L.; WEIGERT, C.; SOUZA, A. C. G. A. *Formação docente: reflexões sobre o estágio curricular*. *Ciência & Educação*, v. 18, n. 3, p. 675-688, 2012.
- TONIAZZO, N. A. *Didática: A teoria e a prática na educação*. Disponível em: <www.famper.com.br/download/pdf/neoremi_06.pdf>. Acesso em: 04 de outubro de 2013. p. 62-74.



UM OLHAR SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE BIOLOGIA EM COLÉGIOS PÚBLICOS DE IPORÁ-GO

SANTOS, Fagner Silva Batista dos¹; PONTES, Ueslene Maria Ferreira²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹fagner_sbs@hotmail.com; ²ueslene.pontes@ueg.br

Resumo: *O processo de avaliação da aprendizagem está diretamente relacionado ao desempenho do estudante que é marcado pela necessidade de uma nova cultura sobre avaliação. Um método avaliativo inadequado tende a desestimular os alunos na busca pelo conhecimento, limitando-os a se preocuparem apenas com a nota e sua aprovação. O objetivo desta pesquisa foi averiguar o processo de avaliação da aprendizagem na disciplina de Biologia em colégios públicos de Iporá Goiás, buscando identificar os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores, bem como a visão dos discentes. O questionário foi aplicado, por amostragem, aos alunos do Ensino Médio, em uma sala de cada turno e série. Os resultados obtidos demonstram que a avaliação da aprendizagem nesses colégios está embasada numa concepção de educação tradicional e que é necessário repensar a prática de avaliação na disciplina de Biologia.*

Palavras-chave: *Avaliação da Aprendizagem; Ensino Médio; Instrumentos de avaliação.*

INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro muitas vezes, tem se apoiado na avaliação classificatória com o intuito de verificar a aprendizagem ou competências através de medidas, de quantificações. Este tipo de avaliação pressupõe que as pessoas aprendam do mesmo modo, nos mesmos momentos e tenta evidenciar competências isoladas, ou seja, quem tem possibilidades de melhor aprender, aprendem mais e melhor. Para Hoffmann (1998, p.57), "a prática avaliativa classificatória considera as tarefas de aprendizagem a partir de uma visão linear, sem considerar a gradação das dificuldades naturais nas tarefas que se sucedem". Veiga (1996, p.152) acrescenta que a avaliação classificatória "concorre para a fragmentação do trabalho pedagógico, ao transmitir ao aluno a ideia da separação de seleção e da rotulação".



Tal método avaliativo tende a desestimular os alunos na busca pelo conhecimento, limitando-os a se preocuparem apenas com a nota e sua aprovação, e não com a compreensão do que foi exposto. De acordo com Luckesi (2002, p. 172),

O julgamento é um ato que distingue o certo e o errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então, ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo, a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção. O diagnóstico tem por objetivo aquilatar as coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfação daquilo que se esteja buscando ou construindo.

A cultura referente à avaliação escolar mais utilizada ainda é baseada numa concepção de ensino tradicional, na qual se acredita que ensinar é reproduzir conhecimento mediante provas e exames classificatórios; as práticas avaliativas, em sua maioria, são utilizadas como elemento regulador e como punição aos que não conseguem aprender. Luckesi (1995, p.91) afirma "que a aferição da aprendizagem escolar é utilizada na quase totalidade das vezes para classificar os alunos em aprovados ou reprovados."

Para Hoffmann (2003), as notas e provas funcionam como redes de segurança em termos de controle exercido pelos professores sobre seus alunos, da escola e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas. Controle esse que parece não garantir o ensino de qualidade que pretendemos, pois as estatísticas são cruéis em relação à realidade de nossas escolas.

Entende-se que o Ensino de Biologia requer uma avaliação que contemple o desenvolvimento pleno do aluno que vá além de memorização de conceitos e aprendizagem mecânica, entende-se que ao avaliar, o professor deve utilizar técnicas e instrumentos variados, para que se possa diagnosticar o início, o meio e o fim de todo o processo avaliativo, e a partir desta análise possa caminhar no processo didático e retomar o que foi insatisfatório. Barros Filho e Silva (2000), afirmam que é essencial observar a participação do aluno em todas as atividades e momentos de conversas informais, tornando uma avaliação contínua e diversa.



Para Esteban (2000), o grande número de excluídos do acesso ao conhecimento socialmente valorizado, dos espaços reconhecidos da vida social, bem como a marginalização de conhecimentos socialmente produzidos, mas não reconhecidos e validados, vão fortalecendo a necessidade de engendrar mecanismos de intervenção na dinâmica inclusão/exclusão social. O processo de avaliação do resultado escolar dos alunos e alunas está profundamente marcado pela necessidade de criação de uma nova cultura sobre avaliação, que ultrapasse os limites da técnica e incorpore a dimensão ética.

Transformar a cultura avaliativa requer mudanças nas práticas educativas, na concepção de ensino, aprendizagem e avaliação dos agentes envolvidos nos processos. A avaliação escolar deve ser contínua e qualitativa, construída em conjunto com os alunos, de modo a abranger todo processo de ensino diz que "as concepções de avaliação são subsidiárias de uma determinada forma de trabalho pedagógico, que inclui metodologia, relação professor-aluno e concepção de aprendizagem". Para tanto, é preciso desvencilhar da estagnação contida no seio do processo avaliativo e se apropriar de ações avaliativas contínuas, dinâmicas e contextualizadas.

Hoffmann (2003), argumenta que muitos fatores dificultam a superação da prática tradicional, já tão criticada, mas, dentre muitos, desponta sobremaneira a crença dos educadores de todos os graus de ensino na manutenção da ação avaliativa classificatória como garantia de um ensino de qualidade, que resguarde um saber competente dos alunos.

O principal obstáculo para se construir uma avaliação que qualifica e subsidia a ação pedagógica é a concepção de avaliação que se pratica. Segundo Sant'Anna (1995), a avaliação apresenta três funções: diagnóstica, formativa e classificatória. A diagnóstica verifica os conhecimentos e obtêm-se informações do rendimento do aluno. Enquanto a avaliação formativa se faz o acompanhamento progressivo do aluno; ajudando o aluno a desenvolver as capacidades cognitivas e fornecendo informações sobre seu desempenho. Já avaliação classificatória, tida como somativa, classifica o aluno segundo o seu rendimento escolar e busca uma consciência coletiva dos resultados apresentados pelos alunos. A respeito da avaliação somativa, Haydt (2000),



afirma estar vinculada à noção de medir, tendo a função classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo, segundo níveis de aproveitamento apresentados para determinar se o aluno será aprovado ou reprovado.

Sempre será necessário avaliar, independente da norma ou padrão pela qual baseia-se o modelo educacional. Não há como fugir da necessidade de avaliação de conhecimentos, muito embora se possa torná-la eficaz naquilo a que se propõe: a melhora de todo o processo educativo. Segundo Vasconcelos (2000), a escola precisa preparar o aluno para a vida, mas com ricas experiências, buscando uma escola que não seja reprodutora dos modelos sociais discriminatórios, mas que promova o desenvolvimento integral dos seus educandos.

Na realização da avaliação, o professor assume a função de investigar frente as dificuldades enfrentadas pelos alunos, o porquê dessas dificuldades e os meios para superá-las, pois quando se utiliza a informação adquirida para criar novas situações de intervenção é que a avaliação pode ser considerada um instrumento de aprendizagem. Haydit (2000) defende que a avaliação deve ser compreendida como um processo dinâmico de permanente interação entre educador e educando no apontamento e no desenvolvimento de conteúdos de ensino aprendizagem, na seleção e aplicação de suas metodologias, bem como no diagnóstico da realidade social, visando à mudança comportamental educando e do seu compromisso com a sociedade.

Os resultados dos instrumentos avaliativos devem estar a serviço do professor, eles possibilitam reflexão sobre aprendizagem do aluno. Assim, a avaliação escolar só tem sentido se produzir reflexão sobre a prática avaliativa que inclui ao contrário de excluir, que valoriza o conhecimento prévio dos alunos em vez de cobrar somente conhecimentos enciclopédicos, capaz de transformar, mudar estatísticas, que enxerga no erro do aluno possibilidades de um novo recomeço. Conforme Gilmar (2009, p.02), “para o aluno, a avaliação deve ter o saber doce do refazer, do recomeçar e não o sabor amargo do fracasso, da constatação do erro.”

O aprendizado de Biologia desde seu surgimento foi contemplado por uma educação formal focada cada vez mais na memorização de fatos. É necessário romper com este método e familiarizar o estudante com a prática da Ciência, destacando o



prazer e a utilidade da descoberta, buscando vincular as aulas aos conhecimentos e conceitos do dia-a-dia dos alunos e abandonar aulas baseadas na simples memorização de nomes, informação e conceitos (BRASIL, 1997).

A Biologia é uma disciplina muito abrangente que discute relações e interações existentes, para que a aprendizagem efetivamente aconteça, ela exige a demonstração do que foi exposto, ou uma aproximação do conteúdo com a realidade do aluno. Principalmente, porque a apropriação de conceitos ou a construção dos conhecimentos é complexa e difícil por conter muitos nomes e termos que não fazem parte do vocabulário cotidiano do aluno. Para Gioka (2007), uma avaliação a favor da aprendizagem permite a construção de perguntas formadoras, entre o professor e o aluno, que os engajam a conhecer a Biologia e a resolver problemas, aumentando o interesse do aluno pela aula.

Nesse sentido, a avaliação desse processo deve acontecer de forma ampla e não de uma forma que exija a reprodução mecânica de conceitos em provas ou testes. Sendo necessária uma visão de avaliação que vai além da que vem sendo empregada, uma que incorpore uma dimensão ética fortemente qualitativa, transformadora e emancipadora. Para Luckesi (2000), a prática da avaliação da aprendizagem deve apontar para a busca do melhor de todos os educandos, por isso é diagnóstica, e não voltada para a seleção de uns poucos, como se comportam os exames. Por si, a avaliação é inclusiva, democrática e amorosa.

Na visão do governo federal, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a avaliação é compreendida como: elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino; conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma; conjunto de ações que busca obter informações sobre o que foi aprendido e como; elemento de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa; instrumento que possibilita ao aluno tomar consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades; ação que ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalho. Uma concepção desse tipo pressupõe considerar tanto o processo que o aluno desenvolve ao aprender como o



produto alcançado. Pressupõe também que a avaliação se aplique não apenas ao aluno, considerando as expectativas de aprendizagem, mas às condições oferecidas para que isso ocorra. Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido, pois se não há a aprendizagem esperada significa que o ensino não cumpriu com sua finalidade (BRASIL, 1997).

No art. 24 da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394, de 20/12/1996), a avaliação é abordada nos itens V, VI e VII, a seguir transcritos:

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

VI - o controle de frequência fica a cargo da escola, conforme o disposto no seu regimento e nas normas do respectivo sistema de ensino, exigida a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para aprovação;

VII - cabe a cada instituição de ensino expedir históricos escolares, declarações de conclusão de série e diplomas ou certificados de conclusão de cursos, com as especificações cabíveis (BRASIL, 1996, p. 9 e 10).

A noção de avaliação da LDB também evidencia que a verificação do rendimento escolar não está diretamente vinculado à aprovação ou reprovação dos alunos quando diz que deverá haver prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Para Ramal (1998, p. 7),

Considerar os aspectos qualitativos no processo de avaliação nada tem a ver com aprovar ou dar mais pontos para os alunos bonzinhos ou esforçados, que participam da aula, mas não sabem a matéria. Significa, sim, não limitar o olhar do que avalia aos conteúdos que podem ser objetivamente mensuráveis e quantificáveis. Fica claro que o processo da avaliação adquire finalidades que vão além da promoção ou reprovação dos alunos, e se dirigem para os cuidados de uma educação integral.



Como observada, a lei amplia as possibilidades de organização da educação básica tratando a avaliação de forma que para muitos, ainda pode ser considerada inovadora quando diz que ela deve ser “contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos”, eliminando qualquer procedimento que vise a manutenção de práticas classificatórias excludentes.

Neste sentido, no intuito de conhecer um pouco mais sobre o exposto, o presente trabalho teve como objetivo analisar a forma de avaliação do rendimento escolar do Ensino de Biologia nos colégios públicos de Iporá-GO, tendo com especificidade, compreender como acontece a avaliação na disciplina de Biologia, reconhecendo como os educandos veem a avaliação escolar nesta disciplina e compreender qual o reflexo da avaliação no desempenho dos alunos, confrontando a realidade investigada com as propostas de autores recentes na área da educação.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com o intuito de aprofundar sobre o tema proposto e fazer sua análise. Para isso foram realizadas as seguintes etapas: a) levantamento bibliográfico; b) pesquisa de campo – sendo utilizado como instrumento de pesquisa o questionário; c) análise e a comparação dos resultados com as propostas de autores da educação.

Segundo Vieira (2009), na pesquisa qualitativa, busca-se levantar as opiniões, crenças, o significado das coisas nas palavras dos participantes da pesquisa. Para isso procura interagir com as pessoas, mantendo a neutralidade. A pesquisa qualitativa não é generalizável, mas exploratória, no sentido de buscar conhecimento para uma questão sobre a qual as informações disponíveis são, ainda, insuficientes. A pesquisa qualitativa mostra as opiniões, as atitudes e os hábitos de pequenos grupos, selecionados de acordo com perfis determinados.

Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a avaliação da aprendizagem escolar, a fim de verificar as propostas de autores recentes da educação sobre a maneira adequada de avaliar o aluno. Assim, foi feito maior aprofundamento teórico sobre essas propostas, bem como foi realizado leituras em documentos oficiais



como os PCN's e a LDB para o Ensino Médio nos trechos que abordam a avaliação da aprendizagem escolar.

Segundo Marconi e Lakatos (2001), a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos.

Depois de analisar diversas bibliografias sobre o tema proposto, através da pesquisa usando os questionários aplicados aos alunos, foi identificado como está sendo a avaliação da aprendizagem escolar na disciplina de Biologia dos colégios públicos de Iporá-GO e em seguida, comparamos os resultados com as propostas de autores da educação, bem como com os documentos oficiais PCN's e LDB.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Responderam ao questionário uma amostragem de 202 alunos, distribuídos entre os turnos matutino, vespertino e noturno, sendo 65 da primeira série, 69 da segunda e 68 da terceira.

O ingresso no Ensino Médio na idade considerada própria é aos 15 anos e o término aos 18. A maioria (97%) dos alunos que participaram da pesquisa apresentou idade menor de 20 anos, portanto podem ser considerados em idade adequada para estar cursando o Ensino Médio. Verificar a idade dos alunos é importante para a pesquisa pois a defasagem de idade evidencia problemas com repetência e abandono, sendo a forma como o aluno tem sido avaliado uma das principais causas

Quando perguntados sobre o que entendem por avaliação da aprendizagem, de maneira direta ou indireta, 68% dos alunos disseram que é a forma que o professor usa para verificar o que eles aprenderam do conteúdo. Portanto, a maioria dos alunos pensam que a avaliação se resume a testes quantitativos de conhecimento a fim de verificar se houve aprendizagem. Ou seja, cria-se o conhecimento dentro de um padrão para somente depois verificar se houve ou não aprendizagem. Essa lógica demonstra



que a ideia que os estudantes têm de aprendizagem é aquela que pode ser mensurável por critérios de notas. Para Luckesi (2008, p. 81),

(...) a primeira coisa a ser feita, para que a avaliação sirva a democratização do ensino, é modificar a sua utilização de classificatória para diagnóstica. Ou seja, a avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários. Desse modo, a avaliação não seria tão-somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem. Se um aluno está defasado não há que, pura e simplesmente, reprová-lo e mantê-lo nesta situação.

Ao definir os critérios avaliativos é preciso ter certeza sobre o que se espera alcançar, respeitando os limites, as potencialidades dos alunos, as diferenças e a diversidade presentes em sala de aula. Os critérios utilizados na avaliação deverão também, respeitar o tempo que o educando necessita para alcançar determinados conhecimentos. Para (SOUZA, 1997, p. 129),

(...) é preciso que os critérios de desempenho estejam bem estabelecidos e o professor e a escola tenham um real compromisso com a construção do conhecimento do aluno. Só que contando com o aluno. Fazendo o aluno participar de sua educação. Fazendo-o conhecer-se perante cada dificuldade e buscar orientação com o professor e com a escola quanto a como avançar sua educação.

A maioria das percepções dos outros 32% dos alunos, mais parecem críticas ao processo avaliativo tal como eles o conhecem, do que o real significado da avaliação da aprendizagem. Para Luckesi (2002, p. 79),

Professores, professoras, escolas, sistemas de ensino dizem que estão praticando avaliação – assim, existem dias de avaliação, práticas de avaliação, sistemas de avaliação... -, porém, efetivamente, são dias de exames, práticas de exames, sistemas de exames, ou seja, somos traídos por hábitos que já passaram para nosso inconsciente e atuamos automaticamente, sem nos perguntarmos sobre o verdadeiro sentido daquilo que estamos fazendo. Inconscientemente, ‘examinamos’, porém dizemos que ‘avaliamos’



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

(...) o ato de examinar, por outro lado, é classificatório e seletivo e, por isso mesmo, excludente, já que não se destina à construção do melhor resultado possível; tem a ver, sim, com a classificação estática do que é examinado. O ato de avaliar tem seu foco na construção dos melhores resultados possível, enquanto o ato de examinar está centrado no julgamento de aprovação ou reprovação. Por suas características e modos de ser, são atos praticamente opostos; no entanto, professores e professoras, em sua prática escolar cotidiana, não fazem essa distinção e, deste modo, praticam exames como se estivessem praticando avaliação.

Os alunos foram indagados sobre a quantidade de instrumentos usados por seus professores de biologia. A maioria afirmou serem aplicados apenas três instrumentos avaliativos bimestralmente, o que demonstra que a maioria dos professores estão utilizando poucos instrumentos avaliativos. Esses dados contradizem com as propostas de Hadji (2001), que aponta a importância do professor avaliar utilizando técnicas diversas e instrumentos variados, para que se possa diagnosticar o começo, o durante e o fim de todo o processo avaliativo, para que a partir de então possa progredir no processo didático e retomar o que foi insatisfatório para o processo de aprendizagem dos educandos.

Diversos instrumentos avaliativos estão à disposição do professor que mesmo ciente da importância de variá-los para acompanhar o desempenho da turma muitas vezes limita-se ao uso da prova e teste. Segundo Haydt (1994, p.63), na avaliação:

Devem ser usadas diversas técnicas e instrumentos de avaliação. Atualmente, a avaliação assume a função de diagnosticar, bem como de verificar a consecução dos objetivos previstos para o ensino aprendizagem. Para que a avaliação possa desempenhar estas funções é necessário o uso, combinado, de várias técnicas e instrumentos. Quanto mais dados o professor puder colher na avaliação, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais informação terá a seu dispor para replanejar o seu trabalho e orientar a aprendizagem dos alunos.

Das opções apresentadas no questionário, os alunos marcaram os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores, verificou-se que as provas (27%), trabalhos (31%) e testes (27%) são os instrumentos mais utilizados pelos professores, pois, juntos eles representaram 85% de todos os instrumentos utilizados. Esses valores demonstram que os professores ainda aplicam e valorizam as provas e testes (que juntos totalizam



54%) como principais instrumentos avaliativos, deixando de usar vários outros instrumentos, como por exemplo, observações sistemáticas dos alunos.

Estas respostas evidenciam que no cotidiano escolar o professor parece estar mais preocupado mais com a questão do exame, da medida ou da verificação do que propriamente com a aprendizagem do aluno. Para Sobrinho (2003), na avaliação costuma-se tratar alunos como coisas, onde nota e conceito são buscados a todo custo. Para alguns professores as mudanças comportamentais dos alunos devem ser observadas e sempre que possível quantificada. Isto explica a valorização dos testes e provas aplicadas para avaliar o aluno.

Sobre o momento em que deve ocorrer a avaliação, a maioria (56%) dos alunos que participaram desta pesquisa disseram que a avaliação deve ser realizada bimestralmente. Isso revela que nas instituições estudadas a maioria dos alunos vê a avaliação como um processo classificatório e restrito a um período de tempo reservado excepcionalmente para este fim e não como parte contínua do processo de ensino-aprendizagem. Luckesi (2002), afirma que examinar é um ato classificatório e excludente que não se destina a construção do melhor resultado possível, pois está centrado no julgamento de aprovação ou reprovação, gerando apenas a classificação estática do que é examinado.

Para 48% dos alunos entrevistados, a avaliação deve ser dada por meio de provas individuais ou coletivas, por trabalhos e de forma contínua. 41% consideraram que a avaliação deveria ser por meio de trabalhos, incentivando a pesquisa e a descoberta. 11% julgaram que a forma de avaliar deveria ser mais rígida, capaz de desenvolver mais dedicação ao estudo e à reflexão. Essas respostas indicam demonstram anseios dos alunos por uma avaliação com instrumentos diversificados, de forma contínua, que não seja centrada em períodos.

A avaliação deve diagnosticar, retro informar e favorecer o desenvolvimento individual. No procedimento de avaliação devem-se considerar testes organizados pelo professor, coleção de produtos de trabalho do aluno, registros dos resultados de observação das discussões dos alunos, comentários, entrevistas com alunos ou grupo, análise da escrita,



etc. A avaliação deve ser desenvolvida cooperativamente por professores, alunos, pais e diretores (HADJI, 2001, p. 75).

Quando perguntados sobre o que os alunos acreditam ser necessário para melhorar o processo avaliativo na disciplina de Biologia de seu colégio, a grande maioria deles respondeu que deveria ter mais aulas práticas. Essas respostas demonstram que os alunos desejam aulas mais dinâmicas e motivadoras. Nesse sentido Bizzo (2007, p.66) afirma que “cabe ao professor selecionar o melhor material disponível diante de sua realidade. Sua utilização deve ser feita de maneira que possa constituir um apoio efetivo”. Entretanto, segundo Raboni (2002) o uso de aulas práticas não é muito comum no cotidiano escolar, pois elas exigem muito conhecimento para sua realização, o que muitas vezes falta ao professor.

As aulas práticas são instrumentos extremamente motivadores da aprendizagem, e podem ser realizadas de acordo com os recursos e a realidade do colégio. Segundo Capeletto (1992), na falta de recursos é possível realizar adaptações nas aulas práticas a partir do material existente e, ainda, utilizar materiais de baixo custo e de fácil acesso.

Problemas complexos podem ser solucionados através do uso de aulas práticas levando ao desenvolvimento de habilidades técnicas e principalmente auxiliando no conhecimento sobre os fenômenos e fatos. Segundo Krasilchik (2000), as concepções dos alunos sobre os fenômenos e sua atuação, enfatizando principalmente seus conhecimentos pré-elaborados acerca das temáticas propostas nas aulas práticas são férteis fontes de investigação para os pesquisadores como elucidação do que pensam e como é possível fazê-los progredir no raciocínio e análise dos fenômenos.

De modo geral, as diversas respostas evidenciaram a insatisfação dos alunos com o atual método avaliativo utilizado pelos professores nesses colégios. O ensino de Biologia, como afirmado na introdução, é complexo e exige demonstração do que foi estudado e para isso o professor, para que consiga alcançar resultados mais amplos e eficientes, deveria abrir mão dos métodos tradicionais de ensino e adotar uma nova cultura, tanto de ensinar, quanto de avaliar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos surgiram diversas pesquisas de teóricos como Hoffmann, Hadji, Luckesi, dentre outros, que tem discutido o papel da avaliação e afirmado novos métodos que favoreçam um processo de ensino aprendizagem mais significativo. Tais estudos tem demonstrado que se a forma tradicional de avaliar persistir, corre-se o risco de ainda excluirmos alunos do processo educacional, ou de continuarmos com a prática da classificação ou mensuração no lugar de formar e desenvolver uma aprendizagem realmente eficaz. Os dados apresentados pelos sujeitos pesquisados neste trabalho reafirmam que a avaliação da aprendizagem ainda é um tema importante e que, certamente, ainda precisa ser estudado mais detalhadamente.

Podemos concluir que a prática avaliativa do ensino de Biologia dos colégios públicos de Iporá-GO, continua apresentando características classificatórias, ou seja, a avaliação ainda é fortemente quantitativa e não cumpre sua principal função que é diagnosticar e mediar, e assim, apontar tanto as dificuldades apresentadas pelo alunos, como promover a superação.

A forma de avaliação utilizada pelos docentes nos colégios pesquisados está embasada numa concepção tradicional de ensino, as médias são obtidas a cada bimestre e o conceito, principalmente, mediante provas e testes. Isso significa que a prática avaliativa apenas realiza a verificação da aprendizagem, testando os conhecimentos para ver o que se aprendeu durante o bimestre.

Os alunos demonstraram certo anseio por mudanças nas práticas avaliativas com a utilização da avaliação contínua. Uma cultura de avaliação formativa que possibilite acompanhar a aprendizagem dos alunos e auxiliá-los durante o percurso escolar.

O desenvolvimento deste estudo possibilitou um olhar investigador e diferenciado com relação à avaliação da aprendizagem em ambientes educacionais, levando a refletir sobre os reais objetivos da prática que faz parte dessa ação pedagógica imprescindível no contexto educacional. Tanto o aluno, como o professor, além de



todos os envolvidos na prática pedagógica podem e devem, por meio da avaliação, refletir sobre sua própria prática na promoção do conhecimento, colaborando assim para um sistema de avaliação mais justo que não exclua o aluno do processo de ensino-aprendizagem, mas o inclua como um ser crítico e participante dos momentos de transformação da sociedade.

Chega-se ao final deste trabalho com a certeza de que muito ainda há o que se estudar e investigar sobre as formas de avaliação na educação, para que possamos compreendê-la na prática pedagógica do professor. Principalmente porque a avaliação da aprendizagem possibilita a tomada de decisão e a melhoria da qualidade de ensino, informando as ações em desenvolvimento e a necessidade de regulações constantes. Isso reafirma ainda mais a relevância e a continuidade de trabalhos como este, assim como a compreensão que se as nossas metas são educação e transformação, não nos resta outra alternativa senão juntos pensar uma nova forma de avaliação que proporciona também o apoio a um processo a decorrer, contribuindo para a obtenção de melhores produtos ou resultados de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BARROS FILHO, J; SILVA, D. Buscando um sistema de avaliação contínua: ensino de eletrodinâmica no nível médio. **Ciência & educação**. Vol. 8, nº 1. p. 27-38, 2002
- BIZZO, Nélío. **Ciências: fácil ou difícil?** – 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- BRASIL. Lei N.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF. 31 p.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.
- CAPELETTO, A. **Biologia e Educação ambiental: Roteiros de trabalho**. Editora Ática, 1992.
- ESTEBAN, M. T. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 2 ed. Rio de janeiro: DP&A, 2000.



- GILMAR, J. Fava. **Avaliação: Uma proposta para reflexão em sala de aula.** Qualidade com criatividade. SP, 2009.
- GIOKA, OLGA. Assessment for learning in biology lessons. **Journal of biological education.** Vol. 41, nº 3, p. 113-116. 2007
- HADJI, Charles. **A avaliação desmistificada.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral.** São Paulo: Ática 1994, p.286-319.
- _____. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2000.
- HOFFMANN, Jussara. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em educação.** Porto Alegre: Mediação, 1998.
- _____. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 20.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.
- KRASILCHIK, Myriam. **Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências.** vol.14 - São Paulo: Perspec.. 2000.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez 2002.
- _____. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. In: **Eccos revista científica.** Ano/vol. 4. n. 002. São Paulo, dez. de 2002 p. 79-88.
- _____. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 19ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.
- LÜDKE, Menga; MEDIANO, Zélia D. **Avaliação na escola de 1º grau.** 2 ed. Campinas: Papirus, 1994.
- MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Maria Eva. **Metodologia do trabalho científico.** 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- RAMAL, A. C. Lendo no viés das palavras: Concepções de Avaliação na LDB. **Revista de Educação CEAP - ano 6.** Salvador, 1998.



SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como Avaliar?** critérios e instrumentos. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOBRINHO, José Dias. **Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação superior.** São Paulo: Cortez, 2003.

SOUSA, S.Z. Avaliação Escolar e Democratização: o direito de errar. In: AQUINO, J. G. (coord.) **Erro e Fracasso na Escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997. (p.125-140).

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar.** 11ª Ed.- São Paulo: Libertad, 2000.

VEIGA, lima P. Alencastro. **Didática: o ensino e suas relações.** Campinas: Papirus, 1996.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários.** São Paulo: Atlas, 2009



A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM

BARBOSA, RosielainePelegrine Valadão¹, LIMA, Maria Josede²

Universidade Estadual De Goiás

Unidade Universitária de Iporá

rosielainepelegrine@gmail.com, mariajose.lima@ueg.br

Resumo: O estágio supervisionado no 4º ano tem como foco principal a regência e a participação em eventos nos colégios, que o mesmo foi realizado. A partir deste pode-se ter um melhor entendimento sobre o que vem a ser professor e este possui uma relevância para a formação dos estagiários, uma vez que se constitui oportunidade de vivências específicas na docência. Estas experiências devem transcender a mera obrigação curricular assumindo uma função protagonista na formação inicial. Nesta perspectiva, é importante observarmos todos os acontecimentos e experiências, ocorridas no período da participação dos estagiários nas escolas campo ocorrido no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima e Escola Estadual Vereador Antônio Laurindo. A presente pesquisa surgiu a partir do momento que notou-se a ausência ou pouca participação da família no espaço escolar e na educação dos alunos. Este trabalho tem por objetivo analisar a importância da participação dos pais através das instâncias colegiadas como, conselho de classe, elaboração do projeto pedagógico e também o Conselho escolar atividades estas existentes na instituição escolar. Portanto, propõe-se uma reflexão sobre alguns teóricos como: Libâneo (2010); Novais (2002); Pimenta (2002) Werneck (2000) dentre outros, que versam sobre a importância desse acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos, assim como o envolvimento como construtores de espaços do exercício pleno de cidadania. Nesse sentido, pretende-se demonstrar a importância dos pais na Instituição Escolar, como liderança e como mediador dos processos de gestão democrática, possibilitando um trabalho pedagógico coletivo, favorecendo a participação de todos os membros da comunidade educativa.

Palavras-chave: Escola; Família; Participação.

INTRODUÇÃO

A partir das experiências vivenciadas no estágio nos anos de 2012 e 2013, através das fases de observação, semi-regência e regência foi possível identificar a pouca participação dos pais no cotidiano da escola, apesar dos esforços do grupo gestor. Em princípio foi possível notar que um número significativo de alunos enfrenta muitas dificuldades de aprendizagem e nesse sentido a ausência dos pais no âmbito escolar e o não envolvimento com os estudos dos filhos contribuem para esse quadro agravar-se. O papel da família está em contribuir, na construção de um ser independente, criativo, livre (capaz de fazer escolhas), justo e feliz, dando prioridade à



comunicação estabelecida na família por meio do diálogo com a abertura aos questionamentos e às mudanças que ocorrem de forma rápida na atual conjuntura social.

A função da escola está em ‘educar’ para a democracia no sentido da construção de um ser humano reflexivo, crítico e criativo, comprometido socialmente e transformador da realidade, garantindo a aprendizagem de certas habilidades e conhecimentos necessários para a vida em sociedade. Nesse sentido a escola tem o papel fundamental em contribuir no processo de inserção social das novas gerações. Com isso, podemos perceber que a função da família e da escola se complementa na construção de um ser humano mais consciente e envolvido na sociedade.

DESENVOLVIMENTO

As interações entre as instituições (escola e família) no meio social tem se modificado muito nas últimas décadas, por isto tem tornado difícil pais e professores encontrar uma estratégia que envolva estas duas esferas para trabalhar juntas para o bom desenvolvimento do aluno no ambiente escolar. Nesta fase do estágio pode-se ter uma melhor integração com os alunos, pois adentramos na sala de aula nas observações das aulas e monitoria junto ao professor, e depois na regência, momento este que os alunos muitas vezes transmitem um pouco de sua trajetória ou a mesma é notada pelo estagiário através das atitudes destes alunos. Este convívio favoreceu por parte dos estagiários sem analisar os resultados dado a presença ou a falta da participação dos pais no meio escolar ou mesmo na vida destes alunos. Dada a importância de cada instituição na contribuição para formação do indivíduo, seja familiar ou escolar, faremos uma análise crítica do desinteresse de alguns pais em acompanhar os filhos e o impacto positivo quando ocorre o contrário e como isso se reflete no âmbito escolar. “Nesse sentido, entende-se que a educação é um processo de humanização que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante”. (PIMENTA, 2002, p. 23).

A educação está agregada a partir de muitos aspectos, ela faz parte de um processo de socialização do ser humano para viver em sociedade. Nesse sentido a família também é parte importante no processo civilizatório do indivíduo tanto no meio escolar quanto social. De acordo com o desenvolvimento do aluno no ambiente escolar é transmitido para os demais seguimentos este processo de formação pessoal. Os pais sempre esperam muito da escola, e da competência dos professores para a aprendizagem de seus filhos, mas na maioria das vezes não



estão envolvidos nesta problemática. A escola, a família e a sociedade estão em constante mudança e a relação da família com a escola não é a mesma de alguns anos atrás. O envolvimento da família com os demais segmentos sociais é de grande importância para a formação do indivíduo como um todo.

Atualmente a relação entre a família e a escola sofre uma transição. Antes a família confiava plenamente na escola estabelecendo uma relação de cumplicidade. Hoje a família de um lado a critica e de outro contraditoriamente, procura transferir suas responsabilidades para a mesma. “Mas o problema de sempre vai surgir imediatamente alguns dirão que o professor não corrigiu, alguns pais pensarão que manter os filhos na escola é perda de tempo e por aí vai a mesma ladainha de várias décadas”. (WERNCEK, 2002 p. 68) Mesmo apesar das críticas mútuas, ambas ocupam um lugar de importância que não deve ser negligenciada. A responsabilidade de educar não deve ser atribuída somente ao professor, portanto estas devem ser compartilhadas entre pais, alunos, professores e todo grupo gestor. O aluno em que os pais estão sempre atentos e envolvidos no meio escolar acompanhando e participando ativamente dos estudos de seus filhos, seu desempenho tende a ser melhor em todos os aspectos, diferente daqueles em que os pais não fazem presença no ambiente escolar.

A criança cuja família participa de forma mais direta no cotidiano escolar, apresenta um desempenho superior em relação a que os pais estão ausentes do seu processo educacional. Ao conversarem com o filho sobre o que acontece na escola, cobrarem dele e ajudarem a fazer o dever de casa, falarem para não faltar à escola, tirar boas notas e ter hábitos de leitura, os pais estarão contribuindo para a obtenção de notas mais altas. Além disso, reduz a evasão escolar e a depredação da escola”. Esta constatação foi feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC) com base nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb 2005)

Através desta pesquisa fica explícito a importância da participação dos pais no ensino e aprendizagem do aluno. Sendo que o primeiro contato com as informações básicas do ensino está vinculado à família e esta rede se estende para o meio educacional. Portanto o indivíduo (aluno) não é um ser isolado, existem as primeiras necessidades na qual muitas vezes esta integração social, cultural tem que partir do meio familiar. Portanto a escola tem a função de ensinar as questões interligadas aos teóricos, porém a família tem que ser responsável pela formação de um ser como um todo. A responsabilidade não deve estar sempre nas mãos da instituição escolar. De acordo com Dessen e Polonia (2007) a família é a responsável pela transmissão de valores, culturas e crenças para o indivíduo, incluindo o bem estar de cada



membro. As duas instituições família e escola são as maiores responsáveis em educar o aluno para o futuro, fazendo com que este torne-se crítico e autêntico.

Com as mudanças sociais, culturais e políticas as escolas vêm sofrendo uma crise no sistema educacional, no qual escola e professores têm sido responsabilizados pela falta de interesse dos alunos com o ensino e aprendizagem. A sociedade numa composição heterogênea englobando várias esferas que cobram medidas produtivas dos educadores na manutenção de alunos interessados e motivados para a aprendizagem. Porém, uma gama de fatores interfere para que esta relação entre família e escola seja dificultada. De acordo com as mudanças que ocorrem na sociedade mudam outras esferas também, sofre alterações que muitas vezes não consegue ser acompanhada pela família. Para que a aprendizagem seja interessante e motivadora não basta à escola ser de qualidade é preciso que exista o interesse do aluno e da família. Este tem que ter sido preparado para este acontecimento, como ser influenciado a esta realidade ter hábitos de leituras, é nesta percepção que a família tem que se envolver cada vez mais. Conforme Libâneo (2000, p. 44) o processo de ensino e aprendizagem está ligado através de sentimentos e emoções que envolvem tanto as relações familiares e escolares como o ambiente que eles estão inseridos.

As transformações socioculturais ocorreram principalmente no âmbito familiar, na qual era constituída de pai, mãe e irmãos. Hoje em dia estas mudanças partem inclusive dos novos arranjos familiares, que podem constituir-se de mães e filhos, pai e filhos ou, filhos criados com avós, tios e outros. Outro fator que muito prejudica o rendimento escolar e é apontado como sendo a necessidade que muitos filhos têm de ajudar nas despesas domésticas, deixando a escola em segundo plano. A sociedade brasileira ainda padece de extrema desigualdade social e por isso muitos têm que deixar os estudos para trabalhar ou fazer uma jornada dupla entre trabalho e escola, muitas vezes a última é penalizada ou não ser bem sucedida. Como afirma Fontana (1995, p.36)

No caso a família nuclear, essas mudanças são principalmente estruturais. A unidade familiar tradicional de pai, mãe e três filhos não são mais a norma universal. As dissoluções familiares e o número cada vez maior de crianças concebidas fora do casamento levaram a um grande aumento do número de pais e mães solteiros e de famílias de um segundo casamento. E, mesmo nas famílias de pai e mãe, a norma apenas a uma minoria dos casos.

As cobranças que o sistema educacional brasileiro têm sido cada vez mais intensas para com os professores e as instituições escolares e quando surgem conflitos para que esta



instituição resolva torna-se difícil mediar estes problemas, pois a escola não adquire uma autonomia sem vinculação com o sistema governamental. Os pais cada dia têm menos tempo em participar do processo ensino/aprendizagem dos filhos. Observa-se que muitos têm um baixo nível de escolaridade ou são analfabetos e isso acarreta as dificuldades de ajudar seus filhos com os estudos, ou reconhecer a importância do mesmo para a vida e a formação do ‘Ser’ como cidadão. O processo de educar está ligado a uma série de circunstâncias, não sendo possível atribuir apenas à escola como responsável por tarefa tão complexa e fundamental, daí ser essencial o envolvimento da família nesse processo.

Durante o período de estágio foi possível perceber na sala de aula o quanto é significativo e necessário que os alunos consigam compreender toda a matéria trabalhada. A pressão das políticas educacionais ao que tange uma realidade do Estado de Goiás tem sido intensa sobre as instituições escolares e familiares. As cobranças exigindo produtividade é um dos gargalos desta educação, onde a preocupação é por quantidade sem preocupar de fato com a qualidade e um projeto coletivo e solidário como tem sido as discussões e leis como LDB, PCNs e outros.

Para Macedo (2010, p.117) aparentemente distante se observa do ponto de vista político, social e econômico, elas nos parecem muito mais próximas quando levamos em conta os comportamentos e atitudes mentais coletivas. Nesta perspectiva nota-se que a interação da família nos encontros coletivos, conselhos de classe, encontro de pais, podem transformar a escola num espaço mais democrático pelo qual todos participam e resolvem os problemas institucionais coletivamente. Procedimentos assim podem alavancar o interesse e a melhoria da aprendizagem dos alunos, pois eles passam a sentir-se como co-participes do meio interagindo mais neste âmbito. Para Werneck (2002, p.95)

É verdade que a democracia é a experiência de vida em meio ao pluralismo. Viver o plural não é a mesma coisa que estabelecer a guerra dos oponentes. Podemos viver o plural e ser persistentes na busca das mesmas metas. Quando nos colocamos em posições antagônicas criamos uma situação muito complicada para a escola, e os alunos e famílias, nesse meio, transformam-se em marisco.

O autor questiona a importância da participação dos pais nas decisões escolares, pois quando isto não ocorre os alunos e as famílias ficam em segundo plano não sabem o que está acontecendo, não tem como correr atrás de seus direitos, pois não cumpriram com os deveres. Portanto é através de um diálogo permanente, claro e sincero que poderá facilitar e buscar transformar o ensino e aprendizagem de seus filhos (aluno). Para que ocorra um



envolvimento mais consciente entre o grupo de gestores, docentes, alunos e famílias em um processo de ensino e aprendizagem harmonioso e contundente. Segundo Daneluz (2008, p.2)

Com isso, compreender que concepções têm os pais ou responsáveis acerca de sua participação na vida escolar dos filhos passa a ser uma questão urgente. Soma-se a isso que uma possível ausência destes nas discussões sobre o referido problema escolar resulta em indiferença, desconhecimento dos fatores básicos desta problemática e, na medida em que não há um trabalho conjunto e efetivo com as famílias, a fim de buscar parcerias para melhor resolver seus problemas, a situação tende a se agravar. Nos ambientes família/escola, o jovem assume papéis diferenciados. Na família ele participa e segue padrões de conduta estabelecidos por seus familiares. Na escola, é um pouco mais complexo, mais amplo, mas também tende a seguir os padrões e as normas da entidade, por isso, ambas precisam compartilhar a ação educativa e criar critérios para serem seguidos.

Através da fala da autora pode-se notar que nenhuma destas duas instituições pode trabalhar isoladamente, elas necessitam de uma interação para resolver os problemas institucionais. Os pais buscam os mesmos objetivos da escola que é um bom desempenho e aprendizagem adequada aos seus filhos (alunos). Quando estas duas esferas distanciam o aproveitamento do aluno não alcança o resultado esperado. Para que haja um bom desempenho e envolvimento da família no meio escolar é necessário que o grupo gestor propicie atividades no ambiente escolar para interação da família.

As mudanças no meio social e educacional tornam-se mais difíceis numa adaptação e envolvimento dos alunos com a realidade escolar. Os professores estão sobrecarregados, muitas vezes não tem condição de fazer uma formação continuada em detrimento de cargas horárias de trabalho intenso ocasionado pela falta de uma política salarial decente. Isso torna-o um repassador de conteúdos e as transformações que o mundo contemporâneo vem sofrendo como o uso das novas tecnologias às vezes não é acompanhado pelos professores. Segundo Libâneo (2000, p.30) o que está em jogo é uma formação que ajude o aluno a transformar num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento por meio de meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores. [...] mediante a condução pedagógica do professor que disporá de práticas de ensino intencionais e sistemáticas de promover o ‘ensinar a aprender a pensar’.

Concordando com Libâneo o professor não deve ser apenas um mero reproduzidor, mas conhecer a realidade de seus alunos, pois através desta interação com eles será possível conhecer também a estrutura familiar na qual eles estão integrados, podendo assim compreender o porquê das dificuldades destes. Portanto a escola também deve estar atenta juntamente com o



grupo gestor a família e os outros órgãos responsáveis pela criança e o adolescente por tratar-se de uma etapa que exige maior atenção e acompanhamento dos responsáveis.

Segundo Novais (1975, p.181) tanto a família, como a escola, devem agir no sentido de favorecer o desenvolvimento da personalidade do adolescente, ajudando-o a conseguir um bom índice de ajustamento. O autor parte de um pensamento que as relações de interação destes meios podem assim ajudar estes adolescentes para tornarem sujeitos de transformação na sociedade. Novais (1975, p. 183)

Devemos considerar que o adolescente procura o seu lugar na sociedade ao mesmo tempo em que procura descobrir se a si mesmo, assim os conflitos que apresenta nesta esfera são sintomas de viabilidade psíquica e crescimento da sua personalidade, e dos limites da sua problemática.

O limite que deveria ser transmitido para as crianças em casa muitas vezes torna-se atribuição do corpo docente que estão a cada dia mais sobrecarregados. Hoje no mundo capitalista em que vivemos os pais não possuem tempo adequado para seus filhos e acreditam que sua educação torna-se especificamente obrigação da escola, onde cada dia mais professores são agredidos por alunos descontrolados, sem limites. A categoria dos professores sofre pelo descaso dos governantes, como também da sociedade que os responsabilizam da crise existente hoje na rede de ensino. Os aspectos sociais têm influenciado as relações numa ponderação de Libâneo(2000, p. 25)

A preparação para a participação social é uma exigência educativa para viabilizar o controle público não-estatal sobre o estado, mediante o fortalecimento da esfera pública não-estatal e que implica no desenvolvimento de competência social como relações grupais e intergrupais, processos democráticos e eficazes de tomada de decisões, capacidades sócio comunicativa de iniciativa, de liderança, de solução de problemas etc.

O sujeito (aluno) precisa se integrar na sociedade aprender a se socializar, e neste aspecto não compete somente à instituição escolar, mas também a família que é o primeiro responsável em envolver e ajudar estes tornarem seres pensantes e responsáveis, pois as dificuldades que eles vão enfrentar tanto no meio escolar quando na sociedade será um reflexo do que ele assimilou de seus pais. Fontana (1995, p. 37) também afirma a importância da integração familiar dentro dos demais segmentos sociais de uma grande relevância para o aprimoramento do aluno, sendo que se torna mais necessário sua presença na instituição escolar. Porém mesmo que a família seja o único segmento que recobrirá o aluno pela sua



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

trajetória ela é o primeiro vínculo para dar o direcionamento para que ele possa sobressair nos demais segmentos sociais. Uma criança que desde cedo é estimulada a ter confiança em si, sendo responsável consegue também ir desenvolvendo sua autonomia em meio a seus pares.

A família é a primeira agência educativa que o indivíduo vive. As relações afetivas iniciam neste espaço que pressupõe, seja cercado de manifestações de carinho e cuidados e logo depois virá a vivência no espaço escolar que também tem a função educativa e instrutiva. É fundamental neste processo que a educação escolar venha contribuir e aliar-se a continuidade da educação que já tenha tido sua iniciação no seio da família, de modo que esta parceria Escola e Família resultam na garantia de uma prática educativa que de fato promova ensino e produza bons resultados na formação de cidadãos. Como destaca na LDB (1996)

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º. Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Estando de acordo com a LDB podemos ressaltar que a formação do cidadão (aluno) não é responsabilidade apenas da instituição escolar, mas uma conjunção entre sociedade, escola e família. A Educação é uma construção coletiva, sendo assim não avança sozinha. É necessário o envolvimento de vários segmentos da sociedade, de forma a promover um melhor gerenciamento e direcionamento das fases do ensino e assim alcançar êxito no processo educativo. Dentre os vários segmentos existentes no meio social, a família é a mais importante agência educativa, mas juntas ‘Família e Escola’, poderão desenvolver um papel de extrema importância. Para Novais (1975, p, 180)

A interação social do adolescente só será significativa se o processo da socialização for feito através de uma identificação passiva com as autoridades dos grupos : pais, professores ou chefes baseada em clima afetivo, de confiança e de admiração, caso contrário, estará o adolescente em conflito com a autoridade e a disciplina. [...] assim, a atmosfera psicológica de grupo familiar e o clima de emoções e sentimentos provenientes das relações entre os seus diversos membros exercem influência considerável sobre o desenvolvimento e estruturação da personalidade do adolescente.



O indivíduo na fase da infância e adolescência ainda não constitui como ser autônomo e capaz de tomar suas próprias decisões, e é através da família que se pode construir um pilar onde este aprenderá a ser responsável por decidir sobre suas escolhas seja ela em sua formação educacional, efetiva ou carreira profissional. Portanto no meio escolar requer o mesmo posicionamento da família que é o de orientar o aluno como se portar neste meio, pois ele estará em um ambiente rodeado de seus pares, no qual deverá aprender a respeitar toda a diversidade existente no período contemporâneo.

É importante ressaltar que muitos pais realmente não têm condição para estar presente, em todos os acontecimentos escolares de seus filhos, porém esta interação poderá acontecer em casa nos momentos livres. O momento que estamos vivenciando é de extrema correria e mudanças como relata Theodoro, ‘tudo muda a todo o momento no mundo contemporâneo. Portanto, devemos sempre estar atentos com as mudanças’. (THEODORO, 2010 P. 49) Estas mudanças também influenciam nas questões familiares, pois muitos pais são empenhados no processo de ensino e aprendizagem, de seus filhos, porém as dificuldades financeiras e trabalhistas não permite um melhor acompanhamento. Em suma é preciso desmistificar, a escola carrega a função de instruir, mas educar é uma tarefa a ser feita principalmente pela família o que não impede que seja feita pelas duas instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das experiências vivenciadas no estágio ficou evidente a necessidade da interação entre família/escola. O envolvimento dos pais no âmbito escolar não deve ocorrer somente nas reuniões programáticas, mas também através de uma melhor e maior convivência com os filhos. E, portanto procurando saber dos professores ou do grupo gestor o andamento e desenvolvimento de seus filhos com o ensino e aprendizagem e também nas decisões escolares. Essa participação em vários aspectos na vida não só dos alunos, mas em outras decisões consequentemente elevarão o ensino e a instituição, que terá mais tempo em se envolver em outras atividades, pois os pais estarão assumindo e cumprindo o seu papel e deixando a escola mais segura e confiante em suas atribuições. Os alunos cujos pais se empenham estar presente em suas vidas e na trajetória escolar terão maior chance ao enfrentar os desafios proposto pela vida. A orientação correta poderá facilitar a autenticidade e o desenvolvimento nos aspectos psicoafetivos favorecendo uma melhor aprendizagem, como também na formação pessoal do indivíduo. Portanto a presença dos pais no ambiente escolar iria diminuir em muito os



problemas escolares, aumentando assim o rendimento e minimizando problemas como evasão e repetência escolar. Para que isso ocorra à escola deverá também se modificar e preparar para receber estes pais e integrá-los no ambiente escolar, vendo-os como parceiros com os mesmos objetivos e não como grupos antagônicos.

Um bom desempenho entre a família e a escola depende de persistência e elaboração de bons projetos para desmistificar inclusive, o distanciamento estabelecido ao longo do tempo entre essas duas instituições. “ A cultura escolar inclui também a dimensão afetiva. A aprendizagem de conceitos, habilidades e valores envolvem sentimentos, emoções, ligadas às relações familiares escolares e aos outros ambientes em que os alunos vivem”. (LIBÂNEO 2000 P, 44). Por isso é necessário que a escola crie vínculos com a família para isso é necessário pensar e planejar ações que contemple o aspecto lúdico, afetivo e festivo que também são importantes sua formação pessoal e educacional.

REFERÊNCIAS

- DANELUZ, Mariluci. **Escola e Família – duas realidades, um mesmo objetivo**. 1º Simpósio Nacional de Educação XX Semana de Pedagogia. Unioeste - Cascavel /PR 2008. Disponível em <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2011.pdf>. Acesso em 15 out 2013.
- DESSEN, Maria Auxiliadora. POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. UNBde Brasília 2007.
- FONTANA, David. Psicologia para professores. Desenvolvimento social e inicial Parte I. Ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 1998.
- INEP/MEC. **Participação dos pais ajuda no desempenho escolar da criança**. www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb Acesso em 11 Nov 2012.
- LIBÂNEO, Jose Carlos. **Adeus professor, adeus professora: Novas exigências educacionais e profissão docente** - ed São Paulo: Cortez, 2000.
- MACEDO, Jose Rivair. **História na Sala de Aula: Conceitos, práticas e proposta**. (org) Leandro Karnal – 6 ed.- São Paulo : Contexto, 2010.
- NOVAIS, Maria Helena. **Psicologia Escolar**. 3º. Rio de Janeiro, vozes 1975.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. São Paulo: Cortez, 2002.

THEODORO, Janice. **Educação para um mundo em transformação**. Contexto, São Paulo, 2010.

WERNECK, Hamilton. **Se a boa escola é a que reprova o bom hospital é o que mata**. 8ª edição – Rio de Janeiro, DP&A Ltda 2002.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO ESCOLAR DA MODERNIDADE LÍQUIDA

SOUSA, Maria Conceição da Silva; LIMA, Maria José de

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

mariassousa7@gmail.com; mariajose.lima@ueg.br

RESUMO: Objetiva-se com este trabalho apresentar os resultados referentes à segunda etapa do Estágio Curricular Supervisionado realizado no 4º ano do curso de História da Universidade Estadual de Goiás - UnU de Iporá, tendo como escola campo o Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima. A vivência em sala de aula durante o período de regência evidenciou que o ensino de história possui fragilidades que precisam ser repensadas. A apatia dos alunos durante a exposição dos conteúdos (didática) é um forte indicativo de que a disciplina tem um nível de aceitação muito baixo. Ao longo do processo educacional construiu-se a mentalidade de que estudar história é algo desconexo e sem grande utilidade. E de certa forma essa concepção está impregnada no imaginário coletivo dos alunos. Embora a história tenha paulatinamente assumido uma postura didática que priorize a reflexão e a criticidade diante dos fatos passados, ainda se tem notado que os currículos têm uma prioridade factual, quase que ignorando os conceitos históricos, que contribuem com a formação da consciência dos sujeitos. A base teórica deste trabalho será: DEMO (1997); BERGMANN (1990); BAUMAN (2001); LIBANEO (1994 – 2000); RÜSEN (2001).

PALAVRAS CHAVES: Ensino; Modernidade; Consciência Histórica.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é marcada por profundas transformações de ordens sociais, econômicas e culturais. A escola por sua vez, não está abstraída desse processo, pois está diretamente integrada à sociedade. Toda essa transformação exige dela uma autorreflexão, sobre a maneira de ser e atuar constantemente, de modo a colaborar com a formação social dos sujeitos em qualquer tempo histórico. Existe no contexto atual um apelo muito grande para o agora, o imediato, o instantâneo em consequência da fluidez provocada pela modernidade.

A educação é o meio pelo qual o indivíduo se prepara para a vida no sentido mais amplo, pois ela colabora com o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos de maneira



extensa fazendo os autônomos e abertos ao processo de socialização. Os avanços tecnológicos e as mudanças comportamentais têm motivado cada vez mais um espírito de individualismo, egocentrismo, e outros fatores que reduzem a pré-disposição dos indivíduos para a interação social. Um modelo educacional que não se encontra preparado para lidar com esses desafios está fadado ao insucesso.

As práticas pedagógicas precisam ser repensadas, pois às vezes apresentam dicotomias entre o ensino e a vida dos alunos. A capacidade de aprendizagem de cada indivíduo não se dá de forma homogênea, mas cada um em sua especificidade assimila aquilo que lhe é próprio. Historicamente o processo educativo no Brasil, estava voltado apenas para a finalidade de subsidiar a manutenção da dominação portuguesa. A educação na colônia era fundamentalmente religiosa e tinha como finalidade a formação dos indivíduos em âmbito universal. Os jesuítas, principais responsáveis pela educação por quase 200 anos na colônia, aplicavam aqui um modelo educacional advindo da Europa que tinha como características metodológicas conceitos amplamente teológicos.

O ideal da *Ratio Studiorum* era a formação do homem universal, humanista e cristão. A educação se preocupava com o ensino humanista da cultura geral e enciclopédico; era alicerçada na *Summa Theológica* de São Tomás de Aquino. Esta obra corresponde a uma articulação entre a Filosofia de Aristóteles e a tradição cristã, base da Pedagogia Tradicional na vertente religiosa, caracterizada. (Alencastro, 1989, pag. 40).

Os padres investiram na formação docente, mas apenas no que diz respeito a conceitos humanísticos. Para este proceder pedagógico foi apenas uma maneira de reafirmar o predomínio do colonizador, porque não atendia de fato as necessidades, sociais, políticas e econômicas da sociedade da época. A metodologia desenvolvida pelos jesuítas segundo Alencastro (1989) trata-se de uma metodologia tradicional, meramente formal, pois priorizava apenas o desenvolvimento intelectual, desconsiderando as múltiplas necessidades individuais de cada um. E essa atuação dos religiosos tornou-se uma tradição didática que perdurou até a expulsão destes da colônia (1759). Marques de Pombal (1699-1782) com a expulsão dos jesuítas procurou secularizar a educação, tornando-a responsabilidade do Estado. Porém, essa fase



experimentou um significativo retrocesso educacional, pois o modo de exploração só havia se modificado, mas continuava presente na colônia.

Todo processo de secularização vai tornando-se mais consistente até o Estado assumir de fato a laicidade. Como consequência acontecerá uma sistemática reforma do ensino que introduziu disciplinas científicas nos currículos escolares. Passos (1989) argumenta que é nessa fase que a educação passa a difundir valores que não são apenas mais religiosos, mas em contrapartida passa a sustentar uma ideologia burguesa. Estas mudanças não acontecem de forma brusca, pois o público alvo desta nova educação não poderia absolver todo esse conceito repentinamente, haja vista que o setor proletariado era muito pequeno. Assim sendo, é pertinente dizer que essa nova fase da educação nacional, ainda continua contendo características, tais como a visão universalista do homem implantada na colônia pelos jesuítas.

Contudo, todas essas mudanças no panorama social, mesmo simpáticos as vertentes religiosas do ensino, aderiram para si os conceitos defendidos pela nova educação que se apoiam na psicologia e na filosofia, mais do que na visão científica. Essas modificações tem como finalidade a realização do aluno enquanto pessoa, mas o agravante é que todos esses métodos distanciam a educação da realidade social, porque não desperta os sujeitos para o seu próprio reconhecimento enquanto protagonistas sociais.

A partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) começa a surgir novas perspectivas do ponto de vista social, econômico, político e educacional. Todas essas mutações despertam interesses pela educação, pois ela começa a ser entendida como colaboradora essencial para fortalecer este novo momento sociocultural e econômico dos países. Esse processo aconteceu timidamente e quase não fez muita diferença, tanto na formação dos docentes quanto nos moldes educacionais. Foi somente com o surgimento de leis que se começa a aprimorar essa formação com a inserção de novas disciplinas, inclusive a didática que irá substituir a formação pedagógica que concedia o direito ao magistério.

O período ditatorial implantado por Vargas, ou o Estado Novo (1937-1945) provocou um retrocesso na educação, que passa a ser reprodutor das ideologias do



regime, como exemplo, o reforço da moral e do civismo. O movimento conhecido como escolanovismo surgido neste contexto, valoriza o aluno e o entende como ser dotado de poderes, além de transportar o professor para uma nova função, este passa a assumir o papel de orientador no processo de ensino aprendizagem. Mas, esse novo modelo de escola infiltrou-se na rede oficial, apenas de forma superficial. A predominância do escolanovismo foi uma grande perda para o processo de ensino aprendizagem, pois segundo Passos, ele é marcado pela ignorância plena do contexto político e social.

O escolanovismo propõe um novo tipo de homem os princípios democráticos, isto é, todos têm direito a assim se desenvolverem. No entanto, isto é feito em uma sociedade capitalista, onde são evidentes as diferenças entre as camadas sociais. Assim, as possibilidades de se concretizar este ideal de homem se voltam para aqueles pertencentes ao grupo dominante. (Alencastro, 1989, pag. 50).

Diante das alterações do modelo político, a educação vai se moldando de forma atender os apelos dos novos paradigmas sociais. As Leis de Diretrizes Básicas da Educação (LDB), cuja finalidade é normatizar o ensino, surge como resposta a essa nova demanda. Porém, mesmo com essa nova fase o modelo de ensino acentua o enfoque renovador-tecnicista, que prioriza a formação da mão-de-obra. Na década de 60 o Brasil experimentou um modelo político e econômico com características desenvolvimentistas. Com o intuito de acelerar esse crescimento econômico, o governo transfere para a educação essa responsabilidade.

Os vários setores governamentais colocaram-se a serviço do projeto desenvolvimentista e, entre eles, a educação desempenha importante papel na preparação adequada de recursos humanos necessários a incrementar o crescimento econômico e tecnológico da sociedade, de acordo com a concepção economicista de educação. (Alencastro, 1989, pag. 56).

A consequência disso é uma crise educacional considerável, que ocasiona protesto por parte dos movimentos estudantis e sindicatos que forçaram a criação de organismos a fim de viabilizar ações para atenuar a crise. Surge então o movimento conhecido como “pedagogia tecnicista”. Esse modelo à escola e a educação a serviço de



um mercado que precisa de mão de obra especializada capaz de acompanhar e contribuir com o ritmo de crescimento do país.

A didática assume diante deste pressuposto da pedagogia tecnicista a organização racional do ensino. Acentua-se nesta fase ainda mais o distanciamento entre prática e teoria, pois esta irá ser entendida apenas como estratégias para o êxito das finalidades impostas a educação. Somente com o fim da Ditadura na primeira metade da década de 80, e a implantação da Educação Nova - que tem como princípio a concepção dialética que busca através da filosofia entender o homem como um ser histórico, é que a didática é entendida como mecanismo importante no processo de ensino aprendizagem. Todavia não foi uma ação imediata que provocou transformações instantâneas, tem sido um processo lento e gradual. O fato é que a escola tem se tornado um espaço cada vez maior de reflexão sobre as práticas pedagógicas.

O professor e o aluno assumem novas posturas e os saberes são construídos não apenas a partir do que se lê, mas daquilo que se vivencia, experimenta etc. É a didática o instrumento analítico do papel político da educação, que contribui com uma visão mais ampla do professor para desempenhar um trabalho que esteja em maior afinidade com a realidade, de um ritmo altamente frenético e acelerado, no qual a escola não é mais exclusivamente o lugar onde os alunos adquirem informações e conhecimentos. Essa retrospectiva histórica acerca do ensino nos leva a questionar sobre o papel da disciplina de História especificamente, e para isso precisamos conhecer o contexto atual a qual ela precisa acomodar-se.

Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman (2001), a modernidade é constituída por algumas etapas, uma sólida e outra líquida. A primeira delas seria aquela mais pesada, mais densa. A segunda é a líquida, que é leve e extremamente dinâmica. A modernidade líquida – segunda fase – provoca a perda da auto evidência nos padrões culturais, dissolvendo o sentimento de pertença dos indivíduos a categorias e grupos de referências, a autoconstrução individual deixa ser de determinada porque os sujeitos modernos pertencem a uma categoria universal.

Mas quer dizer que estamos passando de uma era de “grupos de referência” predeterminados a uma e outra de “comparação universal”, em que o destino



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado a antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único genuíno: o fim da vida do indivíduo. (BAUMAN, 2001, pag. 14).

Na líquida modernidade o que a imaginação deseja e a realidade oferece não é o abismo de antes. A realização pode ser imediata em uma realidade despida de obstáculos para se realizar o que transmite a ideia de liberdade. O discurso da filosofia política na modernidade apoia-se na liberdade como fonte de todo princípio democrático e emancipatório, mas Bauman (2001) questiona: seria a liberdade benção ou maldição? A resposta, ainda segundo ele, é que ela por uma lado é uma benção, na medida em que concede ao homem a autonomia na capacidade de escolhas, e com isso uma grande receptividade da teoria crítica. E por outro, maldição quando transmite ao homem única e exclusivamente a responsabilidade sobre seus atos. Nessa situação as pessoas precisam eliminar da consciência a dúvida, e para isso estão prontas a aceitar o que promete assumir a responsabilidade, em troca da certeza.

A modernidade não é fácil de ser definida, pois é muita coisa, ela promove a sensação de possibilidades inesgotáveis de desejo, realizações, além de suprimir a predisposição para o coletivo, supervalorizando o indivíduo que busca cada vez mais a sua autorrealização. As análises de Bauman (2001) sobre o que ele chama de “modernidade líquida” vislumbra a realidade social em sua totalidade. O modelo econômico predominante, por exemplo, ocasiona nos indivíduos modernos uma série de frustrações, diferentemente do “Fordismo” onde a capacidade de escolha não era uma grande exigência porque produtos e funções eram preestabelecidos. No nosso contexto é exatamente a multiplicidade de escolhas que geram essas frustrações.

Os transtornos psicossociais e individuais ocasionam inúmeros transtornos, inclusive a consciência histórica dos indivíduos que se consomem pelo prazer imediatista do ter. O ato de comprar faz do consumo um ritual de exorcismo diário. Neste contexto os desafios para o ensino de História tornam-se mais densos. Segundo Klaus Bergmam (1985) o ensino de história não se restringe apenas ao espaço escolar, ele é abrangente porque pretende construir uma identidade social que pauta-se pela crítica e que para isso precisa alicerçar-se nos conhecimentos históricos, na



racionalidade do pensamento e na argumentação histórica. Portanto, está preocupado com a formação, mas também com conteúdos e efeitos da consciência histórica.

Bergmam (1985) utiliza-se de três pontos essenciais para analisar o que é aprendido e ensinado pela disciplina de história: A tarefa empírica da Ciência Histórica confronta diretamente com a história que não se dá apenas no campo científico, mas com todos os acontecimentos do cotidiano da sociedade, grupos, ou indivíduos. A tarefa reflexiva é aquela que traduz a história do cotidiano para científico, a fim de investigar a própria ação da didática enquanto ciência histórica. A tarefa normativa ocupa-se necessariamente com a fundamentação, buscando estruturar conteúdos, mediante o contexto interdisciplinar e influências externa, para manter tanto a essência, quanto a qualidade do ensino desta disciplina.

A Didática enquanto pesquisa empírica compreende que a consciência histórica está diretamente ligada as questões sociais, haja vista que sempre busca aplicar métodos que contemplem a realidade atual, para tanto, encerra em sua prática uma ação voltada para o presente dando a ela uma função no campo social. Para Bergmam (1985) o papel da disciplina de História provoca um impacto externo porque transmite um conhecimento que reflete diretamente na sociedade. Por isso a necessidade de promover a conexão entre os fatos históricos, o presente o futuro.

O interesse fundamental da Didática da História consiste na investigação do significado da História se preocupa, ao mesmo tempo, com o fato de possibilitar uma consciência histórica, constituída de tal maneira que garanta uma identidade ou identificação do individuo com a coletividade na evolução dos tempos, favoreça uma práxis social racionalmente organizada e compreenda a História como um processo, cujos conteúdos e qualidade humanos podem ser melhorados pela ação e intervenção dos agentes históricos. Com isso ela pressupõe que a consciência histórica esteja condicionada socialmente e leve a ou frutifique efeitos sociais. (BERGNAM, 1985, pp. 31/32).

A Alemanha na década de 80 promove um importante debate sobre a didática do ensino de história com Jörn Rüsen (1983). Para Rüsen ao longo do processo e mediante as modificações do panorama social, a Ciência Histórica torna-se institucionalizada e profissionalmente regulamentada. Essas transformações, porém precisam manter-se

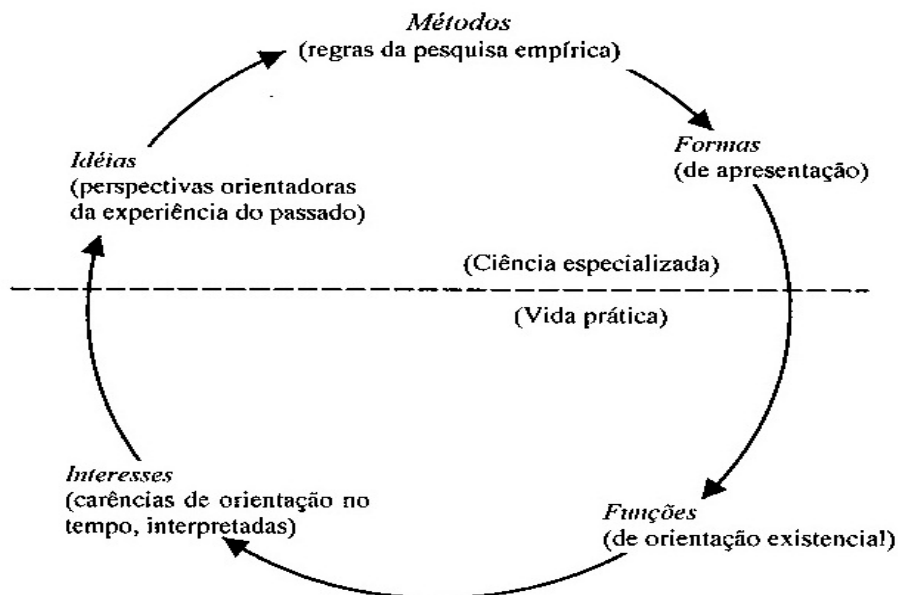


direcionadas para que a história enquanto ciência não perca a capacidade de refletir e assumir uma criticidade perante as problemáticas do contexto social no qual ela está inserida.

A história é um forte instrumento de formação da consciência social do indivíduo. Assim sendo, a Didática da História não pode e nem deve se condicionar ou limitar-se apenas a função de analista da história enquanto instituição social. A didática moderna é amplamente voltada para a necessidade de fazer do Ensino de História um instrumento de transformação sociocultural, político e até mesmo econômico porque dialoga de forma direta com a realidade universal e atual da sociedade.

O historiador precisa ser reflexivo e reconhecer-se nos objetos do seu conhecimento, pois é essencial o sujeito do conhecimento debruçar sobre si mesmo, e isso ocorre de forma mais clara quando existe maior apreciação da realidade, desse modo o cotidiano do historiador torna-se a base natural da teoria da história. A teoria da história tem por objeto os fundamentos e princípios da ciência da história que tem como meta a descoberta de elementos constituidores do pensamento histórico.

A teoria da história tem a função de compreender os fatores determinantes do conhecimento histórico, identificá-los um a um e criar um sistema de interdependência. A teoria deve ainda demonstrar a dinamicidade desse sistema. Sistema esse que tem o nome técnico de “Matriz Disciplinar”. Segundo Rüsen Matriz Disciplinar é o conjunto sistemático dos fatores ou princípios do pensamento histórico determinantes da ciência histórica como disciplina especializada.



Cinco são os fatores que compõem esse sistema: interesses (carência de orientação); ideias (perspectivas orientadoras da experiência do passado); métodos (regras da pesquisa empírica); formas (apresentação histórica – modos de escrever história); e funções de orientação existenciais. Por meio do ciclo da Matriz Curricular compreende-se que existe uma consciência histórica que está na vida prática dos indivíduos. Os historiadores transformam essa experiência em interesses para o trabalho histórico. Esses interesses começam a ser transformados em História (ciência especializada) a partir do momento em que o historiador arregimenta esses interesses a ideias (teorias), organiza-os metodologicamente (métodos) e escolhe uma forma de escrever os resultados da pesquisa (formas). Por fim, essa ciência especializada, a história vai retornar a vida prática dos indivíduos na forma de funções de orientação existencial. Em suma, a história científica nasce de interesses da vida prática dos indivíduos e retorna à vida prática na forma de orientação existencial.

A interdependência dos cinco fatores do pensamento histórico é patente: em conjunto, eles constituem um sistema dinâmico, no qual um fator leva a outro, até que, do quinto, volta-se ao primeiro. Os diversos fatores são, pois,



etapas de um processo da orientação do homem no tempo mediante o pensamento histórico. (RÜSEN, 1983, pag. 35).

Com todas essas explicações o que se percebe é que o ambiente escolar por ser um espaço de produção de conhecimento, não pode mais reproduzir um ensino que não está intimamente ligado à vida dos alunos. A experiência do estágio exprimiou uma profunda necessidade de uma reformulação nos métodos de ensino da disciplina de história, sendo que este pode e faz a diferença.

São muitos os meios para que aconteça uma educação libertadora. Demo (1997) acredita que a pesquisa também pode ser um aliado no processo de ensino aprendizagem. Acreditamos ser importante essa discussão, pois na fase do estágio as dificuldades de associação entre teoria e prática tornam-se um grande desafio. Demo diz que a pesquisa precisa ser inerente ao exercício do cotidiano do professor, acontecendo de forma dinâmica e criativa. Para tanto, faz-se necessário à redefinição do papel do aluno neste processo. Desmistificar o papel do professor como depósito único e exclusivo do saber, auxilia a educação porque agrega o aluno e faz pertencente ao meio social que é a escola.

A educação precisa contribuir sobremaneira com a formação integral de indivíduos críticos e criativos, capazes de produzir conhecimento. A construção do conhecimento não é um processo simples, é complexo e se inicia pelo uso do senso comum. Cada indivíduo traz consigo traços de sua cultura, o que faz do aluno um sujeito histórico e cabe ao professor valorizá-lo e levá-lo a outro patamar de conhecimento que colabore com a socialização do mesmo. A autonomia diante da sociedade permeada de valores invertidos requer uma formação que seja capaz de fazê-los autônomos.

A tecnologia é uma realidade cada vez mais presente. As informações rápidas e constantes são um desafio para que a escola e os profissionais da educação se reinventem, para desempenhar um papel que é exclusivamente deles. Na objetivação desta reconstrução do conhecimento o professor pode aliar-se a ferramentas como os livros didáticos, que apesar das críticas, se bem elaborados serão sempre um importante apoio, mas também incentivar a busca e a confecção de material. A dinamicidade do



docente é extremamente necessária, pois a utilização das mídias e a promoção de atividades lúdicas fomentam a capacidade interpretativa e investigativa que para a educação seja a mola mestra. A interação entre escola e família transforma o ambiente escolar num lugar prazeroso onde se ensina e aprende ao mesmo tempo.

Possivelmente a grande perspectiva para o ensino de história seja o avanço da mentalidade que cresce na atualidade de um resgate da memória histórica, em consequência do imediatismo produzido pela modernidade. O grande desafio é se auto afirmar diante das posturas governamentais que em busca de uma educação reprodutivista marginaliza essa tão importante disciplina na formação de cidadãos conscientes.

Ensinar história não deve ser apenas um ato normativo imposto pelos currículos propostos pelas secretarias de educação. Estudar história especialmente a partir do século XX tornou-se uma necessidade, pelas alterações e modificações em âmbitos sociais que alteraram os sistemas econômicos, políticos e socioculturais. Os aspectos factuais que durante um longo período contribuíram com as classes dominantes devem ser substituídos por conteúdos que ajudem o aluno a compreender o próprio contexto em que vive.

Libaneo (1994) diz que a escola tem a tarefa da democratização dos conhecimentos que garanta uma cultura de base para todos os estudantes, sejam crianças ou jovens. Educar hoje não se resume mais ao ato de ensinar ler e escrever, mas, sobretudo, ao desafio de preparar cidadão com capacidade crítica reflexiva para enfrentar os contratempos de um mundo cada vez mais competitivo e globalizado, onde valores e identidades são facilmente subvertidos.

Esse é um tema que deve ser bastante discutido pelos cursos de licenciatura. Garrido (2002) aponta que o currículo desenvolvido pelos cursos de formação contém atividades de estágios distanciados da realidade das escolas. Talvez seja também este um importante desafio para o ensino de história. Formar professores capazes de identificar as contradições presentes na prática social de educar e em função disso contribuir com a gestação de uma nova identidade do professor (a) de história, porque em nada vai adiantar repensar o ensino da disciplina se o transmissor dos conteúdos,



que no caso é o professor, estiver em descompasso com essa nova fase do ensino. O professor precisa estar atento à necessidade de se reinventar e, além disso, construir uma identidade que seja capaz de dialogar com a realidade social na qual está inserido.

CONSIDRAÇÕES FINAIS:

A falta de autonomia condiciona a educação, que se torna alvo de programas governamentais ultrapassados que em nada favorecem as condições necessárias a um desenvolvimento educacional profícuo e inclusivo. Mais do que nunca é necessário que a disciplina de história se fortaleça, pois a sociedade se encontra em um momento de carência profunda de autorreflexão. Provocar a tomada de consciência do poder público sobre a necessidade de uma valorização do ensino é contribuir com o resgate e a emancipação histórica de um povo que sempre esteve à margem do processo. Para o ensino de história cabe a consciência de que aplicar um saber descaracterizado da realidade que não possibilita o aluno dominar um conjunto de saberes que são essenciais para o seu desenvolvimento enquanto sujeito histórico não faz mais nenhum sentido. Romper com métodos ultrapassados de ensino, que em nada correspondem mais as necessidades de um contexto plural e heterogêneo, fará com que a educação por meio dessa disciplina contribua de veras com a emancipação do homem e da mulher.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DEMO, Pedro. **Educar Pela Pesquisa**: coleção educação contemporânea. 2 ed. São Paulo: Campinas, 1997.
- BERGMANN, Klaus. **A História na Reflexão Didática**. V.9 nº 19. São Paulo. Revista Brasileira de História, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LIBANEO, José Carlos. **Didática: coleção magistério**. Série formação de professor. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____, José Carlos. **Organização e gestão escolar**: teoria/prática. Goiânia: Ed. do Autor, 2000.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

**RUSEN, Jörn. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília:
UnB, 2001**



A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO COMO FATOR NECESSÁRIO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

ARAÚJO, Eleno Marques; SILVA, Wellington Jhonner D. B da

Universidade Estadual de Goiás.

UnU-São Luís de Montes Belos; UnU-Iporá.

¹onelecp@yahoo.com.br; ²wellington.jhonner@ueg.br

RESUMO: O presente trabalho aborda o processo de interação entre professor-aluno e suas implicações na aprendizagem por meio da identificação de pontos relevantes, nas concepções que possam estimular professor e aluno para uma convivência de afetividade no processo educativo levando-os a uma educação de qualidade no processo metodológico. O estudo deste tema possibilita compreender o quanto a prática educativa é de grande relevância na formação do educando-cidadão. Assim, faz-se uma análise reflexiva dos principais problemas cotidianos enfrentados na sala de aula pelos alunos e professores, em suas interações, enquanto sujeitos inerentes do processo educacional e lança subsídios que viabilizam uma educação na qual a relação professor aluno se baseie principalmente no respeito mútuo. Com efeito, para o refinamento das ideias nos aportamos, especialmente, em teóricos como: Gómez (2001), Gikovate (2001), Werneck (1999), Freire (1992), dentre outros.

Palavras-chave: Aprendizagem; Motivação; Afetividade.

INTRODUÇÃO

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares. Trata-se de uma relação que deixa marcas e que deve sempre buscar a afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar. Acredita-se que a relação estabelecida entre professores e alunos constitui a base do processo pedagógico, até porque é impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes e docentes.

Este assunto tem provocado, cada vez mais, interesse nos profissionais da educação, psicólogos, pais e outras pessoas que veem no relacionamento “amigável” a possibilidade de superação de várias dificuldades.

Nas relações internas numa escola o que se observa é que nem todos são tratados igualmente, principalmente os alunos. Normalmente, estes não são estimulados a manifestar seus pontos de vista e a participar nas tomadas de decisões relativas à vida escolar. Na relação professor-aluno é a existência e manutenção de um autoritarismo



que começa hierarquicamente na instância superior, na figura do (a) diretor (a) e se reforça e perpetua na sala de aula onde seus efeitos são mais nefastos, com raríssimas exceções.

OBIJETIVOS

A intenção deste estudo é identificar os fatores que dificultam o relacionamento entre professor e aluno, compreender como uma boa relação entre eles contribuem para o processo de ensino-aprendizagem e, por fim, propor alternativas as quais possam contribuir para a melhoria deste relacionamento, tendo como foco uma perspectiva de aprendizagem produtiva.

MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento deste trabalho teve por base o conceito de Inteligência Emocional, doravante, IE. A IE desde o seu surgimento foi levada em consideração como fator de provável resgate de valores entre alunos, professores e famílias ao se pensar o ambiente da sala de aula. A metodologia adotada consiste, portanto, em uma revisão bibliográfica, a qual permite ao pesquisador revisitar as teorias já existentes sobre o assunto. Neste sentido, compreende-se a IE como algo que está relacionada às habilidades tais como motivar a si mesmo e persistir mediante frustrações; controlar impulsos, canalizando emoções para situações apropriadas; motivar pessoas, ajudando-as a liberarem seus melhores talentos, e conseguir seu engajamento a objetivos de interesses comuns.

A IE foi popularizada a partir de 1995, pelo psicólogo, jornalista e escritor Daniel Goleman, com o fascinante livro, o qual traz o termo como título. Por meio de uma análise coerente e inteligente, Goleman mostra que o QI elevado de uma pessoa não é garantia de sucesso e felicidade, contrariando o saber científico expandido até então. Utilizando-se de métodos de pesquisa inovadores que avaliam estados mentais, ondas cerebrais e comportamentos, ele demonstra que pessoas de QI elevado podem



fracassar, enquanto pessoas que apresentam quociente mais moderado nos testes obtiveram sucesso em seus projetos e metas pessoais e profissionais. Isto se torna importante quando levado para sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No processo ensino aprendizagem são muitas as dificuldades encontradas pelos professores. O professor e pesquisador Demo (2010) afirma que entre os principais desafios da educação na atualidade está o de aprender a aprender. Hoje, no ambiente de ensino: a sala de aula. O professor deve buscar as mais diversificadas formas de ensinar, a fim de superar as múltiplas dificuldades que se depara no dia a dia. A esse respeito Werneck (1999, p. 61) elucida que:

educar é difícil, é trabalhoso, exige dedicação, sobretudo aos que mais necessitam. Transferir problemas é fugir da verdadeira educação, é uma espécie de médico que transfere o doente de hospital, lava as suas mãos e não se sente comprometido com o caso quando da morte do paciente, porque aconteceu em outro hospital e em outras mãos.

A sala de aula é um espaço socialmente instituído, mas a forma de sua ocupação cria a sua especificidade. No livro *Sala de aula que espaço é esse?*, seu autor Regis Morais, fala sobre esse ambiente de aprendizagem tal como é e como deveria ser, segundo sua opinião. Para ele, a sala de aula deveria ser um lugar de vida, de relações entre pessoas, os objetos e símbolos aí usados tais como: os planos de ensino que são próprios e específicos do ato de ensinar, bem como as metas a serem alcançadas, tendo presente o sentido relacionar a cultura popular com a cultura escolar. Pode-se entender que para haver mudanças, é preciso que o próprio estudante, de forma geral, mude a sua concepção de mundo e de ser e estar no mundo.

O autor afirma claramente que para haver aprendizagem o espaço da sala de aula deve ser verdadeiramente um ambiente que propicie esta. O indivíduo deve ser entendido e estudado em sua totalidade e não simplesmente por partes. E que também só o currículo não basta, é preciso estar ligado a tudo o que completa o indivíduo,



incluindo aí até mesmo as diversidades sociais e culturais que formam o local de contextualização de cada sujeito concreto.

Pérez Gómez (2001, p. 1) propõe a sala de aula como um espaço privilegiado para o encontro de culturas:

o responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e as alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletida nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social, constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano, da cultura institucional, presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.

É necessário ter consciência de que a sala de aula não é um espaço homogêneo, composto por pessoas dispostas a ouvir e aceitar, tranquilamente tudo que o professor tem a dizer. Percebe-se claramente que os tempos são outros. As pessoas mudam a todo o momento e seus interesses também. Sendo assim, torna-se necessário entrar em sala de aula com uma proposta clara e objetivamente articulada às realidades dos ouvintes. O docente é a pessoa de natureza competente e, portanto, a referência no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, deve ter sensibilidade para perceber não só a sua função, mas a importância da mesma no processo ensino aprendizagem. Neste sentido, Gikovate (2001, p. 49), ressalta que:

dentre todos os personagens que integram uma instituição educacional, o professor fica com papel principal. Cabe-lhe a tarefa crucial de se apresentar várias horas por dia perante uma ou mais platéias heterogêneas é nada fácil de cativar. Os estudantes são crianças, adolescentes ou adultos e nem sempre estão espontaneamente interessados nos temas que são objeto das aulas que têm de assistir.

Observa-se que o ofício de ser professor nem sempre é tão fácil. Aceitar os desafios constantes de perceber seu público sensibilizar-se e articular suas práticas de ensino a esse público é uma tarefa que exige, além do profissionalismo, muita dedicação e amor ao que se faz. A partir das ideias de Freire (1996), entende-se que não é possível



respeitar o educando sem levar em consideração o seu ser em formação, bem como suas condições de existência na sociedade.

Como o ensino não pode e não deve ser algo estático e unidirecional, os professores devem lembrar-se de que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é, portanto, de vivência e também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao aluno, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal. Nesse sentido, entende-se que o professor é peça fundamental no processo educacional, pelo papel que ele representa diante do aluno, como educador e transmissor de conhecimentos. Porém, ele é esmagado pelo sistema que não lhe dá condições necessárias para desempenhar satisfatoriamente esse papel, e ainda é acusado pelo fracasso do ensino.

O trabalho docente constitui objetivamente o exercício profissional do educador, representando seu primeiro compromisso com a sociedade. Seu compromisso, frente aos novos tempos e a uma nova época que se impõe, é a de preparar (e não, propriamente, tornar) os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na vida cultural e política. É, portanto, uma atividade de cunho social, porque contribui para a conscientização e a conquista democrática.

A pedagogia que se fundamenta em uma concepção consciente de educação está interessada em incorporar, na atividade docente, elementos de mudança que demonstrem a qualidade pretendida para o ensino. Sendo assim, busca-se garantir ao aluno, através do professor, uma formação mais sólida e consistente, que privilegie o processo de construção do conhecimento.

Este processo de aprendizagem é compreendido como decorrência das trocas de informação que o aluno estabelece na interação com o meio natural, social e cultural. Cabe ao progenitor das informações, exercer a mediação desse processo e articular essas trocas, tendo em vista a assimilação crítica e ativa de conteúdos significativos, vivos e atualizados. Isto é, a aprendizagem só se concretiza quando o aluno vê significado naquilo que lhe é transmitido.



Deve-se ter em mente que o ato de ensinar e de aprender é uma troca de saberes, de informações, de experiências onde se torna de suma importância que o professor seja, acima de tudo, um educador que enfrente desafios e possa encarar os problemas presentes na sua formação e, conseqüentemente, compreender que o conhecimento se processa através de valores que norteiam e justificam a aprendizagem, nas relações interpessoais dos sujeitos envolvidos no processo e que o vivenciam, não só em sala de aula, mas que se estende na vida. Desta forma, a reflexão sobre a importância do papel do professor e do seu relacionamento com os educandos, se estende ainda mais, pois, a todo instante mudanças acontecem, onde as descobertas sempre trazem expectativas que muitas vezes não são tão claras e, por isso, preocupam e deixam os professores preocupados quanto aos resultados alcançados com suas aulas, mediante as mudanças e expectativas depositadas em seu atuar.

É interessante observar que, do mesmo modo que as preocupações surgem, as novas descobertas possibilitam ao professor se atentar para os limites que envolvem os sujeitos distintos dentro de sala de aula, sabendo que os alunos esperam concretizar suas expectativas de aprendizagem e reciprocidade de carinho, atenção e compreensão em sua pessoa, por parte do professor. É, portanto, um grande desafio para o professor alcançar as expectativas do aluno. Objetivando enfrentar esse desafio inclui necessariamente a superação do medo, a fim de contribuir para um futuro melhor, onde se deve romper com antigos conceitos (às vezes, ultrapassados), através da crítica, criatividade, afetividade e diálogo, para a construção de novas formas de conhecimento.

Sobre isto, Rodrigues (1997, p. 64), ressalta que:

assim, a escola tem por função preparar e elevar o indivíduo ao domínio de instrumentos culturais, intelectuais, profissionais e políticos. Isso torna sua responsabilidade pesada e importante. Assim dimensionada a tarefa da escola, evidencia-se a expectativa que sobre ela recai no contexto da sociedade.

Tendo em vista a função da escola e o papel do professor dentro dela, no seu ambiente específico, que é a sala de aula, é comum deparar com alguns problemas que afligem este espaço. Um dos fatores que tem preocupado estes profissionais é o



aumento da violência, atualmente, fala-se muito em *bullying*. Esta tem provocado muitas reflexões sobre a ausência da escola no desenvolvimento de habilidades sociais.

Quase todos os dias é possível acompanhar pelos noticiários atos de vandalismos, depredações, assaltos, medo e insegurança nas escolas. Estes problemas há muito tempo rondam o ambiente escolar e, infelizmente já ultrapassaram os muros e se instalaram dentro da sala de aula. Percebe-se ainda, que, em tempos anteriores isto era mais comum nas cidades grandes. Porém, a violência se alastrou e hoje é possível constatar que já acontece em lugares pequenos também.

Muitos educadores são ameaçados e amedrontados por uma minoria de alunos na sala de aula, mas que assustam pela ousadia e indisciplina. De um lado professores que têm como arma *apenas* o diálogo. Do outro, “crianças” que intimidam com promessas de perseguição, ameaças de morte e até mesmo com porte de armas de fogo.

Outro problema que precisa ser eliminado da sala de aula é a indisciplina. O mau comportamento de alguns alunos tem sido motivo de grandes preocupações para os professores. A indisciplina escolar constitui um dos grandes desafios com os quais se defrontam as instituições de educação básica, públicas e privadas no Brasil. Ela abrange diversas formas e mecanismos de expressão, e reflete um grande grupo de causas de diversas naturezas.

A indisciplina tem origem em diversas causas. O aluno contesta o educador porque não está de acordo com as exigências da escola e do professor, com os valores que este pretende transmitir de forma impositiva, com os critérios de avaliação que ele adota, com sua imparcialidade. Nestes casos, existe entre o professor e o aluno uma relação desequilibrada. O aluno não aceita o professor ou a sua disciplina. O professor não consegue motivar o aluno ou despertá-lo ou cativá-lo e assim vai gerando uma série de problemas os quais levam a uma situação desfavorável com graves consequências para a aprendizagem. Por meio dos ensinamentos de Aquino (2003), compreende-se que a indisciplina traduz numa espécie de efeito de inconformidade por parte do alunado, aos anacrônicos padrões de comportamento nos quais as escolas ainda parecem inspirar-se. Neste sentido, enquanto houver professores impondo comportamento, sempre haverá



alunos protestando e procurando meios de fugir destas regras que lhes parecem ser arbitrárias.

Às vezes, os agentes causadores da indisciplina podem ser externos à aula como, por exemplo, problemas familiares, inserção social ou escolar, excessiva proteção dos pais, carências sociais, forte influência de ídolos violentos, etc. Já nestes casos, o professor pouco pode fazer. Outro problema não menos preocupante do que a violência é a falta de interesse de alguns alunos para aprender. Esta atitude se revela por meio da indisciplina. As causas desses problemas são muitas e se referem não somente aos alunos como muitos podem pensar, mas também (e talvez, principalmente) aos professores.

Os motivos para os alunos não se interessarem na aula vão desde os mais simples aos mais complexos. Existem os conflitos internos, causados por problemas na família ou na sociedade e que afetam o aluno na sala de aula e também outros fatores que podem estar relacionados às capacidades cognitivas, físicas, afetivas, éticas e estéticas.

Já sobre o que o professor tem a ver com a falta de interesse dos alunos os motivos são mais passíveis de compreensão. Pode-se citar primeiramente, a imposição, o autoritarismo. Alguns professores acreditam que esta é a maneira correta de lidar com os alunos, impondo. Entretanto, esse ato não leva o aluno a nenhum tipo de interesse. O respeito sim, pode levar ao interesse e este deve ser construído de forma mútua.

Ao discutir sobre o papel da escola no desenvolvimento e aprendizado do aluno, não se pode deixar de considerar a forte influência do professor na vida da criança. Analisando algumas dimensões dessa influência pode-se citar a observação que a criança faz dos comportamentos sociais desempenhados pelo professor em classe, que servem como modelo para a aquisição e desenvolvimento do repertório de habilidades sociais da criança.

Entende-se que um ensino construído com base no diálogo é que pode proporcionar a compreensão de situações conflituosas em sala de aula. Vasconcellos (1995) declara que o espaço da sala de aula no ambiente escolar deve ser verdadeiramente humano, no sentido de constituir um espaço democrático onde se



cultiva o diálogo e a afetividade humana, em que se pratica a observação e garantia dos direitos humanos (constitucionais). Sendo assim, entende-se que este clima caloroso deve refletir um conhecimento e preocupação quanto aos estudantes enquanto pessoas, tendo em vista suas condições concretas, individualidades e singularidades.

Tratando-se do assunto na prática, o que se deseja, é que a educação escolar represente mudança. Freire (1991) evidencia que se deve cultivar uma postura, sobretudo, entre os professores, de interesse e compromisso pelas metas, realizações e problemas dos estudantes, bem como de apoio às suas atividades curriculares e extracurriculares.

Freire (1992, p. 11), posiciona bem a questão a dizer que: “é na fala do educador, no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo educando, que ele tece seu ensinar. Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão”.

Para que haja uma boa convivência entre professor e aluno é necessário humildade e um bom diálogo. Este é o primeiro passo para que seja possível iniciar qualquer processo de mudança, pois a confiança entre professor e aluno é primordial.

Falar sobre o diálogo em sala de aula na relação professor/aluno possibilita que se possa ter certeza da sua grande importância nas relações sociais e interpessoais. Em qualquer ambiente de convívio social como família, igreja, escola, locais de trabalho ou até mesmo em um encontro casual com os amigos na rua, o diálogo é visto como fundamental na promoção da compreensão, da paz, da verdadeira convivência respeitosa entre os seres humanos.

No ambiente da sala de aula, a comunicação tem, portanto, para o professor, um papel de fundamental importância na concretização de seus objetivos. Se os objetivos dele são determinados apenas a manter os alunos calados e quietos enquanto ministra o conteúdo de sua disciplina, o professor, inevitavelmente, dificilmente conseguirá concretizar tais objetivos.

Segundo Freire (1967, p. 66) “[...] o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”. Na fala de Freire, percebe-se a ligação



entre o diálogo e o fator afetivo que norteará a virtude primordial do diálogo, o respeito aos educandos não somente como receptores, mas enquanto pessoas.

As relações afetivas que o aluno estabelece com os colegas e professores são de grande valor na educação, pois a afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida. A pessoa sempre envolve seu lado afetivo, emocional em suas relações.

Sabe-se que motivar para a aprendizagem escolar não é uma tarefa fácil, pois se percebe que os alunos não encontram motivos para aprender. E se o aluno não vê significado nesta aprendizagem, provavelmente não terá interesse em aprender. Para que estes problemas não se tornem insolúveis, o professor precisa analisar cada caso e aprender a olhar de forma diferente, procurando entender quais as causas que levam os alunos a agirem dessa forma e o que é possível fazer para que esta realidade reverta em benefícios no processo de aprendizagem.

A aprendizagem se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O professor precisa ser consciente de que o prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Sendo assim, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

Para Freire (1997), os sujeitos que dialogam aprendem e crescem na diferença. Assim, temos que respeitar e aceitar, de verdade, o outro, o diferente, o que significa reconhecê-lo como outro, conviver com essa diferença. O outro é aquele com quem, por meio do diálogo, podemos compartilhar um mundo mais diversificado. Dar possibilidades para o aluno expressar-se é uma maneira de permitir-lhe a participação.

Entende-se que o papel do educador em conduzir seus alunos à criticidade deve ser essencialmente recíproco, já que há uma troca de experiências na busca da aquisição de novos conhecimentos e novos caminhos a serem seguidos. Como bem destaca Paiva (1987, p. 6) “compete ao educador, praticar um método crítico de educação... que dê ao aluno oportunidade de alcançar a consciência crítica instruída de si e de seu mundo”.



Assim, como o diálogo, o fator afetivo tem sua relevância na interação professor-aluno, o que é enfatizado por Aquino (1996, p. 50):

os laços efetivos que constituem a interação Professor-Aluno são necessários à aprendizagem e independem da definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação Professor-Aluno, isto é, os vínculos cotidianos.

A escola fundamente é um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão e produção de conhecimento, sendo assim pode-se afirmar que “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (ALMEIDA, 1999, p. 107).

Finalmente é interessante observar que a relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar, pois a família é o primeiro contato que a criança estabelece socialmente com o mundo. A base desta relação, portanto, é afetiva, pois é por meio de uma forma de comunicação emocional que o bebê sensibiliza o adulto, garantindo assim os cuidados de que necessita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu status é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a sobrevivência. Da mesma forma, é a partir da relação com o outro, por meio do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nessa perspectiva, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, o qual vai ampliando-se no transcorrer de sua vida. Logo, a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem na época escolar e se estende até sua maior idade.



Pode-se depreender de tudo que já foi mencionado que o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de respeito mútuo, de troca de solidariedade, não aceitando de maneira alguma um ambiente hostil e opressor que semeie o medo, a violência e a raiva no contexto de sala de aula. A prática pedagógica deve sempre prezar o bem estar do educando, sobretudo, por meio do diálogo. Quando o educador consegue entender o poder dessa ‘pedagogia do amor’ e toda a paz que a mesma traz, mais alunos aprenderão com maior facilidade e gosto e, acima de tudo, mais professores notáveis e inesquecíveis passarão pela vida dos educandos deixando suas marcas positivas.

Portanto, a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, e a normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo. A relação professor- aluno pode se mostrar conflituosa, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, fortalecer-lhe as bases morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.

Diante do que foi exposto, percebe-se que o relacionamento professor-aluno é dinâmico, cabendo ao professor ter sabedoria para lidar com cada situação que se apresente e ter em mente que deverá estar ligado ao fato de que o ensinar não é apenas transmissão de conhecimentos, mas também um total envolvimento com situações e a formação de seus alunos como seres pensantes e atuantes capazes de construir o seu conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- AQUINO, J. R. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In. J. R. G. AQUINO (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus editorial, 1996.



DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1991. 79 p.

_____. **O sentido da aprendizagem**. In: Paixão de aprender. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIKOVATE, Flávio. **A arte de educar**. Curitiba: Nova Didática, 2001.

MORAIS, João Francisco Regis. **Sala de aula que espaço é esse?** Campinhas: Papirus, 1986.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Art Med, 2001.

PAIVA, V. P. **Educação Popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

VASCONCELLOS, Celso. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 4. ed. São Paulo: Libertad, 1995.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.



A RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

SILVA, Regiane Dos Reis¹; LACERDA, Patrícia²

Universidade Estadual De Goiás

Unidade De Iporá

¹regi_anereis@hotmail.com; ²patylac@hotmail.com

RESUMO: este artigo visa descrever o planejamento nas aulas de língua inglesa, no qual tive como referência os teóricos: menegolla e sant’anna (2001); schmitz (2000); libâneo (1994); fusari (2013) e como principal, vasconcellos (2008) com o seu livro: planejamento: projeto theory de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. Por meio desses estudiosos pautei em sanar a problemática deste artigo: se a ação de planejar é relevante, por que ainda há professores que não aceitam este ato? Objetivando analisar os motivos pelos quais professores resistem em planejar suas aulas de língua inglesa, já que o planejamento escolar é uma ação indispensável, pois, é um instrumento propiciador do trabalho docente, conduzindo a um debate, uma reflexão e, sobretudo, a uma melhoria da qualidade de ensino e ainda, obtém por meio do planejamento uma ferramenta relevante em seu trabalho diário em sala de aula. Ele necessita compreender que a ação de planejar, não é apenas um dever a ser cumprido diante das exigências da secretária da educação, mas sim, uma ferramenta que irá auxiliar, facilitando sua prática aplicada em sala de aula.

Palavras-chave: Aprendizagem; Qualidade de ensino; Metodologia.

INTRODUÇÃO

Sabemos que o ato de planejar, é traçar, projetar, elaborar algo que resultará em objetivos alcançados: “planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal.” (Vasconcellos, 2008, p.35)

Quando traçamos um objetivo bem definido na elaboração de um planejamento, necessitamos prestar atenção no que iremos propor, para colocarmos em prática. É necessário definirmos, desde o princípio o que queremos e onde pretendemos chegar para que a tarefa seja mais fácil e produtiva.



Sendo assim, a ação de planejar acompanha o homem desde os princípios da evolução humana. Porém, o planejamento está presente não somente nas ações da vida pessoal do indivíduo, mas também, em várias áreas da vida social.

Neste aspecto, surgiu a questão norteadora para este artigo: se a ação de planejar é relevante, por que ainda há professores que não aceitam este ato?

Conforme Vasconcellos (2008), a atividade educacional, nas condições em que corriqueiramente ocorre, é pura alienação, vista pela falta de compreensão e domínio nos aspectos da tarefa educativa.

O professor não tem compreensão do seu trabalho na complexidade que implica; está alienado do seu quefazer pedagógico: foi expropriado do seu saber, situação esta que o desumaniza, deixando-o à mercê de pressões, de ingerências, de modelos que são impostos com “receitas prontas”, impossibilitando um trabalho significativo e transformador, levando-o ao desgaste, ao desânimo, ao descrédito quanto à educação, à acomodação, à desconfiança, chegando mesmo à falta de companheirismo e de engajamento em lutas políticas e até sindicais. Analogamente ao operário na fábrica, que não mais domina o seu fazer como artesão dominava, encontra-se o professor em relação à sua atividade pedagógica. (VASCONCELLOS, 2008, p.25)

Segundo o Menegolla e Sant’ Anna (2001), ressalta dizendo que o planejamento:

É um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação. (MENEGOLLA, SANT’ ANNA, 2001, p.40)

Portanto, os teóricos citados acima, assim como tanto outros, têm por objetivo explicitar em especial aos docentes, a funcionalidade/relevância e particularmente a conscientização de que:

Qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados. E sendo a educação, especialmente a educação escolar, uma atividade sistemática, uma organização da situação de aprendizagem, ela necessita evidentemente de planejamento muito sério.



Não se pode improvisar a educação, seja ela qual for o seu nível. (SCHMITZ, 2000, p.101)

Assim, compreende-se que a escola desenvolve um relevante papel na formação e desenvolvimento do indivíduo, no qual o mesmo tem como companheiro insubstituível o planejamento. Este irá possibilitar a mesma, uma propícia organização metodológica dos conteúdos a serem trabalhados pelos educadores na sala de aula, embasando nos conhecimentos de mundo dos alunos.

OBJETIVOS

O estudo se destina a analisar os motivos pelos quais os professores resistem em planejar suas aulas de Língua Inglesa, já que o planejamento escolar é uma ação indispensável, pois, é um instrumento propiciador do trabalho docente, conduzindo a um debate, uma reflexão e, sobretudo, a uma melhoria da qualidade de ensino.

REFERENCIAL TEÓRICO

CAMINHOS/DESCAMINHOS DO PLANEJAMENTO

“O planejar é uma realidade que acompanhou a trajetória histórica da humanidade. O homem sempre sonhou, pensou e imaginou algo na sua vida.”
(Mengolla, San’tAnna, 2001, p.15).

Segundo Vasconcellos (2008, p. 27), compreende-se que a ação de planejar é tão antiga quanto o homem, sendo-lhe de fundamental importância, enquanto relacionado à sua vida. A sintetização do planejamento não se deu no âmbito educacional, mas sim, é ligado ao mundo de produção, mas preciso no final do século XIX com a Revolução Industrial. Somente no início do século XX que:

o planejamento vai avançando para todos os setores da sociedade, provocando um enorme impacto a partir do seu uso na União Soviética não



como simples organização interna a uma empresa, mas como planificação de toda uma economia”. (VASCONCELLOS, 2008, p.27)

Assim de acordo com os teóricos, podemos dizer que o planejamento desde o surgimento da humanidade era empregado sem que as pessoas compreendessem sua importância e com a evolução do homem, principalmente relacionado aos setores industrial/comercial, julgou a necessidade de adaptação para as várias áreas. Nas entidades escolares, ele também era muito utilizado.

No início, o ato de planejar era uma forma de controlar a ação dos educadores, de maneira que não interferisse no regime político da época. Hoje o planejamento escolar é uma ferramenta significativa para a organização e auxílio do trabalho desenvolvido pelos professores.

Atualmente o planejamento é identificável em três concepções que se identificam/manifestam em diferentes momentos históricos do ato de planejar: o planejamento prático; o instrumental e o planejamento participativo.

PLANEJAMENTO PRÁTICO

Nesta concepção, o planejamento está relacionado à prática tradicional, na qual os educadores o faziam sem se preocupar, pois, tinham como possibilidade a tarefa a ser realizada na sala de aula. Vasconcellos (2008, p. 28), ressalta dizendo que os planos eram feitos em folhas e/ou cadernos, semanalmente e, uma vez elaborados, os mesmos, não se aderiam à reformulação (adaptação) dos planos, nos quais serviam para vários anos. *“O ‘planejamento’ pedagógico do professor no sentindo tradicional, a rigor, não era bem planejado; era muito mais o estabelecimento de um ‘roteiro’ que se aplicaria fosse qual fosse a realidade.”* (p.28)

Dessa forma, havia uma relação limitada entre planejar e acontecer. O planejamento teria que ser feito envolvendo temas amplos. Em responsabilidade do educador, incumbiria ter uma ideia do que iria ser trabalhado na aula, sendo que os objetivos seriam determinados conforme os interesses em desenvolvimento. Assim, os alunos cooperavam de certa forma no ato de planejar.



PLANEJAMENTO INSTRUMENTAL

O planejamento instrumental esta voltado à concepção tecnicista de educação, no qual o mesmo aparece sendo a solução para os problemas de privação de produtividade da educação escolar. Neste pensamento tecnicista, os educadores de certa forma, eram obrigados a abranger parte de pouco tempo livre para destinar aos preenchimentos de planilhas. Os alunos caberiam aprender apenas o que os seus professores planejavam, no qual os mesmos reforçavam a prática de ensino como simples transferência programada. Vasconcellos (2008), afirma ao dizer:

Aliado ao processo de desgaste do professor – má formação, má remuneração, falta de condições de trabalho, etc. -, estava o avanço da indústria do livro didático, como que ‘compensando’ a falta de condições do professor preparar bem suas aulas. Além disto, do ponto de vista do planejamento, em poucos anos os livros passaram a trazê-lo pronto, quase que induzindo o professor à cópia... (VASCONCELLOS, 2008, p.30)

Portanto, o saber do educador era lentamente desvalorizado, o que os tornavam descrente naquilo que fazia. A ação de planejar passou a expressar o preenchimento de formulários com objetivos gerais, objetivos específicos, conteúdos programáticos, estratégias de ensino e finalizava com a avaliação pautada nos objetivos propostos anteriormente. Libâneo (1994) expressa-se contra esta concepção ao dizer:

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é antes, a atividade consciente da previsão de ações político pedagógicas, e tendo como referencia permanente às situações didáticas concretas que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino. (LIBÂNEO, 1994, p. 222)

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

Nesta concepção, diante da exigência da reprodução do sistema, as resistências de alguns educadores levaram a buscar novos métodos de fazer educação respaldando



em novas formas de planejar. Assim, o saber deixava de ser considerado como propriedade e passava a ser valorizado e construído de forma participativa, dialogada.

Com isso, o planejamento participativo torna-se a ser compreendido como um mecanismo de mediação no real, a fim de modificá-lo no caminho de uma sociedade solidária. Vasconcellos (2008, p. 93) fala que a participação no processo de planejamento requer o desejo de que as coisas realmente venham a acontecer, no qual todos os professores possam desenvolver os objetivos traçados no plano.

2.2- DEFINIÇÕES DE PLANEJAMENTO

Com o objetivo de definirmos o conceito de planejamento, julgo necessitar utilizar o minidicionário Aurélio da língua portuguesa (2001). No mesmo, a conceituação de planejamento é: *“ação ou efeito de planejar. / Plano de trabalho pormenorizado. / Função ou serviço de preparação do trabalho”*.

Mesmo, parecer ser perda de tempo esta definição, é relevante analisando com um olhar voltado aos educadores, nos quais, a essência do planejar possibilita-lhes, maior autonomia e mais liberdade no momento em que forem realizar o mesmo (planejamento).

Vasconcellos (2008), a definição de planejamento tem como finalidade:

procurar fazer algo vir à tona, fazer acontecer, concretizar, e para isto é necessário ‘amarrar’, ‘condicionar’, estabelecer as condições - objetivas e subjetivas – prevendo o desenvolvimento da ação no tempo... para que aconteça... Independente de o sujeito planejar ou não, há um ‘fluxo’ do tempo, dos acontecimentos. Planejar é tentar interferir neste fluxo, no devir (...) é o processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento... o planejamento, enquanto processo, é permanente”. (VASCONCELLOS, 2008, p. 79/80)

Assim, o autor, procura conceder para o ato de planejar, um tipo de metodologia que se dispõe a interação do homem com a sociedade à procura de executar ações articuladas dentro de um processo de teorias metodológicas, na qual, os educadores enquanto articuladores deste plano devem-se comprometer, em concretizar



os objetivos ali propostos, cuja finalidade deverá estar relacionada à realidade de seus alunos. Conteúdo a ser aprofundado no próximo tópico.

FUNÇÕES DO PLANEJAMENTO

No decorrer do trabalho docente, os educadores realizam muitos objetivos para que os alunos alcancem apreender o que está sendo exposto/trabalhado. Conteúdos, expectativas e avaliação dentre vários outros aspectos, os professores devem estar em constante cuidado ao planejar suas aulas.

Desta forma, os professores obtêm por meio do planejamento uma ferramenta relevante em seu trabalho diário em sala de aula. Ele necessita compreender que a ação de planejar, não é apenas um dever a ser cumprido diante das exigências da secretária da educação, mas sim, uma ferramenta que irá auxiliar, facilitando sua metodologia aplicada em sala de aula.

Menegolla e Sant’Anna (2001), concede alguns pontos que revelam a relevância do ato de planejar para que o professor possa desenvolver uma boa ação em sala de aula:

- [o planejamento] ajuda o professor a definir os objetivos que atendam os reais interesses dos alunos;
- possibilita ao professor selecionar e organizar os conteúdos mais significativos para seus alunos;
- facilita a organização dos conteúdos de forma lógica, obedecendo a estrutura da disciplina;
- ajuda o professor a selecionar os melhores procedimentos e os recursos, para desencadear um ensino mais eficiente, orientando o professor no como e com que deve agir;
- ajuda o professora a agir com maior segurança na sala de aula;
- o professor evita a improvisação, a repetição e a rotina no ensino;
- facilita uma maior interação com as mais diversas experiências de aprendizagem;
- facilita a interação e a continuidade do ensino;
- ajuda a ter uma visão global de toda a ação docente e discente;
- ajuda o professor e os alunos a tomarem decisões de forma cooperativa e participativa. (MENEGOLLA, SANT’ANNA, 200, p. 66)

Portanto, o educador só tem a ganhar com essa ação, uma vez que o ato influencia ou não na sua prática de ensino de formas variadas levando a um bom



desempenho em sua carreira como profissional da educação, além do mais, os seus alunos sentirão segurança nos conteúdos expostos e conseqüentemente saberão reconhecer o ato de seus educadores ao ministrar a matéria.

O EDUCADOR E O PLANEJAMENTO

O professor diante do planejamento vê-se perante uma linha de raciocínio lógico, que conduz suas ações, na qual estas se tornam eficazes no momento em que os mesmos vão aglomerando e enriquecendo experiências ao enfrentar situações concretas de ensino. Eles precisam estar preparados, para momentos de reestruturação de seus planejamentos, uma vez que os mesmos necessitam ser modificados para atender até mesmo, a própria realidade de seus educandos.

Fusari (2013) diz:

A ausência de um processo de planejamento de ensino nas escolas, aliado às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes do seu trabalho, tem levado a uma contínua improvisação pedagógica das aulas. Em outras palavras, aquilo que deveria ser uma prática eventual acaba sendo uma 'regra', prejudicando, assim, a aprendizagem dos alunos e o próprio trabalho escolar como um todo. (FUSARI, 2013, p. 46/47)

Sendo assim, o que realmente necessita é frisar que o planejamento é útil tanto ao educador como para o educando, visto que, os professores que vivem de improvisação, não serão bem aceitos por seus alunos, já que, eles não recebem estímulos dos próprios educadores no seu processo de aprendizagem. Sem contar que, os alunos deixam de interessar pelas matérias, uma vez que, as mesmas tornam-se monótonas.

METODOLOGIA

CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, pois a mesma oferece meios que sustentam na definição e resolução do problema já mencionado,



como também permite averiguar sob um novo olhar e/ou abordagem, no qual o mesmo ainda não se tornou claro.

Por meio da pesquisa bibliográfica, torna-se possível o estudo aprofundado dos teóricos em relação à importância do planejamento de aulas, aos quais, pude ter um respaldo significativo na minha questão norteadora: se a ação de planejar é relevante, porque ainda há professores que não aceitam este ato? - constatando que o ato de planejar é de extrema importância não só pela organização sequencial desenvolvida em sala de aula, mas também, pelo o fato do professor que reserva um tempo para seu planejamento, ele conseqüentemente vislumbrará aulas dinâmicas, objetivando uma melhor participação dos alunos.

Se pararmos para pensar nas nossas ações diárias, certificamos que as ações realizadas no improviso tendem a fracassar e que o planejamento faz parte de nossa vida cotidiana, para que tenhamos êxito naquilo que propomos realizar.

Nesse sentido, a falta de planejamento poderá significar, para o professor, o fracasso da prática educativa, pois o planejamento é parte intrínseca do verdadeiro ato pedagógico. Segundo Vasconcellos (2004: 81) *“planejar é elaborar o plano de mediação, da intervenção na realidade, aliado à exigência, decorrente de sua intencionalidade, de colocação deste plano em prática.”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, pode-se concluir que o ato de planejar difere da simples imaginação, na medida em que nesta não há o compromisso com a colocação em prática, e ainda, é um processo permanente e não provisório.

Com isso cabe a nós refletirmos a maneira que iremos planejar nossas aulas de Língua Inglesa. Devemos lembrar que para cada sala há uma necessidade de adaptarmos as atividades, mesmo que sejam os mesmos conteúdos.

Devemos levar em consideração: o perfil de aluno que a escola pretende alcançar e as exigências colocadas pela realidade social, para a partir daí elaborarmos um plano de aula específico para cada série. Lembrando que só com o planejamento



sendo colocado em prática que iremos impulsionar nossos alunos a participação significativa nas aulas de língua inglesa, uma vez que, bem planejadas e desenvolvidas, as mesmas tornam-se atrativas e dinâmicas, tendo como respaldo, um bom rendimento escolar.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua atuação**/Maria Isabel da Cunha - Campinas, SP: Papirus, 1989;
- FAZENDA, Ivanir Catarina Arantes. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas, SP: Papirus, 1991;
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da língua portuguesa**. 4.ed. ver. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001;
- FUSARI, José Cerchi. **O planejamento do trabalho pedagógico**: algumas indagações e tentativas de respostas. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em 26/10/2013;
- MENEGOLLA, Maximiliano. SANT’ANNA, Ilza Nartins. **Por que planejar? Como planejar?** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001;
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (organizadora). **Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e Experiências**. Editora Pontes/UFMG. Belo Horizonte, 1998;
- SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da Didática**. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2000;
- VASCONCELLOS, C dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino- Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**, 18ª ed. – São Paulo: Libertad Editora, 2008.



COMO TRABALHAR POESIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

CARDOSO, Vânia Gomes¹

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá - Go

¹vaniagomescardoso@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste estudo é destacar a importância da vivência poética para o aluno, bem como a grande relevância do trabalho com a poesia na escola, tendo em vista a formação do leitor crítico, atuante, construtor de múltiplos significados. No que se refere à formação integral do leitor, ressalta-se a necessidade do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, enfatizando seus usos e funções sociais. Sendo assim, faz-se necessário refletir sobre como a poesia tem sido abordada em sala de aula. Durante a fase de observação e semi-regência no ensino fundamental no 9º ano no Colégio Estadual Ariston Gomes da Silva, na cidade de Iporá, foi possível perceber que quando o professor prepara suas aulas com objetivo, com dinamicidade, com consciência da importância do conteúdo, os alunos se envolvem na aula e o aprendizado acontece de maneira natural e eficaz. Isto mostra que a metodologia de ensino é fundamental para que o aprendizado aconteça. Portanto, foi aplicado um questionário com perguntas objetivas sobre o estudo e a produção de poesias nas turmas de 9º ano. O questionário abordou perguntas simples e objetivas e através deste percebeu-se assim, que existe uma relação entre gostar e ter dificuldade na compreensão e na escrita de poesias. Por isso, ficou ainda mais evidente que as aulas de poesia devem apresentar propostas enriquecedoras para os alunos, levando estes a entender que a poesia, além de prazerosa é uma fonte inesgotável de descobertas com o mundo e consigo mesmo.

Palavras-chave: Poesia; Leitura; Sala de aula.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é discorrer sobre a importância da poesia dentro do âmbito escolar, mais especificamente em sala de aula. O trabalho com poesias não se limita a ler um texto poético aos alunos, este tipo de trabalho requer uma atenção especial por parte do professor.

A poesia quando trabalhada de maneira adequada contribui para o desenvolvimento oral e cognitivo do aluno, visto que ela desenvolve a oralidade, imaginação e criatividade que são de fundamental importância para o desenvolvimento dos educandos.



Sendo assim, a escolha do tema Como trabalhar poesia no 9º ano do Ensino Fundamental é uma proposta que também visa auxiliar tanto alunos quanto professores a compreender melhor o que é poesia, mostrando que ela, como disse Elias José em seu poema Tem tudo a ver, “tem tudo a ver com tudo” e também a encontrarem novos métodos de abordar esse gênero que mexe tanto com os sentimentos humanos.

O interesse por abordar o tema justifica-se porque mesmo sabendo da importância da poesia na vida dos seres humanos muitas escolas esqueceram-na, principalmente no ensino fundamental (9º ano), dando mais espaços, entre aspas, para coisas mais importantes e mais sérias, como também para textos em prosa, privando os alunos dessa “experiência inigualável”, conforme caracteriza Maria Helena Zancan Frantz (1998, p. 80).

Portanto, a interação com a poesia é uma das responsáveis pelo desenvolvimento pleno da capacidade de ler e interpretar da criança e do adolescente, através do acesso e da familiaridade com a linguagem conotativa, e refinamento da sensibilidade para a compreensão de si própria e do mundo, o que faz deste tipo de linguagem uma ponte imprescindível entre o indivíduo e a vida.

OBJETIVOS

O interesse pelo tema visa orientar e propor que o ensino de poesia deve ser aplicado em sala de aula com mais frequência e mais entusiasmo e mais que isso, deve ser entendido como um conteúdo de fundamental relevância para o desenvolvimento do hábito de ler, pois se pretende mostrar que é prazeroso o trabalho com poesias.

A leitura é fundamental ao indivíduo, pois proporciona a inserção do mesmo no meio social e o caracteriza como cidadão participante. A criança aprende a ler antes mesmo de entrar na escola, nas situações familiares.

Entretanto, ainda hoje, o conceito de leitura se restringe à mera decodificação das palavras, o que não permite ao leitor perceber as múltiplas significações presentes no texto e, conseqüentemente, despertar nele o fascínio e a mágica que está relacionada ao ato de ler. Infelizmente o hábito da leitura é pouco cultivado em nossa sociedade, sendo consequência de fatores socioculturais e políticos.



Ana Elvira Gerbara em seu texto Reflexões sobre o ensino de poesia, diz que chegado o poema à sala de aula, algumas perguntas também os acompanham:

Como trabalhar com gêneros literários que não parecem fazer parte do cotidiano? Como torná-los significativos para os nossos alunos? Como trabalhar com a autoria em gêneros que exigem domínio da tradição e uma busca pela inovação - recorte da matéria lingüística e temática de forma singular?(Disponível em: <<http://www.escrevendo.cenpec.org.br/ecf>>)

Quando a leitura se refere à poesia o problema se agrava, pois muitos alunos não gostam desse gênero por achar que é muito difícil, chato ou até mesmo, muito “meloso”, isto na opinião dos rapazes. A situação é caótica. Os momentos reservados para o estudo de textos desse gênero são pequenos, isto porque os livros didáticos abordam esses textos brevemente e, às vezes, os textos escolhidos para trabalhar não são tão motivadores quanto os alunos gostariam.

Tendo em vista essa problemática, faz-se necessária a ressignificação do trabalho com a poesia, de modo que esse gênero textual possa ser utilizado como recurso cognitivo e comunicativo. Ou seja, fazer ver que a poesia pode ser um lugar de resistência, de fomento de ideias, se vivenciada a partir de um trabalho pedagógico que possibilite recuperar a expressão do aluno.

A leitura está associada ao aprendizado, por meio dela é possível adquirir conhecimentos. É uma forma de o indivíduo estar em contato com o mundo, ter acesso a outro tipo de leitura de mundo. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadão. (BRANDÃO, 1997, p.22).

Para os professores é um desafio o trabalho com o texto poético. As justificativas são inúmeras, desde a ausência de motivação e interesse dos alunos em ler o referido tipo de texto, como a falta de conhecimento, formação dos professores para desenvolver propostas com a poesia. A metodologia para o desenvolvimento de aulas sobre e com textos poéticos deve ser bem planejada, só assim professores e alunos ficarão satisfeitos com o resultado obtido. Pode-se dizer que se o professor não tiver o



hábito da leitura de poemas, se ele , “[...] não se sensibilizar com o poema, dificilmente ele conseguirá emocionar seus alunos [...]” (CUNHA, 1986, p. 95).

Está claro que a personalidade do professor e particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce. (BANBERGER, 1986)

Segundo Elias José (2003, p. 11), “vivemos rodeados de poesia”, ou seja, poesia é tudo que nos cerca e que nos emociona quando tocamos, ouvimos ou provamos, poesia é a nossa inspiração para viver a vida.

Ainda conforme o autor supracitado (2003, p. 101), “ser poeta é um dom que exige talento especial. Brincar de poesia é uma possibilidade aberta a todos.”. Então, todos podem brincar de poesia.

Sabe-se que uma aprendizagem só é significativa quando o professor consegue conquistar a atenção dos alunos. Assim, por meio da poesia o professor poderá ganhar a atenção e a confiança do aluno. Entretanto, para que os alunos consigam compreender a importância da poesia em seu cotidiano é necessário que os professores desenvolvam a poesia em sala de aula, pois a mesma não se faz sozinha. Não há como formar ou descobrir poetas sem trabalhar com a poesia, uma competência ou habilidade pessoal só é descoberta quando trabalhada de forma correta, a poesia é um dom que deve ser trabalhado para que os alunos se desenvolvam cada dia mais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Durante a fase de observação e semi-regência no ensino fundamental no 9º ano em um Colégio Estadual, na cidade de Iporá-Go, foi possível perceber que quando o professor prepara suas aulas com objetivo, com dinamicidade, com consciência da importância do conteúdo, os alunos se envolvem na aula e o aprendizado acontece de forma mais significativa e eficaz. Isto mostra que a metodologia de ensino é fundamental para que o aprendizado aconteça.



Após vivenciar aulas de poesia onde os alunos se envolveram e se interessaram tanto, surgiu o interesse de saber a opinião dos alunos quanto a esse gênero textual. Assim, foi aplicado um questionário com oito perguntas objetivas sobre o estudo e a produção de poesias. Este questionário foi realizado com três turmas de 9º ano totalizando 55 alunos. O questionário abordou perguntas simples e objetivas como, por exemplo, se os alunos gostam de poesia, se eles têm dificuldades na produção desse tipo de texto, e também sobre a prática de ensino dos professores de Língua Portuguesa no conteúdo referente às poesias.

O tipo de pesquisa adotado foi o método qualitativo e também quantitativo. Ou seja, o trabalho foi realizado em uma unidade onde aspectos referentes à proposta do trabalho foram observados profundamente. Quanto ao método quantitativo se justifica por coletar dados considerados importantes através de um questionário estruturado com perguntas claras e objetivas. realizou-se ainda a pesquisa bibliográfica sobre o tema, buscando fundamentar teoricamente as questões analisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar o questionário aplicado foi possível perceber que a maioria dos alunos (29) possuem o hábito de ler poemas. Identificou-se que 19 alunos gostam e têm facilidade no conteúdo, 21 alunos gostam, mas reconhecem que têm dificuldade em assimilar o conteúdo e 13 revelaram não gostam de poesias/poemas. Com relação à prática de ensino dos professores de Língua Portuguesa quanto ao domínio e clareza dos conteúdos ministrados 44 alunos classificaram o ensino dos professores como regular e bom e apenas 9 como regular e péssimo.

Percebeu-se assim, que existe uma relação entre gostar e ter dificuldade na compreensão e na escrita de poesias, ou seja, muitos alunos dizem que gostam de poesia, mas apresentam dificuldades na sua produção escrita. Por isso, ficou ainda mais evidente que as aulas de poesia devem apresentar propostas enriquecedoras para os alunos, levando estes a entender que a poesia, além de prazerosa é uma fonte inesgotável de descobertas com o mundo e consigo mesmo.



Sobre a relação do aluno com a escrita de poesias, Charles Bazerman(2005, p. 16) fala:

(...) os alunos, ao terminarem seus estudos, precisam estar aptos a produzir muitas e diferentes formas da escrita. Embora todas as formas da escrita que os alunos poderiam precisar sejam impossíveis de antecipar, os alunos precisam de habilidade e flexibilidade suficientes para se adaptar às situações variantes da escrita

Um dos processos para o educador iniciar este trabalho, é ele fazer uma sondagem para descobrir os temas de maior interesse dos alunos, proporcionando uma maior participação. Este levantamento pode ser de forma direta, através de pequenas fichas ou ouvindo e anotando as temáticas preferidas dos alunos. Outro método é descobrir os filmes, os programas de rádios e de televisão que mais gostam. Isso é necessário para o professor saber que tipo de poesia pode levar para a sala de aula. Vale ressaltar que cada sala tem um gosto diferente. No entanto não se pode prender-se somente aos temas escolhidos pelos discentes. A variedade e a novidade também são métodos eficazes para a aprendizagem.

Sendo assim, proponho atividades que oportunizem momentos lúdicos aos alunos, tendo em vista exercícios de imaginação, de fantasia e de criatividade e ao mesmo tempo mostrar a vida de uma forma mais poética, com maior liberdade para construir seu conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia não é de difícil interpretação, apenas necessita de mais cuidado e atenção para que ocorra um entendimento da mesma. A aprendizagem da interpretação da poesia compreende o desenvolvimento de coordenar conhecimentos dos vários sentidos que um texto poético proporciona.

De acordo com PINHEIRO (2003) o problema da leitura de poesias na escola acontece principalmente porque a poesia não é valorizada. É simplesmente vista como pretexto para se ensinar boas maneiras, valores patrióticos ou homenagear datas



comemorativas. Segundo o autor, a poesia só será um dos gêneros mais apreciados no espaço escolar quando se compreender o seu valor. Para isso, o autor propõe uma experiência de leitura significativa para o aluno e, com isso, despertar no olhar do leitor o valor em si da poesia.

Muitas vezes, os poemas são desconsiderados por acreditar que existe conteúdo “mais sério” a ser ministrado, um erro que reflete nos descasos com que alguns alunos tratam o tema. É muito importante investir na formação do leitor crítico, construtor de significados, que percebe seu estar no mundo e apreende os múltiplos significados do texto. Leitor este que questiona em constante interação com o texto e com o mundo ao seu redor.

Vejamos isso em DRUMMOND apud AVERBUCK, (1988, p. 66-67):

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo [...]. O que eu pediria à escola, se não me faltas- sem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética.

Neste sentido, o texto poético jamais deve ser utilizado como pretexto pra outros fins, mas deve ser compreendido como fruição estética, símbolo da liberdade, jogo de significados, música que eleva o espírito, brincadeira, objeto de prazer.

A leitura é a experiência que proporciona as condições para a elevação e crescimento do indivíduo, desenvolvendo a reflexão, o questionar, contribuindo para a formação do espírito crítico e para a emancipação do sujeito. É fonte inesgotável de prazer, de conhecimento, emoções e experiências.

Por todos os motivos apresentados e tantos outros é que a poesia deve ser trabalhada em sala de aula, cabendo ao professor abrir os portais deste mundo tão encantador, deixando seus alunos sedentos e ávidos por novas leituras.

REFERÊNCIAS



ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*. (10 livros de poesia). 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

AVERBUCK, Lígia Marrone. *A poesia e a escola*. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Trad. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

BRANDÃO, Helena. *Aprender a ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 1997.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: Teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 1997.

GERBARA, Ana Elvira. Reflexões sobre o ensino de poesia. Disponível em: <<http://www.escrevendo.cenpec.org.br/ecf>>. Acesso em: 01 Nov. 2012.

JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas*. São Paulo: Paulus, 2003.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

Poetas da escola: caderno do professor : orientação para produção de textos / [equipe de produção Anna Helena Altenfelder, Maria Alice Armelin]. — São Paulo Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada)



DA TEORIA À PRÁTICA

¹ARAÚJO, Nayara Alves; ²ALCANTARA, Helismar Alves de Alcantara

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹nayara.gyn@hotmail.com; ²lindalcantara@bol.com.br.

RESUMO: *Este trabalho tem como pretensão apresentar críticas reflexivas para o profissional da educação em seu preparo acadêmico proporcionando uma visão mais realista e próxima da futura profissão escolhida. Tem como objetivo principal refletir sobre a teoria e a prática desenvolvida na sala de aula. O trabalho foi realizado por meio de observações no período da semi-regência e por aulas ministradas na fase de regência nas escolas campo de Estágio.*

PALAVRAS-CHAVE: *Estágio, Licenciatura, Língua Inglesa.*

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado permite ao acadêmico e ao futuro profissional da educação uma participação efetiva no contexto do ensino, sendo assim, os acadêmicos de Licenciatura Plena em Letras tem a oportunidade de estar em contato com a realidade educacional tanto nas observações feitas na semi-regência quanto na prática da sala de aula desenvolvido na regência. O mesmo permite conhecer de perto o que antes era somente estudado teoricamente nas aulas de estágio e visto como algo distante.

O objetivo do estágio é principalmente, conscientizar o futuro professor da sua constante responsabilidade com o social na sua função. Promover ao máximo o acesso às fundamentações teóricas e as práticas em sala de aula. Outro aspecto importante é integrar essas duas instâncias, acadêmicos e sala de aula, para que se conheça profundamente e entenda as dificuldades e as facilidades enfrentadas pela profissão pr. É por meio do estágio que o acadêmico participa e faz reflexões da vivência teórico-prática de situações pedagógicas dos conteúdos. Diante do exposto PIMENTA:

Afirma que o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da Educação. Mediante esta afirmação fica claro que, a teoria tem importância fundamental, pois ao apropriar-se de fundamentação teórica podem-se ter benefícios de variados pontos de vista para uma tomada de decisão dentro de uma ação contextualizada, adquirindo perspectivas de



julgamento para compreender os diversos contextos do cotidiano. A interação dialógica entre saberes gera o desenvolvimento de uma prática pedagógica autônoma e emancipatória. (PIMENTA 2005, p.26).

Portanto é fundamental que o acadêmico, na sua formação para docente, se aproprie dos conhecimentos teóricos referentes às compreensões de aprendizagem para que assim possam escolher as melhores formas de ministrar suas aulas com qualidade. Sabe-se que o desafio fundamental para o docente é distinguir e ter compreensão das teorias subtendidas no seu próprio estágio e, originar condições para que frente às teorias, conjunto de idéias que procura transmitir uma noção geral de aspectos da realidade, modifique seus pontos de vista, atitudes, posturas e atuação no trabalho educacional.

Diante do exposto pode-se afirmar que é fundamental ter um conhecimento teórico para que possa vivenciar de forma contextualizada as diferentes dimensões da atuação profissional.

O objetivo principal do presente artigo é mostrar a divergência entre teoria e prática, a teoria estudada na universidade e a prática realizada na escola campo.

Na vivência do estágio foi possível ter contato direto com os professores e alunos como também conhecer e analisar como é a função da profissão de professor e refletir como é trabalhado o que se estuda como teoria e a prática desenvolvida na sala de aula. Sabendo que teoria e prática precisam caminhar juntas na profissão docente, pois uma necessita da outra para que o trabalho do professor seja preciso, válido, coerente e harmonioso.

Para BARREIRO e GEBRAN:

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 22).

Assim sendo, os acadêmicos estagiários precisam estar sempre precavido as novas descobertas e as várias teorias que possam contribuir na sua prática educacional.



Porém para isso o mesmo precisa estar em constante formação, buscar o conhecimento para poder dá o melhor de si aos educando.

De acordo com o PCN do Ensino Médio, os objetivos do estágio de Língua Inglesa é desenvolver um processo de conscientização da responsabilidade social da profissão, propiciando as condições necessárias para a formação de professores com embasamento teórico sólido. Sendo assim pode-se ter capacidade de refletir com autonomia e intervir para a melhoria do ensino de língua Inglesa e propiciar aos acadêmicos estagiários uma interação com a realidade educacional.

O estágio é o eixo central na formação de professor, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia. (PIMENTA E LIMA, 2008).

Neste trecho de Pimenta e Lima pode-se perceber que os mesmos acreditam que o estágio é realmente o que direciona e apresenta ao estagiário a verdadeira realidade da profissão de educador, pois somente a vivência do profissional educador em sala de aula poderá conferir ao mesmo as experiências com as quais serão confrontados os conhecimentos teóricos e as práticas pedagógicas. Nota-se também que é por meio do estágio que o profissional educador capacita-se aprendendo e ensinando com os alunos em sala de aula, transmitindo conhecimento aprendido na aquisição do estágio enquanto sua formação acadêmica.

É nesse intuito que se pretende desenvolver essa pesquisa, pois nas observações feitas na escola campo tanto na semi-regência, quanto na regência foi possível perceber que a teoria de se trabalhar aulas dinâmicas, interdisciplinar não é desenvolvido nas aulas e sim aulas ainda com ranços do tradicionalismo. E o desejo e envolvimento dos discentes em ter aulas dinâmicas em grupos são muito fortes.

OBJETIVOS

O Objetivo principal do artigo é refletir sobre a teoria e a prática desenvolvida na sala de aula. Observar a realidade e o que o estágio pode proporcionar à formação



enquanto educadores. Apresentar também alguns pontos em que a educação precisa ser melhorada como, por exemplo: A indisciplina em sala de aula, planejamento de aulas, estrutura física das escolas dentre outros.

O artigo também tem o intuito de mostrar a interação do estagiário com o aluno em sala de aula, como foi adquirida a experiência do estágio e o que isto proporciona na vida do acadêmico. KULCSAR, 1991, p.63 considera os “estágios supervisionados uma parte importante da relação trabalho-escola, teoria-prática, e eles podem representar, em certa medida, o elo de articulação orgânica com a própria realidade”

MATERIAIS E METODOS

O artigo foi produzido por meio de observações feitas na escola campo (semi-regência) e na regência por meio do contato direto com a sala de aula. Durante essas etapas os estagiários tiveram a oportunidade de conhecer de perto a realidade da escola.

Feito essas etapas, foi proposto pela orientadora do Estágio Supervisionado relatórios que comprove as realidades detectadas na escola tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio, esses relatórios eram avaliados pela mesma, a fim de saber se os estagiários observaram na escola como um todo. Portanto é valido ressaltar que esses relatórios foram de suma importância e necessário para a produção do trabalho.

Obteve-se uma receptividade até boa por parte das escolas em receberem os acadêmicos, tendo em vista que os mesmos foram para contribuir com a ação dos professores, analisar e ter sua própria visão em relação à profissão docente.

Foi feito entrevistas com os professores de L1 afim de que respondessem algumas perguntas sobre educação, profissão e sua vida, informando a realidade de ser professor como também dar dicas para que os estagiários melhorassem suas aulas futuramente.

Durante a vivencia na escola campo foi realizado estudos sobre os diversos documentos que norteiam o trabalho pedagógico dos estabelecimentos de ensino, bem como o Projeto Político Pedagógico (PPP); Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) e Regimento Escolar ao longo desses dois anos. Ademais, também se analisou os



Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em nível médio e fundamental. Esses estudos contribuem no processo investigativo a cerca do trabalho e pretensões das escolas, assim como o direcionamento para o exercício profissional.

Foram ministradas aulas expositivas, com uso de tecnologias, dentre elas o data show, para que os alunos tivessem conhecimento sobre elas, e aprendessem mais através de uma aula diferente. Outro recurso foi à utilização de Som para que os alunos ouvissem músicas em Inglês, assim o mesmo teve a oportunidade de ouvir e possivelmente fazer a pronúncia correta. Utilizou-se também o dicionário como fonte de pesquisa. Com isso observa-se que todo período de observação e regência foi de grande importância para que aprendam a fazer uma auto-avaliação enquanto futuros professores.

Por fim vale ressaltar que a pesquisa também é de cunho bibliográfico, através de leituras de livros, artigos, textos, sites dentre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Estágio Supervisionado de Língua Inglesa tem como princípio orientar o acadêmico-estagiário para a atividade docente em caráter de experiências reais. Durante todo o Estágio os acadêmicos têm a oportunidade de participar da prática docente em sala de aula como também em situações que o professor vivenciar. O mesmo tem como objetivo propiciar aos acadêmicos uma vivência autêntica do que é ser professor, priorizando a convivência com os alunos e com a disciplina para uma capacitação no decorrer do seu desenvolvimento profissional.

Outro aspecto importante a mencionar é que o Estágio Supervisionado de Língua Inglesa proporciona aliar os conhecimentos teóricos à prática educacional, assim tem-se o prazer de analisar, refletir e avaliar o processo educativo desenvolvido nas escolas. Dessa forma os acadêmicos poderão desempenhar suas atividades docentes futuras de forma eficaz com competência e responsabilidade de modo a facilitar o aprendizado de seus futuros alunos.

Como já foi mencionado o estágio é dividido em duas etapas: semi-regência e regência, na semi-regência teve-se como prioridade a participação e conhecimento do processo educacional, bem como a prática educativa desenvolvida na Escola Campo. Nesse momento do Estágio o acadêmico-estagiário tem o contato com a Instituição de Ensino observando os



aspectos físicos, pessoal, pedagógico e de relacionamento. Essa fase do estágio é considerada como preparação para o início da atividade docente do acadêmico-estagiário.

Se tratando da regência, a mesma é a fase que consiste no real exercício da atividade docente do acadêmico. É nela que o mesmo será responsável pela realização de todas as ações na sala de aula, ou seja, tem o prazer de estar em contato direto com o trabalho de professor. Assim pode-se afirmar que a regência tem caráter avaliativo por exigir do aluno-estagiário todo amadurecimento possível e preciso para o seu trabalho de educador.

Diante de tudo isso vale ressaltar que o exercício de ser professor consiste em uma tarefa desafiadora que requer do acadêmico-estagiário muito estudo, pesquisas, ações, reflexões, avaliações, transformações e inovações constantes para estar em adequação à realidade que os alunos tanto almejam. Para que o professor consiga motivar o educando é preciso que o mesmo esteja atento à realidade dos conteúdos, ao interesse dos alunos e principalmente que o educador consiga manter-se também motivado para que assim reflita nos alunos o interesse pela aula e pela disciplina. Portanto um dos primeiros passos importantes para que o ensino seja significativo para o aluno é desenvolver um trabalho de qualidade.

Portanto para uma atuação de qualidade foi feito duas etapas proposta pelo Estágio para que posteriormente pudesse ser feito reflexões sobre tudo que foi observado e avaliado para que assim pudessem planejar aulas sobre temas que davam prazer aos alunos.

Porém o estágio de Língua Inglesa foi complicado pelo fato de ser uma língua não muito utilizada e trabalhada com os alunos da escola campo. Desse modo os alunos não demonstram interesse pela Língua.

Percebe-se que há um grande desinteresse pela disciplina de Inglês, por vários motivos, primeiro os alunos contam com apenas uma aula semanal de Língua Inglesa, segundo que nas conversas com os alunos, os mesmos alegam que as aulas não são interessantes, não são dinâmicas e que não conseguem e não querem aprender a língua por acharem que a mesma não tem importância para a vida cotidiana.

Outro aspecto importante é que por meio da observação feita nas aulas ministradas pela professora regente, percebe-se que em determinados casos existe pouca interação entre professor e aluno, uma vez que Vygotsky destaca a importância das interações sociais para a construção de conhecimentos e Henri Wallon defende sua Teoria da afetividade como precursora na formação de capacidades cognitivas. Percebe-se que os alunos precisavam de um incentivo para que buscassem aprender mais sobre a LE.



É válido mencionar que a professora de Língua Inglesa da Escola campo sempre faz o uso de métodos tradicionais, ou seja, a mesma não utiliza metodologias diversificadas. Utiliza somente do livro didático como instrumento de estudo. Os conteúdos se baseiam somente em tradução de palavras. Não que as traduções de palavras não sejam importantes, mas existem vários métodos a serem utilizados para diversificar as aulas. Segundo o PCN, o objetivo primordial do professor de língua estrangeira deve ser o de tornar possível a seu aluno atribuir e produzir significados, meta última do ato de linguagem.

Sendo assim, o professor precisa saber trabalhar de formas variadas para que possa prender a atenção do aluno durante as aulas, e isso não acontece nas aulas da escola campo observadas durante o estágio, sendo que metodologias diferentes e atrativas favorecem no ensino aprendizagem. Pode-se perceber essa questão nos argumentos:

[...] atividades, procedimentos, métodos, técnicas e modalidades de ensino, selecionados com o propósito de facilitar a aprendizagem. “São, propriamente, os diversos modos de organizar as condições externas mais adequadas à promoção da aprendizagem.” (MENEGOLLA; SANT’ANNA, 2001, p.90). 5.

Diante do exposto pode-se afirmar que, os métodos, as técnicas, as modalidades de ensino como também os diversos modos de trabalhar os conteúdos é de suma importância para promoção da aprendizagem.

Observa-se que o docente LE também utiliza métodos tradicionais, dificultando a aprendizagem do aluno, não instigando sua vontade em aprender o idioma, fazendo com que o aluno fique desmotivado. Outro aspecto interessante a mencionar é que não é trabalhado é a interação entre os alunos, os mesmos dizem que preferem desenvolver as atividades propostas em grupo, sendo assim a aula fica mais produtiva.

Percebe-se que durante a regência as aulas práticas precisam ser realizadas de modo que os alunos possam desenvolver suas atividades em grupos e assim trocar informações uns com os outros. Desta forma acredita-se que a aula seja de interesse e produtiva aos alunos, pois assim o educando tem a oportunidade de acrescentar seus conhecimentos na interatividade desenvolvida na sala de aula. E sobre esse processo de interação promovida com os alunos BRASIL, 2008 p. 58 diz: “O processo de



aprendizagem, mediado pela interação, vai levar a construção de um conhecimento conjunto entre o aluno e o professor ou um colega.”.

Portanto nota-se que a troca de conhecimento não é muito valorizada nas atividades desenvolvidas na sala de aula. Aspecto este muito questionado pelos alunos, pois os mesmos sentem carência da interação entre os colegas e até mesmo com o docente.

É válido dizer que o docente não se constitui somente da teoria ou da prática isoladamente. O professor pesquisador e atuante vai se formando na relação entre as duas, pois é por meio da ação e da reflexão que o educando se constrói enquanto sujeito em pleno estado de mudança.

Ler diferentes teóricos e pensadores não significam somente entender diferentes concepções de aprendizagem, significa também buscar constantemente envolver a prática educativa de forma que ao fazer reflexões sobre a mesma possa discutir e assim agir para as possíveis transformações. Por isso é necessário fazer uma aproximação entre a teoria e prática, pois são com a mesma que se podem visualizar novos horizontes que possibilita buscar outras práticas de ensino-aprendizado que facilite a aprendizagem dos alunos.

Para que o acadêmico/estagiário e futuro profissional da educação consigam desenvolver essa relação entre teoria e prática é preciso que o mesmo tenha conhecimento e esse conhecimento é adquirido por meio de estudos, diálogos, troca de experiências e que seja um constante pesquisador. E para isso o acadêmico como também o docente precisa ter humildade para admitir ou pelo menos refletir que não se sabe tudo e avaliar suas atitudes seja positivas ou negativas.

Sabe-se que é um desafio para o professor distinguir e ter compreensão das teorias implícitas na sua prática e acarretar condições para que perante das teorias transforme sua postura e sua atuação no trabalho educacional. Por isso é fundamental compreender que somente o processo de ensino aprendizagem não é satisfatório para preparar o acadêmico para o trabalho docente. É de suma necessidade a inclusão na realidade do dia a dia escolar com a prática pedagógica.



Portanto é preciso e relevante que o acadêmico/estagiário se adapte do conhecimento e se favoreça dos subsídios teóricos alusivos as compreensões de aprendizagem para que assim possam escolher as mais perfeitas formas de desenvolver seu trabalho docente e vencer as dificuldades enfrentadas. Sendo assim o mesmo pode visualizar com clareza as possíveis possibilidades de uma atuação com qualidade.

No decorrer da atuação feita no estágio pode-se dizer que o mesmo permite perceber, mesmo que aos poucos, como se dá a prática da escola campo, pois nem sempre coincide com a realidade dos alunos. E é preciso estar sempre na atuação enquanto profissional da educação o mesmo possa considerar a realidade onde ocorrerá a prática pedagógica, ou seja, seus aspectos culturais, sociais, econômicos e tudo que o ambiente possa proporcionar.

Na atuação enquanto docente acredita-se que o acadêmico pode sentir de perto algo que era tido como distante no início do curso, esta interação entre a teoria e a prática. Acredita-se que o estágio deveria ser feito em todos os anos do curso de Licenciatura, pois há uma distância enorme entre teoria e prática, ou seja, o que estudamos em sala de aula na Universidade e o que é observado nas aulas das Instituições onde são desenvolvidas as etapas do estágio.

A partir dos estudos feitos verifica-se que o PCN de Língua Estrangeira afirma que a Língua Estrangeira tem por obrigatoriedade a inclusão da mesma no currículo escolar do Ensino Fundamental, na qual, ela tem contribuição total à construção do conhecimento e por consequente a construção da cidadania. Construir o conhecimento exige diferentes vertentes, tais como, percepção da natureza da linguagem e compreensão de seu funcionamento.

Quando se estuda a Língua Estrangeira, há análise e contato com culturas, valores e costumes diferentes, assim, ajudando os nativos a notarem seus próprios costumes, valores e culturas, desenvolvendo, então, capacidade de entendimento de dizeres em diversas situações em cada localidade. Tudo isso faz com que haja percepção da relação que as demais disciplinas têm para com a Língua Estrangeira.

O estágio faz o acadêmico repensar sobre a profissão, que não é fácil, é preciso empenho e muita habilidade.



A experiência do estágio é gratificante, pois ajuda os estagiários a assimilarem a atmosfera escolar, e a refletirem sobre as necessidades e dificuldades do ensino. É também uma base para que na série seguinte o aluno tenha como saber o que é uma sala de aula. O Aprendizado no geral é um processo mutável, dinâmico, permanente e sem receita e não é diferente ao se ensinar e ou aprender a Língua Estrangeira.

Para atingir os objetivos, é preciso do ensino do conteúdo linguístico propriamente dito, ou seja, o professor mostra todas as características possíveis da nova língua, para assim, de fato, ser instrumento de interação.

“A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como um dos fundamentos, a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço.” PIMENTA (2008).

Enfim, conforme Pimenta (2008), a formação do profissional é muito relevante para sua dedicação íntegra e regular quando o mesmo for exercer sua função de educador. Este pensamento leva a pensar que a teoria só se fundamenta através da prática e vice versa, portanto mais do que apenas ler e ouvir sobre o trabalho docente o importante é vivenciar a realidade. Nesse sentido o estágio supervisionado merece total relevância, uma vez que propicia ao acadêmico uma visão reflexiva e crítica sobre a real situação da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado demarca um momento importante para a construção de diversas habilidades necessárias aos docentes. Assim, Oliveira e Cunha destacam que o estágio é “(...) uma atividade que propicie ao aluno adquirir experiência profissional específica e que contribua, de forma eficaz, para sua absorção pelo mercado de trabalho” (2006, pág. 06).



É com base nas informações e vivências no decorrer do estágio que se torna possível visualizar a realidade escolar e as contribuições que os acadêmicos/estagiários podem dar a Instituição.

Diante disso é necessário que os professores em formação reflitam sobre sua atuação enquanto futuros profissionais, observando e avaliando as contradições existentes entre teoria e prática desenvolvidas na sala de aula para que a cada dia desenvolvam diferentes pensamentos objetivando sanar as dificuldades. Portanto é necessário que o acadêmico como o docente esteja em constante formação para que assim tenham capacidade de ministrar aulas dinâmicas e que atendam as necessidades dos alunos.

Assim:

O professor tem de assumir uma postura de empenhamento autoformativo e autonomizante, tem de descobrir em si as potencialidades que detém, tem de conseguir ir buscar ao seu passado aquilo que já sabe e que já é e, sobre isso, construir o seu presente e o seu futuro, tem de ser capaz de interpretar o que vê fazer, de imitar sem copiar, de recriar, de transformar. Só o conseguirá se refletir sobre o que faz e sobre o que vê fazer. (ALARCÃO, 1996, p. 18).

Diante do exposto pode-se dizer que é de extrema importância todas as fases do estágio, pois permite e proporciona aos acadêmicos uma experiência jamais vivida. O estágio faz perceber que apesar das dificuldades enfrentadas por muitos profissionais é uma profissão muito almejada. E que somente na prática podemos descobrir como é importante estudar, pesquisar, refletir e agir com competência na atividade docente. AZZI diz que:

O saber pedagógico é o saber que o professor constrói no cotidiano de seu trabalho e que fundamenta sua ação docente, ou seja, é o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua. A prática docente é, simultaneamente, expressão de esse saber pedagógico construído e fonte de seu desenvolvimento (AZZI, 2005, p. 43).

Por fim e diante das colocações do autor acima é importante dizer que a transformação e o desenvolvimento do profissional da educação como também do mundo só é possível quando os mesmos tiverem plena consciência de seu real papel na sociedade e da importância de



entender e valorizar que é necessário estar em constante formação para valorizar o ensino aprendido como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais – **Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Língua Estrangeira** – Brasília, 1998.

MENEGOLLA, Maximiliano; Santa Anna, Ilza Martins. Por que Planejar? Como Planejar 11º ed. Vozes. São Paulo, SP: 2001.

OLIVEIRA, Eloíza da Silva Gomes de CUNHA, Vera Lúcia. **O estágio Supervisionado na formação continuada docente a distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades**. Publicación en línea. Murcia (España). Año V. Número 14. - 31 de Marzo de 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teórica e prática. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2005;

KULCSAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integradora. IN: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes [et all]; PICONEZ, Stela C. Bertholo (Coord.). A prática de ensino e o estágio supervisionado. Campinas-SP: Papirus, 1991.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. IN: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. São Paulo: Avercamp, 2006.

ALARCÃO, Isabel. Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão. Porto: Porto Editora, 1996.

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. et al. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. P. 35-60.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/48753/a-importancia-das-teorias-na-pratica-pedagogica#ixzz2kc2A9fNK>



ENQUANTO APRENDIZ: ALUNO/ESTAGIÁRIO, DOCUMENTOS, REALIDADE, UM NOVO OLHAR PARA O ENSINO

¹PERES, Alanqueles Flor da Silva.
Universidade Estadual de Goiás
Unidade de Iporá
²alanqueles@hotmail.com

RESUMO: No presente trabalho irão ser pontuadas as experiências dos alunos/estagiários enquanto aprendizes; passos importantes no sentido de se tornarem educadores competentes, adequando o ensino oferecido nas escolas públicas de ensino fundamental e médio à nossa realidade de país. As observações foram de grande crescimento, visto que foi possível analisar as diferenças entre documentos norteadores como PPP, PDE, além de ter também como aporte vários teóricos e pesquisadores engajados neste processo educacional.

Palavras - chaves: Experiência. Estagiário. Documentos. Realidade. Educador.

INTRODUÇÃO

A educação de qualidade é parte de um conjunto de normas chamadas de direitos sociais, que têm como inspiração o valor da igualdade entre as pessoas. Acerca disso, Brandão diz:

A educação é [...] uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. [...] A educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. (BRANDÃO, 1995, p. 10 e 11)

Porém, na prática não está sendo dessa forma, o governo federal não tem alcançado a eficiência na melhoria das condições do ensino nas escolas, valorizando e capacitando adequadamente os professores para estarem aptos a executarem tais mudanças. Necessário se faz enfatizar que a educação não deve ser aplicada com olhar no passado, mas sim com o olhar no presente e no futuro, num processo de mudança, ressignificação, dinamização do ensino. Em torno dos objetivos de uma educação de qualidade, gira o trabalho básico do professor, e este tem que estabelecer os objetivos de forma que sua aula seja clara, agradável e importante ao aluno.



Nos últimos anos, o número de discussões surgidas acerca da educação brasileira têm se mostrado crescentes e relevantes. Percebe-se a necessidade de se buscar um ensino eficaz, e, para isso, vários teóricos e pesquisadores têm se voltado para a análise dos componentes envolvidos no processo educacional. E entre esses componentes, encontramos um personagem que até há pouco tempo era considerado aquele que possuía o papel mais importante no âmbito escolar: o professor. Porém, tem-se questionado ultimamente, e com grande ênfase, o papel desse profissional. Considerando as mudanças tecnológicas e sócio-culturais ocorridas e que ainda ocorrem todos os dias, o papel e o perfil da docência continuam sendo a mesma? E se não, o que mudou? Quais seus desafios, seus anseios, receios, e como ocorre o processo de “tornar-se” professor.

Foram a partir destes questionamentos que emergiu o presente trabalho, o qual busca compreender se o professor tem conseguido integrar os vários saberes pedagógico e técnico-científico, em suas aulas e se o estágio supervisionado tem se mostrado eficaz em aliar a teoria à prática. Questionamos também o perfil do professor licenciado do novo século, uma vez que o contexto em que ele convive é outro; a sociedade, por muitos chamada de “sociedade da informação”, já não é a mesma. As preocupações, os ideais, e até mesmo as ferramentas de trabalho são outras. Logo, imaginamos que o perfil e, conseqüentemente, o papel da docência também é outro. São questões como estas que fundamentam o trabalho aqui apresentado, que dialoga a todo o momento com vários teóricos que tratam do assunto, tais como: Carlos Rodrigues Brandão (1995), Maria Regina Guarnieri (2000), José Carlos Libâneo (2007), Selma Garrido Pimenta (2002), dentre outros.

Dito isto, sabemos que o estágio supervisionado dos cursos de licenciatura em qualquer graduação tem por finalidade fazer a articulação entre a teoria e a prática por meio de projetos avaliados e aprovados pelos Colegiados dos Cursos e o Estágio tem alcançado o seu objetivo visto que a realidade escolar se mostra verdadeira frente às crenças dos estagiários no que diz respeito a dicotomia existente entre teoria e a prática. O estágio supervisionado é um fator mediador entre a teoria e a prática docente e se torna fundamental na formação do professor, dando subsídios para a atividade docente.



Sabendo-se que essa etapa permite os primeiros contatos do aluno – futuro professor, com a sala de aula e o ambiente escolar, esse processo é indispensável para o bom desempenho docente. Podemos afirmar, então, que essa etapa não deve ser menosprezada, mas sim valorizada, pois é necessário fazer com que os alunos participem ativamente desse processo como forma de consolidar o ensino-aprendizagem, vivenciando a realidade da educação brasileira ainda enquanto aprendizes, atenuando o impacto dos futuros docentes com a sala de aula e com o ambiente escolar, devendo o futuro docente ser capaz de propiciar inovações em suas aulas, sendo criativos e isso não é um grande sacrifício, basta apenas querer fazer a diferença, levando para o âmbito educacional propostas dinâmicas que transformem e melhorem o ensino brasileiro.

Portanto, o objetivo do texto em questão é pontuar a importância do estágio, em particular do estágio realizado pelos alunos da Universidade Estadual de Goiás (UEG), especificamente os alunos da Unidade Universitária de Iporá, que em sua formação precisam de contato real com a prática-pedagógica. Entretanto, o estágio deve ser genérico para todos os alunos, pois se muito específico pode ser inibidor da ação criativa do aluno como futuro professor.

REVISÃO DA LITERATURA

Muitos são os teóricos que trabalham em pesquisas cujo tema se volta à docência. Entre os temas temos: início da carreira docente e o processo de tornar-se professor (GUARNIERI, 2000), o papel do professor na sociedade de informação (PIMENTA, 2002), as competências do profissional docente (2000), a prática da Didática (LIBÂNEO, 2002), e muitos outros temas.

Aranha (2006) atenta para as mudanças ocorridas no novo século (XXI), quando a sociedade faz uso, por diferentes meios, de todo tipo de informação, e se houve mudanças na sociedade, era de se esperar que tal fato refletisse também na educação brasileira.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

No correr da história da educação, variou a imagem do professor de acordo com a expectativa sobre o papel por ele assumido em cada sociedade. Essa oscilação vai desde a supervalorização do docente na educação tradicional magistrocêntrica até a extrema não-diretividade, onde sua atuação é sobretudo minimizada. [...] Porém, quaisquer que tenham sido as funções reservadas ao professor e as que lhe caberão, é um truísmo insistir na necessidade de valorizar seu trabalho, [...] preparando-o inclusive para desenvolver uma atividade intelectual e reflexiva, não restrita a funções meramente técnicas. (ARANHA, 2006, p. 299, 300)

O papel desse profissional na contemporaneidade é entendido como o de mediar o conhecimento, uma vez que o aluno obtém a informação, mas precisa do professor que irá oferecer subsídios para que o aprendiz consiga “trabalhar com as informações classificando-as, analisando-as e contextualizando-as”. (PIMENTA, 2002, p. 131 - 132).

Ser professor, assim como ser aluno, implica uma relação de cumplicidade no que se refere ao compromisso com o ato de buscar conhecimentos a respeito do conteúdo a ser ensinado, a respeito dos seres humanos envolvidos nessa relação, seu espaço e momento histórico e a respeito de como realizar e aperfeiçoar, teórica e tecnicamente, tanto o trabalho de ensinar, quanto o trabalho de aprender. (GIOVANNI, 2000, p. 48)

Assim, podemos dizer que o professor, independente do tempo de atuação na carreira docente, será sempre “aluno”, pois nunca deixa de aprender, seja com as situações cotidianas, seja pela necessidade de atualizar-se constantemente buscando assim uma formação continuada. “[...] Este aprendizado constante por parte do professor não deverá cristalizar-se na atitude passiva do eterno repetir, mas deverá constituir-se em base sólida para novos conhecimentos [...]”. (VASCONCELOS, 2000, p. 25.)

Vasconcelos (2000) fala da importância do professor participar de eventos que lhe propiciem condições para que ele consiga a tão exigida atualização. Ela argumenta:

A participação em Simpósios, Congressos, Cursos e Palestras possibilita não só a atualização, como também cria condições e estimula a produção científica do próprio professor, que deveria estar naturalmente interessado em sua educação permanente. (VASCONCELOS, 2000, p. 25)



Se já não era fácil ser professor antes do surgimento da sociedade atual, hoje é ainda mais complexo: o professor precisa acompanhar as mudanças e mudar constantemente, sempre com a clareza de que será cobrado o tempo todo, seja pela sociedade, seja pelo alunado. Ademais, o aluno espera que o professor seja um aliado na construção do saber e não um entrave. O educador, na sua relação com o educando, estimula e ativa o interesse do aluno e orienta o seu esforço individual para aprender, por tais motivos, o professor deve auto avaliar a prática, de modo que o entusiasmo seja um dos motores para se atingir o sucesso esperado, estando sempre aberto para acolher o aluno e sua realidade; sendo flexível para replanejar sempre que necessário, com decisões que levem ao melhor rendimento da turma e que atenda aos objetivos almejados. O professor do novo milênio precisa, antes de tudo, aceitar que os métodos antigos são “antigos”, a globalização transformou o mundo numa vizinhança onde ao menor “clic” em um “mouse” leva a qualquer lugar do planeta onde tudo está acontecendo. E assim, deve estar alicerçados pelos quatro pilares da educação: aprender a ser, a conviver, a fazer e a conhecer.

Visão do Estagiário frente à teoria e prática

Durante o período de observação e contribuição com a escola campo, compreendido entre o mês de maio de 2012 a outubro de 2013, foi possível vivenciar experiências singulares. A vivência do trabalho nos permitiu assimilar vários elementos que foram ensinados teoricamente, podendo distinguir aquilo que precisamos aprender e nos aperfeiçoar. Tornou-se possível identificar deficiências e falhas; perceber a grande dificuldade que os professores e estagiários encontram para estruturar um ensino que apresente características de qualidade e atendam a proposta de bimestralização do currículo, pois por mais que se esforcem para que o seu trabalho seja efetuado com êxito, nem sempre é possível, porque vários fatores influenciam de maneira negativa: a falta de material, as salas muito cheias, cadeiras quebradas, todos esses aspectos dificultam a aprendizagem; fatos esses observados na escola campo. Nesse sentido, as atividades se relacionaram à prática de ensino do professor(a), possibilitando um ensino



compromissado com a realidade vivida pelo aluno. Entretanto, o estágio deve ser genérico a todos os estagiários, pois se muito específico pode ser inibidor da ação criativa do futuro professor.

Em 2012, ano que ocorreu a primeira fase de nosso estágio, as atividades foram realizadas em duas etapas: Observação Didático–Pedagógica Participativa e Semi – Regência, todas em horário extra disciplinares dos acadêmicos, e foram auxiliados pelas professoras orientadoras, Ângela Leonel – Língua Inglesa e, Maria Piedade – Língua Portuguesa.

Já neste ano de 2013, ocorreu a segunda fase de nosso estágio – Regência, sendo que os alunos de fato, foram para a sala de aula como regentes e ministraram aulas, sob monitoria das professoras Maria Piedade – Língua Portuguesa e, Patrícia Lacerda – Língua Inglesa. Foi possível observar que, apesar de uma relação ainda distante entre teoria e prática, a educação atinge o seu resultado final, visto que grande parte dos alunos estagiários colocaram em prática tudo aquilo que fora visto teoricamente, se mostraram comprometidos com a docência e se entregaram de forma aprazível para que a educação acontecesse efetivamente. É de extrema importância elevar a qualidade do ensino brasileiro, pois muitas vezes encontramos de um lado, alunos que se sentem desestimulados em aprender e, por outro, professores descomprometidos com a educação, exaustos com a falta de estímulo, com os baixos salários, sobrecarregados com a árdua jornada de trabalho e outras coisas. Contudo, é necessário repensar a educação e compreender a sua fundamental relevância. E esperamos que por meio de aulas interativas e dinâmicas consigamos despertar nos alunos a vontade de conhecer, aprender mais e formar pesquisadores que vão se aperfeiçoando nos estudos gradativamente, até que se alcancem as melhores oportunidades futuras.

A educação é uma construção, e como tal, significa reflexão, um olhar e uma interpretação. Portanto, a observação da escola campo mostrou-nos as dificuldades dos educadores em trabalharem fazendo da educação um instrumento para formação dos alunos como cidadãos. Percebe-se que muitos professores não conhecem os fatores que dão suporte para a elaboração e alimentação do Projeto Político Pedagógico - PPP -



documento que é norteador para as ações da escola, visando oportunizar o planejamento e execução de suas ações. Além disso, o professor está se esquecendo de seu verdadeiro papel profissional, o qual é ser mediador do saber, fazendo com que seus alunos sejam capazes de defenderem suas próprias ideias. Ainda que essas observações sejam importantes, até para apontarem lacunas que ainda persistem em nosso ensino brasileiro e em sua aplicabilidade em sala de aula, vale destacar que o estágio se apresenta como auxílio metodológico para o futuro docente, no momento em que a justificativa é a comprovação da necessidade de realização e execução do mesmo.

Ao se deparar com a realidade escolar o professor deve saber de suas necessidades e compreender a concepção de escola, ele deve perceber que em muitos aspectos os documentos oficiais ou até os construídos coletivamente no âmbito da instituição têm apresentado falhas. E é nesse ponto que o aluno estagiário está inserido, onde reflete, refrata e se vê como futuro profissional da educação, com autoridade, responsabilidade, decisão e iniciativa, podendo ser ou não mediador do saber.

O planejamento é algo indispensável, o professor deve planejar antes de executar a sua metodologia, não pautando o seu planejamento apenas em livros didáticos, mas em todos os meios tecnológicos, tornando-se um pesquisador, de modo criativo na elaboração da aula, colocando em prática o seu conhecimento. Estabelecer prioridades, limites e escolher o que é melhor para a sua aula e aprendizado do aluno, são caminhos prioritários e essenciais. Antes de qualquer coisa, é imprescindível o registro da construção de saber que o estágio supervisionado tem proporcionado aos participantes, afirmando a construção do sujeito a partir da sua interação com o outro. O professor deve compartilhar seus conhecimentos, colocando nas mãos dos alunos as ferramentas com as quais abrirão novos horizontes, rumo à satisfação plena dos ideais humanos e profissionais. É verdade que às vezes as opiniões podem divergir, mas até neste momento é possível desfrutar do conhecimento e ter a chance de olhar a vida sobre um novo horizonte.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



É indiscutível a importância da competência profissional do professor. Mas quais os elementos que compõem essa competência? Como saber se o professor possui competência profissional? Vasconcelos (2000) fala sobre a competência técnico-científica:

A questão da competência técnico-científica do professor, é preciso marcar a necessidade, absoluta e imprescindível, de manter-se a preocupação com a atualização do docente por parte dele próprio e, principalmente, por parte da Universidade. (VASCONCELOS, 2000, p. 25)

Assim, a atualização ou formação continuada é um dos quesitos fundamentais para a competência profissional, porém não é o único. Vasconcelos continua dizendo que “relacionar teoria e prática é fator de garantia de competência para o exercício do magistério universitário” (VASCONCELOS 2000, p. 26). É necessário, portanto, que o professor consiga construir a ponte que integra os saberes técnico-científicos aos saberes pedagógicos para que assim obtenha a tão exigida competência. Mas isso não é fácil. Com essa citação acima, percebe-se o risco que o professor corre quando não consegue pôr em prática a teoria. O professor deve ter competência profissional e saber aplicar os conhecimentos teóricos acadêmicos na prática da docência. Assim, é necessária a integração dos conhecimentos técnico-científicos, pois o docente precisa ter conhecimento daquilo que está ensinando, domínio do conteúdo, é imprescindível o professor conhecer os saberes necessários para ensinar e aprender e, conseguir transformar o conhecimento científico em conhecimento escolar.

Acerca da aplicação da teoria à prática, os professores saem da faculdade ainda um pouco leigos, pois não têm experiência. Deste modo, o estágio é a oportunidade de assimilar a teoria e a prática, na verdade temos muito mais retenção aprendizagem na prática do que propriamente lendo ou ouvindo. Então, aliar a teoria à prática é pegar o conhecimento anterior que se recebeu na faculdade e complementá-lo, atualizar-se. Essa ponte deve ser feita desde a formação. Portanto, atualmente todos os cursos foram reformulados. Nós chamamos hoje o ensino superior da universidade do século XXI. A universidade do século XXI, nasceu com intuito de apropriar, de proporcionar essa



aproximação de quem está com a informação com a sociedade, e todo formando, desde o primeiro ano, principalmente em uma licenciatura, necessita ter o contato direto com a sociedade. Isso começa pelos projetos de extensão e posteriormente os estágios.

O estágio também propicia essa aproximação, porque se aprende a teoria e por fim consolida com a prática. É preciso que a teoria esteja ligada à prática, pois teoria e prática são consideradas essenciais uma para a outra e para a formação acadêmica, para a fundamentação de conhecimento e a integração de todas as disciplinas, o que chamamos de interdisciplinaridade, e a interdisciplinaridade é essencial.

A teoria é bem bonita, mas a prática é complicada, às vezes para o professor ensinar certas teorias é preciso conhecer a realidade do aluno com o qual irá trabalhar; a sua dificuldade, carência de material, dentre outros fatores. Alguns alunos trazem seus problemas para dentro da sala e o professor tem a oportunidade de mostrar que não é a teoria que é feita para o problema, mas sim o problema é que tem que ser estudado no preceito daquela teoria. Logo, se há um aluno que está com dificuldade de aprender, necessário se faz saber onde está essa dificuldade, e qual o melhor método para esse aluno, qual o melhor autor, o que se pode fazer para melhorar o seu rendimento e aprendizado.

Quando se fala em Prática docente, fala-se também em um dos elementos diretamente ligados à ela que é a arte de ensinar, ou seja, a Didática. Libâneo (2002) argumenta que:

A Didática é uma disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto, no qual os objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula se relacionam entre si de modo a criar as condições e os modos de garantir aos alunos uma aprendizagem significativa. Ela ajuda o professor na direção e orientação das tarefas do ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional. (LIBÂNEO, 2002, p. 5)

Rubem Alves (2002) pontua algumas distinções entre o professor e o educador. Segundo ele, o professor, ainda que esteja trabalhando diretamente com a educação, não tem preocupação tão grande com seu educando como pessoa: trata-se, no entanto, o professor e o aluno, de uma relação puramente profissional, e que, esses profissionais existem ao monte, o contrário do Educador, que se preocupa com questões que vão além



das habilidades técnico-científicas. Essa diferença existente: quando o professor é somente professor, e quando ele passa a ser educador, é um assunto que não vamos aprofundar aqui, todavia, o fato é que “ensino de qualidade afinado com as exigências do mundo contemporâneo é uma questão moral, de convivência e de sobrevivência profissional” (LIBANEO, 2007, p. 50)

Nesse sentido, Brandão (1995) afirma que:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. (p. 9)

É preciso falar da Educação na perspectiva de um elemento “transformador”, pois ela provoca mudanças naqueles que a conhecem. Nota-se que a educação é merecedora de mais atenção e investimentos pelos governantes, que deveriam ver a educação como instrumento de suma importância para o crescimento do cidadão como ser crítico. Embasados nisso, veem-se inúmeras diferenças entre as teorias e práticas. Teorias as quais são pontuadas pelo governo que finge acreditar em uma educação utópica e realidade que se mostra defasada pelo descaso dos gestores.

Entende-se então que mesmo com inúmeros fatores contrários a educação efetiva, o ensino vai caminhando devido ao esforço daqueles profissionais amantes da educação e que ainda acreditam no ofício de educar como prática de mudança para um mundo mais palatável. Podemos concluir pontuando algumas discussões feitas no decorrer do trabalho: o tornar-se professor parte de uma construção contínua; todo dia se coloca um novo tijolo no alicerce, todo dia aprende-se algo novo. Isso deixa claro que o professor, ainda que etimologicamente seja aquele que ensina, sempre será um aprendiz. Os professores têm desafios que encontram em sua atuação, o processo de formação docente, a inclusão da teoria na prática, e os elementos que envolvem na atuação profissional docente de sucesso. Todas essas questões, no entanto, levaram a um único parecer: que o professor altera “transformando”. Que ele, para conseguir a transformação necessária dos alunos no processo de ensino aprendizagem, necessita antes de tudo, transformar-se a si próprio, recriar-se, redescobrir-se, reinventar-se. São



essas necessidades que permitem ao professor possuir o caráter de superação, mesmo em meio às adversidades da profissão. É o próprio professor que se constrói como profissional, com sua pré-disposição em avaliar-se e reavaliar. E é ele também que se constrói como educador, com sua dedicação e a sua entrega no processo educacional.

ANÁLISE

O Estágio permitiu a interação do estagiário com a escola campo. A observação consistiu na análise da estrutura física, pessoal, pedagógica da escola proposta e no período de semi-regência foi trabalhado auxílio ao professor regente em pequenas tarefas, monitoramento, aula de reforço, desenvolvimento de projetos, entre outros. Durante a regência o estagiário mostrou o seu conhecimento, domínio de conteúdo e habilidade na execução e ministração de aulas.

Foi possível perceber o descaso do Governo pela educação. As escolas convivem com problemas pedagógicos, salas de aulas cheias, mídias estragadas e é claro, professores com carga horária elevada e baixíssimos salários. Históricos que vão deixando o trabalho do educador cada vez mais fragilizado, que enfraquece e se torna um trabalho árduo e o reduz a algo sem muita importância.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização do presente trabalho utilizamos a pesquisa de cunho bibliográfico. O estudo foi realizado a partir dos documentos PPe PDE pertencentes à escola e obras de estudiosos da educação, acima referenciados. Os métodos utilizados para essa aplicação foram as análises dos mesmos, com um plano de leitura sistemática, acompanhada de anotações e fichamentos, que foram à nossa fundamentação teórica. De modo que foi possível analisar as dicotomias existentes na escola e assim, pudéssemos chegar a tal resultado.

Com todas as experiências adquiridas ao longo do período de estágio, nota-se que dentre os diversos fatores que se mostram diferentes à teoria, o que nos prendeu a



atenção foi a não presença da família, a falta de planejamento adequado e a descrença por parte de alguns professores. E esses são pontos que afetam a educação de forma estrondosa, pois estão relacionados diretamente com o educador, educando e qualidade social de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Presume-se que o estágio se mostra um fator relevante para a formação dos acadêmicos de Licenciatura Plena em Letras da Unidade de Iporá - (UEG), visto que nesse período muitas dúvidas relacionadas à postura e desenvoltura pedagógica foram sanadas no período de estágio. Em momento de auxílio aos professores em exercício pode-se compreender a dificuldade dos mesmos no planejamento que deve se adequar à clientela. Assim foi possível notar que a jornada do professor se torna árdua, tendo em vista que esse trabalho em ritmo habitual é ainda mais extenso, pois o mestre leva trabalho para casa. Nota-se também que a prática profissional do professor competente parte da reflexão. A reflexão é essencial na atuação docente de qualidade, pois ela garante a eficácia e o envolvimento do profissional no processo de Ensino-Aprendizagem.

Assim, podemos afirmar que o estágio possibilitou uma visão, ainda que limitada, de como lidar com os desafios enfrentados pela educação em que as tecnologias estão cada vez mais presentes e o professor precisa repensar a sua prática pedagógica, propondo um ensino qualitativo em busca da valorização dessa profissão que é capaz de transformar a sociedade.

Conclui-se que o ensino-aprendizagem na escola campo, ainda que prejudicado, mostra-se efetivo, pois proporciona o desenvolvimento e a aprendizagem aos alunos e os profissionais atuantes, em sua maioria, são envoltos pela atmosfera da escola e amantes de profissão que exercem, para tanto, não deixam de desempenhar o seu papel com cuidado e fazer o necessário para que os alunos sejam formados em seres de senso crítico e atuantes na sociedade em geral.



REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Sobre *Jequitibás e Eucaliptos*. In: Conversas com quem gosta de estudar. São Paulo: Edições Asa, 2002.
- ARANHA, Maria Lúcia De Arruda. Filosofia Da Educação. 3. Ed. Rev. Ampl. São Paulo: Moderna, 2006.
- PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS–Ensino Fundamental, Brasília: MEC, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação*. São Paulo: Ática, 1995.
- CUNHA, Maria Isabel: O bom professor e sua prática. Campinas, São Paulo, Papirus, 1989.
- GUARNIERI, Maria Regina. (Org.) *Aprendendo a ensinar*. O caminho nada suave da docência. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996)
- LIBÂNEO, José Carlos. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PIMENTA, Selma Garrido. *De professores, pesquisa e didática*. Campinas: Papirus, 2002.
- VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. A formação do professor de terceiro grau. São Paulo: Pioneira, 1996.



ENSINAR E APRENDER EM SALA DE AULA A PARTIR DA ABORDAGEM COMUNICATIVA

OLIVEIRA, Liz Paula¹; OLIVEIRA, Helismar Alves de Alcantara²

Unidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

liz_paula_oliveira@hotmail.com¹; lindalcantara@bol.com.br²

RESUMO: *este trabalho tem como parte fundamental refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa em sala de aula do ensino médio, através da abordagem comunicativa. Os estudos foram baseados nos aspectos teóricos da abordagem comunicativa e a pesquisa na escola campo, durante a minha vivência enquanto estagiária de língua inglesa ii, no ano de 2013. Desenvolvidos a partir dos métodos utilizados pelo professor de língua inglesa durante a prática em sala de aula que é método tradicional (gramática e tradução), contrastando com a abordagem comunicativa. Pretende-se com esse estudo oferecer algumas sugestões para os professores de língua inglesa, como promover materiais e procedimentos que incentivam o aluno a pensar e interagir na língua- alvo, abrindo espaços para que ele aprenda e sistematize conscientemente aspectos escolhidos da nova língua, os materiais comunicativos incentivam o aluno a expressar aquilo que ele deseja ou de que precisa; no que consiste ao processo de uma língua estrangeira, de forma que nós futuros professores possamos ensinar os alunos não só falar sobre a língua inglesa, mas também a falar essa língua fluentemente. Para a realização desse trabalho tive como pontos principais as reflexões do dia a dia do estágio, os estudos bibliográficos e a pesquisa qualitativa, focada na abordagem comunicativa e tradicional. A pesquisa se deve a partir do problema que neste caso foi detectado como “o que tem levado os professores de língua inglesa a aplicarem de forma escassa a abordagem comunicativa em sala de aula?”; uma vez que eles estão habituados com as aulas tradicionais usando a tradução e a gramática, no qual nos leva a refletir sobre as experiências positivas e negativas dessa duas abordagens. Foi fundamental compreender um pouco das duas distintas abordagens nas quais me pautei para realizar este trabalho, por meio da leitura das obras dos seguintes autores: figueiredo, almeida filho, martinez e mello, e da entrevista realizada com o professor de língua inglesa do ensino médio da escola campo.*

Palavras Chaves: *abordagem; métodos; materiais; experiências.*

INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivos, identificar quais os motivos que levam os professores a utilizar o método tradicional com mais frequência nas aulas; como também tem dificuldades em inserir a abordagem comunicativa de ensino de inglês com os alunos do ensino médio e estimular os professores a utilizar a Abordagem Comunicativa.



A Abordagem Comunicativa surgiu nas décadas de 60 e 70, como características o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre sujeitos na língua estrangeira.

A Abordagem Tradicional tem sido a metodologia mais empregada em toda a história do ensino de língua, e a que mais críticas tem recebido. O objetivo final da Abordagem Tradicional é levar o aluno a apreciar a cultura e literatura da Língua Estrangeira.

Percebe-se que uma das línguas estrangeiras mais utilizadas e prestigiadas pelas Escolas Públicas é a Língua Inglesa, que nos últimos anos vem sendo a língua mais usada em todo o mundo. Como afirma Figueiredo, 1997.

Essa difusão da língua inglesa fez com que ela conquistasse lugar nos currículos escolares, favorecendo assim atributos na aprendizagem escolar da língua mais falada em todo o mundo. Esse idioma ocupa o papel de língua franca, ou seja, língua na qual dois indivíduos linguisticamente diferentes podem se comunicar. (Figueiredo, 1997, p. 6).

Nota-se que os professores atuais devem estar preparados para exercer a função de ensinar uma língua inglesa, utilizando novos meios para favorecer ao aluno um conhecimento amplo e de qualidade, focando em abordagens que objetivam métodos e materiais que tornam o ensino aprendizagem mais aprimorada.

As conclusões feitas diante do tema desse trabalho são as seguintes; os professores de língua inglesa em escolas de ensino médio sentem dificuldades em utilizar uma Abordagem Comunicativa em sala de aula por motivos como a indisciplina e desinteresse dos alunos, que são causados pelos problemas da educação, a escola não oferece recursos suficientes para que a Abordagem Comunicativa aconteça efetivamente. Diante disso acredita-se que o professor possa ter condições de trabalhar a abordagem comunicativa com os alunos, uma vez que os mesmos se sentem motivados com de comunicação.

Percebe-se que o professor utiliza as duas abordagens em sala de aula, mas não tem como se ausentar da Abordagem Tradicional. O receio dos professores em inserir Abordagem Comunicativa nas aulas muitas vezes é devido a indisciplina dos alunos. Pois os alunos já estão acostumados somente com o uso dos métodos quadro e giz utilizados todo o tempo. Nesse sentido percebe-se que os alunos não interessam por outros métodos de aprendizagem e muitas vezes preferem resolver outras atividades de outras disciplinas.

Os alunos opinam que a língua inglesa não irá proporcionar quase nada para o seu futuro profissional, e isso precisa ser mudado. O professor mudaria o seu método de ensino utilizando a Abordagem Comunicativa, mas percebe-se que aulas tradicionais favorece-o



durante a explicação dos conteúdos, tornando o processo de ensino e aprendizagem fácil e concreto, não preocupando com a interação e os trabalhos em grupos, alterando a educação como se fosse algo insignificante.

O professor reconhece que a Abordagem Comunicativa possui vantagens para os conteúdos funcionais dos alunos, e que a Abordagem Tradicional deixa-os desmotivados e ao mesmo tempo não permite que desenvolvam uma visão crítica. Durante as aulas em que o professor utilizou a Abordagem Comunicativa, obteve muito mais sucesso do que o método tradicional.

A Abordagem Comunicativa utilizada em sala de aula traz benefícios mais a gramática é importante para o estudo metalinguístico. Essas afirmações foram feitas a partir de uma entrevista com o professor de língua inglesa do Ensino Médio (A. C), na escola campo.

Percebe-se que as duas abordagens utilizadas pelo professor de língua inglesa trazem vantagens e desvantagens. Como argumenta Mello 2005 que :

A abordagem do professor fundamenta-se em pressupostos sobre o que é a linguagem, o que é aprender línguas e o que é ensinar língua, funcionando como um conjunto de forças, por vezes conflitantes, que orienta e dão forma a ação do professor. (Mello, 2005, p. 22).

Porque não existe uma abordagem que contém só elementos positivos, todo e qualquer método de ensino tem suas dificuldades e barreiras a serem enfrentados, o que o professor deve focar em incorporar o antigo ao novo, e o grau de acomodação irá depender em qual contexto se encontra, da sua experiência em sala de aula e de seu conhecimento. Como afirma Almeida Filho, 1998, p. 42.

Ser comunicativo significa preocupar-se com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da língua estrangeira. Isso implica menor ênfase e maior força para aquilo que abre o aluno a possibilidade de se reconhecer nas práticas do que faz sentido para a sua vida do que faz diferença como pessoa. (Almeida Filho, 1998, pg. 42.).

O professor comunicativo deve ter uma postura correta ser informativo e possuir conhecimento ao ensinar uma língua estrangeira para o aluno, e está preparado para os questionamentos e dúvidas.

É fundamental para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem que os educadores percebam que não devem se acomodar com aulas rotineiras, mas sim buscar



implantar dinâmica e aulas interativas para que os alunos se interessem pela disciplina e possam utilizá-la como algo apreciável

A problemática do assunto deixa algumas questões a serem respondidas, “O que tem levado os professores de língua inglesa a utilizar em pouco a Abordagem Comunicativa em sala de aula”?

A linha de pesquisa se deu a partir da execução do estágio supervisionado nos anos de 2012 e 2013, a partir desse momento surgiu a oportunidade de observar todo o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa aplicada em uma turma do Ensino Médio. Percebeu-se imediatamente a indiferença dos alunos pela disciplina, por falta de incentivo, ou por eles não adquirirem uma percepção de que o mencionado idioma se constitui de tal maneira que é imprescindível atualmente, tanto para a comunicabilidade mundial, como para o acesso ao mercado de trabalho. O respectivo trabalho tem como fundamentação teórica Almeida Filho(1998), Martinez, (1978) e Mello(2005), Figueiredo(1997).

OBJETIVOS

Identificar quais os motivos que levam os professores a utilizar o método tradicional com mais frequência nas aulas, como também ressaltar as dificuldades enfrentadas ao inserir a Abordagem Comunicativa no ensino de inglês para os alunos do ensino médio, buscando melhores resultados durante o processo de ensino aprendizagem de língua inglesa e estimular os professores a utilizar a abordagem comunicativa, tornando os alunos a parte fundamental no processo de ensino aprendizagem, estimulando-os a construir o seu próprio conhecimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização desse trabalho teve-se como pontos principais as reflexões elaboradas por meio dos estudos feitos no cotidiano das aulas de estágio como também as observações e conversas feitas na Escola campo. Ao observar as particularidades do estudo realizado é oportuno caracterizá-la também como pesquisa bibliográfica sendo



que foi elaborada a partir de materiais já publicados como livros, artigos e com materiais disponibilizados na internet.

A construção do artigo partiu da abordagem qualitativa, pois foi trabalhado com dados que não tem capacidade de serem medidos, como por exemplo, situações, atitudes etc.

Para conclusão deste trabalho foi fundamental distinguir sobre as duas distintas abordagens, tanto a Tradicional como a Comunicativa, focando nas metodologias em que cada uma delas propõe para o ensino e aprendizagem dos alunos de Língua Inglesa. E os dados colhidos a partir de uma entrevista com professor de língua inglesa e as observações em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi fundamental distinguir sobre as duas distintas abordagens para realização deste trabalho tais como:

A primeira o Método Tradicional(Gramática e Tradução), cujo surgimento embasa se em meados do século XIII, na época do Renascimento, sendo usada para ensinar Grego e Latim, ele fundamenta em uma relação pedagógica forte e o papel do professor é central, além de constituir um modelo de competência linguística que deve ser imitado(Martinez, 1978,p .65).

A Abordagem Comunicativa a qual foi Intitulada como Comunicativa inicialmente em meados da década de 70, que dispensa ao professor e aos alunos o papel primordial do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, defende a aprendizagem centrada no aluno não só em termos de conteúdo mas, também de técnicas usadas em sala de aula.

O professor deixa de exercer seu papel de autoridade, e passa a assumir o papel de orientador, devendo subordinar seu comportamento às necessidades de aprendizagem dos alunos, mostrando sensibilidade aos seus interesses, conduzindo-os a participação. O aluno torna-se responsável pela sua própria aprendizagem e técnica de trabalho, em



grupo são muito mais corajosos, e para que haja uma maior troca de conhecimento entre os alunos sem a participação direta do professor.

A partir do momento em que o professor utiliza o método comunicativo em sala de aula, a sua postura como profissional educador deixa de ser monótona tornando confiante, proporcionando aos alunos compreensão dos conteúdos aplicados.

Os estudos que estão relacionados a ensinar e aprender a língua inglesa em sala de aula é totalmente constituída de uma filosofia de trabalho, com intuito de orientar e buscar novas ações, e principalmente uma interação entre professor e aluno, é o processo no qual objetiva em construir o aprender e o ensinar uma nova língua, a partir de novas técnicas e matérias. Como aborda Almeida Filho, 2007:

Abordagem é uma filosofia de trabalho, um conjunto de pressupostos explicitados, princípios estabilizados ou mesmo crenças intuitivas quanto à natureza da linguagem humana, de uma língua estrangeira em particular, de aprender e de ensinar línguas, da sala de aula de línguas e de papéis de aluno e professor de uma outra língua. (Almeida Filho, 2007, p.13),

Diante do exposto, a Abordagem Comunicativa foi implantada com o objetivo de atender a todas as expectativas de ensino, visando uma aprendizagem mais eficiente e que fosse compreendida pelos alunos. É importante que os professores entendam que a sala de aula é o lugar adequado para ensinar língua inglesa, a partir do momento em que há uma interação entre o professor /alunos, assim terá maior compreensão durante as atividades.

A Abordagem Comunicativa proporciona aos aprendizes de língua inglesa maior produção dos significados do que das formas gramaticais, a partir do momento em que os professores implantam novas estratégias de ensino. Dessa forma estão incentivando os alunos a pensar e interagir com a língua em estudo, favorecendo espaço para que eles aprendam e sistematicamente tenham conhecimento dos aspectos dessa nova língua.

Os métodos comunicativos têm por objetivo incentivar os alunos a expressarem o que desejam e o que precisam, trabalhar em grupos ou pares é uma nova forma de transmitir conhecimento e gerá-los ao mesmo tempo. Um professor comunicativo em sala de aula como aborda Almeida Filho, 2007, pg. 37 deve “propiciar experiências de



aprender com conteúdos de significação e relevância para a prática e uso da nova língua que o aluno reconhece como experiências válidas de formação e crescimento intelectual”.

A abordagem comunicativa foi implantada com o objetivo de modalizar a todas as expectativas de ensino, visando uma aprendizagem mais eficiente e que fosse compreendida pelos alunos.

Durante a entrevista feita com o docente da escola campo, nota-se que o mesmo conhece a Abordagem Comunicativa, mas prefere utilizar o método tradicional pelo fato de utilizar recursos como quadro e giz, isso traz mais facilidade para o educador e o ensino aprendizagem não se desenvolve como deveria. O uso do quadro e giz é importante, pois quando o professor motiva seus alunos a participarem das aulas, ir no quadro responder as atividades, nota-se que nesse momento uma interação entre alunos e professor, esses recursos devem ser utilizados desde que haja dinâmica e interatividade em sala de aula.

Nota-se que há um desinteresse e uma acomodação por parte dos professores, deixando de ensinar algo prazeroso que para os alunos não passa de aulas sem fundamentos. No momento em que o professor responde que até poderia utilizar uma abordagem mais dinâmica, mas que a indisciplina dos alunos o impede, fica a impressão que os alunos não interessam pelo conteúdo.

A verdade é que as aulas se tornaram rotina e o professor não consegue manter a disciplina dos alunos. O que eles querem está visível, é apenas dinâmica por parte do professor em desenvolver os conteúdos de forma chamativa e de várias formas como músicas, teatro, diálogos, jogos dentre outros. Percebeu-se que estudar uma língua é difícil e com pouca interação o rendimento por parte dos alunos na aprendizagem se torna ainda mais difícil.

Durante as aulas em que o professor utilizou a Abordagem Comunicativa, obteve muito mais sucesso do que o método tradicional, por meio das observações e regência pode-se perceber que os alunos já se habituaram com a Abordagem Tradicional e que não manifestam interesses por essa disciplina, desistindo de aprender algo necessário, que irão precisar no futuro.



É fundamental que todo professor de língua inglesa esteja atento ao utilizar as abordagens durante o processo de aprendizagem dos alunos, porque é partir delas que o aprender e ensinar será bem aplicado e sucedido, pois elas estão ligadas diretamente ou indiretamente no processo de ensino. Isso é que se espera desse trabalho que os professores junto com os diretores possam a cada dia mais buscar utilizar meios de ensino que favorecem a aprendizagem dos alunos e despertem o gosto por uma língua estrangeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da vivência na escola campo percebe-se que desde o início do Estágio Supervisionado, que a Abordagem Comunicativa é pouco utilizada em sala de aula, pois muitos fatores negativos como a indisciplina, o desinteresse pela disciplina, a falta de motivação dos alunos, os recursos oferecido pela escola e o comodismo dos professores impedem aplicar essa abordagem em sala de aula.

Nota-se que as aulas eram ministradas seguindo o método tradicional, no qual o professor solicitava, exigia repetições de frases, verbos. O papel do professor é centralizador em relação aos alunos; e quando o professor leva algo novo para a sala de aula, como jogos materiais impressos com figuras, os alunos se comunicavam mais em inglês.

Observa-se que promover interação entre os alunos, é fundamental que as aulas sejam atrativas, para que assim o rendimento aconteça de forma natural e descontraída, sem pressão por ambas partes. Por meio da realização desse estudo e do estágio, conclui-se que o ensino de língua inglesa ainda está focado nos conceitos tradicionais e o receio em utilizar novos meios de ensino é bastante ampla por parte dos professores, excluindo assim métodos criativos e interativos que favorecem um maior acréscimo no ensino aprendizagem dos alunos.

É fundamental para o ensino de língua inglesa, primeiramente que os professores busquem essa mudança, e não se acomodem mas que se aperfeiçoem e leve aos alunos aulas mais interativas. Como ressalta Almeida Filho, 1998.



E preciso recuperar a capacidade de avaliar o material que se candidata nas prateleiras a substituir o verdadeiro planejamento de cursos que se fundamenta no processo único de prover para cada situação de ensino. Conteúdos e metodologias do material comprado, o processo e o produto de ensino nas escolas resultarão pobres e desestimuladores. (p.40).

Professores que utilizam métodos comunicativos buscam sempre renovar os conteúdos e trabalhar de forma diversificada, focando nas facilidades e dificuldades dos alunos, valorizando as ideias e trabalhando interativamente.

Percebe-se que os professores necessitam de preparos para exercerem a função de educador, estar aptos a mudanças e buscar renovar sempre, melhorando o desempenho dos alunos e vice-versa, desse modo é que o ensinar e aprender será aperfeiçoado de forma positiva, favorecendo e facilitando a todos uma boa maneira de educar.

Assim os futuros formadores da educação precisam ter consciência de que o profissional está sempre em constante mudança, buscando o aperfeiçoamento próprio para que em sala de aula possa transmiti-lo com desenvoltura e conhecimento.

A partir de novos meios de ensino é que terão os poderes ser mais disciplinados e formadores de opinião, toda essa mudança em primeiro lugar dependerá principalmente da comunidade escolar, e isso não se modifica em pouco tempo é necessário que todos trabalhem juntos, só assim surgirá a educação de qualidade em que todos possam orgulhar.

A escola adjunto com os professores tem o papel de buscar implantar novos métodos em sala de aula, é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, pois a evasão e a desistência dos alunos serão evitados, essa mudança só se dá a partir do momento em que a comunidade escolar busca estudar e identificar quais os motivos que tem levado os alunos a não frequentar as aulas.

Desse modo o ensino e aprendizagem será significante tanto para os alunos como para o professor, aperfeiçoando o senso de criticidade e emocional em relação ao que esta barrando a aprendizagem, deixando-os mais motivador para aprender e ensinar.

Outro fator importante que o professor deve portar é ter sempre disposição e um positivismo em relação ao conteúdo e aos alunos, dispondo sempre para novas formas de ensino e ideias, levando a educação para novos caminhos de aprendizagem.



REFERÊNCIAS:

ALMEIDA FILHO, J.C.P. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. 4ª ed. Campinas: Editora Pontes, 2007.

Brasil, Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira / Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FIGUEIREDO, Francisco José de Quaresma. *Aprendendo com os erros*. Editora. UFG, Goiânia, 1997.

MARTINEZ, PIERRE. *Didática de Línguas Estrangeiras*. Tradução: Marcos Marcionilo. Editora Parábola. 1948.

MEC Parâmetros Curriculares Nacionais- Língua Estrangeira Moderna, Brasília, 1999.

MELLO E DALACORTE, Mello, Heloísa Augusta Brita de e Dalacorte Maria Cristina Faria. *A sala de aula de Língua Estrangeira*. Editora UFG. Goiânia, 2005.

PAIVA, VERA LÚCIA MENEZES DE OLIVEIRA(Organizadora). *Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e Experiências*. Campinas, SP :Editora Pontes; Minas Gerais: Departamento de Letras Anglo Germânicas – UFMG, 1996.

SILVEIRA, N.I.M. *Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino*. Macéio- São Paulo: Catavento, 1999.

<https://www.e-revista.unioeste.br>, acesso em 20 de outubro de 2013.

www.multiculturas.com/textos/abord_comunicativa, acesso em 09 de setembro de 2013.

www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article, acesso em 26 de outubro de 2013.



ESTAGIÁRIO, FRENTE À OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

SOUSA, Grênia Rúbia de Jesus¹; LACERDA, Patrícia²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

¹gleniarubia2@hotmail.com; ²patylac@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho teve como principal objetivo conhecer a prática pedagógica dos professores de Inglês das respectivas escolas campo durante o período do estágio supervisionado de língua inglesa. Para fundamentação e suporte teórico da pesquisa, foram utilizadas as contribuições de Shön, (2000), Almeida Filho (1999), Celani, (1996), Perrenoud (2002), PCN, dentre outros, bem como compreender os desafios relativos à prática dos professores da língua Inglesa para o ensino fundamental e médio nas escolas em que foram feitas as observações, pois são temas recorrentes e relevantes nas discussões acadêmicas atuais. Nesta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar a prática pedagógica visando o aprendizado do aluno, a oportunidade de aperfeiçoamento tendo como referências as observações das aulas de língua Inglesa das escolas onde foram realizados os estágios de observação no 3º ano durante o curso de licenciatura plena em Letras. Ressaltando os processos formativos e a atuação docente de professores de Língua Inglesa no ensino básico. Conclui-se que as práticas pedagógicas utilizadas possuem embasamento teórico, e que os professores devem inovar seus conhecimentos frequentemente, contribuindo no desenvolvimento de suas competências.

Palavras-chave: prática-pedagógica; Professor; Inglês.

INTRODUÇÃO

Com este artigo proponho apresentar aspectos relativos à prática pedagógica dos professores de língua inglesa do ensino fundamental e médio da escola-campo, que tem sido desenvolvida visando o aprendizado dos alunos.

Sabemos que é indispensável para a formação de um aluno a aprendizagem de uma língua estrangeira, pois é parte integral do contexto social e pessoal do educando, pois é por meio dessa aquisição que o educando poderá ter um desenvolvimento profissional com inúmeras oportunidades de trabalho em qualquer parte do mundo, bem como o enriquecimento de sua bagagem cultural conhecendo uma segunda língua, a língua inglesa. Pois conclui - se que:



O ensino da LI desempenha um fator de que a aprendizagem de LE “não é só um exercício intelectual de aprendizagem de formas estruturais (...), é sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo”. (BRASIL, MEC, 1998, p. 38)

E por meio dessa aprendizagem podemos destacar a importância que a língua Inglesa tem para os alunos do ensino fundamental e o ensino médio, pois são nessas duas etapas de aprendizado que o educando tem os primeiros contatos com a língua-alvo por intermédio de sua língua materna e com isso os professores buscam promover um ensino adequado e necessário para desenvolver um aprendizado eficaz.

Os educadores do sistema educacional do Ensino Fundamental e o Ensino Médio das escolas em observação estão adaptando em suas práticas pedagógicas, as novas leis propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, e em questão no ensino da língua para um melhor desempenho de sua função e assim favorecer o aprendizado dos alunos e sua permanência na escola e pelo futuro desenvolvimento profissional, conjecturando um futuro promissório no desenvolvimento intelectual e do pensamento crítico do então aluno aprendiz e futuro cidadão consciente de seu papel na sociedade.

Percebe-se uma necessidade constante dos professores em adaptar-se às novas metodologias na prática pedagógica nos dois níveis de formação tanto ensino fundamental quanto ensino médio para fortalecer o aprendizado das atividades desenvolvidas no ambiente escolar também, enfatizar que é necessário para o aluno fazer com que esse ensino não se torne superficial e monótono, ou seja, o professor tem que conscientizar seus alunos de que a Língua Inglesa sempre fará parte de toda a sua vida dentro e fora do ambiente escolar.

Mediante as necessidades de melhoria da qualidade do ensino e outras que se fizerem necessárias para a democratização da aprendizagem da língua-alvo os professores tem buscado uma reorientação curricular nos documentos que norteiam a educação de suas práticas pedagógicas, quanto ao desenvolvimento das aulas, e a elaboração de outros materiais didáticos.

Percebe-se que os professores questionam o desenvolvimento acelerado que ocorre a sua volta, onde o desenvolvimento e as mudanças estão ocorrendo em questões de minutos, provocando um desgaste das ações desempenhadas para o aperfeiçoamento



do ensino, colocando a sala de aula como um espaço de pouca relevância para a concretização do conhecimento, pois é requisito primordial a vivência social para a busca do conhecimento.

Os professores utilizam como auxílio de forma dinâmica e objetiva o conhecimento e a informação que a tecnologia possibilita para o aprendizado da língua Inglesa, que através dos meios tecnológicos no ensino da língua-alvo, irá promover um aprendizado mais amplo e sustentável na aquisição do repertório vocabular, pois são fatos incontestáveis para o aperfeiçoamento do cidadão no contexto social e cultural, aprimorando as estratégias de acordo com as necessidades adquiridas pelos educandos de acordo com os vários níveis de dificuldades. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, o ensino deve vincular com o meio social e cultural em que o educando está inserido para melhor preencher as necessidades obtidas por Eles mesmos.

A partir das observações feitas durante o período do estágio nas escolas nota-se que a prática pedagógica dos professores regentes está sustentada em uma base sólida e é um instrumento importantíssimo no desempenho das aulas, pois tem a função de contribuir para que todos os educandos tenham acesso a um conhecimento que lhes possibilitem serem incluídos como cidadãos pensantes e críticos no mundo do trabalho, nas relações sociais e culturais.

É evidenciado que a busca pelo conhecimento de uma nova língua não tem sido o objetivo principal dos alunos em sala de aula, pois a sociedade tem proporcionado diversas formas de aquisição da língua de maneira eficaz. Entretanto, é necessário que a escola reveja suas ações da prática educativa pedagógica aprimorando os conceitos didático-metodológicos a realidade do contexto escolar da nossa sociedade de forma a adaptar sua postura pedagógica ao momento presente traçando os conhecimentos ideais para direcionar as ações projetadas de um saber concreto.

OBJETIVOS



Nossos estudos destinam a analisar as observações da prática pedagógica dos professores durante o período do estágio supervisionado do ensino fundamental e Médio, e através dessas observações crítica reflexiva poderá auxiliar-nos a desenvolverem uma prática pedagógica bem-sucedida em nossa jornada pedagógica. Temos como objetivo observar e discutir a dimensão da prática no ambiente escolar nas instituições de ensino, bem como caracterizar as diferentes abordagens pedagógicas relacionadas ao processo ensino/aprendizagem da língua Inglesa. Como afirma Schön (2000).

[...] é possível através da observação e da reflexão sobre nossas ações, fazermos uma descrição do saber tácito que está implícito nelas. Nossas descrições serão de diferentes tipos, dependendo de nossos propósitos e das linguagens disponíveis para essas descrições. Podemos fazer referência, por exemplo, às sequências de operações e procedimentos que executamos; aos indícios que observamos e às regras que seguimos; ou os valores, às estratégias e aos pressupostos que formam nossas "teorias da ação". (SCHÖN, 2000, p. 31)

Sabemos que a prática pedagógica tem como objetivo a formação do aluno e o desenvolvimento de suas atividades, bem como a relação de sua conduta na sociedade em geral, promovendo a aquisição de regras e habilidades que fundamenta a nossa diversidade social e cultural. Para os professores a prática pedagógica bem direcionada está embasada no rendimento positivo do aluno, bem como suas atribuições concretas ao desenvolvimento e na materialidade de sua práxis.

Percebe-se que a reflexão da prática docente não é uma tarefa muito fácil, ainda mais se tratando de uma reflexão crítica que está estruturada no desenvolver de suas estratégias, pois é acima de tudo uma forma de repensar suas metodologias, de transformar sua vivência em sala de aula, de acordo com os desafios enfrentados. Olhando por esse lado observamos que o professor deve estar aberto a novos questionamentos, sendo capazes de repensar sua prática rotineira que não está promovendo o ensino adequado.

[...] A reflexão-na-ação tem uma função crítica, questionando a estrutura de pressupostos do ato de conhecer-na-ação. Pensamos criticamente sobre o pensamento que nos levou a essa situação difícil ou essa oportunidade e



podemos, neste processo, reestruturar as estratégias de ação, as compreensões dos fenômenos ou as formas de conceber os problemas. (SHÖN, 2000, p. 33)

Nesse sentido a reflexão sobre a ação, apresenta um sentido importantíssimo, pois provoca no professor, uma análise da pratica desenvolvida, procurando despertar nele uma retrospectiva para uma melhor compreensão em lidar com as situações vividas no ambiente escolar para não cometer os mesmos erros repentinamente, promovendo de forma ampla a capacidade critica de reformular dentro das estratégias a resolução dos problemas mediante o desenvolver de suas metodologias.

MATERIAIS E METODOS

Quanto aos procedimentos adotados na produção do trabalho, foram observações em salas de aula do ensino fundamental e médio durante o Estágio Supervisionado de Língua Inglesa do 3º e 4º ano do curso de Letras. Leitura de documentos como Projeto Político Pedagógico da escola-campo, PCN e alguns teóricos que fundamentam a temática. Os dados obtidos foram organizados a partir dos diferentes aspectos da prática pedagógica: objetivos, planos de aulas, metodologias, avaliação, conteúdos, e relação entre professor e aluno, observando-se que os dados obtidos por meio dos diálogos e dos planos de aulas possibilitam conhecer o discurso do professor e que, por meio das observações, pode-se ter acesso à prática pedagógica utilizada dos professores em observação.

Utilizamos as observações vivenciadas nos encontros coletivos, conselho de classe onde os professores declararam elaborar o planejamento anual de forma coletiva com os outros professores da mesma turma e indicaram como referencial as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Para a elaboração dos planos os professores se baseiam também no interesse e na vida cotidiana dos alunos utilizando revistas, livros didáticos, jornais, tecnologia que despertam a criticidade dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



Os professores de língua inglesa da escola campo desenvolvem suas práticas pedagógicas, principalmente, com aulas expositivas através da leitura de textos. Para uma melhor compreensão dos textos, as traduções são inevitáveis e são elaboradas a partir de uma lista de palavras tidas como desconhecidas pelos alunos e que são traduzidas no diálogo professor/aluno, gestos e informações do professor. Práticas estas que facilitam a descoberta do sentido das palavras em língua portuguesa. Após o entendimento do texto, continua-se a discussão com vistas à compreensão e interpretação textual.

Percebe-se também a preocupação dos professores em utilizar uma metodologia visando à relação social e a conversação entre as línguas, pois essas averiguações fazem parte das inquietações e faz com que os professores valorizem mais a busca frequente de materiais pedagógicos que leva os professores a desenvolverem a abordagem comunicativa da língua.

A abordagem comunicativa, e aquela que, conforme Almeida Filho (2002, p. 47) “organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a L-alvo (língua-alvo) para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua”, ou seja, uma abordagem dinâmica e ao mesmo tempo teórica e prática. O certo é que não existe um método ideal, até porque a eficiência depende do objetivo principal do aluno ao aprender uma nova língua.

Sabemos que o objetivo da prática pedagógica é proporcionar ao professor um desenvolvimento educacional bem sucedido, garantindo ao professor a confiança em suas ações buscando algo novo para sua prática. É notório saber que é na escola que o indivíduo começa a obter as suas primeiras fases de aprendizado, sendo eles positivos ou negativos, onde será por meio do ambiente em que ele está inserido que delimitará o seu aprendizado.

É nesse sentido que o educador deve estar bem preparado para promover o ensino adequado aos vários tipos de personalidades dos educandos, pondo em prática todo o seu aprendizado durante sua formação, pois através de um único atuar pode fazer toda a diferença na vida do educando, promovendo o crescimento adequado em seus alunos.

Os Docentes utilizam uma prática pedagógica com trabalhos diversificados, que minimizam uma grande parte dos problemas de aprendizagem de seus alunos, mesmo tendo uma sala repleta de alunos heterogêneos, sem promover discriminação em termos de conhecimento. Outro ponto é promover a interação entre os alunos, porque um estimula o outro nas atividades em sala de aula, pois alguns alunos aprendem com mais rapidez e outros mais devagar, pois os estudantes que tem o ritmo mais acelerado podem ajudar os mais lentos. Como resposta a essa necessidade, Celani (1997a, p. 160) destaca que é hora de se:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

Refletir cuidadosamente sobre a razão mesma de nosso trabalho: o aluno, aqui, o aluno brasileiro. É para ele que estamos ensinando a língua estrangeira, no Brasil. Devemos, portanto, levar em conta suas necessidades, seus desejos, o uso que poderá fazer da língua como instrumento de trabalho ou de estudo.

Observa-se também na prática pedagógica dos professores a relação entre teoria e prática, através de trabalhos desenvolvidos pelos professores em sala de aula estimulando a criatividade dos alunos em busca do aprendizado da língua inglesa promovendo a interação da aprendizagem da língua, com o meio social. Isso ocorreu através dos ensinamentos realizados em sala de aula passando através dos respectivos trabalhos confeccionados pelos próprios alunos, ou seja, uma relação importantíssima entre a teoria estudada em sala e a prática realizada em forma de trabalhos expositivos para eventos na própria escola e consecutivamente abertos a sociedade em geral, promovendo assim a interação do aluno e o seu respectivo desenvolvimento em benefício de seu aprendizado.

Percebe-se no ambiente escolar um processo de contextualização das aulas na introdução do conteúdo por meio de uma situação problematização que evidencia o contexto da teoria e a prática, compatíveis com as situações vivenciadas pelos alunos no ambiente social que possuem elementos significativos ao conteúdo ensinado. Pois, contextualizar é provocar no aluno a necessidade de se envolver com o tema em estudo, é uma forma de abordar o conteúdo ou mesmo situar tal fato no tempo e no espaço, do universo em que o aluno está envolvido discutindo sobre a situação criada através do conteúdo proposto.

Contextualizar o conteúdo que se quer aprendido significa, em primeiro lugar, assumir que todo conhecimento envolve uma relação entre sujeito e objeto (...). O tratamento contextualizado do conhecimento é o recurso que a escola tem para retirar o aluno da condição de espectador passivo (BRASIL, MEC, 1998, P. 64)

Os educadores utilizam como requisito o auxílio dos temas transversais para trabalhar os conteúdos sistemáticos em sala de aula, através desta forma os alunos possuem um maior interesse pelas aulas ministradas no ensino da língua, pois é parte



integrante da grade curricular o desenvolvimento das aulas com temas sugestivos que tem feito parte da vida social dos alunos, bem como as musicas que se destacam entre os jovens os filmes e vários outros temas que despertam o interesse pelos alunos nessa faixa etária de aprendizado em que estão, seja tanto ensino fundamental quanto ensino médio, vale ressaltar que o professor deve-se, levar em consideração a opinião de cada educando para então assim escolher a opção certa, o que mais os interessam, para promover um maior desempenho no ensino/aprendizado.

Ao seleccionar os conteúdos da série em que irá trabalhar, o professor precisa analisar os textos, verificar como são abordados os assuntos para enriquecê-los com sua própria contribuição e a dos alunos, comparando o que se afirma com fatos, problemas, realidades da vivência real dos alunos (...) (Libâneo, 1990, P. 33)

Há também a necessidade de utilizar varias estratégias para que todos tenham atenção do docente tais como: fazer exposições para a turma como um todo, formar grupos de colegas para trabalho coletivo, realizar o atendimento individualizado para todos os que precisarem e para isso o professor deve-se ter um bom controle de sala e também um ótimo desenvolvimento das aulas.

Percebe-se que as ações dos professores podem direcionar o desenvolvimento dos alunos na trajetória escolar, pois alguns fatos leva o professor a valorizar uns mais que outros; a ser mais gentis com uns e rigorosos com outros e também a se sentirem mais motivados com alguns e desmotivados com outros.

Portanto a dificuldade dos professores em desenvolverem suas práticas pedagógicas está na quantidade de alunos em uma mesma sala, pois cada aluno possui uma necessidade individualizada, e isso os deixam transtornados pela falta de tempo e não tem como atendê-los individualmente, pois o contato mais próximo possibilita conhecer melhor cada aluno, suas características, suas dificuldades e dúvidas. Percebe-se que o ensino da língua no âmbito educacional tem sofrido inúmeras divergências como falta de materiais didáticos propícios, carga horária insuficiente, falta de interesse dos alunos entre outras, mas isso não tem deixado o empenho dos professores em sua prática pedagógica.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das observações do desenvolvimento da prática pedagógica dos professores de língua inglesa consideramos que o professor atual assume desafios a serem vencidos com relação à aprendizagem dos seus alunos, apesar das dificuldades cotidianas.

Observamos, por meio das atuações dos professores, diferenciadas representações sobre o PCN apontamos alguns temas que os professores utilizam em suas práticas pedagógicas tais como: a origem da língua, por que surgiu a língua, os temas transversais que estão “incorporados na nova Proposta dos Parâmetros Curriculares do ensino Médio”.

Um conhecimento só é pleno se for mobilizado em situações diferentes daquelas que serviram para lhe dar origem. Para que sejam transferíveis a novas situações e generalizadas, os conhecimentos devem ser descontextualizados, para serem novamente contextualizados em outras situações (BRASIL, MEC, 1998, P. 77)

Apesar dos professores em observação, terem sua formação tradicional, sendo assim suas aulas. Mas demonstram ter conhecimento sobre o documento que aponta as diretrizes para o seu trabalho curricular, e assim tem lidado com a diversidade constitutiva de sujeitos e suas respectivas linguagens, onde os PCN propõem, acima de tudo, um ensino que vise ao desenvolvimento e o sucesso do aluno dentro da sua necessidade de atuação.

A prática pedagógica desafia o professor a buscar sempre investir em sua formação profissional e com isso, o professor descobre que não precisa ter medo das transformações. Pois é passando e enfrentando os conflitos que ele constrói, reconstrói sua prática pedagógica adquirindo o conhecimento e o amadurecimento do seu papel como mediador, formador no contexto de uma prática que deve se configurar como uma práxis social mais justa e mais solidária.

Sabe-se que o processo do ensino de uma língua estrangeira, não se dá através de formulas a serem seguidas como algo inacabado, e que todos os professores tem metas a serem atingidas, como alvo do objetivo a ser alcançado. Mas que é dever de



todos da sociedade, da escola, da família e dos professores e alunos para se chegar ao destino exato do sucesso e que um está direta ou indiretamente ligado ao outro. É importante que os educadores tenham em mente que a informação e o conhecimento é feita através da construção coletiva dos indivíduos.

Mediante as observações da prática pedagógica dos professores da escola campo percebe-se que a perspectiva dos docentes está em facilitar a aprendizagem da língua inglesa e incentivá-los pelo gosto pela escola e as atividades desenvolvidas, promovendo o contato teórico e prático da disciplina com o educando, propor atividades que despertem o interesse do aluno, cativar e conhecer a realidade do aluno e o contexto do qual faz parte, mediante a interação, produzir ou construir conhecimentos.

Portanto entende-se que a prática pedagógica bem direcionada exige uma modificação da prática do professor diante os desafios existentes em sala de aula. É preciso refletir sobre a produção do conhecimento, no agir pedagógico mediante a heterogeneidade de indivíduos que compõem o mesmo ambiente educacional.

REFERÊNCIAS:

- PEDAGÓGICO. **Projeto Politico**. Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima. Iporá/GO, novembro 2011.
- BRASIL–PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS–Ensino Fundamental, Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Ensino Médio, Brasília: MEC, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CELANI, Maria A. A. **A integração Político-Econômica do Final do Milênio e o Ensino de Língua(s) Estrangeira(s)** no 1.º e 2.º Graus. Boletim da Abralín, vol. 18, p. 20-35, 1996.
- PERRENOUD, Phillipe. **A prática reflexiva no ofício de professor**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de **O Professor de Língua Estrangeira em Formação**. Campinas: Pontes, 1999.

SHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.



ESTÁGIO: DIAGNÓSTICO CRÍTICO-REFLEXIVO DA ATUAÇÃO PEDAGÓGICA

Régia Silvia Rezende Vaz¹; LACERDA, Patrícia²
Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Iporá
¹regiarezende@yahoo.com.br; ²patylac@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade a análise didático-pedagógica, tendo em vista as etapas de Observação da Semi-regência e Regência do Estágio Supervisionado de Língua Inglesa. A partir das observações efetuadas na escola-campo foi realizada uma intervenção reflexiva, que possibilitou o desenvolvimento de um diagnóstico crítico sobre a atuação docente, bem como o cotidiano escolar. O contato com o âmbito educacional proporcionou a confrontação teórico-prática, além da problematização da realidade das instituições de ensino. Portanto, o estágio caracteriza-se como etapa fundamental que possibilita a formação de educadores reflexivos que aliem seus conhecimentos teóricos junto à prática educacional, visando a inserção de competências necessárias ao processo pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio; Educação; Regência.

INTRODUÇÃO

O presente artigo surgiu a partir da experiência do Estágio Supervisionado de Língua Inglesa, realizado inicialmente no 3º ano do Curso de Letras, com as etapas de Observação e Semi-regência e Regência, em que os estagiários conheceram as disposições das escolas-campo de Ensino Médio e Ensino Fundamental.

Portanto, esse trabalho objetivou a análise crítica e reflexiva acerca das observações e dos dados coletados nas escolas-campo. Ademais, o estágio foi uma etapa fundamental nos cursos de licenciatura, pois proporcionou o contato com o cotidiano pedagógico e é referência na aquisição de valores e princípios por parte dos estagiários. Esse momento visou à formação de habilidades profissionais, a reflexão sobre o ensino, além disso, promoveu a interação dos estagiários com a realidade na qual atuarão. A partir dessa perspectiva Buriolla (2003) relata que essa etapa de estágio é uma espécie de “campo de treinamento” onde o acadêmico irá adquirir uma identidade profissional própria, mas mutável. Assim, esse processo possibilitou a formação do comportamento ético, do compromisso como profissional responsável e interventor de determinada realidade.



Com isso, o estágio abrangeu um momento de análise sobre a atuação pedagógica, visando amenizar as problemáticas do sistema educacional e capacitando os estagiários para a prática do magistério. A partir das observações efetuadas nas escolas-campo foi realizada uma intervenção reflexiva, que possibilitou o desenvolvimento de um diagnóstico crítico sobre a atuação docente, bem como o cotidiano escolar. O contato com o âmbito educacional proporcionou a confrontação teórico-prática, além da problematização da realidade das instituições de ensino.

Análise por meio da coleta de dados e Semi-regência

Logo, foram aplicados alguns questionários à direção, aos docentes e alunos, a fim de coletar dados referentes ao processo de ensino e aprendizagem, bem como do trabalho pedagógico realizado pelos agentes educacionais. Com isso, foi possível conhecer algumas problemáticas das instituições como a falta de infraestrutura, os níveis de evasão e reprovação, dentre outros aspectos como o recebimento de verbas e suas respectivas destinações.

Consecutivamente, efetuou-se a etapa de Semi-regência, que abrangeu a análise do início ao término do dia letivo, a observação do cotidiano escolar e de algumas aulas. Essa fase permitiu o estreito contato com a rotina educacional, acrescentando novos conhecimentos quanto ao desenvolvimento pedagógico das escolas. Com a observação do cotidiano escolar, foi possível fazer um diagnóstico reflexivo sobre o processo educacional, o que acrescentou significativamente na aquisição de competências profissionais. Assim, segundo Ibernón (2001, pág. 39): “O eixo fundamental do currículo de formação do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e a docência.”

Portanto, elementos como: indisciplina, problemas estruturais, salas excessivamente lotadas, falta de ventiladores e recursos didáticos, foram facilmente notados e inferiorizam o ensino. Tais fatores levaram docentes, alunos e demais



funcionários a desmotivação e a depreciação do trabalho pedagógico, o que influenciou significativamente no desenvolvimento das atividades escolares.

O papel do educador perante as atividades desenvolvidas na escola

Os estagiários também participaram da organização e realização de eventos sócio-culturais promovidos pelas instituições de ensino, o que foi de grande valia no reconhecimento do papel dos educadores perante o desenvolvimento de eventos e projetos. Consecutivamente, houve a seleção e preparação de material didático, em que os acadêmicos confeccionaram um jogo pedagógico de Língua Inglesa, compatível com o conteúdo ministrado pela professora regente. Tais jogos foram aplicados em turmas de Ensino Fundamental, o que surtiu um ótimo resultado, pois os discentes demonstraram-se interessados no conteúdo que foi exposto de forma lúdica, e que proporcionou uma aprendizagem dinâmica e interativa.

Com isso, a observação das escolas-campo e as atividades realizadas nas mesmas abrangeram uma ação social e interventiva embasada na reflexão sobre as reais necessidades do meio educacional.

ParaBuriolla(2003),

A questão da influência das instituições Campos de Estágio, na formação profissional do aluno, e o questionamento dos fundamentos, em que se apoiam essas influências, são aspectos dialeticamente interdependentes, sofrendo determinações análogas das Universidades, que devem levar o professor, o aluno, o supervisor a um processo de reflexão constante, considerando a realidade em movimento e a sociedade em processo de transformação. (BURIOLLA, 2003. Pág. 38).

O Estágio Supervisionado proporciona a formação e o desenvolvimento de habilidades necessárias ao ato pedagógico. A análise das ações permite a compreensão do trabalho docente, propiciando assim, maior conhecimento sobre o âmbito educacional, como afirma Roesch (1996, *apud* IBERNÓN, 2001, pág. 18): “O estágio curricular não é simplesmente uma experiência prática vivida pelo aluno, mas uma oportunidade para refletir, sistematizar e testar conhecimentos teóricos”.



Essas experiências oportunizam aos estagiários a participação no processo educacional das instituições e o trabalho direto com os educandos, a partir de novas estratégias de ensino.

Para Kulcsar(2002),

Não encarar o estágio como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, desvalorizando-o. Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, possibilitando a troca de serviços e de mesmo de possibilidades abertas para mudanças. (KULCSAR, 1994 *apud* BIANCHI, 2002, pág. 28)

Com isso, o Estágio Supervisionado causa um impacto positivo e modificador na realidade das escolas-campos, colocando em prática metodologias diversificadas e inovadoras no processo ensino-aprendizagem.

Outra etapa relevante no processo de Semi-regência foi a participação de uma Reunião de Professores, Trabalho Coletivo ou Conselho de Classe, o que possibilitou ao estagiário o estreito contato com as responsabilidades docentes e a importância das mesmas para uma efetiva atuação educacional.

Observação e análise das aulas ministradas

Em contrapartida, com a observação das aulas ministradas pelas professoras regentes, pode-se concluir que existe pouca interação entre alunos e docentes, uma vez que tal fator seja de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem. Com esse pressuposto Vygotsky (1984) destaca a importância das interações sociais para a construção de conhecimentos e Wallon (1951) defende sua Teoria da Afetividade e o processo interacional como precursores na formação de capacidades cognitivas.

Para Wallon (1951),

Jamais pude dissociar o biológico e o social, não porque o creia redutíveis entre si, mas porque eles me parecem tão estreitamente complementares, desde o nascimento, que a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas relações recíprocas. (WALLON, 1951)



Portanto, é imprescindível que os docentes percebam a importância dos fatores sócio-interacionais para a formação de competências cognitivas, uma vez que os mesmos estejam totalmente interligados.

Estudo dos documentos que norteiam o trabalho pedagógico nas escolas

Em contrapartida, realizou-se estudos sobre os diversos documentos que norteiam o trabalho pedagógico dos estabelecimentos de ensino, bem como o Projeto Político Pedagógico (PPP); Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) e Regimento Escolar. Ademais, também analisou-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em nível médio e fundamental, sendo que foi realizada uma análise na forma de um quadro comparativo sobre o que prega o documento e o que foi observado nas escolas-campo. Com isso, foi possível notar que muitos aspectos são divergentes e que nem todos os parâmetros expostos condizem com a realidade das instituições educacionais. Esses estudos contribuem no processo investigativo acerca do trabalho e pretensões das escolas, assim como o direcionamento para o exercício profissional.

De acordo com Pimenta (2006, pág. 93) a prática não fala por si mesma. Exige uma relação teórica com ela. A prática não existe sem um mínimo de ingredientes teóricos ou seja, teoria e prática são indissociáveis como práxis. Portanto, a partir dos conhecimentos técnicos apreendidos na Universidade, os estagiários têm a oportunidade de associá-los a realidade do ato docente. Ambos os aspectos são imprescindíveis e interligados, pois são os fundamentos teóricos que dão embasamento a prática educacional, sendo que o educador deve estar sempre recorrendo aos mesmos com o intuito de garantir um trabalho de qualidade, compreender e amenizar as diversas problemáticas do cotidiano escolar.

Regência: o contato direto com a realidade escolar

No 4º ano do Curso de Letras com a etapa de Regência, os acadêmicos colocaram em prática as teorias aprendidas. Primeiramente, foi desenvolvido um Projeto



de Intervenção Pedagógica, sobre um conteúdo demarcado pela professora regente. Esse projeto conteve os planos de aulas, as atividades e textos a serem trabalhados. Contudo, antes da execução do mesmo, foi feita sua exposição aos acadêmicos da UEG, a fim de aderir novas sugestões e possibilidades de trabalho, e foram agendados encontros com a professora orientadora para o apoio e o direcionamento das atividades a serem desenvolvidas.

Análise do trabalho realizado na escola-campo de Ensino Fundamental

Após as modificações necessárias do Projeto, o mesmo foi aplicado na sala do 9º ano da escola de Ensino Fundamental. Tal ato consistiu no efetivo trabalho docente e foi realizado sobre o monitoramento da professora regente e da orientadora de Estágio supervisionado, as quais estiveram presentes para realizarem a avaliação da aula. Desse modo, foi possível compreender como é o trabalho educacional e perceber os problemas que os professores enfrentam no dia-a-dia. Logo, foi observado que os discentes eram distintos, pois alguns demonstravam maior interesse quanto o conteúdo e a execução das atividades propostas e outros eram totalmente alheios a aprendizagem. Um fator exaustivo foi basicamente o desinteresse dos estudantes, que de certa forma inferiorizam o trabalho do professor com diversas atitudes indisciplinadas. Entretanto, esse aspecto pode ser justificado pela quantidade de aulas para determinado conteúdo, o que tornou o mesmo cansativo para os alunos.

Inicialmente, o conteúdo exposto foi “*Cartões postais*”, sendo que o mesmo é de fácil compreensão, mas, mesmo assim, os discentes demonstraram certa dificuldade em assimilar as regras de inglês no momento da resolução de alguns exercícios. Foi apresentado aos alunos cartões postais de nossa cidade e solicitado que os alunos preenchessem em português simulando o envio do mesmo para alguém conhecido, e foram apresentados modelos de cartões postais de outros países e preenchidos em inglês. Também foram trabalhados alguns textos curtos que foram lidos pela professora e logo realizou-se a compreensão dos mesmos, juntamente com as atividades de interpretação. Outro elemento utilizado foi a realização de uma dinâmica para a



verificação da aprendizagem, na qual a sala foi dividida em duplas, com o intuito de produzirem cartões postais com figuras previamente solicitadas e sendo todo preenchido em inglês. Com isso, notou-se que muitos alunos entenderam o conteúdo, e como gratificação, receberam bombons. Assim, uso de dinâmicas em sala é satisfatório, pois promove interação entre os discentes e contribui no aprendizado. Mas, esse trunfo deve estar sempre assimilado a determinado objetivo e nunca pode perder o foco que é a adequação e entendimento de determinado assunto.

Nesse Projeto de Intervenção como estagiária do 3º ano houve o trabalho com o gênero textual Histórias em Quadrinhos em Língua Inglesa. Foi escolhida uma história da Turma da Mônica que tinha como tema o futuro de Cebolinha sobre a visão de uma Cartomante que fazia revelações inusitadas, que de fato realmente aconteceram. Logo, o texto foi lido em Língua Estrangeira, houve posteriormente a interpretação do mesmo por meio das imagens, e consecutivamente foi realizada a tradução coletiva. Depois os alunos fizeram, sobre o auxílio e monitoramento da professora, uma atividade que consistia na produção de uma curta história em quadrinhos. Ademais, foram entregues materiais impressos com algumas gravuras da Turma da Mônica e foi solicitado que fizessem pequenos textos sobre o que os personagens iriam fazer no fim de semana. E todos os exercícios passaram por correção.

Para finalizar a execução do Projeto, foi feita uma avaliação individual sobre o conteúdo com o valor de 3,0 pontos que seriam integrados a nota final. Assim, observou-se que os alunos conseguiram entender o conteúdo, e mesmo aqueles que não demonstravam interesse durante as aulas tiveram um bom desempenho. Embora com as dificuldades apresentadas, o trabalho com a série teve um bom resultado final. Os objetivos foram parcialmente alcançados, pois no decorrer das aulas surgiam imprevistos, que de certa forma atrapalhavam o desempenho docente.

Afinal, a execução desse trabalho no Ensino Fundamental abrangeu um planejamento detalhado e devidamente revisado, o que contribuiu satisfatoriamente para sua efetividade. Sendo assim, o que mais atrapalhou o bom andamento das aulas foi a indisciplina. Muitos alunos não se preocupavam em participar das aulas e nem sequer esclareciam dúvidas quanto ao conteúdo, uma vez que durante a resolução dos



exercícios constatou-se que havia diversas indecisões. Logo, alguns estudantes possuíam atitudes desrespeitosas que denegriam com a postura docente e demonstravam certa agressividade no momento em que a professora chamava a atenção dos mesmos. A inquietude foi outro problema que atrapalhou o desenvolvimento da aula, sendo que alguns discentes não permaneciam sentados e quietos, percorriam a sala incomodando os demais colegas e pediam incessantemente para ir ao banheiro, embora muitos saiam sem permissão. No entanto, é necessário entender que a indisciplina pode estar associada a fatores externos à escola, mas também pode envolver a conduta do educador e sua prática pedagógica. Outro fator que pode “justificar” tal ato são os problemas sociais e principalmente familiares uma vez que os discentes não são homogêneos e possuem diferentes histórias de vida, normalmente ignoradas pela escola.

Com esse pressuposto, surge a questão: A quem deve ser estabelecido o papel de educar – escola ou família?

Para Aquino (1996),

A tarefa de educar, não é responsabilidade da escola, é tarefa da família, que ao docente cabe repassar seus conhecimentos acumulados, ele ainda aponta que a solução pode estar na forma da relação entre professor e aluno, ou seja, a forma que suas relações e vínculos se estabelecem, aponta também que a solução pode estar no desenvolvimento do resgate da moralidade discente através da relação com o conhecimento e que esse conhecimento deve ser construído socialmente, sem rigidez ou autoridade. (AQUINO, 1996, pág. 98)

Portanto, os educadores possuem um grande desafio baseado na conscientizaçãodo seu real papel no âmbito educacional. Certas responsabilidades cabíveis aos pais são descarregadas nas escolas. Logo, o aluno já chega à instituição de ensino sobrecarregado com preocupações e transtornos alheios ao estabelecimento de ensino, que é acometido dramaticamente. Tais aspectos refletem no desempenho escolar e estão totalmente relacionados às atitudes indisciplinares observadas em sala.

Análise do trabalho realizado na escola-campo de Ensino Médio



No Ensino Médio foram ministradas aulas sobre os gêneros Propaganda em Língua Inglesa. O público alvo atendido foram alunos de 1º e 3º ano que se interessaram pelo tema. Inicialmente assistiu-se um comercial em Língua Inglesa de uma refrigerante, estrelado por divas da música americana, e muito conhecido mundialmente. Em sequência uma propaganda em tom cômico e outras mundialmente premiadas. Assim, os alunos analisaram o conteúdo dessa publicidade e observaram a criticidade da mesma. Depois o conteúdo foi exposto através de slides e houve a análise de diversas propagandas, o discurso, o tipo de linguagem, a logomarca, o meio de divulgação, (outdoor, caminhões, sacolas etc.) e outros aspectos relevantes. Foi passado para os alunos o significado das palavras “outdoor e slogan” e na atividade proposta houve a divisão da sala em duplas e a produção de propagandas com um slogan em inglês, o resultado foi muito interessante e convincente. Essa dinâmica possibilitou maior interação entre os estudantes que compreenderam os aspectos necessários no momento de atrair o consumidor. O resultado final foi bom, pois os educandos possuíam um amplo conhecimento em Língua Estrangeira.

Ao final, o desenvolvimento da aula foi satisfatório, pois os discentes possuíam interesse nos gêneros textuais, participaram de todas as propostas e não houve transtornos no decorrer das aulas.

CONCLUSÃO

O Estágio Supervisionado demarca um momento importante para a construção de diversas habilidades necessárias aos docentes. Essa fase na carreira acadêmica é uma preparação para o magistério, que viabiliza a confrontação entre os procedimentos teóricos e a atuação prática. É nesse momento que o estagiário entra em contato com a realidade na qual atuará, observando assim, as diversas situações presentes no cotidiano escolar. O estágio abrange a formação de habilidades profissionais, e a análise crítica e reflexiva acerca do sistema educacional. É por meio dessa etapa que o acadêmico adquire uma complementação profissional dentro do ambiente real de trabalho. Essa espécie de “treinamento” para a docência requer a interpretação da realidade social e



sua influência na educação, afim de minimizar os problemas escolares. Assim, o estagiário pode ser caracterizado como interventor de determinada situação, pois interrompe com um sistema de ensino às vezes tradicionalista e abre espaço para novas metodologias e perspectivas educacionais.

A partir da experiência de estágio foi possível conceber uma nova visão sobre o ensino e as reais necessidades das instituições educacionais. O ato de ensinar abrangeu um campo extenso, pois não existe a mera transmissão de conhecimentos, pois a aprendizagem vai além das atividades realizadas em sala de aula. Logo, entendeu-se que o professor possui inúmeros papéis, sendo que sua função não delimita um ponto específico, mas sim, integra elementos construtores de ideologias baseadas na vivência social.

Com as etapas de Observação, Semi-regência e Regência foram adquiridos resultados significativos que viabilizaram a confrontação teórico-prática, uma vez que utilizou-se os princípios aprendidos na universidade. Esse contato com o cotidiano escolar permite que os estagiários repensem sobre a atuação docente, tendo em vista perspectivas de melhoria, abrangendo a reflexão sobre o campo educacional. Contudo, todas as práticas de observação *in loco* contribuíram com a preparação para o exercício do magistério e o desenvolvimento da futura regência. Contudo, por meio da coleta de informações é viável a construção de um diagnóstico reflexivo que permeia as situações e os conflitos observados no âmbito escolar.

Afinal, o conjunto de atividades desempenhadas anulam uma postura estática por meio das reflexões críticas e fazem com que todos os objetivos sejam alcançados. A análise das ações permite a compreensão do trabalho pedagógico, propiciando maior conhecimento sobre o âmbito educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. “O supervisor, sua relação e seus papéis”. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

BIANCHI, Ana Cecília de Moraes; ALVARENGA, Maria; BIANCHI, Roberto. “Manual de Orientação: estágio supervisionado”. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

DELACORTE, Maria Cristina e MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **A sala de aula de língua estrangeira**. – 2ª edição Revista e Ampliada. Goiânia: Ed. Da UFG, 2005.

IBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional - forma-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo, Editora Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação dos professores – Unidade teórica e prática?**. São Paulo, Editora Cortez, 2006.

AQUINO, Júlio Gropa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas**. 9ª edição São Paulo, Editora Summus, 1996.



LEITURA: UM HÁBITO A SER MOTIVADO EM SALA DE AULA

MAGALHAES; Marília Alves de Oliveira¹; CARDOSO, Maria Piedade Feliciano²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

mariliamagalhaes1@hotmail.com¹; piedadecardoso@terra.com.br²

RESUMO: *Motivar o aluno para a leitura pode melhorar a percepção da realidade e contribuir para a formação do conhecimento que está intrínseco ao hábito de ler. Observa-se que o docente exerce um papel crucial neste processo, uma vez que deve ser um agente transformador, elevando a qualidade da aprendizagem dos discentes e formando um espaço interativo no âmbito de ensino, no qual a leitura não seja mais vista como uma obrigação, mas sim como sinônimo de prazer e de novas possibilidades para se alcançar a efetivação de saberes que são construídos através da leitura.*

Palavras-chave: *Leitura; Motivação; conhecimento.*

INTRODUÇÃO

O hábito da leitura deveria ser cultivado e valorizado pelos alunos, pois é o caminho mais próximo para se obter o conhecimento, entretanto muitos discentes ainda afirmam não gostarem de ler e não dão a devida importância para este hábito, leem apenas por obrigação porque o docente exige a leitura para que posteriormente façam alguma atividade que valerá nota, então mediante a isso fazem a leitura do que é pedido sem se sentirem estimulados e consequentemente esse ato se torna símbolo de repulsa.

Percebe-se que o docente desempenha um papel relevante para a formação de novos hábitos, pois a cobrança às vezes é necessária no âmbito de ensino, entretanto a grande diferença se instaura na forma utilizada pelo professor ao fazer as exigências. A sala de aula deve ser um espaço de descobertas e de aperfeiçoamento intelectual, na qual o professor pode tornar o ensino/aprendizagem mais satisfatório, isso dependerá das metodologias utilizadas, em que se torna crucial a valorização do livro, fazendo dele o seu principal aliado e contribuindo para que este seja sinônimo de prazer e de novas aprendizagens.

Diante disso constatamos que o docente deve propiciar um ambiente motivador, em que o estímulo para a leitura possa ser vivenciado, pois é imprescindível



mediante a pouca prática de leitura que se estabeleçam métodos que reforcem e efetivem essa prática e não seja mais tratada como algo pouco prazeroso. Formar leitores deve ser visto pelos docentes como um desafio, porém um desafio possível, o qual ao final trará benefícios não somente para o meio educacional, mas para a sociedade de modo geral, pois é através da leitura é que se formarão cidadãos críticos e conscientes do papel de transformação perante o meio social.

OBJETIVOS

É devido a necessidade da construção de leitores, e da percepção da importância que o corpo docente exerce socialmente é que se situa o presente trabalho, no qual apresenta abordagens relativas ao ato de ler e tem como principal objetivo demonstrar a importância da função docente, que é o de valorizar e incentivar no meio de ensino o valor da leitura, motivando para que haja a formação de novos leitores.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo é resultado das minhas experiências vividas na escola-campo, enquanto estagiária, em atendimento ao projeto de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, em que a partir das observações e das atuações em sala de aula geraram o interesse em explicitar sobre a importância de o professor estimular o hábito da leitura de forma contínua no meio de ensino.

Para este trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, em que foi possível conhecer por meio de leituras teóricas as abordagens relativas a importância da leitura, a partir de então, foi possível perceber a função docente como um agente mediador do conhecimento, no qual é de suma relevância propiciar aos alunos o gosto pelo ato de ler, pois é através de pequenas práticas diárias que é possível construir um país de leitores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES



O Professor leitor: Um modelo a ser seguido

O professor de língua portuguesa tem uma grande responsabilidade, pois lida diretamente com os mecanismos que envolvem a linguagem e a produção de sentidos e por isso é necessário que sempre esteja atualizado, e para se estimular a leitura nos alunos é indispensável que primeiramente o docente faça uso constante dessa prática, pois “para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que o professor seja, ele mesmo um bom leitor. Os alunos necessitam do testemunho vivo dos professores (SILVA, 1986, p.109). O bom exemplo deve ser transmitido, uma vez que os discentes veem o professor como um modelo e as condutas em sala de aula será para o aluno um reflexo benéfico ou maléfico.

Não adianta querer estimular a leitura nos alunos sem vivenciar esta prática, pois é necessário levar para a sala um amplo conhecimento sobre os livros e a importância que ele exerce na formação de novos saberes, “para lançarmos ao desafio de formar leitores, temos que falar bem dos livros, mostrar que, com o seu auxílio, ficamos e somos melhores” (RIBEIRO, 2002, P.13). O docente deve demonstrar a relevância do livro, estimulando o aluno para este ato, e isso acontece a partir do momento em que o professor toma consciência de sua função de formador e começa a adotar práticas de valorização da leitura, o qual transmite para os discentes o seu conhecimento sobre as obras e destaca o quão prazeroso pode ser o ato da leitura. Isso se torna possível quando o professor utiliza a sala de aula para evidenciar o livro, instigando o aluno a refletir sobre o universo mágico que as palavras podem propiciar na mente humana, a demonstrar que o leitor pode vivenciar outra realidade, em que se pode estar em diferentes lugares ao mesmo tempo e conhecer mais sobre a cultura e a constituição de nossa sociedade através de uma obra.

É primordial explicitar a importância do livro de forma contínua, para isso é de extrema relevância que o docente conheça diversas obras, assim como afirma Ribeiro

O educador, para formar leitores, precisa situar-se enquanto leitor, fazendo um exame honesto do leitor que é. Tendo feito esse exame, verificará os livros que



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

serviram para consolidar suas opiniões profissionais e os livros que carece ler, elegerá os mais marcantes[...] os que o seu intelecto precisa conhecer; enfim fará uma avaliação de sua história de leitor (RIBEIRO, 2002, p.55).

É a partir do momento que o docente se torna um leitor frequente é que as práticas em sala de aula podem ser mudadas, pois para que os discentes pratiquem o ato da leitura é necessário que tenham um modelo a qual seguir e o professor deve ser este arquétipo, o prazer propiciado através da leitura necessita ser evidenciado diariamente, no qual “é importante lembrar que todo professor por adotar um livro ou mesmo produzir ou selecionar seus textos, transforma-se necessariamente, num co-responsável pelo ensino e encaminhamento da leitura” (SILVA, 1987, p.33). Entretanto, a forma em que se trabalha a leitura é que será determinante para a construção de leitores. Quando se tem conhecimento de diversas obras já se torna automaticamente um colaborador para a construção de leitores.

O professor como mediador/facilitador do conhecimento deve fazer com que a prática da leitura se torne prazerosa, motivando os discentes a recorrerem à leitura para a ampliação do seu conhecimento, demonstrando que a sua importância não se limita apenas para âmbito de ensino, pois o saber adquirido através da leitura forma uma consciência crítica perante a sociedade que vivemos.

O exercício docente faz toda a diferença para despertar o interesse pela a leitura, pois os discentes “precisam de estímulos contínuos, sorrisos, elogios. De um material adequado para o estágio de leitura em que se encontram e sentir que são capazes” (RIBEIRO, 2002, p.63). A leitura deve ser associada ao prazer, no qual os alunos possam descobrir gradativamente que a leitura é fonte inúmeras aprendizagens. Bamberguer defende que

O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim as várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual. A percepção dessas motivações e interesses esclarecem qual é a tarefa do professor: Treinar jovens leitores bem sucedidos, apresentando-lhes o material de leitura apropriado, de modo que o êxito não somente inclua boas habilidades, mas também o desenvolvimento de leitura capazes de durar a vida inteira (BAMBERGUER, 1988, p.31).



Observa-se que o aluno não se torna leitor especificamente pela consciência de sua importância, pois todos sabem da relevância deste ato, mas mesmo assim muitos se recusam a adotá-lo como prática efetiva. O aluno somente se tornará leitor se a obra lhe despertar interesse, se houver motivação, uma vez que ninguém se transforma em leitor sem sentir gosto pela leitura. O docente necessita compreender e aplicar em sala de aula métodos eficientes, o qual faça da sala de aula um espaço em que o ato de ler seja sinônimo de encanto.

A leitura deve propiciar a interação entre o discente e o docente, no qual possam trocar opiniões e dialogar sobre o objeto que está sendo lido, pois assim os alunos se sentem motivados em participar da aula, formando suas próprias interpretações. O docente não pode adotar uma postura dogmática, ao contrário deve ter consciência que é através da interação entre professor-aluno que os saberes são construídos e solidificados, uma vez que também a partir da troca de opiniões é que os alunos se veem como sujeitos ativos, em que sua “voz” é valorizada. Se o professor trabalha a leitura em uma perspectiva construtivista, em que há a valorização do que os discentes pensam sobre o objeto lido com certeza isso será um motivo a mais para que recorram à leitura e expressem seu ponto de vista.

O docente deve ser um agente mediador e utilizar a sala de aula para impulsionar o hábito de leitura para que posteriormente o ato de ler se torne uma prática independente e contínua, fazendo com que o meio educacional se torne um lugar propício para que os discentes iniciem e reforcem práticas de leitura, para que também possa sozinho buscar a sua autonomia como leitor.

Leitura: Um ato que vai além da obrigatoriedade

O prazer faz com que qualquer ato se torne voluntário e interessante, e por isso que Ribeiro (2002) afirma que “a palavra prazer significa alegria, deleite, gozo, e, ao usarmos essas expressões, logo pensamos na sexualidade, por ser inata, presente e importante na vida humana”(RIBEIRO, 2002, p.79). É a partir dessa afirmação é que se pode dizer que a leitura deve ser um ato prazeroso, despertando emoções e descobertas,



entretanto, esse é um dos desafios de se formar leitores que se situa justamente nessa visão de que leitura não é algo difícil e enfadonho, mas sim fonte inesgotável de conhecimento e descobertas.

A falta de leitores se dá principalmente pela ausência de prazer neste ato, pois muitos afirmam não gostarem de ler por não enxergarem a relevância de fazer determinadas leituras, constata-se, então que o encanto pela leitura precisa ser descoberto, isso se dá através das afinidades construídas entre leitor e livro. Por isso que ato da leitura não se pode resumir como imposição, mas como um universo a ser explorado que pode enriquecer a formação do leitor e sua visão de mundo.

A forma que o educador lida com a leitura é crucial, pois a leitura não deve ser vista como algo obrigatório que valerá como nota ao final do bimestre, muitos docentes tem uma concepção errada de leitura e acabam por trabalhar de maneira inadequada no meio de ensino, utilizando as famosas fichas de leitura, em que se cobra apenas o resumo da obra lida, desestimulando o discente em vez de estimular, assim como afirma Gagneti in Ribeiro

O educador tem diversos outros jeitos de avaliar o rendimento dos seus alunos. Não precisa, não pode e não deve usar o livro como pretexto. Definitivamente, é preciso esquecer e arquivar a ficha de leitura, com todos os conceitos que ela envolve. Por que não extrair do livro prazer, descobertas, lições de vida, usá-lo- isso sim- para desenvolver a capacidade de pensar e crescer [...] Mas não com o objetivo de dar nota ao aluno, como resultado da leitura. Porque o importante não é o resultado, é o processo (GAGNETI in RIBEIRO, 2002, p.23).

Quando o docente trabalha visualizando a leitura como parte somatória da nota bimestral, deixa de extrair aquilo que é mais proveitoso que são as descobertas, justamente porque ao pedir aos alunos apenas o resumo do livro, eles o fazem geralmente só por fazer, não se sentem envolvidos, pensam na nota e não na aprendizagem que pode ser extraída, muitos até mesmo usam a leitura para trabalhar outros conteúdos distantes da real meta, prejudicando a conquista de leitores, assim como defende Ribeiro

Se alguém quiser matar um livro de literatura, Basta dar uma prova sobre ele, pedir aos alunos que entreguem a ficha de leitura preenchida, colocar na lousa passagens intrigantes do livro e ficar esmiuçando, fazendo análise



sintática, gramatical, lexical [...] Com isso o prazer da leitura foi para o ralo, tudo em vão e, junto indo para o ralo, o sangue do leitor assassinado pelo ensino da literatura (RIBEIRO, 2002, p.23).

Há maneiras adequadas de se trabalhar com o livro, deve-se chamar a atenção, despertar e não distanciar. A leitura deve proporcionar uma sensação de liberdade e surgir como algo natural, isso não significa que o professor não deve exigir a leitura, ao contrário, pois a leitura deve ser um dos principais focos em sala de aula, entretanto, o que se pretende ressaltar é que esse ato não pode ser tratado como um ato mecânico, encerrado em si mesmo, a leitura deve propiciar ao aluno uma visão de espontaneidade, em que se pode conhecer e interagir com a obra lida, e posteriormente haver espaço para a discussão ou trabalhos que despertem o interesse, “como debates, leitura crítica e comparativa de jornais, trabalhos em grupo, visitas a museus e bibliotecas, conversas com o autor do livro etc” (RIBEIRO, 2002, p.23). As possibilidades de se trabalhar com os livros são inúmeras, basta o professor saber encontrar a maneira adequada de se trabalhar a leitura no âmbito de ensino. O que não se pode é deixá-la de lado por ser algo que exige tempo e dedicação, isto porque trabalhar adequadamente com o livro requererá uma boa dose de imaginação por parte do professor, em que será preciso pensar em maneiras eficientes de chamar a atenção do aluno, mas certamente os resultados serão surpreendentes, pois não há nada melhor que verificar que o ensino está surtindo efeito e transformando a maneira de se enxergar o ato de ler.

Silva (1987) afirma que “o livro, dadas as suas condições de produção e manuseio, levanta-se como um recurso mais prático para a difusão do conhecimento no meio escolar” (SILVA, 1987, p.42). Ou seja, o livro é um recurso de fácil acesso e indispensável para que haja o sucesso e qualidade no ensino, a falta de leitura reflete em outros espaços, pois é através da leitura que a produção, a interpretação e a visão da sociedade em que vivemos é melhorada, pode-se afirmar que as palavras presentes nos livros transcende o papel e transforma a mentalidade e as ações dos indivíduos. O conhecimento transmitido por meio dos livros é abrangente e pode-se afirmar que este é o portal para o saber, é somente a partir do saber é que se pode criticar o que não está bom e repensar o que pode ser melhorado em nossa volta, no qual podemos ser co-autores da construção de um ambiente mais justo.



A qualidade da educação e o futuro do nosso país esta intrinsecamente ligada ao hábito da leitura, justamente porque os jovens que estão nas escolas e que construirão o futuro da sociedade. É através da leitura a alienação pode ser rompida e o aprimoramento de saberes pode ser elevado, com tal hábito o sujeito se desenvolve como cidadão, possibilitando mudanças na maneira de pensar e também no modo de agir, assim como defende Bamberguer

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBERGUER, 1988, p.11).

E para que a sociedade se transforme sabe-se que é necessário formar leitores, porém, para que se forme leitores é imprescindível a ação dos professores, que devem ter consciência do espaço que se tem e do espaço que se quer construir. O docente, claro, não é responsável por todos os fracassos escolares, mas ele tem o poder de construção, de fazer a diferença no meio em que convive, pois lida diretamente com alunos que representam vida, e lidar com vidas é acreditar que o ser é capaz de superar as dificuldades e vencer os limites. Despertar o prazer para a leitura talvez seja um dos grandes desafios docentes, no qual exigirá do professor conhecimento e métodos eficientes em sala de aula, portanto, com certeza ao final haverá a sensação de dever cumprido, pois o importante é incentivar o discente, acreditando que formar leitores é uma tarefa possível e posteriormente tomar pequenas medidas que reforcem a crença construtivista da leitura em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O hábito da leitura é sem dúvida o caminho para a mudança e para o conhecimento, por isso que ela deve ser o centro das atenções em sala de aula, não há como formar alunos leitores sem professores leitores, pois justamente é por meio da prática docente é que se pode estimular e trabalhar a leitura de modo adequado. A



motivação em sala de aula é um dos possíveis caminhos para se alcançar êxito nos aspectos que dizem respeito ao hábito da leitura, em que o prazer de ler possa ser diariamente descoberto e vivenciado.

A leitura é um processo contínuo e infinito, é o instrumento que permite o sujeito interagir consigo mesmo e também com a realidade, por isso esse hábito não pode deixar de ser reforçado e praticado no âmbito de ensino. A falta de leitores surge da pouca familiaridade com o livro, em que os discentes carregam dentro de si o estereótipo de que ler é cansativo, e que existem diversas coisas a fazer consideradas mais interessantes que pegar um livro e lê-lo.

É somente a partir do momento que essa ideia errônea da leitura for desmitificada é que se começará a construir um país de cidadãos críticos e cômicos da sua real importância. Não há lugar melhor para formar essa consciência do que na sala de aula, por isso é necessário a presença de profissionais qualificados e comprometidos com o ensino e que façam das aulas um momento propício para incentivar e formar novos leitores, demonstrando que não há nada mais prazeroso e enriquecedor do que adotar o livro como um companheiro inseparável.

Portanto, é preciso acima de tudo que o professor tenha o espírito de transformação e busque mudanças, não se pode simplesmente ficar imóvel, observado as coisas que poderiam ser melhoradas, cada educador deve começar a agir e refletir sobre suas práticas no que diz respeito ao estímulo à leitura, pois às vezes pequenas condutas feitas diariamente podem fazer efeito e contribuir para elevar a qualidade da educação. Um país melhor com certeza acontecerá se houver uma educação melhor e essa qualidade somente será possível se houver como meta a edificação de saberes que se dão a partir de uma “pedra fundamental”, chamada de livro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBERGUER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. Editora Ática/Unesco. 1ª edição. São Paulo, 1988.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

RIBEIRO, Jonas. **Colcha de leituras - Unindo amores, alinhavando leitores.** 1ª ed. São Paulo, 2002.

SILVA, Ezequiel. **Leitura na escola e na biblioteca.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1986.

SILVA, Ezequiel. **O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.



MÚSICA E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

SANTOS, Jaqueliney Rodrigues¹; OLIVEIRA, Helismar Alves de Alcantara²

Unidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

jaky17santos@hotmail.com¹; lindalcantara@bol.com.br²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a relação da música como facilitadora no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) em sala de aula. Para isso, faz-se necessário também o desenvolvimento das habilidades (oralidade e compreensão auditiva) além da leitura e escrita, conforme é priorizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Pode-se dizer que os estudantes de LE são bem sucedidos quando se comunicam efetivamente na língua-alvo. Porém, é perceptível a impaciência dos alunos quando o professor faz uso apenas do livro didático em sala de aula. Assim, com o objetivo de verificar se a música age como agente facilitador de aprendizagem, foram feitos vários estudos, com isso pode-se dizer que o recurso de áudio pode ser utilizado como uma ferramenta de apoio valiosa no aprendizado de uma LE. A metodologia utilizada para esse artigo foi uma pesquisa quantitativa e interpretação. A partir dessa verificação, pretende-se demonstrar um modo diferente de ensino de inglês por meio da música, pois os dados sugerem que essa metodologia desperta o interesse dos alunos pelo conteúdo aplicado. Esse estudo aponta a importância de se buscar novas formas de se ministrar aulas de LI, promovendo reflexões sobre a importância de novas metodologias no ensino de língua inglesa. Este trabalho fundamenta-se em autores como Paiva, Vilaça, Woyciechowsk que afirmam a música é um método eficaz e pode ser um instrumento facilitador do ensino aprendizagem, pois é algo universal e agrada todo tipo de público e fica a cargo do educador escolher de acordo com a faixa etária da turma letras e com elas desenvolver metodologias que desperte o interesse dos discentes e os estimulem de forma que aprendam e desenvolvam a leitura, a escrita, a pronúncia e compreensão de texto.

Palavras-chave: Música; Recurso didático; Aprendizagem

INTRODUÇÃO

Após conhecer e vivenciar a realidade das escolas campo, mais especificamente da prática metodológica dos professores de língua inglesa, constata-se que um dos maiores desafios postos aos professores dessa disciplina é o de despertar o interesse dos alunos pelo aprendizado da mesma, pois geralmente é vista pelos alunos como desnecessária e distante de suas realidades.

Nesse sentido, vários estudos foram feitos sobre o ensino aprendizagem da língua inglesa como lacunas em branco e completar as lacunas de acordo com a música apontam a música como um recurso didático rico para o professor desenvolver



atividades dinâmicas e interativas, até porque a música pode desenvolver a concentração, criatividade e reduzir tensões em sala de aula, aumentando a participação, interesse e melhoria da aprendizagem pelos alunos. Podemos, inclusive, afirmar que cantar é uma ótima estratégia para aumentar o poder de aprendizagem, pois a maioria das pessoas ao ouvir músicas em uma determinada época conseguem tempos depois lembrarem trechos da mesma. Portanto, independente do gênero musical, as atividades com músicas além de gerar o interesse e participação dos alunos, também vislumbra aprendizagens significativas.

A língua inglesa atualmente, tem ocupado um lugar de prestígio na sociedade e isto se dá em decorrência do avanço da tecnologia e da globalização, com isso aprender este idioma, dominar suas habilidades linguísticas (reading, speaking, listening, writing) faz-se necessário, pois ao fazê-los os indivíduos encontram facilidades em suas vidas cotidianas ao deparar-se com situações que exija o uso do inglês.

Paiva (2005) diz que:

o inglês é uma epidemia que contamina 750 milhões de pessoas no planeta. Essa língua sem fronteiras esta na metade de 10.000 jornais do mundo, em mais de 80% dos trabalhos científicos e nos jargões de inúmeras profissões, como a informática, a economia e a publicidade (PAIVA, 2005, p. 10).

Os PCN's a coloca como “uma espécie de língua franca que invade todos os meios de comunicação, o comércio, a ciência e a tecnologia no mundo inteiro” (BRASIL, 1998, p.49).

Diante de tais afirmações esperava-se que a língua inglesa por se tratar de um idioma presente em várias áreas da vida do brasileiro (assistir televisão, navegar na internet, em placas de lojas e entre outros.) fosse mais levada a sério, porém isto não acontece, pois a maioria das escolas reserva uma carga horária mínima para o ensino do inglês e geralmente as salas de aulas são excessivamente cheias, recebendo até 40 alunos por turma.

Somados estes dois problemas fica difícil os discentes terem um aprendizado de qualidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira relatam que



as principais dificuldades encontradas para o ensino aprendizagem de Língua Inglesa são:

a falta de materiais adequados, classes excessivamente numerosas, número reduzido de aulas por semana, tempo insuficiente dedicado à matéria no currículo e ausência de ações formativas contínuas junto ao corpo docente. BRASIL, 1998, p24)

Diante do exposto pode-se dizer que esses problemas só evidenciam que o ensino de LI nas escolas hoje enfrenta sérias dificuldades e que é preciso urgentemente, refletir sobre a verdadeira finalidade desse idioma e discutir sobre sua relevância, pois pude perceber que esta língua tão requisitada atualmente não seja levada muito a sério e assim torna-se mero cumprimento de currículo para os professores e apenas mais uma disciplina para os alunos. Sobre isso Anjos (2011) afirma:

o ensino de Língua Inglesa nas escolas brasileiras há muito tempo tem sido alvo de críticas, desmerecimento e desprestígio. Muito, também, tem se discutido sobre as metodologias para o ensino de LI, nas implicações, e muitas crenças têm sido levantadas quanto a isso. Inclusive a pior que poderíamos imaginar, a de que é impossível se aprender inglês nas escolas públicas. (ANJOS, 2001, p.1)

Diante do cenário em que se encontra a LI nas escolas, pode-se dizer que é preciso rever, analisar o ensino aprendizagem deste idioma nas instituições de ensino, é preciso segundo Paiva (2010, p.21) “trabalhar para desenvolver nos alunos habilidades que lhes permitam entender o inglês que os rodeia ao ligar o rádio, a televisão; ao sentar à frente do computador para pesquisar na internet ou comunicar-se com outros internautas”.

Diante o que percebi no estágio supervisionado de língua inglesa está muito defasado o ensino pois os professores sempre trabalha a mesma coisa e não muda a metodologia.

A música possibilita isto, pois esta presente em todos os momentos da vida das crianças, adolescentes e jovens, assim é preciso utiliza-lá como instrumento para que os alunos compreendam melhor e aprendam LI com mais facilidade.



A minha pesquisa está embasada no problema de que o ensino de língua inglesa está a mesma coisa e os alunos estão cansados da mesmice da sala de aula tradução de textos e decoreba. O que me levou a escolha desse tema foi a mesmice da sala de aula porque o ensino já não estava bem visto frente aos alunos. Acredita-se que o ensino de língua inglesa é um ótimo recurso facilitador para o ensino de língua inglesa.

OBJETIVOS

O objetivo da pesquisa é refletir sobre a música como um recurso facilitador para o ensino aprendizagem de língua como uma ferramenta mediadora para o ensino de língua inglesa e despertar o interesse nesses alunos de aprender a este idioma.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na minha pesquisa foi a construção de um questionário e observação em sala. Participaram da pesquisa os dois professores da escola campo estadual e três turmas sendo elas 6º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio do período matutino, um professor da instituição municipal e uma turma do 7º ano do ensino fundamental do vespertino, foram no total de 44 alunos entrevistados.

O sexto ano possui 20 alunos matriculados, o sétimo 30 e o terceiro 28, mas no dia da pesquisa faltaram muitos alunos da escola A, em decorrência de um evento que solicitou a presença dos discentes que tocam na banda (fanfarra) da escola, desfalcando assim as turmas.

Para a escolha das séries levou-se em consideração a quantidade de alunos por sala, pois se priorizou as com maior número de alunos, o sexto e o sétimo ano do ensino fundamental pelas opiniões de alunos que estão iniciando o ensino de língua inglesa e o terceiro ano do ensino médio por já estar na etapa final, sendo assim coletadas opiniões diversas.



O questionário dos alunos foi aplicado nas três turmas selecionadas 6º, 7º ano do ensino fundamental e 3º do ensino médio, com objetivo de saber o quanto a música é importante para os adolescentes e jovens e se estes gostam quando os professores utilizam de letras em inglês nas aulas de LI.

Quando perguntados: “Você gosta de música?” 4 alunos não responderam nada, 3 não gostam de música, 19 apreciam e 25 apreciam extremamente; “Você gosta de música em inglês?” 8 não apreciam, 20 apreciam, 14 apreciam extremamente; “Gosta quando é trabalhada música em sala de aula?” 4 não apreciam, 23 Apreciam, 15 Apreciam extremamente; “Quanto tempo por dia você passa ouvindo música?” vinte um alunos responderam 2 horas, dez alunos até 4, quatro alunos 6, nove alunos mais de 6 horas; “Consegue fazer outras atividades enquanto ouve música?” 42 alunos responderam que sim e apenas 1 respondeu não; “A música influencia seu humor?” 40 alunos responderam sim, 1 respondeu que não e 2 não responderam nada; “Você procura saber o significado das músicas em inglês que gosta?” 20 alunos responderam sim e 24 não; “Você acredita que a música ajuda no aprendizado de língua inglesa?” 7 não, 2 não responderam nada e 35 acreditam que sim; “Você gosta da disciplina de língua inglesa?” 27 responderam sim, 13 não , 1 não manifestou sua opinião e 3 disseram mais ou menos;

Os dados revelam que os adolescentes gostam muito de música e passam parte de seus dias ouvindo-a, a pesquisa ainda, evidencia que a maioria dos alunos ouve canções em inglês e a metade deles sempre procuram saber a letra em português, os outros relataram que acham difícil e encontram dificuldades para entenderem as palavras.

“Não procuro saber o significado das músicas porque é difícil, há palavras que tenho dificuldades”; “Não procuro saber por que acho muito difícil”; “Não procuro saber por que é muito demorado e difícil”. (Depoimentos de alguns alunos do sexto ano)

A maioria dos entrevistados gosta quando é trabalhada musicas nas aulas de língua inglesa e acreditam que as canções ajudam no aprendizado de LI, justificaram suas respostas dizendo:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

A música ajuda muito na pronúncia; A música ajuda no aprendizado de língua inglesa, se aprende inglês com a convivência diária com a língua e a musicalidade oferece isso”; “A música ajuda muito no aprendizado de língua inglesa, porque passamos o tempo todo escutando canções em inglês”; “Aprendemos mais palavras quando ouvimos músicas em inglês”; “Cantar ajuda na pronúncia”; Claro que a música ajuda no aprendizado, ela fica em nossa cabeça e quando traduzimos algumas palavras nos ajuda, a saber, pronunciar. (Depoimentos de alguns alunos do terceiro ano do ensino médio)

O questionário dos professores foi respondido pelos dois educadores da escola “A” e pela única docente da instituição de ensino “B”, os três profissionais disseram que gostam de música e que apreciam as em inglês. Todos eles já a utilizaram em sala de aula e relatam:

Alguns gostam, outros não, porém o resultado final é proveitoso, mas depende da escolha da música e de como você a leva para a sala de aula”; “Trabalhar música em inglês em sala de aula é extremamente enriquecedor, os alunos se empenham na execução das atividades e a participação é geral, todos querem cantar, comentar a canção e no final apesar do tempo ser curto os educandos aprendem novas palavras e melhoram a pronúncia em outras”; Os alunos gostam quando trabalho música, mas aproveitam para se soltarem e fazer bagunça. (Depoimentos de professores entrevistados)

Quando questionados se a música é importante para o ensino responderam: “Sim, muito, a ela atinge todo tipo de aluno, do tímido ao mais indisciplinado”; “Sim é uma forma de fugir um pouco do cotidiano e tornar as aulas mais prazerosas e menos cansativas”; “Sim, de certa forma a música funciona como uma terapia é uma forma descontraída e atraente de ensinar/aprender”.

Foi perguntado ainda se acham que a música facilita o aprendizado da LI e se os alunos demonstram um interesse maior pelas aulas quando ela é utilizada? Responderam: “sim, todo adolescente se interessa por músicas, e se for internacional é uma boa para o interesse deles”; Claro, pois as aulas se tornam atraentes, desde que haja também a observância a faixa etária dos educandos”; Facilita sim, pois os alunos ficam mais focados na aula e se a música faz parte do cotidiano deles o resultado ainda é melhor, pois há um envolvimento maior nas atividades propostas”.

Os dados coletados só evidenciam que a música é um ótimo instrumento facilitador do ensino e aprendizagem de LI, sendo assim alguns profissionais mesmo



acreditando nisso, ainda evitam utilizá-las, pois creem que os alunos aproveitam destes momentos para fazerem bagunça (“ Os alunos gostam quando é trabalhada música em sala de aula, mas fazem mais bagunça do que o normal”. Relato de uma professora da escola “A”), os que se propõem ficam satisfeitos com os resultados como foi visto nos depoimentos dos parágrafos anteriores.

Durante o trabalho tive várias conversas com os alunos o que eles mais reclamaram foram a mesma coisa nas aulas tradução e interpretação de textos essas observações foram feitas de acordo com o meu estágio e com a pesquisa campo que foi feita.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Ao longo das últimas décadas mudaram-se as concepções sobre o ensino aprendizagem de língua inglesa e deu-se em consequência da globalização que exige um ensino aprendizagem mais amplo do qual contemple não só regras gramaticais e traduções de textos.

Paiva (2010) diz:

Há alguns anos pensava-se que aprender uma língua era sinônimo de saber a gramática e o seu vocabulário. Hoje em dia, entendemos que ‘saber’ uma língua é utilizá-la adequadamente. Uma língua é usada para, entre muitas outras coisas, comunicar ideias e sentimentos, permitindo aos seus falantes participação social e cultural. (PAIVA, 2010, p. 31).

Com uma nova visão sobre o ensino aprendizagem de língua inglesa surgiram também, inúmeras metodologias que visam ensinar o aluno de forma clara este não só aprenda o conteúdo ensinado, mas o compreenda de tal forma e o leve a querer aprender mais, mas para isso este precisa ver sentido, no que faz, viver em seu cotidiano, ou seja, utilizar em seu dia a dia o objeto apresentado pelo educador, Selbach (2010), comprova esta afirmação quando diz:

é importante que o professor não procure passar ao aluno textos ou sentenças que se referem a culturas muito diferentes das vividas pelo aluno. O futebol, por exemplo, é domínio universal em diferentes culturas, mas um texto sobre



um ritual pagão da Inglaterra torna-se impossível de ser bem compreendido por um aluno brasileiro, mesmo que este entenda palavras de uma festa nacional. (SELBACH, 2010, p. 24)

É preciso escolher metodologias que tragam para as aulas de Língua Inglesa um olhar crítico e diferenciado despertando o interesse destes alunos que façam parte da realidade dos alunos, pois só assim o ensino aprendizagem será significativo e instigante, Selbach coloca também que “nada interessa tanto a uma criança ou adolescente quanto ele mesmo, e, por este motivo, o eixo central de seu interesse sempre se volta para sua vida e para as coisas que aprecia”. (SELBACH, 2010, p. 41,) entende-se que a música como o ensino aprendizagem, pois a maioria dos alunos de hoje gosta de ouvir musica e isso estimula o aluno.

Mas, será que a utilização de músicas como recurso didático no ensino de língua inglesa é garantia de melhoria da aprendizagem dos conteúdos ensinados?

Amorim e Magalhães (2008, P. 103) asseguram que a música “com o seu poder mágico de despertar lembranças e sentimentos nas pessoas”, ela pode acalmar e ensinar. E, de que em todas as culturas a música colabora para estimular o raciocínio, provocando em quem a ouve, a construção de significados sociais, pessoais e culturais.

Reconhece-se, então, que a música é uma ferramenta pedagógica de apoio ao processo ensino aprendizagem que atrai e contagia a quase todas as idades. Nesse aspecto, ela torna-se um elemento facilitador da aprendizagem de língua inglesa no ensino básico até porque os discentes do ensino fundamental e médio são constituídos de jovens adolescentes. E, nessa faixa etária que os jovens não só ouvem músicas como conhecem as bandas, cantores e clipes musicais de maior sucesso, especialmente por meio das mídias.

Muitos colocam como toque de seus celulares os hits do momento, portanto, é interessante que os professores, ao planejarem atividades com músicas, as escolham observando o “ gosto ou a realidade de seus alunos”. E, independente da metodologia utilizada pelo educador, explorar conteúdos, desenvolvendo atividades com músicas é garantia de que haverá participação nas aulas, e possibilitará novas aprendizagens.

Os professores poderão ensinar gramática, vocabulário, listening, speaking,...por meio de inúmeras atividades com músicas. Por exemplo, omissão de



palavras, substituição de palavras, preenchimento de lacunas utilizando o listening, palavras cruzadas, entre outras.

Paiva (2010) também traz algumas sugestões de atividades que fogem um pouco da mesmice do cotidiano de quadro, livro didático, caneta, lápis, borracha e caderno, a autora com muita criatividade e dinamismo especifica:

publique um jornal mural, em inglês, com contribuições dos alunos; Crie com seus alunos códigos para correção das produções escritas; Peça seus alunos para desenhar algumas palavras de forma pictórica; Você pode ensinar alguns conceitos, tais como north, northeast, etc, fazendo com que os alunos usem seus corpos como mapas; Trabalhe a autoestima do aluno, fazendo com que eles, por exemplo, listem adjetivos positivos para descreve-los. (PAIVA, 2010, p.16)

Pode-se observar que são atividades simples as quais exigem poucos recursos e podem ser realizadas na própria sala de aula, isto mostra que é possível promover formas dinâmicas capazes de despertar o interesse dos alunos para a língua inglesa.

Uma pesquisa realizada com alunos do sexto ano do ensino fundamental e do terceiro ano do ensino médio de uma escola estadual da cidade de Amorinópolis Goiás mostrou como é urgente uma mudança nas metodologias usadas e isto pode constatar claramente ao analisar algumas respostas da seguinte pergunta feita a alguns alunos: Você gosta da disciplina de Língua Inglesa? Por quê? As respostas para a mesma foi da seguinte forma: “Não, porque é muito difícil”; “Não, porque prefiro o português”; “Depende do professor e do jeito que aplica as aulas”; “Mais ou menos, porque estudamos a mesma coisa desde o primeiro ano”; “Não, mas tem que aprender”.

Percebe-se que os alunos estão cansados dos métodos diários como tradução de texto do livro didático, resolução de atividades interpretativas. Os mesmos anseiam por aulas mais dinâmicas as quais o interesse deles para a disciplina Língua Inglesa que até então não faz sentido em seus cotidianos escolares.

Pensando em metodologias novas e eficazes que agucem o interesse dos alunos, a música é um ótimo instrumento no ensino aprendizagem, isto porque faz parte da vida dos estudantes, está presente em seus cotidianos desde que acordam até na hora de dormirem.

Faria (1987) citado por Ongaro e Silva e por Faria(2007), explica que:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

a música está presente na vida de todos os seres humanos, e ela também está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar, além de despertar nos alunos o senso crítico para o que ouvem e como isso se reflete em sua vida. A escola é um espaço institucional para transmissão de conhecimentos socialmente construídos e deve se ocupar em promover a reflexão dos jovens para o que ouvem e que mensagem esta canção lhes passa ainda que não a compreenda completamente. Cabe aos professores criar situações de aprendizagem em que os alunos estejam em contato com um variado número de estilos musicais e não somente com aquelas que eles gostam. No contexto escolar a música tem a finalidade de ampliar e facilitar a aprendizagem do educando, pois ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e reflexiva. (Faria,1987,p 4)

Diante do exposto a música chama a atenção dos alunos e os deixam em expectativa sobre o que diz a letra e por isso os alunos começam a tentar decifrar a melodia e isto é positivo, pois a curiosidade faz com que conheçam novas palavras em inglês e por isso ampliam seus vocabulários. Por meio dela pode-se trabalhar as quatro habilidades comunicativas: leitura (reading), escrita (writing), fala (speaking) e compreensão (listening).

Wildgrube, Dreher E Souza (2008) diz:

dentro do aprendizado de uma língua estrangeira, se faz necessário um avanço contínuo do educando, ou seja, o aluno de uma segunda língua deve desenvolver as quatro habilidades linguísticas para ter uma formação completa no idioma (ler, ouvir, falar e escrever). Esta prática deve ser diária em sala de aula, com o auxílio do professor, e fora dela, com os amigos, com a família ou no seu trabalho. Ao priorizarmos o estudo de uma ou mais habilidades de forma isolada, pode-se atender necessidades emergenciais, porém ao aluno precisa estar esclarecido sobre a formação que está recebendo. De fato devemos propiciar um trabalho que faça com que uma habilidade remeta a outra. (Wildgrube, Dreher E Souza 2008)

Claro que não é uma tarefa fácil e os alunos não ficariam fluentes das escolas, mas haveria uma melhora significativa no ensino aprendizagem e os discentes terão uma base mais sólida ao se deparar com situações que exigem a utilização deste idioma, pois com um conhecimento básico das quatro habilidades com certeza darão certo para estes indivíduos ao precisarem da LI em sua trajetória diária . Sobre isso (BRASIL, 1998) diz que:



a aquisição de habilidades comunicativas em outras línguas representa, para o aluno, o acesso ao conhecimento em vários níveis (nas áreas turística, política, artística, comercial, etc.), favorecendo as relações pessoais. O domínio de outro idioma permite ainda intercâmbio científico, por proporcionar acesso tanto à bibliografia quanto ao conhecimento científico divulgado em outras línguas. A utilização de redes de informações, como a internet, por exemplo, fica favorecida pela competência comunicativa em diferentes línguas estrangeiras. (BRASIL, 1998, p. 13).

Assim pode-se dizer que a música é um método eficaz e pode ser um instrumento facilitador do ensino aprendizagem, pois é algo universal e agrada todo tipo de público e fica a cargo do educador escolher de acordo com a faixa etária da turma letras e com elas desenvolver metodologias que desperte o interesse dos discentes e os estimulem de forma que aprendam e desenvolvam a leitura, a escrita, a pronúncia e compreensão de texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia do presente artigo surgiu durante o estágio de língua inglesa. Esta etapa possibilitou vivenciar a realidade do ensino de língua inglesa nas escolas públicas e perceber que há certo desânimo por parte dos educadores e alunos, e foi isto que estimulou a desenvolver a pesquisa tendo como principal objetivo refletir que a música é um ótimo recurso para o ensino e aprendizagem deste idioma.

No estágio utilizou-se a música para ensinar LI e percebeu-se que os alunos gostaram muito e mostraram na participação e empenho na resolução das atividades propostas o que não é comum, pois houve-se participação em algumas aulas da professora regente e foi observado e presenciado a falta de interesse dos educando quanto ao conteúdo explicado pelos professores.

Os dados levantados na pesquisa mostraram que os alunos têm vontade de aprender LI, mas não conseguem entender os conteúdos explicados, eles chegam a escola com expectativa de aprender este idioma, podendo utilizá-lo em seu dia a dia, mas se decepcionam ao perceberem que não acontece, pois o foco das aulas, na maioria das vezes é interpretação de texto e aprender regras gramaticais, não se dá muita



atenção para pronúncia e produção textual, sendo assim os alunos perdem o interesse em aprender.

A pesquisa levou-me refletir sobre o que é preciso para mudar a realidade do ensino e aprendizagem de LI, deu-me subsídio para analisar minha postura como futura educadora deste idioma e mostrou-me que métodos novos e que fazem parte da vida dos alunos, são eficazes e podem contribuir de forma positiva na aquisição desta língua.

A conclusão deste trabalho trouxe-me uma nova visão sobre o ensino de LI nas escolas públicas, antes pensava não ser possível aprender este idioma nestas instituições porque o ensino esta deixando muitos a desejar agora percebo que utilizando de metodologias certas aliadas com o compromisso do educador, o aluno pode ter êxito e concluir o Ensino Médio com um bom domínio da Língua Inglesa.

Segundo estudos realizados sobre os autores já mencionados acima podemos afirmar que o uso da música pelo professor, como estratégia de ensino, facilitará o desenvolvimento das aulas de língua inglesa e, conseqüentemente, aumentará o interesse e o envolvimento dos alunos, resultando em melhores aprendizagens. Sendo assim, cabe aos professores usar bastante criatividade para planejar atividades que despertem a atenção e o gosto dos alunos pela língua inglesa.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Vanessa; MAGALHAES, Vivian. Cem aulas Sem Tédio: Sugestões Práticas e Divertidas para o professor de língua estrangeira. Santa Cruz: Editora IPR, 2008.

FURLAN, de Faria Dilmara. **A influencia da musica na formação dos jovens e no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.** Disponível em <http://www.calem.ct.utfpr.edu.br/monografias/OlindaCosta.pdf> Acesso em 25 de outubro de 12 as 21:00 horas.

LOUREIRO, Alice Maria Almeida. Ensino de musica na escola fundamental. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ANJOS, Flavius Almeida dos. **Qual a verdadeira finalidade do ensino da língua inglesa na escola?** Acesso em 18 de agosto de 2013, disponível em



<http://www.sala.org.br/index.php/estante/textos-em-la/468-qual-a-verdadeira-finalidade-do-ensino-da-lingua-inglesa-na-escola>.

CASTRO, André. **A música como instrumento de aprendizagem da língua inglesa no ensino fundamental**. Acesso em 19 de agosto de 2013, disponível em: http://www.neurobiologia.org/ex_2011.2/10_trabalho_AURILENE_OK_.pdf

FERRAZ, Monica. **Ensino de Língua Inglesa com Música**. Revista eletrônica PRO-DOCÊNCIA/UEL. Edição nº 03, vol.01, jan-jun 2013.

GOBBI, Denise. **A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua inglesa**. Acesso em 18 de agosto de 2013, disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3066>.

MORENO, Tania Aparecida. **O Ensino Da Língua Inglesa Através Das Músicas E Das Tecnologias**. Acesso em 19 de agosto de 2013, disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-ensino-da-lingua-inglesa-atraves-das-musicas-e-das-tecnologias/66290/>

MOTTA, Aracelle Palma Fávaro. **O Letramento Crítico No Ensino/Aprendizagem De Língua Inglesa Sob A Perspectiva Docente**. Acesso em 17 de agosto de 2013, disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_aracelle_palma_favaro_motta.pdf

.PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Práticas de Ensino e Aprendizagem de Inglês Com Foco na Autonomia**. Campinas, SP. 3ª Edição: Pontes Editores. 2010.

SELBACH, Simone. **Língua Estrangeira e Didática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Josimar Oliveira da. **Música Na Salade Aula: Uma Ferramenta No Processo De Ensino E Aprendizagem De Inglês**. Acesso em 10 de agosto de 2013, disponível em http://www.pet.ufal.br/petletras/anais_iv/artigos/artigo_8.pdf

WOYCIECHOWSK, Élio. **MÚSICA: Uma Proposta Para O Ensino De Língua Inglesa Na Escola Pública**. Acesso em 30 de julho de 2013, disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1807-8.pdf>

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **O Material Didático No Ensino De Língua Estrangeira: Definições, Modalidades E Papéis**. Disponível em



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE IPORÁ
III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO, IV SEMINÁRIO DE ESTÁGIO E I ENCONTRO DO
PIBID
“PARADIGMAS DA PROFISSÃO DOCENTE”
28 a 30 de novembro de 2013
ISSN: 2238-8451

<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/653/538>, acesso
19 de agosto de 2013.



OS PERCURSOS TRILHADOS PELOS FUTUROS PROFESSORES

FERNANDES, Lorena Lira Schelle Teles¹; LACERDA, Patrícia²

Universidade Estadual de Goiás

Unidade de Iporá

lorenafernandeslira@hotmail.com²; patylac@hotmail.com¹

RESUMO: A realização do estágio foi em três etapas: Observação, Semi-Regência e Regência. E estas etapas possibilitaram uma maior compreensão dos atos docentes frente às dificuldades e relacionamento envolvendo o cotidiano dos alunos, que é fator essencial para o aprendizado dos mesmos. Como algumas teorias abordam a importância do relacionamento entre cultura social e conteúdo, houve a proposta de relacionar conhecimentos prévios dos alunos, uns sofrem bullying, outros sofrem de dislexia, mesmo assim são alunos que se permitem ir além das expectativas. O presente trabalho abordou o planejamento das aulas que foram voltadas para o público alvo. Assim percebeu-se que cada público abrange uma forma de aprender diferente. Ensinar requer amor e carinho tendo em vista que os alunos são seres que possuem sentimentos e necessitam de orientação frente aos conhecimentos e descobertas que são feitas por eles. E é neste ponto e também pontuando o conhecimento de mundo de cada um é que se obtém clareza da realização de ensinar.

Palavras- chave: Dificuldades, planejamento, alunado.

INTRODUÇÃO

O Estágio do 4^a ano permite vivenciar a prática pedagógica, através das aulas ministradas pelos próprios estagiários, assim foi possível o desenvolvimento da criticidade diante das dificuldades e facilidades.

O Estágio Supervisionado de Língua Inglesa do 4^a ano teve como principal objetivo a regência dos alunos estagiários, que se deu em duas escolas campo, sendo elas: Fundamental e Ensino Médio. Cada uma das escolas em questão abrange diferenciados públicos, cada clientela apresenta suas características, que acabam por nortear os estagiários na produção de material para as devidas aulas. A importância do estágio fica explícita, pois houve um grande crescimento por parte dos estagiários, entendendo que o estágio tem a intenção de fazer elo entre escola e professor estagiário, possibilitando uma interação que irá respaldar a moldagem de crenças, proporcionando



aprendizado efetivo, e enfim cumprindo assim com a carga horária de estágio requerida pela Unidade de Iporá-Go (UEG). Assim o estágio é:

Espaço onde os alunos participam de um processo de produção de conhecimentos que articula a teoria e a prática necessária para a formação acadêmica e para o desenvolvimento do seu próprio trabalho como profissional comprometido com a ação escolar (AURAS, p.151, 1997).

Entende-se que o estágio vem colaborar de forma específica para a formação do aluno/estagiário, visto que este ingressa na instituição na intenção de um primeiro momento observar e depois elaborar projetos para contribuir com a escola, desenvolvendo aulas diferenciadas e oficinas. No período de desenvolvimento das atividades, foi possível perceber uma variação sócio-cultural nos alunos, a quem é voltado o contato direto com estagiário. Notou-se em um dos colégios frequentados que a maioria das pessoas é da classe social baixa e que existe uma dificuldade muito grande para que esse aluno termine o ensino médio, fugindo então do fracasso.

É muito difícil para a criança de periferia, pois se pode pensar na bagagem que esta criança traz de casa. Mas sempre se tem escolas com criança em condição de aprender, mas não tem ambiente familiar, tem muita agressão dos pais entre si e contra os filhos. Elas não têm condições emocionais de aprender. Se for bem alimentada, se tem carinho de mãe e atenção do pai, alguém que olhe o caderninho não tem porque ser reprovada. (MEC em 1984, Reunião do Conselho de Menor do Governo do Estado de São Paulo).

Essa realidade foi encontrada nas turmas trabalhadas, isso foi constatado por meio de conversas informais com os alunos. E como se aponta os conhecimentos e angústias vividas pela criança acaba por afetar a sua vida na escola e mesmo assim durante o estágio se encontrou pessoas com vontade de concluir. Para os estagiários foi de grande experiência visto que os alunos têm problemas, dificuldades, tristezas que tomam o seu tempo, mas que mesmo assim, aos trancos e barrancos tentam concluir o ensino médio.

Ao analisar as dificuldades observadas pelo professor estagiário, o presente trabalho ancorou-se em Auras (1997) que pontua a importância do estágio para o crescimento acadêmico, Hentz (1998) falando dos conceitos e crenças que devem ser



levados em conta no momento do planejamento, Galuch (2005) que demonstra o papel da escola como mediadora de conhecimentos prévios frente aos conteúdos propostos. Para essa observação o presente trabalho foi dividido em tópicos, para melhor assimilação do difícil papel dos professores frente aos alunos. Professor este que, sabe as dificuldades vivenciadas pelos alunos tanto em casa quanto na sociedade.

ESTÁGIO: Suas faces e seus encantos.

Na regência que se deu em 2013, os alunos estagiários se encontraram frente a um desafio, sendo ele o planejamento das aulas que seriam ministradas, aulas, que foram divididas em duas turmas de alunos estagiários, tendo como suporte a presença norteadora da Professora Orientadora, que de forma pertinente colaborou com o estágio. Um dos diferenciais o qual se estava a frente era a clientela (clientela essa que tinha por dominante alunos criados por avós, tios) a constatação dessa informação foi feito por meio de rodas de conversas durante a realização das atividades. Com este desafio, o estagiário depara-se com dúvidas que foram sanadas no decorrer das orientações e das próprias aulas realizadas. Ao planejar verificou-se que de acordo com as teorias aprendidas em sala de aula, o conteúdo aplicado deveria fazer elo com as crenças, conceitos que foram pré-estabelecidos no mundo extra escolar.

Nas diferentes áreas do conhecimento, as crianças e os jovens já trazem conceitos elaborados a partir das relações que estabelecem em seu meio extra-escolar, que não podem ser ignoradas pela escola. Trata-se de lidar com esses saberes como ponto de partida e provocar o diálogo constante deles com o conhecimento das ciências e das artes, garantindo a apropriação desse conhecimento e da maneira científica de pensar (HENTZ, 1998, p.13).

Entende-se que o público da sala trazia consigo suas próprias experiências, suas angústias e isso contribuiu para o ponto inicial, uma aula ambientada de acordo com as necessidades dos alunos. Possibilitou também uma ponte entre conhecimento docente e conhecimento discente. Para que fosse possível um paralelo entre matéria e assuntos cotidianos, foi necessário um levantamento prévio das informações que os alunos traziam consigo, tarefa essa que não se mostrou tão árdua devido ao período de



observação realizado em 2012, que agora na regência auxiliou sanando as dúvidas para com a clientela. Esse trabalho serviu de experiência, aprendido junto às atividades de planejamento, que mostraram aos acadêmicos a importância do primeiro momento da aula, que se dá na fala dos alunos, incitadas pelo professor para um apanhado geral sobre os conhecimentos prévios.

É papel da escola tomar como ponto de partida os conhecimentos prévios, com o claro objetivo de transformá-los, envolvendo-os em problematizações cujas resoluções exijam novos e, por vezes, conhecimentos mais complexos do que os iniciais. Procedimentos de ensino desta natureza favorecem a articulação entre o conteúdo que faz parte do currículo escolar e o seu uso cotidiano. Possibilitam ainda a organização de um planejamento adequado às necessidades cognitivas dos alunos. (Sforni/Galuch, p. 7, 2005).

O resultado foi muito relevante, visto que houve grande interação, pois foi realizado um trabalho paralelo alunos/vivência/conteúdo, por isso os alunos se sentiam à vontade dando seus depoimentos. Durante as aulas os alunos puderam pontuar suas impressões e dúvidas. Muitas vezes assimilarem o conteúdo da escola com as vivências cotidianas.

A ESCOLA DE PERIFERIA

Quando nos referimos à escola de periferia chamamos a atenção para um local que apresenta uma problemática bem complexa e específica. Nessas escolas, o contexto social, econômico e político interfere no trabalho do professor e no processo de aprendizagem dos alunos. Nos professores, gera sentimentos de frustração, insatisfação e angústia, porque não conseguem desenvolver o que planejam, enfrentam situações imprevistas que desestabilizam o trabalho de sala de aula, entre outras coisas. Nos alunos, gera dificuldades para a sua vida escolar, pois desde cedo precisam trabalhar para ajudar no sustento da família (a criança apresenta desânimo, cansaço, apatia, dificuldades de atenção e concentração). A síntese dos diferentes modos de viver esse contexto, pelos sujeitos que o constituem, se mostra na diferença entre culturas e valores, nos conflitos entre perspectivas de vida distintas, etc.



Pelos registros feitos pelos estagiários da UEG, sobre o cotidiano escolar, pode-se notar a existência de situações que se repetem no cotidiano escolar das diferentes escolas. Entretanto, apesar de todas as escolas de periferia serem institucionalmente organizadas da mesma forma (normas, currículos, hierarquias), existem entre elas peculiaridades. Assim, o que ocorre em uma escola é diferente do que ocorre em outra, porque cada cotidiano escolar é único e diferenciado, uma vez que cada sujeito que o compõe dota o seu espaço, as suas relações, as suas vivências de um sentido que lhe é próprio.

O PLANEJAMENTO

Frente às dificuldades de ensinar nos apegamos à arte de planejar para podermos pensar em algo que possa mudar a realidade das crianças para que as mesmas possam sonhar. O planejamento está presente em nosso dia a dia, mesmo que implícito, como o caso da pessoa que, ao levantar-se pela manhã, pensa no seu dia, no que vai acontecer ao longo dele. Como não se tem certeza do que realmente irá acontecer no passar dessas vinte e quatro horas, a pessoa obriga-se a pesar, prever, imaginar e tomar decisões, contudo, ela sempre espera tomar as decisões mais acertadas, para que sua ação alcance os objetivos esperados; mesmo não tendo consciência de que está realizando um planejamento, esta pessoa está fazendo o uso do ato de planejar. No caso do planejamento educacional são várias as definições, sendo que cada autor procura descrevê-lo sob sua própria visão.

Segundo Vasconcellos (1997, p. 11):

Entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis a fim de alcançar objetivos concreto sem prazos determinados e em etapas definidas a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.

Este tipo de definição não se caracteriza por um tipo específico de planejamento, podendo também ser compreendido como planejamento econômico,



industrial ou ainda como o tipo de planejamento que o presente artigo se propõe a apresentar, ou seja, o planejamento educacional.

Para Menegola e Sant’Anna (2001, p. 25):

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque educação não é o processo, cujos resultados podem ser totalmente pré definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos de correntes de uma ação puramente mecânica e impensável. Devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem não impondo lhe diretrizes que o alheiem. Permitindo, com isso, que a educação, ajude o homem a ser criador de sua história.

Nesta definição podemos perceber que os autores preocupam-se em especificar que tipo de planejamento educacional visam, sobretudo, enfatizar o papel como formador de opiniões e acima de tudo capaz de ser o criador de sua história. Então se entende que a escola tem um importante papel na formação e no desenvolvimento do homem e, um aliado insubstituível dessa concepção de escola, é o planejamento educacional que possibilita a ela uma organização metodológica do conteúdo a ser desenvolvido pelos professores em sala de aula, baseado na necessidade e no conhecimento de mundo dos alunos, que por sua vez são os principais interessados e possivelmente os principais beneficiados com o sucesso nesse tipo de organização metodológica que visa o crescimento do homem dentro da sociedade.

OS DESAFIOS DO ENSINO FRENTE AOS PROBLEMAS DOS ALUNOS: contribuições da afetividade.

Mesmo com todo planejamento os professores ainda se encontram frente às dificuldades dos alunos, pontuando então que o afetivo de cada criança tem contato direto com seu aprendizado. E nesta perspectiva nota-se que o vínculo afetivo que o professor estabelece com o aluno em sala de aula, deve ter um caráter libertador e de confiança no cotidiano, para combater o preconceito e os rótulos comuns presentes no ambiente escolar. Assim, o vínculo afetivo estabelecido, favorece a expressão de questões pessoais entre professor e aluno. Além disso, conduz a autonomia e o sucesso na construção da aprendizagem recíproca, na formação da personalidade dos alunos em



adultos seguros e confiantes de si, capazes de pensar de forma crítica o mundo que os cercam.

Muitos são os fatores que afetam a aprendizagem do aluno, principalmente quando a afetividade não faz parte de alguns momentos de sua vida cotidiana e escolar. Portanto, a afetividade é capaz de derrubar a baixa estima e rótulos comuns em sala de aula quando o aluno não aprende.

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno.

O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização.

Os estagiários estiveram frente ao momento de planejar e quando estávamos em contato com o aluno, tivemos necessidade de mudar os planos que foram feitos inicialmente, pois as circunstâncias não abordavam o que já estava planejado, principalmente por causa da condição dos alunos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Em observação a variedade de público, nota-se que os métodos são de efetiva importância, pois dependerá deles a boa realização da aula.

Foi usado data show para que houvesse a socialização do conteúdo em paralelo com os conhecimentos prévios, o uso do data show foi de grande importância devido a facilidade de guardarmos o que vemos e assim fizemos de forma dinâmica para que os alunos ao verem as imagens fizessem uma volta e pontuassem o seu conhecimento anterior, a fim de que a aula fosse efetiva e de bom aproveitamento. O presente trabalho é um análogo entre planejamento de aulas e realidades dos alunos. Buscou-se apresentar às alunas da escola campo, algo que fosse de frente as suas necessidades: vestibular,



conciliação da família com estudos, a entrada da mulher no mercado de trabalho e seu papel. Além de livros foram usados também vídeos, artigos científicos e entrevistas para que houvesse maior conhecimento do assunto que foi trabalhado.

OS RESULTADOS COMO TRABALHO DO ESTAGIÁRIO

Enquanto se para, para observa e pontuar em reflexões os benefícios que o estágio trouxe aos estagiários pode-se perceber que no resultado final das práticas pedagógicas se tem duas visões: uma é que o estágio se faz necessário para que se tenha contato com realidade da escola e dos alunos, realidade essa que se estará exposto sempre desde que esse é o campo de trabalho mais direto de um professor de Língua Portuguesa e Inglesa.

Assim, o estágio supervisionado não pode ser tomado como uma etapa em que o aluno transpõe os conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação inicial formal para a prática. Deve constituir-se como um dos momentos integrantes fundamentais do curso de formação de professores integrados ao âmbito de todos os componentes curriculares e experiências já internalizadas. Ao mesmo tempo, deve ser tomado como um momento de produção reflexiva de conhecimentos, em que a ação é problematizada e refletida no contexto presente e, após sua realização, momento este que envolve a discussão com a orientação do estágio e pares da área (BELLOCHIO e BEINEKE, 2007, p. 75).

Assim o estágio faz parte de nosso aprofundamento sobre o trabalho que será sempre efetuado. Outro ponto que foi especialmente marcante foi a luta de alunos por terem vontade de vencer de superar as barreiras impostas pela falta de dinheiro, pelos preconceitos que ainda cercam as pessoas mais pobres. Com o contato com eles notou-se que ensinar vai além de apenas decorar cartilhas, mas também é orientar para a vida.

Assim com as experiências vivenciadas no estágio percebeu-se que os professores devem estar atentos ao público que vão atender, pois isso irá interferir de maneira pertinente no resultado do trabalho árduo do mestre. Os professores estão atentos e preparados para os desafios docentes? Essas preparações se deram através dos estágios, em contato com bons professores? E assim seguem as dúvidas que somente serão sanadas na concretização da profissão, no trabalho frente às salas de aula.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o Estágio Supervisionado de Língua Inglesa assume grande importância para os licenciados, visto que as matérias pertinentes do curso colocam os acadêmicos frente a inúmeras teorias. Mas o uso positivo ou negativo das mesmas, somente será observado quando os formados professores estiverem frente à sala de aula. O estágio proporcionou esse primeiro contato com as escolas, garantindo então o conhecimento com os alunos, as realidades de cada um, os trabalhos elaborados pela escola, a responsabilidade de estar lidando com crianças, jovens e adultos. Esse primeiro contato marca o início de uma carreira que poderá se mostrar com êxito, visto que se aprendeu com pessoas dadas a educação, que procuram em seu trabalho além de passar conhecimento, auxiliar os alunos na vida social, cultural e com suas particularidades, a vida de cada um deles como única.

No estágio pôde-se pontuar inúmeros fatores como: pobreza, dificuldades de aprendizagem e outros. E esses pontos foram novos para o olhar do estagiário, as abordagens de ensino se diferenciam de inúmeras formas, pois a clientela muda e conforme ocorrem essas mudanças o tipo de assunto abordado será diferente. No planejamento do estágio, as professoras, a fim de abarcar a realidade da sala, muitas vezes elaboram atividades adequadas, isso acontece para que a aula aconteça e seja eficaz, no entretenimento do aluno, no conteúdo frente a suas necessidades.

Assim presume-se que independente de pontos negativos ou positivos o estágio na íntegra colaborou muito para o crescimento do estagiário, que se deparou pela primeira vez com a sala de aula e já constatou a importância do planejamento adequado, levando em consideração os alunos a quem a aula seria dirigida. É importante ressaltar que sem o estágio os acadêmicos não teriam a oportunidade de conhecer a vida docente frente aos obstáculos, que se tornam peças fundamentais para o crescimento do SER.

REFERÊNCIAS



AURAS, Gladys Mary Teive; **KOCH**, Zenir Maria. Estágio supervisionado: o espaço da pesquisa na formação do educador/supervisor. In: **PARANÁ**. Universidade Estadual do Pró Reitoria de Graduação, Coordenação Geral de Estágios. Estágio: aspectos éticos e legais. Curitiba: UFPR, 1997. p. 151-153.

BELLOCHIO, C. R.; **BEINEKE**, V. A Mobilização de Conhecimentos Práticos no Estágio Supervisionado: Um Estudo com Estagiários de Música da UFSM/RS e da UDESC/SC. **MÚSICA HODIE**, vol. 7, n. 2, p. 73-88, 2007.

GALUCH, Maria Terezinha Belanda e **SFORNI**, Marta Sueli de Faria. Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental. In II Segundo Congresso Internacional e VII Semana de Psicologia –Psicologia: Sociedade e Saberes em transformação, 2005, Maringá. ANAIS – II Segundo Congresso Internacional e VII Semana de Psicologia– Psicologia: Sociedade e Sabres em transformação. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2005,v.1,p.1-12.

HENTZ, Paulo. Eixos norteadores da proposta curricular. In:Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: temas multidisciplinares. Florianópolis: COGEN, 1998.

MEC em 1984, Reunião do Conselho de Menor do Governo do Estado de São Paulo

MENEGOLLA e SANT’ANA, Maximiliano e Ilza Martins. Porque Planejar? Como Planejar? Currículo e Área-Aula. 11º Ed. Editora Vozes. Petrópolis. 2001.Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de educação fundamental – Brasília. MEC/SEF, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos S: Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico Ldermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.



A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM

BARBOSA, Rosielaine Pelegrine Valadão¹; LIMA, Maria Josede²

Universidade Estadual De Goiás

Unidade Universitária de Iporá

rosielainepelegrine@gmail.com, ²mariajose.lima@ueg.br

Resumo: O estágio supervisionado no 4º ano tem como foco principal a regência e a participação em eventos nos colégios, que o mesmo foi realizado. A partir deste pode-se ter um melhor entendimento sobre o que vem a ser professor e este possui uma relevância para a formação dos estagiários, uma vez que se constitui oportunidade de vivências específicas na docência. Estas experiências devem transcender a mera obrigação curricular assumindo uma função protagonista na formação inicial. Nesta perspectiva, é importante observarmos todos os acontecimentos e experiências, ocorridas no período da participação dos estagiários nas escolas campo ocorrido no Colégio Estadual Osório Raimundo de Lima e Escola Estadual Vereador Antônio Laurindo. A presente pesquisa surgiu a partir do momento que notou-se a ausência ou pouca participação da família no espaço escolar e na educação dos alunos. Este trabalho tem por objetivo analisar a importância da participação dos pais através das instâncias colegiadas como, conselho de classe, elaboração do projeto pedagógico e também o Conselho escolar atividades estas existentes na instituição escolar. Portanto, propõe-se uma reflexão sobre alguns teóricos como: Libâneo (2010); Novais (2002); Pimenta (2002) Werneck (2000) dentre outros, que versam sobre a importância desse acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos, assim como o envolvimento como construtores de espaços do exercício pleno de cidadania. Nesse sentido, pretende-se demonstrar a importância dos pais na Instituição Escolar, como liderança e como mediador dos processos de gestão democrática, possibilitando um trabalho pedagógico coletivo, favorecendo a participação de todos os membros da comunidade educativa.

Palavras-chave: Escola; Família; Participação.

INTRODUÇÃO

A partir das experiências vivenciadas no estágio nos anos de 2012 e 2013, através das fases de observação, semi-regência e regência foi possível identificar a pouca participação dos pais no cotidiano da escola, apesar dos esforços do grupo gestor. Em princípio foi possível notar que um número significativo de alunos enfrenta muitas dificuldades de aprendizagem e nesse sentido a ausência dos pais no âmbito escolar e o não envolvimento com os estudos dos filhos contribuem para esse quadro agravar-se. O papel da família está em contribuir, na construção de um ser independente, criativo,



livre (capaz de fazer escolhas), justo e feliz, dando prioridade à comunicação estabelecida na família por meio do diálogo com a abertura aos questionamentos e às mudanças que ocorrem de forma rápida na atual conjuntura social.

A função da escola está em ‘educar’ para a democracia no sentido da construção de um ser humano reflexivo, crítico e criativo, comprometido socialmente e transformador da realidade, garantindo a aprendizagem de certas habilidades e conhecimentos necessários para a vida em sociedade. Nesse sentido a escola tem o papel fundamental em contribuir no processo de inserção social das novas gerações. Com isso, podemos perceber que a função da família e da escola se complementa na construção de um ser humano mais consciente e envolvido na sociedade.

DESENVOLVIMENTO

As interações entre as instituições (escola e família) no meio social tem se modificado muito nas últimas décadas, por isto tem tornado difícil pais e professores encontrar uma estratégia que envolva estas duas esferas para trabalhar juntas para o bom desenvolvimento do aluno no ambiente escolar. Nesta fase do estágio pode-se ter uma melhor integração com os alunos, pois adentramos na sala de aula nas observações das aulas e monitoria junto ao professor, e depois na regência, momento este que os alunos muitas vezes transmitem um pouco de sua trajetória ou a mesma é notada pelo estagiário através das atitudes destes alunos. Este convívio favoreceu por parte dos estagiários sem analisar os resultados dado a presença ou a falta da participação dos pais no meio escolar ou mesmo na vida destes alunos. Dada a importância de cada instituição na contribuição para formação do indivíduo, seja familiar ou escolar, faremos uma análise crítica do desinteresse de alguns pais em acompanhar os filhos e o impacto positivo quando ocorre o contrário e como isso se reflete no âmbito escolar. “Nesse sentido, entende-se que a educação é um processo de humanização que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante” (PIMENTA, 2002, p. 23).



A educação está agregada a partir de muitos aspectos, ela faz parte de um processo de sociabilização do ser humano para viver em sociedade. Nesse sentido a família também é parte importante no processo civilizatório do indivíduo tanto no meio escolar quanto social. De acordo com o desenvolvimento do aluno no ambiente escolar é transmitido para os demais seguimentos este processo de formação pessoal. Os pais sempre esperam muito da escola, e da competência dos professores para a aprendizagem de seus filhos, mas na maioria das vezes não estão envolvidos nesta problemática. A escola, a família e a sociedade estão em constante mudança e a relação da família com a escola não é a mesma de alguns anos atrás. O envolvimento da família com os demais segmentos sociais é de grande importância para a formação do indivíduo como um todo.

Atualmente a relação entre a família e a escola sofre uma transição. Antes a família confiava plenamente na escola estabelecendo uma relação de cumplicidade. Hoje a família de um lado a critica e de outro contraditoriamente, procura transferir suas responsabilidades para a mesma. “Mas o problema de sempre vai surgir imediatamente alguns dirão que o professor não corrigiu, alguns pais pensarão que manter os filhos na escola é perda de tempo e por aí vai a mesma ladainha de várias décadas” (WERNCEK, 2002 p. 68). Mesmo apesar das críticas mútuas, ambas ocupam um lugar de importância que não deve ser negligenciada. A responsabilidade de educar não deve ser atribuída somente ao professor, portanto estas devem ser compartilhadas entre pais, alunos, professores e todo grupo gestor. O aluno em que os pais estão sempre atentos e envolvidos no meio escolar acompanhando e participando ativamente dos estudos de seus filhos, seu desempenho tende a ser melhor em todos os aspectos, diferente daqueles em que os pais não fazem presença no ambiente escolar.

A criança cuja família participa de forma mais direta no cotidiano escolar, apresenta um desempenho superior em relação a que os pais estão ausentes do seu processo educacional. Ao conversarem com o filho sobre o que acontece na escola, cobrarem dele e ajudarem a fazer o dever de casa, falarem para não faltar à escola, tirar boas notas e ter hábitos de leitura, os pais estarão contribuindo para a obtenção de notas mais altas. Além disso, reduz a evasão escolar e a depredação da escola”. Esta constatação foi feita pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC) com base nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb 2005)



Através desta pesquisa fica explícito a importância da participação dos pais no ensino e aprendizagem do aluno. Sendo que o primeiro contato com as informações básicas do ensino está vinculado à família e esta rede se estende para o meio educacional. Portanto o indivíduo (aluno) não é um ser isolado, existem as primeiras necessidades na qual muitas vezes esta integração social, cultural tem que partir do meio familiar. Portanto a escola tem a função de ensinar as questões interligadas aos teóricos, porém a família tem que ser responsável pela formação de um ser como um todo. A responsabilidade não deve estar sempre nas mãos da instituição escolar. De acordo com Dessen e Polonia (2007) a família é a responsável pela transmissão de valores, culturas e crenças para o indivíduo, incluindo bem estar de cada membro. As duas instituições família e escola são as maiores responsáveis em educar o aluno para o futuro, fazendo com que este torne-se crítico e autêntico.

Com as mudanças sociais, culturais e políticas as escolas vêm sofrendo uma crise no sistema educacional, no qual escola e professores têm sido responsabilizados pela falta de interesse dos alunos com o ensino e aprendizagem. A sociedade numa composição heterogênea englobando várias esferas que cobram medidas produtivas dos educadores na manutenção de alunos interessados e motivados para a aprendizagem. Porém uma gama de fatores interfere para que esta relação entre família e escola seja dificultada. De acordo com as mudanças que ocorrem na sociedade mudam outras esferas também, sofre alterações que muitas vezes não consegue ser acompanhada pela família. Para que a aprendizagem seja interessante e motivadora não basta à escola ser de qualidade é preciso que exista o interesse do aluno e da família. Este tem que ter sido preparado para este acontecimento, como ser influenciado a esta realidade ter hábitos de leituras, é nesta percepção que a família tem que se envolver cada vez mais. Conforme Libâneo (2000, p. 44) o processo de ensino e aprendizagem está ligado através de sentimentos e emoções que envolvem tanto as relações familiares e escolares como o ambiente que eles estão inseridos.

As transformações socioculturais ocorreram principalmente no âmbito familiar, na qual era constituída de pai, mãe e irmãos. Hoje em dia estas mudanças partem inclusive dos novos arranjos familiares, que podem constituir-se de mães e filhos, pai e



filhos ou, filhos criados com avós, tios e outros. Outro fator que muito prejudica o rendimento escolar e é apontado como sendo a necessidade que muitos filhos têm de ajudar nas despesas domésticas, deixando a escola em segundo plano. A sociedade brasileira ainda padece de extrema desigualdade social e por isso muitos têm que deixar os estudos para trabalhar ou fazer uma jornada dupla entre trabalho e escola, muitas vezes a última é penalizada ou não ser bem sucedida. Como afirma Fontana (1995, p.36)

No caso a família nuclear, essas mudanças são principalmente estruturais. A unidade familiar tradicional de pai, mãe e três filhos não são mais a norma universal. As dissoluções familiares e o número cada vez maior de crianças concebidas fora do casamento levaram a um grande aumento do número de pais e mães solteiros e de famílias de um segundo casamento. E, mesmo nas famílias de pai e mãe, a norma apenas a uma minoria dos casos.

As cobranças que o sistema educacional brasileiro têm sido cada vez mais intensas para com os professores e as instituições escolares e quando surgem conflitos para que esta instituição resolva torna-se difícil mediar estes problemas, pois a escola não adquire uma autonomia sem vinculação com o sistema governamental. Os pais cada dia têm menos tempo em participar do processo ensino/aprendizagem dos filhos. Observa-se que muitos têm um baixo nível de escolaridade ou são analfabetos e isso acarreta as dificuldades de ajudar seus filhos com os estudos, ou reconhecer a importância do mesmo para a vida e a formação do ‘Ser’ como cidadão. O processo de educar está ligado a uma série de circunstâncias, não sendo possível atribuir apenas à escola como responsável por tarefa tão complexa e fundamental, daí ser essencial o envolvimento da família nesse processo.

Durante o período de estágio foi possível perceber na sala de aula o quanto é significativo e necessário que os alunos consigam compreender toda a matéria trabalhada. A pressão das políticas educacionais ao que tange uma realidade do Estado de Goiás tem sido intensa sobre as instituições escolares e familiares. As cobranças exigindo produtividade é um dos gargalos desta educação, onde a preocupação é por quantidade sem preocupar de fato com a qualidade e um projeto coletivo e solidário como tem situado as discussões e leis como LDB, PCNs e outros.



Para Macedo (2010, p.117) aparentemente distante se observa do ponto de vista político, social e econômico, elas nos parecem muito mais próxima quando levamos em conta os comportamentos e atitudes mentais coletivas. Nesta perspectiva nota-se que a interação da família nos encontros coletivos, conselhos de classe, encontro de pais, podem transformar a escola num espaço mais democrático pelas quais todos participam e resolvem os problemas institucionais coletivamente. Procedimentos assim podem alavancar o interesse e a melhoria da aprendizagem dos alunos, pois eles passam a sentir-se como co-participes do meio interagindo mais neste âmbito. Para Werneck (2002, p.95)

É verdade que a democracia é a experiência de vida em meio ao pluralismo. Viver o plural não é a mesma coisa que estabelecer a guerra dos oponentes. Podemos viver o plural e ser persistentes na busca das mesmas metas. Quando nos colocamos em posições antagônicas criamos uma situação muito complicada para a escola, e os alunos e famílias, nesse meio, transformam-se em marisco.

O autor questiona a importância da participação dos pais nas decisões escolares, pois quando isto não ocorre os alunos e as famílias ficam em segundo plano não sabem o que está acontecendo, não tem como correr atrás de seus direitos, pois não cumpriram com os deveres. Portanto é através de um diálogo permanente, claro e sincero que poderá facilitar e buscar transformar o ensino e aprendizagem de seus filhos (aluno). Para que ocorra um envolvimento mais consciente entre o grupo de gestores, docentes, alunos e famílias em um processo de ensino e aprendizagem harmonioso e contundente. Segundo Daneluz (2008, p.2)

Com isso, compreender que concepções têm os pais ou responsáveis acerca de sua participação na vida escolar dos filhos passa a ser uma questão urgente. Soma-se a isso que uma possível ausência destes nas discussões sobre o referido problema escolar resulta em indiferença, desconhecimento dos fatores básicos desta problemática e, na medida em que não há um trabalho conjunto e efetivo com as famílias, a fim de buscar parcerias para melhor resolver seus problemas, a situação tende a se agravar. Nos ambientes família/escola, o jovem assume papéis diferenciados. Na família ele participa e segue padrões de conduta estabelecidos por seus familiares. Na escola, é um pouco mais complexo, mais amplo, mas também tende a seguir os padrões e as normas da entidade, por isso, ambas precisam compartilhar a ação educativa e criar critérios para serem seguidos.



Através da fala da autora pode se notar que nenhuma destas duas instituições pode trabalhar isoladamente, elas necessitam de uma interação para resolver os problemas institucionais. Os pais buscam os mesmos objetivos da escola que é um bom desempenho e aprendizagem adequada aos seus filhos (alunos). Quando estas duas esferas distanciam o aproveitamento do aluno não alcança o resultado esperado. Para que haja um bom desempenho e envolvimento da família no meio escolar é necessário que o grupo gestor propicie atividades no ambiente escolar para interação da família.

As mudanças no meio social e educacional tornam-se mais difíceis numa adaptação e envolvimento dos alunos com a realidade escolar. Os professores estão sobrecarregados, muitas vezes não tem condição de fazer uma formação continuada em detrimento de cargas horárias de trabalho intenso ocasionado pela falta de uma política salarial decente. Isso torna-o um repassador de conteúdos e as transformações que o mundo contemporâneo vem sofrendo como o uso das novas tecnologias às vezes não é acompanhado pelos professores. Segundo Libâneo (2000, p.30) o que está em jogo é uma formação que ajude o aluno a transformar num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento por meio de meios cognitivos de construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores. [...] mediante a condução pedagógica do professor que disporá de práticas de ensino intencionais e sistemáticas de promover o “ensinar a aprender a pensar”.

Concordando com Libâneo o professor não deve ser apenas um mero reproduzidor, mas conhecer a realidade de seus alunos, pois através desta interação com eles será possível conhecer também a estrutura familiar na qual eles estão integrados, podendo assim compreender o porquê das dificuldades destes. Portanto a escola também deve estar atenta juntamente com o grupo gestor a família e os outros órgãos responsáveis pela criança e o adolescente por tratar-se de uma etapa que exige maior atenção e acompanhamento dos responsáveis.

Segundo Novais (1975, p.181) tanto a família, como a escola, devem agir no sentido de favorecer o desenvolvimento da personalidade do adolescente, ajudando-o a conseguir um bom índice de ajustamento. O autor parte de um pensamento que as



relações de interação destes meios podem assim ajudar estes adolescentes para tornarem sujeitos de transformação na sociedade. Novais (1975, p. 183)

Devemos considerar que o adolescente procura o seu lugar na sociedade ao mesmo tempo em que procura descobrir se a si mesmo, assim os conflitos que apresenta nesta esfera são sintomas de viabilidade psíquica e crescimento da sua personalidade, e dos limites da sua problemática.

O limite que deveria ser transmitido para as crianças em casa muitas vezes torna-se atribuição do corpo docente que estão a cada dia mais sobrecarregados. Hoje no mundo capitalista em que vivemos os pais não possuem tempo adequado para seus filhos e acreditam que sua educação torna-se especificamente obrigação da escola, onde cada dia mais professores são agredidos por alunos descontrolados, sem limites. A categoria dos professores sofre pelo descaso dos governantes, como também da sociedade que os responsabilizam da crise existente hoje na rede de ensino. Os aspectos sociais têm influenciado as relações numa ponderação de Libâneo (2000, p. 25)

A preparação para a participação social é uma exigência educativa para viabilizar o controle público não-estatal sobre o estado, mediante o fortalecimento da esfera pública não-estatal e que implica no desenvolvimento de competência social como relações grupais e intergrupais, processos democráticos e eficazes de tomada de decisões, capacidades sócio comunicativa de iniciativa, de liderança, de solução de problemas etc.

O sujeito (aluno) precisa se integrar na sociedade aprender a se socializar, e neste aspecto não compete somente à instituição escolar, mas também a família que é o primeiro responsável em envolver e ajudar estes tornarem seres pensantes e responsáveis, pois as dificuldades que eles vão enfrentar tanto no meio escolar quando na sociedade será um reflexo do que ele assimilou de seus pais. Fontana (1995, p. 37) também afirma a importância da integração familiar dentro dos demais segmentos sociais de uma grande relevância para o aprimoramento do aluno, sendo que se torna mais necessário sua presença na instituição escolar. Porém mesmo que a família seja o único segmento que recobrirá o aluno pela sua trajetória ela é o primeiro vínculo para dar o direcionamento para que ele possa sobressair nos demais segmentos sociais. Uma



criança que desde cedo é estimulada a ter confiança em si, ser responsável e conseguir também ir desenvolvendo sua autonomia em meio a seus pares.

A família é a primeira agência educativa que o indivíduo vive. As relações afetivas iniciam neste espaço que pressupõe, seja cercado de manifestações de carinho e cuidados e logo depois virá a vivência no espaço escolar que também tem a função educativa e instrutiva. É fundamental neste processo que a educação escolar venha contribuir e aliar-se a continuidade da educação que já tenha tido sua iniciação no seio da família, de modo que esta parceria Escola e Família resultem na garantia de uma prática educativa que de fato promova ensino e produza bons resultados na formação de cidadãos. Como destaca na LDB (1996)

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º. Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Estando de acordo com a LDB podemos ressaltar que a formação do cidadão (aluno) não é responsabilidade apenas da instituição escolar, mas uma conjunção entre sociedade, escola e família. A Educação é uma construção coletiva, sendo assim não avança sozinha. É necessário o envolvimento de vários segmentos da sociedade, de forma a promover um melhor gerenciamento e direcionamento das fases do ensino e assim alcançar êxito no processo educativo. Dentre os vários segmentos existentes no meio social, a família é a mais importante agência educativa, mas juntas ‘Família e Escola’, poderão desenvolver um papel de extrema importância. Para Novais (1975, p, 180)

A interação social do adolescente só será significativa se o processo da socialização for feito através de uma identificação passiva com as autoridades dos grupos : pais, professores ou chefes baseada em clima afeto, de confiança e de admiração, caso contrário, estará o adolescente em conflito com a autoridade e a disciplina. [...] assim, a atmosfera psicológica de grupo



familiar e o clima de emoções e sentimentos provenientes das relações entre os seus diversos membros exercem influencia considerável sobre o desenvolvimento e estruturação da personalidade do adolescente.

O indivíduo na fase da infância e adolescência ainda não constitui como ser autônomo e capaz de tomar suas próprias decisões, e é através da família que se pode construir um pilar onde este aprenderá a ser responsável por decidir sobre suas escolhas seja ela em sua formação educacional, efetiva ou carreira profissional. Portanto no meio escolar requer o mesmo posicionamento da família que é o de orientar o aluno como se portar neste meio, pois ele estará em um ambiente rodeado de seus pares, no qual deverá aprender a respeitar toda a diversidade existente no período contemporâneo.

É importante ressaltar que muitos pais realmente não têm condição para estar presente, em todos os acontecimentos escolares de seus filhos, porém esta interação poderá acontecer em casa nos momentos livres. O momento que estamos vivenciando é de extrema correria e mudanças como relata Theodoro, ‘tudo muda a todo o momento no mundo contemporâneo. Portanto, devemos sempre estar atentos com as mudanças’. (THEODORO, 2010 P. 49) Estas mudanças também influenciam nas questões familiares, pois muitos pais são empenhados no processo de ensino e aprendizagem, de seus filhos, porém as dificuldades financeiras e trabalhistas não permite um melhor acompanhamento. Em suma é preciso desmistificar, a escola carrega a função de instruir, mas educar é uma tarefa a ser feita principalmente pela família o que não impede que seja feita pelas duas instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das experiências vivenciadas no estágio ficou evidente a necessidade da interação entre família/escola. O envolvimento dos pais no âmbito escolar não deve ocorrer somente nas reuniões programáticas, mas também através de uma melhor e maior convivência com os filhos. E, portanto procurando saber dos professores ou do grupo gestor o andamento e desenvolvimento de seus filhos com o ensino e aprendizagem e também nas decisões escolares. Essa participação em vários aspectos na vida não só dos alunos, mas em outras decisões consequentemente elevarão o ensino e a



instituição, que terá mais tempo em se envolver em outras atividades, pois os pais estarão assumindo e cumprindo o seu papel e deixando a escola mais segura e confiante em suas atribuições. Os alunos cujos pais se empenham estar presente em suas vidas e na trajetória escolar terão maior chance ao enfrentar os desafios proposto pela vida. A orientação correta poderá facilitar a autenticidade e o desenvolvimento nos aspectos psicoafetivos favorecendo uma melhor aprendizagem, como também na formação pessoal do indivíduo. Portanto a presença dos pais no ambiente escolar iria diminuir em muito os problemas escolares, aumentando assim o rendimento e minimizando problemas como evasão e repetência escolar. Para que isso ocorra à escola deverá também se modificar e preparar para receber estes pais e integrá-los no ambiente escolar, vendo-os como parceiros com os mesmos objetivos e não como grupos antagônicos.

Um bom desempenho entre a família e a escola depende de persistência e elaboração de bons projetos para desmistificar inclusive, o distanciamento estabelecido ao longo do tempo entre essas duas instituições. “ A cultura escolar inclui também a dimensão afetiva. A aprendizagem de conceitos, habilidades e valores envolvem sentimentos, emoções, ligadas às relações familiares escolares e aos outros ambientes em que os alunos vivem”. (LIBÂNEO 2000 P, 44). Por isso é necessário que a escola crie vínculos com a família para isso é necessário pensar e planejar ações que contemple o aspecto lúdico, afetivo e festivo que também são importantes sua formação pessoal e educacional.

REFERÊNCIAS

DANELUZ, Mariluci. **Escola e Família – duas realidades, um mesmo objetivo**.^{1º} Simpósio Nacional de Educação XX Semana de Pedagogia. Unioeste - Cascavel /PR 2008. Disponível em <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2011.pdf>. Acesso em 15 out 2013.



DESSEN, Maria Auxiliadora. POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. UNBde Brasília 2007.

FONTANA, David. Psicologia para professores. Desenvolvimento social e inicial Parte I. Ed. Loyola, São Paulo, Brasil, 1998.

INEP/MEC. **Participação dos pais ajuda no desempenho escolar da criança**. www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb Acesso em 11 Nov 2012.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Adeus professor, adeus professora**: Novas exigências educacionais e profissão docente - ed São Paulo: Cortez, 2000.

MACEDO, Jose Rivair. **História na Sala de Aula**: Conceitos, práticas e proposta. (org) Leandro Karnal – 6 ed.- São Paulo : Contexto, 2010.

NOVAIS, Maria Helena. **Psicologia Escolar**. 3°. Rio de Janeiro, vozes 1975.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. São Paulo: Cortez, 2002.

THEODORO, Janice. **Educação para um mundo em transformação**. Contexto, São Paulo, 2010.

WERNECK, Hamilton. **Se a boa escola é a que reprova o bom hospital é o que mata**. 8edição – Rio de Janeiro, DP&A Ltda 2002.